BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

PRIMEIRO ANNO

TOMO V

R-96

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
José Bastos—Livreiro-Editor
Rua Garrett, 73 *e* 75
1894

RIO DE JANEIRO
H. LOMBAERTS & C.ª
Livreiros-Editores
Rua dos Ourives, 7
1894

LOURDES(*)

TERCEIRO DIA

II

(Continuação)

E nem esperou resposta, arrastou-os para o outro lado da praça do Rosario, não tendo no intimo outro desejo que não fosse offerecer uma distracção a Raymunda. A dizer a verdade, o espectaculo do armazem dos cirios era ainda menos recreativo do que o dos armazens de encaixotar garrafas. Era sob uma das arcadas da direita, uma especie de adega, de celleiro profundo, dividido em vastos compartimentos por tabiques de madeira. No fundo dos compartimentos accumulava-se a mais extraordinaria provisão de cirios, escolhidos e classificados por ordem de grandeza. O excesso de cirios, offerecidos á Gruta, jazia ali; e eram cada dia em tamanho numero, que as carroças especiaes, onde os peregrinos os depunham, junto da grade, tinham de vir muitas vezes despejar-se ao deposito, para voltarem outra vez a encher-se. O principio era que todo o cirio offerecido devia ser queimado aos pés da Virgem. Mas eram muitos de mais, nem menos de duzentos de todos os tamanhos flammejavam noite e dia, sem que jámais se conseguisse dar vasão á procissão extraordinaria que, como uma onda, ia subindo incessantemente. E corria o

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

boato de que os padres se viam forçados a revender alguma cera, amigos da Gruta confessavam, não sem uma pontinha de orgulho, que o rendimento que d'ahi provinha era o bastante para o andamento de todo o negocio.

Só a quantidade deixou estupefactas Raymunda e M.me Désagneaux. O que ali ia de cirios! Os pequenos principalmente, os que custavam de dez *sous* até um franco, empilhavam-se em numeros incalculaveis. E M. de Guersaint, exigindo algarismos, lançou-se em calculos estatisticos e perdeu-se no meio d'elles. Pedro, mudo, mirava os montões de cera destinada a arder em pleno dia para a gloria de Deus; e apesar de não ser utilitario, e comprehender o luxo das alegrias, das satisfações illusorias, de que o homem carece tanto como do pão de cada dia, não podia eximir-se de pensar nas esmolas que se podiam fazer, com o dinheiro de toda aquella cera, que se desfazia em fumo!

— Bom! E a garrafa que eu tenho de comprar? perguntou M.me Désagneaux.

— Vamos ao escriptorio, respondeu Gerardo. É questão de cinco minutos.

Tiveram que atravessar outra vez a praça do Rosario e subir pela escada que conduzia á Basilica. O escriptorio era em cima, á esquerda, mesmo á entrada do caminho do Calvario. A construcção era tudo quanto havia de mesquinho, um casebre de taboas e estuque, arruinado pelo vento e pela chuva, com um letreiro em madeira, dizendo: «Trata-se aqui de missas, donativos, confrarias. Promessas e officios divinos por intenções particulares. Remessas de agua de Lourdes. Assigna-se para os Annaes de Nossa Senhora de Lourdes.» Quantos e quantos milhões tinham já passado pelo miseravel escriptoriosinho, que devia datar da idade innocente, do tempo em que se lançavam os alicerces da Basilica visinha!

Cheios de curiosidade, entraram todos. Mas viram apenas um postigo. M.me Désagneaux teve de dar o endereço da sua amiga; e quando esportulou o seu franco e oitenta,

estenderam-lhe um recibo, igual á tirinha de papel que o encarregado das bagagens entrega n'uma estação de caminho de ferro.

Depois de sahirem, Gerardo mostrou um vasto edificio, a duzentos ou trezentos metros:

— Olhem, ali está a habitação dos padres.

— Mas nunca ninguem os vê, observou Pedro.

Gerardo, surprehendido, ficou um instante sem responder.

— Está claro que ninguem os vê, porque abandonam, durante a peregrinação nacional, a Gruta e tudo o mais, aos padres da Assumpção.

Pedro olhava para a habitação, feita de cantaria, e que parecia uma fortaleza. As janellas estavam cerradas, dir-se-hia uma casa deserta. Tudo sahia d'ali, todavia, e tudo ali vinha ter. E, sem querer, Pedro comparava mentalmente o povo que enchia o valle, o ouro e o sangue das multidões que acudiam pressurosas, ás moedas que na mesa de roleta arrasta a pá dos «banqueiros», que n'este caso eram os padres, agora silenciosos e invisiveis.

Gerardo continuou em voz baixa:

— Olhe! já vê que os padres apparecem. Aqui vem justamente o reverendo padre director Capdebarthe.

Um religioso passava effectivamente, camponez mal desbastado, de corpo nodoso, cabeça grande, talhada a golpes de enchada. Nada se lhe lia nos olhos opacos, e o rosto sem expressão conservara uma côr barrenta, reflexo melancholico da terra. Monsenhor Laurence, outr'ora, fizera uma escolha realmente politica, confiando a organisação e a exploração da Gruta áquelles missionarios de Garaison, tenazes e ávidos, quasi todos filhos de montanhezes, amando apaixonadamente o solo.

Então, vagarosamente, os cinco tornaram a descer pelo planalto de la Merlasse, pelo largo boulevard que contorna a rampa da esquerda, e que vae ter á Avenida da Gruta. Era já uma hora passada, mas o almoço continuava em

toda a cidade trasbordante de povo, porque os cincoenta mil peregrinos e curiosos não tinham podido desfilar por deante das mesas. Pedro, que deixara no Hotel a mesa redonda cheia de gente, que acabava de vêr á mesa da «popote» o apertão dos hospitaleiros, encontrava mesas postas a perder de vista. Era uma comesaina sem fim. Mas aqui, ao ar livre, dos dois lados da vasta calçada, era a arraia miuda que invadia as mesas postas nos passeios, simples taboas, ladeadas por dois bancos de paus e cobertas com um pedaço de oleado. Vendiam caldo, café a dois *sous* a chavena. Os pães, em altos cabazes, custavam tambem dois *sous*. Pendurados das estacas que seguravam as barracas, balouçavam-se feixes de chouriços, de presuntos, de linguiças. Alguns dos taverneiros ao ar livre fritavam batatas, outros guizavam carne e cebolla. Um fumo acre, cheiros violentos, subiam no ar ardente e claro, misturados com a poeira levantada pelos pés dos transeuntes. E, com paciencia, gente esperava a um de fundo, deante de cada uma das cantinas, os convivas succediam uns aos outros nos bancos, ao longo da taboa, forrada de oleado, onde á largura cabiam apenas as duas tijellas de caldo. Era uma pressa geral, toda a gente devorava, com a fome, aguçada pela fadiga, com o apetite feroz e insaciavel que dão as grandes commoções moraes. A «besta» desforrava-se, empanturrava se, após o extenuamento das infinitas preces, em que o corpo ficava esquecido no céo das lendas. E era, na realidade, com aquelle céo deslumbrante dos bellos domingos um verdadeiro campo de feira, a voracidade de um povo comendo á tripa fôrra, o gosto de viver, apesar da abominação das doenças e da raridade dos milagres.

—Comem, divertem-se! então que querem? disse Gerardo, que adivinhou as reflexões da amavel companhia.

—Ah! murmurou Pedro, é perfeitamente legitimo. Coitados!

Por sua parte o moço ecclesiastico commovia-se viva-

mente com aquella desforra da natureza, Mas quando chegaram á parte inferior do boulevard, indignou-se com a impertinencia das vendedeiras de cirios e de ramalhetes, cujos ranchos errantes assaltavam os transeuntes, com brutalidade conquistadora. Eram na maior parte mulheres novas, em cabello, ou com um lenço na cabeça, que mostravam extraordinario descaramento; e as velhas não se mostravam mais discretas. Todas, com um molho de cirios debaixo do braço, agitando no ar o que offereciam, mettiam quasi a mercadoria na mão dos passeiantes. «Compre-me um cirio, meu senhor, minha senhora, que lhe ha de trazer felicidades!»

Um sujeito rodeado, sacudido com empurrões, por tres das mais novas por pouco não deixou na refrega as abas da sobrecasaca. Depois, era a mesma historia com os ramalhetes, grandes ramalhetes redondos que pareciam repolhos amarrados toscamente com um atilho. «Compre-me um ramalhetinho, minha rica senhora, um ramalhetinho para a Virgem Santa!» Se a senhora se escapava, ouvia atraz de si injurias surdas. O negocio, o impudente negocio, pescava assim os peregrinos até ás proximidades da Gruta. Não só se installava triumphante em todas as lojas, apertadas umas contra as outras, e que transformavam cada uma em um bazar; mas percorria a via publica, atravessava-se no caminho, passeava em carrinhos de mãos rosarios, medalhas, estatuetas, imagens religiosas. Por todos os lados pessoas compravam com a mesma avidez com que haviam comido, só para levarem comsigo uma recordação da kermesse sagrada. E a nota viva, a alegria no meio da confusão commercial, na balburdia dos vendedores ambulantes, eram ainda assim os garotos, que giravam velozes por entre a multidão, apregoando o *Jornal da Gruta*. A voz aguda dos pequenos mettia-se pelos ouvidos dentro. «Olha o *Jornal da Gruta!*» quem quer o numero d'esta manhã! a dois *sous!* quem compra o *Jornal da Gruta!*

No meio dos empuxões continuados, nos redemoinhos da

onda, que incessantemente se movia, o grupo encontrou-se separado. Raymunda e Gerardo ficaram para traz. Ambos se tinham posto a conversar brandamente, com ar de risonha intimidade, perdidos e sós no meio de tanta gente. Foi preciso que M.me Désagneaux parasse, e chamasse por elles.

—Então, venham d'ahi, olhem que nos perdemos!

Como se approximassem, Pedro ouviu Raymunda que dizia:

—A mamã tem tanto que fazer! Falle-lhe antes da nossa partida.

E Gerardo respondeu:

—Está entendido, não imagina quanto sou feliz.

Era o casamento conquistado e decidido, durante o delicioso passeio, por entre as maravilhas de Lourdes. Raymunda acabara de vencer, e Gerardo tomava finalmente uma resolução sentindo-a pelo seu braço, tão alegre e ajuisada.

Mas M.me de Guersaint olhando para o ar, exclamou:

—Ali n'esta saccada não é aquella gente muito rica, que viajou comnosco, sabem, a senhora doente acompanhada pelo marido e pela irmã?

Referia-se aos Dieulafay; e eram ellos effectivamente, na saccada do aposento, que tinham alugado, n'uma casa nova, cujas janellas davam para os taboleiros de relva do Rozario.

Occupavam o primeiro andar, mobilado com todo o luxo que Lourdes podera fornecer, tapetes, cortinas; sem contar a criadagem antecipadamente enviada de Paris. E como estava bom tempo, tinham trazido a doente para o ar livre, estendida n'uma grande poltrona de rodas. Trajava um penteador de rendas. O marido, sempre de sobrecasaca correcta, estava de pé, á direita; ao passo que a irmã, vestida divinamente, de seda côr de malva, se assentava á esquerda, sorrindo e curvando-se de vez em quando para a doente, que não respondia palavra.

—Sabem, contou a graciosa M.me Désagneaux, ouvi muitas vezes fallar de M.me Jousseur, aquella senhora de claro. E casada com um diplomata, que não se importa com ella, apezar de ser tão formosa; e no anno passado fallou-se muito da sua paixão por um moço coronel muito conhecido na sociedade parisiense; mas os salões catholicos affirmam que M.me Jousseur triumphou, graças á religião.

Todos continuavam a olhar para cima.

—Quando a gente se lembra, continuou elle, que a doente que ali está era o seu retrato vivo. Até tinha no rosto um ar de alegria e bondade infinitamente mais meigo... E agora, olhem para ella! é uma morta que para ali puzeram ao sol, um pedaço de carne roida, sem ossos, e que ninguem se atreve a mover! Pobre creatura!

Raymunda, então, asseverou que M.me Dieulafay, casada apenas havia dois annos, trouxera todas as joias do noivado como donativo a Nossa Senhora de Lourdes; e Gerardo confirmou a informação, tinham-lhe dito, de manhã, que as joias acabavam de dar entrada no thesouro da Basilica; sem fallar de uma lanterna de ouro, engastada de pedras preciosas, e de uma grande somma destinada aos pobres. Mas a Virgem Santissima não se deixara tocar ainda, porque o estado da doente parecia ir de mal a peior.

E, desde esse momento, Pedro não viu outra cousa senão a pobre senhora, na saccada luxuosa, creatura miseranda no meio da sua grande fortuna, dominando a multidão ás soltas, a Lourdes que comia á tripa fôrra e ria ás gargalhadas sob o lindo céu domingueiro. Os dois entes queridos que tão ternamente a velavam, a irmã que deixara as glorias mundanas, o marido que esquecera a sua casa bancaria, cujos milhões rolavam até aos quatro cantos da terra, augmentavam pela sua correcção irreprehensivel, a tristeza do grupo que formavam lá em cima, pairando por sobre todas as cabeças, defronte do valle admiravel. Eram elles sósinhos, e eram infinitamente ricos, infinitamente miseraveis.

Mas os cinco passeiantes, paravam esquecidos no meio da calçada, de cabeça erguida, estavam em risco de ser esmagados a cada minuto. Incessantemente carruagens chegavam, pelas vastas ruas, principalmente landaus a quatro cavallos, guiados a trote largo, n'uma guisalhada alegre. Eram forasteiros, banhistas de Pau, de Bareges, de Cauterets, attrahidos pela curiosidade, deliciados com o lindo tempo, encantados com a corrida rapida atravez das montanhas; e ficavam só poucas horas, corriam á Gruta e á Basilica, em trajos de praia, depois tornavam a partir, muito folgasões, contentes de terem visto aquillo. Familias vestidas de claro, ranchos de senhoras, de sombrinhas vistosas, corriam por entre a multidão escura dos peregrinos, dando ao sitio apparencias de arraial, onde gente fina se digna espairecer.

De repente, M.me Désagneaux soltou um grito.

—Como, tu por aqui, Bertha?

E abraçou uma rapariga alta, morena e formosa, que descia de um landau com tres outras senhoras, muito risonhas, cheias de admiração juvenil. Entrecortavam-se as vozes, havia gritinhos, todas as manifestações de prazer pelo inesperado encontro.

—Estamos em Cauterets, minha filha. E viemos todas quatro de companhia, como toda a gente. Seu marido está cá?

M.me Désagneaux protestou.

—Meu marido? Estás a sonhar! Meu marido está em Trouville, e quinta feira, se Deus quizer, vou ter com elle.

—Ai! sim, é verdade! volveu a alta, morena, que tinha tambem ares de ser estouvanada. Já me esquecia, tu fazes parte da peregrinação... E, olha, dize-me cá...

Baixou a voz, por causa de Raymunda que, toda risonha, estava ao pé.

—Olha cá! e esse bébé que não acaba de chegar, pediste-o a Nossa Senhora?

Um pouco córada, M.me Désagneaux calou-se, dizendo-lhe ao ouvido:

— Está claro que o peço ha dois annos a esta parte, e bem zangada porque nada surge... Mas d'esta vez, julgo que estou servida. Ai! não te rias, senti positivamente fosse o que fosse esta manhã quando estava a rezar na Gruta.

Todavia, o riso apoderou-se d'ella tambem, todos soltavam exclamações, davam gargalhadas. E immediatamente, M.me Désagneaux se offereceu para servir de guia ás amigas, promettendo mostrar-lhes tudo em duas horas.

— Venha comnosco, Raymunda. Sua mãe não fica em cuidado.

Trocaram-se cumprimentos com Pedro e M. de Guersaint. Gerardo, por sua banda, despediu-se tambem, apertou a mão de Raymunda, com terna paixão, fitando os olhos nos d'ella, como para a prender de forma definitiva. Depois as damas afastaram-se, dirigindo-se para a Gruta; e ali iam seis creaturas, contentes com a vida, passeiando o encanto delicioso da mocidade.

Quando Gerardo, a seu turno, partiu, de regresso ao seu serviço, M. de Guersaint disse para Pedro:

— E o nosso barbeiro da praça de Marcadal? E' certo que preciso lá ir... Acompanha-me, não é assim?

— Acompanho-o aonde quizer, visto que Maria não precisa agora de nós.

Alcançaram a ponte nova, caminhando ao longo dos passeios traçados por entre os vastos taboleiros de relva, que se estendem deante do Rozario. E ahi, tiveram ainda um encontro, o abbade Des Hermoises, que se constituira guia de duas senhoras novas, chegadas de Tarbes n'essa manhã. Caminhava entre as duas, com os seus ares galanteadores de padre mundano, e mostrava-lhes e explicava-lhes Lourdes, evitando as cousas desagradaveis, os pobres, os doentes, todo o fartum da baixa miseria humana, que quasi desapparecera, no lindo dia cheio de sol.

Ás primeiras palavras de M. de Guersaint, que lhe fallava do aluguel da carruagem para a excursão de Gavarnie, o abbade sentiu, provavelmente, receio de ter de deixar as formosas companheiras de passeio.

—Como quizer, meu caro senhor. Encarregue-se d'essas cousas; e tem toda a razão, em arranjar para não pagarmos mais que o justo preço, porque levo commigo dois ecclesiasticos que não são ricos. Seremos quatro ao todo. Basta que me diga esta tarde no meu hotel a hora da partida.

E lá foi ter com as suas damas, e conduziu-as para a Gruta, seguindo a alameda umbrosa que ladeia o Gave, alameda fresca e discreta de namorados.

Pedro conservara-se afastado, cheio de cançasso, encostando os cotovellos ao parapeito da ponte nova. E pela primeira vez attentou na abundancia extraordinaria de padres, no meio da multidão. Via-os passar, innumeraveis, pela frente. Era um desfilar de toda a variedade de especie: padres correctos, vindos com a peregrinação, faceis de reconhecer pelos seus ares de affoiteza e pelas suas batinas aceiadas; pobres parochos de aldeia, mais timidos, muito mais mal vestidos, tendo feito sacrificio para realisar a jornada, e retirando-se desorientados; finalmente a nuvem de clerigos livres, cahidos em Lourdes não se sabe de onde, gosando ali de liberdade absoluta, sem que pudesse saber-se sequer se tinham podido ou não dizer a sua missa todas as manhãs. Esta liberdade devia parecer-lhes tão agradavel que, certamente, o maior numero se encontrava ali, como o abbade Des Hermoises, em ferias, desonerados de todo e qualquer dever, felizes de viverem como simples mortaes, graças á balburdia de gente em que andavam mettidos. E desde o padre novo, apurado, cheirando bem, até ao velho ecclesiastico de batina suja, a especie inteira estava representada, os grandes, os gordos, os magros, os grossos, os altos, os baixos, os que vinham cheios de ardor, arrastados pela fé, os que desem-

penhavam simples e honradamente o officio, e ainda os que intrigavam, e que se ali estavam era no interesse da sua politica. Pedro estava surprehendido com a onda de padres que passava, cada um com sua idéa particular como se vae a um dever, a uma crença, a um prazer, ou a uma massada.

Reparou n'um muito baixinho, delgado e trigueiro, com accentuada pronuncia italiana, cujos olhos reluzentes pareciam levantar a carta de Lourdes, lembrando os espiões que apparecem depois da conquista; e viu outro, enorme, com ares bonacheirões, resfolegando, de pança cheia, que parou deante de uma mulher velha e doente e acabou por lhe metter na mão uma moeda de cem *sous*.

M. de Guersaint chegava ao pé de Pedro.

—Só temos a seguir pelo boulevard e pela rua Baixa, disse elle.

O abbade poz-se a andar atraz d'elle, sem responder. Acabava tambem de sentir a sotaina nos hombros; e nunca lhe parecera tão leve, como no meio d'aquella balburdia da peregrinação. Vivia n'uma especie de cegueira e de inconsciencia, esperando sempre o raio de fé, apesar do secreto mal estar que ia augmentando á vista das cousas que observava. E a onda crescente dos padres não o impressionava, encontrava-se até n'uma certa fraternidade com elles: quantos, sem acreditarem, desempenhariam tambem a missão de guias e consoladores!

M. de Guersaint elevou a voz.

—Sabe que é novo este boulevard? É inimaginavel o que se tem construido de casas, nos ultimos vinte annos. Póde dizer-se que é completamente uma cidade nova.

O Lapaca corria á direita, por detraz das casas. Tiveram a curiosidade de entrar n'um bêcco, e foram topar com velhas construcções curiosas, que ladeavam o estreito riacho. Varios moinhos antigos exhibiam em fileira as suas rodas. Mostraram-lhes aquelle que Monsenhor Laurence dera aos paes de Bernardette, depois das apparições. Tam-

bem era costume visitar ali uma casinhola, a pretendida habitação de Bernardette, onde os Soubirous se tinham installado, ao deixarem a rua des Petits-Fossés, e na qual a rapariga, já pensionista das irmãs de Nevers, só raras vezes devia ter pernoitado. Finalmente, seguindo a rua Baixa, alcançaram a praça de Marcadal.

Era uma comprida praça triangular, a mais animada e a mais luxuosa da cidade antiga, o logar onde se encontravam os cafés, as pharmacias, as boas lojas. E entre todas, brilhava uma, pintada de verde claro, guarnecida de altos espelhos, sobrepujada por vasta taboleta onde se lia em letras de ouro: Cazaban, cabelleireiro.

M. de Guersaint e Pedro tinham entrado. Mas na sala do cabelleireiro não havia ninguem, e tiveram que esperar. Terrivel ruido de talheres vinha do quarto visinho, a casa de jantar ordinaria, transformada em mesa redonda, e onde almoçavam cerca de vinte pessoas, apesar de serem já duas horas. A tarde ia avançando, mas em Lourdes, de uma banda á outra, o comer não parava. Á maneira de todos os outros proprietarios da cidade, fossem quaes fossem as suas opiniões religiosas, Cazaban, durante a estação das peregrinações, alugava o seu proprio quarto, abandonava a sua casa de jantar, para se refugiar na adega, onde comia, dormia, e se punha em monte com a familia, n'um buraco de tres metros quadrados, sem ar. Era um furor de negociar, a população desapparecia como n'uma cidade conquistada, abandonando aos peregrinos os proprios leitos das mulheres e dos filhos, assentando-os ás suas mezas, fazendo-os comer nos seus pratos.

—Não ha cá ninguem? bradou M. de Guersaint.

Emfim um figurãosinho appareceu, o typo do homem dos Pyrinéos, vivo e nodoso, de cara comprida, maçãs do rosto salientes, tez queimada, salpicada de vermelho. Os grandes olhos reluzentes boliam-lhe constantemente; e havia, em toda a magra figura, um frémito, uma exuberancia continua de gestos e de palavras.

—Deseja fazer a barba, não é verdade?... Mil perdões, meu caro senhor; mas o official sahiu, e eu estava ali assim com os meus hospedes... Se quer ter a bondade de se assentar, faço-lh'a n'um instante.

E Cazaban, dignando-se operar em pessoa, desfazia o sabão, afiava a navalha, lançando olhares desconfiados á batina de Pedro, que, sem dizer palavra, se assentara e abrira um jornal, no qual parecia inteiramente absorvido.

Houve curto silencio. Mas Cazaban resentiu-se logo; e como cobrisse de sabão a face do freguez:

—Imagine, meu caro senhor, que os meus hospedes se deixaram ficar tanto tempo pela Gruta, que só agora estão a almoçar. Ouve-os? Eu estava ao pé d'elles por delicadeza... Mas, verdade é, que me cumpre tambem attender aos freguezes. É preciso contentar a todos.

Então M. de Guersaint, que gostava de cavaquear, fez-lhe perguntas.

—Dá hospedagem á peregrinos?

—Ora, meu caro senhor, todos nós damos hospedagem a peregrinos, respondeu com simplicidade o cabelleireiro. O paiz assim o quer.

—E acompanha-os á Gruta?

Esta era forte. Cazaban revoltou-se de navalha no ar, cheio de dignidade.

—Nunca, meu caro senhor, nunca! Ha bons cinco annos que não desço a essa cidade nova que para ahi tem construido!

Dominava-se ainda, olhou de novo para a batina de Pedro, escondido atraz do jornal; e a vista da cruz vermelha pregada com alfinetes no jaquetão de M. de Guersaint, aconselhava-lhe prudencia. Mas a lingua poude mais.

—Ouça, meu caro senhor, todas as opiniões são livres, respeito a sua, mas não vou nada com essas phantasmagorias! E nunca o occultei... Durante o imperio, já era republicano e livre pensador. Não seriamos mais de quatro cá na terra, n'esse tempo. Acredite que me glorio d'isso!

Attacara a face esquerda, todo triumphante. Desde esse momento, foi uma onda inexgotavel de palavras. Primeiramente, repetiu todas as opiniões do Majesté contra os padres da Gruta: trafico de objectos religiosos, concorrencia desleal feita aos mercadores de artigos de devoção, aos donos de hoteis, aos senhorios. E essas «irmãs azues» da Immaculada Conceição, quanta raiva lhe inspiravam, por causa de duas inquilinas que lhe tinham tirado, duas senhoras de edade, que passavam em Lourdes tres semanas cada anno! E percebia-se principalmente no homemsinho, o despeito lentamente accumulado, hoje trasbordante, da cidade velha contra a cidade nova, cidade que tão rapido brotara, da outra banda do Castello, rica cidade com casas do tamanho de palacios, para onde se encaminhava toda a vida, todo o luxo, todo o dinheiro, de modo que crescia e enriquecia incessantemente, ao passo que a mais velha, a antiga cidade pobre das montanhas, acabava de agonisar com as suas ruasinhas desertas, onde a herva verdejava. A lucta continuava, todavia, a cidade antiga não queria morrer, exforçava-se por obrigar a ingrata irmã a partilhar, com ella, hospedando peregrinos, abrindo lojas, tambem, por sua banda; mas as lojas não se afreguezavam senão com a condição de estarem perto da Gruta, do mesmo modo que só os peregrinos pobres consentiam em morar tão longe; e o combate desegual aggravava a ruptura, fazia da cidade alta e da cidade baixa duas inimigas irreconciliaveis, que se devoravam surdamente, em intrigas continuadas.

— Ai! a mim é que me não apanham na tal Gruta! volveu Cazaban enraivecido. O que elles abusam da Grutasinha, assada, cosida e frita! Pode lá aturar-se idolatria semelhante, superstição tão grosseira, em pleno seculo dezenove!... Vão lá perguntar-lhes se ha vinte annos a esta parte, deram saude a um só que seja dos doentes cá da terra! Pois olhe que não faltam aleijados por essas ruas! No principio foi a gente d'aqui que aproveitou dos

primeiros milagres. Mas, ao que parece, ha muito tempo que a tal agua milagrosa perdeu para nós toda a virtude: somos de casa, e é preciso vir de longe para a cousa produzir effeito... Realmente! custa a vêr tanta asneira! e olhe que por cem francos não me apanhavam lá!

A immobilidade de Pedro devia irritar o barbeiro. Acabava de passar á face direita, e vociferava agora contra os padres da Immaculada Conceição, cuja avidez era a causa unica da desharmonia que existia. Estes que estavam em sua casa, visto haverem comprado á municipalidade os terrenos onde pretendiam fazer construcções, não respeitavam, entretanto, o contracto assignado com a cidade, que formalmente prohibia ali todo e qualquer ramo de negocio, a venda da agua milagrosa, e dos artigos religiosos. Com mil pretextos poderiam intentar-se demandas. Mas os padres zombavam d'isso, sentiam-se tão fortes, que nem um só donativo deixavam ir para a parochia, e todo o dinheiro arrecadado amontoava-se, rolava para a Gruta e para a Basilica.

Cazaban teve uma exclamação, cheia de ingenuidade.

— Ainda se fossem amaveis, se consentissem em repartir comnosco!

Depois, quando M. de Guersaint, que estava a lavar a cara, se assentou:

— E se eu lhe dissesse, meu caro senhor, o que essa gente fez da nossa pobre cidade! As raparigas eram serias, posso affirmar-lh'o, ha quarenta annos. Lembro-me que, na minha mocidade, quando um rapaz se queria divertir, haveria aqui umas quatro ou cinco desavergonhadas que os attendessem; a tal ponto que nos dias de feira, eu vi, com estes que a terra ha de comer, os homens á porta em fileira esperando a vez. Pois, meu caro senhor, mudaram os tempos, os costumes já não são os mesmos. Agora as raparigas da terra entregam-se todas á venda de cirios e de ramos de flôres; viram com certeza como ellas se agarram aos transeuntes, mettendo-lhes á força nas

mãos os artigos do seu commercio. É uma vergonha, é um descaramento! As raparigas ganham um dinheirão, adoptam habitos de preguiça, não fazem nada, no inverno, á espera que volte a estação das grandes peregrinações. E posso affirmar-lhe que os rapazes, agora acham a quem falar... Accrescente a isto a população fluctuante e duvidosa que nos invade, logo que chega o tempo bom: cocheiros, bofarinheiros, taverneiros, uma corja ambulante escorrendo em vicio e em grosseria, e veja que honrada cidade que esta gente nos arranjou, com a sua massa de povo que vem á Gruta e á Basilica!

Pedro, muito impressionado, deixara cahir o jornal. Estava a ouvir, e pela primeira vez tinha a intuição das duas Lourdes, a antiga Lourdes tão honesta, tão religiosa na sua tranquilla solidão, e a nova Lourdes, estragada, desmoralisada pelo remecher de tantos milhões, de tantas riquezas provocadas e conquistadas, pela onda crescente de extrangeiros que atravessavam a cidade em tropel, pela podridão fatal originada na accumulação de gente, no contagio dos maus exemplos, E que resultado aquelle, quando uma pessoa se lembrava da candida Bernardette ajoelhada deante da selvagem gruta primitiva, da fé ingenua, da pureza fervente dos primeiros obreiros! Porventura procuravam elles envenenar o paiz com as ambições de lucro, e com a immundicie humana? Bastava que os povos viessem, para que a peste se declarasse.

Cazaban, vendo que Pedro o escutava, tivera um ultimo gesto de ameaça, como para varrer toda aquella superstição peçonhenta. Depois, silencioso, acabava de dar uma penteadella em M. de Guersaint.

— Ás suas ordens, meu caro senhor!

Foi só então que o architecto fallou da carruagem. O cabelleireiro primeiro desculpou-se, pretendeu que era necessario ir fallar com o irmão ao Campo da Communa. Finalmente consentiu: Um landau, com parelha, para ir a Gavarnie, custava cincoenta francos. Mas, contente por ter

conversado tanto, acabou por acceitar quarenta. Eram quatro, sahia a dez francos por cabeça. E ficou entendido que partiam de noite, pela volta das duas horas de modo a regressarem no dia seguinte, segunda feira, no principio da tarde.

—A carruagem lá está no Hotel das Apparições á hora combinada, repetiu Cazaban, com a sua maneira cheia da emphase. Conte comigo, meu caro senhor!

Poz-se á escuta. A bulha de louça não parava, no fundo do quarto visinho. Continuavam a comer, no impulso de voracidade, que se propagara de uma á outra banda da cidade. Acabava de se erguer uma voz pedindo mais pão.

—Queiram desculpar. meus senhores, os hospedes precisam de mim.

Com as mãos gordurosas do pente, o homem sahiu precipitadamente. Como a porta ficasse aberta um segundo, Pedro descobriu, nas paredes da casa de jantar, imagens religiosas, uma vista da Gruta, que principalmente o surprehendeu. Talvez que o cabelleireiro as não pendurasse ali, senão durante a peregrinação, para dar gosto aos hospedes.

Eram perto de tres horas. Na rua, Pedro e M. de Guersaint ficaram pasmados com a grande bulha de sinos, que pairava no ar. Á primeira badalada das Vesperas, que soava na Basilica, a igreja parochial acabava de responder; e agora eram os conventos, uns apoz outros, que se juntavam á crescente musica do bronze. A sineta cristallina das Carmelitas misturava-se ao sino grave da Immaculada Conceição, todos os sinos alegres das irmãs de Mercês e das Dominicanas repicavam a um tempo. Nos lindos dias de festa, o som dos sinos voejava assim desde pela manhã até á noute, de azas abertas, por sobre os telhados de Lourdes. E nada mais alegre do que essa canção sonora no grande céo azul, por cima da cidade comilona, que almoçava finalmente e passeava ao sol a sua digestão feliz.

III

Assim que cahiu a noute, Maria principiou a impacientar-se, no Hospital de Nossa Senhora das Dores, porque sabia por M.me de Jonquière que o barão Suire lhe obtivera, do padre Foucade, autorisação para passar a noute em frente da Gruta. Não passava um minuto, sem fazer perguntas a soror Jacintha.

— Ainda não deram nove horas?

— Qual! minha filha, são apenas oito e meia... E olhe, tome lá um bom chaile de lã para se agasalhar, de madrugada, porque o Gave fica proximo e as manhãs são frias n'esta terra de montanhas.

— Oh! soror Jacintha! as noutes são tão lindas! e aqui na enfermaria durmo tão pouco! Lá fóra com certeza não estou peor... Deus meu! que felicidade, que encanto, passar toda a noute com Nossa Senhora!

A enfermaria toda tinha-lhe inveja. Rezar assim uma noute inteira, deante da Gruta, era a alegria ineffavel, a beatitude suprema. Dizia-se que as eleitas viam com certeza a Nossa Senhora, na grande paz tenebrosa. Mas eram precisas grandes protecções para obter tal favor. Os padres não gostavam de concedel-o, porque muitas doentes tinham morrido assim, como que adormecidas no extase.

— Amanhã a minha filha vae commungar na Gruta, antes de para aqui voltar, não é verdade?

Davam nove horas. Pedro, tão pontual, tel-a-hia esquecido? Fallavam-lhe agora de procissão *aux flambeaux* e dizendo-lhe que poderia vel-a toda se partisse já. Todas as tardes as cerimonias terminavam com uma procissão egual; mas a dos domingos era sempre a mais bonita, e dizia-se que a procissão d'aquella tarde teria extraordinario e desusado esplendor. Cerca de trinta mil peregrinos deviam passar, com um cirio na mão. Iam abrir-se as maravilhas nocturnas do ceo, as estrellas iam descer á terra. E as

pobres doentes lastimavam-se, tristes por estarem pregadas na cama, e não poderem vêr taes prodigios!

— Olhe, minha querida filha, veiu dizer M.me de Jonquière, aqui tem seu pae e o sr. abbade.

Maria, radiosa, esqueceu logo a sua impaciencia.

— Ai! Pedro, pelo amor de Deus. Vamos depressa. Avie-mo-nos.

Trouxeram-n'a para baixo, o padre atrelou-se ao carrinho, que rodou docemente sob o céo crivado de estrellas, em quanto que M. de Guersaint caminhava ao lado. Era uma noite sem lua, admiravelmente linda, veludo azul escuro salpicado de diamantes; e a brandura do ar era extraordinaria, banho morno de ar puro, embalsamado pelo perfume das montanhas. Muitos peregrinos em massa cerrada caminhavam para a Gruta; mas era uma multidão discreta, onda humana cheia de recolhimento, differente da que durante o dia exhibira pasmaceiras de arraial. E, a começar no planalto de la Merlasse, as trevas alargavam-se, entrava a gente sob o immenso céo, no lago de sombra das relvas e das grandes arvores, donde, á esquerda, se via unicamente erguer-se, esbelta e negra, a grimpa da Basilica.

Pedro preoccupou-se porque á medida que avançavam, a multidão era cada vez mais compacta. — Na praça do Rosario já custava a andar.

— É melhor desistir de nos approximar-nos da Gruta. O melhor será alcançar uma das alamedas, por detraz do Abrigo dos Peregrinos, e esperar lá.

Mas Maria desejava muito vêr a partida da procissão.

— Pelo amor de Deus, Pedro, veja se me leva até ao Gave. Vejo de longe, não me importa.

E M. de Guersaint, tão curioso como ella, insistira tambem por sua banda.

— Não se afflija, eu vou atraz do carro, e não deixo que lhe toquem.

Pedro recomeçou a puchar. Foi preciso gastar um quarto de hora para conseguir passar por baixo de um dos arcos da rampa da direita, tamanho era ali o apertão. Depois, obliquou um bocado, e acabou por encontrar-se no cáes, á beira do Gave, onde só havia espectadores occupando o passeio lageado; e poude avançar ainda cerca de cincoenta metros, parou o carrinho mesmo junto do parapeito, em logar donde se via a Gruta perfeitamente.

— Estará bem aqui?

— Aqui estou bem, muito obrigada! O que é preciso é ajudarem-me a sentar para ver melhor.

M. de Guersaint levantou-a um pouco encostando-a ás almofadas, e por sua banda trepou á bancada de pedra, que corre de uma a outra extremidade do cáes. Uma massa de curiosos estacionava, como nas noites de fogo de vistas. Erguiam-se todos em bicos de pés, estendendo o pescoço. E o proprio Pedro, se poz a olhar com interesse, embora se não visse ainda nada de notavel.

Havia umas trinta mil pessoas; e continuava a chegar gente. Tinham todos na mão um cirio, envolvido n'uma especie de cartucho de papel branco, onde se via, impressa, em azul, a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Mas os cirios ainda não estavam accesos. Por cima do mar encapellado de cabeças não se divisava ainda senão a Gruta esbraseada, lançando clarões vivos, de forja. Um grande borborinho pairava, sôpros perpassavam, que eram a unica indicação dos milhares de creaturas apertadas, abafadas, perdidas no fundo da sombra, refluindo como onda viva, cada vez mais vasta. Havia gente debaixo das arvores, para além da Gruta, em recantos de sombra, cuja existencia ninguem suspeitava. Finalmente a cousa começou por alguns cirios, que, brilharam, aqui e além: dir-se-hiam faiscas repentinas, salpicando a escuridão, ao acaso. O numero cresceu rapidamente, ilheus de estrellas formaram-se, ao passo que, n'outros pontos, havia rastos luminosos, vias lacteas, que corriam, no meio de constel-

lações. Eram os trinta mil cirios que se accendiam, um a um, attenuando o clarão vivo da Gruta, lavrando vagarosamente, e fazendo ondear, de uma extremidade á outra do passeio, as chammasinhas amarellas de um braseiro immenso.

—Que bonito que isto é, Pedro! murmurou Maria. Dir-se-hia a resurreição dos humildes, o accordar de pobres almas que brilham!

—Soberbo espectaculo! realmente soberbo! repetia M. de Guersaint, n'um impulso de satisfação artistica. Olhem para ali, vejam aquelles dois rastos luminosos que se cortam em cruz.

Mas Pedro ficara commovido com o que Maria acabara de dizer. Era tal qual, chammas franzinas qne não passavam de símples pontos luminosos, modestos como filhos do povo, e cujo grande numero produzia o brilho, um resplandecer de sol. Nasciam outros continuamente, mais longinquos, como que desgarrados.

—Ah! murmurou elle, olhem aquella que appareceu sósinha, ao longe, tão vacillante... Vê, Maria, como ella fluctua, e como vem vagarosamente perder-se no grande lago de fogo?

Via-se agora tão claro como se fosse dia. As arvores illuminadas pela parte inferiôr, eram de uma verdura intensa, pareciam arvores pintadas, de bastidores de theatro. Bandeiras, por cima do braseiro movediço, passavam immoveis, destacando-se violentamente, com imagens de santos bordados e cordões de seda. E o grande reflexo subia, ao longo do rochedo, até á Basilica, cuja grimpa, agora, apparecia, muito branca, sobre o céo negro; ao passo que do outro lado do Gave os outeiros se illuminavam tambem, exhibindo as fachadas pallidas dos conventos, no meio da folhagem sombria.

Houve um momento de incerteza. O lago chammejante, formado por milhares de pavios em ignição, rolava as suas scintillações astraes, parecia prestes a romper-se, a

transformar-se em rio caudaloso. E as bandeiras oscillavam, preparava-se um movimento qualquer.

— Olha! exclamou M. de Guersaint, então não passam por aqui?

Pedro que estava ao facto, explicou que a procissão subia primeiro a estrada em zigue-zague construida a poder de dinheiro por entre as arvores da collina. Depois, torneava a Basilica, antes de tornar a descer pela rampa da direita, e de se estender ao longo dos jardins.

— Ora vejam! Lá principiaram as primeiras luzes a suhir por entre a verdura!

Foi uma scena de enfeitiçar. Luzinhas trémulas destacavam-se do vasto fóco, elevavam-se dôcemente, n'um vôo delicado, sem que pudesse enxergar-se quem as segurava á terra. Era como uma poeira luminosa que se movesse nas trevas. Pouco depois estabeleceu-se uma risca obliqua; e logo a risca dobrou-se, formando cotovello de repente, e nova risca surgiu, curvando-se logo tambem. Finalmente toda a collina ficou sulcada por um zigue-zague de chammas, semelhante ao fogo celeste que se vê em estampas cahir de um céo caliginoso. Mas o risco luminoso não se apagava, as luzinhas caminhavam sempre, deslisando branda e vagarosamente. A's vezes, todavia, dava-se um eclipse repentino. Era a procissão que provavelmente passava por detraz de um macisso de arvoredo. Mais longe reaccendiam-se os cirios, e lá iam subindo para o céo, pelo caminho complicado, constantemente interrompido e retomado. Chegou um momento em que, alcançado o cimo do outeiro, não subiram mais, e desappareceram no derradeiro cotovello do caminho.

Vozes elevavam-se na turba.

— Lá voltam elles por detraz da Basilica!

— Ora! ainda precisam de bons vinte minutos, antes de descerem pelo outro lado!

— Sim, minha senhora, são trinta mil; e só dentro de uma hora os ultimos terão partido da Gruta.

Desde o momento da partida, que um cantico se evolara do surdo borborinho do povo. Era a lamentação de Bernardette, as seis duzias de coplas, em que a Saudação Angelica voltava como estribilho, n'um rythmo teimoso. Ao acabarem as sessenta coplas, começavam outra vez. E o brado acalentador voltava incessante: *Ave, ave, ave, Maria*, paralysando o espirito, esmagando os membros, arrastando a pouco e pouco os milhares de creaturas para uma especie de sonho accordado, em plena visão do paraizo. De noite, quando dormiam, dir-se-hia que os leitos eram ainda embalados, pelo cantico.

— Ficamos aqui? perguntou M. de Guersaint, que depressa se cançava. Agora é sempre o mesmo!

Maria, que escutava o que se dizia em torno, disse:

— Tinha razão, Pedro, era melhor ir lá para baixo, para a alameda... gostava tanto de ver!

— Mas, com certeza, respondeu o padre, vamos procurar um logar onde se possa ver tudo. A difficuldade agora é tirarmo-nos d'aqui!

Effectivamente estavam emparedados por um montão de simples curiosos. Foi preciso que Pedro abrisse passagem, com lenta obstinação, implorando um bocadinho de logar, para uma doente; e Maria voltava-se, esforçava-se por ver ainda, deante da Gruta, o lençol de chammas, o lago de mil vagasinhas scintillantes, d'onde, sem que apparentasse diminuir, a procissão ia correndo, até ao infinito; ao passo que M. de Guersaint fechava o prestito protegendo o carinho contra os empuchões do povo.

Finalmente acharam-se todos tres livres dos apertões. Era perto de um dos arcos, n'um sitio deserto, onde puderam respirar um instante. Ouvia-se apenas a lamentação longinqua, com o seu estribilho teimoso; e só se enxergava o reflexo dos cirios, n'uma especie de nebulosa, fluctuando para as bandas da Basilica.

— O melhor logar, declarou M. de Guersaint, era se subissemos ao Calvario. Ainda esta manhã m'o disse a crea-

da do hotel. Parece que lá de cima a vista é maravilhosa.

Mas não se podia pensar em tal. Pedro insistiu nas difficuldades da empreza.

—Como quer que trepemos com o carrinho a taes alturas? Depois era preciso descer, e que perigo, ás escuras no meio dos empurrões!

Mas Maria, por sua banda, preferiu ficar, nos jardins, sob as arvores, onde o ar era tão brando. E puzeram-se outra vez a caminho, desembocando afinal na Esplanada, em face da grande Virgem coroada. A estatua estava illuminada, com vidros de côr, que a collocavam n'uma glorificação de arraial, com uma aureola de lampeões azues e amarellos. Apesar de devoto; M. de Guersaint achou de um gosto detestavel.

—Olhem, disse Maria, ao pé d'aquelle macisso de verdura, ficavamos optimamente!

E indicava um tufo de arbustos, ao lado do «Abrigo dos Peregrinos»; o logar, effectivamente, era excellente, porque permittia ver a procissão descer pela rampa da esquerda, e seguil-a, até á ponte nova, ao longo dos taboleiros de relva, no seu duplo movimento parallelo de ida e volta. Depois a visinhança do Gave dava á folhagem uma frescura rara. Ainda ali não estava ninguem, e gozava-se de uma paz infinita, na sombra espessa dos altos platanos que ladeavam a alameda.

M. de Guersaint erguia-se nas pontas dos pés, desejando com impaciencia ver reapparecer os primeiros cirios, dada a volta á Basilica.

—Ainda nada apparece, murmurava elle. Pois melhor para mim! vou sentar-me um bocado na herva. Estou com as pernas derreadas!

E occupou-se com cuidado da filha.

—Queres que te cubra? Faz frio aqui.

—Frio, meu pae, é cousa que não tenho! Sinto-me tão feliz! Ha muito tempo que não respiro um ar tão bom...

Deve por aqui haver rosas, não sente um perfume delicioso?

Depois, voltando-se para Pedro:

— Onde estarão as rosas? Não as vè?

Assim que M. de Guersaint se assentou no chão, junto do caminho, Pedro teve idéa de ver se não haveria por ali algum alegrete com rosas. Mas em vão, prescrutara pelo meio da relva escura, não distinguindo senão plantas verdes. E, como ao regressar, passasse em frente do «Abrigo dos Peregrinos» a curiosidade levou-o a entrar.

Era uma sala grande, alta de tectos, illuminada de ambos os lados por largas janellas. Lageada de pedra, de paredes nuas, a sua unica mobilia eram bancos, postos para ali ao acaso, em todos os sentidos. Nem mesa, nem uma taboa sequer; de sorte que os peregrinos sem asylo refugiados ali, tinham posto em monte os cestos, os embrulhos, as malas, nos vãos das janellas, transformadas d'este modo em casas de bagagem. De resto a sala estava vasia, porque toda a pobre gente que ali se abrigava, devia estar na procissão. E, apesar de ter ficado a porta aberta de par em par, reinava um cheiro insupportavel, que vinha das paredes impregnadas de miseria, das lages sujas e humidas, apesar do lindo dia de sol, encharcadas de escarros, de gordura, de vinho espalhado. Faziam ali tudo, comiam, dormiam em cima dos bancos, n'um montão de farrapagem e de corpos pouco aceiados.

Pedro pensou que o bello cheiro de rosas não era d'ali que vinha. Acabava, todavia, de dar volta á sala, illuminada por quatro lanternas fumarentas, e que julgava completamente vasia, quando viu com surpreza, junto da parede da esquerda, uma forma vaga, uma mulher vestida de preto que tinha em cima dos joelhos um embrulho branco. Estava sósinha, na casa deserta, não se mechia e tinha os olhos arregalados.

Approximou-se e reconheceu M.me Vincent, que lhe disse em voz baixa e entrecortada:

— A Rosa tem estado hoje tão mal! Não tem feito senão gemer, desde pela manhãsinha... Adormeceu ha cousa de duas horas e eu não me atrevo a mecher-me com medo que ella accorde e principie a soffrer outra vez.

Conservava a sua immobilidade de mãe martyr, que durante mezes, pegava na filha assim, com a teimosa esperança de a vêr restabelecida. Trouxera-a nos braços a Lourdes, e andava com ella ao collo, a passeal-a, a adormecel-a, porque não tinha nem quarto, nem sequer uma cama no hospital.

— Então a pequenita não vae melhor? perguntou Pedro com o coração confrangido.

— Não, senhor abbade, penso que não.

— Mas, volveu elle, que mal que está ahi n'esse banco! Era melhor ter dado os passos necessarios para não ficar assim na rua. Estou convencido que teriam tomado conta da creança em qualquer parte.

— Ai, senhor abbade, de que servia? Nos meus joelhos, coitadinha, está bem. E, depois dar-me-hiam licença de estar sempre com ella? Nada, nada! Antes a quero ter comigo, porque me parece que hei de salval-a por fim.

No rosto immovel corriam-lhe duas grossas lagrimas. Continuou, com voz abafada:

— Não estou inteiramente desprovida de dinheiro. Tinha trinta *sous*, ao partir de Paris, e restam-me ainda dez... Para mim basta-me um bocado de pão, e ella coitadinha, nem o leite póde já beber... Tenho que me chegue até á partida, e se Nossa Senhora lhe dá saude ai! que ricas ficaremos! que ricas! que ricas!

Inclinava-se, olhava, á luz vacillante da lanterna visinha, para o rosto pallido de Rosa, cujos labios se abriam n'um pequeno sopro.

— Veja como dorme!... Não acha, sr. abbade, que Nossa Senhora se compadecerá de nós e lhe dará saude? Só temos mais um dia, mas ainda tenho esperança em rezar toda a noite sem me tirar d'este logar... Amanhã é que ha de ser! é preciso viver até ámanhã!

Pedro sentia-se invadido de infinito dó, e foi-se embora, com medo de desatar a chorar tambem.

— Sim, mulher, tenha esperança.

E deixou-a no fundo da vasta sala deserta e nauseabunda, immobilisada na dolorosa paixão de mãe, a ponto de suster a respiração, com receio de que o tumultuar do peito lhe accordasse a doentinha. Crucificada, orava, de labios cerrados, ardentemente.

Quando Pedro voltou para junto de Maria, esta perguntou-lhe com vivacidade:

— E então as rosas? encontrou algumas por ahi?

Pedro não quiz desconsolal-a, contando o que acabava de presencear.

— Não, procurei pelos taboleiros de relva, e não ha rosas.

— É singular, volveu ella, scismando. O perfume é tão doce e tão penetrante... Sente-o, não sente? Olhe, agora mesmo! e é de uma força extraordinaria, como se todas as rosas do paraizo florissem na escuridão, em torno de nós.

Mas interrompeu-a uma leve exclamação do pae. M. de Guersaint erguera-se em pé, ao vêr pontos luminosos a surgirem no alto das rampas, á esquerda da Basilica.

— Finalmente! lá vem a procissão!

Effectivamente era a testa da procissão que apparecia. Logo depois, os pontos luminosos pullularam, alongando-se em dupla linha oscillante. As trevas afogavam tudo, a apparição surgiu muito alta, parecendo sair das profundidades negras do desconhecido. E, ao mesmo tempo o canto, a lamentação teimosa recomeçava; mas era ainda tão ligeira, que parecia o rumorejar das arvores quando se approxima uma rajada de vento.

— Bem dizia eu, murmurou M. de Guersaint, que era preciso estar no Calvario para se poder ver tudo.

Voltava á primitiva ideia, teimoso como uma creança, queixando-se de terem escolhido o peor logar.

— Mas porque não sobes tu, papá? disse Maria por fim. Ainda é tempo... Pedro fica comigo.

E accrescentou com riso triste:

— Vae! ninguem me vem roubar!

O pae recusava, mas cedeu de repente, incapaz como era de resistir á impulsão de um desejo. E teve que se apressar, que seguir atravez dos taboleiros de relva.

— Não se mecham d'aqui, esperem-me debaixo d'estas arvores. Depois lhes conto o que vir lá em cima.

(Continúa).

Emile ZOLA.

A HESPANHA

V

SEVILHA

A viagem de Córdova a Sevilha não excita tanta admiração como a de Toledo para Cordova, mas é ainda mais bella. São os mesmos pomares de laranjeiras, as mesmas oliveiras enormes, os mesmos prados cobertos de flôres. A algumas milhas de Córdova vêem-se as torres em ruinas do formidavel castello d'Almodovar, encarapitado sobre um alto rochedo que domina um espaço immenso; em Homachuelos outro antigo castello sobre uma colina, no meio de uma paizagem solitaria e melancolica; mais longe a branca villa de Palma, escondida entre um denso pomar de laranjeiras, que tem em toda a volta uma cinta de hortas e jardins; corre-se por entre campos d'espigas lourejantes, orlados de compridas sebes de figueiras da India, de renques de palmeiras novas, de vinhaes, de plantações espessas d'arvores fructiferas; e a cada instante se vêem collinas, castellos, torrentes, graciosos campanarios indicando aldeias occultas entre as arvores; e cumes azulados de montanhas longinquas.

Mas o que mais me encantou foram as casinhas cam-

pestres espalhadas ao longo do caminho. Não me lembro de ter visto uma unica que não fosse branca como a neve. A casa é caiada, o boccal do poço visinho é caiado, o pequeno muro que cerca o jardim é caiado, os dois batentes da porta caiados; e tudo isso parece ter sido caiado na vespera.

Algumas d'essas casas teem uma ou duas janellas geminadas, á mourisca; outras teem arabescos na porta; n'outras as telhas são pintadas de diversas côres, como as casas arabes. Aqui e além, no campo, vêem-se capas vermelhas e brancas de camponezes, chapeus de velludo no meio da herva, cintas de todas as côres. Os camponezes que se vêem deante das suas casas ou que vêm vêr passar o comboio usam o vestuario representado nos quadros de ha quarenta annos: chapeu de velludo de grandes abas um pouco voltadas, de copa baixa e aguçada, jaqueta curta, collete decotado, calções cortados nos joelhos como os dos padres, polainas até aos joelhos e cinta larga. Esta moda, incommoda mas elegante, faz sobresahir admiravelmente as fórmas esbellas d'aquelles homens, que preferem ser bellos ainda mesmo não estando á vontade; a vestirem-se commodamente mas sem graça, e que levarão todas as manhãs meia hora a arranjar-se para apresentarem um quadril elegante e uma perna bem lançada. Não se parecem nada com os nossos camponezes do norte, de rosto duro e olhar amortecido. Fixam em nós os seus grandes olhos negros, com um sorriso nos labios, como se quizessem dizer: «Não me conhece?» Lançam olhares audaciosos ás senhoras que apparecem ás portinholas dos wagons; correm a offerecer-nos um cigarro antes de lh'o termos pedido; respondem ás vezes em verso ás perguntas que lhes fazem e são até capazes de se rirem para mostrarem a alvura dos dentes.

Em Rincorada começa a elevar-se, na direcção do caminho de ferro, a torre da cathedral de Sevilha, e á direita, para lá do Guadalquivir, vêem-se as bellas collinas, cober-

tas de oliveiras, aos pés das quaes jazem as ruinas d'Italica.

O comboio voava e eu falava commigo mesmo, a meia voz, cada vez mais á medida que as casas se multiplicavam, com a anciedade, repassada de alegria e desejo, que se sente ao subir as escadas da mulher amada. Sevilha! Sevilha está ali! Está ali a rainha da Andaluzia, a Athenas hespanhola, a patria de Murillo, a cidade dos poetas e dos amores, a famosa Sevilha, cujo nome eu pronunciava, desde a infancia, com um sentimento de viva sympathia! Quem me diria, aqui ha alguns annos, que eu havia de vêl-a um dia!

Todavia não é um sonho! Aquellas casas são bem de Sevilha, aquelles camponezes são sevilhanos; aquella torre que além vejo, é a Giralda! Eu em Sevilha? É extraordinario! Dá-me vontade de rir! Que fará minha mãe n'este momento? Se ella aqui estivesse!... Se fulano e sicrano cá estivessem!... Tenho pena de estar só! Já vejo as casas brancas, os jardins, as ruas estreitas... Estamos na cidade... Apeamo-nos .. Ah! como a vida é bella!

Cheguei a um hotel, deixei a mala no *patio* e comecei a vaguear pela cidade. Pareceu-me tornar a vêr Cordova engrandecida, aformoseada e mais rica. As ruas são mais largas, as casas mais altas, os *patios* maiores; mas o aspecto geral é o mesmo: é a mesma brancura, a mesma rede intrincada de ruas estreitas, o mesmo perfume de laranjeira espalhado por toda a parte, o mesmo ar de gracioso mysterio, a mesma apparencia oriental, que desperta no coração um sentimento de terna melancolia e no espirito mil chimeras, desejos e visões de um mundo longinquo, de uma vida nova, de um povo desconhecido, de um paraiso terrestre cheio d'amor, de delicias e de quietação. Nas ruas lê-se a historia da cidade; cada balcão, cada fragmento de esculptura, cada encruzilhada solitaria rememora a aventura nocturna de um rei, as inspirações de um poeta, a historia de uma mulher formosa, um amor, um

duello, um rapto, uma festa, uma lenda. Aqui lembramo-nos de Maria Padilla, além de D. Pedro, mais longe de Cervantes, n'outros pontos de Colombo, de Santa Thereza, de Velasquez, de Murillo. Uma columna recorda o dominio romano; uma torre, o esplendor da monarchia de Carlos V; o Alcaçar, a magnificencia da côrte dos arabes. Junto de modestas casitas brancas elevam-se sumptuosos palacios de marmore; ruas apertadas e sinuosas desembocam em vastas praças plantadas de laranjeiras; de uma encruzilhada deserta e silenciosa passa-se n'alguns minutos para uma rua percorrida por uma multidão ruidosa; e por toda a parte se vêem, atravez das graciosas grades dos *patios*, flores, estatuas, fontes, sallas successivas, paredes cobertas d'arabescos, pequenas janellas arabes, ligeiras columnas de marmore precioso; e em cada janella, em cada jardim, mulheres vestidas de branco, meio escondidas, como nymphas receiosas, entre os pampanos e os macissos de roseiras.

De rua em rua cheguei á margem do Guadalquivir, ás alamedas do passeio da *Cristina*, que é para Sevilha o que o Lungarno é para Florença. Disfructa-se de lá um espectaculo encantador.

Fui até ao pé da famosa Torre do Oiro. Esta torre, chamada «do Oiro» porque n'ella se guardava o oiro que os navios hespanhoes traziam outr'ora da America, ou porque o rei D. Pedro iá escondia os seus thesouros, é octogonal, formada de tres corpos, coroada de ameias e banhada pelo rio.

A tradição conta que a torre foi construida no tempo dos romanos e que a bella favorita de D. Pedro lá permaneceu muito tempo quando a torre estava ligada ao Alcaçar por um edificio que foi demolido para dar logar ao passeio da *Cristina*.

Este passeio estende-se desde o palacio do duque de Montpensier até á Torre do Oiro, e é completamente coberto de platanos do oriente, carvalhos, cyprestes, chorões, choupos, e outras arvores do norte, que os andaluzes

admiram como nós admirariamos palmeiras e aloes nos campos do Piemonte e da Lombardia. Uma grande ponte atravessa o rio e conduz ao bairro de Triana, do qual se vêem as primeiras casas na margem opposta. Sobre o rio ha uma quantidade de navios, de escunas e de barcos diversos; e entre a Torre do Oiro e o palacio do duque ha um vae-vem continuo de botes. Uma multidão de senhoras percorriam as alamedas, ranchos de operarios atravessavam a ponte, nas embarcações trabalhava-se activamente, o rio estava côr de rosa, o ar embalsamado pelas flores, o céo como que incendiado.

Voltei para a cidade e gosei do maravilhoso espectaculo que Sevilha offerece de noite. Os *patios* de todas as casas estavam illuminados; os das casas modestas tinham só uma meia claridade, que accrescentava á sua graça a belleza do mysterio; os dos palacios eram alumiados por uma profusão de luzes, que faziam resplandecer os espelhos e scintillar os repuxos dos tanques como se estes fossem de mercurio e brilhar de mil côres os marmores dos vestibulos, os mosaicos das paredes, os crystaes dos candelabros; lá dentró enxergava-se uma chusma de senhoras, ouvia-se de todos os lados um ruido de risadas, de vozes e de musicas dando a sensação constante de se estar no meio de uma salla de baile; de cada porta sahia uma onda de luz, de perfumes e dc harmonia; as ruas estavam repletas de gente; entre as arvores das praças, sob os portaes, ao fundo dos beccos, sobre as varandas, por toda a parte se viam ondular saias brancas, apparecer e desapparecer na sombra. Cabeças ornadas de flores sorriam ás janellas; grupos de rapazes e raparigas atravessavam a multidão dando gritos alegres; pessoas conhecidas cumprimentavam-se e conversavam das janellas para as ruas; por toda a parte havia um movimento, um ruido de vozes, uma alegria propria do carnaval. Sevilha não era mais que um immenso jardim onde folgava um povo fremente de mocidade e d'amor.

Para um estrangeiro taes momentos são muito tristes. Eu lembro-me que cheguei a sentir vontade de dar com a cabeça nas paredes. Vagueava por aqui e por ali, meio vendido, de cabeça baixa, com o coração oppresso, como se toda aquella gente andasse a divertir-se de proposito para insultar a minha solidão e a minha melancolia.

Era muito tarde para entregar as minhas cartas de recommendação e muito cedo para me ir deitar; de modo que eu era escravo d'aquella multidão e d'aquella alegria e tive de os supportar durante umas poucas de horas. Sentia um certo allivio em não contemplar o rosto das mulheres, mas nem sempre conseguia isso e quando os meus olhos encontravam por acaso duas pupillas negras, o abalo era mais violento, justamente por ser inesperado, do que se eu tivesse affrontado o perigo, de coração armado para a guerra.

E eu andava pelo meio das temiveis sevilhanas! via-as passar, appoiadas ao braço de seus maridos ou de seus amantes, tocava nos seus vestidos, respirava os seus perfumes, ouvia-lhes a voz, e o sangue subia-me á cabeça como uma onda de fogo. Felizmente lembrei-me de ter ouvido dizer em Madrid a um sevilhano que o consul de Italia passava ordinariamente a noite na loja de um de seus filhos, que era negociante. Procurei essa loja, dei com ella, encontrei lá o consul e entregando-lhe uma carta de um dos seus amigos, disse-lhe em tom dramatico, que o fez rir: «Meu caro senhor, acuda-me, pelo amor de Deus: estou com medo de Sevilha!»

Á meia noite a cidade não tinha mudado de aspecto; as luzes e a multidão continuavam na mesma. Voltei para o hotel e metti-me no meu quarto com tenção de me deitar. Mas então ainda foi peior. As janellas do meu quarto davam para uma praça onde um formigueiro de gente se agitava em torno de uma *troupe* de musicos, que não cessavam de tocar; por fim foram-se os musicos, mas começaram a ouvir-se violões, pregões de vendedores d'agua,

cantos, gargalhadas: toda a noite foi uma bacchanal capaz de accordar toupeiras. Eu tive um sonho ao mesmo tempo delicioso e afflictivo, mas sobretudo afflictivo. Parecia-me que estava preso ao leito por uma comprida trança preta, toda enrodilhada e cheia de nós, e que sentia sobre os beiços uma bocca de fogo, que não me deixava respirar, e em torno do pescoço duas pequenas mãos vigorosas que me esmagavam a cabeça contra o braço de um violão.

No dia seguinte de manhã fui em direitura visitar a cathedral.

Para descrever convenientemente esse edificio gigantesco seria necessario ter á mão uma relação de todos os substantivos mais compridos e de todas as comparações mais extravagantes que teem sahido da penna dos escriptores mais hyperbolicos de todos os paizes quando quizeram dar ideia de alguma coisa prodigiosamente alta, monstruosamente larga, espantosamente profunda e incrivelmente grandiosa. Eu quando fallo d'ella aos meus amigos, faço, sem dar por isso, como o Mirabeau de Victor Hugo, *un colossal mouvement d'épaules*, encho a bocca e engrosso a voz pouco a pouco, como faz Salvini na tragedia *Sansão*, quando, com um accento que faz tremer toda a sala, diz que sente renascer as forças. Fallar da cathedral de Sevilha fatiga tanto como tocar um grande instrumento de vento ou sustentar uma conversa de uma para a outra margem de uma torrente tumultuosa.

A cathedral de Sevilha está isolada no meio de uma vasta praça e comtudo não se lhe póde avaliar a grandeza em um só olhar. Nos primeiros momentos pensei na famosa phrase pronunciada pelo capitulo da igreja primitiva, decretando em 8 de julho de 1401 a construcção da nova cathedral: «Edifiquemos um monumento de tal ordem que faça dizer á posteridade que nós estavamos doidos.» Esses reverendos padres conseguiram os seus desejos. Mas é necessario entrar no templo para se pensar isso. O exterior é grandioso e magnifico. mas não tanto como o interior.

Além de não ter fachada, todo o edificio é cercado de um alto muro, como se fosse uma fortaleza. Por mais que se olhe e torne a olhar não se consegue fixar no espirito um contorno definido, que, semelhante á epigraphe d'um livro, nos dê uma ideia clara do plano da obra; admira-se, exclama-se mais d'uma vez: «É immenso!» mas não se fica satisfeito; e entra-se sem mais demora na igreja, com desejo de experimentar um sentimento mais completo de admiração.

Entrâmos e sentimos-nos atordoados e como que perdidos n'um abysmo; e durante alguns instantes não fazemos mais do que percorrer com o olhar aquellas curvas immensas n'aquelle immenso espaço, como que para nos assegurarmos que não somos enganados pelos olhos e pela imaginação. Depois approximamos-nos de um pilar, medimol-o e olhamos, espantados, para os outros ao longe: teem a grossura de uma torre e parecem-nos tão delgados que trememos á ideia de que elles sustentam o edificio. Percorremol-os um a um, com um olhar rapido, desde o pavimento até á abobada; e podem contar-se os momentos que o olhar leva a subir de uma á outra extremidade. A cathedral tem cinco naves, cada uma das quaes poderiam formar uma grande igreja. Na do meio poderia passar outra cathedral de cabeça erguida, com a sua torre e o seu zimborio. Todas juntas formam sessenta e oito abobadas, tão audaciosas que quando olhamos para ellas affigura-se-nos que lentamente se vão elevando e alargando. Tudo é enorme n'essa cathedral. O altar-mór, collocado ao meio da nave principal, é tão alto que chega quasi á abobada, parece ter sido construido para padres gigantes, aos quaes os altares ordinarios chegassem só até aos joelhos; o cirio pascal faz lembrar um mastro de navio e o candelabro de bronze que o sustenta é um museu de esculptura e de cinzeladura e só por si merecia um dia de visita. As capellas são dignas da igreja; estão espalhadas por ellas profusamente as obras primas de sessenta e sete

esculptores e trinta e oito pintores. Montanes, Zurbaran, Murillo, Valdes, Herrera, Bodon, Rodas, Campana deixaram á mil vestigios immortaes das suas mãos. A capella de S. Fernando, que encerra as sepulturas d'esse rei, de sua mulher D. Beatriz, de D. Affonso o Sabio, do celebre ministro Florida Blanca e de outros personagens illustres, é uma das mais bellas e das mais ricas. O corpo de S. Fernando, que libertou Sevilha do dominio dos arabes, repousa n'um relicario de crystal coberto com um véo; está vestido de guerreiro, com a corôa e o manto real, tendo de um lado a espada que trazia quando entrou em Sevilha e do outro o bastão, emblema do commando. Na mesma capella conserva-se uma varinha de marfim que acompanhava o rei santo em todas as batalhas, e outras reliquias de grande valor. Nas outras capellas ha grandes altares de marmore, tumulos em estylo gothico, estatuas de pedra, de madeira e de prata, encerradas em grandes relicarios de crystal, com o rosto e as mãos cobertos de diamantes e de rubis, e quadros maravilhosos, que, infelizmente, a luz frouxa vinda das janellas elevadas não allumia sufficientemente para se poderem admirar em toda a sua belleza.

Mas depois de exame detalhado das capellas, dos quadros, das esculpturas, a impressão dominante que fica sobre todas as outras, é a admiração da cathedral em si mesma, do seu aspecto grandioso, póde mesmo dizer-se formidavel. Depois de se terem elevado áquellas alturas verginosas, o olhar e a intelligencia cahem por terra, fatigados pelo esforço, para tomarem folego antes de se elevarem de novo. As imagens que pullulam pela cathedral correspondem ao conjuncto; anjos colossaes, monstruosas cabeças de cherubins, azas do tamanho de vellas de navios, gigantescos mantos azues fluctuando. A impressão produzida pela cathedral de Sevilha é inteiramente religiosa, mas não tem nada de triste; é esse sentimento que transporta o pensamento aos espaços sem fim e aos silen-

cios pavorosos em que se engolphava Leopardi; é um sentimento cheio de desejo e de temeridade; é o estremecimento voluptuoso que se sente á borda de um abysmo, a perturbação e o labyrintho dos grandes pensamentos, o divino terror do infinito.

Sendo a cathedral mais variada de Hespanha (porque a architectura gothica, a germanica, a greco-romana, a arabe e a vulgarmente chamada *plateresca*, lá deixaram todas os seus vestigios), é ao mesmo tempo a mais rica e privilegiada. No tempo em que o poderio do clero estava no seu auge consummiam-se lá vinte mil libras de cera por anno; celebravam-se, nos seus oitenta altares, quinhentas missas por dia; o vinho que se gastava nos sacrificios divinos ascendia á incrivel quantidade de dez mil setecentos e cincoenta litros. Os conegos tinham quasi tantos serviçaes como os reis; iam para a igreja em esplendidos carros, puxados por cavallos soberbos, e tinham clerigos encarregados de emquanto elles diziam missa lhes abanarem em roda leques ornados de plumas e de perolas,—regalia que lhes fôra concedida pelo papa e de que ainda hoje alguns se aproveitam. E' inutil fallar das festas da semana santa, famosas ainda em todo o universo e frequentadas por habitantes de todos os paizes da Europa.

Mas o mais curioso privilegio da cathedral de Sevilha é a dança chamada *de los seises*, que se executa todos os dias ao anoitecer, durante oito dias consecutivos, em seguida á festa do *Corpus Christi*.

Como me achava em Sevilha durante esses dias, fui vel-a e achei-a digna de ser descripta. Pelo que me tinham dito, suppunha que ella ia fazer-me o effeito de uma pasquinada escandalosa, e entrei na igreja disposto a indignar-me pela profanação de um logar sagrado. A igreja estava sombria; o altar-mór era o unico illuminado e estava cercado de uma multidão de mulheres ajoelhadas. Alguns padres estavam sentados á direita e á esquerda do altar; deante dos degraus estava estendido um grande ta-

pete; duas filas de meninos de oito a doze annos, vestidos como cavalheiros hespanhoes da idade média, de chapéu de pluma e meias brancas, estavam postados uns em frente dos outros, adiante do altar. A um signal dado por um padre, uma musica suave executada em rabecas rompeu o silencio profundo da igreja e as duas filas de creanças puzeram-se em movimento, em passo de contradança, e começaram a separar-se, a entrelaçar-se, a desatar-se, a reunir-se novamente fazendo mil evoluções graciosas; depois todos juntos entoaram um canto melodioso e encantador, que resoou na vasta cathedral como um côro d'anjos; e um instante depois puzeram-se a acompanhar a dança e o canto com castanholas. Nunca cerimonia alguma religiosa me commoveu tanto como esta. E' impossivel exprimir o effeito que produziam aquellas pequeninas vozes sob aquellas immensas abobadas, aquellas pequenas creaturas ao pé d'aquelle altar enorme, aquella dança modesta, quasi humilde, aquelle vestuario antigo, aquella multidão ajoelhada e aquellas trevas em toda a roda. Sahi da igreja com a alma serena como se tivesse rezado!

A proposito d'esta dança contaram-me uma anecdota muito curiosa. Ha dois seculos um arcebispo de Sevilha, entendendo que não se louva o Senhor convenientemente com castanholas e contradanças, quiz prohibir a cerimonia. Houve alvoroto; o povo gritou, os conegos protestaram em altas vozes, o arcebispo viu-se obrigado a recorrer ao papa. Este, curioso, quiz presencear com os seus olhos o famoso bailado para poder julgar com conhecimento de causa. As creanças foram transportadas a Roma com os seus vestuarios de cavalheiros medievaes, e recebidos no Vaticano, onde dançaram e cantaram em presença do papa. Sua Santidade riu-se, não desapprovou, e querendo satisfazer uns e outros, isto é, contentar os conegos sem descontentar o arcebispo, decidiu que os meninos poderiam continuar a dançar emquanto lhes durassem os fatos e logo que se rompessem, a cerimonia ficava abolida. O ar-

cebispo riu-se lá comsigo e os conegos fizeram o mesmo, pensando n'um meio de mangarem ao mesmo tempo com o arcebispo e com o papa. Com effeito, cada anno mandavam substituir as partes mais usadas do vestuario das creanças, de maneira que nunca se pudesse dizer que o fato todo estava gasto; e o arcebispo, que era um homem escrupuloso e interpretava litteralmente a sentença do papa, nunca se poude oppor á repetição da ceremonia. A dança continuou, continúa e ha de continuar emquanto agradar aos conegos e a Deus.

Quando me dispunha a sahir da igreja, um sacristão fez-me um signal, conduziu-me atraz do côro e indicou-me uma pedra do pavimento, sobre a qual li uma inscripção que me fez bater o coração com mais força. Sob aquella pedra estão enterrados os ossos de Fernando Colombo, filho de Christovão, nascido em Cordova e fallecido em Sevilha a 12 de julho de 1536, com cincoenta annos de edade. Sob a inscripção lêem-se alguns disticos latinos, que querem dizer o seguinte:

«Que importa que eu tenha banhado com o meu suor o universo inteiro, que eu tenha percorrido tres vezes o novo mundo descoberto por meu pae, que tenha embellezado as margens do tranquillo Bétis e preferido uma vida simples ás riquezas, para reunir em torno de ti as divindades da fonte de Castalia e offerecer-te os thesouros recolhidos outr'ora por Ptolomeo, se tu, passando em silencio perto d'esta pedra, nem sequer concedes uma saudação a meu pae e a mim uma doce lembrança?»

O sacristão, que conhecia o assumpto melhor que eu, explicou-me a inscripção. Fernando Colombo foi, muito novo, pagem d'Izabel a Catholica e do principe D. João; viajou nas Indias com seu pae e seu irmão, o almirante D. Diogo, acompanhou o imperador Carlos V nas suas guerras, fez outras viagens na Asia, na Africa e na America, e recolheu por toda a parte á força de trabalho e dinheiro, livros de que formou a sua bibliotheca. Esta depois da sua

morte passou para o capitulo da cathedral e lá existe ainda com o titulo pomposo de *Bibliotheca Colombina*. Antes de morrer elle proprio escreveu os disticos latinos que se lêem sobre a lapide de seu tumulo e manifestou o desejo de ser enterrado na cathedral. Nos seus ultimos momentos mandou buscar cinza e pol-a no rosto pronunciando as palavras da santa Escriptura: *Memento homo quia pulvis es*, entoou o *Te-Deum*, sorriu e expirou com a serenidade de um santo. Senti subitamente vontade de ir visitar a bibliotheca e sahi da igreja.

Um cicerone deteve-me no limiar da porta para me perguntar se tinha visto o *Patio de las Naranjas*, e como eu lhe respondi negativamente, conduziu-me lá. O pateo das laranjeiras fica ao norte da cathedral e é cercado de um grande muro ameiado. Ao centro eleva-se uma fonte no meio de um pomar de laranjeiras, e de um lado, perto do muro, está um pulpito de marmore em que, segundo a tradicção, prégava S. Vicente Ferrer. No local do pateo das laranjeiras, que é muito vasto, esteve a antiga mesquita, construida, ao que se julga, pelos fins do seculo XII. Actualmente nem vestigios restam d'ella. Os sevilhanos vão ali tomar o fresco, *en las ardientes sestas del estio*, á sombra das laranjeiras, nas bordas do tanque; e para recordar o voluptuoso paraizo de Mahomet só resta a verdura deliciosa, o ar perfumado e uma ou outra rapariga de grandes olhos negros, que nos lança um olhar estonteador ao passar vivamente por entre as arvores.

A famosa Giralda da Cathedral de Sevilha é uma antiga torre arabe, construida, segundo se affirma, no anno mil, conforme o plano do architecto Hueves, o inventor da algebra; foi modificada na parte superior, depois da expulsão dos arabes e convertida em campanario christão, mas conservando sempre o aspecto arabe e sempre mais orgulhosa pelo estandarte dos vencidos do que pela cruz imposta pelos vencedores. É um monumento que produz uma sensação de nova especie: faz sorrir. É colossal e impo-

nente como uma pyramide do Egypto, e ao mesmo tempo alegre e graciosa como um kioske de jardim. É de tijollo, de uma bonita côr de roza, quadrada, nua até certa altura e d'ahi para cima ornada de janellinhas mouriscas, geminadas, dispersas como que ao acaso e guarnecidas de pequenas balaustradas, que fazem um bellissimo effeito. Sobre o andar em que assentava outr'ora um tecto de diversas côres, encimado por uma haste de ferro que sustentava quatro enormes bolas douradas, eleva-se o campanario christão, com tres corpos, dos quaes o primeiro tem os sinos, o segundo é cingido por uma balaustrada e o terceiro formado por uma especie de cupula, sobre que gira, á maneira de ventoinha, uma colossal estatua de bronze dourado. Essa estatua representa a Fé e tem n'uma das mãos uma palma e na outra um estandarte, visivel a grande distancia de Sevilha, e brilhante, quando lhe dá o sol, como um enorme rubi encastoado na corôa de um rei titan, que governasse com uma vista d'olhos todo o valle da Andaluzia.

Ea subi até ao cimo, mas lá julguei-me amplamente compensado das fadigas da subida. Sevilha, alva como uma cidade de marmore, cercada de uma grinalda de jardins, de vergeis e de avenidas, no meio de um campo semeado de palacetes, patenteava-se aos meus olhos com toda a pompa da sua belleza oriental. O Guadalquivir, coalhado de embarcações, atravessa-a, abraçando-a n'uma ampla curva. Aqui a Torre do Ouro desenha as suas fórmas graciosas sobre as aguas azuladas do rio, além o Alcaçar mostra as suas torres austeras, mais longe os jardins do duque de Montpensier elevam por cima dos telhados um enorme massiço de verdura; o olhar penetra no circo dos touros, nos jardins dàs praças, nos *patios* das casas, nos claustros das igrejas, em todas as ruas que vêm desembocar em volta da cathedral; ao longe avistam-se as povoações de S. Ponce, d'Algaba e outras que branquejam nas encostas; á direita do Guadalquivir, o grande bairro de Triana; de um

lado, a grande distancia, as cumieiras dentadas da *sierra* Morena; do lado opposto, outras montanhas coloridas de uma infinidade de tintas azuladas; e por cima d'esse maravilhoso panorama o céo mais puro, mais transparente, mais encantador que jámais sorriu ao olhar do homem.

(Continúa).

Edmundo de AMICIS.

A LITTERATA

(HUMORISMOS HESPANHOES)

Meus senhores e minhas senhoras: Conste que já na remota época da minha creação, me deliciava saboreando com glutoneria o dôce licor do peito da minha ama.

Conste que chorava como um desesperado quando me pegava algum individuo do sexo feio, e que lambia os beiços passando as minhas pequenas mãos pelas caras das raparigas bonitas que tinham o capricho innocente de se divertirem, fazendo-me caricias e enchendo-me de beijos.

Conste que alguns annos depois deixava, com frequencia, de jogar o pião e a malha com os rapazes da minha edade, para ir juntar-me ás pequenas que jogavam a cabra cega ou as escondidas.

Conste que os primeiros versos, ou cousa parecida, que me sahiram da penna, foram inspirados por uma mulher, que me fez adivinhar a *Ars amandi* e aborrecer a de *Nebrija*.

Conste que tive uma noiva loura como o sol, de olhos grandes,—muito grandes,—e azues,—muito azues,—tez de neve, cintura flexivel como uma folha de palmeira, e for-

mosura angelical. Sim, meus senhores e minhas senhoras; angelical e não digo tudo.

Não conste que ella me disse que ia fazer dezoito annos quando já tinha feito vinte; mas conste que me deixou por outro, e que continúo a gostar d'ella exactamente como quando eramos noivos.

Estou convencido de que a deducção logica e unica de tudo isto se póde resumir na phrase seguinte: «O fraco de este filho de Adão, são as filhas de Eva.»

E assim é.

Ha homens que davam parte da vida para serem ricos, para alcançarem gloria, para enviuvarem, para sahirem deputados, para entrarem no numero dos titulares de Castella, etc., etc., etc.

Nada d'isso me chama a attenção nem me interessa.

Mas, se todas as mulheres pudessem reunir-se em uma só, e essa tivesse a boa idéa de conjugar em duetto commigo o verbo *amar*, tenho a convicção de que por ella soffreria, de bom grado, mais trabalhos do que os de Hercules, e empregaria. tambem de bom grado, as minhas escassas forças physicas na inutil e pouco divertida tarefa das Danaides.

Não me lembro agora de mais nada para fazer publico e notorio senão que no lemma do meu escudo, parodia ao da casa de Queiroz, se lêem estas palavras: «Depois de Deus as mulheres».

*
* *

Tendo exposto já as minhas idéas a respeito do bello sexo, e vendo-me obrigado a copiar do natural o espinhoso typo da litterata, lavo as mãos, como Pilatos, arranjo a paleta e os pinceis, e começo a estender a tinta sobre a tela estirada.

Permitta Deus que não pareça escripto para o caso o tão repetido verso de Horacio:

Parturiunt montes, nascitur ridiculus mus.

*
* *

Com mais facilidade se descobre em um grão de mostarda o germen de uma arvore gigantesca, do que se surprehendem na creança buliçosa, que traz sempre revolto o collegio que frequenta, os symptomas precursores da litterata.

Sem recordações do passado, sem consciencia do presente e sem preoccupações com o futuro, brinca com as companheiras, ri e faz bulha de atordoar, faz parecer boa a menos applicada e nem as reprehensões e os discursos dos professores lhe eclypsam a ingenita alegria, nem os frequentes castigos lhe dominam a indolencia natural e a propensão para a brincadeira.

Posto que sem grande proveito, dá licções de francez, por ser lingua de melhor tom do que a lingua immortalisada por Cervantes; aprende a escrever caligraphia ingleza porque é de fôrma mais distincta do que a dos exemplares de Iturzaeta, e adquire umas tinturas de fazer flôres artificiaes, *crochet*, bordados de alta eschola (não encontro melhor maneira de os qualificar), e outra porção de ninharias. Tambem a põem ao corrente de como se deve dansar, desde o pausado rigodon até á vertiginosa valsa.

Emquanto ao que podemos chamar costura transcendente, talvez saiba fazer uma bainha menos mal; em materia de cosinha deve aprender, pelo menos, a condimentar aquelle guizado tão fallado pelo celebre Montino, composto, quasi todo, de armações de veado; saberá tambem que *amar*, grammaticalmente fallando, é uma conjuncção copulativa, e *abraço* um verbo reciproco; folheará os rudimentos das mathematicas, e um bello dia chegará a saber que dois e dois são sete, e oito menos oito, trinta e quatro; em historia, geographia e outras materias semelhantes, fará os mesmos progressos que na arithmetica e na grammatica, e a respeito de doutrina christã não deixará

de apreciar em toda a sua força de significação o «perdoa-nos as nossas dividas» e o «eu peccador».

Taes são, em resumo, os conhecimentos da litterata, no dia para ella feliz, em que seus respeitaveis paes ou tutores lhe annunciam que chegou o momento de abandonar o collegio.

O bicho de seda já lavrou o casulo: vamos vel-o transformado em mariposa que rompe a estreita prisão para se mostrar ufana á luz do dia.

***

Reuniões, passeios, bailes, theatros, lojas, eis o que absorve o tempo da que talvez venha a figurar como decima musa.

A exhibição continua traz comsigo a necessidade de vestir com certa extravagancia, e a futura litterata é assignante de um jornal de modas, que lhe serve de guia para se adornar, como a *Correspondencia de Hespanha* lhe serve de recreio á imaginação inquieta.

No primeiro observa que a maior parte dos artigos vêm assignados por senhoras; e no segundo encontra frequentes vezes algum periodo bombastico levando ás nuvens a celebre poetisa A., ou a fecunda romancista B., ou a brilhante oradora C., ou a oradora, romancista e poetisa D.

Um e outro servem de tentação, que a vaidade converte em desejo. Chegando a este ponto a nossa heroina pede livros de versos a todos os seus amigos e conhecidos; compra além d'isso todas as obras que pode, do mesmo genero, e depois de lêr pouco e digerir mal, faz os primeiros ensaios, ora idealisando o seu caixeiro favorito, ora chorando a morte de um fraldiqueiro, ou então amaldiçoando energicamente os sentimentos mais ternos, dos quaes faz alguma idéa, tirada, á pressa, dos livros que consultou. A assignante do jornal de modas transforma-se em collaboradora assidua do mesmo, e depois de um par de annos

de leitura continua, já tem dado á luz versos, contos, lendas, novellas, revistas de modas e até de theatros, em todas as publicações onde tem conseguido encaixar-se, e já deu a si mesma uma patente de genio, unico requisito indispensavel hoje em dia para ser notabilidade.

Entretanto, a fecunda escriptora contrahiu matrimonio e como, rompendo com as exigencias impostas ao seu sexo pelo mundo, não conseguiu alterar em nada os que lhe impoz a natureza, succede que, quando dá á luz em um jornal uma satyra contra os homens, dá tambem á luz na sua alcôva um formoso rapazinho, o qual se não nasce fazendo o panegyrico de sua illustre mamã, em endecassyllabos sonoros, é porque ignora a grande honra que lhe coube em sorte, vivendo tres quartas partes de um anno no claustro que acaba de abandonar para sempre.

Algumas pessoas suppõem, que conquistada a santa e brilhante auréola, que cinge a fronte da mulher quando é mãe, todo esse mundo de sonhos, ficções e bagatellas illusorias com que se alimentam as *almas superiores*, dá immediatameete ás de Villa-Diogo e em casa da litterata não ha outra poesia senão a dos beijos depositados ternamente por uma esposa honrada no rosto de um filho adorado, ou a do abraço com que o chefe de familia estreita ao coração a companheira dos seus pesares e das suas alegrias e o herdeiro do seu nome.

Quem tal imagina não conhece, decerto, nenhuma scena parecida com as seguintes:

***

—O senhor póde procurar quem lhe sirva a casa porque eu vou-me embora hoje mesmo.

—Vaes-te embora?

—Já se vê que sim. Não quero estar aqui nem mais um momento.

—Pois pela porta se vae á rua. Vieste hontem á noite

e vaes-te hoje; por consequencia dando-te tres reaes, fica paga a tua conta á razão de quatro duros e meio por mez.

—Exacto. E se eu soubesse onde me vinha metter, não me tinha demorado cá nem uma hora.

—O que queres dar a entender com essas palavras? O que significam essas palavras? Has-de explicar já essas palavras.

—Ah! então o senhor julga que sou parva?...

—Qual parva nem meia parva? O que julgo é que se não te tiras já defronte da minha vista, faço alguma barbaridade. De quem tens razão de queixa? Já serviste em alguma casa mais socegada?

—Não é isso. É que eu tenho vontade de servir ainda muitos annos, e já sei o que se costuma fazer aqui ás creadas.

—Mas, fala, mulher, o que faço eu ás creadas?

—O que o senhor faz, não sei; mas a senhora... Ella que me agradeça eu ter bom coração e não querer dar parte á justiça! Estava arranjada se eu lhe fizesse o que ella merece.

—Agora é que não saes d'aqui sem explicares claramente tudo o que disseste. Fala, se não queres que te ponha fóra pela janella.

—Pois já se vê que falo! já se vê que falo! A senhora faz tenção de me matar, entende o senhor?... a mim... Como se eu fôsse parva?

—Outra vez!

—Sim senhor, quer envenenar-me. Hontem á noite disse-o a uma amiga que chegou quando os senhores acabavam de tomar café. Mas coitada! Não sabe que contra sete vicios ha sete virtudes, e que eu estava a escutar atraz da porta do gabinete.

—Ah! tu escutas atraz das portas?

—Veja lá se não me serviu agora fazel-o?

—Então cuidas que minha mulher quer dar cabo de ti?...

—Sim, senhor. Cuido, porque o ouvi com estes ouvidos que a terra ha de comer.

—Quaes ouvidos, tu não sàbes nada, não ouviste nada.

—Não! Á Catharina, dizia ella, despachal-a-hei depressr com um veneno. E a amiga que, pelos modos, tem os mesmos figados, dizia: é melhor matal-a com uma punhalada. E a senhora dizia: não, porque n'esse caso será a agonia mais curta, e convem-me que soffra muito. Dizia a outra: não sendo a ferida mortal, póde soffrer o tempo que quizeres. E ella disse: acho que o mais acertado, é um veneno. E a outra tornou: mas eu sou partidaria do punhal n'estes casos. E ficaram questionando com o maior socego a respeito da maneira de me mandarem para o outro mundo, e nem ella, nem...

—Basta! Basta de ella e a outra e de tantos disparates juntos! Não percebeste nada. Essa conversa referia-se a um romance que minha mulher está escrevendo.

—Ah! é um romance? Então por isso é que disseram o meu nome umas poucas de vezes, não é verdade?

—É porque o teu nome é o de uma das personagens do romance.

—Pois sim... o senhor quer enganar-me com cantigas; imagina que sou par...

—Já sei, já sei que não és parva. Ponto final. Ahi tens os tres reaes pelo dia que nos serviste e não me tornes a apparecer em toda a tua vida.

***

—Nada! não consigo acabar esta quadra. Hojc não estou com disposição para isto. Por mais que medite não me occorrem os dois ultimos versos. E o caso é que os primeiros sahiram-me tão bons...

Vamos a lel-os outra vez:

Não é mais dura uma bigorna
Que o teu duro coração

Meditemos: orna... orna... orna...

—Purita!

—Orna... orna... orna...

—Purita!

—Orna... orna...

—Puritaaaa!...

—O que queres, homem, o que queres? Que gritaria! Não posso lá ir.

—Pelo amor de Deus, dá-me outras ceroulas; estas que puzeste aqui estão rotas e falta-lhe uma fita.

—Deixa-me agora em paz. Não posso lá ir.

Não é mais dura uma bigorna
Que o teu duro coração.

—Ó mulher, são onze e um quarto, já devia estar na repartição. Dá-me depressa outras ceroulas, ou visto-me sem ellas.

—Pois sim, é o melhor. Á tarde tens umas promptas: deixa-me agora.

Não é mais dura uma bigorna
Que o teu duro coração.

—Purita!

—Outra vez? Estás insupportavel!

—É que ninguem atura uma cousa d'estas.

—E vens assim dar-me os bons dias? É bem feito que apanhes uma constipação.

—Tomára eu apanhar uma doença que acabe com isto. Olha: as ceroulas rotas e sèm fitas. Olha: a camisa com tres botões de menos. Olha: a sobrecasaca com a nódoa que lhe cahiu ha uma semana, quando entornaste um prato de sopa.

—O que queres dar-me a entender? Eu não casei para me fazer costureira nem para tirar nodoas.

—Pois eu tambem não me casei para transformar a minha casa em um hospital de doidos. Aqui não se trata senão de versos e de prosa e de todas essas frioleiras que te dão volta ao juizo; é preciso que acabemos com isto e sem demora.

—Frioleiras! Foi frioleiras que disseste?... Perdoae-lhe, Musas, é um pobre ignorante.

—Então não são frioleiras, hein? E eu sou um ignorante, hein? E as Musas têm que me perdoar, hein? Pois olha: ou as Musas ou eu, escolhe. Ou as mandas a ellas passeiar, ou eu me vou embora, seja para onde fôr: tudo é preferivel, á tua insupportavel mania.

***

—Peço a palavra.

—Tem a palavra a illustre auctora de quatro volumes de poesias.

—Obrigada. Desejo declarar que o primeiro passo é o unico que apresenta difficuldades. Nós, já o démos; continuemos impavidas até chegarmos ao fim do caminho. Os homens, desde as epochas mais remotas, teem subjugado, escravisado e embrutecido a mulher. E sempre teem tido medo d'ella; é porque no lobrego fundo das suas consciencias perturbadas sempre se ergueu uma voz potente que lhes fez ver a sua inferioridade, a sua ruindade, a sua rapacidade. Sim, minhas sanhoras.

A sua inferioridade, porque o ignobil verdugo é inferior á resignada victima; a sua ruindade, porque é ruim o que estabelece, corrige e augmenta a lei do engano; a sua rapacidade, porque não ha rapina mais escandalosa, mais indigna e mais immoral do que a dos direitos sagrados, inilludiveis e inalienaveis: e nós, as mulheres, temos essés direitos pelas leis justas, sábias e santas da natureza, apesar de não fazermos uso d'elles por causa das leis iniquas, absurdas e ridiculas, dos homens.

—Peço a palavra.

—Não interrompam a oradora.

—Peço a palavra para dizer que está alli uma creada: deseja vêr a illustre poetisa que nos está deleitando com a magia do seu discurso.

—Obrigada. Que espere. N'este momento não ha nada que possa arrancar-me d'esta tribuna. Como ia dizendo, a natureza concedeu-nos tudo e a sociedade deixou-nos sem nada. Quantas vezes, na solidão do meu gabinete de estudo, senti o espirito cheio de indignação generosa e de triste melancholia pensando no grande numero de mulheres eminentes que os seculos teriam produzido, se para nós, como para os nossos tyrannos, estivessem abertas todas as carreiras, todas as sciencias, todas as artes! Quanto deveriam a medicina, a mathematica, a historia, a philosophia, a litteratura, e todos os ramos da sabedoria humana, á nossa vigorosa iniciativa, á nossa esplendida imaginação, á nossa insuperavel força de vontade! Mulheres medicas, mulheres sacerdotizas, mulheres magistradas, mulheres engenheiras. Porque não?... Seriam a felicidade e o orgulho das suas épochas, e a honra e o brilho da humanidade.

—Peço a palavra.

—Não ha palavra.

—É que a porteira d'este circulo litterario acaba de dizer que a creada, de quem falei ha pouco, traz uma vergontea da inspirada poetisa que nos está seduzindo com os encantos da sua oratoria, e o anjinho chora desesperadamente.

—Basta; não ha palavra.

—Mas a creança não se cala se não lhe derem de mamar.

—Silencio! Já disse que não ha palavra.

—Dêem de mamar á creança!

—Que espere! Quem fala aqui em mamar?

—Ordem, ordem, senhoras.

Ha uma saraivada de palavras soltas, uma chuva de gri-

tos agudos e discordantes, e um diluvio de dize tu direi eu, com o qual finda prematuramente a sessão, numero não sei quantos, do circulo litterario do bello sexo.

***

Como por umas cousas se tiram outras, fazemos aqui paragem na exposição de quadros, com a certeza de que os nossos leitores não precisam mais para conhecer toda a galeria que podiamos apresentar-lhes.

Talvez haja alguem que conheça alguma senhora casada, a qual, denominando-se litterata seja muito boa dona de casa e cumpra escrupulosamente todos os seus deveres. Tambem póde haver alguma solteira cubiçosa de corôas de louro, rapariga adoravel, capaz de suavisar a existencia do homem mais exigente e difficil de contentar. Abundam ós exemplos de ambas as especies; mas estas, posto que ellas o ignorem, pertencem á familia das affeiçoadas á litteratura, e entre ellas e a litteratura ha tanta distancia como entre um sacristão e um Pontifice.

A verdadeira litterata é, por essencia, uma chaga social.

E antes que nos citem os muitos nomes dignos de eterno applauso, com os quaes póde orgulhar-se o sexo de Sapho, Santa Thereza de Jesus e Madame de Stael, vamos escrever a nossa opinião sobre a materia, resumida em poucas palavras.

Eil-a:

O talento e o genio não teem sexo. As mulheres pódem escrever obras admiraveis; pódem dar brilho á imprensa, aos livros, á scena. Mas as que o fazem, deixam de ser litteratas na accepção que hoje se dá a este vocabulo, para entrarem no numero dos genios ou dos talentos excepcionaes. Para essas, todos os nossos applausos, todos os nossos respeitos, toda a nossa admiração. Para as que perdem o tempo diligenciando voar sem azas, andar sem pés e ensinar sem saberem nada; para as que pertencem a essa

raça hybrida que possue todas as fraquezas da mulher sem ter os seus encantos seductores, e todos os defeitos do homem, carecendo das suas grandes qualidades, para essas todas as nossas censuras, a nossa opposição e a nossa critica desapiedada.

Bem sei que se riem de mim, que importa? Pago na mesma moeda, e é claro que fico de ganho; porque ellas hão de repartir-me entre todas, e eu carrego com todas juntas, como a romana do diabo.

*
* *

Dou aqui por terminada a minha tarefa. Tenho a convicção de ter provado que adoro as mulheres e que me causam horror as litteratas.

Dar-me-ha muito prazer, meus senhores e minhas senhoras, que lhes não pareça o contrario; e ser-me-ha ainda mais agradavel que o seu modo de pensar, a este respeito, coincida com o meu. Em ultimo caso, se estão convencidos de que me engano completamente lembrem-se do que nos disse um notavel poeta contemporaneo:

Não ha, no mundo traidor,
Nem verdade nem mentira;
Cada cousa tem a côr
Do crystal com que se mira.

P. M. BARRERA.

O MENINO BIBELOT

Quando, na alta sociedade financeira, se soube que a bonita M.me Tichler estava «no seu estado interessante», a surpreza foi a primeira sensação causada por essa noticia.

Em primeiro lugar ninguem julgava capaz de tal façanha aquelle sacco de batatas do Tichler que, aos cincoenta annos feitos, casara com uma mulher muito nova. E depois, para que casara elle, exactamente quando acabava de mandar construir um palacete, na rua Prony, destinado á sua protegida Luiza Cavalier — ou antes Elisa Navet, — a esplendida comadre da Revista do anno, cujo titulo suave: *As-tu fini, bouffi?* resplandecia em todas as columnas Morris? Mas Tichler era manhoso e sabia o que fazía tornando-se genro de um dos corretores de cambio mais honrosamente conhecidos na bolsa de Paris, de um corretor de cambio quasi pobre, que não dava á filha mais de duzentos mil francos de dote. Sim, Tichler fazia um excellente negocio misturando com os seus milhões mal afamados algum dinheiro bem adquirido; e agora, quando via sentar-se á sua mesa, nos jantares a que sua mulher presidia, tabelliães honorarios e directores do Banco, ria por entre

as suissas grisalhas e deixava expandir o ventre cheio de trufas, lembrando-se do tempo em que, adelo judeu chegado recentemente de Francfort, gritava: «Ferro velho!» pelas viellas tortuosas do Bairro-Latino, com dois ou tres pares de calças ao hombro, e uma velha trompa á Dampierre.

É verdade que a bonita mulher de luxo que adquirira lhe sahia muito cara, e a conta do ourives ou da modista obrigava-o, ás vezes, a fazer uma careta; mas, logo em seguida, lembrava-se de uma boa operação que as suas novas relações lhe haviam permittido emprehender, com um soberbo conselho de administração, cheio de antigos prefeitos e de nomes seguidos pelo signal da Legião d'Honra; e, pensando na liquidação final que se annunciava fructuosa, dizia, rindo com o seu riso arrastado e pegajoso: «É tudo ganho.»

Por isso, a sua felicidade nada teve de equivoca quando sua esposa lhe annunciou que ia tornal-o pae, e, logo que a gravidez se declarou, recebeu correctamente, com um ligeiro orgulho que convem, n'esse caso, a um quinquagenario, as felicitações dos jovens bolsistas de golas de pelle de lontra, que o cumprimentaram, chamando-lhe felizardo, debaixo do peristylo da Bolsa.

Comtudo, uma doidivanas encantadora como M.me Tichler não se combinava com a ideia da maternidade. O que? Pois ia ter um bébé, aquella fina Parisiense de olhos azues e tez côr de limão, que inventara, para as suas *toilettes* dos jantares, um decote tão provocante, em az de espadas; ia ser mãe, aquella rainha dos *cotillons*, que, em um basar de caridade, vendera por vinte e cinco luizes ao mais jovial dos financeiros o direito de pousar os labios na pelle morena do seu braço roliço, para cima da comprida luva de pelle de Suecia! A velha M.me Bader, a peior lingua do bairro de Saint-Honoré, que, no dia da assignatura do contracto de M.me Tichler, dissera esta phrase memoravel: «Aquella mulher ha de ser horrivel aos cincoenta annos!»

a velha M.me Bader declarava a quem queria ouvil-a que semelhante «telhuda», para não dizer peior, era incapaz de cumprir os seus deveres de mãe de familia.

* * *

Pois não foi assim. Aquella fada Carabosse enganou-se na predicção, ou, pelo menos, pareceu enganar-se, nos primeiros tempos. M.me Tichler deu á luz — um robusto rapaz, nada menos, — e o nascimento de um Delfim de França, com o cordão azul no berço, uão teria sido mais festejado do que o do pequenino Gustavo. É verdade que, quando o «principe da sciencia», depois de mandar lavar e vestir o recemnascido, o apresentou á parturiente, — calvo, sem dentes, com os olhos fechados, a pelle vermelha e enrugada como uma maçã de conserva, — M.me Tichler exclamou: «Ai, meu Deus! como é feio!» O instincto maternal, porém, foi mais forte, e a doente, de uma pallidez tão interessante, encostada ás almofadas, beijou sem repugnancia aquelle ser de cinco minutos, que tinha, n'esse momento, a physionomia de um velho membro da Academia das Inscripções e Bellas-Lettras.

O pae mostrou-se correctissimo em todo aquelle negocio, deu provas da ternura mais conveniente, e parece-me, até, que chegou com um quarto de hora de atrazo ao perystilo da Bolsa, onde tinha n'esse dia uma entrevista importante com o bolsista Sedel-Mayer, o formoso Semita de barba frizada, que se parece extraordinariamente com o rei Assur-Banipal, como se póde vêr no Louvre, nos monumentos do Museu Assyrio.

— A ama?... Onde está a ama? exclamou a parturiente, logo que o joven academico soltou os primeiros vagidos.

A ama já estava ali, préviamente escolhida pelo «principe da sciencia.» Era uma Picarda de quadris enormes, seio monstruoso e pelle côr de damasco sujo, com uma

touca de creada de hospedaria e um vestido de algodão ás ramagens, verdadeiramente horroroso.

— Está medonha, minha querida... Mas havemos de arranjal-a melhor.

Tratou-se d'isso immediatamente. A creada de quarto, que estivera nas praias bretãs, com a senhora, lembrava-se do trajo das mulheres de Concarneau.

— A senhora sabe como é .. O colete e a jaleca azul sem mangas, um pouco á moda dos zuavos, com um galão amarello a desenhar os hombros.

— Lembras bem, Fanny... E a touca, sobre tudo é magnifica.

***

Quinze dias depois — era nos fins de abril e estava um tempo admiravel; os castanheiros dos jardins publicos já tinham os seus cachos de flores brancas e côr de rosa, — a ama do filho de M.me Tichler causava sensação no parque Monceau. Com a touca á moda das sardinheiras — um pintor, amigo da familia Tichler, fizera um pequeno esboço — a Picarda assemelhava-se a uma fragata de oitenta canhões, vogando vento em pôpa e tendo largado todo o panno.

A formosa M.me Cerf, que acabava de dar á luz uma menina, tentou luctar e vestiu a sua ama de mulher de Frisa, com um capacete dourado. Mas todas as mamãs concordaram em que o trajo bretão tinha muito mais estylo. Foi um «fiasco» para M.me Cerf.

Entretanto, o bébé, envolvido em rendas, perdia cada vez mais a physionomia de archivista-paleographo, envelhecido a decifrar os cartorios do seculo XII. Começava a apertar com grande energia, na sua mãosinha de macaco, o dedo grosso e rugoso da ama; a bôcca esboçava o sorriso tão affavel dos pequeninos, e os olhos, já bem abertos, eram d'esse azul adoravel que prova claramente que as creanças vêm do céo.

A mãe, agora, começava quasi a amal-o. Afinal, nunca tivera boneca mais bonita, quando era pequena, e tinha muita mais graça do que os bébés de cabeça de esmalte aos quaes se aperta o estomago para os obrigar a dizer: *Papá, mamã*. Redobrou de coquettismo e nunca se viu creança mais bem vestida e enfeitada. No dia do baptisado —todos aquelles Judeus são convertidos, ou pouco menos— houve uma metralha de confeitos. Sedel-Mayer, o padrinho, estava um pouco embaraçado por causa do *Credo*, mas a ceremonia realisou-se em uma egreja elegante — Santo-Agostinho ou a Trindade, — e o padre, bom Parisiense sceptico, arranjou as cousas dizendo de um fôlego:

— Quer ser christão? Diga: Quero. Renuncia as pompas de Satanaz? Diga: Renuncio. Recite comigo o *Credo*. *Credo in inum Deum*, bla, bla, bla, bla, bla, *et vitam æternam. Amen.*

M.me Tichler, n'esse dia, tinha um chapeu encantador, e tudo se passou ás mil maravilhas.

Realmente, a velha M.me Bader, que todos aquelles senhores detestam por causa do seu costume de fazer batota ao whist, era uma creatura bem maldosa. Calumniara M.me Tichler. Pobre mulhersinha! Ella adora o seu bébé, não é verdade, minha querida?

Sim, gostava d'elle, mas como de um *bibelot*, exactamente como de um *bibelot*. Porque, já se vê, uma pessoa tão elegante, tão «moderna» — como se abusa d'esta palavra, santo Deus! — uma pessoa que andava tanto em moda, não podia deixar de ser doida por *bric-à-brac*. É a mania actual, que não tem relação alguma com o sentimento da arte, mas que permitte á maior parte das pessoas ricas fazerem crêr aos seus amigos e pensarem ellas mesmas que apreciam as cousas raras e delicadas, preenchendo assim o vacuo terrivel do seu espirito e do seu coração.

Portanto, como é de suppor, os *bibelots* atravancavam os gabinetes e as salas de M.me Tichler; era até muito incommodo, e, quando se ia visital-a, no seu «dia», era preciso

ter cautela com o mais leve movimento, não se quebrasse um copo de Murano ou um velho Ruão precioso, não falando nas cadeiras, todas de «época» e incommodas como instrumentos de tortura. O japonismo tambem dominava em casa; M.me Tichler iniciara, até, seu marido nos bronzes e nos biombos, e, ás vezes, encontrava-se o antigo «ferro velho» no hotel Drouot, disputando aos rivaes, no ardor dos lanços, um lote de albums ou de copos de sabre.

***

O pequenino Gustavo tornou-se, depois, um *bibelot*, o mais formoso da collecção da bonita M.me Tichler.

Logo que começou a andar, a mãe deu livre carreira ao seu talento de *costumière* e o bébé foi vestido como um dançarino de bailado. As aves das ilhas espalharam, nos seus chapeus, as suas azas matisadas; as pedras do Rheno brilharam nas fivellas dos seus sapatos; teve golas de rendas caras, vestidos de veludo *mordoré* e de setim *vieil or*, e, aos dezoito mezes, calçou luvas. Como, porém, tinha umas bellas pernas e era preciso que lh'as admirassem, andava com ellas nuas, de verão e de inverno, e gelava como o filho de um miseravel.

Por toda a parte era um clamor de elogios. Como se haviam enganado a respeito da encantadora M.me Tichler! Não havia mãe que a excedesse em ternura; o filho era um encanto... E está crescido, sabem?... Não o viu, minha querida amiga, com o seu vestuario de Incrivel, no baile de creanças que houve em casa dos Pereiras? Como estava engraçado, com a luneta de cabo e a bengala em espiral!

Porque fazia parte de todas as festas, agora, o menino *bibelot*.

Os bailes de mascaras, imaginem, que occasiões de apresentar *toilettes*! Já o tinham admirado em cortezão do tempo de Henrique III, em abbade á Luiz XV, em *magyar*, em

camponez dos Abbruzos. Era um formoso rapazinho, não se podia negar, com a sua floresta de cabellos escuros e os seus olhos profundos como um lago. Tambem, torna-va-se celebre; já se dizia: «Bonito como o filho de M.me Tichler», e, quando completou cineo annos, a mãe não poude conter-se: mandou fazer o seu retrato.

Hão de lembrar-se do successo. Era a primeira exposição depois da guerra, e o illustre pintor Petrus Bertran talvez nunca assignasse um quadro mais bello. Logo no primeiro dia todos lhe ficaram chamando: *O menino branco*. Effectivamente, o artista executara, com os pinceis e a palheta, o mesmo prodigio que Theophilo Gautier executou com a penna, quando escreveu as estrophes delicadas da *Symphonie en blanc majeur*. De pé sobre uma pelle de urso polar, e collocado em frente de um reposteiro de seda branca, a creança, de sapatos brancos, blusa de veludo branco e um grande chapeu de feltro branco ornado com uma pluma de cysne, tinha em uma das mãos um ramo de lirios e encostava a outra a um grande galgo da Syria, branco como elle.

O publico qualificou de obra prima — não se enganava, por acaso — aquella orgia de brancuras, e Petrus Bertran foi condecorado.

A bonita M.me Tichler, louca de alegria e de orgulho, não se tirava do palacio dos Campos Elyseos, arrastando sempre comsigo o pequeno Gustavo, vestido, já se vê, como no retrato.

Passava, orgulhosa, no meio de um murmurio de admiração:

— Olhem... é elle... vae ali, o menino branco!

E encontrava pessoas conhecidas.

— Ah! minha querida amiga, que successo!.. abafa-se defronte do quadro... é uma maravilha!

E todas beijavam o pequenino modelo que, farto de andar havia duas horas, tinha o estomago vasio e bocejava de fadiga.

*
* *

A datar d'esse momento, o menino *bibelot*, cuja gloria estava no apogeo, acompanhou sua mãe para toda a parte no turbilhão de prazeres que a envolvia; pertenceu ao Paris-elegante. Nos dias de corridas, cego de poeira, embriagado pelo ar livre e aturdido com o barulho, morria de aborrecimento, sentado no *landau*, e, nas primeiras representações, o seu rosto pallido e cheio de somno destacava do veludo encarnado da frisa. Era celebre, agora, em todos os pontos de reunião elegantes, em Nice, nas estações d'aguas, nas praias da moda; e, quando os estalajadeiros de Luchon o viam passar, vestido de guia dos Pyreneus e montado em um burro de aluguer, on quando os donos das hospedarias de Trouville o avistavam, com um garrido uniforme de marinheiro, observando uma partida de *lawn-tennis*, esfregavam as mãos, dizendo:

—Cá está o Gustavinho Tichler... a estação ha de ser boa.

Entretanto deccorriam os annos, os irreparaveis annos! O pequeno Gustavo, tendo crescido de repente, ia vêr-se na necessidade de abandonar o eterno carnaval em que vivera até ahi, e foi preciso pensar em transformar o elegante bonequinho em um rapazito vestido como os outros, pouco mais ou menos. M.me Tichler — estava um tanto acabada, ha uns annos para cá, a bonita M.me Tichler — achou ainda um expediente para o *toilette* de seu filho ser notado; adoptou a jaleca e as calças pretas, o grande collarinho branco voltado para baixo e o chapeu alto, canudo de fogão, trajo que se vê, ao domingo, no bairro do Arco-do-Triumpho, em *boys* bochechudos que vão a algum *officio divino*, celebrado em uma casa particular na porta da qual se lêem, em uma chapa de cobre, as seguintes palavras: «O culto é no terceiro».

Mas, decididamente, aquella lingua de vibora da M.me Bachler — a proposito, ella deve ter uma idade assustadora;

dizem que concedeu favores a Casimiro Périer! — mas aquella lingua maldita tinha razão quando affirmava que o amor maternal de M.me Tichler não era solido. Depois de disfarçado em *boy*, o menino *bibelot* assemelhou-se extraordinariamente a um homemsinho, e as amigas intimas da mãe não deixaram de fazer essa observação.

— Ah! que rapaz tão crescido que tens aqui!... Como isto nos envelhece!

Tanto que se metteu o Gustavo no collegio, e, em outubro passado — como o tempo vôa! — começou a estudar o segundo anno...

Agora é um rapazote de quinze annos, pelo menos. Embrutecido pelo internato, é um alumno detestavel que se esconde pelos cantos para fumar cordões de sapatos, e está constantemente prohibido de sahir.

A mãe não se queixa muito d'este ultimo pormenor; não gosta de mostrar aquelle collegial com as calças muito curtas por estar sempre a crescer. Quando, por acaso, não está de castigo, ao domingo, e chega a casa, — não tem sorte, — os paes teem ido jantar fóra. Põem-lhe o talher no fim da mesa, na enorme casa de jantar. Depois, no meio do salão vasio, mal illuminado por um simples candieiro, espera que o creado de quarto venha buscal-o para o acompanhar ao lyceu, e, vendo brilhar vagamente na sombra o quadro do *Menino branco* que lhe recorda o tempo em que a mãe parecia gostar d'elle, chora, aquelle rapaz crescido a quem já desponta o bigode!

Pobre menino *bibelot* que deixaste de agradar!

François COPPÉE.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

SEGUNDA PARTE

(Continuação)

IV

Era verdade... Dir-se-hia um porto immenso illuminado aqui e acolá pelos pharoes dos navios. A sombra vagamente luminosa transformava a paizagem, e de um horisonte simplesmente pittoresco fazia uma decoração illusoria.

Estiveram-a admirando muito tempo, encostados um ao outro. Impregnava-os a poesia d'essa noite; rejuvenescia ella os seus corações de amantes, tornava-os aptos para se commoverem, como no melhor tempo do seu amor... Calavam-se todos os ruidos; mas as janellas das *villas* proximas illuminavam-se ainda. O que abrigavam ellas, essas casas tão proximas da sua? Gente differente d'elles, a quem nunca tinham visto, cujos costumes, cujo pensamento, cuja lingua mesmo lhe eram estranhos. A terra que pisavam, não era a sua terra; não estavam presos a esse solo, a esse céu, a essa paizagem senão por um laço fugitivo, por um acaso sem ámanhã. Eram passantes, ignorados, indistinctos e sós; mas eram sós um com o outro, cada um só

com o ente, de quem, apesar de tudo, tinha a certeza de ser mais amado. O futuro podia separal-os, fazel-os soffrer; não importa, teriam tido antes essa suprema véspera de ternura; poderiam dar um ao outro esse testemunho, de que na vespera das catastrophes tinham reciprocamente olhado para o interior da sua alma e averiguado que se amavam bem.

Agora as massas de arvoredo, cada vez mais negras sobre o céu cuja alvura se tornava mais brilhante, appareciam como cabos gigantes, dominados por cristas de rochas phantasticas. A brancura de um oceano de sonho rolava ondas de luz dispersas, cada vez mais pallidas... No extremo horisonte luziam fanaes electricos, parecendo signaes de pharoes. Mauricio e Julia chegaram assim á *villa*. Sim, elles eram em verdade os viajantes d'esse mar de sonho que acabavam de contemplar; o acaso, como uma tempestade, tinha-os atirado a essa praia, e naufragos ambos, sentiam que eram um para o outro toda a patria. Não sei o que havia de grave, que os tornava silenciosos n'esse isolamento. Despiram-se, e estenderam-se um ao lado do outro com uma ternura purificada; e o beijo que trocaram, n'essa primeira noite de exilio, foi um dos mais apertados e pungentes, que jámais os seus labios haviam dado.

No dia seguinte, acordou-os uma fresca e brilhante manhã. Uma fita de sol, deslisando e insinuando-se pelas persianas entreabertas, brincava ao pé dos dois leitos. Sorriram um para o outro; entrelaçaram os dedos; a quietação d'esse despertar admirava-os e arrebatava-os, Quem os visse sentados, uma hora depois, no terraço da *villa*, tomando o chá da manhã, conversando como esposos, não suspeitaria as torturas que esses dois entes tinham soffrido um pelo outro, e a inquietação surda, que os devorava ainda. Inquietos? Sim, apesar de tudo, mas de uma inquietação negada pela vontade, como a tem os convalescentes para a recahida possivel. «Quem m'o tirará agora?» pen-

sava Julia, tão altiva, tão alegre por havel-o recuperado, que desafiava o futuro. E Mauricio, feliz por encontrar um abrigo contra os maus desejos, pensava tambem, embora com menos fé: «Tirar-me-hão do lado d'ella, agora?...»

Comtudo, esse coração ancioso, antes mesmo de estar apaziguada a primeira effusão, já temia o vasio das horas. Não o tedio, o tenaz roedor que o tinha devorado em Homburgo; nunca o conhecera ao pé de Julia; passaria dias inteiros a sonhar sem dar uma palavra, com a cabeça encostada áquelle querido peito. Ah! era do seu proprio pensamento mesmo que elle tinha medo; tinha experimentado já que, dos sonhos interdictos, nem mesmo os braços da sua grande amiga o defendiam. Quantas vezes, nos braços d'ella, a tinha atraiçoado, acariciando com o seu desejo a outra mulher, a rival?

Disse a Julia:

— Cronberg não é um logar de prazer, minha querida. Nem casino, nem parque. Uma paizagem pittoresca e mais nada. Mas nada nos impede, quando quizermos, esta noite por exemplo, de tomar o comboio para Francfort. A opera é celebre. Podemos ir tambem a Homburgo, onde ha um bello Kurhaus.

Julia pegou-lhe na mão:

— Não, fiquemos aqui.

— Eu, tambem, gósto mais d'isso. O que temos, porém, é de nos contentar sómente com passeios como unico passa-tempo.

Ella interrompeu-o:

— Então eu preciso de passatempos quando estou ao pé de ti?

— Dizem que os arredores são bonitos, continuou elle, sem responder a essa censura... Não os conheço; mas comprei em Homburgo uma carta do Tauno. És boa caminhante?

— Comtigo, respondeu ella, irei seja para onde fôr.

N'esse mesmo dia experimentaram. Almoçaram no mes-

mo restaurant que na vespera, ciosos de tornarem a encontrar a deliciosa sensação de apaziguamento, de união nupcial, que ahi tinham gosado. Era a taverna germanica, sempre a mesma, n'aquellas aldeias pittorescas da região do Rheno: a sala grande com o fogão de faiança, ornada com os retratos do imperador e dos fundadores da unidade allemã; o jardimzinho de caramanchões, com mesas cobertas por toalhas brancas e vermelhas. Os hospedeiros eram serviçaes e honrados; a cosinha, um pouco pesada, pareceu-lhes saudavel, e a propria extravagancia d'ella os divertiu, regada com vinhos deliciosos que lhes serviram em garrafas de comprido gargalo. O seu rir, que ás vezes retumbava, surprehendia-os a ambos. De quando em quando, Julia extendia a mão a Mauricio dizendo-lhe: «Oh! meu querido, que felicidade estar aqui. Não posso crer que isto seja verdade!»

E com essa felicidade Mauricio sentia-se verdadeiramente feliz.

Voltando ambos á villa Teutonia, depois de terem acabado o almoço, descançaram um pedaço antes de emprehenderem o seu primeiro passeio. Dobrados sobre a carta do Tauno-Club, orientavam-se, avaliavam as distancias. As excursões notaveis estavam traçadas a côres em linhas pontuadas. As estradas apresentavam egualmente signaes, pintados nas arvores ou nas casas, que serviam de pontos de referencia aos viajantes. Mauricio decidiu que, d'essa primeira vez iriam a Falkenstein: é a pequena aldeia mais proxima de Cronberg; o guia encarnado dizia; «um dos mais bonitos sitios dos arredores.»

Partiram, Mauricio apoiando a mão sobre o braço de Julia, como em Paris, quando subiam as ladeiras de Belleville ou de Montmartre. Ao principio os seus passos foram vagarosos, passinhos de passeiantes com pouca pressa de chegarem ao fim. Depois, com a seducção do caminho, com o desejo de dilatarem o seu horisonte, começaram a andar mais regularmente e mais depressa. A estrada subia, em

rampa suave, a vertente de uma collina arborisada que lhes encobria o panorama á direita; á esquerda, a encosta morria em relvado prodigiosamente verde para a estação, até aos massiços que formavam o flanco de uma outra collina. Em breve surgiu outro caminho mais apertado, o qual penetrou sob o arvoredo. Era o caminho de Falkenstein.

Penetraram n'elle, lado a lado, de mãos dadas e dedos entrelaçados. Julia tinha as faces rosadas, os cabellos semi-desprendidos debaixo do seu chapeu de palha; algumas gottas de suor lhe orvalhavam a testa como pequenas perolas. Sorria, um pouco fatigada na subida. Mais uma vez Mauricio, olhando-a, pensou: «Como é bonita! Tem vinte e cinco annos!» Admirava a frescura do seu rosto, o vigor dos seus membros, toda a sua graça robusta. Offereceu-lhe os labios; ella, dando-lhe os seus, percebeu-lhe nos olhos aquella faisca de desejo, que tanto a assustava nos primeiros mezes do seu amor, que havia tanto tempo n'elles se tinha extinguido, substituida pelo clarão placido da ternura; e d'esta vez como que esplendeu para ella um astro de esperança.

«Meu Deus! graças, meu Deus! elle ama-me!»

Ella adorou-o por esse beijo de amante; adorou aquelle caminho onde elle sentira o desejo de lh'o dar, a floresta cumplice que a tinha abrigado, e aquella risonha terra de exilio onde o seu amor creava raizes novas.

Jantaram em Falkenstein. Quando entraram em casa, a noite cahia. Um pouco fatigada, Julia deitou-se immediatamente. Mauricio retirou-se sósinho para o terraço. «Só o tempo de fumar um cigarro,» disse elle. Atormentava-o um desejo de solidão, depois d'aquelle dia em que, velado pelos olhos ternos da sua amante, tinha apenas ousado pensar: solicitava-o já a necessidade dos sonhos prohibidos. Não quiz concordar comsigo mesmo. «Esta paizagem é d'um romantismo delicioso,» dizia elle comsigo, observando sob o pallido véu lunar o sitio que, na vespera, el-

les tinham contemplado juntos. Mas um não sei quê d'esse pensamento complexo vagueava bem longe de Cronberg e da Allemanha.» Onde estará Rieu, n'este momento? Ao pé de Clara. Tel-a-ha pedido a Esquier? Terá ella respondido?» Elle não tinha ousado fazer nenhuma d'essas perguntas a Julia; e comtudo não podia viver sem saber isso. Representava no seu espirito, Clara sentada, depois do jantar, no salão musgo, sobre o divan onde ordinariamente costumava conversar com Rieu. D'ella não via senão os olhos castanhos, as grandes sobrancelhas, os cabellos negros; mas via-os com uma nitidez extraordinaria, mais nitidamente ainda do que se vê a realidade. E Rieu falava de casamento, de futuro.

«Não se ama um barão de Rieu, pensou Mauricio. Rieu é uma especie de ecclesiastico, um prégador leigo que enfastia as mulheres. Nunca ella ha de casar com esse padre gorado.»

«Então, o que seria o futuro? Estava visto; o futuro seria, depois d'essa crise passageira, a continuação natural do presente: duas mulheres o teriam, a elle, Mauricio, para pólo unico; viveria entre ambas ellas, aquecido no seu duplo calor.

«Para que é preciso mudar esta vida, meu Deus? Porque não havemos de ter descanço? Não tirarei nada a Julia. Não pedirei nada a Clara.»

Mas immediatamente, os olhos pretos, os cabellos pretos, os labios extremamente rubros o tentaram. Deixaria elle murchar essa flôr, sem a aspirar?

Os dias subsequentes a esse primeiro dia passado juntos pouco differiram. Mauricio e Julia levantavam-se tarde, almoçavam no hotel; immediatamente depois, partiam a pé para uma excursão resolvida de manhã. A paizagem que atravessavam mudava de cada vez, valle coberto de herva, prado assombreado de castanheiros, floresta de carvalhos ou de pinheiros... Sobre os monticulos verdes, er-

guiam-se rendas de pedra, restos de castellos legendarios; mas por toda a parte o horisonte era pacifico, o valle sorridente, um bom refugio tranquillo para os atormentados da vida. Tanto quanto podiam sel-o, n'esse momento eram felizes. Então, porque era que uma inquietação crescente os confrangia com mais estreiteza á medida que as horas se accrescentavam ás horas, uma inquietação que elles não ousavam confessar reciprocamente, e da qual nem mesmo sabiam o nome? Era o terror impreciso, informulado, de dois viajantes, que, avançando um ao lado do outro sobre um banco de areia, sentem os pés enterrar-se a cada passo que dão, temendo dizel-o um ao outro, com receio que o companheiro confirme a angustia, dizendo: «E eu tambem!» Essa extranha nevralgia da alma, parecia-lhes que a attenuariam confessando-a; mas uma força mais poderosa que o seu desejo e que a sua razão lhes sellava os labios, e nenhum d'elles achava coragem para soltar o grito de angustia: «Tenho medo, tranquillisa-me!» Medo de quê? De uma força mysteriosa, invencivel, que, sob as vãs apparencias da sua recente união, trabalhava assiduamente em desunil-os. Sim, tal era o seu mal. Esses dois seres que dormiam, que acordavam no seio um do outro, que durante todo o dia não falavam senão entre si, esses dois amantes, que todos tomavam por esposos, estavam intimamente roídos pelo presentimento da separação inevitavel. Era uma cousa que havia de vir ou d'elle ou d'ella, que talvez não viesse d'elles, mas o que era certo é que se separariam.

Occultavam um ao outro o seu mal; mas, ás vezes, no decurso dos seus passeios quotidianos, a emoção disputada por um logar, ou simplesmente um transporte imperioso que os lançava nos braços um do outro, rasgava bruscamente o véu da sua consciencia. Abraçavam-se então com uma paixão de desesperados, e rolavam-lhes as lagrimas pelas faces... Não perguntavam: «Porque choras tu?» Apertando-se d'esse modo, parecia-lhes que reteriam

entre si, por um pouco de tempo, o phantasma indeciso da sua ternura.

Ao mais doloroso d'esses abraços, a sua recordação, mais tarde, devia unir indissoluvelmente a decoração de um canto de paizagem, enlre Kœnigstein e Schonhein. E' o valle que se chama o Billthal, por causa do regato que o formou. Subindo o Bill, um pouco ao norte de Kœnigstein, de repente penetra-se na floresta; o regato salta ao nosso encontro em espuma de furta-côres, esverdeada pelo reflexo dos ramos, ou então estende-se em toalha oleosa, deixando transparecer os calhaus do leito. Um caminho que corre ao longo d'elle passa de uma margem para outra sobre pontes de troncos de arvores. A vegetação florestal, avivada pela frescura da agua, veste de verduras e de flores as paredes do estreito valle, e essa agua, ora vertiginosa, ora dormente, batendo de frente as rochas, ou roçando preguiçosamente pelos caniços da margem, enche-o de um murmurio instavel e modulado como uma voz.

A meio caminho, n'esse longo corredor verde, a margem direita alarga-se, cava-se em entrada de capella; e sob a abobada dos ramos ergue-se uma pequena columna, ornamento de uma sepultura. Um poeta hungaro, passando um dia por esse logar, imaginou que não podia haver outro mais desejavel para o repouso da morte. Mais tarde, mãos piedosas trouxeram seus restos para a beira do regato, que elle havia amado tanto, edificaram o tumulo, e ao lado d'elle puzeram um banco de pedra,— afim de que o somno do poeta fosse embalado ainda, no alem da vida, pelas palavras dos peregrinos e pelos segredos dos amantes.

Ali, sobre esse banco funerario, Mauricio e Julia tinham-se sentado, depois de terem seguido, com as mãos unidas, a margem do Bill. D'esse ponto, o regato apresenta-se obliquamente á vista, circumdando o angulo arredondado de

uma parede lisa, como faria a agua de uma urna inclinada. Era a hora media da tarde; uma chuva de sol peneirava-se através das verduras entrelaçadas; raros pipillos d'aves faziam sobresahir as suas notas agudas sobre o som mais grave da agua corrente.

Bem póde a natureza cada anno despojal-os e rejuvenescel-os, os sitios teem uma alma immutavel, que fala a todas as almas humanas com a mesma voz, e lhes suggere, mais ou menos intensos os mesmos sonhos...

N'esse local onde o poeta magyar tinha sentido outr'ora a melancolia do viver, o desejo do somno mortal,—esses dois amantes exilados encostaram as suas cabeças uma á outra com a mesma fadiga da lucta, o mesmo desejo do repouso, do esquecimento. Oh! parar ali e não se moverem mais, não avançarem mais, não caminharem para o futuro! Como, em torno d'elles, os acontecimentos pareciam apertar as suas rêdes, como se sentiam votados a uma separação que os seus corações repelliam, para quê viver, para quê dar um passo mais para ámanhã?

Esses pensamentos, que elle lia ao mesmo tempo em si mesmo e no rosto de Julia, foram tão dolorosos para Mauricio, que elle procurou, por meio de palavras, romper o encanto:

—Porque me não falas, minha amada? disse elle. Não achas bonito, este canto de valle?

Ella respondeu:

—Acho. E' muito bonito. Mas tenho um pesar muito grande.

E elle, não procurando vãs dissimulações, replicou:

—E eu tambem.

Olharam-se algum tempo, de mãos dadas. Minava-os a mesma incerteza; deviam dizer o segredo que lhes pesava, romper a tregua? Depois haviam de soffrer, bem o sabiam; mas haviam de soffrer de outro modo, não haviam de suffocar debaixo d'aquelle peso horrivel; talvez pudessem falar um ao outro do seu mal.

Mauricio perguntou, e teve consciencia que destruia o fraco asylo do seu repouso:

— Escuta. Eu não te quero affligir. Sou teu, sabes; bem teu! Quero esquecer tudo quanto não sejas tu. Sómente... ha uma cousa que me atormenta, uma cousa que eu não sei... E quando eu a souber, asseguro-te que nada mais me attrahirá o espirito para fóra d'aqui, nada, nada.

— Pois bem... pergunta-m'a!

Ella disse isto com resignação, como teria dito: «Fere-me!»

— E' só uma palavra, proseguiu apressadamente Mauricio, covarde bastante deante do seu desejo para ser capaz de lhe recusar o sacrificio. E esqueceremos depois, não é assim? o que eu te perguntei e o que tu me respondeste. Promettes esquecer?

— Prometto.

— Pois bem!... quando deixaste Paris, só quero saber isto e nada mais, Rieu já tinha voltado da Bretanha?

— Já.

— E tinha ido a tua casa?...

— Tinha.

Ia ainda para perguntar: «E esteve com Clara?» mas a espantosa afflicção de Julia paralysou-lhe a pergunta nos labios. Não a proferiu; ella comtudo ouviu-a, adivinhou-a. Grossas lagrimas, apesar do seu esforço para se conservar tranquilla, lhe rolaram ao longo das faces.

Elle não bebeu aquellas lagrimas ao brotarem dos olhos, como tantas vezes fizera. Não se inclinou mesmo para ella afim de consolal-a. Sentia que ella o repelliria; depois não tinha consolações a offerecer. E assim ficaram, lado a lado, immoveis e silenciosos, ao pé d'aquelle tumulo, n'aquelle sitio estranho, cuja graça romantica os não tocava.

De repente, o frio do crepusculo, insinuando-se atravez dos ramos, erguendo uma pallidez de nebrina sobre o leito do regato, surprehendeu-os, fel-os estremecer. Era o sol que se afogava no poente. Desde quanto tempo estavam

elles, pois, sentados alli, tão renunciados da esperança que esqueciam até mesmo a vida? E que sonhos tinham elles proseguido durante essa estação de immobilidade e de silencio? O mesmo; mas esse não o confiaram elles um ao outro; o sonho da morte dos amantes, lado a lado, quando ambos comprehenderam que para o seu amor não ha já logar na vida!

D'ahi em deante foi para elles, lentamente, a subida commum ao calvario; no alto d'esse calvario, agora é que o sabiam, havia de ser crucificado o seu amor. Julia expiou os gestos, as palavras de Mauricio, e, até mesmo as mais indifferentes interpretou-as para explicar aquella alma incerta. Commetteu assim toda a especie de desacertos que infallivelmente inspira a ternura inquieta. Surprehendia Mauricio, devaneiando, com os olhos vagos, atraz de uma phantasia; pensava: «E' Clara que elle vê, que elle está olhando.» Então, sem deixar de perceber que a sua pergunta o incommodaria, não podia eximir-se a perguntar-lhe:

— Em que pensas tu, meu amigo?

E a resposta vaga de Mauricio: «Em nada...» ou então: «Em ti, minha querida...» aguçava as suas suspeitas.

Emquanto ella procurava assim vigial-o, retel-o, Mauricio, por sua parte, applicava-se a amal-a, como a uma tarefa; e não ha nada que mate mais seguramente o amor. Olhava-a, para se convencer que ella era formosa e desejavel. Effectivamente, era-o; bastava vel-a, bastava escutar o que diziam em bôca baixa os commensaes no restaurant, quando os dois amantes atravessavam a grande sala. Mauricio, que principiava a entender algumas palavras de allemão, ouvia esta exclamação constantemente: «Bild schœn!...» (E' bonita como uma pintura!) «Estes allemães teem rasão, pensava elle. Julia é formosa, muito mais do que Clara. Mas que me importa? Hoje, a sua belleza é-me indifferente, como a de um retrato. Já não a

desejo. Amo n'ella uma recordação, a que sou reconhecido, e nada mais.»

Entre elles havia já um symptoma terrivel, n'essa vida de triste resignação, que denunciava a approximação da crise; o silencio fremente que precede as revoluções da atmosphera. O tête-à-tête pesava-lhes pelo esforço de encontrarem palavras que dissessem um ao outro, fóra do que occupava unicamente o seu pensamento, e que tinham necessidade de calar. A sua garganta obstruida recusava-se á sahida das palavras... Evitaram a solidão, fugiram de casa. Fóra, pelas estradas do campo, pelas veredas das florestas, o andar occupava-os, dispensava-os de se falarem. Multiplicaram as excursões; caminharam como condemnados, deixando Cronberg depois da refeição da manhã, e não voltando muitas vezes senão á noite.

Conheceram assim todos os recantos attrahentes da região, todos os cumes proximos do Tauno. Não são montanhas arduas; o seu acesso não é defendido por nenhum obstaculo... A mais alta, o Grande Feldberg, tem apenas uns mil metros de altitude; especie de balão com os flancos eriçados d'arvores, como toda a cadeia, despida no vertice em um largo planalto, onde foi edificado um hotel para os viajantes, com um belveder dominando uma extensão immensa de paiz. De Cronberg até esse cume, são bem tres horas de caminho. Mauricio propunha fazer a excursão em carruagem. Mas Julia resistiu; uns vinte kilometros não eram cousa que a assustasse, dizia ella. Na realidade ella chamava com o seu desejo esse dia de fadiga, perto do seu amado, sob as florestas salubres, deante dos largos horisontes onde os seus peitos lhes parecia se desopprimiam.

Quando iam para sahir, n'uma manhã um pouco brumosa refrescada por chuvas que de noite tinha havido, chegava o correio, trazendo, com os jornaes, uma carta de Paris para «M.me Mauricio Artoy». Era Esquier quem escrevia: uma carta breve, fria, sem nenhuma allusão a Mauricio. Preve-

nia simplesmente Julia que as noticias do Luxemburgo não eram boas. Os medicos tinham prohibido todo o trabalho a Antonio Surgère e esforçavam-se em vão por fazel-o voltar a Paris. Era preciso que ella estivesse preparada para o primeiro telegramma.

«Os nossos amigos vão bem, concluiu Esquier. Clara está um pouco fatigada; espero que não seja nada.»

Esta carta inquietou-os. Emquanto subiam, um ao lado do outro, o caminho arborisado de Kœnigstein, para alcançarem a estrada do Feldberg, Mauricio pensava: «Ella vae partir. Vou tornar a ficar só.» E admirava-se de nenhum movimento d'alma corresponder a este pensamento. Não, em verdade elle não sabia já onde estava o seu desejo, e se a angustia d'esse viver perturbado era melhor do que o horrivel isolamento. Por sua parte, ella, a pobre Julia, dizia comsigo: Está acabado... está acabado... vou deixal-o... Não o reconquistei; está mais longe de mim do que d'antes, e vou deixal-o! «Agitava-a um desejo violento de reconquistal-o agora, nas horas que lhe restavam ainda. Sentia que isso era impossivel, e necessario.

O caminho que, de Kœnigstein, conduz ao Feldberg, trepa ao principio muito arduamente ao flanco da montanha, entalado em uma terra avermelhada, erriçado de grandes pedregulhos onde o andar é difficil. Mauricio e Julia, com as mãos dadas, subiam essa encosta, felizes pela rudeza d'ella que lhes cortava a respiração e lhes tirava todo o pretexto para falarem...

A pouco e pouco, a decoração da montanha, em torno d'elles, mudou.

Depois dos massiços negros, das verduras rachiticas que encaixavam a vereda, as arvores começaram a erguer-se, e ao mesmo tempo o caminho aplanou-se — largo, em meio de hervagens altas, facil, assombreado.

Alguns carvalhos tortuosos appareciam no meio dos troncos lisos e elasticos dos plátanos e das faias; dentro em pouco principiaram a apparecer os pinheiros gigantes, desenhando naves interminaveis de cathedraes, sob as quaes reinava um silencio commovente.

Os dois peregrinos avançavam sem ouvirem a bulha de seus passos, porque o caminho estava atapetado pelas maravalhas dos pinheiros, cahidas e sêccas havia muitos invernos.

De vez em quando, na floresta, abria-se uma grande clareira ao lado da estrada, atapetada de fétos, e de innumeros morangueiros silvestres carregados com os seus fructos...

A meio caminho do cume ergue-se a Fuchstanzhutte (cabana da dança da raposa). É uma cabana de troncos d'arvores, edificada pelo Tauno-Club para servir de refugio aos viajantes. Durante a estação boa está ali installado um pequeno botequim, onde se serve café com leite, agua ardente, Kirsch.

Mauricio e Julia entraram. Deram-lhes uma bebida sem nome, feita com bolota dôce torrada; mas o calôr do liquido escuro reconfortou-os.

Quando acabavam de beber, parou uma carruagem á entrada da cabana, e elles ouviram com surpreza as pessoas que se apeiavam falar francez: um rapazito de cinco annos, pouco mais ou menos, depois um homem d'uns trinta annos, loiro, elegante, e em seguida uma mulher nova, de cabello escuro, bastante bonita, e finalmente uma governante allemã, pallida e sem sabor, que encommendou as chavenas de café com leite. Mauricio Artoy observava-os.

Toda aquella gente parecia bem disposta e alegre... «São marido e mulher, pensava elle... Ahi está um homem que não é mais velho que eu, que é mais feio do que eu, e mais tolo, provavelmente; comtudo, ahi pelos seus vinte e cinco annos, soube fixar a sua vida. E agora,

emquanto eu me debato no fundo de um bêcco sem sahida, elle caminha deliberadamente de estação em estação, n'uma estrada direita...»

N'esse momento, o rapazito, aborrecido de estar sentado, adeantou se para o lado de Julia, ao principio hesitante, depois a pouco e pouco mais resoluto.

Postando-se em frente d'ella nas suas pernas semi-nuas contemplàva-a com as suas pupillas de um azul brilhante, dilatadas pela attenção.

Julia sorriu-lhe. Elle disse com gravidade:

—É bonita, a senhora!

E, assentando na bôca a mão espalmada, atirou um beijo. M.me Surgère agarrou-o nos braços, com um d'esses violentos gestos maternos que teem ás vezes aquellas que não foram mães, e beijou-o nas faces morenas, no pescoço descoberto pelo collarinho á marinheira.

Depois, pôl-o no chão.

—Vamo-nos embora, Mauricio? disse ella, com a voz perturbada.

Sahiram sob o olhar um pouco espantado dos dois francezes.

Não disseram um ao outro—não tinham necessidade de o dizer, a horrivel tristeza em que os tinha mergulhado aquelle encontro banal de um casal de esposos novos e de uma creança!...

... O ceu aclarava sobre a floresta, ou porque os flócos de brumas se tivessem volatilisado pelo sol mais quente, ou porque ficassem agarrados nos declives baixos da montanha.

Cêrca do meio dia, como elles avistavam já distinctamente, por intervallos da floresta, os telhados do hotel, um sol radioso sublimou as ultimas nuvens, doirou os pinheiros e as faias, e, sobre a estrada, espalhou como que uma areia de luz peneirada pelos ramos! A irradiação d'aquella alegria do ceu penetrou o coração dos dois amantes; a frescura do ar dilatava-lhes os peitos, adivinhavam que

d'ahi a pouco o horisonte se abriria para elles. Contemplaram-se sorrindo. As velhas palavras, tantas vezes ditas, acudiram aos labios de Julia:

— Amas-me?

— Sim, respondeu Mauricio; e beijou aquella bôca que o implorava.

Chegavam: uma volta mais, uma curta subida, e estavam no planalto culminante, uma especie de immenso cesto de gavea, d'onde a vista se extendia prodigiosamente, em todos os sentidos.

Deram-lhe a volta, com lentidão, sondando o horisonte, tornando a encontrar os sitios agora familiares que, havia vinte dias, percorriam como por tarefa.

Pela primeira vez, pois não tinha levado a sua amante áquella cidade de soffrimento, Mauricio avistou ao longe Homburgo, com a sua torre, o seu bello parque. Julia designava os logares, que ella conhecia, Kœnigstein, Falkenstein, Soden, Cronthal — e os montes visinhos, irmãos mais novos do Grande Feldberg, o Altkœnig, o Pequeno Feldberg...

Todo o paiz, corcovado ao principio pelos ultimos contrafortes do Tauno, achatava-se lentamente a oeste, corria em longa planicie amarella, até ao horisonte brumoso de Francfort.

Julia e Mauricio olhavam toda aquella terra de exilio, tão risonha, tão doirada, e os seus pensamentos tumultuosos apaziguavam-se. Que alma, irmã das nossas, habita, pois, essas fórmas immoveis das paizagens? Que voz imperceptivel aos nossos ouvidos, escutada pelos nossos corações, nos chama das entranhas da Natureza, e umas vezes nos aconselha a resignação em face do destino, outras a revolta? Uma piedade immensa empolgou Mauricio por todas as torturas que por elle tinha soffrido a mulher a quem amava.

— Vaes ficar com uma triste lembrança d'este paiz, minha pobre amiga! murmurou elle.

Ella fitou-o, e os seus olhos illuminavam a sinceridade da sua resposta.

—Queria aqui viver sempre, comtigo, disse ella, como tenho vivido. Que me importa ter tido pesares?... Nunca te tinha tido como aqui! E agora está tudo acabado!

Chegou-se-lhes um creado do hotel, pedindo-lhes as suas ordens. Mauricio encommendou almoço servido n'uma sala isolada. Sómente lhe puderam dar um quarto de dormir, com o seu pequeno leito allemão a um canto.

Almoçaram ali em frente das encostas arborisadas do Altkœnig; como a atmosphera se aclarava cada vez mais, distinguiram, nos limites do alcance da sua vista, os cumes do Neckar, o Kœnigstuhl de Heidelberg.

Um só pensamento vivia em Julia, o que ella tinha apenas confessado a meio, ainda ha pouco, ao seu amigo: o amargo e querido tempo de vida commum estava acabado. A excursão d'hoje era, sem duvida, a ultima. Ámanhã, talvez, seria a separação, e por quanto tempo?... Estar só de novo, tão longe d'elle! Adorou a magua do seu coração, durante aquellas semanas onde pelo menos tinha agonisado sob os olhos d'elle.

«Se elle me pedisse que ficasse agora, succedesse fosse o que fosse, eu ficava!»

Sim. Tal era a sua covardia ante o pensamento de abandonal-o, que lhe teria sacrificado tudo, agora, tudo quanto mais enraizado tivera no coração, a sua reputação, os seus deveres de esposa. Desejou ser a amante de Mauricio, declarada, despresada, enganada, mas ali, perto d'elle, sempre ali.

Como retêl-o, como conserval-o? Seguramente, elle não tinha perdido a necessidade da sua presença, pois que, hontem ainda, a chamava para seu lado, a queria como companheira de exilio! Pois não era verdade que o sentia bem seu, nos minutos raros e pungentes de entrelaçamento, quando elle lhe balbuciava estas palavras: «Só te desejo, só te amo a ti.»

Mauricio, acabado o almoço, foi para a sacada fumar um cigarro. Julia extendeu-se sobre a pequena cama; sentia-se cançada, as faces ardendo, a cabeça pesada. «Foi o andar, o ar da serra que me entonteceu,» disse ella para si.

Do travesseiro onde descançava a cabeça, avistava o seu amigo, com o cotovello apoiado á grade, immovel, exceptuando o ligeiro movimento do cigarro approximado, e depois retirado dos labios.

Ella attentou fixamente n'aquella extremecida figura, tentando concentrar no seu olhar uma suggestão attractiva. O que queria ella? Não saberia dizel-o. Sabia só que o desejava mais perto de si, ao alcance da sua mão e do seu coração. E quasi immediatamente Mauricio voltou-se, atirou fóra o resto do cigarro, approximou-se d'ella.,. Julia sentiu fixadas em si aquellas pupillas d'ambar claro, e esse olhar fez-lhe frio, tal foi a indifferença, a distracção gelada, que n'elle notou...

Como chamal-o, como prendel-o? Como forçar aquelle amor e aquelle desejo que se esvaíam?

Um vento de loucura soprou sobre aquella alma casta, que não tinha ido ao amor senão impellida pela ternura, e cujo pudor, vencido, renascia depois de cada derrota. Ergueu meio corpo; com as mãos procurou os braços de Mauricio, e com os olhos e os labios disse-lhe: «Vem...» Esse chamar durou apenas um segundo: Mauricio comprehendeu-o; o seu olhar exprimiu o mesmo espanto inquieto que exprimiria se tivesse visto Julia atacada de repentina demencia.

Recuou, e esse movimento, e a expressão do seu rosto, subitamente chamaram a pobre creatura á razão. Julia levou as mãos ambas ás faces que lhe ardiam, e escondeu a cabeça no travesseiro.

Mauricio, commovido, inclinou-se para ella, e por sua vez, para curar a ferida d'aquella humilhação, constrangeu-se a solicital-a... Ella afastou-o, e, pondo-se em pé, com um gesto breve, disse-lhe:

—Oh! isso não... não tenhas dó, peço-te!

Depois, passado um instante:

—Vamo-nos d'aqui, disse ella; vamo-nos embora; depressa!

Mauricio pensou na lentidão do regresso, a pé, pela mesma estrada seguida de manhã; elle tambem desejou chegar depressa a Cronberg, acabar aquella excursão infeliz. Perguntou:

—Se nós voltassemos de carruagem?

—Sim, gostava mais d'isso, respondeu Julia; estou tão cançada.

Encontraram um trem na hospedaria. Em breve a carruagem, travada, os arrastou pela enorme descida. Cahia das folhas uma humidade branda, e o sol empallidecia por detraz d'esse veu. Encostados um ao outro, sob a capota descida, não encontraram uma palavra para dizer, até á chegada a Cronberg, até ao momento em que a porta da villa Teutonia se fechou sobre elles. Eram seis horas proximamente; mas as nuvens pardacentas, sobre a concha do pequeno valle, derramavam uma escuridão artificial; e, embora a janella estivesse aberta, dentro do quarto era noite quasi.

Tinham-se atirado para cima de cadeiras, distantes um do outro, vergados pela fadiga physica e moral, desgostosos de se moverem e de viverem. Agora estava tudo acabado, a prova estava consummada; não procuravam já enganar-se a si mesmos. N'aquelle quarto onde, menos de tres semanas antes, tinham entrado palpitantes da commoção de se tornarem a juntar emfim, entravam agora desenganados e desesperados, cançados de luctar contra o destino.

Mauricio pensava:

«Se Julia fica, nós não temos mais forças para supportar dias como este. Mas ficar só, recomeçar a horrorosa quinzena de Homburgo, com mais este soffrimento de a saber arrancada de mim, perdida... Oh! isso não póde ser, não póde ser!»

Voltou-se, então, para o passado.

«Tudo isto aconteceu por minha culpa. Imaginei que se podia conservar o coração de duas mulheres, sem as fazer soffrer, e sem a gente mesmo soffrer. Aqui está o castigo.»

N'este momento, em que tudo lhe parecia melhor do que a incerteza, quanto desejaria elle estar encadeiado pelo irrevogavel! Porque não havia a carta d'Esquier, n'essa manhã, ter trazido a noticia do casamento de Clara?» E, tambem, porque não disse eu a Julia, nas duas vezes em que tive esse pensamento: Hei de casar comtigo! Se eu tivesse tido essa coragem, teria rompido o exorcismo; o futuro seria pallido, mas estaria seguro.»

Sim, atormentava-o a necessidade, de se fixar, de dizer: «Acabou-se, é o irreparavel.» Levantou a cabeça, olhou para o lado onde Julia estava sentada. Não distinguia senão uma vaga fórma de sombra. Estaria chorando? Pareceu-lhe que sim; e aquellas lagrimas derramadas por elle, desejou estancal-as, enxugal-as sob os seus affagos.

Approximou-se do vulto immovel. Encostou a face á face humida de Julia.

— Faço-te soffrer, murmurou elle. Perdoa-me!

Ella respondeu:

— A culpa não é tua. Já me não amas. A razão é essa.

Mauricio sentiu immediatamente que ella se enganava, que elle a amava sempre. Teria querido não ouvir essas palavras desesperadas.

Sim! amo-te, amo-te! repetiu elle com o impeto fremente de conjurar uma sorte. Oh! para que disseste isso?

— Já me não amas, repetiu ella. Não val a pena continuar a enganarmo-nos. Amas outra mulher. Tenho procurado guardar-te para mim, tenho feito tudo quanto tenho podido. Agora já não tenho mais força. Deixa-me.

Mauricio balbuciou tentando tocar-lhe os labios:

— Yú, minha querida!

— Não, disse ella tristemente. Não mais ternuras, dei-

xa-me; seriam forçadas... Está tudo acabado, acabado. Já me não amas.

Afastava-o com uma pressão lenta e firme, ao dizer estas palavras. Mauricio, pela vez primeira, sentiu a revolta d'essa alma doce, que já não tinha fé, nem n'elle nem no futuro. Elle, por seu lado, entreviu rapidamente esse futuro, excluido das duas almas amadas, e pareceu-lhe a morte mesmo. Voltou-lhe mais nitido, mais imperioso, o pensamento que duas vezes o tinha afflorado; não saberia dizer se n'esse momento elle lhe accudia, em virtude do seu egoismo cheio de desolação ou de uma piedade profunda pelo pobre ente mortificado que tinha ali chorando ao pé de si.

—Ouve, Julia, disse elle. Vejo que me não queres acretar quando te digo que continuo a amar-te, mais que a ninguem d'este mundo... Pois bem! ouve...

Ella levantou-se anciosa, admirada de o ouvir tão firme, tão grave.

—Recebemos esta manhã más noticias de teu marido, não é assim?... Lêste o que d'elle diz Esquier: o fim está proximo. Por minha parte, antes de deixar Paris, conversei com Daumier. Sei o nome verdadeiro da doença que elle tem; é uma doença desgraçada, que não perdoa. . Pois bem!

—Toma sentido, interrompeu Julia, peço-te! Toma sentido no que vaes dizer!

Adivinhava: tinha medo da felicidade incrivel que adivinhava.

Mauricio continuou:

—Falo sempre a frio, comprometto-me livremente, e sei que dentro em pouco cumprirei a minha promessa. Se teu marido morrer...

—Toma sentido! supplicou Julia ainda, com a mão estendida para o seu amigo.

—Se elle morrer, pedir-te-hei que sejas minha mulher. Juro-o.

Ella recebera-o nos seus braços, apertava-o, abafava-o com beijos. E balbuciou:

—Tua mulher! Tua mulher!

Esta palavra, que ella nunca teria ousado pronunciar, mesmo muito baixo, mesmo nos tempos melhores, era o proprio Mauricio quem a pronunciara agora. Todo o seu soffrimento foi esquecido, e Julia abençoou-o por elle lhe pagar por tal preço.

—Não acceito o teu compromisso, disse-lhe ella, quando conseguiu tranquillisar-se; mas agradeço-te o teu querido pensamento, Acredito-te. Peço-te perdão de ter duvidado. Então, amas-me como sempre?

—Juro-te, respondeu Mauricio, que hei de cumprir a minha promessa. É a felicidade das nossas duas vidas, bem vês!

Tomavam o chá da manhã, no terraço, no dia seguinte, quando lhes vieram trazer um telegramma branco, para M.me Artoy.

Julia empallideceu.

—É de Paris, disse ella... Commettemos um crime!

Extendeu o telegramma a Mauricio.

Elle abriu-o e leu:

«*Antonio, peiorando muito, trazido a Paris. Por emquanto, nada desesperado. Mas volte. Esquier.*»

Julia olhou para Mauricio. Observava com anciedade no rosto d'elle o effeito do telegramma.

Elle, por sua vez, fitou-a; extendeu-lhe os braços, onde ella se precipitou.

—Minha querida! murmurou elle... MINHA MULHER!

Algumas horas passadas, deixavam ambos a *villa:* Julia tomou o comboio de Colonia, e Mauricio acompanhou-a até

Francfort. Tinham combinado que elle continuaria a viajar na Allemanha até a sua amante o chamar.

Falavam do futuro com tranquillidade, esperando que elle lhes havia de reservar ainda um pouco de felicidade. Mas Julia, apezar de tudo, conservava uma incerteza dolorosa. Quando, já sentados no caleche carregado com as malas, a creadita Kœthe lhes veiu dizer adeus á porta da *villa*, Julia inclinou-se para Mauricio, e disse-lhe estas palavras, que lhe traspassaram o coração, pois resumiam toda a tristeza terna e resignada que ella tinha na alma.

— Se alguma vez voltares aqui com outra mulher... e a pequena Kœthe te perguntar o que foi feito de mim... has de dizer-lhe que morri... Não é verdade?

(Continúa).

Marcel PRÉVOST.

UM CATACLYSMO PRODIGIOSO

Desde a apparição da humanidade sobre a Terra, ou, para dizer melhor, desde que a humanidade tem consciencia de si propria e conserva nos seus annaes a recordação dos acontecimentos que lhe dizem respeito, nunca, se exceptuarmos o diluvio asiatico — mas esse acontecimento é prehistorico e só restam d'elle vagas legendas muito exageradas — nunca phenomeno algum historico, terrestre ou celeste, attingiu as proporções d'aquelle que vamos contar, baseados em testemunhas oculares, das quaes a simples narração é mais interessante, e sobretudo mais verdadeira, mais authentica, mais impressionavel que o mais dramatico dos romances.

A explosão do vulcão da ilha Krakatoa, (nas ilhas de Sonda, entre Java e Sumatra) teve logar a 25 d'agosto de 1883. No dia 11 tinham começado erupções relativamente placidas, mas foi a 25 que a explosão vulcanica tomou proporções terriveis, attingindo no dia 26 o paroxismo mais violento. Da cratera em ebullição sahiu uma espessa columna de fumo, que se elevou a grande altura, em fórma de larga corôa; do céo cahiram cinzas e ás cinzas succedeu pedra pomes, misturada de lama. Depois veiu a noite,

uma noite negra, opaca, *de dezoito horas*, durante a qual todas as forças cegas da natureza uniram os seus esforços para renovarem o chaos. O mar ergueu-se rugindo furioso. Uma vaga colossal engolphou-se no estreito, correndo com uma velocidade insensata, e atirou-se raivosamente sobre a costa. Atraz d'essa seguiram-se outras não menos destructivas, continuando a sua obra no meio das trevas.

Quando emfim reappareceu o dia, pallido e baço, foi para allumiar um espectaculo lamentavel e medonho. Algumas cidades na vespera animadas, cheias de movimento e de ruido, tinham desapparecido: Telok-Bétong, ao fundo da bahia de Lampong, na ilha de Sumatra; na de Java as cidades de Bantam, Anger, Tjéringin, todas as povoações da costa e a propria costa. A agua tinha avançado pela terra dentro n'uma area consideravel, abrangendo toda a costa comprehendida entre os meridianos 105,30 e 106,30 não deixando a descoberto senão os cumes dos montes mais altos, á maneira de ilhotas. E a força das aguas fôra de tal ordem que muitos navios, caldeiras e locomotivas tinham sido arremessados a mais de tres kilometros para o interior. Mas ainda não é tudo. Onde parava a linha das aguas, começava a cinza. Toda a ilha ficou coberta d'ella, as culturas perderam-se, as fontes seccaram, as correntes d'agua ficaram obstruidas, e os desgraçados habitantes, no meio d'esse deserto inexoravel, morreram aos milhares, de fome e de sede.

Durante esse tempo, no estreito de Sonda operavam-se transformações não menos terriveis. A entrada dos portos tornara-se impraticavel em consequencia da accummulação de pedra-pomes vomitada pelo vulcão. Todas as ilhas do estreito sentiram mais ou menos cruelmente os effeitos do cataclysmo. Metade das ilhas de Krakatoa (causa primaria do desastre), de Sebesia e de Seboukou foram engulidas pelas ondas. Toda a parte norte da ilha de Krakatoa ficou coberta de mais de trezentos metros d'agua; só resta d'el-

la a parte meridional com o grande pincaro. Ao mesmo tempo dezeseis ilhotas tinham surgido do fundo das aguas, entre a ilha de Krakatoa e a de Sebesia.

Já se disse o numero espantoso das mortes causadas por esse cataclysmo: quarenta mil! E certamente este numero está ainda abaixo da verdade, porque a estatistica em Java está longe de ser precisa e não foi possivel verificar toda a extensão do desastre, talvez o maior que tem havido nos tempos historicos, e perante o qual pode dizer-se que o soterramento das antigas cidades de Herculanum e Pompeia não passa de uma catastrophe de minima importancia.

O sr. Van Sandick, engenheiro de pontes e calçadas em Pandang (Sumatra), testemunha ocular d'essa espantosa catastrophe, escrevia-nos que o steamer *Général Loudun*, em que se encontrava, e que é um dos navios mais solidos e velozes, se viu obrigado a ficar parado toda aquella noite de dezoito horas com receio dos perigos a que se arriscava sahindo da bahia de Lampong. A chuva de cinzas tinha-se convertido em chuva de lama compacta e espessa, que acabou por cobrir o convez com a espessura de quasi sessenta centimetros. Essa lama fétida penetrava por toda a parte, incommodando particularmente a tripulação de bordo; os olhos, os ouvidos e o nariz eram litteralmente tapados por essa materia desagradavel, que tornava a respiração quasi impossivel! Para variar cahia frequentemente pedra-pomes e com as cinzas espalhadas no ar obstruia as vias respiratorias. Ao mesmo tempo a atmosphera estava fortemente impregnada de acido sulfuroso. Os passageiros sentiam violentos zumbidos nos ouvidos, alguns quasi suffocavam e todos sentiam um grande peso no peito. Uma somnolencia extravagante, soporifera, contribuia para tornar a situação ainda mais horrivel, mais aterradora. Tres quartas partes dos passageiros estavam absolutamente convencidos que assistiam ao fim do mundo.

Mas isso não era ainda senão o principio das afflicções.

A partir das onze horas da manhã, quando a noite escura tinha invadido tudo, o *Loudun* esteve constantemente á mercê de uma serie de *tremores de mar*, especie de escarceo terrivel que lançava o navio ora para um lado ora para o outro. Durante esse tempo os relampagos cortavam as trevas com pequenos intervallos. Sete vezes o raio cahiu sobre o mastro, seguindo sempre o fio conductor do pára-raios até profundar nos abysmos do mar, fazendo ouvir de cada vez uma crepitação satanica. Emquanto duravam os relampagos podia-se observar por toda a parte, sobre os rostos e as mãos, sobre o cordame e o convez, uma tinta pardacenta, côr de lôdo. Ao mesmo tempo viam se mover clarões subitos na parte superior do mastro e no cordame. Os passageiros indigenas, sempre supersticiosos, entendiam que esses fogos *Santelmo* presagiavam um naufragio proximo; e, apezar do perigo, subiam fosse a que altura fosse para apagarem essas chammas sinistras. Mas, com grande pena d'elles, quando abafavam umas, appareciam outras ao pé.

Os *coolies* e os forçados rolavam uns sobre os outros e durante os curtos momentos em que o mar estava tranquillo, ouviam-se exclamar incessantemente «*La illah, la illalah!*», que é a oração ao Deus do Islam. Como o navio estava sempre de caldeiras accesas, era para recear que a machina se recusasse a trabalhar porque a lama invadia tudo.

Raras vezes a aurora tem sido acclamada com mais enthusiasmo do que na manhã de 28 de agosto de 1883. A chuva de pedra-pomes continuava ainda; mas o steamer conseguiu sahir do golfo. A costa de Sumatra apresentava um espectaculo desolador. Todas as arvores estavam por terra, ou cahidas com o peso da lama ou directamente arrancadas pelo terrivel golpe de mar. Por todos os lados se via o mar coberto de pedra-pomes; a entrada da bahia de

Lampong estava interceptada por numerosas ilhas, formadas por essas pedras, e elevando-se a tres metros acima do nivel das aguas! Só havia um meio de sahir d'alli: penetrar através das ilhas á força de vapor. Dentro em pouco o obstaculo estava vencido, o navio passou, emquanto atraz d'elle a passagem tornava a fechar-se como por encanto!

Mas escutemos um instante a narração do proprio espectador:

«Quando chegámos em frente da ilha de Krakatoa não duvidámos mais de que a causa de todo o mal fôra esse maldito vulcão; porque a cratera, que dois dias antes espalhava tanto fumo e cinza, estava destruida e as vagas do mar passavam tranquillamente por onde fôra terra firme. O que se via não era mais que a quarta parte da ilha e a parte engulida tinha sido como que rasgada da que ficara n'uma extensão de vinte e cinco kilometros quadrados.

Agora só dois escolhos, signaes terriveis, se elevam ao de cima da região que desappareceu. A erupção vulcanica ainda não cessou completamente: em oito pontos differentes vêem-se fortes columnas de fumo, cujo centro é muito negro e o exterior inteiramente esbranquiçado. Essas columnas sobem e desapparecem, para reapparecerem no mesmo instante.

«D'ahi a pouco estamos á vista das costas de Java. Então um espectaculo horrivel se apresenta aos nossos olhos: as costas de Java, assim como as de Sumatra, estão inteiramente destruidas: por toda a parte domina a mesma côr pardacenta e sombria. As povoações e as arvores desappareceram; nem sequer se vêem ruinas, porque as ondas subiram trinta e cinco metros, arrasaram tudo, e voltando sobre si mesmas enguliram os habitantes, as suas casas e as suas plantações. Difficilmente se descobre o ancoradouro d'Anger, pois que não ficou em pé uma unica casa d'es-

sa cidade tão alegre. Só resistiu a base do pharol levantado sobre a quarta ponta ou cabo de Java. E' verdadeiramente uma scena do juizo final: o mar passou por ali e está tudo dito.

«Os *coolies* que embarcaram no dia 26 em Anger, procuram ver as suas habitações. Provavelmente os seus arrozaes estão destruidos, as suas mulheres e os seus filhos pereceram, porque não se vê senão um pantano lamacento, onde coisa alguma ficou em pé. O senhor imagina talvez que esses desgraçados estão muito tristes e que desejam a todo o custo desembarcar para irem á procura dos cadaveres de suas mulheres e de seus filhos. Pois engana-se; porque, sem pensarem nas suas habitações destruidas, sem mostrarem pena das suas familias e dos seus amigos, victimas da catastrophe, começaram de subito a dançar em roda, de contentes por terem tão afortunadamente escapado ao desastre.

«A area de destruição completa é pouco mais ou menos um circulo tendo por centro o vulcão de Krakatoa e cujo raio é uma linha de noventa kilometros. As partes visinhas do mar, sobre as costas de Java e de Sumatra que dão para o estreito de Sonda, foram arrasadas por essas vagas gigantescas, de trinta e cinco metros d'altura, que se precipitavam sobre as terras até á distancia de um a dez kilometros do litoral. Todo o oeste de Java foi completamente destruido e as ilhas do estreito de Sonda estão desguarnecidas do mais pequeno vestigio de vegetação e habitações até ao nivel do grande vagalhão, do dia 27 de agosto. Nas bahias de Lampong e de Semangka a vaga elevou-se trinta a trinta e cinco metros, destruindo tudo na extensão de quinhentos kilometros. O numero total das pessoas que morreram passa de *quarenta mil*.

«A cidade de Tjiringin, distante 48 kilometros da ilha de Krakatoa, desappareceu logo ao primeiro vagalhão. Nada lá ficou. O Regente, ou chefe do governo indigena, para celebrar uma grande festa tinha convidado para a sua casa

todos os funccionarios indigenas com suas mulheres e seus filhos. A aristocracia javaneza estava além d'isso representada pela familia do Regente, que constava de cincoenta e sete pessoas, das quaes lá se tinham reunido cincoenta e cinco. Pois a casa do Regente foi engulida pelas aguas e tudo morreu; d'aquella familia só restam dois primos do principe que não tinham podido acceitar o convite.

«A cidade de Mérak desappareceu igualmente com todos os seus habitantes.

«Em Telok-Betong a cidade baixa ficou destruida e salvaram-se unicamente alguns europeus que tiveram a boa ideia de se refugiar na habitação do Residente, situada a 37 metros d'altitude.

«Milhares de cadaveres ficaram sem sepultura e espalham um cheiro nauseabundo que impede os habitantes de se approximarem d'elles. Mas o maior numero dos mortos foram arrebatados pelas ondas para o mar largo. Por isso os navios que atravessaram o estreito de Sonda durante os dias seguintes ao desastre são unanimes em testemunhar que se viam fluctuando á superficie das aguas «montes de cadaveres.» O transatlantico hollandez *Batavia* refere que a 3 de setembro encontrou uma quantidade enorme de cadavercs com os membros mutilados e partidos; quanto á sua nacionalidade presume que são corpos de chinezes porque teem os craneos quasi todos calvos. Um navio allemão tambem notou que o seu andamento se tornára difficil em virtude de um amontoamento consideravel de corpos humanos. Conta-se que em Sérang, tendo-se aberto o corpo de um kakap, peixe do mar das Indias, encontraram-se-lhe no estomago dedos humanos ainda com unhas.

«As vagas enormes que produziram este medonho cataclysmo perderam as forças á medida que se foram afastando do seu centro d'acção.»

Nunca semelhante phenomeno foi observado por teste-

munhas instruidas, capazes de o estudarem na sua grandeza e de poderem avaliar exactamente as suas multiplas consequencias. D'esta vez, porém, as observações d'essa ordem são numerosas e temol-as sob os nossos olhos. É pelo seu conjuncto que vamos analysar esse grande acontecimento.

I

A volta do mundo em trinta e cinco horas

A repercussão physica do cataclysmo de Java estendeu-se a todo o planeta. Essa explosão vulcanica foi de uma violencia de tal modo extraordinaria que o abalo atmospherico por ella produzido deu a volta ao mundo, não uma só vez, mas *tres vezes* a seguir antes de se acalmar e extinguir.

Em todo o ambito de um impulso vertical, de mais de vinte mil metros d'altura, percorrido por um jacto formidavel de agua quente, de vapores, de cinzas, de pedra pomes e de poeira, e carregado de todos os productos vulcanicos de uma erupção submarina, immensas ondulações foram transmittidas atravez da atmosphera, como as ondulações da agua de um tanque momentaneamente perturbada, e de lá espalharam-se sobre o globo inteiro.

O estudo comparativo dos documentos recebidos não deixa duvida alguma a esse respeito.

Quando essa ondulação atmospherica passou sobre Paris fez baixar os barometros do observatorio *mais de dois millimetros*. Chegou a Paris á uma hora e cincoenta minutos depois do meio dia de 27 d'agosto, dez horas após a mais violenta erupção, tendo caminhado precisamente *com a velocidade do som no ar*: 1:180 kilometros por hora, ou trezentos e vinte e oito metros por segundo.

Essa primeira oscillação, vinda do leste, por cima do Indostão, da Arabia, da Persia, da Turquia, da Austria, só tinha levado dez horas a chegar.

Mas a ondulação espalhou-se circularmente na atmosphera em toda a volta do estreito de Sonda. A que marchava na direcção do oeste chegou por seu turno a Paris, depois de ter atravessado o Grande Oceano, a America e o Atlantico, ás quatro horas e vinte minutos da manhã de 28, isto é quatorze horas e trinta minutos depois da primeira.

A primeira ondulação transpoz 11:500 kilometros em cerca de dez horas, e a segunda 28:500 kilometros em vinte e quatro horas e meia. De modo que essa commoção atmospherica deu a volta ao mundo em cerca de trinta e quatro horas e meia, ou menos de trinta e cinco horas.

As oscillações barometricas foram averiguadas em todos os observatorios do mundo onde ha apparelhos barometricos registradores.

Mas não é tudo: o mais curioso é que depois de terem dado pela primeira vez a volta ao mundo, aquellas ondulações atmospphericas repetiram-se segunda e terceira vez, produzindo novas depressões barometricas com intervallos de cerca de trinta e cinco horas.

Isto constitue um phenomeno prodigioso, sem precedente na historia da sciencia.

Temos presente o traçado da oscillação registada no observatorio de Montsouris (Paris) n'essa data memoravel, o qual nos foi dirigido pelo chefe de serviço, sr. Descroix.

Ora como os dias 26, 27 e 28 d'agosto não deram logar a nenhuma perturbação local a que se possam attribuir as extravagancias da curva barometrica, são estas lançadas á conta do abalo geral da atmosphera devido á convulsão vulcanica e á submersão da ilha.

N'esse traçado vê-se que desde o dia 26 ás 8 horas da noite a curva é finamente dentada por oscillações de dois a tres decimos de millimetro, espaçadas de quatro a cinco minutos.

A agitação augmenta desde as dez horas da manhã de 27 até á phase maxima correspondente á primeira crise do estreito de Sonda, ou seja da uma ás duas horas depois do meio dia. As oscillações são variaveis e apresentam algumas pausas.

Novas agitações na noite de 27, com recrudescencia pela meia noite e repellões crescentes, com a amplitude media de 45 centesimos de millimetro, até cerca das tres horas da manhã. É então que o effeito maximo da principal vaga atmospherica dá as oscillações mais consideraveis.

As sinuosidades mais diffusas do dia seguinte são talvez devidas ainda ao ricochete tardio do mesmo abalo; mas confundem-se com os movimentos symptomaticos da tempestade do dia 2 de setembro.

Essas vagas atmosphericas nâo teem precedentes na historia da meteorologia. Convinha publical-as a titulo de documento tão interessante como importante; pois que não foram observadas só em Paris, mas tambem em Londres (Greenwich), em Bruxellas, em Berlim, em Vienna, em Roma, em Napoles, em Palermo, em Madrid, em S. Petersburgo, em Moscou; não só na Europa, mas tambem na America, na Asia e na Africa!

II

As vagas oceanicas

Em quanto a violencia d'aquelle abalo punha assim em vibração toda a atmosphera de que é cercado o nosso planeta, a erupção do monstro, a submersão das ilhas do estreito de Sonda e o *tremor de mar* que d'ella resultou, produziam uma tal revolução no oceano, arremessavam as aguas com tal força, que estas subiram pelas costas a 35 metros d'altura, destruindo na sua passagem tudo o que encontraram e lançando os navios por cima das povoações

e dos bosques até alguns kilometros de distancia pela terra dentro; varriam tudo, casas e habitantes, não deixando sequer vestigios das ruas. Depois do desastre, o littoral, outr'ora tão risonho, lembrava as margens desoladas do Mar Vermelho.

Eis o que nos escrevia o sr. Van Sandick, com quem os nossos leitores já travaram conhecimento:

«De repente, diz elle, vimos vir do lado do mar uma onda gigantesca, de altura prodigiosa, avançando com uma velocidade consideravel. Immediatamente, e sem hesitar, o navio em que eu me achava imprime uma forte pressão á machina e governa de maneira a fazer face ao perigo imminente; e mal estavam tomadas as devidas disposições tinhamos a onda junto de nós. Depois de um instante de angustia sentimo-nos levantados com uma velocidade vertiginosa, o navio dá um salto formidavel e logo em seguida sentimo-nos como que afundados no abysmo. Mas a onda tinha passado e achamo-nos salvos.

«Semelhante a uma alta montanha, a vaga monstruosa precipita-se para a terra. Immediatamente depois apparecem tres outras vagas de dimensões colossaes. E, á nossa vista, esse espantoso levantamento do mar, varrendo tudo sobre a sua passagem, consumma n'um instante a ruina da cidade: o pharol cae redondo e todas as casas são abatidas n'um momento como um castello de cartas. Tudo acabou!

«Onde alguns momentos antes vivia a cidade de Telok-Bekong não se vê agora senão as aguas do mar...

«O *steamer Barow* tinha sido levantado do ancoradouro e, do nosso navio, nós vimol-o saltar por cima do molhe e cahir no interior das terras ao pé dos coqueiros. As casas indigenas, que em Sumatra costumam edificar sobre estacaria, deixando por baixo um espaço livre de cerca de um metro d'altura, são uma presa facil para as ondas, que as arrancam e deitam abaixo; mas as casas dos hollandezes,

feitas de tijolo, foram egualmente destruidas, desaggregadas dos alicerces e engulidas pelo mar.

«Faltam-nos as palavras para descrevermos a horrorosa impressão que nos deixou o aspecto de tal cataclysmo. A rapidez fulminante da metamorphose, as proporções gigantescas do espectaculo, a devastação subita que se operou aos nossos olhos n'um instante, tudo isso fez com que ficassemos estupefactos, sem fazermos a principio uma ideia exacta do phenomeno que tinha logar deante de nós. Dir-se-hia uma transformação, uma mutação instantanea de magica, que se tivesse effectuado a um dado signal. Junte a isso a ideia de que o que se passara deante dos nossos olhos não fôra uma vã fantasmagoria, mas sim uma realidade terrivel, que acabara de ceifar milhares de existencias n'um abrir e fechar d'olhos. Que medonhas e incalculaveis ruinas se tinham ali afundado n'um momento! Que espantosa força possue o mar, para soterrar n'um instante uma cidade inteira, que os homens tiveram tanto trabalho e levaram tanto tempo a edificar!

«Nós mesmos, espectadores da catastrophe, estamos ameaçados agora de um perigo sem exemplo e temos deante de nós uma morte terrivel e fatal. Tudo o que a mais activa imaginação possa evocar, tudo quanto o espirito mais fecundo possa imaginar, ficará longe, muito longe, da situação horrivel, aterradora, em que estamos.

«Em Anger, no dia 27 d'agosto, pelas seis horas da manhã, quando a maior parte dos habitantes estavam ainda na cama, uma enorme massa d'agua, muito negra, chega com estrondo, sobe e innunda a cidade; depois retira-se, arrastando para o mar homens, mulheres e creanças. Tudo fica outra vez tranquillo e silencioso; só se vêem destroços de cadaveres, de embarcações, de arvores e de pontes. Mas isso ainda não é senão o principio. Uma espessa chuva de cinzas invade a athmosphera. As pessoas que ficaram salvas, e que estão quasi todas feridas, tomam folego. Chega por sua vez a segunda vaga, que sobe a 35

metros d'altura, e quando volta acarreta tudo o que tinha sobrevivido ao primeiro choque.

«Já não existe Anger! Só ficou em pé o assento do pharol da quarta ponta de Java. Foi o unico vestigio que nós vimos d'Anger, do convez do *Loudun*, em 28 d'agosto.»

Alguns navios foram arremessados pelo mar a uns poucos de kilometros do littoral e lá ficaram quando o mar se retirou. Houve um momento em que ninguem poderia dizer onde era o oceano e onde era a terra firme.

Os vagalhões não mediam menos de 35 metros d'altura e quando se retiravam faziam baixar o mar outros tantos metros, de maneira que essa oscillação formidavel attingia nada menos de 70 metros. Ao mesmo tempo essas vagas propagavam-se no proprio oceauo e chegavam no dia seguinte a Colon (isthmo de Panamá), medindo cerca de 0,^{m}40 de altura. Ás ilhas Seychelles, á da Reunião, ao Japão, a Ceylão, a Aden, as vagas chegavam fóra das horas das marés. Chegaram tambem ás costas da França. A sua velocidade augmentava com a profundidade do mar, como se vê pelo seguinte quadro:

	Profundidade media	Velocidade por kilometro
De Krakatoa a Dendang (Billiton)...	26,^{m}	57,$^{kil.}$
» » á ilha Noordwacker...	37	68
» » a Padang.....	320	202
» » a Port-Elisabeth	2526	567
» » á ilha Mauricia.....	3575	674

Sob o ponto de vista da humanidade a catastrophe foi tão horrorosa que, sem duvida, é unica na historia. Uma ilha inteira desceu n'um relampago 300 metros para baixo das ondas. *Durante dezoito horas uma noite negra*, alumiada só de espaço a espaço por clarões sinistros, pesou sobre toda aquella região. A atmosphera era de cinza e

fumo. Toda a gente julgava chegada a sua ultima hora. Todos os seres vivos que habitavam na visinhança do mar foram devorados pelas ondas. Quarenta mil victimas!

Muito tempo depois os navios encontravam ainda sob as aguas cachos de cadaveres entrelaçados, e quando se abriam grandes peixes appareciam lá dentro dedos humanos com unhas e pedaços de cabeças com cabellos. Os que se salvaram, os que passaram a catastrophe sobre um navio e puderam, no dia seguinte, vêr outra vez a luz do dia, que suppunham nunca mais tornar a apparecer, esses contam ainda com terror que esperavam com resignação o fim do mundo, convencidos de um cataclysmo universal e da destruição da terra. E accrescentam que por coisa alguma d'este mundo quereriam tornar a passar por taes commoções. Para elles o sol estava extincto, toda a natureza se cobrira de lucto e a morte ia reinar sobre todo o universo.

(Continúa).

Camillo **FLAMMARION.**

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

*

A derrota completa de Mendizábal foi um dos maiores desastres com que podia ser aggravada a posição já de si difficil em que estavam os exercitos alliados na peninsula. Wellington, que não tinha confiança nenhuma nas tropas hespanholas, ainda assim teve de confessar que, d'esta vez, a incapacidade d'ellas excedeu todas as suas apprehensões e ultrapassou todos os limites. O seu animo ficou, por um momento, abalado, como elle proprio disse. Viu que era inevitavel a queda subsequente de Badajoz, e atraz d'essa rendição o que viria? Não era de esperar que Soult cruzasse os braços, parando em tão bom caminho.

O exito havia de estimulal-o, e elle não deixaria de entrar pelo Alemtejo dentro, resolvido, não a contribuir para a gloria de Masséna, mas de certo a conquistar vantagens e gloria para si.

Era grande o empenho de Wellington em que Badajoz se salvasse, e estava inquieto pelas noticias que d'essa

parte de Hespanha lhe podiam vir. Dirigiu conselhos sobre conselhos a Mendizábal, fazendo-lhe vêr que occupava uma das posições mais vantajosas da peninsula, se n'ella quizesse entrincheirar-se a preceito, podendo talvez ali aguardar que lhe fossem mandados soccorros, os quaes elle esperava de Inglaterra a todo o instante. Porém, Mendizábal não quiz ouvil-o.

O generalissimo inglez reconhecia que, de todas as medidas a adoptar, a mais efficaz seria indubitavelmente destacar para a fronteira um corpo de tropas regulares, se fosse possivel retiral-o das linhas e das posições em frente d'ellas. Isso, porém, não o podia elle fazer, de nenhuma fórma, pelo menos emquanto não chegassem ao Tejo os reforços que tinha requisitado, e com que estava contando.

Estes reforços deviam orçar por uns seis a sete mil homens, e eram aguardados com impaciencia; mas só chegaram no principio de março, e, d'ahi a pouco, Badajoz cahia.

No *memorandum* das operações de 1811, feito por Wellington e datado de Freineda, a 28 de dezembro d'esse anno, expõe-se o estado da força dos exercitos contrarios, nas suas posições, ameaçando e cobrindo Lisboa, e com elle se justifica a impossibilidade de ter levado soccorro a Mendizábal e a Badajoz, durante todo o mez de fevereiro.

Com effeito, pelas contas que fazia o generalissimo, Masséna tinha entrado em Portugal com 72:000 homens, dos quaes perdeu 10:000 no Bussaco, ou em consequencia da acção que ali se deu. Desde então até janeiro não teria perdido menos d'outros 10:000, entre doentes, prisioneiros, desertores e mortos nas differentes escaramuças havidas.

Antes da chegada do conde d'Erlon, a totalidade dos homens de Masséna subiria, quando muito, a 52:000.

Drouet, em dezembro, e Foy, em janeiro, accrescenta-

ram esse numero com uns 12:000 homens, o que levou a totalidade a 64:000; Claparède estava na Guarda com 8:000 a 10:000. D'aquelles 64:000, podem, á vontade, descontar-se 14:000, pois não seriam menos os doentes, tão mau era, por differentes motivos, e mórmente pela dura invernia, o estado sanitario do exercito. Ficam assim reduzidos, a 50:000 homens, proprios para o serviço, aquelles que Masséna tinha, ao tempo que estamos considerando, nas suas posições á direita do Tejo.

O exercito inglez, em 20 de janeiro, compunha-se de 41:040 homens, dos quaes havia a descontar: 6:715 doentes; 1:974 destacados e 1:586 prisioneiros de guerra. Restavam, por conseguinte, promptos para serviço, 30:765 homens.

Mas d'estes, estava em Lisboa o segundo batalhão do regimento 88, na força de 485 praças, e em Torres Vedras o segundo batalhão do regimento 58, em força proximamente egual, o que deixava para o serviço apenas uns 30:000 homens, dos quaes 2:655 eram de cavallaria.

O exercito portuguez, reunido ao inglez, para o serviço de campanha, subia, na mesma data, a 32:000 homens effectivos, não comprehendidas as guarnições d'Abrantes e d'Elvas, em cada uma das quaes havia dois regimentos de infanteria. Estava, tambem, um regimento de infanteria, o 20, em Cadiz, e outro, o 24, junto com as forças do general Silveira.

Não entra n'esta conta a força de cavallaria portugueza que, como vimos, andava na Extremadura hespanhola, sob o commando de Madden, nem os artilheiros portuguezes, que faziam parte da guarnição de Badajoz.

Na enumeração das suas forças, Wellington, quando tem de citar a cavallaria é mais para descontal-a do que propriamente para contar com ella. Em batalha, para effeitos de embate d'armas, conservava-a afastada sempre que lhe era possivel, pois sendo aquella de que elle dispunha, toda composta de soldados novos, sem a firmeza e o san-

gue frio que só dá a experiencia do campo, receiava o desgraçado effeito que a todo o exercito empenhado em acção ella podia produzir, quando, tomada de panico, levasse a desordem ás fileiras, fugindo a todo o galope. A cavallaria hespanhola, e a propria brigada de Madden incumbiram-se de lhe dar razão.

O plano de Masséna, no começo de 1811, era bem evidentemente o de passar para o outro lado do Tejo. Podia tental-o, n'um espaço de mais de dez leguas, entre Santarem e uma parte da região acima do Zezere. Tornava-se indispensavel vigiar todo o curso do rio, e ter forças, na outra margem, promptas a accudir a qualquer parte onde se procurasse effectuar a passagem. 14:000 homens era a menor somma que se podia destinar a esse serviço.

Ficavam, pois, frente a frente, na direita do Tejo, forças sensivelmente eguaes, da parte dos alliados, e da parte dos francezes. Porém, se a Masséna viessem juntar-se os homens de Claparède, estabelecia-se a desproporção, e esta muito maior seria, se para accudir a Badajoz e aos combatentes da fronteira, Wellington destacasse das linhas 13:000 homens, que tantos eram os indispensavelmente necessarios para haver confiança em que o exito correspondesse ao sacrificio.

Seria desmedida imprudencia tomar semelhante deliberação, sobretudo emquanto não chegassem de Inglaterra os auxiliares pedidos. Porque, se o generalissimo francez, concentrando todas as suas forças, resolvesse o esforço supremo de atacar as posições inimigas, poderia n'esse caso fazel-o, com um effectivo, superior ao dos alliados, em perto de 25:000 homens. E quando mesmo, em tal conjunctura, se mandasse desguarnecer a margem esquerda do Tejo, ganhavam-se apenas mais 14:000 homens, o que não chegava a estabelecer a paridade, sendo por outro lado precisos alguns dias de marcha para essa força entrar nas linhas.

O que, em tão apertada situação, Wellington tinha a fa-

zer era o que effectivamente fez: aguardar que chegassem os reforços, e aconselhar Mendizábal a resistir com prudencia, sem se lançar em aventuras, nem nos riscos de uma acção campal, irremediavel se fosse desastrosa.

Quando chegassem ao Tejo as tropas frescas que pelo mar se esperavam, seria tempo de emprehender com segurança o desbloqueio de Badajoz.

O exito desgraçado da batalha do Gévora, sobretudo pelo facto de Mendizábal ter despresado a precaução importantissima de fazer recolher a Elvas o material da ponte para a passagem do Guadiana, destruiu toda a esperança de ser possivel, mesmo depois de chegarem as tropas novas, tentar-se qualquer meio para a libertação da praça sitiada. As tropas a quem tal loucura fosse commettida, não tinham por onde escolher, na travessia indispensavel do rio: haviam de entrar em Badajoz, pela velha ponte d'arcos, se antes d'isso conseguissem tomar o reducto que lhe serve de cabeça, e na qual seriam varridas pela artilheria e pela fuzilaria do semi-baluarte que a domina.

Se até 19 de fevereiro, e ainda durante o resto do mez, não fôra possivel dispensar das linhas, nem da posição de Abrantes na rectaguarda de Masséna, senão as forças de D. Carlos e as do marquez de la Romana, deixando por isso de se accudir com maior contingente ao exercito e á guarnição que resistiam na fronteira, tambem, pela aspereza do inverno, pelo mau estado das estradas e caminhos, pelo alagamento dos campos e pelas cheias dos rios, tinha sido e continuava a ser totalmente impossivel, quando mesmo houvesse forças para emprehendel-o, o atacar as posições de Masséna.

Agora, no final de fevereiro, tendo começado a estiar, principiando as ribeiras e as estradas a ser practicaveis, e aguardando-se a proxima chegada dos reforços, que já estavam tardando, tomara-se, no quartel general de Wellington, a deliberação de sahir da prolongada inactividade, atacando decididamente os francezes.

Ao governador de Badajoz foi mandado aviso de que resistisse até ao ultimo extremo.

*

Wellington tinha estabelecido um completo systema de espionagem, para estar informado de tudo quanto se passava no campo contrario. Dispunha, para esse effeito, de homens audaciosos, cheios de recursos e expedientes, e da mais rara habilidade.

Exactamente no periodo de que nos estamos occupando, quando Eblé preparava a todo o custo as pontes de barcos, que habilitariam o exercito francez a atravessar o Tejo, no caso de se decidir a essa empreza, foi o estado maior de Masséna testemunha de uma tentativa arrojadissima, da parte de um famoso espião, a qual Marbot refere pela seguinte maneira:

«Como os preparativos que nós faziamos inquietassem Wellington, cujos espiões subalternos não podiam entrar no espaço occupado pelas nossas tropas, quiz elle ter conhecimento do estado dos nossos trabalhos, e empregou para isso um meio extremo, o qual já lhe havia dado bom resultado n'outras campanhas.

«Por uma noite escurissima, um inglez vestindo uniforme de official, metteu-se n'um barquito que estava atracado á margem esquerda, um pouco acima de Punhete. Atravessou o rio e desembarcou silenciosamente na outra margem, passando a salvo entre os postos francezes, e logo aos primeiros clarões da aurora, avançou resolutamente para os nossos estaleiros, onde examinou tudo á sua vontade, como se fizesse parte do estado maior do nosso exercito, passeiando socegadamente!... Quando os nossos artilheiros e sapadores chegaram para o trabalho da manhã, encontraram esse desconhecido, que prenderam e conduziram perante o general Eblé, a quem o miseravel declarou des-

caradamente ser official inglez; accrescentando que, indignado por uma preterição injustissima de que foi victima, havia desertado para vir alistar-se sob a bandeira da legião irlandeza, ao serviço da França.

«Enviado á presença do generalissimo, o pretendido desertor não só reproduz o mesmo conto, como ainda se offerece para dar as mais circumstanciadas informações sobre a posição das tropas inglezas e para indicar os pontos mais favoraveis onde o nosso exercito poderia fazer a passagem do Tejo!... É inacreditavel isto!... Masséna e Pelet, despresando, no fundo, tão grande miseravel, deram pleno credito á sua narrativa e, para tirarem proveito das informações que elle lhes promettia dar, passaram dias inteiros encerrados com elle, n'um gabinete, todos tres estendidos sobre cartas do terreno, tomando notas do que o desertor lhes dizia!

«Não foi tão grande a credulidade do general Fririon, nem a dos outros officiaes do estado maior, os quaes se não podiam convencer de que um *official* inglez tivesse *desertado*, e declarámos, alto, que, em nosso entender, esse pretendido capitão não passava de ser um habil espião enviado por Wellington. Mas de tudo quanto dissémos nada houve que pudesse abalar a convicção de Masséna, nem a de Pelet!

«Pois eram bem fundadas as nossas conjecturas, como em breve se teve a prova.

«Com effeito, tendo vindo o general Junot ao grande quartel general, os seus ajudantes de campo reconheceram o pretendido official inglez como tendo desempenhado o mesmo papel de *desertor* em 1808, quando um exercito francez occupava Lisboa.

«O general Junot lembrou-se tambem perfeitamente do espião, embora este se apresentasse agora com o uniforme de infanteria, em vez do uniforme de hussar com que em 1808 o tinha visto, e deu de conselho a Masséna que o mandasse fuzilar.

«Porém, o estrangeiro protestou nunca ter servido na cavallaria, e, para attestar a sua identidade, mostrou uma patente de capitão, com que provavelmente Wellington o tinha munido, afim de lhe tornar facil o poder passar por aquillo que elle dizia ser.

«Em vista do documento authentico, Masséna não quiz ordenar a prisão do homem; mas como lhe tivessem acordado as suspeitas, prescreveu ao chefe da gendarmeria que o fizesse vigiar de perto.

«O espião percebeu; e por isso, na noite immediata, conseguiu descer habilmente pela janella de um terceiro andar e fugir para os campos, indo com toda a probabilidade atravessar o Tejo, a nado, em Tancos, pois deixou na margem do rio uma parte do seu uniforme.

«Assim ficou demonstrado ter sido um agente do generalissimo inglez, que zombou da ingenuidade de Masséna!...

«Este deitou as culpas a Pelet; na sua cólera subiu ao paroxismo quando teve conhecimento de que o falso desertor, tão imprudentemente admittido no seu gabinete, lhe havia escamoteado uma pequena carteira, onde elle inscrevia diariamente o numero dos combatentes de cada regimento!...

«Soube-se depois que o habilissimo espião não era *official* no exercito britannico, mas sim um chefe de contrabandistas, de Douvres, dispondo de grandes recursos, de muita audacia, falando muitas linguas e habituado a disfarçar-se de toda a maneira!»

*

Quando, em 1810, Napoleão determinou a Masséna que se fortificasse em Santarem, ordenou, ao mesmo tempo, que entrasse em Hespanha o general Caffareli, com tropas de reforço para as provincias septentrionaes da peninsula, e deu ao marechal Bessières, duque d'Istria, o commando

de todas as forças d'essa região, as quaes ficaram constituindo o *exercito do norte*. No primeiro de janeiro de 1811, esse exercito tinha promptos no campo 59:000 homens de infanteria e 8:000 de cavallaria, sendo de mais de 70:000 a sua força total. Bessières foi investido no commando superior de tres governos militares, entre os quaes o das Asturias; foi posta sob a sua auctoridade a divisão do general Bonnet, que até ahi tinha manobrado independentemente em todo o norte, entre o littoral das Asturias e o da Galliza; recebeu poderes illimitados, e ordem para dar appoio ao exercito de Masséna quando elle o exigisse. Eram poucas todas as grandes espadas da França, para ameaçarem no occidente europeu este reino pequenino!

Ainda não mencionámos tudo. Nas provincias centraes de Hespanha havia, commandado pelo proprio rei, irmão do imperador, o *exercito do centro*. Era formado por 27:000 homens, não contando a guarda real, tanto a franceza como a hespanhola, nem as tropas nacionaes ajuramentadas, isto é, as que tinham jurado fidelidade ao monarcha. Tambem o exercito do centro tinha ordem de auxiliar Masséna, por uma de tres fórmas; ou directamente, avançando sobre o Elga; ou enviando-lhe reforços; ou, finalmente apoiando o 5.º corpo, do commando de Mortier, duque de Treviso, nas operações por este realisadas na Extremadura.

Sobre toda a fronteira assignalada pelo Guadiana, e ainda para o norte d'ella, em toda a região extremenha, estendia-se ameaçador, sob o commando supremo do duque de Dalmacia, o *exercito do sul*. Este, como vimos mais de uma vez, recebera ordens reiteradas e positivas para vir prestar soccorro a Masséna e, se o não fizera, estava indirectamente a favorecel-o, pela inquietação que causava a Wellington e ao exercito anglo-luzo.

Mas, felizmente para nós, nem Bessières nem Soult estavam resolvidos a auxiliar Masséna, e o rei José, unico que de boa mente lhe prestaria soccorro, não se entendia com

os outros marechaes, sendo-lhe impossivel entrar em qualquer accordo com elles, e precisando além disso de todas as suas forças, que não eram excessivas, para defender a côrte, para perseguir os guerrilhas, para proteger os comboios, e para observar os movimentos dos valencianos.

Ao sul, nas aguas de Cadiz, tinham os inglezes uma esquadra e outra ao norte, nas aguas da Corunha. Eram, pois, essas duas cidades, os apoios extremos das suas e das nossas forças combinadas. Wellington não podia entender-se com o genio dos hespanhoes, e não fiava d'elles absolutamente nada. Elles, por sua parte, encarregavam-se, a todo o momento, de o justificar.

Na Galliza, o general Mahi commandava um exercito que, nos mappas de effectividade, figurava ser de 20:000 homens, quando, na realidade do effectivo, não chegaria, talvez, a 10:000. Era para o primeiro numero que se faziam os fornecimentos.

Esse exercito que, a maior parte do tempo, se mantinha nas fronteiras de Leão, nada fez em nosso favor desde o principio da campanha invasora, não lhe tendo faltado occasião para nos ser util. Viu Masséna pôr cerco a Cidade Rodrigo, e tomal-a; viu depois sitiar Almeida, e ella succumbir pela explosão dos seus paioes; viu os exercitos francezes avançando pelo reino dentro, emquanto o general Serras, á frente de 8:000 homens, trazia estes disseminados entre Benavente e o Agueda, e nunca se moveu.

Quando, em outubro, o exercito de Drouet entrou na Castella Velha, Mahi em nada o embaraçou, e egualmente procedeu, quando esse exercito marchou sobre Portugal, para vir trazer soccorros a Masséna. E, no emtanto, que magnifico auxiliar elle nos podia ser, se operasse de accordo com os chefes das nossas valentes milicias, os subalternos inglezes Trant, Wilson e Miller, e Bacellar e Silveira, os denodados generaes portuguezes!

Já falámos na divisão franceza de Bonnet, formada por uns seis mil homens, unica que podia ao norte incommo-

dar seriamente Mahi; mas com a qual, elle, tambem, se não incommodou muito.

Bonnet estava encarregado da defeza do littoral das Asturias. Tinha a contrarial-o, constantemente, a guarnição hespanhola do principado, e o marquez de Porlier com as suas guerrilhas, de modo que não poude nunca dominar alli com segurança, e mais de uma vez procurou tomar pé na Galliza. Não lh'o consentiram, porém... imaginam, talvez, que vamos dizer: as forças de Mahi?... pois estão os leitores enganados; não lh'o consentiram as tropas que as fragatas inglezas e hespanholas, estacionadas na Corunha, corriam a desembarcar em Gijon, Santander ou Santona. Não lh'o consentiram, tambem, as guerrilhas hespanholas que, de Leão e de Castella a Velha, accudiram a juntar-se ás forças de desembarque, e que eram commandadas, entre outros, pelos famosos guerrilheiros: Mina, Longa, Amor e Campillo.

Para acabar de vez com a inquietação provocada pelos continuos movimentos e ataques da divisão Bonnet, organisara-se, em outubro de 1810, na Corunha, uma expedição, que effectivamente sahiu d'aquelle porto, a 16 do mez. Concentrou-se primeiro em Oviedo, d'ahi passou logo a Gijon, onde deixou um posto, e seguiu para Santander, em cujo porto entrou a 19. Aqui, poude capturar alguns navios francezes. Ao mesmo tempo, pelo interior das terras, avançava tambem contra a divisão franceza, o marquez de Porlier, que apenas conseguiu fazer-lhe alguns prisioneiros. Em 20, a esquadra expedicionaria fez-se de véla para Santona; mas assaltou-a, no mar, uma das tempestades em que a bahia de Biscaya é famosa, e depois de grandes riscos e perdas, o resto da expedição conseguiu voltar, em 2 de novembro, ao porto da Corunha, onde, já dentro d'elle, ainda doze navios se perderam.

D'esta vez, Mahi sahiu da sua inacção. Deixou a divisão Taboada-Gil de observação aos movimentos de Serras, e á frente das tropas gallegas, ás quaes se juntaram as forças

asturianas, constituindo-se assim um corpo de exercito mais numeroso que a divisão franceza, entrou nas terras do principado, onde, por fim, nada emprehendeu com seriedade. Bonnet manteve a sua linha de operações, de norte a sul, desde Gijon, passando por Oviedo, e atravessando d'esse modo as montanhas das Asturias, áté á fronteira de Leão.

Importava muito a Napoleão ter os governos militares da bahia de Biscaya solidamente guarnecidos, pois era esse o modo de manter livres as communicações de França com a Hespanha. Egualmente precisava conter em respeito as guerrilhas audaciosas e destemidas, que tinham feito de Castella a Velha, de Leão, Asturias e Galliza, e até mesmo da Navarra e dos paizes cantabricos, theatro das suas ruidosas emprezas. Foi com esse intento que para alli desta cou o corpo de exercito do conde d'Erlon, e quando este entrou no nosso reino, e condescendeu por fim em ir estabelecer-se para Leiria, á disposição de Masséna, sabia a falta que no norte da peninsula estava fazendo.

Como se vê, o proceder de Mahi, ao norte, pouco melhor era do que vimos ter sido o de Mendizábal, ao sul, e assim, bem fundados motivos eram os de Wellington em não contar com a disciplina hespanhola para cousa nenhuma.

Os portuguezes, esses sim, eram os auxiliares que lhe convinham. Logo depois da batalha do Bussaco, ao escrever a relação d'ella para o seu governo, Wellington affirmava que essa batalha tinha o merecimento de fazer vêr ao inimigo a qualidade de tropas com que vinha defrontar-se no nosso paiz, e servia-se, a nosso respeito, d'esta expressão prophetica: «as tropas portuguezas são d'aqui em deante a esperança mais solida de salvar a peninsula».

E quando, em 1810, a 7 de maio, isto é, muito antes do Bussaco, quiz desviar o governo inglez de occupar com uma força expedicionaria o porto de Santona, dirigiu um

despacho a lord Liverpool, no qual, entre outras cousas, lhe dizia:

«Seria uma pura illusão esperar cousa boa de semelhante empreza, e, ainda menos, *apoio algum militar por parte das tropas hespanholas*, pois deveis ter a certeza de que a primeira cousa que nos pediriam seria seguramente dinheiro, e depois d'isso armas, munições, vestuario de toda a especie, provisões, forragens, cavallos, meios de transporte e, finalmente, tudo quanto os expedicionarios teriam direito de lhes pedir. E depois de se lhes conceder tudo isso, este povo extraordinario e obstinado apenas permittiria ao commandante da expedição emittir um parecer no plano de operações a seguir, no momento em que tudo estivesse prompto para a execução. Nao percaes jamais de vista, que Portugal deve ser a base fundamental de todas as nossas operações na peninsula, de qualquer natureza que sejam. Sobre este ponto ainda não mudei».

Era esta, bem assente, a opinião de Wellington sobre as qualidades militares dos hespanhoes e dos portuguezes. Não contestava áquelles a bravura; reconhecia-lhes, porém, carencia absoluta de subordinação, de entendimento do perigo que ameaçava a Hespanha inteira, de comprehensão dos deveres que a salvação da patria lhes impunha, e estava mais do que convencido que eram rebeldes á disciplina. E sob o ponto de vista da sua lealdade militar e civica tinha serias duvidas tambem.

Elles encarregaram-se de justificar tudo isso.

*

A batalha do Gévora deu-se nas primeiras horas do dia, e os francezes ficaram senhores do campo, começando logo a entrincheiral-o, pela tarde. Fortificada a posição, conservaram n'ella tres batalhões e o grosso da cavallaria.

Entre feridos e mortos, tanto na batalha como no cêrco de Olivença já findo e no de Badajoz, que proseguiam, as

suas perdas subiam a mais de 2:000 homens. O numero de doentes era avultadissimo, os trabalhos do cêrco contrariados cada dia pela insistencia das chuvas e pelas cheias do Guadiana e seus confluentes em volta da praça; as dificuldades dos caminhos retardavam os comboios de provisões, sendo necessario destacar grande numero de soldados em procura de viveres, o que diminuia o numero de braços que era possivel empregar diariamente no estabelecimento das parallelas e abertura da trincheira, bem como na construcção e artilhamento das baterias de ataque.

Badajoz fôra até ahi invulneravel e ostentava-se ainda em toda a sua força. Nem para a guarnição nem para a população havia falta de viveres ou de provisões de qualquer especie; e a propria estação era favoravel aos sitiados pelo muito que embaraçava o proseguimento do cêrco. Mantinha-se resoluto na resistencia, até á ultima extremidade, o energico e valoroso governador. Mas, a 4 de março, foi elle alcançado por uma bala de artilheria inimiga, que o matou instantaneamente.

Assumiu, então, o governo, o official seu immediato, o marechal de campo D. José Imaz, que ao fim de seis dias vergonhosamente se rendeu, entregando a praça aos sitiantes, nas circumstancias mais imprevistas e inesperadas.

Quando elle capitulava, o general Leite, governador de Elvas, annunciava-lhe por signaes telegraphicos que Massé-na começara a sua retirada, e que dentro em breve lhe seriam mandados soccorros!

Entraram os francezes em Badajoz, no dia 11, sendo o seu numero egual, ou talvez menor, do que era o da guarnição da praça. Subia esta a 9.000 homens, não contando uns mil doentes. D'ella faziam parte duzentos artilheiros portuguezes, que para ali haviam sido mandados em 1809, pelo marechal Beresford, commandando-os directamente o valente capitão da nossa artilheria, João Nepomuceno de Mello, o qual no conselho militar em que foi decidida a capitulação, votou energicamente contra ella.

As muralhas e baluartes da praça estavam intactos, com excepção da cortina de S. Thiago, onde fôra começada a brecha, mas ainda muito longe de ser praticavel, a ponto da guarnição ter sahido pela porta da Trindade e não por ella, como um dos artigos da capitulação estipulava.

Não fôra desmontada, nem obrigada a calar, nenhuma bôcca de fogo, das 150, entre peças, obuzes e morteiros, que constituiam o armamento da defeza, e para as quaes havia abundancia de munições, que nem dentro de um mez de consecutivo fogo se consummiriam. Do mesmo modo havia espingardas em numero avultado, com bastante municiamento, e os armazens da cidade estavam bem fornecidos de viveres. Toda a guarnição se mostrava nas melhores disposições para a resistencia, com grande confiança no exito, e não eram menores a intrepidez e a constancia de que dava provas a população civil. O proprio D. José Imaz, ao tomar conta do governo, dissera em conselho de officiaes, que, segundo o seu parecer, entendia que a praça devia defender-se á força de valor e de perseverança, até ao ultimo extremo, até darem por ella as vidas.

Passados apenas seis dias, desmentia-se a si proprio, e entregava nas mãos dos francezes, espantados elles mesmos de tão boa fortuna, a praça e a guarnição, ambas dignas de mais glorioso destino, muito diverso de uma capitulação deshonrosa. Doze officiaes foram ouvidos antes d'esta se deliberar, e d'esses, apenas cinco affirmaram que a brecha estava praticavel. Da parte de fóra, com enorme difficuldade a subiram alguns sitiantes; dos da guarnição apenas alguns sapadores a desceram, á custa de enorme trabalho, e tão sómente para ser preenchida uma das formalidades da capitulação.

Effectuou-se, pois, como já dissémos, a sahida da guarnição pela porta junto ao baluarte da Trindade e, atravessando o Rivillas, foi ella depôr as armas, no campo de S. Roque, o qual é dominado pelo revelim da mesma invocação.

*

Sobre os desacertos esmagadores de Mendizábal, e o vergonhoso proceder de Imaz, apparece coroando a obra nefasta da acção hespanhola, a inaudita petulancia de outro general, D. Manuel La Peña que, se é possivel, excedeu em leviandades e erros os dois primeiros.

Descreveremos, muito summariamente, o que se passou em torno de Cadiz, ao tempo que se passavam na Extremadura e em torno de Badajoz os acontecimentos que acabámos de descrever.

Logo que Soult partiu da Andaluzia, deixando ao marechal Victor, duque de Belluno, o encargo de continuar o cêrco, o intrepido general inglez Thomaz Graham, commandante das tropas alliadas em Cadiz, resolveu obrigar o marechal a abandonar o seu intento, e libertar a praça. Foi pelos fins de janeiro que poude começar, guardando o maior segredo, os preparativos enormes que precisava adoptar para esse fim. Tratava-se de sahir da cidade, com o maior numero de forças de que fôsse possivel dispôr, o que só se podia conseguir por mar, em numero sufficiente de navios, e ir desembarcar essas forças n'um ponto da costa, d'onde, a marchas rapidas, fossem, em seguida, surprehender pela rectaguarda o exercito francez.

O marechal Victor teve suspeitas da empreza arrojada, e preparou-se pedindo reforços ao exercito do norte. Durante o mez de fevereiro recebeu doze mil homens, sendo assim elevada a 20:000 a força do primeiro corpo. D'estes, ficaram 15:000 em frente de Cadiz; os restantes foram para San Lucar, Medina e outros pontos.

Em 21 de fevereiro sahiram de Cadiz, fazendo-se ao mar, as vélas necessarias para o transporte de 10:000 infantes e 600 cavallos. As tropas inglezas, com o regimento portuguez de infanteria n.º 20, e uma força de cavallaria, de 180 hussares allemães, constituindo uma totalidade de uns quatro mil homens, eram commandadas pelo habil gene-

ral Graham, que procedia de accordo com instrucções recebidas de Wellington. As tropas hespanholas seguiam sob o commando do general D. Manuel la Peña, subindo a sua força a perto de 7:000 homens.

Navegaram os transportes para o sul, com destino a Tarifa; mas os navios inglezes, levados na rajada, chegaram no dia immediato, 22, ao porto mais distante, de Algeciras, no qual as tropas effectuaram o desembarque, retrogradando para Tarifa, onde entraram em 23. O seu fim era atacar pela rectaguarda o acampamento francez de Chiclana, entre Medina Sidonia e o canal de S. Pedro.

Só em 27 chegaram a Tarifa as tropas hespanholas. Ahi, immediatamente estabeleceu questão sobre precedencia e superioridade de commando, o balofo e despropositado D. Manuel La Peña. Os nossos leitores verão que lhe não chamamos cousa que elle não mereça.

Graham cedeu prudentemente, e acceitou o papel de subordinado. Manter desintelligencia, n'aquella situação, era perder tudo.

Em 28 poz-se todo o exercito em marcha. Commandava a vanguarda o general Lardizábal; o centro, o principe de Angelona; ao coronel inglez Wittingham, que servia em Hespanha, foi dado o commando da cavallaria mixta, ingleza e hespanhola; o commando da reserva foi confiado a Graham, a quem se accrescentaram as forças que já mencionámos, com mais dois regimentos hespanhoes.

Deviam estas forças obrar de accordo com D. José Zayas, commandante da guarnição de Cadiz, o qual para em tempo opportuno poder combinar com ellas a sua acção, foi incumbido de lançar uma ponte no canal de S. Pedro, afim de ligar a ilha gaditana com o continente. Ao general Ballesteros deu-se o encargo de ameaçar Sevilha, e ás guerrilhas o de conterem em respeito as forças de Sebastiani, incommodando-o e retendo-o em Granada.

Manuel La Peña poude ainda, em marcha, elevar a uns treze mil homens a totalidade do seu exercito, juntan-

do-lhe 1:600 infantes vindos de Algceiras, uma porção de cavallaria irregular commandada pelo general Beguines de los Rios, e 24 peças de artilheria.

Em 2 de março tomou o exercito a direcção de Medina Sidonia, onde estava entrincheirada uma consideravel guarnição franceza, sob o commando do general Cassagne. Em 3, marchando com o mesmo objectivo e tendo combinado com Graham seguir o caminho de Casa Vieja, ao saber da força que estava em Medina, mudou de resolução, sem de tal o prevenir, e tomou para a banda do mar, sobre Vejer de la Frontera. Repelliu os francezes que ali encontrou; mas como não tivesse prevenido tambem da sua mudança de resolução o general D. José Zayas, com quem aliás desejava pôr-se em communicação, não poude receber d'elle o auxilio que precisava.

Em 5, de manhã, recomeçou a marcha, tendo a vanguarda da sua cavallaria de sustentar uma escaramuça com um esquadrão de cavallaria franceza, que a derrotou. Conseguiu, apesar d'isso, avançar até ás alturas a que os hespanhoes chamam Cerro de Puerco, e a que os auctores inglezes dão o nome de alturas da Barrosa, e que ficam a pouco mais de legua da entrada do canal de S. Pedro, que separa da terra firme a ilha gaditana, em cujo pontal extremo, ao norte, Cadiz está edificada.

Graham recebeu ordem de ir com as suas tropas para a frente e direita da Barrosa, na falda de uma estreita collina chamada Bermeja, e á entrada de um vasto pinhal. Convenceu-se que La Peña occuparia as alturas, e que n'ellas se fortificaria, pois estavam indicadas pela natureza para serem a chave da posição que os exercitos alliados acabavam de tomar.

Enganou-se, porém.

O marechal Victor, informado dos movimentos e da chegada do inimigo, abandonou a sua linha, á frente de 12:000 homens, escolhidos entre as suas melhores tropas, e veiu estabelecer-se adeante de Chiclana, nos ter-

renos junto á Lagôa de Porco, e que apenas os montes da Barrosa separam do mar.

Das suas tres divisões, occupou o flanco esquerdo da posição a do general Ruffin; o centro, a do general Laval, ambas em columna; e estabeleceu-se á direita, porém mais afastada, cortando o caminho para Cadiz, a do general Villatte.

La Peña combinara com Graham, ao sahir de Tarifa, que as tropas avançariam por pequenas marchas, afim de se conservarem sempre frescas, e bem dispostas no momento do combate. Mas ao sahir de Casa Vieja, por falta de guias, e pela ruindade dos caminhos, deu-lhes uma marcha enorme e fatigante de quinze horas successivas, e sobre essa, outra mais penosa ainda, durante a noite, para alcançarem a Barrosa. Quando o exercito ahi chegou ia n'uma desordem incrivel e completamente extenuado.

Não esperou La Peña que as forças todas se reunissem, nem consultou, antes de qualquer deliberação, com o general inglez, a quem dera ordem de ir estabelecer-se na orla do pinhal. Tambem, de nenhum modo, preveniu das suas resoluções D. José Zayas.

Este conseguira estabelecer, em 2, a ponte sobre o canal, e começara algumas obras de fortificação do lado da terra firme, o que os francezes lhe não permittiram que continuasse, pois o atacaram de noite, quando os seus homens estavam trabalhando, e lhe destruiram os trabalhos começados.

La Peña não quiz saber de reconhecimentos nem de cousa nenhuma. Tão depressa chegou, deu ordem a Lardizábal, para avançar com a vanguarda,— da qual faziam parte um esquadrão de cavallaria e tres bôccas de fogo de campanha,— ao longo da costa, direito ao canal.

Encontrou-se Lardizábal, no caminho, com a divisão de Villatte, que fôra mandada postar nos terrenos entre a costa e a azenha d'Almanza, sobre a qual havia uma ponte que lhe permittiria a retirada para os campos de Chiclana,

se esta viesse a tornar-se necessaria. A divisão compunha-se de mais de dois mil e quinhentos homens das diversas armas, e tinha por fim, na posição que fôra occupar, oppôr-se a qualquer movimento que, na direcção do canal de S. Pedro, tentassem fazer as tropas hespanholas, estacionadas em Bermeja. Do mesmo modo, vigiava as forças de Zayas, prevenindo qualquer incursão que procurassem effectuar na terra firme, passando o canal, sobre a ponte, e principalmente a juncção das que constituiam a guarnição de Cadiz com as que tentavam levantar o bloqueio da cidade.

Lardizábal accometteu com impeto os postos francezes; e as forças contrarias empenharam-se finalmente n'uma vigorosa e prolongada escaramuça, em que as perdas, de parte a parte, foram avultadas. Só do lado dos hespanhoes, ficaram prostrados, no campo, mais de 300 homens. A victoria, por fim, pronunciou-se decididamente a favor d'elles, e Lardizábal forçou a passagem, alcançando effectuar a sua juncção com Zayas, apesar d'este não ter podido coadjuval-o porque, completamente desprevenido, e recolhido á ilha gaditana, não sabia o que se passava.

Não parou La Peña na série de desacertos que estava accumulando. Graham pretendera fazer-lhe vêr que era indispensavel occupar em força as alturas da Barrosa, pois ali é que estava o centro de acção para todos os movimentos offensivos e defensivos, e nenhum general ajuizado viria offerecer o flanco, atacando Bermeja, se a Barrosa estivesse devidamente guardada.

Refutou esse parecer, outro hespanhol, egualmente vanglorioso, Lascy, chefe do estado maior do exercito de La Peña. Foi então que este, sem a menor cortezia, deu ordem peremptoria a Graham, para ir com as suas forças, tomar posição no pinhal, como já dissemos.

Graham era um official velho, de grande experiencia, de muito saber militar, e de admiravel bom senso. Obedeceu friamente, e marchou. Não queria augmentar, com a sua,

aliás justificada, indisciplina, as loucuras quasi irremediaveis, que via fazer.

E não vira tudo, ainda.

Marchou, deixando apenas na rectaguarda, guardando as bagagens, o major Brown com as companhias dos flancos dos regimentos britannicos 9 e 82.

Marchou, porém convencido ainda que La Peña ficaria na Barrosa com a divisão d'Angelona e a cavallaria, e que a essas forças viriam juntar-se, em breve, as que estavam em marcha, de Vejer, e o destacamento que andava ainda para os lados de Medina.

Marchou; e tão depressa tinha entrado no pinhal, como La Peña, sem o menor aviso, chamou a si o corpo principal do exercito, mandou a cavallaria tomar o caminho da costa, e elle, á frente dos seus hespanhoes, avançou, na mesma direcção em que já tinha ido Lardizábal, direito ao canal de S. Pedro.

Nas alturas de Barrosa deixou tão sómente as bagagens, defendidas por uma guarda da rectaguarda, composta de cinco batalhões e quatro peças, sob o commando do general Beguines de los Rios.

Vê-se qual era o seu vaidoso plano; era excluir das honras da victoria, que tinha como certa, as tropas auxiliares extranhas. Queria para si, e para os seus, todos os loiros ganhos n'essa arrojada empreza do desbloqueio. Queria entrar triumphante, em Cadiz, sósinho com os seus hespanhoes, e provar que nem a coadjuvação effectiva nem os conselhos de Graham lhe tinham sido precisos.

Na peninsula, não foi possivel encontrar hespanhoes d'outro feitio. Acima de todo o elogio, em tudo quanto dependia do valor pessoal, eram uma lastima tão depressa se tratava de subordinação, de bom senso, de disciplina. Se não fossem as sérias qualidades que Wellington veiu encontrar na raça portugueza, e de que soube tirar proveito até ao fim da campanha, obtendo d'ella compensações para os transtornos que os hespanhoes causavam com os seus

arrebatamentos e os seus desvarios, a causa da peninsula teria sido irremediavelmente perdida.

*

Durante os movimentos que acabamos de indicar, o marechal Victor conservou-se perto, na floresta de Chiclana. Graham effectuara uma pequena marcha, de menos de uma legua, e por isso as suas patrulhas, apesar de terem penetrado longe, não deram noticia do inimigo. No entretanto, o marechal francez, vigiava cuidadosamente todos os progressos dos contrarios.

Logo que La Peña chegara á Barrosa, Victor mandara recolher de Medina Sidonia, a sua infanteria, e esperava, a todo o momento, que ella apparecesse. E tão seguro estava, pelas informações recebidas, e pelos desacertos que o general hespanhol practicava, de que a victoria lhe não podia fugir, que ordenou á sua cavallaria, então em Medina e Arcos, que fosse postar-se em Vejer e n'outros pontos para, depois da batalha, cortar a retirada ao inimigo derrotado, e obstar, não só ao seu reembarque, como ainda a qualquer empreza que pudesse intentar, caso se espalhasse n'aquellas regiões inquietas, do sul da Hespanha.

Tinha o duque de Belluno, sob o seu commando immediato, quatorze peças d'artilheria e nove mil homens escolhidos d'entre as forças dos seus divisionarios. D'elles tirou, para reserva, tres batalhões de granadeiros, e d'estes mandou aggregar dois, bem como tres esquadrões de cavallaria, á divisão de Ruffin, a qual, segundo já dissemos, constituia a sua ala esquerda. O terceiro batalhão juntou-o á divisão de Laval, que era a divisão do centro. A de Villatte, na direita, depois de ter sido obrigada por Lardizábal a abrir-lhe o caminho de Cadiz, refluira proximamente á sua primitiva posição, junto á azenha e á ponte d'Almanza.

E, no entretanto, La Peña seguia doidamente em frente,

á mercê instinctiva do seu imprevidente arrojo, sem nenhuma percepção dos interesses que estava prejudicando, da causa que ali sacrificava. Seguia para um ignorado destino, quasi inconsciente do perigo, descuidoso do que lhe podia surgir em frente, sem a minima preoccupação do que se estaria passando na sua rectaguarda.

Fascinavam-o as miragens de uma gloria que lhe parecia facil, e o antegoso do triumpho não compartilhado. Cego pela vaidade patriotica, e pelo conceito presumpçoso de si mesmo, não podia vêr o abysmo em que esteve a ponto de precipitar-se, e de precipitar aquelles cuja sorte lhe fôra, desgraçadamente, confiada.

(Continua).

FERNANDES COSTA.

LOURDES (*)

TERCEIRO DIA

III

(Continuação)

Pedro e Maria ficaram sós, no recanto de obscura solidão, onde se exhalava o perfume das rosas, sem que houvesse por ali rosas de especie alguma. E não fallaram, ficaram a olhar para a procissão que descia, deslisando n'um movimento suave e continuo.

Era como uma dupla sebe de estrellas tremeluzentes que, surgindo á esquina esquerda da Basilica, seguia agora a rampa monumental, cuja curva ia gradualmente desenhando. Áquella distancia, continuavam a não vêr os peregrinos portadores de cirios, e só existiam para elles lumes que caminhavam, disciplinadamente, desenhando na sombra linhas correctas. Os proprios monumentos, na noute azulada, appareciam vagamente, indicados apenas por maior espessura das trevas. Mas, pouco a pouco, á medida que o numero de cirios ia crescendo, linhas architectonicas illuminavam-se, as arestas esbeltas da Basilica, os arcos cy-

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

clopicos das rampas, a fachada pezada e baixa do Rosario. Com o rio ininterrompido de faiscas vivas, que ia correndo, correndo, correndo com o ar obstinado da onda que trasborda e que nada sustem, devagar, como uma aurora, uma nebulosidade chegava nascente e invasora, que ia afinal banhar todo o horisonte na sua gloria luminosa.

— Olhe! Pedro, olhe! repetiu Maria cheia de infantil prazer. Parece não ter fim!

E, effectivamente, lá no alto a apparição repentina das luzinhas continuava com regularidade mechanica, como se inexgotavel fonte celeste fosse para ali despejando aquella poeira de astro. A testa da procissão attingia já os jardins e achava-se á altura da Virgem coroada; de modo que a dupla linha de chammas não desenhava ainda senão a curva dos telhados do Rosario e a da grande rampa de accesso. Mas a approximação da multidão fazia-se sentir n'uma agitação do ar, um sopro vivo, que vinha de longe; e principalmente a massa de vozes ia engrossando, a lamentação de Bernadette alargou-se, com um clamor de maré cheia, rolando o estribilho: «*Ave, ave, ave Maria*» n'um emba ar rythmico, cada vez mais alto.

— Ai! este estribilho, murmurou Pedro, atravessa uma pessoa até aos ossos. Até me parece que todo o meu corpo o vae cantar afinal.

Maria teve outra vez o seu riso infantil.

— É verdade, segue-me por toda a parte: Até a dormir o ouvi, uma d'estas noutes. E ahi está elle outra vez a contas comigo, parecendo que me levanta do chão e começa a embalar-me.

Interrompeu-se para dizer:

—Lá estão elles do outro lado das relvas, defronte de nós.

A procissão, n'esse momento, seguiu a longa aléa direita; em seguida, depois de ter torneado a Cruz dos Bretões, em roda do taboleiro da relva, tornava a descer pela aléa direita. Foi preciso mais de um quarto de hora para executar o movimento. E, agora, a dupla linha, desenhava

dois longos traços parallelos, sobrepujada por uma figura de sol triumphal. Mas a maravilha, era o caminhar incessante da serpente de fogo, cujos anneis de ouro rastejavam docemente pela terra negra, alongando-se até ao infinito, sem que o immenso corpo que se desenrolava, parecesse acabar. Muitas vezes devia ter havido empurrões, porque as linhas tinham-se inflectido, como se estivessem quasi a quebrar-se; e a ordem restabelecera-se, o manso deslizar recomeçava com regularidade lenta. No céo parecia haver menos estrellas. Cahira lá de cima uma via lactea, rolando uma pulverisação de mundos, e continuava na terra a dança circular dos astros. Escorria uma claridade azulada, e só existia o céo: os monumentos e as arvores tomavam apparencias de sonho, no clarão mysterioso dos milhares de cirios, cujo numero ia crescendo sempre.

Maria teve um suspiro abafado; e não encontrou phrases que exprimissem a admiração de que estava possuida. Repetia:

—Que lindo, Deus meu! que lindo! olhe, Pedro! veja como é lindo!

Mas desde que a procissão desfilava a alguns passos de distancia d'elles, já não era só uma marcha rythmada de estrellas, que nenhuma mão segurava. No clarão, agora, distinguiam os corpos, reconheciam, por momentos, na passagem, os peregrinos que pegavam nos cirios. Primeiramente, fôra a Grivotte, que quizera tomar parte na ceremonia, apezar do tardio da hora, exaggerando a cura, repetindo que nunca na sua vida tinha tido tanta saude; e conservava o caminhar exaltado e dançante, no meio da frescura da noute que a trespassava de calafrios. Depois, surgiram os Vigneron, o pae á frente, com o cirio muito erguido, seguido de M.me Vigneron e de M.me Chaise, arrastando as pernas cançadas; ao passo que o Gustavinho, extenuado, batia na areia com a muleta, com a mão direita coberta de pingos de cera. Todas as doentes validas lá estavam: Elisa Rouquet, entre outras, que passou como

apparição de precita, com a face nua e vermelha. Outras riam, a pequena «miraculada» do anno anterior, Sophia Couteau. distrahida, brincava com o cirio como se fosse um bordão. Cabeças e cabeças surgiam umas atraz das outras, principalmente mulheres, muito vulgares, ás vezes com uma expressão soberba, entrevistas por um segundo e que se afogavam no clarão phantastico. E a procissão não acabava, appareciam logo outras, e Pedro e Maria notaram uma sombrasinha negra muito discreta, M.me Maze, a quem não teriam reconhecido, se esta por instantes não erguesse o rosto pallido Inundado de lagrimas.

— Veja, explicou Pedro a Maria, as primeiras luzes que chegam á praça do Rosario, e estou certo que metade dos peregrinos está ainda em frente da Gruta.

Maria ergueu os olhos. Lá em cima, effectivamente, do canto esquerdo da Basilica, viu outras luzes surgir, regulares e com descanço, n'aquella especie de movimento mecanico, que parecia não poder parar nunca.

— Ai! disse ella, quantas almas penadas! Cada uma das luzinhas é uma alma que soffre e que se liberta.

Pedro, para ouvil-a, tinha de curvar-se, porque o cantico, a lamentação de Bernardette, aturdia-os, depois que a onda de povo lhes passava tão perto. As vozes explodiam n'uma vertigem crescente, as coplas tinham-se misturado pouco a pouco, cada bocado de procissão cantava a sua, com voz de possessos, que não se ouviam senão a si mesmos. Era um immenso clamor indistincto, o clamor delirante de uma massa de gente, que o ardor da propria fé embriagava por fim. E, no meio de tudo, o estribilho *Ave, ave, ave Maria*, soltava, dominava tudo, atroador e phrenetico.

De subito Pedro e Maria ficaram pasmados de ver M. de Guersaint.

— Ai! meus filhos, não quiz demorar-me lá por cima, e acabo de cortar a procissão duas vezes, para passar...

Mas que espectaculo! É, com toda a certeza, a cousa mais bella a que tenho assistido depois que aqui estou!

E poz-se a descrever-lhes a procissão vista do alto do Calvario.

— Imaginem, filhos, outro céo em baixo, reflectindo o lá de cima, mas um céo que uma constellação unica, immensa, enche completamente. Este formigueiro de astros, apparece longinquo, perdido em escuridão profunda; e o jacto de fogo representa uma custodia, uma verdadeira custodia, cuja base é representada pelas rampas, o pé pelas duas alamedas parallelas, e a hostia pelo taboleiro redondo de relva, que as corôa. É uma custodia de ouro ardente, que flammeja no fundo das trevas, com um perpetuo scintillar de estrellas ambulantes. É c que a gente vê! É gigantesco e soberano... Na verda e nunca vi cousa tão extraordinaria na minha vida!

Agitava os braços, fora de si, trasbordante de emoção artistica.

— Já que aqui estás, papá, o que devias fazer era ir-te deitar. São perto de onze horas, e bem sabes que tens de partir ás duas da manhã.

E accrescentou para o decidir:

— Tenho tanto gosto em que faças essa excursão!... Mas, vê lá, volta cedo ámanhã, porque verás... verás...

E não ousou affirmar a certeza que tinha de se curar.

— Tens rasão, vou para a cama, disse M. de Guersaint, serenado. Visto que Pedro está comtigo, fico descançado.

— Mas, exclamou ella, não quero que o Pedro perca a noute. Logo que me tiver conduzido á Gruta, irá ter comtigo... Eu, por mim, não preciso de ninguem, qualquer «brancardièr» me levará ao Hospital, ámanhã de manhã.

Pedro calava-se. Depois ajuntou simplesmente:

— Nada, nada, fico... Ilei de passar tambem a noute na Gruta.

Maria abriu a bôcca para insistir, para se zangar. Mas Pedro fôra tão meigo, e a pobre menina acabava de sen-

tir tão dolorosa sêde de felicidade, que guardou silencio, commovida até ao fundo da alma.

— Emfim, filhos, volveu M. de Guersaint, combinem as cousas. Ambos teem juizo. E bôa noute, não tenham cuidado em mim.

E abraçou demoradamente a filha, apertou as duas mãos ao moço ecclesiastico; depois foi-se embora, sumindo-se nas fileiras unidas da procissão, que teve de atravessar outra vez.

Então ficaram sós os dois, no recanto de sombra e solidão, sob as grandes arvores, Maria ainda assentada no carrinho, Pedro ajoelhado entre as hervas, com o cotovello encostado a uma das rodas. E foram adoraveis esses minutos, em quanto continuava o desfilar dos cirios, e estes se agglomeravam todos volteando na praça do Rosario. Pedro deliciava-se ao ver que já não pairavam em Lourdes os ares de arraial que tinham dominado durante o dia. Parecia-lhe que uma brisa purificadora viera das montanhas, e que varrera o cheiro das comesainas, as alegrias vorazes do domingo, toda a poeira ardente e empestada, que fluctuava na cidade. Havia só um céo immenso, com estrellas cheias de pureza; e a frescura do Gave era deliciosa, e os sopros errantes traziam aromas de flôres silvestres. O infinito do mysterio perdia-se na paz soberana da noute, e das cousas materiaes não restavam senão as chammarinhas dos cirios, amparadas pela companheira, a almas penadas, em caminho de se libertarem. Era um requinte de repouso, era uma esperança sem limites. Desde que Pedro ali estava, as recordações desagradaveis d'essa tarde, os apetites vorazes, a simonia impudente, a velha cidade estragada e prostituida, desvaneciam-se pouco a pouco, para darem logar ao divino frescôr, á noute tão linda, em que todo o seu sêr se banhava como n'uma agua de resurreição.

Maria, tambem, penetrada de infinita doçura, murmurou:

— Ai! como Branca seria feliz de vêr tantas maravilhas!

Pensava na irmã, que ficara em Paris, no duro labôr de mestra, dando lições ás duzias. E a simples palavra, a irmã de quem ainda não fallara depois da chegada a Lourdes; e que surgia ali, inesperadamente, bastou-lhe para evocar todo o passado.

Maria e Pedro, sem falarem, voltaram ao seu tempo de creanças, lembrando as brincadeiras d'outr'orá, nos dois jardins contiguos divididos por uma sebe. Em seguida, foi a separação, o dia em que Pedro entrou no seminario, e em que Maria o beijou nas faces, com lagrimas que escaldavam, jurando não esquecel-o nunca. Decorriam annos, e encontravam-se eternamente separados. Pedro, ecclesiastico, Maria, immobilisada pela doença, perdidas as esperanças de vir a ser mulher. Era toda a historia dos dois, affeição vehemente que muito tempo se ignorava a si propria, depois ruptura total, como se estivessem mortos, apesar de viverem um ao pé do outro. Transportavam-se outra vez pelo pensamento á pobre casa, onde a irmã mais nova, com as lições, se exforçava por introduzir um bocado de bem estar, a casa miseravel, d'onde tinham partido para vir a Lourdes, depois de tantas luctas, tantas discussões, duvidas d'elle, e fé enthusiastica d'ella afinal vencedora. E era verdadeiramente delicioso encontrarem-se assim juntos sósinhos, n'aquelle recanto de treva, durante a admiravel noute, em que havia na terra tantas estrellas como no céo!

Maria até então conservara uma alma de creança, alma candida, como dizia o pae, simples e pura. Fulminada pela doença na edade de treze annos, os annos tinham passado em vão. Hoje aos vinte annos, tinha ainda os mesmos treze, ficara infantil, concentrada em si mesma, toda entregue á catastrophe que a anniquilara. É o que se lhe lia no olhar fixo, na expressão absorta, no ar de continua obsessão, na incapacidade de manifestar outro desejo que não fosse o de recuperar a saude. E não havia alma mais simples, pa-

rada no seu desenvolvimento, alma de rapariga ajuizada, em quem a paixão nascente não pede mais do que beijos nas faces. O seu unico romance tinha sido o adeus lacrimoso ao amigo de infancia, e era o que bastava para, havia dez annos, lhe encher o coração. Durante os interminaveis dias que passara no leito de dôr, jámais transpuzera os limites do sonho que consistia em imaginar que se tivesse tido saude Pedro certamente não se teria feito padre, para viver com ella. Nunca lia romances. Os livros religiosos cuja leitura lhe permittiam conservavam-n'a na exaltação de um amor sobrehumano. Mesmo os ruidos exteriores vinham expirar á porta da sua clausura; e, outr'ora, quando a passeiavam de uma á outra extremidade da França, percorrendo as estações de aguas, atravessava as multidões como somnambula, que nada vê e nada ouve; possuida pela ideia fixa da sua inferioridade, do nó que lhe prendia as manifestações do seu sexo. D'ali derivava a pureza e a ingenuidade infantil, reveladas pela adoravel rapariga cheia de soffrimento, que crescera no meio da miseria physica, guardando no coração o despertar longinquo, o amor ignorado dos treze annos.

A mão de Maria, nas trevas, procurou a mão de Pedro; e quando a encontrou, buscando a sua, apertou-a demoradamente. Ah! que alegria! Nunca tinha gosado alegria tão pura e tão completa, longe do mundo, no encanto soberano da sombra e do mysterio. Em torno d'elles havia só o gyro dos astros. Os canticos embaladores eram como que a propria vertigem, alada, que os arrastava. E Maria sabia perfeitamente que havia de recuperar a saude no dia seguinte, depois de passar em frente da Gruta uma noute de divina embriaguez: era uma convicção absoluta, a Virgem havia de attendel-a, desde o momento em que a visse só, frente a frente, a imploral-a. E comprehendia muito bem o que Pedro dissera pouco antes, quando exprimiu o desejo de passar tambem a noute inteira deante da Gruta. Não estava elle resolvido a tentar um supremo esforço,

ajoelhando como uma criancinha e supplicando á Mãe omnipotente que lhe restituisse a perdida fé? Sem que precisassem de palavras as mãos unidas dos dois repetiam estas cousas. Promettiam mutuamente rezar um pelo outro, chegavam até a confundir as suas almas, era tão ardente o desejo de se curarem ambos, que por momentos attingiram o fundo do amor cheio de dedicação e sacrificio. Foi um goso divino.

—Ai! murmurou Pedro, quereria adormecer as minhas duvidas, no azul d'esta noite, n'esta paz immensa, na sombra infinita que me esconde a fealdade da gente e das cousas...

A sua voz era quasi apagada. Maria, por sua banda, disse em voz muito baixa:

—E as rosas, o perfume das rosas... Não dá por elle, Pedro,? Onde estarão ellas que as não viu?

—Sinto o cheiro, mas não ha rosas. Procurei-as bem; se as houvesse tel-as-hia encontrado.

—Como póde dizer que não ha aqui rosas, quando o aroma d'ellas nos rodeia, quando estamos banhados no perfume que exhalam? Olhe! ha momentos em que esse perfume é tão forte, que me sinto desfallecer de alegria, só com respiral-o!... É que deve haver muitas por ahi assim, aos nossos pés.

—Não, juro-lh'o, procurei por toda a parte, não ha rosas. Ou então são invisiveis e póde ser que o perfume venha da herva que pizamos, das grandes arvores que nos rodeiam, que o cheiro venha da propria terra, da torrente visinha. dos bosques, das montanhas.

Calaram-se um instante. Depois Maria volveu a meia voz:

—Como cheiram bem, Pedro! Parece-me que as nossas duas mãos juntas são como um ramalhete do flores.

—Sim, cheiram admiravelmente; mas o perfume vem da menina, como se as rosas florissem nos seus cabellos.

E não fallaram mais. A procissão desfilava sempre, faiscas vivas despontavam ainda na esquina da Basilica, resal-

tando da obscuridade, como de uma fonte inexgotavel. A immensa onda de chammasinhas movediças, no seu duplo circuito, riscava a sombra da noute, com uma fita incandescente. Mas a parte mais interessante do espectaculo passava-se na praça do Rosario, onde a testa da procissão, continuando a evolução lenta, se dobrava sobre si mesma, em circulo cada vez mais estreito, n'uma especie de obstinado remoinho, que acabava de aturdir os peregrinos, extenuados de fadiga, pondo nos seus canticos uma nota de desespero. A pouco trecho a grande roda transformou-se em nucleo ardente, nucleo de nebulosa, em torno do qual vinha enrolar-se a fita incandescente, cuja extremidade se não avistava; e o braseiro alastrava-se, primeiro feito tanque, depois vasto lago. Toda a vasta praça do Rosario se mudava em mar incendiado rolando ondasinhas scintillantes, na vertigem de um incessante turbilhão.

Um reflexo de aurora illuminava a Basilica. No resto do horisonte reinava escuridão profunda. Destacadas aqui e alem, viam se apenas algumas luzes perdidas caminhando sósinhas, como pyrilampos que procurassem o seu caminho. No monte do Calvario, todavia, algum troço errante da procissão devia ter subido, porque tambem lá no cimo, em pleno céo, vagueavam estrellas. Finalmente chegou um momento em que os ultimos cirios appareceram, deram a volta dos taboleiros de relva, e como um rio, foram lançar-se n'um mar de chammas. Trinta mil cirios ardiam ali, voltejando sempre, brazido scintillante, sob o alto céo sereno, onde os astros tinham empallidecido. Um nevoeiro luminoso evolava-se com o cantico, que não cessava. E o ruido das vozes, os *Ave, ave, ave, Maria!* eram como que o crepitar dos corações de fogo, consumidos de orações destinadas a libertar as almas.

Um apoz outro os cirios acabavam de extinguir-se, a noute cahiu soberana, escurissima e doce, quando Pedro e Maria repararam que ainda ali estavam, escondidos sob as arvores mysteriosas, de mãos dadas. Ao longe, pelas ruas

obscuras de Lourdes, só havia peregrinos extraviados, perguntando pelo caminho, para encontrarem suas pousadas. Ruidos vagos e apagados atravessavam a escuridão, tudo o que vagueia e adormece, ao findar um dia de festa. E Pedro e Maria esqueciam-se, immoveis, deliciosamente felizes aspirando o perfume das rosas invisiveis.

IV

Pedro empurrou o carro de Maria para a frente da gruta, collocando-o o mais perto possivel da grade. Passava da meia noute e alli se encontrava um cento de pessoas, umas sentadas em bancos, o maior numero ajoelhadas, como que anniquiladas na oração. Do exterior via-se chammejar a fresta, coruscante do fulgor dos cirios, como uma capella ardente, sem que se pudesse distinguir mais do que aquelle pó d'estrellas, d'onde emergia, no seu nicho, a estatua da Virgem, d'uma brancura ideal. A folhagem pendente produzia scintillações d'esmeralda. O milhar de muletas que revestiam a abobada semelhavam um inextricavel entrelaçamento de ramos seccos, prestes a lançarem rebentos novos.

E o clarão tornava mais intensa a obscuridade da noite, as immediações mergulhavam em densas trevas, onde tudo desapparecia, muros e arvores; ao passo que o silencio era unicamente cortado pelo murmurio incessante do Gave, que se despenhava proximo e de cujas aguas se exhalava uma deliciosa frescura, sob o largo ceu calmo, no ambiente pesado e carregado d'electricidade.

— Está bem Maria? perguntou suavemente Pedro. Não tem frio?

Ella sentira de facto um calafrio, mas provocado pela aragem sobrenatural que lhe parecia soprar da Gruta.

— Não, não! Estou tão bem! Deite-me só o chaile sobre os joelhos... E obrigada, Pedro, não tenha cuidado

em mim. Não preciso de ninguem, porque estou junto d'ella.

A voz desfallecia-lhe.

Ia cahindo em extase, com as mãos erguidas, os olhos levantados para a branca estatua, n'uma transfiguração beatifica do seu pobre rosto de doente.

Comtudo Pedro demorou-se ainda alguns momentos ao seu lado. Ainda quiz envolvel-a no chaile porque via tremerem-lhe as pequenas mãos emmagrecidas. Mas receou contrarial-a e limitou-se a conchegar-lhe a roupa, como se fosse uma criança, em quanto que ella, com os braços appoiados no rebordo do carro, meia erguida, nem já o via.

Alli proximo achava-se um banco e Pedro acabava de sentar-se, para se concentrar tambem, quando reparou n'um vulto de mulher, ajoelhado na sombra. Trajava de preto e era tão franzina, tão sumida, tão discreta, que elle a principio não a tinha visto, a tal ponto se confundia com as trevas. Depois adivinhou madame Maze. Occorreu-lhe a idéa da carta que ella devia ter recebido durante o dia. E fez-lhe dó; sentiu o abandono da pobre solitaria que, não padecendo nenhuma enfermidade physica, vinha unicamente supplicar á Santissima Virgem que lhe proporcionasse allivio ao mal do coração, convertendo o marido infiel. A carta era por certo alguma resposta desabrida, porque a pobre creatura com a cabeça pendida, parecia ter deixado de existir, humilhada como se lhe tivessem batido. De noite principalmente, passava alli horas esquecidas, perdida de choro, soffrendo o seu martyrio, implorando a restituição das caricias perdidas, sem que ninguem suspeitasse o seu doloroso segredo. Os seus labios nem se moviam. Era no coração despedaçado que se formulava a prece, reclamando anciosamente a sua parte d'amor e de felicidade.

Ah! essa sede inextinguivel de felicidade que alli congregava todos aquelles enfermos do corpo e da alma, tam-

bem Pedro a experimentava, seccando-lhe a garganta, na ardente necessidade de se saciar. Quereria lançar-se de joelhos a implorar a protecção divina com a fé humilde d'aquella mulher. Mas como que se sentia manietado, sem encontrar as palavras necessarias. E foi para elle um allivio o sentir que alguem lhe tocava no braço.

—Senhor abbade, venha commigo, se não conhece a Gruta. Installo-o lá dentro, e está-se alli tão bem a estas horas!

Levantou a cabeça e reconheceu o barão Suire, director da Hospitalidade de Nossa Senhora da Salvação. Sem duvida tinha inspirado affeição áquelle homem benevolo e simples. Acceitou e seguiu-o até ao interior da Gruta, onde não estava absolutamente ninguem. O barão fechou mesmo apoz elles a porta da grade, de que possuia uma chave.

—Vê, senhor abbade, é esta a hora em que aqui se esta inteiramente bem. Eu, quando venho passar alguns dias a Lourdes, é raro deitar-me antes de romper o dia, porque me puz no costume d'acabar a noite áqui... Não ha ninguem, está-se inteiramente só e — não é verdade? — sente-se a gente n'um ambiente amavel, percebe-se que seja a morada da Virgem!

Sorria-se com ar de bonhomia. Fazia as honras da Gruta como velho freguez, um tanto debilitado pela edade, mas cheio de verdadeira ternura por este cantinho delicioso. De resto, apesar da sua grande devoção, achava-se alli á vontade, conversava, dava explicações, com a familiaridade d'um homem que tinha a certeza de se encontrar nas melhores relações com o ceu.

—Ah! Está a olhar para os cirios... São cerca de duzentos a arderem constantemente, dia e noite, e sempre aquecem a atmosphera... Mesmo d'inverno chega-se a ter calor.

Pedro, com effeito, abafava no aroma tepido da cêra. Deslumbrado pela viva claridade em que entrava, attrahiu-

lhe o olhar o cirial do centro, em fórma de pyramide, todo ouriçado de pequenas vélas, imitando um cypreste flammejante, constellado d'estrellas. No fundo uma tocheira plana, ao rez do solo, sustentava os grossos brandões alinhados, d'alturas desiguaes, semelhantes a tubos d'orgão, alguns da grossura da coxa. Outros ciriaes, em fórma de enormes candelabros, achavam-se desseminados aqui e além, nas saliencias do rochedo. A abobada da Gruta abaixava-se para a esquerda, e a pedra, n'esse ponto, apresentava-se como que recosida e enfumada pelas perpetuas chammas que, havia annos, a aqueciam. A cera pingava continuamente, como tenue precipitação de neve em flocos, e escorria dos pratos dos tocheiros, brancos, d'aquella successiva accumulação de camadas. Toda a rocha se achava coberta de cera e unctuosa ao contacto; e então o terreno estava a tal ponto revestido d'aquella substancia, que já se haviam dado accidentes e tornára-se preciso dispor capachos para evitar as quedas.

—Vê aquelles mais grossos? proseguiu obsequiosamente o barão Suire, são os mais caros. Custam sessenta francos e levam um mez a consumir-se... Os mais pequenos que são de cinco soldos, duram só tres horas... Oh! nós não temos necessidade de os economisar. Ha sempre de sobejo. Olhe! alli estão dois cestos cheios que ainda não houve tempo de levar para o deposito.

Em seguida detalhou a mobilia: um orgão-harmonium, coberto com a sua capa; uma commoda, de enormes gavetas, onde se guardavam os paramentos; bancos e cadeiras, reservados para o limitado publico privilegiado que alli tinha accesso durante as cerimonias; e, finalmente, um bellissimo altar volante, coberto de chapa de prata lavrada, donativo d'uma senhora da alta sociedade, que se não arriscavam a exhibir a não ser por occasião de peregrinações ricas, com receio de que a humidade o estragasse.

Pedro estava contrariado por esta verbosidade obsequiosa. A sua emoção religiosa perdia o seu intimo encanto.

Ao entrar experimentára uma agitação, uma especie de vacillar da alma, como se fosse ser-lhe revelado o mysterio. Era simultaneamente uma ancia e uma delicia. Via coisas que o affectavam profundamente, montes de ramos lançados aos pés da Virgem, ex-votos pueris, pequenos sapatos gastos pelo prolongado uso, um exiguo corselete de ferro, uma muleta de boneca, semelhante a um brinquedo. Na base da ogiva natural onde se realisára a apparição, no local em que os peregrinos friccionavam os rosarios e as medalhas que queriam consagrar, a rocha estava gasta e polida. Milhões de labios ardentes se haviam collado alli, com tal impeto d'amor, que a pedra se tinha calcinado, formando veios negros, d'um brilho marmoreo.

Mas deteve-se no fundo, em frente d'uma cavidade na qual se empilhava um montão enorme de cartas, de papeis de todos os generos.

—Ah! lá me ia esquecendo! continuou com vivacidade o barão Suire. Isto é o mais interessante. São as cartas que todos os dias os fieis atiram para dentro da Gruta, atravez da grade. Nós apanhamol-as e juntamol-as ali; e, durante o inverno sou eu que me divirto a escolhel-as... Bem percebe que se não pódem queimar sem se abrirem, porque muitas vezes contêem dinheiro, moedas de dez e de vinte soldos e principalmente estampilhas.

Revolvia as cartas, pegava n'uma ao acaso, mostrava o sobrescripto, abria-a para a lêr. Quasi todas eram pobres cartas d'illetrados cujo endereço: «A Nossa Senhora de Lourdes», se ostentava em gordos caracteres irregulares. Umas continham pedidos ou agradecimentos, em phrases incorrectas, d'uma orthographia extravagante; e nada era mais commovente, por vezes, do que a natureza d'estas supplicas, um irmãosinho a salvar, um processo a ganhar, um amante a conservar, um casamento a concluir. Outras eram cheias de recriminações dirigidas á Virgem Santissima por não ter tido a amabilidade de responder a uma

primeira carta, satisfazendo os desejos do signatario. Havia ainda outras, de letra mais fina, de phrases escolhidas, confissões, fervorosas preces, brotando d'almas de mulher que escreviam á Rainha do Céo, o que não ousavam dizer a um sacerdote, na sombra do confessionario. Emfim, um sobrescripto, tomado ao acaso, encerrava simplesmente uma photographia d'uma pequenita que mandava o seu retrato a Nossa Senhora de Lourdes, com esta dedicatoria: «Á minha boa mãe».

Podia dizer-se, em summa, que era cada dia a correspondencio d'uma Rainha omnipotente, que recebia supplicas e confidencias e devia responder com mercês e beneficios de todo o genero. As moedas de dez e de vinte soldos eram um simples testimunho d'amor, para a commover. As estampilhas representavam uma simplificação, n'esta remessa de dinheiro, quando não eram uma pura ingenuidade, como na carta d'uma aldeã que accrescentava um post-scriptum para dizer que incluia um sello e que esperava a resposta.

— Affianço-lhe, concluia o barão, que algumas são muito gentis e menos estupidas do que se poderia crer... Durante tres annos consecutivos encontrei cartas interessantissimas d'uma senhora que contava á Santissima Virgem tudo quanto fazia. Essa senhora era casada, e nutria uma intensa paixão por um amigo do marido... Pois venceu-a, senhor abbade. A Santissima Virgem respondeu-lhe, enviando-lhe um escudo para a sua castidade, a força divina de resistir ao seu coração.

Interrompeu-se para dizer:

— Venha sentar-se aqui, meu reverendo. Verá como se está bem!

Pedro foi collocar-se ao lado d'elle, no banco, á esquerda, no sitio em que a rocha se abaixava, formando um recanto d'um socego delicioso. Tendo-se callado ambos, reinava um profundo silencio quando o ecclesiastico ouviu, por traz das costas, um murmurio indistincto, um leve sus-

surro crystallino, que parecia vir do invisivel. Fez um movimento que o barão Suire comprehendeu.

—O que está a ouvir é a fonte. Está ali, no chão, por traz d'aquella grade... Quer vel-a?

E, sem esperar o assentimento de Pedro, abaixou-se para abrir um dos estrados que a protegiam, fazendo notar que se a fechavam por aquella fórma, era para impedir que os livres pensadores lhe viessem lançar veneno dentro. Esta extravagante supposição deixou por instantes attonito o sacerdote; mas acabou por lançal-a exclusivamente á conta do barão, que na verdade era, por vezes, d'uma credulidade infantil.

Entretanto, este forcejava em vão por abrir o cadeado de letras, que não queria ceder.

—É singular, murmurou elle, a palavra é *Roma* e estou bem certo de que a não mudaram... A humidade estraga tudo. Nós vemos-nos obrigados a trocar de dois em dois annos as muletas do tecto, que se desfazem de podres... Allumia-me aqui com uma vela, se me faz favor!

Á luz d'um cirio que Pedro foi buscar a um dos tocheiros, conseguiu finalmente abrir o cadeado de latão, comido do verdete, e levantando o estrado poz a descoberto a nascente. D'uma fenda da rocha espalhando-se n'um fundo de seixos lodosos, rebentava uma agua limpida que corria lentamente, sem borbotões, mas que parecia romper d'um espaço bastante largo. O barão explicou, que para a conduzir ás fontes, a tinham canalisado em tubos cimentados. Confessou mesmo que, por traz das piscinas, fôra preciso cavar um reservatorio, para n'elle juntar a agua durante a noite, porque a fraca fluencia da nascente não bastaria, d'outro modo, para occorrer ás necessidades diarias.

—Quer proval-a? offereceu elle subitamente. Aqui, á sahida do chão, ainda é melhor.

Pedro não respondeu. Contemplava aquella agua tran-

quilla, aquella agua innocente, em que se reverberava com reflexos d'ouro, a luz vacillante do cirio. Gottas de cera, cahindo, animavam-n'a com um estremecimento. E elle meditava no mysterio que ella trazia comsigo do seio remoto das montanhas.

— Beba um copo!

O barão enchera, mergulhando-o no liquido, um copo que ali estava sempre á mão; e o padre bebeu-o. Era excellente agua pura, d'aquella agua transparente e fresca que se escoa de todos os planaltos dos Pyreneus.

Posto novamente o cadeado, ambos se tornaram a sentar no banco. Por traz d'elle, por vezes, Pedro continuava a ouvir a fonte, com o seu debil gorgeio d'ave occulta. E agora o barão descrevia-lhe os differentes aspectos da Gruta, em todas as epochas, em todas as estações, n'uma tagarellice enternecida, cheia de detalhes pueris.

O estio era a estação brutal das multidões adventicias, das grandes peregrinações, do fervor ruidoso de milhares de peregrinos, rezando e gritando ao mesmo tempo. Mas em o outomno vinham as chuvas, as chuvas diluvianas que fustigavam o limiar da Gruta durante dias consecutivos; e então chegavam as peregrinações longinquas de indios, de malaios, de chinezes, de pequenas caravanas silenciosas e extaticas que se ajoelhavam na lama a um signal dos missionarios. Em França, de todas as antigas provincias, era a Bretanha a que enviava os mais devotos peregrinos, freguezias inteiras, em que os homens eram tão numerosos como as mulheres, e cuja excellente attitude devota, cuja fé singela e decente, eram particularmente edificantes. Depois vinha o inverno, dezembro com os seus frios terriveis, as espessas camadas de neve que interceptavam as montanhas. Familias inteiras installavam-se então nos hoteis, todas as manhãs devotos frequentavam a Gruta, todos os que fugiam do bulicio para poderem falar á Virgem na terna intimidade da solidão. Ilavia assim alguns que ninguem conhecia, que appareciam só quando tinham a

certeza de serem os unicos a ajoelhar-se e a amar, como amantes ciosos e que fugiam espavoridos aos primeiros ameaços de ajuntamento. E que suavidade, por um temporal de inverno! Com chuva, vento ou neve a Gruta conservava o seu perpetuo brazido. Mesmo por noites de temporal desfeito, quando ali não havia viva alma, incendiava as densas trevas, ardia como um brazeiro d'amor que nada era capaz d'extinguir. Referia o barão que, durante as grandes nevadas do inverno precedente, viera passar tardes inteiras n'aquelle mesmo logar, no banco em que se achava sentado. Na Gruta experimentava-se sempre um calor suave, posto fosse voltada ao norte e nunca o sol n'ella penetrasse. Sem duvida o continuo aquecimento da rocha pelos cirios explicava essa doce temperatura; mas não seria licito acreditar, além de tudo, n'um encantador beneficio da Virgem, fazendo reinar ali um perpetuo abril? Por isso tambem as avesinhas instinctivamente o reconheciam e todos os tentilhões das cercanias, quando a neve lhes enregelava os pésitos, vinham refugiar-se ali, esvoaçando na hera, em torno da santa estatua. E voltava por fim a primavera, no Gave despenhavam-se com estampido atroador as neves derretidas, as arvores cobriam-se de rebentões sob o impulso da seiva, ao passo que as multidões, já de volta, invadiam ruidosamente a Gruta scintillante, d'onde expulsavam as avesinhas do ceu.

— Sim, sim, repetia o barão Suire em voz mais vagarosa, tenho passado aqui, sósinho, adoraveis dias de inverno. Apenas encontrava aqui uma mulher que vinha ajoelhar-se ali, d'encontro á grade, para não ficar com os joelhos na rua. Era muito moça, vinte e cinco annos talvez, e muito bonita, de cabello preto e olhos azues magnificos. Não dizia nada, nem mesmo parecia resar. E assim passava horas esquecidas, com ar d'infinda tristeza... Nunca soube quem era, nem a tornei a vêr...

Deixou de falar; e dois minutos mais tarde, como Pedro levantasse os olhos para elle, admirado do seu silencio,

percebeu que se tinha deixado adormecer. Com as mãos cruzadas sobre o ventre e a barba firmada no peito, dormia sorrindo vagamente, com um bom somno de creança. Sem duvida, quando declarava que vinha ali passar a noite, pretendia dizer que vinha ali fazer o seu primeiro somno de velho feliz, visitado pelos anjos.

E Pedro poude então gosar da encantadora solidão. Era bem real aquella suavidade que penetrava a alma n'esse canto do rochedo. Concorriam para ella o cheiro um pouco suffocante da cera, e o deslumbramento extatico em que se cahia, no meio do resplendor dos cirios. Já não distinguia claramente nem as muletas da abobada, nem os ex-votos pendentes das paredes, nem o altar de prata lavrada, nem o orgão-harmonium envolto na sua capa. Invadia-o uma lenta embriaguez, um crescente aniquilamento de todo o seu ser. E experimentava, sobretudo, a divina sensação de se achar afastado do orbe vivente, mergulhado no incrivel e no sobrehumano como se a simples grade de ferro se houvesse transformado na propria barreira do infinito.

Um leve rumor, á esquerda de Pedro, inquietou-o. Era a fonte que corria, corria sempre, com o seu gorgeio de ave. Ah! quanto elle desejaria poder cahir de joelhos e acreditar no milagre, e ter a certeza teimosa de que aquella agua divina não tinha jorrado da pedra senão para restituir a saude á humanidade enferma! Não tinha elle vindo para se prostrar de rojo e supplicar á Virgem que lhe restituisse a fé dos innocentes? Porque era então que elle não orava, que a não implorava para que lhe fizesse a mercê? Suffocava-se mais, os cirios deslumbravam-n'o até á vertigem. E acudiu-lhe o pensamento de que, na grande liberdade de que os padres gosam em Lourdes, se descuidara de dizer missa. Estava em peccado e era talvez esse peso que lhe esmagava o coração. E este espinho tornou-se tão agudo que teve de se levantar e retirar-se. Limitou-se a encostar docemente a grade, deixando o barão Suire adormecido no banco.

No seu carro, Maria não se mechera, sempre meia erguida nos cotovellos, com a face em extase, levantada para a Virgem.

— Maria, sente-se bem? Não tem frio?

E ella respondeu com a voz debil como um murmurio:

— Não, não! deixe-me, sinto-me tão feliz! Estou certa de que a vou vêr... Ai! que delirio!

Pedro, então, subiu um pouco o chaile e afastou-se na escuridão, tomado d'uma agitação inexprimivel. Transposto o vivo clarão da Gruta, achou-se mergulhado n'uma noite negra como tinta, n'um mar de trevas, em que vagueava ao acaso. Depois, quando os olhos se lhe habituaram á obscuridade, encontrou-se ao pé do Gave e seguiu-lhe a margem, uma alameda ensombrada por grandes arvores, onde a frescura se pronunciava. Consolavam-n'o aquella sombra, aquella fresquidão tão calmante. E agora só experimentava uma surpreza: não se ter lançado de joelhos, não ter orado com fervor egual ao de Maria, com inteiro abandono da sua alma. Que obstaculo surgia pois no seu espirito? D'onde provinha a invencivel revolta que o impedia de deslisar até á fé, mesmo quando a sua consciencia, sobreexaltada, atormentada, o impellia a abandonar-se-lhe? Elle bem entendia que só a rasão protestava e n'aquelle momento desejaria estrangulal-a, a essa rasão voraz que lhe comia a vida, que o estorvava de ser feliz, com a ventura dos ignorantes e dos simplices. Talvez, se tivesse presenciado um milagre, lhe sobreviesse animo para acreditar. Por exemplo, se Maria subitamente se levantasse e caminhasse em frente d'elle, não se teria prostrado, vencido por fim? Aquella imagem que se lhe formou no espirito, de Maria salva, de Maria curada, emocionou-o tão profundamente, que parou, levantando os braços tremulos para o ceu crivado d'estrellas. Ai! Deus poderoso! que bella noite profunda e mysteriosa, balsamica e pura, e que jubilo se encerrava n'aquella esperança de perpe-

tua saude, d'eterno amor, renascendo até ao infinito, como a primavera!

Depois poz-se de novo a caminho e seguiu a alameda até ao extremo. Mas voltavam-lhe as duvidas; quando, para crêr, se exige um milagre é porque se é incapaz de crêr. Deus não tem que exhibir provas da sua existencia. Experimentava tambem um certo desasocego ao pensar que, emquanto não cumprisse com os seus deveres ecclesiasticos, dizendo missa, Deus o não escutaria. Porque não havia de dirigir-se immediatamente á egreja do Rosario, cujos altares, desde a meia noite até ao meio dia, estavam á disposição dos sacerdotes de passagem? E, descendo por outra rua, encontrou-se novamente debaixo das arvores, no cantinho de folhagem d'onde, com Maria, tinha visto passar a procissão das tochas. Não se coava até ali a mais tenue claridade. Era tudo um oceano de sombra, sem limites.

Ahi accommetteu o um novo desfallecimento e entrou machinalmente no Abrigo dos peregrinos, como se quizesse ganhar tempo. A porta estava aberta de par em par, sem arejar sufficientemente o vasto recinto, cheio de gente. Desde as primeiras passadas incidiu-lhe no rosto o calôr abafado dos corpos agglomerados, o cheiro espesso e acre dos halitos e das transpirações. As lanternas fumosas allumiavam tão mal, que teve de tomar cuidado para não pisar membros esparsos; porque a accumulação era extraordinaria, e varias pessoas que não tinham podido encontrar logar nos bancos, haviam-se estirado no chão, sobre as lages humidas, sujas de detrictos, desde pela manhã. E havia ali uma promiscuidade sem nome, homens, mulheres, sacerdotes, deitados ao lado uns dos outros, estendidos ao acaso, succumbidos á fadiga que os prostrava, com a bôcca aberta, anniquilados. Alguns resonavam, sentados no chão, encostados á parede, com a cabeça debruçada sobre o peito. Outros tinham-se deixado cahir, misturavam-se pernas, uma rapariga estava atravessada sobre um

velho cura da aldeia, que no seu tranquillo somno de creança parecia rir-se para os anjos. Era o estabulo, os pobres da estrada acolhendo-se n'aquelle abrigo proporcionado pelo acaso e apreciando-o doidamente, por aquella formosa noite de festa, e que se tinham deixado dormir ali fraternalmente, nos braços uns dos outros. Alguns, comtudo, não encontravam repouso, e na excitação da febre, voltavam-se a cada momento, levantavam-se para acabarem as provisões dos seus cabazes. Viam-se outros immoveis com os olhos abertos, fitos na sombra. Por entre os roncos, gritos de pesadello, gemidos de soffrimento se elevavam. E d'este rebanho de miseraveis, accumulados em monte, no ascoroso dos seus andrajos, subiu uma surda compaixão angustiosa, ao passo que as suas brancas almas viajavam, sem duvida, por muito longe, no paiz azul das mysticas visões.

Pedro ia a retirar-se, nauseado, quando um gemido fraco e continuo o deteve. Tinha reconhecido no mesmo logar e na mesma posição M.me Vincent, emballando no regaço a pequena Rosa.

—Ai! senhor abbade, ouve-a? Accordou ha de haver uma hora, e desde então não deixou de gemer... E comtudo não mechi um dedo, tão feliz me sentia por a ver dormir.

O padre curvou-se examinando a creança que nem já tinha força para levantar as palpebras. O seu queixume sahia-lhe da bocea como se fôra o proprio halito; e estava tão branca que elle estremeceu percebendo que se approximava a morte.

—Meu Deus! que devo fazer? proseguiu a mãe martyrisada, extenuada. Isto não pode continuar assim, eu já não posso ouvil-a gemer... Por mais que eu lhe diga: «Minha joia, meu thesouro, meu anjinho, peço-te que não grites mais; Nossa Senhora vae dar-te saude.» Mas continua sempre a gemer...

Soluçava e as lagrimas cahiam-lhe em fio sobre a cara da creança, cujo estertor não cessava.

—Se fosse de dia já tinha sahido d'esta salla, mesmo porque ella está a incommodar as outras pessoas. Uma velha que alli está já se zangou... Mas tenho medo do frio; e depois para onde hei de ir, assim de noite. Virgem Santissima; Virgem Santissima, tende compaixão de nós!

Pedro, com as lagrimas nos olhos, poz um beijo nos cabellos louros de Rosa; deitou a fugir, para não romper em soluços junto d'aquella mãe angustiada e dirigiu-se para a egreja do Rosario, como que decidido a vencer a morte.

Já de dia tinha visitado o templo e desagradára lhe aquelle edificio que o architecto, apertado pelo local, encostado ao rochedo, teve de construir redondo e acachapado, esmagado pela grande cupula sustentada por pilastras quadradas.

O peor, porém, era que, apezar do seu estylo byzantino archaico, não traduzia o sentimento religioso, destituido como era de mysterio e de recolhimento, semelhante a um mercado de cereaes acabado de fazer, que a cupula e as iargas portas envidraçadas illuminavam com uma luz crua. Para mais, não estava ainda acabada, faltava-lhe a ornamentação. Os pannos do muro a que se encostavam os altares não tinham outra decoração mais do que rosas de papel de cores e raros ex-votos; e isso acabava de lhe dar um aspecto d'um vasto salão de passagem, com o chão lageado, o qual, por tempo chuvoso, se ensopava, como o pavimento d'uma estação de caminho de ferro. O altar-mór provisorio era de madeira pintada. Innumeras fileiras de bancos enchiam a rotunda central; bancos de refugio publico, onde toda a gente podia vir sentar-se a qualquer hora, porque dia e noite o Rosario se conservava aberto á chusma dos peregrinos. Da mesma fórma que o Abrigo, era o estabulo onde Deus recebia os seus pobres.

E Pedro, ao entrar, experimentou de novo a sensação do *hall* commum, que o publico atravessa. Mas agora a luz do sol não innundava os muros deslavados. Os cirios que ardiam em todos os altares rompiam a custo as sombras

vagas, adormecidas nos recantos das abobadas. Á meia noite cantára-se uma missa solemne, celebrada com extraordinaria pompa, no deslumbramento das luzes, dos canticos sagrados, das alfaias d'ouro, dos thuribulos balouçando-se fumegantes. E, de toda aquella fulguração esplendorosa, só tinham ficado accesos, nos quinze altares do circuito, as vélas prescriptas pelo ritual para a celebração das missas. Estas começavam á meia noite e succediam-se sem interrupção até ao meio dia. Durante aquellas doze horas, só na egreja do Rosario se diziam cerca de quatrocentas. Em todo Lourdes, onde havia um meio cento de altares, o numero de missas elevava-se a mais de duas mil por dia. E a affluencia de sacerdotes era tão numerosa que muitos difficilmente podiam desempenhar-se d'esta obrigação, e tinham de esperar a vez durante horas para encontrarem um altar devoluto. N'essa noite o que surprehendeu Pedro foi ver, na semi-obscuridade, todos os altares assediados, filas de padres aguardando pacientemente o seu turno, no fundo dos degraus, emquanto o celebrante despachava as phrases latinas com grandes signaes da cruz; e a fadiga era por tal modo intensa que alguns se sentavam no chão, emquanto que outros adormeciam pelos degraus, prostrados e em monte, esperando que o bedel os viesse chamar.

Por um instante divagou, indeciso. Esperaria como os outros? Mas o espectaculo chamava-lhe a attenção. Em todos os altares, em todas as missas, se agglomerava uma onda de peregrinos que commungavam apressadamente, n'uma especie d'ancia voraz. As pyxides enchiam-se e despejavam-se incessantemente e as mãos dos sacerdotes fadigavam-se a distribuir o pão da vida. E elle quedava-se attonito: nunca vira um canto da terra regado áquelle ponto pelo sangue divino, e d'onde a fé se exhalasse n'um tal arrebatamento das almas.

Era como que um regresso aos tempos heroicos da Egreja, quando os povos se prostravam sob o mesmo vento da

credulidade, entregando-se no terror da sua ignorancia, nas mãos do Todo-poderoso e confiando n'elle o encargo da sua felicidade. Podia julgar-se transportado a oito ou dez seculos atraz, ás epochas de grande devoção publica, quando se julgava proximo o fim do mundo; tanto mais que a multidão dos simplices, toda a massa de povo que assistira á missa cantada, tinha permanecido nos bancos, tanto á vontade na casa de Deus como em suas proprias casas. Muitos não tinham asylo. Não era a egreja o seu refugio, não era alli que noite e dia os esperavam as maiores consolações? Os que não sabiam onde deitar-se, que nem mesmo tinham encontrado logar no Abrigo, entravam no Rosario, conseguiam ás vezes conquistar um lugar n'um banco, ou então estiravam-se nas lages. Outros, a quem esperavam as suas camas, demoravam-se pelo prazer de passarem uma noite inteira na casa divina, tão cheia de bellos sonhos. Até ao dia, o acervo, a promiscuidade eram extraordinarios: todos os renques de bancos occupados, pessoas dormindo por todos os cantos, atraz de cada pilastra; homens, mulheres, creanças encostados uns aos outros, com as cabeças appoiadas nos hombros dos visinhos, misturando as respirações, com uma tranquilla inconsciencia; a derrocada d'uma santa assistencia que o somno houvesse fulminado, uma egreja transformada em fortuita pousada, com a sua porta aberta de par em par á formosa noite de agosto, acolhendo todos os transeuntes das trevas, os bons e os maus, os cançados e os perdidos. E de todos os lados, em cada um dos quinze altares, as campainhas tocavam sem descanço á elevação. E da agglomeração dos que dormiam levantavam-se hordas de devotos que iam commungar e que voltavam em seguida a perder-se no rebanho sem nome e sem guarda, envolto na semi-obscuridade como na decencia d'um véu.

Pedro continuava a vaguear, com um ar de indecisão inquieta, por entre estes grupos vagos, quando um velho sacerdote, sentado nos degraus d'um altar, o cha-

mou com um gesto. Havia duas horas que esperava n'aquelle logar e sentira-se accommettido d'uma tal fraqueza que, receando não poder completar a sua missa, preferia ceder a sua vez. O vêr Pedro torturado, perdido na sombra, havia-o sem duvida commovido.

Indicou-lhe a sacristia, esperou ainda que o seu substituinte voltasse com a casula e o calix, depois deixou-se adormecer profundamente n'um banco proximo. Pedro então disse a sua missa, como a dizia em Paris, como homem de bem que cumpre com o dever profissional. Conservava a apparencia exterior d'uma fé absoluta. Mas nada do que julgava poder esperar dos dois dias de febre que acabava d'atravessar, do meio extraordinario e perturbador em que vivia desde a vespera, o commoveu, lhe tocou no fundo do coração. Elle contava que no momento da communhão, quando o divino mysterio se completa, uma grande commoção ia prostral-o, que seria banhado pela graça divina, em presença do céo aberto, face a face com Deus. E nada se produziu, o seu coração gelado não pulsou com mais vigor, pronunciou até ao fim as palavras habituaes, fez os gestos regulamentares, com a correcção machinal da profissão. Não obstante o seu exforço de fervor, uma só ideia voltava, obstinada, a de que a sacristia era muito pequena para um numero tão avultado de missas. Como conseguiam os sacristães fornecer os paramentos sacros e as roupas? Isto confundia-o, occupava o seu espirito com uma persistencia imbecil.

Depois, attonito, Pedro encontrou-se na rua. De novo se poz a caminhar nas trevas da noite que se lhe afigurou ainda mais escura, mais silenciosa, d'um vasio immenso. Não restava senão o sussurro do Gave que os seus ouvidos habituados haviam deixado d'ouvir. E repentinamente, como uma apparição milagrosa, a Gruta flammejou a sua frente, incendiou a escuridão com o seu perpetuo brazido, ardendo como um amor inextinguivel. Regressara ali inconscientemente, guiado sem duvida pelo pensamento de

Maria. Iam soar tres horas. Os bancos tinham-se despejado, e estavam por ali apenas umas vinte pessoas, vultos negros e indecisos, ajoelhados com extasis somnolentos, mergulhados n'um divino torpôr. Dir-se-hia que a noite, adiantando-se, fizera as sombras mais espessas, distanciára a Gruta n'um afastamento do sonho. Tudo mergulhava até ao fundo n'uma lassidão deliciosa; e o somno alastrava-se pela immensa campina escura; ao passo que a voz das aguas invisiveis era como que o proprio rythmo d'esse somno, d'onde emergia a candida Virgem sorridente, aureolada pelo fulgor dos cirios. E, entre as mulheres desfallecidas, Mme Maze continuava ajoelhada, de mãos postas, tão retrahida que parecia fundir-se na sua ardente supplica.

Mas, immediatamente, Pedro approximou-se de Maria. Tremia com frio e imaginou que ella devesse estar gelada, com a approximação da manhã.

—Supplico-lhe, Maria, que se cubra! Quer então soffrer mais?

E subiu o chaile que tinha escorregado, forcejando por amarrar-lh'o ao pescoço.

—Por força tem frio, Maria. As suas mãos estão geladas.

Maria não respondeu. Estava na mesma attitude que duas horas antes, quando elle se affastara. Com os cotovellos appoiados no resbordo do carro erguia-se um pouco no mesmo impulso para a Santa Virgem, com a physionomia transfigurada, radiante d'uma ventura celestial. Os seus labios moviam-se, sem que d'elles se escapasse qualquer som. Talvez ella continuasse uma conversação mysteriosa, em regiões encantadas, no sonhar acordado em que ficára desde que se achava ali. Pedro dirigiu-lhe ainda a palavra e ella continuou a não responder. Depois, espontaneamente, murmurou emfim com voz sumida.

—Oh! Pedro, que feliz eu me sinto!... Vi-a, orei por sua intenção e ella sorriu-me e fez-me um pequeno signal

com a cabeça para dizer que me escutava e que attendia a minha prece... Não me dirigiu a palavra, Pedro, mas eu bem entendi o que ella me dizia. Hoje ás quatro horas da tarde é que hei de ficar curada, quando passar o Santissimo Sacramento.

Pedro escutava-a, attonito. Teria ella dormido com os olhos abertos? Seria em sonhos que ella vira a Santa Virgem de marmore inclinar a cabeça e sorrir-se? Sentiu um calafrio, ao pensar que esta creança purissima tinha orado por elle. Caminhou até á grade e cahiu de joelhos murmurando: «Ó Maria! Ó Maria», sem saber ao certo se este grito da sua alma se dirigia á Virgem ou á amiga adorada da sua infancia. Depois, ali se deixou ficar, anniquilado, esperando a graça divina.

Decorreram interminaveis minutos. D'esta vez era o esforço sobrehumano, a esperança do milagre que para si viera implorar, a brusca revelação, a fulminação que arrebatasse a duvida, reintegrando-o, rejuvenescido e triumphante, na fé das supplicas.

Abandonava-se, desejaria que uma força suprema devastasse o seu ser, transformando-o. Mas como ha pouco durante a missa, no seu foro intimo, era tudo absoluto silencio, um vasio insondavel. A intervenção divina não se pronunciava, o seu coração desalentado como que deixára de pulsar. E por mais que forcejasse por orar, por fixar perdidamente o pensamento n'aquella Virgem poderosa, tão cheia de commiseração para com a pobre humanidade, as ideas fugiam-lhe, reconquistadas pelo mundo exterior prendendo-se a detalhes pueris. Do outro lado da grade, no interior da Gruta, vira agora de novo o barão Suire, adormecido, continuando o seu somno feliz, com as mãos cruzadas sobre o ventre. Outros objectos o interessaram: os ramos aos pés da Virgem, as cartas atiradas para ali, como para o correio do ceu, o delicado rendilhado de cera que se conservava em equilibrio em volta da chamma das tochas, contornando-a á maneira de uma rica guarnição de

prata cinzelada. Em seguida, sem nexo apparente occorreu-lhe a sua infancia e a imagem do seu irmão Guilherme evocou-se muito nitida. Não o tornára a vêr depois da morte de sua mãe. Sabia unicamente que vivia muito recluso, occupando-se da sciencia, no fundo da casinha onde se tinha como enclausurado, com uma amante e dois enormes cães; e não saberia noticias d'elle se recentemente não tivesse lido o seu nome n'um periodico, a proposito d'um attentado revoluccionario. Diziam-n'o entregue a estudos sobre substancias explosivas, frequentando os chefes dos partidos mais avançados. Por que motivo lhe apparecia elle assim, n'este logar d'extases, no meio da luz mystica dos cirios e tal qual outr'ora o conhecera, tão bondoso, irmão tão amavel, com uma revolta caridosa por todos os infortunios? Por momentos empolgou-o este pensamento, alanceando-o de pungente saudade d'aquella boa fraternidade perdida.

Depois, tambem sem transição, volveu a si proprio, comprehendeu que permaneceria ali horas inteiras, sem que lhe voltasse a fé. No emtanto, nem por isso deixava de sentir uma especie de tremor invadil-o, uma derradeira esperança, a ideia de que, se a Virgem Santa operasse o grande milagre de restituir a saude a Maria, elle acreditaria seguramente. Era como que uma segunda dilação que elle concedia a si mesmo, um encontro com a fé aprasado para as quatro horas da tarde, quando passasse o Santissimo Sacramento, como ella dissera. Immediatamente cessou a sua angustia. Quedou-se de joelhos, prostrado de fadiga, accommettido d'uma somnolencia invencivel.

Iam passando as horas. A Gruta continuava a emittir para as trevas o seu clarão de capella ardente, cujo reflexo, alastrando-se até ás collinas proximas, branqueava as fachadas dos conventos. Mas, Pedro viu aquelle fulgor desmaiar a pouco e pouco, e, surpreso, despertou de todo, com um arrepio gélido: era o dia que despontava, n'um céu fresco, toldado de nuvens. Percebeu que uma d'aquel-

las trovoadas, tão frequentes nas regiões montanhosas, subia rapidamente do sul. Ouviam-se já longiquos trovões e lufadas de vento varriam a poeira das estradas.

Talvez tivesse tambem adormecido, porque já não avistou o barão Suire, posto não se recordasse de o ter visto afastar se. Dentro da Gruta tinham ficado, quando muito, quinze pessoas, entre as quaes reconheceu M.me Maze, com o rosto entre as mãos. Mas, quando esta reparou que era dia claro e que podiam vel-a, levantou-se e desappareceu pela estreita vereda que levava ao convento das Irmãs Azues.

Inquieto, Pedro veiu prevenir Maria de que não era possivel permanecer ali por mais tempo, se não queria correr o risco de ficar alagada.

— Vou leval-a para o hospital.

Ella recusou, supplicou:

— Não, não! Quero ouvir missa... Prometti commungar aqui. Não tenha cuidado em mim. Vá depressa deitar-se para o hotel, peço-lh'o. Bem sabe, que em chovendo, veem aqui carruagens fechadas buscar os doentes.

E obstinou-se, emquanto que elle proprio repetiu que não queria ir deitar-se. Com effeito, todos os dias de madrugada se dizia missa na Gruta, e era para os peregrinos um prazer divino o poderem commungar ali mesmo, depois de uma noite d'extase, no esplendor do sol nascente. E, como começassem a cahir grandes gottas de chuva, appareceu um sacerdote, revestido de casula, acompanhado por dois clerigos, um dos quaes sustinha aberta por cima da cabeça do celebrante, afim de proteger o calix, uma umbella de seda branca, bordada a oiro.

Pedro, que impellira o carro d'encontro á grade, para abrigar Maria sob a saliencia da rocha, onde egualmente se haviam abrigado os raros assistentes, acabava de a vêr receber a hostia com ardente fervor, quando a sua attenção foi attrahida para um espectaculo lamentavel, que o impressionou profundamente.

Debaixo da chuva diluviana, insistente e pesada agora, acabava de divisar M.me Vincent, com os braços estendidos, offertando á Virgem Santa a sua pequena Rosa, fardo querido e doloroso que ella sustentava continuamente. Não podendo ficar no Abrigo, onde se elevavam queixumes contra o incessante gemido da pequenita, tinha vagueado com ella ao cólo na escuridão da noite, durante mais de duas horas, perdida, louca de dôr, apertando ao seio aquella carne da sua carne, sem poder proporcionar-lhe allivio. Ignorava que caminho seguira, sob que arvores se transviára, absorta na sua revolta contra o injusto soffrimento que feria tão desapiedadamente aquelle pobre entesinho tão debil, tão puro, incapaz ainda de peccar. Não seria uma abominação aquella torquez da doença, torturando, havia semanas, sem descanço, a sua filha, cujos lamentos não sabia como fazer cessar? Ella levava-a assim, embalando-a sem repouso, pelos caminhos fóra, n'uma carreira desordenada, esperando que acabaria por adormecel-a, por calar aquelles gritos que lhe arrancavam as entranhas. E repentinamente, extenuada, agonisante d'aquella agonia, acabava de surgir, em frente da Gruta, aos pés da Virgem do milagre, que perdoava e restituia a saude.

—Ó Virgem Santissima, Mãe adoravel, curae-a!... Ó Virgem Santissima, Mãe da divina graça, curae-a!...

(Continua).

Emile Zola.

FLIP

I

No logar em que a fita vermelha da estrada de *Los Gatos* sobe, serpenteando como a cauda de chammas de um foguete, e vae perder-se nas profundidades azuladas da cordilheira das Encostas, encontra-se, a pouca distancia do cume, uma especie de terraço escuro, ornado de uma fileira de pinheiros anões. O olhar procura esse canto sombrio a cada volta da estrada abrazadora; aspira a elle desde os flancos da montanha, que parece arquejar e estremecer n'aquella atmosphera de fornalha. Atravez dos rolos de poeira, do surdo estalar das rodas, mais vagarosas, do guincho monotono dos eixos fatigados, da bulha das patas dos cavallos, aquelle terraço sombreado promette verdes silencios e abrigos cheios de frescura.

Rostos queimados e anciosos dirigem-se ávidamente para aquelle ponto, de onde quer que estejam — curvados nas bordas vertiginosas das diligencias vacillantes,— caminhando ao lado das juntas de bois preguiçosos, destacando-se entre as brancuras deslumbrantes dos toldos dos carreteiros ou erguendo-se sobre as sellas abrazadas que esmagam com o seu peso os animaes banhados em suor.

Logo á primeira vista, as promessas do terraço pareciam illusorias e enganadoras. Quando, finalmente, se entrava lá, dir-se-hia que esse logar não só aspirara e concentrara todo o calor do valle, mas que exhalava, além d'isso, um fogo proprio, sahindo de alguma cratera desconhecida.

E, comtudo, facto singular, em vez de enervar mais os homens e os animaes, aquella atmosphera de brazas causava uma exaltação extraordinaria. O ar quente era cheio de effluvios resinosos que o tornavam pesado. Os aromas penetrantes da erva cidreira, do pinheiro, do zimbro, da *yerba buena*, da sylindra brava e de outras ervas espinhosas, ainda sem nome, distillados e subtilisados por um ar de chammas, espalhavam uma demencia canicular nas veias de quem lhes respirava os perfumes. Incendiavam, excitavam, embriagavam. Conta-se que os cavallos mais cançados, mais brandos, se tornavam furiosos e indomaveis n'aquella atmosphera delirante, e que os carreteiros e os arrieiros, tendo exgotado o reportorio das pragas, enchiam os largos pulmões, logo á entrada, com uma aragem de tal maneira estimulante, que enriqueciam immediatamente o seu vocabulario com invectivas terrificantes e ineditas.

Um conductor de diligencia, dado a bebidas fortes, não achando imagens que o contentassem, condensou, dizem, a descripção do terraço em uma unica phrase: «Genebra e gengibre.» Este epitheto feliz, devido a uma gratidão não confessada pela sua bebida predilecta, «rhum e gomma», ficou pertencendo eternamente a esse canto privilegiado.

Tal era, pois, a idea que se formava d'aquelle valle aromatico. Essa idéa era superficial e prematura, como a maior parte das criticas humanas. Ninguem penetrara ainda nas suas profundidades mysteriosas. Situado a alguma distancia do cume da montanha e da estalagem que lá havia, nenhuns pés indiscretos de caçador ou de mineiro tinham pisado aquelle solo, e a patrulha do inspector do condado

rondara simplesmente nas proximidades. A honra de acabar de exploral-o ia pertencer ao sr. Lance Harriot.

A razão d'isso era simples. Para chegar ali, viajara debaixo da diligencia, agarrado ao eixo da carruagem. Escolhera esse arriscado meio de transporte, aproveitando a noite para se encaixar ali, emquanto a carruagem passava vagarosamente por deante do abrigo que elle escolhera no meio das brenhas da estrada real. Escondia-se para evitar as perseguições do *sheriff* de Monterey e da sua gente. Já conhecido como jogador, bandido e proscripto, parecera-lhe superfluo mostrar-se agora, depois do novo escandalo, que accrescentara ao seu nome uma reputação mais sinistra. Era accusado, não mais nem menos, de ter morto um collega em uma contenda ao jogo, e promettia-se uma recompensa a quem o apanhasse.

Emquanto a diligencia rodava sob os ramos baixos dos pinheiros, deixou-se escorregar e ficou immovel durante alguns momentos, impossivel de distinguir entre os montões de poeira e os sulcos da estrada. Em seguida, com movimentos mais de animal do que humanos, arrastou-se, com as mãos e os joelhos, debaixo das moutas odoriferas e não se mexeu emquanto o tinir dos arreios e o som das vozes não se extinguiu ao longe. Mesmo que o seguissem, seria difficil descobrir um rosto conhecido n'aquella massa inerte de farrapos. Uma horrivel mascara de barro avermelhado occultava-lhe inteiramente as feições; as mãos eram uns cotos informes exaggerados pelas mangas, que arrastavam. Quando, afinal, se ergueu, vacillante como um homem embriagado, para se internar, com sobresalto, na espessura do bosque, envolveu-o uma nuvem de poeira, emquanto que os farrapos desfiados do fato se prendiam aos ramos que lhe estorvavam a passagem. Cahiu duas vezes; mas, fortificado e estimulado pelos effluvios vivificantes da atmosphera, continuou a sua carreira desenfreada.

Entretanto, o calor tornava-se menos suffocante, e, quando, afinal, parando, se encostou, exhausto, ao tronco de

um arbusto, pareceu-lhe ver, nas folhas que tremiam ao longe, a brisa que ainda não sentia. Depois o silencio profundo foi alterado por um leve susurro, e Lance Harriot comprehendeu que chegara ao limite do bosque. Quebrado o encanto do silencio, distinguiu um som mais vago e mais harmonioso, o murmurio crystallino da agua. Um regato, tão estreito que se podia tolher-lhe a passagem com as mãos, corria pela fenda avermelhada da montanha e ia perder-se em uma cavidade profunda e irregular, a qual, trasbordando, por sua vez, deitava para mais longe o excesso das ondas. Asylo sagrado de alguma truta, essa cavidade ia servir de tina a Lance Harriot.

Sem hesitar um segundo, sem se despir, entrou na agua com precauções infinitas, como se receiasse perder uma só gotta. A cabeça desappareceu para baixo do nivel das margens, e o silencio restabeleceu-se novamente. Na margem do barranco ficaram dois objectos, o revolver e o pacote de tabaco de Lance Harriot.

Decorreram alguns minutos. Um gaio azul muito atrevido pousou á beira do lago e começou a dar bicadas no papel do tabaco; fugiu á chegada de um musaranho que diligenceou, debalde, arrastar o tabaco para a toca, e que foi tambem posto em debandada por um esquilo encarnado. Este dividiu a attenção entre o tabaco e o revolver, contemplando este ultimo objecto com olhar travesso e fascinado, ao mesmo tempo. De repente houve um remexer de agua, um grunhido, uma fuga precipitada da gente animal, e a cabeça do sr. Lance Harriot appareceu á borda da cavidade. Maravilhosa transformação! O processo que adoptara não só o embranquecera completamente, assim como ao fato de linho que vestia, mas parecia que essa operação tambem o lavara moralmente; dir-se-hia que deixara as manchas e as nodoas dos seus crimes na agua do banho. O seu rosto, apesar de estriado por algumas arranhaduras, era redondo, rosado, brilhante de bom humor e de despreoccupação juvenil. Os seus grandes olhos azues ti-

nham a expressão admirada e irreflectida da infancia. Ainda arquejante de cansaço, deixando a agua correr-lhe pelo corpo, encostou os cotovellos, preguiçosamente, á margem coberta de relva, e observou, com arrebatamento de collegial, as manobras do musaranho que, já esquecido do primeiro susto, viera rondar outra vez á roda do pacote de tabaco. Se, ainda, ha pouco, os commensaes de Lance Harriot teriam hesitado em conhecel-o sob o medonho envolucro de farrapos, de lama e de poeira, um estranho nunca se lembraria de imaginar que aquelle louro banhista fosse um fugitivo accusado de assassinio. E, quando, com um gesto rapido da manga encharcada, espalhou em torno uma chuva de salpicos que expulsou o musaranho para o fundo do seu covil, saltando, em seguida, para fóra da agua, com certeza que não acceitara o asylo onde se occultava senão como o theatro de um *pique-nique* divertido.

Uma brisa ligeira vinda do oeste começava a invadir o bosque; dirigindo os olhos para esse lado, Lance notou que a sombra se tornava menos espessa e, apesar dos ramos que se crusavam e se enlaçavam, dirigiu-se para lá. A' medida que avançava, via o bosque tornar-se cada vez menos denso; os ramos, primeiro, e depois as proprias folhas, recortavam as suas sombras no azul escuro do céu. Lance adivinhou que chegara ao cume da montanha; certificou-se de que o revolver estava no seu logar e afastou levemente os ultimos ramos.

O brilho do sol em pleno meio dia deslumbrou-o, ao principio; quando os olhos se lhe costumaram á claridade, viu que estava na vertente occidental da montanha, a qual, na cordilheira das Encostas, raras vezes se vê coberta de matto. O bosque espesso estendia-se entre elle e o cume da montanha e entre elle e a estrada que mergulhava no valle os seus zigue-zagues tortuosos. Lance dominava todas as proximidades sem ser visto. O que não quer dizer que parecesse preoccupado ou inquieto com essa idéa. A

primeira cousa que fez foi despir o casaco; depois encheu o cachimbo, accendeu-o e estendeu-se ao comprido na encosta para acabar de seccar ao calor do sol. Emquanto fumava, passava pelos olhos, com indolencia, o fragmento de jornal em que embrulhara o tabaco, e, encontrando um paragrapho divertido, leu-o em voz alta, para um auditorio invisivel, accentuando as passagens comicas com gestos emphaticos e palmadas nas coxas. Por fadiga ou pela reacção do banho que se transformava em douche de vapor á medida que elle se enterrava na relva ardente, os olhos fecharam-se-lhe a pouco e pouco. Despertou-o um ruido de vozes; vozes distantes, vagas, não se approximando. Lance deixou-se escorregar até á borda da primeira vertente coberta de relva. Por baixo havia outro planalto, e em seguida, uma profundidade confusa de sombra, onde se destacavam, aqui e ali, as copas agudas dos pinheiros. Não se via nenhum vestigio de habitação. Comtudo, as vozes indicavam uma occupação monotona, e Lance distinguia claramente uma bulha de louça misturada com o tinir de utensilios domesticos. Ouviu as interpellações distrahidas de um dialogo entre um velho e uma rapariga, dialogo cujas palavras eram inintelligiveis. As vozes faziam realçar o silencio da montanha, mas sem tristeza; eram mysteriosas sem serem inquietadoras, e, mesmo que proferissem as maiores banalidades, aquelle vasto isolamento tornava-as eloquentes e musicaes.

Apesar da despreoccupação do seu caracter, Lance era prudente bastante para não se arriscar a apparecer em plena luz. Contentou-se em ver se localisava o ponto exacto de onde sahiam as vozes. Não achou meio algum de conseguil-o a não ser a estrada real.

— A' noute hão de accender uma luz, por força, ou um lume qualquer, pensou elle.

E, tranquillisado por esta reflexão, tornou a deitar-se. Divertia-se atirando ao ar algumas moedas de prata, quando, dirigindo o olhar, por acaso, para uma aresta da cor-

dilheira que se recortava claramente no céu limpo de nuvens, avistou o que quer que fosse de um branco intenso, uma cousa que não parecia maior do que as moedas que elle tinha na mão, e que sahira de uma fenda da montanha. A' medida que a fitava, viu o barranco encher-se e, depois, desapparecer. D'ahi a um minuto a corôa da montanha desvaneceu-se completamente. Legiões de alvura deslumbrante accumularam-se no horisonte e espalharam-se por todos os desfiladeiros e todas as quebradas da encosta. Lance percebeu que era o nevoeiro do mar e pensou que vinte milhas, apenas, o separavam do Oceano. O Oceano era a salvação para elle. O sol, declinando, foi envolvido pelo nevoeiro e ficou ahi sepultado. Um sopro glacial correu pela montanha. O rapaz estremeceu, ergueu-se e entrou no bosque aromatico afim de recuperar o calor. O ar tepido e balsamico produziu-lhe o effeito de um calmante poderoso; esqueceu a fome no langor do cansaço, e adormeceu. Quando abriu os olhos, era noute. Dirigiu-se, ás apalpadellas, para o limite do bosque. Por cima da sua cabeça brilhavam algumas estrellas; á roda, porém, tudo se confundia no veu espesso do nevoeiro. Mesmo que uma fogueira ou uma luz aclarassem alguma habitação distante, ninguem poderia distinguil-a. Aventurar-se ao acaso seria loucura, e Lance resolveu esperar que amanhecesse. A sua philosophia preguiçosa resignava-se facilmente com estas demoras; voltou para o seu abrigo e tornou a adormecer. No meio d'aquella escuridão e d'aquelle silencio profundo, excluido de todas as sympathias e de todos os contactos humanos, vendo as pallidas nuvens amontoadas em torno d'elle, que aterradoras visões, evocadas pelo susto e pelo remorso, vieram, então, perseguil-o? Que phantasma lhe appareceu, vindo da escuridão infinita da noite? Nenhum. Antes de se introduzir suavemente n'aquellas sombras, tornou a vêr, com saudade, alguns bocados de bolacha que um viajante prodigo deixara cahir, durante a refeição, no tejadilho da diligencia. Essa tristeza passageira foi substi-

tuida pelo somno divino, profundo, ineffavel, da primeira infancia.

II

Lance Harriot accordou ainda impregnado nos aromas do bosque. O seu primeiro instincto foi o de todos os animaes novos e fortes; colheu alguns rebentos da *yerba buena*, espalhada no seu travesseiro de relva, e mastigou-os. Esse sabor penetrante acalmou a primeira exigencia imperiosa da fome, e, entorpecido pelo descanço, deixou-se estar a seguir preguiçosamente com a vista as ondulações de um raio de sol tremendo nos ramos que se curvavam, enlaçados, por cima da sua cabeça. Fluctuando entre o somno e a vigilia, teve consciencia de um ligeiro movimento nas folhas sêccas, dispersas sobre o banco de relva, ao abrigo do qual se installára. Esse movimento pareceu-lhe intelligente e dirigido para o revolver que deixára ao alcance da mão. Suppondo que era o pequeno ladrão da vespera, não se mexeu. O movimento continuava, cada vez mais onduloso e mais prolongado. Os olhos de Lance tornaram-se fixos, estava completamente accordado. Não era uma cobra deslisando por entre o musgo, era uma pequena mão e um braço, estendidos para o revolver. Em um relance viu que esse braço estava nu e que era delgado e cheio de sardas. Agarrou-o com presteza, ergueu-se e attrahiu ao nivel do peito uma rapariguita que diligenciava soltar-se.

— Largue-me! disse ella, com mais vergonha que susto.

Lance olhou para ella. Podia não ter mais de quinze annos; era delicada e flexivel, com o peito quasi tão chato como o de um rapaz. O rosto, ruborisado, e o pescoço nú, eram litteralmente crivados de pontinhos escuros, semelhantes a grãos de poeira. Os olhos, pardos e rasgados, tinham a singularidade de parecerem tambem marcados de sardas ruivas, de tal maneira a pupilla e a cornea

eram cobertas de salpicos fulvos. Os cabellos eram ainda mais extraordinarios: o seu tom acobreado matisava-se de tons mais claros, emquanto que no alto da cabeça eram de um louro pallido, como se o sol lhes tivesse comido a côr.

Crescera depois de lhe terem feito a roupa que trazia, porque a saia, muito curta, revelava uma perna fina, trigueira e nua, destacando entre as pregas da fazenda e as da meia, coberta de passagens.

Os dedos de Lance escorregaram do pulso para a mão da pequena; em seguida largou-a com um gesto de indifferença. Ella não recuou, e poz-se a contemplal-o com ar amuado e envergonhado, ao mesmo tempo.

—Não tenho medo, disse ella. Se pensa que vou fugir, está enganado.

—Melhor, respondeu Lance com ar de satisfação. Mas o que querias tu ao meu revolver?

Ella tornou a córar e não respondeu. Em seguida, poz-se a remexer com o bico do pé a terra amontoada entre as raizes de uma arvore, e, tomando esta para confidente, murmurou:

—Queria apanhal-o antes que o senhor accordasse.

—Sim?... Fara quê?

—Ora! provavelmente já adivinhou.

Os dentes brancos de Lance, desenhando-se n'um sorriso, pareciam dizer que sim; mas calou-se, discretamente.

—Eu não podia saber porque era que estava ahi escondido, continuou a pequena, dirigindo-se sempre á arvore.

E, olhando para elle de revez, por entre os cilios claros:

—Não lhe tinha visto a cara.

Este cumprimento subtil foi a primeira revelação do seu sexo, tão fecundo em artificios. O despreoccupado vagabundo comprehendeu-o assim e o rosto ruborisou-se-lhe. Tossiu para occultar o embaraço que sentia.

—Isto é, querias estar prevenida com este revolver, emquanto não vias em que paravam as modas? Acertei? Dize a verdade.

Ella fez um gesto affirmativo; depois, apanhando uma vara de aveleira, passou-a para traz das costas, fixou-a pelo meio, nos rins, curvou os braços em volta das duas extremidades, arqueou o corpo e fez realçar os biceps. Esta attitude era um protesto de desembaraço e de força muscular.

—Talvez agora gostasses de possuil-o? disse Lance, estendendo-lhe o revolver.

—Ai! Já tenho visto muitos revolvers como esse, disse a rapariga, evitando habilmente a intenção de Lance e o offerecimento da arma. O pae tem um, e o meu irmão tinha dois *derringer* quando era ainda muito mais pequeno do que eu.

Calou-se para observar no rosto do seu companheiro o effeito que este arsenal de familia lhe causara.

Lance contemplava-a. A pequena divertia-o. Ella continuou, bruscamente:

—Para que estava comendo erva, ainda agora?

—Erva? repetiu Lance.

—Sim, ali.

E indicou a *yerba buena*.

Lance desatou a rir.

—Porque tinha fome. Olha, accrescentou, fazendo tinir algumas moedas de prata, isto chegará para me darem de almoçar e para tu comprares alguma cousa para ti, com o resto?

A pequena olhou para o homem e para o dinheiro, com uma curiosidade um pouco assustada.

—O pae talvez lhe arranjasse isso, respondeu ella, se estivesse de pachorra. Mas previno-o de que elle, a maior parte das vezes, não é muito amavel para os vagabundos, desde que estes lhe roubaram uns frangos. E d'ahi... experimente.

— Mas tu é que has de experimentar. Podes trazer-me aqui de comer, não é verdade?

A pequena recuou dois passos e baixou os olhos. Depois, com um sorriso irresistivel, composto de embaraço e de impudencia, replicou:

— Visto isso, anda escondido. Acertei?

— É verdade: ando escondido. Nem sempre és myope, disse Lance alegremente.

— Diga-me uma cousa; pertence ao bando de Mac Carty?

Lance Harriot teve um grito de legitimo orgulho ao responder claramente que não pertencia ao rancho de salteadores da montanha, conhecidos por aquelle nome em todo o districto.

— Tambem não é nenhum d'aquelles gatunos de capoeira que fizeram uma limpeza ao *rancho* de Henderson, ainda ha pouco tempo? A gente não tem grande amisade a esses sujeitos, fique sabendo.

— Não, respondeu Lance com firmeza.

— Será, porventura, aquelle patife que matou a pobre mulher ás cacetadas, um dia d'estes, em Santa Clara?

Lance repelliu esta supposição com desdem. Os seus crimes de lesa-*conjugo* eram de outra especie e dirigidos contra as mulheres dos outros.

A pequena hesitou ainda um momento, e, afinal, proseguiu lentamente:

— Bem, está dito! Parece-me que póde vir comigo.

— Para onde? perguntou Lance.

— Para o *rancho,* replicou ella simplesmente.

— Então não queres trazer-me nada aqui?

— Para que, se lh'o dão lá em baixo?

Lance hesitou.

— Não ha perigo, digo-lh'o eu; vou falar ao pae e tudo se arranjará.

— Mas supponhamos que eu prefiro estar aqui?... insistiu o rapaz, sentindo que esta insistencia era fingida.

— Como quizer, disse a rapariguita friamente. Mas, como o pae é *popiatario* d'este bosque...

— Proprietario? suggeriu Lance.

— Po ou pro... é-me indifferente, continuou ella com desdem. Este bosque pertence-lhe; não lhe digo mais nada... elle ha de vir a este logar, com certeza, e não tardará muito. De maneira que, tanto póde vêl-o aqui como lá em baixo. Aposto a sua cabeça em como elle não tarda aqui um minuto.

Os olhos de Lance revelaram-lhe, de certo, quanto ella o divertia, porque baixou os seus e franziu as sobrancelhas, confusa.

— Vamos! Estou ás tuas ordens, disse Lance estendendo-lhe a mão e rindo.

Ella não lhe pegou na mão, e olhou para elle de revez, como uma poldra manhosa.

— Dê cá a pistola, primeiro, disse.

Elle deu-lhe o revolver, mal podendo disfarçar a vontade de rir. Ella pegou-lhe, muito séria, e encostou-o ao hombro, como se fosse uma espingarda. Este gesto, de creança e de heroina, arrebatou Lance.

— Vá adeante! disse ella.

Lance obedeceu logo, rindo sempre.

— Parece que vou preso, observou elle, passado um instante.

Dirigiam-se para o limite do bosque. Houve um momento em que elle se lembrou de fingir que ia escapar-se, para observar o effeito que a sua evasão produzia na rapariga, mas renunciou a isso.

— Era capaz de disparar e de me acertar logo ao primeiro tiro, pensou elle, cheio de admiração.

Quando chegaram á vertente descoberta da montanha, Lance estacou.

— Por aqui! disse a pequena, indicando a altura e tomando um caminho inverso ao que conduzia ao valle de onde o som das vozes chegara aos ouvidos de Lance. Ha-

via muito tempo que elle reconhecera a da sua companheira.

Caminharam um bocado ao longo das balsas; depois entraram bruscamente em um atalho que descia para o valle.

— Para que é preciso dar esta volta? perguntou Lance.

— Nunca a *damos*, respondeu a pequena com intenção. Ha um caminho mais curto.

— Por onde?

— Isso não é da sua conta, respondeu ella seccamente.

- Como te chamas? perguntou Lance depois de um bocado de descida pelo atalho ingreme.

— Flip.

— Como?

— Flip.

— Mas o teu proprio nome, o teu nome de baptismo?

— Flip.

— Flip! Ah!... é a abreviatura de Filipa.

— Não é Flipa... é Flip.

Houve um momento de silencio, interrompido por Lance.

— Não me perguntas tambem como eu me chamo... disse, insidiosamente.

Ella não se dignou responder.

— É-te muito indifferente?

— Talvez. O pae ha de perguntar-lh'o. Póde mentir-lhe á vontade, a *elle*.

O alegre vagabundo não insistiu; caminhou na frente, silencioso durante alguns momentos, saboreando aquella resposta.

— Comtudo, tornou Flip, com um accesso de prudencia repentina, talvez fosse melhor entendermo-nos!

O atalho dera outra volta inesperada, enterrando-se no desfiladeiro. Lance ergueu os olhos e viu que estava por baixo, quasi perpendicularmente, do bosque de especiarias e do planalto que se erguia ao longe. O terreno começava a apresentar vestigios de arroteio, e o caminho era indicado por arvores derrubadas e troços de pinheiros.

—Em que se emprega o teu pae? perguntou Lance.

Flip calava-se, balouçando o revolver na mão; Lance repetiu a pergunta.

—Accende carvão e faz diamantes, disse ella, olhando de soslaio para o rapaz.

—Diamantes? repetiu Lance, como um ecco.

Flip curvou a cabeça.

—Muitos? interrogou Lance com ar de indifferença.

—Montes d'elles! Mas não são muito grandes, respondeu ella com o mesmo olhar de revez.

—Ah! não são grandes! disse Lance gravemente.

Tinham chegado a um pequeno recinto com uma abertura, onde uma tribu de volateis saudou o regresso da dona d'aquelle rustico asylo com um cacarejar e um bater d'azas geral.

O aspecto do logar não era imponente. Uma fornalha debaixo de uma arvore, uma sella e umas redeas, alguns utensilios domesticos espalhados pelo chão, indicavam o *rancho*. Como a maior parte dos terrenos gastos pelos peoneiros era apenas uma invasão desordenada do dominio da natureza, deixando atraz de si um campo de batalha arruinado, entregue ao abandono. A fealdade das arvores serradas, das moutas derrubadas, das estacas, do solo toscamente revolvido, era augmentada pela sua juxtaposição com os destroços da civilisação, cantaros vasios, garrafas partidas, chapeus arrombados, botas acalcanhadas, ferragens de todos os feitios, e, suprema ironia, os arames torcidos de um velho balão pendurados no ramo de uma arvore.

O desfiladeiro mais selvagem, o espinheiro mais sombrio, a solidão mais profunda, pareciam menos abandonados e menos lugubres do que aquelles vestigios dos primeiros passos do homem. A habitação, porém, compensava a trivialidade d'aquelle bivaque prolongado. Construida com a casca semi-cylindrica dos pinheiros, coberta com tecto egual, possuia uma especie de selvageria pittoresca,

devida, comtudo, mais a um designio economico do que a um gosto natural; porque, dizia Flip explicando: «A casca não presta para o carvão.

— Aposto que o pae está no bosque, continuou ella, parando á entrada da cabana. — Pae!...

A sua voz clara e sonora resoou por todo o desfiladeiro, e o ecco reenviou-a ás alturas do planalto. As pancadas monotonas de um machado cessaram, de repente, e, do interior dos pinheiros, ouviu-se uma voz responder:

«Flip!»

Houve um intervallo de silencio, depois ouviu-se um grunhido, uma bulha de passos, um estalar de ramos, e o «Pae» appareceu.

Se Lance o encontrasse, pela primeira vez, na espessura do bosque, custar-lhe-hia decidir a que raça elle pertencia: se á mongolica, se á hindu, se á ethiope. Abluções indispensaveis, mas parciaes, tinham-lhe imprimido lentamente ao rosto e ás mãos de carvoeiro uma pallidez cinzenta de ardosia com linhas escuras nos cantos onde cessava a acção da agua. Fazia lembrar aquelles fingidos pretos menestreis que só teem breves e insufficientes intervallos de descanço entre as representações. Os olhos eram cercados por rodellas pretas semelhantes a oculos sem vidros e que accentuavam ainda mais aquella mascara simiesca, completada pelo aspecto de cabelleira grisalha, a qual parecia ter sido objecto de frequentes mas inefficazes tentativas de pintura. Sem fazer caso algum de Lance, esse homem, dirigindo-se á filha, disse-lhe, com voz quebrada e rabujenta:

— Bem! o que ha de novo? Agora fazes-me largar o trabalho uma hora antes do meio-dia. Diabos me levem se posso estar um minuto socegado. Pae, isto, pae aquillo.

Lance verificou com grande satisfação que a pequena recebia aquella arenga com a maior das indifferenças. Esperou que o velho acabasse por um grunhido inintelligivel e disse friamente:

— Olhe, era melhor que largasse o machado e visse se

dava de almoçar a este estrangeiro. Elle queria tambem levar alguma comida para o caminho. É um cavalheiro, de S. Francisco, que veiu aqui pescar. Separou-se dos amigos e perdeu-se. Nem mesmo sabe o que é feito das linhas e das outras cousas que trazia. Dormiu ao relento, esta noute, nos bosques de Genebra e Gengibre.

—Bem! bem! é sempre a mesma cousa, rugiu o velho batendo nos joelhos, com um accesso de furor impotente, mas sem olhar para Lance. Mas, com todos os diabos, porque não vae elle para a maldita estalagem lá de cima? Porque não vae. com mil raios?...

Encontrou os grandes olhos ruivos da filha fixos nos d'elle, pestanejou levemente e continuou, com brandura choramingas:

—Ora vamos, Flip, isto não tem senso commum. É de mais, trazeres-me aqui, para o *rancho,* um bando de maltrapilhos, de emigrantes vagabundos, de marujos desertores, de viuvas lacrimosas e de doidos furiosos. —Ora, diga-me o senhor, continuou, dirigindo-se a Lance pela primeira vez, mas como se este houvesse tomado parte activa na conversação, diga-me o senhor, que é um homem serio, um pescador á linha, que sabe o que faz e o que diz... Isto tem algum geito?

Antes de Lance poder falar, Flip tomou a palavra:

—É muito justo, isso. Exactamente por elle ser um ricasso, um figurão, é que não póde entrar na hospedaria assim como está. Ha de ir para fôra d'este *rancho* antes de ter mudado de figura? Qual historia! N'essa é que elle não cae!... Mas que tolices está o pae a dizer?

O velho ia abrandando. Arrastando o machado entre as pernas, foi sentar-se em um tronco d'arvore e limpou a testa com a manga do casaco, o que lhe deu ao rosto o aspecto de uma ardosia onde se tivesse apagado desastradamente uma addição complicada. Olhava para Lance com modos de lastima.

—Provavelmente não traz conquibus? É o costume. Pro-

vavelmente, deixou a carteira, com cincoenta dollars dentro, debaixo de uma pedra, e não se lembra em que sitio. É o costume. Provavelmente, continuou, vendo Lance levar a mão á algibeira, traz uma letra de cem dollars saccada sobre Wells Fargo e Companhia, e vae pedir-me dinheiro. Com certeza.

O velho divertia Lance; mas a sua admiração absoluta por Flip absorvia todos os outros sentimentos. Com os olhos fixos na pequena, afiançou ao pae que tencionava pagar tudo o que lhe dessem; as suas maneiras, porém, já não tinham a alegria despreoccupada das suas primeiras relações com Flip. Esta notou-o e perguntava a si mesma porque estaria elle zangado. Os olhos de Lance, desde que tinham fitado outro homem, eram menos francos e menos abertos; notava-se-lhe na attitude não sei que violencia possivel que indicava instinctos homicidas; mas uma palavra ou um gesto de Flip bastavam para lhe restituir a serenidade. Quando ella, com o auxilio do pae, acabou de arranjar o modesto e primitivo almoço, Lance interrogou o seu hospedeiro ácerca da fabricação dos diamantes. Os olhos do velho brilharam.

— Faça favor de me dizer como é que sabe que eu faço diamantes, disse elle com certa hesitação misturada com mau humor, que fazia lembrar a filha.

— Disseram-m'o em Frisco, respondeu Lance, observando na pequena o effeito causado por esta mentira audaciosa.

— Está-me parecendo que elles começam a assustar-se, os joalheiros de lá... Já andam com a pedra no sapato... Hão de ter que baixar os preços... Isto ha de chegar a ser questão, simplesmente, do preço do carvão... Elles não lhe disseram como eu fiz a descoberta?

Em qualquer outra circumstancia, Lance teria detido o velho, affirmando-lhe que já sabia a historia; mas agora queria verificar até que ponto Flip se prestava ás divagações do homemsinho.

— Foi assim. Uma noite, ha dois annos, eu tinha um poço de carvão que ardia, lá em baixo, e, apesar de estar sempre a deitar fumo e labaredas, não produzia um real de carvão. Ainda assim, com a breca, o calor d'aquella cova era espantoso, medonho. Não se podia chegar a cem metros de distancia d'ella, sentia-se na estrada real, a tres milhas d'aqui, do outro lado da montanha. Havia noites e noites em que Flip e eu eramos obrigados a levar os cobertores e ir acampar ao ar livre, para cima do barranco, porque as paredes d'esta cabana encoscoravam-se como presunto frito. Era o melhor exemplar do inferno que se podia arranjar. Pois bem! talvez o senhor pense que fui eu que accendi aquella fornalha? Vae dizer que é assim que arde sempre um poço de carvão?

— Decerto, respondeu Lance, procurando os olhos de Flip, que os desviava obstinadamente.

— Pois mentia, se o dissesse. Aquelle calor vinha das entranhas da terra. Parecia vir de uma chaminé ou de um forno elevado, e alimentava o fogo. E, quando esse fogo abrandou, afinal, e, passado um mez, consegui descer ao poço, o que havia de encontrar? Um buraco na terra, e, a sahir de lá, um repucho d'agua a ferver, da grossura do seu corpo.

O velho ergueu-se, com o instincto de narrador emerito, e tirou de debaixo da cama um saquinho de camurça que despejou em cima da mesa.

O sacco continha um fragmento de crystal de rocha indigena, meio derretido sobre um bocado de pinheiro petrificado. O specimen era tão irrefragavelmente o que parecia ser, que o lenhador e o mineiro mais experiente conhecel-o-hiam ao primeiro relancear d'olhos. Lance ergueu os seus, cheios de malicia, para Flip, que disse logo:

— Arrefeceu muito depressa, e definhou na agua!

Depois calou-se, córou e baixou os olhos.

— É isso! é isso exactamente! continuou o velho, Flip é entendedora! Tem esperteza, a pequena.

Lance, sem responder, dirigiu um olhar duro e frio ao homemsinho e levantou-se bruscamente. O velho agarrou-o pelo casaco.

— Affanço-lhe que é isto! O carvão ia tornar-se diamante. Definhou... Porque? É boa! porque o calor não se conservou! Mas o senhor talvez imagine que eu fiquei por aqui? Isso é que não! Não sou d'esses... Lá em baixo, no bosque; ha um poço que arde ha seis mezes. Não tem as vantagens do outro, que tinha o calor natural, bem sei; mas eu alimento o fogo. Arranjei um esconderijo de onde o espreito de quatro em quatro horas. Quando chegar a occasião, estou lá cahido. Comprehende? Assim é que eu sou. Assim é que é Daniel Fairley... Assim é que é o velho! O que diz a isto?

— Está muito bem, respondeu Lance seccamente. E agora, senhor Fairley, póde dar-me um casaco ou uma jaleca para atravessar os nevoeiros da estrada de Monterey? Não quero estorval-o mais e impedil-o de ir aos seus diamantes.

E deitou um punhado de moedas de prata em cima da mesa.

— Tenho aqui uma jaqueta de pelle de gamo, disse o velho, que um vaqueiro me deixou em paga de uma garrafa de whiskey.

— Duvido que isto lhe sirva, disse Flip apresentando com hesitação uma jaqueta de vaqueiro, usada, bordada a retroz e golpeada.

Mas o casaco agradou a Lance, que o achou bom para aquecer, e que, além d'isso, sentia um desejo subtil de contradizer Flip. Logo que o vestiu, cumprimentou o pae friamente, a filha com indifferença, e dirigiu-se para a porta.

— Se tenciona ir pela estrada de Monterey, posso ensinar-lhe o caminho mais curto, disse Flip com uma especie de delicadeza embaraçada.

O velho Fairley gemeu.

—Bem! disse elle, as gallinhas e tudo o mais pódem ir para o diabo, com tanto que vás vadiar com o primeiro desconhecido que appareça. É isso! Vae!

Lance, furioso, ia responder, quando Flip o interrompeu:

—Mas o pae bem sabe que é um caminho cheio de voltas, e a prova é que o policia que perseguia o Pedro Francez, perdeu-se n'elle e teve que dar volta ao barranco. la apostar que este senhor tambem vae perder-se e voltar para aqui.

Esta perspectiva fez calar o velho, e Flip e Lance partiram juntos. Caminharam em silencio durante algum tempo; de repente, Lance voltou-se para a sua companheira:

—Não acreditas n'aquella historia dos diamantes, não é verdade? perguntou elle bruscamente.

Flip estugou o passo afim de evitar a resposta.

—Não me digas que é aqnella lavadura de porcos o que o homemsinho te serve todos os dias, continuou Lance, tornando-se mais vulgar á medida que a sua irritação augmentava.

—Parece-me que não tem nada com isso, respondeu Flip saltando de uma pedra para outra afim de atravessar um regato sêcco.

—E tu és a guardadora, a ama sêcca de todos os vadios que rondam por estes sitios desde que vives aqui, replicou Lance, não dissimulando já a colera. Quantos tens recolhido n'este caminho?

—O anno passado, uns Irlandezes perseguiam um Chinez que se tinha escondido no bosque e o homem estava com tanto medo que não se desamarrava de lá. Era capaz de morrer ali de fome. Tirei-o de lá á força e obriguei-o a vir á montanha. Não havia meio de o fazer passar pela estrada real. Depois d'isso não tornou a apparecer nenhum... antes do senhor.

—E achas isso bonito, fazer sociedade com semelhantes vadios, ser camarada de maltrapilhos, de gatunos? disse Lance com mau humor crescente.

Flip não respondeu logo.

— Ah! bem! se se põe a rabujar como o pae, safo-me. Já o previno.

Lance ficou mais impressionado com esta comparação entre elle e o velho Fairley do que com a ingratidão de Flip. Tratou logo de affirmar-lhe que estava gracejando. Quando ella se apasiguou e a conversação entre os dois proseguiu, Lance esqueceu bastante a sua pessoa para se informar de alguns pormenores da existencia da pequena, pormenores que não tinham relação directa com elle. A mãe de Flip morrera nas montanhas quando ella era muito pequena, e o irmão fugira da casa paterna, aos doze annos. Ella esperava tornar a vêl-o qualquer dia, pensava que lhe appareceria inopinadamente no valle.

— É por isso que tratas tão bem os viajantes? disse Lance. Esperas que algum d'elles seja o teu irmão?

— Talvez seja por isso, respondeu Flip com ar serio; mas é tambem por outro motivo. Entre esses vagabundos ha alguns que podiam encontrar o meu irmão e prestar-lhe algum serviço, por minha causa.

— Como eu, por exemplo? disse Lance.

— Como o senhor... Era capaz d'isso... quando se apresentasse occasião, não é verdade?

— Pois que duvida! respondeu Lance, mais commovido do que parecia. Comtudo, não obsequeies todos... ao acaso.

Agitava-o um sentimento vago de ciume. Perguntou-lhe se os seus protegidos tornavam alguma vez a apparecer.

— Não! disse Flip. Nunca appareceu nenhum! Isso prova, accrescentou com sublime ingenuidade, que eu lhes tinha feito bem e elles podiam passar sem mim. Não é verdade?

— Provavelmente! respondeu Lance, amuado. E tens outros amigos que te visitam?

— Tenho só o director do correio da encruzilhada.

—O director do correio?

—Sim... Faz tenção de casar commigo para o anno, se eu estiver mais crescida.

—E tu tambem tencionas casar com elle? perguntou Lance curiosamente.

Flip executou uma série de evoluções com os hombros, correu para deante, apanhou alguns seixos, atirou-os para o matto, olhou para traz, dirigiu a Lance um olhar que, deslisando-lhe pelos olhos fulvos e humidos, resumia o coquettismo mais provocante, e respondeu-lhe:

—Espere por essa, que já lh'o digo!

Tinham chegado ao ponto onde deviam separar-se.

—Olhe! disse Flip mostrando-lhe um ligeiro desvio do atalho que ia perder-se debaixo do bosque, a uns cem passos de distancia, ali tem o caminho que ha de seguir. Para deante alarga e aclara mais, mas é preciso ter bons olhos e não se enganar, quando não! cautella com o nevoeiro! Adeus!

—Adeus!

Lance pegou-lhe na mão e attrahiu-a para si. Ella estava impregnada nos perfumes do bosque aromatico, e parecia á imaginação excitada do rapaz a encarnação viva de todos os perfumes embriagantes da sua floresta natal. Meio risonho, meio sério, tentou dar-lhe um beijo; ella, ao principio, resistiu; depois, no ultimo momento, cedeu, retribuindo-lh'o ao de leve. Uma chamma desconhecida percorreu as veias de Lance e fel-o estremecer. Ficou pregado no mesmo sitio, confuso e surprehendido, emquanto ella fugia.

Seguiu com a vista a sua estatura flexivel de nympha juvenil, até a vêr desapparecer na sombra do bosque; depois voltou-se bruscamente e encaminhou-se para o atalho estreito.

Tinha o olhar firme e avançava rapidamente em direcção ao cume longinquo. Emquanto a Flip, o seu regresso não foi tão rapido. Logo que chegou ao bosque, correu até ao

limite d'elle, e procurou, do outro lado do desfiladeiro, o vulto de Lance, que apparecia e desapparecia no meio das sombras e das anfractuosidades da montanha. No momento em que chegava ao cume, os precursores do nevoeiro varreram as cristas da montanha, envolveram-o nas suas nuvens espessas e occultaram-o á vista de Flip.

Ella suspirou, endireitou-se, descançou um pé, depois o outro, em cima de um tronco d'arvore, e puxou lentamente as meias, que lhe estavam curtas. Depois tratou de fazer descer a saia e de estabelecer relações mais intimas entre a borda do vestido e a orla das meias; suspirou outra vez e dirigiu-se para casa.

(Continua).

Bret HARTE.

O MEU CHINEZ

Bung-Lung era o *meu* chinez — não por ser propriedade minha, mas por que eu o descobrira, como Christovão Colombo descobriu a America.

Era um dia chuvoso de novembro. Já passava da meia noute; eu voltava para casa, atravez das ruas sombrias e desertas de Nova-York.

De repente vi, deante de mim, uma luz que projectava um anglo de claridade amarellada nas grandes lages do passeio.

Á medida que me approximava, achava a essa luz o que quer que fosse de solitario, de interessante, que me inspirou um desejo repentino de vêr aquelle trabalhador, agarrado, ainda, á sua tarefa, quando todos já descançavam, no bairro.

Entrei no raio de luz; as gotas de chuva cahiram, mais rapidas. A luz sahia de uma loja. Encostei a cara á vidraça e descobri Bung-Lung.

Nunca esquecerei o quadro: Envolvido na sua grande blusa de algodão azul, com a delgada trança de cabellos pretos descendo-lhe ao longo da espinha, as faces, côr de pão de ló, dilatadas como as bochechas de um saguim, por

uma grande provisão de agua (1), e as duas mãos biliosas, descarnadas, passando rapidamente por entre a roupa branca. Singular espectaculo!

Quando dirigi um olhar curioso para dentro da loja, Bung-Lung estava projectando uma nuvem de agua pulverisada sobre uma porção de camisas brancas e retezadas. No mesmo instante, sentindo a agua eorrer-me das biqueiras do guarda-chuva para o pescoço, tive a impressão muito aguda de um sortilegio oriental exercido pelo mongolico na minha pessoa.

Eu nunca tinha visto um lavadeiro chinez entregue ao seu trabalho. No mysterio da noute, a scena pareceu-me completamente extraordinaria...

Alguns dias depois da descoberta de Bung-Lung, fiz outra no meu guarda roupa; era uma porção de roupa branca que reclamava os serviços da lavadeira.

Occorreu-me uma ideia:

— Vou tambem mandar lavar a minha roupa pelo systema chinez, no mysterio da noute, e travarei relações com Bung-Lung!

Fiz uma grande trouxa que metti dentro de uma mala, e dirigi-me para a loja, á entrada da qual se balouçava um lettreiro com estas palavras em lettras encarnadas:

BUNG-LUNG

Lava e engomma roupa

Entrei. Bung-Lung estava engommando. Aquelle homem não fazia outra cousa.

---

(1) Quasi todos os chinezes que vivem nas grandes cidades americanas, exercem ahi a profissão de lavadeiros. Em vez de imitarem as nossas engommadeiras da Europa que humedecem a roupa antes de a engommar, borrifam-a habilmente soprando-lhe para cima um bochecho d'agua que aspiram de uma chavena. Apesar da ingenuidade do processo nenhuma engommadeira americana é capaz de rivalisar com os chinezes na brancura da roupa e na perfeição do trabalho.

— Bom dia, senhor Lung! disse eu. Lung voltou-se para mim, deixando vêr as duas faces inchadas como as algibeiras de um *alderman* (1). Os seus olhos, em fórma de amendoa, pareciam querer esconder-se no nariz, e a testa enorme e polida assemelhava-se á casca de uma melancia.

— Bom dia, senhor Lung. Trago-lhe roupa n'esta mala.

— Trazer camisa? perguntou o chinez laconicamente, e sem interromper o seu trabalho, dobrando uma *peça*, com tal rapidez, que não tive tempo de vêr se era uma camisa ou outro objecto.

— Justamente, Lung. Veem tambem collarinhos e punhos. Quero esperimentar o seu methodo — para comparar. Se me convier serei seu freguez.

Bung-Lung pegara n'uma grande tigella, cheia d'agua. Aspirou um enorme trago, e, voltando-me as costas, começou novamente o seu extravagante trabalho de irrigação.

Mal eu acabara de dar a minha explicação, já Bung-Lung estava no pleno exercicio das suas funcções, parecendo haver-me esquecido completamente.

Eu observava em silencio, com uma curiosidade explicavel, os movimentos rapidos do ferro que seguia de perto a rega, e estudava com attenção o vaevem dos cotovellos, que iam e vinham com a regularidade da lingua de um gato lambendo um pires de leite.

As minhas relações com Bung-Lung não estavam muito adeantadas. Comprehendi que devia apresentar-me.

— Senhor Lung!

Bung voltou-se para mim como se voltara a primeira vez, com a mesma indifferença.

---

(1) Conselheiro municipal: A corrupção dos politicos da America é bastante conhecida para esta phrase não precisar explicação.

—Senhor Lung, eu hei de vir...

—Trazer collarinhos? disse o chinez simplesmente. E tornou a aspirar um quarto de litro da agua que estava na tijella, ao seu lado. As suas faces redondas assemelharam-se, de novo, a um balão-cartaz.

—Sim, trago-os na minha...

—Muitos lenços?

—Uma duzia... e tambem...

Bung-Lung, correu para traz do balcão e voltou-se para mim com um gesto impetuoso. Approximei-me; mas, quando ia a abrir a bôcca afim de dizer o meu nome, já a mala passara das minhas mãos para as d'elle, e o inventario do que ella continha era feito em um abrir e fechar de olhos. Em logar da minha roupa, tinha na mão tres ou quatro quadradinhos de papel d'arroz, com inscripções hieroglifhicas, traçadas ligeiramente, com um pincel, da direita para a esquerda.

—O que é isto? disse eu admirado.

Bung-Lung então, mostrou-se tambem surprehendido. Não sabia o que havia de responder. Era evidente que nunca tivera um freguez com o entendimento tão obtuso.

Olhava para os papelinhos e para mim, alternativamente.

—Homem americano levar camisas, collarinhos, lenços? disse elle, acompanhando esta phrase, de um comprimento desusado, com uma pantomima explicativa e indicando interrogação.

—Não preciso d'elles antes... de estarem lavados.

—Bung-Lung lavar, lavar! repetiu o homemsinho, dançando á roda do balcão.

E, pegando nos quadrados de papel, metteu-os na algibeira do meu colete.

—Ah! percebo, disse eu, de repente, comprehendendo. São recibos!

O rosto de Lung illuminou-se como uma lanterna chineza. Peguei na mala e sahi.

Tres dias depois, tornando a passar deante da taboleta

que dizia que Bung-Lung «lavava e engommava», verifiquei mais uma vez que ella dizia a verdade. Perguntei a mim mesmo se Bung-Lung interrompia alguma vez o seu trabalho.

Finalmente, formava uma ideia tão elevada a respeito do chinez, que elle fazia parte da minha vida. Seduzira-me. Sonhava com elle. Senti, portanto, uma certa commoção quando tornei a vêr-me na presença da sua physionomia de Mongol, que me intrigava. Elle, porém, não deu por mim senão quando sentiu a minha mão tocar-lhe na comprida trança.

Comprehendi immediatamente o sacrilegio que commettera. Bung-Lung deu um salto como se o tivessem picado com um alfinete em braza. Voltou-se tão bruscamente, que a minha mão encontrou-se com o seu nariz.

—Homem americano doido!

Isto foi dicto em tom que não admittia commentarios. Aquella affirmação tinha o valor de um aphorismo. Tive que acceital-a como tal.

E, comtudo, estou certo de que conheci Bung Lung graças a esta tentativa irreflectida, que me gravou na sua memoria.

Olhámos um para o outro; afinal, o meu chinez, vencido pelo instincto de commerciante, perguntou-me friamente:

—Vir para camisa?

Apresentei os meus recibos, e a datar d'esse momento as relações entre nós começaram a ser deliciosas. Paguei a modesta conta de Bung-Lung, e elle abrandou-se a ponto de me convidar para ir «muitas vezes».

O que é verdade é que não podia passar sem elle.

Estava todo o dia na loja. Á noite, sonhava com o pequeno mongol de trança negra, que apresentava á minha imaginação, excitada como depois de fumar uma duzia de cachimbos de opio, um mundo completo de filhos do ceu com vestidos de seda e de setim multicores, agi-

tando-se como sombras phantasticas em uma paysagem ideal de pagodes de porcelana. Cheguei a comprar roupa branca afim de explicar as minhas visitas repetidas.

No fim de seis dias d'este manejo, a expressão do rosto de Bung suavisou-se. Dignou-se, até, sorrir.

— Homem americano muito sujo, disse elle.

Era uma concessão que me fazia, agradavel aos meus ouvidos como a voz de um amigo.

A datar d'essa epoca, as minhas relações com o chinez fizeram rapidos progressos. Lung parecia não se oppôr a isso.

Dava-me, até, a honra de reparar na minha pessoa. Afinal, estabeleceu-se entre nós uma intimidade agradavel.

Um dia apoderou-se de mim um capricho invencivel.

— Bung, disse eu, que figura imaginas que farias com um casaco de abas?

— Um casaco de homem americano?

— Justamente; o que dizes?

— Muito bonito, muito bonito, exclamou o chinez, encantado.

— Esta noite trago o meu, e veremos, disse eu, muito contente.

N'essa mesma noite, levei a minha sobrecasaca. Bung-Lung enfiou as mangas. A sobrecasaca era muito grande para elle, como era de suppor; mas, isso não tinha duvida. O meu chinez não cabia em si de contente. Para exprimir a sua alegria poz-se a dançar de um modo grotesco. Em seguida disse-me que ia mostrar-se ao visinho, ao Duck, um compatriota, lavadeiro como elle.

— Homem americano ficar com camisas, disse elle, na sua algaravia, em tom de supplica.

Consenti em ficar de guarda ás camisas do honrado chinez, Bung-Lung desappareceu na rua.

Decorreram vinte minutos. Começava a impacientar-me, quando Bung-Lung penetrou na loja como uma bala, sem casaco, palpitante, coberto de suor e de lama.

—Rapazes americanos atacar Bung-Lung, tirar o casaco, levar, correr; deixar Bung-Lung no charco.

Estas palavras foram proferidas por elle com um accento de terror mal dissipado.

A minha sobrecasaca nova estava perdida! Oitenta dollars deitados á rua. Consolei o meu chinez conforme pude, emquanto elle passava por agua, philosophicamente, a sua grande blusa azul, afim de lhe tirar a lama. E eu admirava a sua tranquillidade de espirito.

No dia seguinte, tendo que ir a uma reunião, fui a uma loja de emprestimos sobre penhores e apressei sobrecasacas baratas.

O judeu velho, dono da loja, trouxe-me umas poucas para escolher. Na primeira que me veiu á mão reconheci, o que? a minha!... Mostrei ao judeu as minhas iniciaes bordadas no forro das costas.

—Quem lhe vendeu este casaco? exclamei.

—Foi um chinez, respondeu o logista.

—Um chinez! exclamei, estupefacto. E deixou o nome?

—Deixou, fui eu que o obriguei. Pergunto sempre o nome a essa gente.

E o judeu mostrou-me o livro.

—Olhe! leia, senhor: Bung-Lung.

—Bung-Lung!

Sahi da loja precipitadamente e corri a minha casa.

Os dias immediatos a esse não estão bem claros na minha memoria. Lembro-me unicamente do perfil de um *policeman* gigantesco, atravessando a rua a passos largos, ao lado de um chinez pequenino, amarello, repellente, horrivel. Era a reacção.

—Quem era esse chinez?

—Era o meu!

Bung-Lung!...

Jehan SOUDAN.

A HESPANHA

V

SEVILHA

(Continuação)

Tendo descido da Giralda, fui ver a bibliotheca Colombina, alojada n'um edificio antigo, perto do *Patio de las Naranjas*. Depois de ter visto uma collecção de missaes, de biblias, de manuscriptos preciosos, um, sobretudo, attribuido a D. Affonso o Sabio, intitulado: *El Libro del tesoro*, escripto com muito cuidado na velha lingua hespanhola, vi — deixem-me repetil-o — vi — eu — com os meus olhos humidos e cumprimindo com uma das mãos o meu coração, que batia apressadamente, vi um livro, um tratado de cosmographia e de astronomia, em latim, com as margens cobertas de notas escriptas pelo proprio punho de Christovão Colombo. Elle estudou esse livro quando ruminava o seu grande projecto; passou noites a estudar essas paginas, tocou-as com as suas mãos; a sua divina fronte, nos serões fatigantes, inclinou-se talvez algumas vezes com o abandono do cançasso sobre esse pergaminho, que humedeceu com o seu suor. Este pensamento arrebata-me! Mas ha ainda melhor. Vi um livro escripto pela mão de

Colombo, em que estão reunidas todas as prophecias dos historiadores sagrados e profanos relativamente á descoberta de um mundo novo, livro de que elle se serviu, ao que parece, para animar os soberanos da Hespanha a fornecerem-lhe os meios de tentar a sua empreza. Ha n'elle, entre outras, uma passagem da *Medéa* de Seneca, que diz: *Venient annis secula seris, quibus oceanus vincula rerum laxet, et ingens pateat tellus.* E no volume de Seneca, que se encontra tambem na bibliotheca Colombina, ao lado da passagem citada lê-se uma nota de Fernando Colombo, que diz: «Esta prophecia foi realisada por meu pae, o almirante Christovão Colombo, no anno 1492.» Encheram-se-me os olhos de lagrimas; quereria estar só para beijar aquelles livros, para os manusear até estar fatigado, para poder arrancar-lhes um bocadinho e trazel-o commigo como uma coisa santa. Christovão Colombo! Eu vi palavras escriptas pela sua mão! Toquei as folhas que elle tocou! Como que o senti ao pé de mim! Quando sahi da bibliotheca, não sei... ter-me-hia lançado ao fogo para salvar uma creança, ficaria sem nada para soccorrer um pobre, teria feito alegremente um sacrificio qualquer: sentia-me tão rico!

Depois da bibliotheca, o Alcaçar; mas antes de chegar ao Alcaçar, apezar de elle ficar na mesma praça que a cathedral, senti pela primeira vez o que é o sol da Andaluzia. Sevilha é a cidade mais quente da Hespanha, aquella hora era a mais quente do dia e eu estava no sitio mais quente da cidade. Estava n'um oceano de luz; não se via uma porta nem uma janella aberta, nenhum ser vivo de especie alguma; se me dissessem que Sevilha estava deshabitada, eu poderia acredital-o. Atravessei lentamente a praça, piscando os olhos, fazendo caretas, com o suor a escorrer-me pela cara e pelo peito, e com as mãos molhadas como se tivessem sahido de um balde d'agua. Perto do Alcaçar encontrei uma especie de barraca de vendedor d'agua e precipitei-me para ella com a velocidade de um

homem que foge de uma saraivada de pedras. Depois d tomar o folego por um pouco, dirigi-me para o Alcaçar.

O Alcaçar, antigo palacio dos reis mouros, é um dos monumentos mais bem conservados da Hespanha. Visto de fóra parece uma fortaleza: é inteiramente cingido de altas torres ameiadas, e de antigas casas, que formam deante da fachada dois atrios espaçosos. A fachada é nua e severa como as outras partes exteriores do edificio. A porta é ornada de arabescos dourados e pintados, entre os quaes se vê uma inscripção gothica que indica a época em que o Alcaçar foi restaurado por ordem do rei D. Pedro. Com effeito, o Alcaçar, comquanto seja um palacio arabe, é obra de reis christãos mais que dos reis arabes. Fundado não se sabe ao justo em que anno, foi reconstruido pelo rei Abdelasio nos fins do seculo XII; conquistado pelo rei D. Fernando no meiado do seculo XIII; reedificado segunda vez no seculo seguinte pelo rei D. Pedro; habitado em seguida durante mais ou menos tempo por quasi todos os reis de Castella; e emfim escolhido por Carlos V para lá celebrar o seu casamento com a infanta de Portugal. O Alcaçar foi testemunha dos amores e dos crimes de tres raças de reis; cada uma das suas pedras desperta uma lembrança e guarda um segredo.

Entra-se; atravessam-se duas ou tres sallas, onde as unicas coisas arabes que restam são o tecto e alguns mosaicos ao fundo das paredes, e chega-se a um patio que faz estacar o visitante, penetrado de admiração. Ao longo das quatro faces corre um portico de arcos elegantes, sustentado por columnellos de marmore unidos dois a dois; e os arcos, as paredes, as janellas e as portas estão cobertas de esculpturas, de mosaicos, de arabescos complicados, de uma extrema delicadeza, ora abertos como véus de renda, ora de um trabalho cerrado como tapetes bordados, ora salientes e suspeusos como ramos ou grinaldas de flores; e, á excepção dos mosaicos de mil côres, tudo é branco, claro, luzidio como o marfim. Nos quatro lados ha quatro

grandes portas, pelas quaes se entra nas sallas reaes. Aqui a admiração transforma-se em enthusiasmo. Tudo o que a imaginação mais ardente póde sonhar de mais rico, de mais variado, de mais esplendido no mais ardente dos seus sonhos encontra-se n'essas sallas. Do pavimento ao tecto, em torno das portas e das janellas, nos cantos mais retirados, em qualquer sitio onde caia o olhar, ha uma tal agglomeração de ornatos de ouro e pedras preciosas, uma tão fina teia de arabescos e de inscripções, uma tão maravilhosa profusão de desenhos e de côres, que depois de se ter dado vinte passos fica-se aturdido, confundido, e o olhar vagueia por um lado e por outro á procura de um ponto onde possa refugiar-se e descançar. N'uma d'essas salas o guarda mostra sempre uma mancha avermelhada que cobre um largo espaço no pavimento de marmore e diz em voz solemne:

«Isto é o vestigio do sangue de D. Fradique, grão-mestre da ordem de S. Thiago, assassinado n'este mesmo logar no anno de 1358 por ordem do rei D. Pedro, seu irmão.»

Recordo-me que quando eu ouvi isto, mirei o guarda com ar de quem queria dizer: «Pois, sim, vamos para dianle» e que o bom do homem me respondeu seccamente:

«*Caballero*, se eu lhe dissesse que acreditasse nas minhas palavras, teria toda a razão para duvidar; mas quando o *caballero* pode ver com os seus olhos... admiro-me... parece-me... —Sim, sim, apressei-me eu á dizer, é sangue, acredito, não fallemos mais n'isso.»

Mas se se pode gracejar com a mancha de sangue, não se pode fazer o mesmo com a tradição d'esse crime; o aspecto do local acorda no espirito os seus detalhes mais horriveis. Parece que se ouvem echoar nas vastas salas douradas os passos de D. Fradique perseguido pelos archeiros armados de massas d'armas; o palacio está mergulhado nas trevas; não se ouve outro ruido senão o que fazem os algozes e a victima. D. Fradique procura sahir para o pa-

tio; Lopez de Padilha segura-o, Fradique livra-se d'elle, está no patio, empunha a sua espada... Maldição! Os punhos da espada embaraçam-se-lhe no manto da ordem de S. Thiago, os archeiros chegam, elle não tem tempo de desembainhar, foge para aqui e para ali, ás apalpadellas; Fernandes de Roa alcança-o e atira-o ao chão com um golpe de massa; os outros correm e ferem; Fradique expira n'um lago de sangue...

Mas essa triste recordação perde-se entre as mil imagens da vida deliciosa dos reis arabes. Aquellas graciosas janellinhas, onde se espera ver de um momento para o outro apparecer um rosto languido de odalisca; aquellas portas secretas, deante das quaes a gente pára sem querer, como se tivesse ouvido o fremito de um vestido; aquelles quartos de dormir dos sultões, mergulhados n'uma escuridão mysteriosa, onde nos parece ouvir confundidos em um só os suspiros de amor, de todas as sultanas; aquella prodigiosa variedade de côres e de bordaduras, que, semelhante a uma symphonia animada que se transforma constantemente, nos lança n'uma especie de desvairamento fantastico e nos faz desconfiar de que estamos sonhando; aquella architectura delicada e ligeira, columnellos que parecem braços de mulheres, arquinhos caprichosos, quartos minusculos, tectos cobertos de ornatos pendentes, como frageis estalactites, em cachos sarapintados como canteiros floridos; tudo isso nos inspira o desejo de nos sentarmos n'uma d'essas salas e de ficarmos lá estreitando contra o coração uma bella cabeça morena de andaluza que nos faça esquecer do mundo e do tempo e que com um longo beijo nos adormeça para sempre.

No rez-do-chão a mais bella salla é a dos embaixadores, formada por quatro grandes arcos que sustentam uma galeria de quarenta e quatro arcos mais pequenos e encimada por uma encantadora cupula esculpida, pintada, doura da, rendilhada com uma graça inimitavel e um luxo fabuloso. No andar superior, onde eram os aposentos d'inverno, só

resta um oratorio de Fernando e Isabel e um pequeno quarto onde dormia, diz-se, o rei D. Pedro. D'ahi desce-se por uma escada estreita e mysteriosa para o aposento que habitava a famosa Maria Padilla, favorita de D. Pedro, a quem a tradição popular accusa de ter impellido o rei ao fratricidio.

Os jardins do Alcaçar não são nem muito grandes nem muito bonitos, mas as recordações que elles despertam valem mais que a grandeza e a formosura. Á sombra d'aquellas laranjeiras e d'aquelles cyprestes, ao murmurio d'aquellas fontes, quando n'aquelle puro céo andaluz resplandecia a lua argentea e o enxame dos cortezãos repousava, que longos suspiros de sultanas ardentes! que humildes palavras de reis soberbos! que amores terriveis! Ytimad! meu amor! murmurei eu, pensando na celebre amante do rei Al-Motamid, e vagueando de vereda em vèreda como que perseguindo o seu phantasma; — Ytimad! não me deixes só n'este paraiso silencioso! Pára! Faz-me ainda feliz esta noite... Lembras-te? Tu chegaste-te para mim e a tua opulenta cabelleira envolveu-me como um manto; e como um guerreiro pega na sua espada, assim eu agarrei o teu pescoço, mais branco e mais flexivel que o dos cysnes! Como tu estavas bella! Como o meu coração sequioso estancou a sêde nos teus labios côr de sangue! O teu bello corpo sahia do teu vestido esplendidamente bordado como uma espada clara e brilhante sae da bainha e eu estreitei com as minhas duas mãos a tua cintura fina, e toda a perfeição da tua belleza! Como eu te quero, Ytimad! Os teus beijos são dôces como o vinho e o teu olhar, como o vinho, faz perder a razão!

Emquanto eu fazia assim a minha declaração d'amor, com expressões e imagens roubadas aos poetas arabes, e justamente quando enfiava por um carreiro orlado de flôres, senti de repente um jacto de agua esguichar entre as minhas pernas; saltei para traz, apanhei com outro na cara; voltei para a direita, senti um no pescoço; voltei para

a esquerda, outro na nuca; deitei a correr, vi jactos d'agua de todos os lados, por toda a parte, em fio, em folha, em chuva, de tal maneira que n'um momento estava molhado como se tivesse cahido n'um poço. Abro a bôcca para gritar: n'um instante tudo cessa e oiço no fundo do jardim uma sonora gargalhada. Volto-me e vejo um rapaz encostado a uma paredita, olhando para mim como quem diz: Gostou?

Quando sahi mostrou-me a mola em que tinha carregado para me pregar aquella *broma*, e consolou-me asseguran-do-me que o sol de Sevilha não me deixaria por muito tempo n'aquelle estado de esponja molhada a que me tinha feito passar tão bruscamente dos braços cariciosos da minha sultana.

Á noite, apesar das voluptuosas imagens que o Alcaçar tinha suscitado no meu espirito, achei-me bastante sereno para contemplar a belleza das sevilhanas sem ser obrigado a procurar um asylo nos braços do consul. Não creio que existam em paiz algum mulheres mais capazes que as andaluzas de fazerem despertar a idéa de um rapto, não só porque ellas excitam a paixão que obriga a fazer loucuras, mas ainda porque parecem feitas expressamente para serem agarradas, embrulhadas e escondidas, de tal modo são pequenas, leves, redondinhas, elasticas, flexiveis. Ambos os seus pésitos caberiam facilmente n'um bolso de paletot; um homem póde agarral-as pela cintura com uma só mão, como se fossem bonecas; e apertando-as um pouco com um dedo fazem-se dobrar como varinhas de junco. Á sua belleza natural accrescentam ainda a arte de andar e de olhar de maneira que fazem andar á roda a cabeça de um homem.

Ellas voam, deslisam, ondulam; n'um minuto passam ao pé de nós, mostram-nos o pésinho, fazem-nos admirar os braços, põem em evidencia a cintura estreita, descobrem dois fios de dentes alvissimos, lançam-nos um olhar demorado e velado que penetra o nosso e lá morre; e depois

vão-se com ar de triumpho, com a certeza de nos terem posto os miolos á razão de juros.

Para ter uma ideia da belleza e do vestuario das mulheres do povo fui no dia seguinte vêr a fabrica de tabacos, que é uma das maiores da Europa e que não tem menos de cinco mil operarias. O edificio fica deante do vasto jardim do duque de Montpensier; as operarias acham-se quasi todas em tres grandes salas, divididas em tres partes por tres ordens de pilares. Á primeira vista d'olhos é admiravel: vêem-se ao mesmo tempo oitocentas raparigas, agrupadas ás cinco e ás seis, sentadas á roda de pequenas mezas, apertadas como uma multidão; as distantes vêem-se como que atravez de um nevoeiro e as ultimas mal se percebem; tudo raparigas, algumas ainda creanças; oitocentas cabelleiras negras e oitocentos rostos morenos de todas as partes da Andaluzia, de Jaen a Cadiz, de Granada a Sevilha.

Ouve-se um susurro como n'uma praça cheia de gente. As paredes, desde a porta d'entrada até á porta de sahida, em todas as salas, estão cobertas de saias, de chales, de lenços, de cintos; e, cousa curiosa, essa quantidade de roupa, que bastaria para encher cem lojas d'adelos, apresenta duas côres dominantes, ambas continuas, uma por baixo da outra como as côres de uma bandeira: o negro dos chales por cima, a côr de rosa das saias por baixo; e misturadas á côr de rosa, a branca, a violeta e a amarella. Parece que se está a vêr um estabelecimento immenso de fatos de mascaras ou uma immensa sala de baile em que as *danseuses*, para entrarem mais á vontade, tivessem dependurado nas paredes tudo o que não fosse absolutamente necessario para guardar as conveniencias. As raparigas tornam a vestir-se para sahirem; para trabalharem vestem saias velhas, mas egualmente brancas e côr de rosa.

Como o calôr é insupportavel, todas se põem á fresca o mais que podem e é por isso que entre todas ellas ha-

verá talvez umas cincoenta de quem o visitante não possa contemplar á vontade os braços e os hombros, sem falar dos casos extraordinarios que apparecem inesperadamente ao passar d'uma sala para outra, por traz das portas e das columnas, ao fundo dos cantos mais escuros. Vêem-se muito bonitas caras e mesmo as que o não são tem o quer que seja que attrae o olhar e se grava na memoria: a côr, os olhos, as sobrancelhas, o sorriso. Muitas d'ellas, sobretudo as *gitanas,* são de um moreno carregado e teem os beiços grossos como as mulatas; outras teem os olhos tão grandes que se as pintassem fielmente dir-se-hia que eram d'uma exaggeração monstruosa; a maior parte são pequenas e bem feitas, e todas teem nas tranças uma rosa, uma violeta ou um ramo de flôres do campo. São pagas á razão do trabalho que fazem: as mais habeis e laboriosas podem ganhar até tres pesetas por dia; as preguiçosas *(las holgazanas)* dormem com os braços cruzados sobre a mesa e a cabeça encostada aos braços, as mães trabalham movendo ao mesmo tempo uma perna a que está preso um cordel que faz balouçar o berço. Da sala dos charutos passa-se para a dos *cigarritos* e d'esta para a das caixas, e em todas se vêem saias côr de rosa, tranças negras e grandes olhos. Quantas historias d'amor, de ciume, de abandono e de miseria n'uma só d'aquellas salas!

Depois de termos sahido da fabrica parece-nos durante algum tempo vêr de todos os lados olhos negros que nos encaram com mil expressões diversas de curiosidade, de aborrecimento, de sympathia, de tristeza, de alegria e de somno.

N'esse mesmo dia fui vêr o Museu de pintura.

O museu de pintura de Sevilha não possue muitos quadros; mas os que tem valem um grande museu. Estão n'elle as obras primas de Murillo, entre outras o immortal *Santo Antonio de Padua*, que tem a reputação de ser a mais divinamente inspirada das suas creações e uma das maiores maravilhas do genero humano. Eu visitei-o com o sr. Gon-

zalo Segovia y Ardizon, um dos mais illustres mancebos de Sevilha, e quizera que elle estivesse aqui, junto da minha meza, para testemunhar por uma nota assignada que no momento em que eu encarei com aquelle quadro, agarrei-o por um braço e dei um grito.

Uma vez, uma unica vez na minha vida, senti uma commoção da natureza da que me assaltou á vista d'esse quadro. Era n'uma bella noite de verão; o céo estava brilhante de estrellas; e a extensa campina que se avistava de um olhar, do logar elevado em que eu me encontrava, estava mergulhada n'uma paz profunda. Uma das mais nobres creaturas que eu tenho encontrado até hoje, estava ao pé de mim. Poucas horas antes tinhamos lido um livro de Humboldt. Olhavamos para o céo e fallavamos do movimento da terra, dos milhões de mundos, do infinito, em voz baixa, quasi uma voz longiqua, em que se cae espontaneamente sempre que se falla n'essas coisas, de noite, n'um logar silencioso. N'um dado momento ambos nos calámos e cada um se abandonou ás suas chimeras, com os olhos levantados para o céo. Não sei por que serie de pensamentos eu passei; não sei que mysterioso movimento de sentimentos se produziu no meu coração; não sei o que eu vi, o que eu entrevi, o que eu sonhei: sei que de repente pareceu-me que um véo se rasgava deante do meu espirito, senti dentro de mim uma segurança completa sobre o que até ahi antes tinha desejado do que acreditado: o coração dilatou-se-me n'um sentimento de alegria suprema, de angelica doçura, de esperança sem limites; uma torrente de lagrimas ardentes brotou-me dos olhos impetuosamente, e, apertando a mão amiga que procurava a minha, bradei do mais profundo da alma: «É verdade! é verdade! é verdade!» e puz-me a chorar como uma criança.

O *Santo Antonio de Padua* fez-me sentir a mesma commoção. O santo está de joelhos no meio da sua cellula; o Menino Jesus, cercado de uma luz diffusa, loura e vaporosa, attrahido pela força da sua oração, desce para os seus

braços: Santo Antonio, arrebatado em extasi, lança-se para elle de corpo e alma, puxando para traz a cabeça radiante n'um espasmo de felicidade sobrehumana. O abalo que me causou esse quadro foi tal que alguns minutos de contemplação deixaram-me fatigado como se tivesse percorrido um grande museu; e apossou-se de mim um tremor que durou emquanto estive n'aquella sala. Vi em seguida outros grandes quadros de Murillo: uma *Conceição*, um *S. Francisco abraçado á cruz*, outra *Visão de Santo Antonio*, e ainda outros, quasi uns vinte ao todo, entre os quaes a deliciosa e celebre *Virgem do guardanapo*, pintada por Murillo sobre um verdadeiro guardanapo, no convento dos capuchos de Sevilha, para satisfazer o desejo do leigo que o servia, a qual é uma das suas obras mais encantadoras, e em que elle prodigalisou toda a magia do seu colorido inimitavel. Mas nenhum d'esses quadros, que no entanto fazem a admiração de todos os artistas do mundo, arrancou o meu pensamento e o meu coração do divino *Santo Antonio*.

Ha tambem n'esse museu quadros dos dois Herrera, de Pacheco, d'Affonso Cano, de Pablo de Cespedes, de Valdes, de Mulato, que foi creado de Murillo e imitou habilmente a sua maneira: e emfim a grande e famosa *Apotheose de S. Thomaz d'Aquino*, de Francisco Zurbaran, um dos mais eminentes artistas do seculo dezesete, appellidado o Caravage espanhol, superior talvez a este pela verdade e pela expressão naturalista, colorista vigoroso, pintor inimitavel de monges austeros, de santos extenuados pelas macerações, de ermitas pensativos, de padres terriveis, e poeta incomparavel da penitencia, da solidão e da meditação.

Depois de me ter mostrado o Museu de pintura, o sr. Gonzalo Segovia conduziu-me, por um labyrintho de vielas, á rua *Francos*, que é uma das principaes da cidade; e parando em frente de uma pequena loja de mercador disse-me sorrindo:

—Olhe; esta loja não lhe faz pensar em nada?

—Em nada, é verdade! respondi eu.

—Repare para o numero.

—É o numero 15; e então?

—Eh! que diabo! exclamou então o meu amavel cicerone; e cantarolou:

Numero quindici
A mano manca.

—A loja do *Barbeiro de Sevilha!* exclamei eu.

—Precisamente: a loja do *Barbeiro de Sevilha*. Mas, um momento; o senhor talvez falle d'isto na Italia: previno-o de que eu não garanto a authenticidade do facto; as tradições são muitas vezes mentirosas e eu não quero assumir a responsabilidade de uma affirmação historica d'esta importancia.

N'este momento o mercador appareceu á sua porta, e, adivinhando o motivo porque ali estavamos, poz-se a rir e disse-nos: *No está cá;* depois, abaixando cortezmente a cabeça, tornou a entrar.

(Continúa).

Edmundo de AMICIS.

UM CATACLYSMO PRODIGIOSO

Mas por muito horroroso que seja o drama da natureza, o facto averiguado de um abalo maritimo que abrangeu todo o oceano, e de um abalo atmospherico que deu tres vezes a volta ao mundo, impressiona ainda mais o espirito do observador.

Eis, relativamente a esse curioso assumpto, a communicação feita pelo sr. de Lesseps á Academia das Sciencias sobre a chegada das ondas de Krakatoa ao isthmo de Panamá:

«No dia 27 d'agosto ultimo, a partir pouco mais ou menos das quatro horas da tarde, o nivel do mar em Colon esperimentou uma serie de oscillações, que o marégrapho, estabelecido pela companhia do canal interoceanico, acusou muito nitidamente. Essas oscillações eram, quanto á amplitude, perfeitamente comparaveis aos movimentos actuaes da maré n'esse ponto; sómente a sua duração era menor de uma hora a uma e meia, em vez do numero quasi normal de doze horas.

«A grande curva do marégrapho mostra que entre tres horas e trinta minutos da tarde e uma hora e trinta minutos da manhã o mar effectuou oito oscillações, cuja amplitude variou cerca de 0,^{m}30 a 0,^{m}40; que o movimento começou com toda a sua intensidade por uma depressão no nivel do mar, como se tivesse havido ao largo uma com-

moção violenta em sentido opposto á direcção de Colon, ou a desapparição subita de uma ilha nas profundezas do mar; mas que a partir da uma hora e trinta minutos a manhã de 28 d'agosto foi enfraquecendo gradualmente até ás 11 horas ou meio dia.

«Essas oscillações não tinham evidentemente por causa da attração lumi-solar, pois que o movimevto da maré, que é occasionado por essa attracção, teve logar durante esse tempo, independentemente d'aquellas oscillações, que se effectuaram em torno da curva habitual da maré.

«Por outro lado, facto algum meteorologico podia justificar taes movimentos; a temperatura e a pressão eram absolutamedte normaes, o vento era fraco, como durante todo o mez d'agosto, e a superficie do mar só apresentava a pequena agitação dos dias precedentes e seguintes.

«Essas oscillações não podiam ser occasionadas senão por um phenomeno inteiramente extraordinario. Pouco tardou a saber-se, no isthmo, da sua verdadeira explicação quando constou a catastrophe que tivera logar no estreito de Sonda.

«Segundo as narrações que hoje temos d'essa catastrophe, esta annunciou-se no sabbado 25 d'agosto, por rumores surdos que partiam da ilha de Krakatoa, situada á entrada oeste do estreito. Durante a noite seguinte as aguas do estreito assobiavam borbulhando com violencia, emquanto enormes vagalhões iam quebrar-se contra as costas de Java; a temperatura do mar subia a 20°.

«No domingo as erupções vulcanicas desenvolveram-se com extraordinaria rapidez e ao mesmo tempo os abalos do solo e a agitação do mar foram augmentando de um modo terrivel. Foi durante esse dia e o immediato, e principalmente a partir da tarde de 26, que a furia dos elementos subiu ao seu paroxismo e que teve logar a maior parte da catastrophe.

«Por outro lado a agitação maxima do mar em Colon deu-se, segundo o que acaba de ser dito, em um intervallo

de cerca de dez horas, começando em 27 ás 2 horas e 30 minutos da tarde, o que, conforme a differença de longitude entre o isthmo de Panamá e o estreito de Sonda, corresponde n'este ponto ás 4 horas da manhã de 28.

«Se se admittir, pois, que o grande abalo maritimo que se estendeu até Colon começou no estreito na tarde do dia 26 vê-se que a propagação entre essas duas regiões durou umas trinta haras.

«Á primeira vista parece que devemos admirarmo-nos de que esse abalo se tenha feito sentir em Colon e não em Panamá, onde nada de semilhante se manifestou, segundo as indicações do marégrapho da ilha Navs. O trajecto parece, com effeito, directo entre o estreito de Sonda e a bahia de Panamá, atravez do Grande Oceano, emquanto que para se propagar até Colon. a vaga teve de contornar o continente africano, penetrar no Oceano Atlantico entre a Africa e a America do Sul e ir até ao fundo do mar das Antilhas, sem contar que este ultimo trajecto é um pouco maior em longitude que o outro.

«Mas o facto explica-se naturalmente pela dupla circumstancia de que o trajecto directo para leste se acha impedido por innumeras ilhas e recifes do archipelago situado ao norte da Australia e que alem d'isso em todo esse archipelago a profundidade da agua é, em geral, muito pequena. N'essas condições, o abalo, suppondo que pudesse chegar ás grandes massas d'agua profunda do Grande Oceano, devia necessariamente estender-se, e não é de admirar que nada se tenha sentido na bahia de Panamá.

«Pelo contrario do lado d'oeste, o estreito de Sonda abre directamente para o Oceano Indico, e o abalo, cujo centro era certamente a ilha de Krakatoa, produziu-se desde logo sobre massas d'agua profunda, não interceptadas por ilhas ou recifes; de mais, no sentido de propagação d'esse abalo acham-se a corrente equatorial do Oceano Indico, que se desvia para o sul, ao longo do continente africano, depois a corrente do Oceano Atlantico que a partir da ponta sul

d'aquelle continente volta ao norte, dirige-se gradualmente para oeste e converte-se na corrente equatorial que penetra quasi até ao fundo do mar das Antilhas. Ha evidemente na marcha d'essa corrente, com quanto lenta, uma circumstancia favoravel para a transmissão do abalo até Colon.

«Taes são as razões pelas quaes se póde explicar muito naturalmente essa transmissão. O facto em si não tem nada de extraordinario além da sua extensão; mas, assim como a catastrophe que acaba de devastar Java e as ilhas visinhas é provavelmente a mais espantosa que a historia jámais registou, assim a propagação do abalo pelas aguas do mar é provavelmente a mais longinqua que se tem offerecido ao estudo da Sciencia.

Ferdinand de Lesseps.»

III

O ruido das detonações

Na historia da terra não se regista nenhuma erupção vulcanica que tenha sido acompanhada de tão extensas detonações como as de Krakatoa em 26 e 27 d'agosto. Foram ouvidas em Ceylão, na Birmania, em Manilha, na Nova Guiné, na Australia, etc. Se se tomar Krakatoa por centro de um circulo cujo raio seja de 30° (3:333 kilometros), esse circulo passará precisamente pelos pontos mais afastados em que se ouviu aquelle ruido. O diametro d'esse circulo será, pois, de 60°, ou a sexta parte da circumferencia do globo. A superficie d'esse segmento espherico occupa a decima quinta parte da superficie total da Terra. As detonações d'essa erupção infernal foram, pois, ouvidas a *mais de tres mil kilometros* de distancia. Isto é, se ella se tivesse dado em Paris, tel-a-hiam ouvido na Algeria, no

Sahara, no Egypto, em Jerusalem, nos montes Uraes, em Spitzberg, na Russia e na Groenlandia!

E já vamos ver que essas formidaveis detonações foram ouvidas até mesmo nos antipodas de Krakatoa, atravez de toda a espessura da Terra!

Além d'essas vibrações sonoras formaram-se tambem ondas aereas, que, comquanto não se tenham manifestado por sons, produziram comtudo effeitos notaveis. As mais rapidas d'essas vibrações communicaram-se aos edificios e aos tabiques dos aposentos. Assim, por exemplo, em Batavia e Buitenzorg, á distancia de 150 kilometros de Krakatoa, portas e janellas abanaram com ruido, pararam relogios, e cahiram estatuetas collocadas sobre os moveis. Tudo isso em consequencia das vibrações aereas.

Um engenheiro, o sr. Verbeek, fez um estudo especial sobre as ondas atmospphericas produzidas no momento do cataclysmo. Em Alkmaar, na provincia de Lassaroean (ilha de Java), a uma distancia de 230 kilometros, appareceram fendas em casas feitas de tijolos. As grandes ondas atmospphericas gravaram-se automaticamente no indicador da fabrica de gaz de Batavia. A pressão do gaz é registada quotidianamente sobre a superficie de um cylindro girante. O grande gazometro da fabrica soffreu oscillações em virtude das differentes pressões das ondas atmospphericas provenientes da erupção. A curva descripta pelo indicador no dia da catastrophe de Krakatoa deixa de ser normal; apresenta pontos de retrocesso, verdadeiros pontos de maxima e minima da pressão atmospherica. Se considerarmos o tempo que é necessario para a translação da onda desde Krakatoa até Batavia, podemos organisar um curioso quadro das ondas atmospphericas. Vemos assim que os pontos maximos da erupção tiveram logar a 27 d'agosto ás $5^h\ 35^m$ $6^h\ 50^m$, $10^h\ 5^m$ e $10^h\ 55^m$ pelo tempo de Batavia. A explosão das $10^h\ 5^m$ foi a causa da onda atmospherica que se espalhou de Krakatoa, como centro, e deu a volta ao mundo.

A velocidade era a do *som*, comquanto a extensão da onda fosse de *um milhão de metros*, ao passo que a extensão da onda do som mais grave é de 20 metros.

O cataclysmo de Krakatoa ouvido nos antipodas

Em 9 de março de 1885 o sr. Forel, de Morges, communicou á Academia das Sciencias os curiosos documentos que se seguem:

«Eis, primeiro que tudo, a observação original como me foi dirigida por um dos meus compatriotas estabelecido em Honduras:

«Ao sul de Cuba, a 80º de longitude oeste de Greenwich e 20º de latitude norte, estão tres ilhéos conhecidos pelos nomes de Caimão-Grande, Caimão-Pequeno e Caimão-Brac, habitados por pescadores de tartarugas, com estação de soccorros a naufragos e agencias do Lloyd. No mez de outubro de 1883, estando eu na ilha de Utila, na costa de Honduras, quando os jornaes narravam as grandes erupções do estreito de Sonda, um dia que eu conversava a esse respeito com o capitão Roberto Woodville, que acabava de receber noticias dos Caimões, contou-me elle o seguinte. No domingo 26 d'agosto de 1883, os habitantes de Caimão-Brac ficaram de repente surprehendidos ao ouvirem ruidos semelhantes a trovões longinquos; comtudo o céo estava sereno e a sua primeira ideia foi que se tratava de alguma escaramuça entre um cruzador hespanhol e um flibusteiro cubano. Não vendo nada ao sul, atravessaram a ilha correndo para o norte; mas em parte alguma para onde dirigiram o olhar viram fumo ou navio. Entretanto a descarga continuava, e elles, voltando pelo mesmo caminho, convenceram-se de que aquelles ruidos eram subterraneos. Nos primeiros momentos ficaram á espera de ver a ilha afundar-se ou transformar-se em vulcão; mas tendo cessado as detonações, perderam pouco a pouco o receio. Esse phenomeno foi por algum tempo o assumpto de todas as conversações; e ainda não estava esquecido o facto nem a data quando os jornaes publicaram as primeiras noticias do cataclysmo de Krakatoa, e d'ahi a pouco os curiosos repararam que o Caimão e Java são quasi antipodas um do outro; e começaram a surgir hypotheses de todos os lados.

«*Edmond Roulet*».

«Sem querer ser muito affirmativo e acceitando sem alvoroço um facto tão extraordinario como a propagação dos ruidos subterraneos da erupção de Krakatoa atravez da massa inteira do globo, vou indicar os motivos que me levam a accolher provisoriamente esta observação.

«E, antes de mais nada, não é provavel que os ruidos dos Caimões proviessem de um dos vulcões dos continentes visinhos. Segundo o sr. C.-W.-C. Fuchs, houve n'aquellas paragens duas erupções durante o estio de 1883. O Omotopec, um dos vulcões insulares do lago Nicaragua, entrou em erupção a 19 de junho, com formação de uma nova cratera e emissão de lavas; no mez d'agosto as lavas ainda estavam incandescentes. O Cotopaxi, no Estado do Equador, teve no fim d'agosto uma curta mas violenta erupção, acompanhada de tremor de terra. A distancia directa de Caimão-Brac a esses dois vulcões é de 1:100 kilometros ao Omotopec e 2:300 ao Cotopaxi; não seria impossivel que os ruidos de Caimão-Brac viessem de um ou do outro, mas não é provavel. Por um lado, se ahi tivesse havido uma violenta erupção, sufficientemente ruidosa para ser ouvida a uma tão grande distancia, os jornaes teriam fallado d'ella o bastante para os habitantes dos Caimões e de Utila estarem informados e não irem procurar a Krakatoa a origem dos ruidos que os surprehendiam. Por outro lado se tivesse havido nos dias 26 e 27 d'agosto uma grande erupção vulcanica a coincidencia com o cataclysmo de Krakatoa, que preoccupava o mundo inteiro, teria sido bastante evidente para attrahir a attenção do publico, e o facto teria sido notado ha muito tempo.

Os ruidos dos Caimões poderiam ser attribuidos a uma erupção sub-marina de um vulcão visinho que tivesse passado desapercebida; mas essa hypothese tambem não é provavel. Com effeito, as Grandes Antilhas, das quaes dependem os Caimões, não são territorio vulcanico; as regiões vulcanicas mais proximas são a costa occidental da America central e as Pequenas Antilhas.

Não temos, pois, até mais ampla informação, motivo algum que nos faça attribuir a um phenomeno vulcanico proximo os ruidos de Caimão-Brac; pelo contrario muitos factos fallam a favor da hypothese que os dá como consequencia da erupção de Krakatoa.

«1.º A erupção de Krakatoa nos dias 26 e 27 d'agosto de 1883 foi acompanhada de ruidos subterraneos nas ilhas de Sonda e terras circumvisinhas que foram comparados a tiros de peça ou ao estrondo dos trovões: o caracter dos ruidos de Krakatoa foi o mesmo dos que foram ouvidos em Caimão-Brac.

«2.º Os ruidos subterraneos da erupção de Krakatoa tiveram uma intensidade consideravel; foram ouvidos á maior distancia de que ha memoria. Os pontos extremos onde foram ouvidas as explosões são Ceylão, Burmah, Manilha, Dirch (Nova Guiné) e Perth (costa occidental da Australia), ou seja um circulo de 3:300 kilometros ou 30º de raio. É verdade que 30º da circumferencia não representam senão metade do raio terrestre, ou a quarta parte da distancia directa entre Krakatoa e os Caimões.

«3.º Caimão-Brac está muito perto dos antipodas de Krakatoa. Com effeito, Krakatoa fica a 105º 30′ de longitude leste de Greenwich e 6º de latitude sul. Caimão-Brac está situado a 79º 30′ de longitude oeste e 19º 30′ de latitude norte. O antipoda de Krakatoa está, portanto, mais 4º 30′ a leste e 13º 30′ ao sul de Caimão-Brac; fica situado no meio dos Estados Unidos de Colombia, sobre o rio Magdalena, entre as povoações de Antioquia e de Tunja. Se a hypothese enunciada é exacta, estaremos em presença de um facto de propagação directa do som atravez do nucleo central da Terra ou de um ponto de convergencia de diversas fontes que, tendo seguido pelas camadas superficiaes da crusta terrestre, tenham ido apparecer do outro lado do espheroide?

«Se a presumida connexão entre esses ruidos subterraneos e a erupção de Krakatoa pudesse ser confirmada,

seria um facto de maxima importancia para a physica do globo. O cataclysmo inconcebivel do estreito de Sonda temnos já proporcionado phenomenos interessantissimos: a propagação das vagas aereas aos barometros do mundo inteiro, a propagação das vagas marinhas aos maregraphos da Europa e da America, o sol verde da India em setembro de 1883, os fogos crepusculares do outomno de 1883, a corôa solar de 1884 (ainda apparente em março de 1885), o estado anormal da polarisação atmospherica, a propagação do som até 30º de distancia do centro das explosões. Se devessemos estender essa propagação das ondas sonoras até á região dos antipodas, seria certamente um facto do mais alto interesse».

Aos documentos que precedem, o sr. A. Lienas accrescentou os seguintes, em 18 de maio:

«Em sessão de 9 de março ultimo a Academia recebeu do sr. Forel, de Morges, uma communicação annunciando que em 26 d'agosto de 1883 tinham sido ouvidos ruidos subterraneos nas ilhas Hawai, isto é, quasi nos antipodas de Krakatoa.

«Ora na ilha de S. Domingos, em que eu habito, observei o seguinte. Na segunda-feira 28 d'agosto de 1883, exactamente o dia em que o cataclysmo de Java estava no seu auge, das 4 para as 5 horas da tarde ouviram-se detonações subterraneas entremeiadas de estalidos, semelhando perfeitamente o estrondo de um combate longinquo. Essas detonações, ouvidas desde a bahia Samana até á planicie de Artibonite, n'uma extensão de duzentas leguas, puzeram em sobresalto as populações da ilha».

Os nossos leitores accrescentarão estes documentos importantes a todos que já publicámos sobre o *maior cataclysmo geologico de que falla a historia*.

IV

Por occasião de uma explosão anterior (20 de maio), que não passou de um preludio anodyno da catastrophe do mez d'agosto, a bordo da *Elisabeth*, corveta de guerra allemã, foi medido o penacho de fumo lançado pelo vulcão, calculando-se em 11:000 metros d'altura. Não se tomaram medidas do jacto de 26 e 27 d'agosto; ninguem pensou n'isso no meio da consternação e do desespero lançado em todos os corações por um tal cataclysmo. Mas, comparando a violencia das duas explosões e os phenomenos atmosphericos que produziram, conclue-se que a altura do jacto da segunda explosão deve ter sido pelo menos de *vinte mil metros* na parte visivel, porque a poeira fina e os gazes devem ter-se elevado ainda mais alto, como veremos em breve a proposito das illuminações crepusculares.

O sr. Verbeeck calculou a quantidade das materias lançadas pelo vulcão de Krakatoa em 18 kilometros cubicos; e os calculos foram feitos de maneira que este numero só representa o minimo, e o erro provavel não passa de 2 a 3 kilometros. O peso da massa total é de 36:000:000:000:000 kilogrammas, dois terços dos quaes foram projectados n'um circulo descripto com o raio de 15 kilometros.

Sendo a profundidade do mar entre Krakatoa e Sebesia de 36 metros e tendo ahi a pedra pomes a espessura de 30 a 50 metros, comprehende-se a formação das ilhas recentemente creadas.

A ilha de Krakatoa perdeu 23 kilometros. Na parte que desappareceu achavam-se os picos de Perboewata e Danau, assim como uma boa parte da cratera Rahata, que é cortada a pique sobre uma altura de 827 metros e que, vista do norte, apresenta um corte ideal de vulcão, unico no mundo inteiro. Aquella ilha tinha a superficie de 33 kilometros e meio — de que só restam 10 e meio — mas ao

sul e sudoeste um annel de materias eruptivas augmentoulhe a superficie, de maneira que a superficie total é actualmente de 15 kilometros e um terço. A ilha de Langeiland tem uma superficie 3,2 kilometros em vez de 2,9. A ilha de Verlateneiland tem de superficie 12 kilometros quadrados em logar de 4. Emfim a ilha de Poolschewedge desappareceu totalmente. A profundidade do mar por cima da parte afundada de Krakatoa é de 200 a 300 metros.

As materias eruptivas são principalmente pedra pomes. Se com o centro em Krakatoa se traçar um circulo com o raio de 15 kilometros, vê-se que a espessura das cinzas de pedra-pomes varia entre 20 e 40 metros! Ha mesmo sedimentos de 60 a 80 metros de altura!... A superficie d'essas camadas espessas de pedra pomes chegou rapidamente á temperatura normal, mas no interior o calor elevado conservou-se por muito tempo. Muitos mezes depois via-se ainda por vezes sahir fumo e vapor de um ou outro sitio ravinado pelas aguas do mar.

Entre Krakatoa e Sebesia uma grande quantidade de cinzas e de pedra pomes encheu os baixios do mar e formou novas ilhas.

A região das cinzas, accrescenta o sr. Van Sandick, tem uma superficie de 750:000 kilometros quadrados. E' mais que toda a extensão da França, mais que a da Austria, mais que a da Allemanha, Dinamarca, Islandia, Hollanda e Belgica todas juntas.

V

As causas da catastrophe

Os geologos sabiam já que n'aquelle sitio do estreito de Sonda havia uma abertura ou fenda profunda. Essa fenda atravessa a ilha de Krakatoa, e, facto notavel, muitos vulcões estavam situados sobre ella. Não é para admirar que as erupções tenham logar de preferencia sobre uma fenda

profunda. Não é a agua considerada hoje como o agente principal d'esses phenomenos e não pode ella d'esse modo communicar facilmente com os vazios subterraneos onde vão ter materias liquidas em alto grau de temperatura? A agua, transformando-se pouco a pouco em vapor e achando-se n'um espaço restricto, não adquire rapidamente uma grande pressão? Se se admittir que esse vapor, elevado a uma alta pressão, communica com o canal da cratera todo cheio de lava, dar-se-ha uma erupção logo que a tensão do vapor passar o peso da lava junto ao da pressão atmospherica; o vapor sahirá, arrastando comsigo uma parte da lava. A grande porosidade de todas as materias que se escaparam da cratera de Krakatoa explica-se facilmente admittindo que effectivamente o vapor se expandiu através das lavas do vulcão.

Foi o vapor d'agua que desempenhou o papel principal n'essa explosão. Veremos mais longe que elle tem um papel analogo nos tremores de terra.

De 1880 a 1883 foram observados muitos tremores de terra ao longo d'essa fenda. Os tremores de terra foram causados provavelmente por deslocamentos subterraneos, que prepararam o grande cataclysmo de 27 de agosto, tornando mais facil a communicação das aguas entre si. O mais violento d'esses presagios funestos teve logar no 1.º de setembro de 1880.

«Tenho esse dia gravado na memoria, escreve o sr. Van Sandick, porque foi a primeira vez que fui testemunha de um tremor de terra, no momento em que, recentemente desembarcado na Oceania, não sabendo uma palavra das linguas indigenas, estava encarregado de uma missão para o traçado de um caminho de ferro na provincia de Batavia.

«Nunca mais esquecerei as sensações aterradoras que experimentei n'essa occasião em que, pela primeira vez na minha vida, vi as paredes do meu quarto oscillarem umas poucas de vezes, ao mesmo tempo que os objectos

collocados sobre os moveis ou pendurados nas paredes cahiam no chão e rolavam uns por cima dos outros através do quarto. Como o homem é pequeno então e pensa pouco n'esse momento em se proclamar o rei da creação!»

As ilhas de pedra pomes que se tinham formado na bahia de Lampong puzeram-se em movimento e dirigiram-se para o mar de Java; obstruiram o porto de Tandjong-Priok durante alguns dias, depois encaminharam-se para leste. Então espalharam-se pelo oceano, levadas pelas correntes e desagregaram-se completamente.

Nós recebemos alguns pedaços recolhidos pelos navios e outros que abordaram á ilha da Reunião no mez de março de 1884.

O sr. Mantovani escrevia-nos da ilha da Reunião em data de 15 de abril:

«O cataclysmo de Java deu-nos aqui, na Reunião, primeiro as vagas marinhas, provenientes da commoção, em seguida as brumas vermelhas do nascer e pôr do sol, e em 22 de março ultimo, recebemos pedra pomes fluctuante sobre o mar. No dia 31 apanhei alguns pedaços na praça de S. Gilles. Em geral esses pedaços são pequenos e estão desgastados pelos attrictos causados pelo movimento do mar. Apresso-me a mandar-lhe pelo correio o maior pedaço que pude recolher: acceite-o como uma lembrança da maior catastrophe d'este seculo e como um destroço de naufragio que percorreu mil leguas sobre o mar.»

Nós endereçamos ao sr. Montovani os nossos mais sinceros agradecimentos. Esse curioso specimen, que mede $0,^{m}15$ de comprimento por $0,^{m}07$ de largura e $0,^{m}7$ de altura media, e que pesa 220 grammas, está depositado no museu do observatorio de Juvisy, que se enriquece gradualmente de importantes documentos scientificos, graças ás generosas inspirações dos nossos amigos desconhecidos.

O sr. Lecomte Dyonis transmittiu-nos outros specimens

recolhidos por varios navios da companhia das *Messageries maritimes*, que encontraram verdadeiras ilhas fluctuantes formadas de pedra pomes.

Esse facto mostra-nos que as correntes do mar podem disseminar muito longe da sua origem grãos de plantas exoticas e mesmo ovos de insectos, de peixes, de crustaceos e outros animaes.

VI

As illuminações crepusculares

Em 26 de novembro de 1883 toda a Paris, não «toda a Paris» dos theatros e dos clubs, que se compõem de noventa e nove mundanos, mas toda a Paris real, que conta dois ou tres milhões de espectadores, e não só Paris, mas a França inteira, trinta ou quarenta milhões de espectadores, puderam contemplar com admiração um espectaculo de uma grande belleza e de uma extrema raridade. Depois do occaso do sol, o céu estava abrasado em chammas de um immenso incendio. Eracomo que um novo dia que tivesse resuscitado em seguida á desapparição do astro solar. A illuminação era tão viva, meia hora depois de se pôr o sol, que nas ruas animadas da capital todos os transeuntes paravam, julgando a principio que se tratava de um incendio real para os lados d'oeste. Do observatorio do Val-de-Gràce, do jardim do Luxembourg o espectaculo era grandioso; do Sena e sobretudo da ponte *des Arts*, era fantastico; os clarões fulvos refiectiam-se em mil fogos escarlates nas altas e elegantes janellas do Louvre, e os monumentos longinquos destacavam-se em negro sobre o crepusculo ardente. Essa tarde o céu estava encoberto por todos os lados excepto o do poente, o que dava ainda mais brilho ao phenomeno occidental. Uma hora depois do occaso do sol era como que uma fornalha na escuridão. No dia seguinte o céo estava puro e a illuminação, mais geral, abrasava a

atmosphera até 45 graus d'altura e ainda para cima. Meia hora depois do pôr do sol, o dia estava ainda tão luminoso que a gente admirava-se de vêr accesos os candieiros de gaz e a luz d'estes parecia *verde*. Dois dias depois, a 28, estendeu-se sobre Paris uma cerração espessa, não permittindo fazer observação alguma. Mas nos dias seguintes, poude reconhecer-se que o phenomeno continuava, comquanto menos intenso. Nos dias 6 e 7 de dezembro a lua, nas vesperas do quarto crescente, parecia *verde* em contraste com o poente côr de rosa.

Em geral, a illuminação durou, enfraquecendo pouco a pouco, uma hora e meia depois de pôr o sol. Em 9 de dezembro só se extinguiu completamente ás 5 horas e 45 minutos isto é, 1 hora e 43 minutos depois de pôr o sol, ficando o clarão côr de rosa visivel durante tres quartos d'hora depois da apparição das estrellas por baixo de Vega e d'Altair. Em 11 de dezembro terminou por compridas irradiações côr de rosa divergindo para oeste. No dia 15 era de um vermelho rubi, ardente.

Logo nos primeiros dias da sua apparição em Paris nós eramos informados de que esse curioso phenomeno meteorologico tinha sido visivel em toda a França, na Belgica, na Allemanha, na Suissa, na Italia, na Grecia, na Hespanha, no oceano Atlantico, na Inglaterra, na Suecia, na Noruega; em uma palavra, na Europa inteira; e dentro de pouco tempo sabiamos que se tinha estendido sobre todo o mundo.

A agulha magnetica não manifestou agitação ou perturbação alguma. Já o estudo directo do phenomeno mostrava que não se tratava d'auroras boreaes, como suppunham a maior parte dos jornaes, mesmo os mais serios, porque, longe de ser «boreal» ou de apresentar a menor relação com o meridiano magnetico, o foco da illuminação coincidia visivelmente com a posição do sol e descia á medida que o astro do dia baixava tambem para baixo do horisonte; depois de noite fechada não restava d'elle traço al-

gum. A ausencia de qualquer perturbação magnetica confirmava essa conclusão. Não havia duvida que se tratava de uma illuminação crepuscular d'um genero especial.

Em Marselha, em Nice, em Avinhão, em Orange essas illuminações foram esplendidas durante todo o inverno.

Em Roma o phenomeno mostrou-se magnifico em 29 de novembro e em 1, 2 e 4 de dezembro. A cidade eterna parecia abrasada pelo fogo do céo, o brilho da illuminação era maravilhoso e uma hora depois de se ter posto o sol o crepusculo ainda fazia sombra.

Na Corsega e na Sardenha o phenomeno impressionou os habitantes tanto como na Italia.

Na Inglaterra, na Irlanda e na Escocia numerosos observadores descreveram esses notaveis crepusculos em termos analogos aos precedentes. Foram observados de differentes pontos desde o dia 25. Em Edimburgo o sr. Piazzi Smyth fez uma importante serie d'observações até ao dia 11 de dezembro.

Na Allemanha, especialmente em Berlim a illuminação foi muito accentuada nas tardes de 28, 29 e 30 de novembro. O sr. R. Helmholtz escreveu que, por contraste, as nuvens pareciam verdes ao pôr do sol.

Em Athenas «o azul do céo cedia insensivelmente o logar a um vermelho purpurino, que, por assim dizer, impregnava com os seus raios toda a atmosphera.»

De Carthagena o sr. Belmonte, director do Collegio Polytechnico, escrevia-nos que os sete primeiros dias de dezembro foram marcados em Hespanha por illuminações vermelhas e côr de rosa, tanto ao nascer como ao pôr do sol, tão formosas que tambem as tomaram por auroras boreaes. Em Palamos o sr. Figa fez observações analogas. E do mesmo modo o sr. Gillmann, em Madrid, a partir de 30 de novembro.

O mesmo se deu em Christiania em 30 de novembro, em Stockholmo em 30 de novembro e 1 de dezembro, em Copenhague em 29 de novembro.

De Constantinopla os srs. G. de Varize e Mavrocordato escreviam-nos que esse brilhante phenomeno tinha despertado a attenção de toda a Turquia até ao mar Egeu, principalmente nos dias 1, 2, 5, 6, 7 e 10 de dezembro. Em Constantinopla «as mesquitas com os seus minaretes magestosamente elevados para o céo désenhavam-se fantasticamente sobre o fundo purpureo do horisonte.»

Tal é a primeira vista geral do phenomeno na Europa.

Vê-se que essas illuminações crepusculares não se localisaram em Paris, nem mesmo na França, e que, pelo contrario, foram visiveis n'uma grande parte da Europa. Vamos vêr que foram muito mais extensas ainda e que a sua zona abraçou a *volta do mundo*.

E, antes de tudo, comquanto a explosão luminosa tenha começado em 26 de novembro para a maior parte dos espectadores das nossas regiões, tinha sido precedida de manifestações analogas, assignaladas de muitos pontos por diversos observadores do céo.

Em 2 de novembro escreviam-nos do Cabo da Boa Esperança: «Ha cinco semanas temos aqui illuminações extraordinarias quasi todas as tardes. Logo depois de pôr o sol uma illuminação vermelha ou amarella apparece a oeste, espalha um vivo clarão durante algum tempo e depois desapparece: a esse clarão as flores parecem mais brilhantes, sobretudo as rosas. Ás vezes a mesma illuminação é visivel de manhã.»

Do outro lado do mundo, de Bengala, recebiamos tambom a seguinte communicação:

«Ha algum tempo apparecem aqui no ceu illuminações extraordinarias antes de nascer o sol e em seguida ao seu occaso. Diz-se que teem sido tambem vistas em toda a India e no Egypto. Os indigenas, estão amedrontados por terrores supersticiosos,»

Em Hobart-Town (Tasmania) esses magnificos pôres do sol illuminaram o principio d'outubro.

Na Arabia, durante as duas primeiras semanas d'outu-

bro, todas as tardes o pôr do sol era seguido de um crepusculo luminoso, que parecia estender-se para Meca. Essa luz era tão extraordinaria que alguns mussulmanos annunciavam a «vinda do Messias.»

Dos Estados Unidos de Colombia o sr. F. de Muñoz enviou-nos, em data de 8 de setembro, uma relação detalhada dos phenomenos atmosphericos observados principalmente em Meddelim, onde causaram a mais viva sensação.

«No domingo, 22 de setembro, antes de se pôr, o sol appareceu desguarnecido de raios e colorido de um bello *verde*, de tal modo que toda a gente podia examinal-o sem incommodar os olhos. Insensivelmente tornou-se azulado, depois violeta. Uma comprida camada de vapor se estendia sobre toda a região occidental do céo. Por fim poz-se por traz das Cordilheiras, não vermelho, como de costume, mas violeta. A successão das côres foi exactamente a do espectro solar e o observador attribuiu-a á refracção da luz solar atravez de uma massa transparente e translucida, de fórma prismatica ou lenticular, interposta entre o sol e o logar da observação, provavelmente de vapor d'agua crystallysado no ar tranquillo por baixo do valle de Medellim. No dia seguinte pela manhã, ao nascer do sol, o phenomeno reproduziu-se em sentido inverso.»

Escreviam-nos tambem da ilha da Reunião, em data de 14 de setembro, que em 27 d'agosto e sobretudo a 11 de setembro o pôr do sol foi seguido de uma illuminação vermelha que espantou todos os espectadores:

«No zenith a lua, que estava no quarto crescente, apparecia circumdada de um halo; depois, voltando para oeste, percebia-se sobre o fundo do céo, pór cima da facha vermelha e atravez de um véo de nuvens ligeiras, como que tres ou quatro degraus luminosos, verdadeira escada de Jacob, cujos degraus reflectiam de um lado o clarão esverdeado da lua e do outro a purpura do horisonte. Essa illuminação complicada dava a toda a scena um aspecto verdadeiramente fantastico. Accrescentemos que a caracteristica

d'essas tintas sangrentas do poente que nos espantam ha muitos dias é serem absolutamente definidas e sem nenhuma gradação de tons.

«Du Buisson.»

O *Courrier* da Reunião accrescentava em data de 9 de outubro:

«Ahi por 16 de setembro as coisas pareciam ter entrado na ordem; tinha havido um duplo desfecho, tragico no estreito, placidamente poetico aqui sob a fórma d'aurora austral. Mas desde 25 de setembro, e invariavelmente de doze em doze horas, as apparencias anormaes proseguiram o seu curso por cima das nossas cabeças, com mais intensidade e persistencia.

«Á tarde, por exemplo, o horisonte está muito curioso e digno de ser observado. A principio não se vê lá nenhum indicio, mesmo muito tempo depois da desapparição dos ultimos raios do sol, e sentem-se tentações de dizer: «Vamo-nos embora, hoje não haverá nada», tão desmaiado e uniforme está o fundo do céo. Mas d'ahi a pouco uma ligeira tinta de um amarello pallido apparece por toda a parte, como uma toalha, e passa rapidamente para o carmezim depois de ter percorrido toda a gamma dos cambiantes que se interpõem entre essas duas côres. O que ha n'isto de insolito é que essa gamma desce e sobe por differentes vezes, até que o sol, continuando a mergulhar sob o horisonte, modifica as condições de refracção o bastante para que a scena se extinga.»

Em Ongole (India Ingleza), desde 10 a 13 de setembro, o sol tornou-se *azulado* todos os dias cêrca das 4 horas da tarde e depois do seu occaso o céo occidental illuminou-se dos fulvos clarões de um vasto incendio, visiveis mais de uma hora depois de se pôr o sol, ao passo que ordinariamente todo o crepusculo desapparece meia hora depois do pôr do sol.

Em San Cristobal (Venezuela), em 2 de setembro, segundo a relação que nos foi dirigida pelo sr. Curillo y Novas, o sol perdeu quasi repentinamente o seu brilho ás 3 horas da tarde, de modo que se podia olhar para elle á vontade. «Primeiro parecia um globo de prata mate; depois azul celeste. Ás 5 horas viamo-nos azues uns aos ou-

tros e a natureza inteira parecia revestida d'esta côr, assim como as nuvens nos arredores do sol.»

Em Ceylão e nas Neilghurias, em 9 de setembro, o sol tornou-se *verde* em consequencia da passagem de uma nuvem d'esta côr por deante d'elle e em seguida fez-se vermelho em virtude da passagem de uma outra nuvem visivelmente avermelhada. As manchas eram visiveis a olho nu.

De Madrasta, M.elle Pogson, directora do Observatorio, escreveu em 10 d'outubro que havia muitas semanas, tanto de manhã como de tarde, o sol appareceu colorido de um tom *verde azul* muito pronunciado, que impressionou não só os astronomos e os meteorologistas, mas ainda todos os habitantes da cidade. Foi em 9 de setembro que os phenomenos começaram. A lua apresentava a mesma côr quando estava perto do horisonte. No dia 9 de setembro, ás $5^h\ 30^m$ podia-se examinar sem cançasso algum dos olhos esse sol verde, sobre o qual se distinguia a olho nu uma mancha de cêrca de 1′. No dia 22 o sr. Smith observou-lhe o espectro: as faxas d'absorpção devidas ao vapor d'agua eram muito nitidas e além d'isso havia uma grande absorpção no vermelho, mesmo uma hora antes do occaso do sol. A partir de 31 d'agosto a atmosphera mostrou-se muito electrisada.

Em Honolulu o sol pareceu perfeitamente *azul* no dia 5 de setembro.

Na ilha da Trindade, domingo 2 de setembro (o mesmo dia que na Colombia), pelas 5 horas, o sol pareceu desguarnecido de raios e sob o aspecto de um globo *azul*. Depois do seu occaso o crepusculo tornou-se tão resplandecente que os habitantes suppuzeram haver um incendio ao oeste da cidade. Todos os observadores d'essa região são concordes quanto ao colorido azul do sol.

Seria interminavel publicar aqui todos os documentos que temos á vista, e receamos mesmo ter exhaurído a paciencia dos leitores. Mas era necessario mostrar, pelos proprios

testemunhos, que as illuminações crepusculares que tanto nos impressionaram não foram circumscriptas á França ou á Europa, mas foram geraes e que estão em connexão com as côres anormaes do sol e da lua observadas nas Indias, na Colombia e n'outras partes.

Qual é a causa d'esses phenomenos anormaes?

Pelo conjuncto das informações vimos que não se trata d'auroras boreaes; o foco d'essas illuminações foi sempre correspondente á posição do sol e ellas consistem essencialmente n'uma reflexão e n'uma refracção de luz solar sobre particulas de poeira fina espalhada *nas alturas da atmosphera*.

A um effeito geral é necessaria uma causa geral. Não é uma serie de pequenas causas locaes que poderia ter produzido os effeitos observados. Duas explicações se apresentam:

Ou a Terra encontrou na sua viagem celeste um enxame de pós cosmicos que envolveu como que d'uma ligeira cinta fluctuante as regiões superiores da atmosphera.

Ou então vulcões terrestres arremessaram na atmosphera a uma altura immensa quantidades colossaes de vapores e pós, que se terão em seguida espalhado sobre uma vasta zona dando quasi a volta ao mundo.

(Continua).

Camillo FLAMMARION.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

Quando o marechal Victor teve exacto conhecimento da disseminação do exercito de La Peña, desceu immediatamente das suas posições á planicie, e, apoiando-se na divisão de Villatte, resolveu começar a batalha.

Destacou a divisão de Laval contra as forças de Graham, e elle proprio, á frente da divisão de Ruffin, galgou a encosta da Barrosa, e cahindo sobre a pequena força que a guarnecia, e que guardava as bagagens, fêl-a debandar em todas as direcções, n'um destroço completo e formal.

O major Brown, vendo o que se passava, e reconhecendo que não podia oppôr-se com as suas diminutas forças á violencia d'aquella torrente, mandou communicar a Graham a noticia do ataque, pedindo-lhe as ordens precisas para o seu proceder immediato. Graham respondeu-lhe que as ordens eram acceitar a batalha, resistindo ao inimigo sem hesitar.

E no mesmo instante, com a maior presteza possivel,

avança para a planicie com as suas forças, direito á Barrosa.

Esperava encontrar ali, guarnecendo as alturas, La Peña, com o seu corpo de batalha e a sua cavallaria. Em vez d'isso, descobre no alto da posição a divisão de Ruffin, apoiada nos batalhões que o marechal lhe tinha mandado unir; vê em baixo a rectaguarda hespanhola fugindo, com o resto das bagagens que poude salvar, e apenas uma peça d'artilheria das quatro que tinha; toda a cavallaria franceza cortando a passagem entre as alturas e o mar; e, procurando contornal-o já pelo flanco esquerdo, a divisão de Laval.

De La Peña não teve noticia. Quem lhe poderia indicar a paragem d'elle, seria o general Beguines; este, porém, seguia agora com os fugitivos, procurando pôl-os a salvo.

A situação pouco menos era que desesperada. Occorreu a Graham retirar-se para os altos da Bermeja; mas logo attentou em que o inimigo poderia lançar-se juntamente com os alliados sobre essa estreita crista, o que seria um desastre irremediavel. Não tinha, pois, que escolher nem que hesitar. Só um acto de arrojo o salvaria. Estava já, nas mãos dos adversarios, a chave do campo de batalha. Graham expediu as ordens para o ataque immediato.

O major Duncan, á frente de dez peças d'artilheria, abriu fogo rapidamente contra a columna de Laval. O coronel Barnard, commandando os caçadores britannicos e a infanteria portugueza, avançou simultaneamente, da esquerda, sobre a mesma columna, rompendo a acção com vehemencia.

O resto das tropas de Graham, sem distincção de regimentos nem de brigadas,—tão precipitado e urgente era o lance,—formou-se em duas massas compactas. Uma d'ellas, commandada pelo general Dilkes, avançou em accelerado sobre a divisão de Ruffin; a outra, sob a direcção do coronel Wheately, cahiu em peso sobre o grosso da divisão Laval.

As fileiras francezas foram cruelmente devastadas pelo fogo mortifero da artilheria de Duncan, á qual a artilheria contraria respondeu vigorosamente; as baterias de Ruffin bateram de flanco, desordenando-a, a columna de Wheately; ao passo que, de lado a lado, as infanterias adversas reciprocamente se fulminavam sob o fogo de uma fusilaria incançavel.

Por fim, uma carga impetuosa e rapida da infanteria de Wheately conseguiu romper a primeira linha dos francezes de Laval, e estes, apesar do extremo valor com que a supportaram, foram cedendo terreno, até que a segunda linha teve de ceder tambem, sob o peso dos que recuavam, e sob o impeto dos atacantes. Só o batalhão escolhido se manteve firme, na direita, prompto a cobrir a retirada.

Emquanto isto se passava no flanco esquerdo, Brown havia-se precipitado com as suas companhias sobre as linhas de Ruffin, perdendo, logo á primeira descarga franceza, metade do intrepido destacamento que commandava.

Comtudo, não recuou, e manteve o fogo até chegar a columna de Dilkes.

Tivera esta que atravessar um profundo e largo fosso; mas não parara nunca, nem mesmo para restabelecer a ordem de formatura dos regimentos, depois d'essa passagem.

Chegava, portanto, desordenada; porém, com tal bravura que, sem a menor hesitação, arrastando comsigo o resto das forças de Brown, seguiu encosta acima, direita ás posições de Ruffin. Não affrouxou, um momento, nem a fusilaria do alto, nem o vigor e denodo dos que, a peito descoberto, a recebiam.

Chegados, finalmente, ás mãos, seguiu-se um longo e mortifero combate, que por muito tempo esteve duvidoso. Mas Ruffin e Chaudron Rousseau, commandante dos granadeiros francezes, cahiram ambos mortalmente feridos. En-

tão, as tropas que elles commandavam vacillam um momento; os inglezes cobram novo animo, avançam com redobrado vigor, atacam os adversarios á queima roupa, e obrigam-os por fim a descer a encosta, em precipitada confusão, sob um fogo impiedoso, que incessantemente, e do alto da posição, os fulmina.

As divisões derrotadas, retirando concentricamente, breve se encontram. N'este momento, o marechal Victor dá prova das suas faculdades de grande capitão e do seu extraordinario sangue frio. Procura ainda, e consegue quasi, reconstituil-as, no intento de fazel-as voltar de novo ao combate, reunidas, e renovando, por esse modo, a acção. Mas a artilheria de Duncan adivinha-lhe as intenções, e com o seu fogo incançavel e destruidor torna-lhe infructuosa a tentativa.

Então, o marechal resigna-se á sorte das armas, e abandona o campo ao inimigo victorioso. Este, porém, não estava em circumstancias de perseguil-o. Havia já vinte e quatro horas que os homens não paravam, não descançavam armas, não arreavam mochilas, não comiam. Estavam completamente exhaustos, e mais nenhum esforço se lhes podia exigir.

*

Onde estava e o que fazia La Peña, emquanto tão duramente se pelejava junto ás alturas da Barrosa, que elle abandonara, por assim dizer, deixando-as quasi desguarnecidas?

La Pena conservou-se, durante toda a batalha, na mais reprehensivel inacção. Não mandou em auxilio de Graham, nenhuma da sua cavallaria, nem a sua artilheria a cavallo, nem fracção nenhuma da sua infanteria. Abandonou-o, completamente só, deante de um inimigo superior em numero, que bem poderia tel-o esmagado. E quem sabe se não era essa a sorte que elle lhe desejava!

Tinha perto de si, bastante enfraquecida pelo combate

anterior de Lardizábal, a divisão de Villatte, na qual Victor apoiava a sua direita, e nada emprehendeu contra ella, nem sequer a ameaçou, quando tanto damno lhe podia ter causado.

Nem a cavallaria de Whittingham, apesar de ser constituida por mais de 800 sabres, quando a cavallaria de Victor contaria apenas uns 250, se lembrou de contornar a esquerda da divisão de Ruffin, depois do combate, o que transformaria a sua retirada, já difficil, n'uma completa derrota!

E tão positivo era isto, que tendo chegado ao campo de batalha o coronel Ponsonby, á frente dos 180 hussares do exercito de Graham, no momento em que as divisões se encontraram uma com a outra, na sua retirada concentrica, poude ainda carregar os esquadrões francezes, fazel-os debandar, tomar tres bôccas de fogo, e accommetter, por fim, embora sem exito, os granadeiros de Rousseau.

*

Tal foi a batalha da Barrosa, ou a batalha de Chiclana, como muitos lhe chamam. Inteiramente travada entre forças inglezas e francezas, que a incapacidade e a vangloria de um general hespanhol deixaram braço a braço, coube ao exercito portuguez a honra de ter tido presente n'ella um regimento da sua infanteria, que ali se cobriu de gloria.

Infanteria 20 bateu-se denodadamente ao lado dos nossos valorosos alliados, contra os soldados da França, directamente conduzidos por um dos marechaes do imperio, a quem a victoria maior numero de vezes bafejara. Perdeu no campo da batalha mais de um setimo da sua força total; foi elogiada pelo general Graham, e em ordem do dia do 1.º de maio de 1811, pelo marechal Beresford. Muitos dos seus officiaes e sargentos foram promovidos por distincção.

Não durou a batalha mais de hora e meia; porém foi

uma das mais sanguinolentas em toda a campanha da peninsula, apesar da sua brevidade. Dois generaes francezes ficaram mortos no campo; mais de dois mil soldados e officiaes foi o numero de mortos e feridos, que d'esse lado se contaram. Quatrocentos prisioneiros cahiram nas mãos de Graham, e com elles seis peças d'artilheria e uma aguia imperial.

Os inglezes perderam cincoenta officiaes, sessenta sargentos, e mil e duzentos soldados. A infanteria portugueza deixou no terreno, entre mortos e feridos, cincoenta homens dos trezentos e trinta que contava.

Finda a acção, Graham deu ás suas tropas o descanço de algumas horas, occupando com ellas as alturas conquistadas.

Ahi, teve esperança ainda que La Peña emprehendesse qualquer feito, pelo qual fosse coroada uma victoria que as forças alliadas tinham tão brilhantemente iniciado. Da ilha gaditana, atravessando o canal de S. Pedro, haviam-se-lhe juntado quatro mil homens, e uma força consideravel de artilheria. Subiam por esta fórma a doze mil infantes e a oitocentos cavalleiros as tropas, completamente frescas, que o general hespanhol tinha debaixo do seu commando. Na sua frente retiravam, na maior desordem, os restos da linha de batalha, que os generaes francezes iam recolhendo, conforme podiam, para os campos de Chiclana.

La Peña não se moveu!

Então, Graham, convencido de que n'aquelle peito estavam mortos todos os sentimentos e todos os estimulos militares, deliberou não supportar mais semelhante commando, e na madrugada de 6 de março atravessou com a sua gente o canal de S. Pedro, e deu entrada na ilha gaditana.

Do lado dos francezes retiraram de Medina as reservas de Cassagne, as quaes se juntaram com o grosso do exercito de Victor, em 5, havendo n'essa noite um conselho de

guerra, em que o marechal, embora com pouca esperança de resultado, propoz que se renovasse o ataque. Essa proposta foi mal recebida, e por isso não teve execução.

No dia 6, o almirante inglez Keats desembarcou tropas de marinha e marinheiros, e com ellas desmantelou, exceptuando o forte de Catalina, todas as fortificações desde Rota a Santa Maria, chegando a alcançar a posse momentanea d'esta ultima.

Este inesperado golpe de mão perturbou completamente o animo francez, e então o duque de Belluno, deixando guarnições nos pontos principaes das suas linhas, e a sua rectaguarda em Chiclana, retirou-se para os lados do canal, esperando ser immediatamente atacado. Graham e Keats pensaram effectivamente em dirigir um ataque simultaneo ao Trocadero; mas precisavam que La Peña avançasse com as suas forças, apoiando-os por meio do investimento de Chiclana.

Dois dias se passaram sem apparecer nem ao menos uma patrulha a observar os francezes! Então, Victor decidiu retirar em boa ordem, e voltou para o seu campo, em 8.

Vendo isto, La Peña recolheu-se socegadamente á ilha gaditana e destruiu a ponte. Tinha forças destacadas para o lado de Medina, ás quaes, por esta fórma, cortou as communicações com a ilha, o que as obrigou a retirar para Algeciras.

Era o ultimo erro, que lhe restava praticar.

Quem não conhecer a disposição do terreno onde estas diversas operações se deram, não póde calcular o enormissimo desastre de que se livraram, pela rapida deliberação de Graham, as tropas hespanholas. Se Victor pudesse ter disposto de mais alguns milhares d'homens, ou se o general inglez tem um momento de indecisão, o exercito inteiro de La Peña ficava encurralado, sem salvação possivel.

De um lado a angra d'Almanza; do outro o mar; na frente

o canal de S. Pedro, vedando a fuga; e na rectaguarda o inimigo, excitado pelos ardores da victoria, a perseguil-o, sem quartel.

Foi tão censuravel e nocivo o proceder de La Peña, que os francezes, apesar de derrotados, conseguiram reoccupar as suas primitivas posições e renovar o bloqueio de Cadiz.

Aqui, dentro da cidade, surgiram entre os diversos chefes as mais graves dissensões. La Peña ousou dirigir um manifesto ás Côrtes, reclamando para si as honras da victoria! Lascy, seu chefe de estado maior, e que nada tinha a invejar-lhe sob o ponto de vista da vaidade e da incompetencia, publicou, acompanhada de planos falsificados, uma resenha mentirosa dos acontecimentos.

Graham, assim provocado, expoz a conducta de La Peña em uma carta dirigida ao enviado britannico, e recusou com desdem o titulo de grande de Hespanha, de primeira classe, que as côrtes lhe tinham votado. Resolveu, pessoalmente, á espada, a questão em que se julgava directamente aggravado por Lascy, e não podendo mais viver com semelhante gente e em semelhante meio, entregou o commando que lhe pertencia, ao general Cooke, e veiu apresentar-se a Wellington.

*

Com a batalha da Barrosa ficaram os inglezes completamente desenganados da possibilidade de organisar na peninsula um exercito anglo-hispano, como tinham constituido um exercito anglo-luso. Os hespanhoes, d'esta data em deante, quasi que só figuram na campanha, organisados em guerrilhas.

Desde o 1.º de abril de 1810, isto é, desde o dia do seu casamento com a archiduqueza Maria Luiza, Napoleão julgava-se a si proprio, e a Europa toda o julgava do mesmo modo, no ponto supremo do seu poderio indiscutivel.

Possuia a Italia inteira; o casamento assegurava-lhe a alliança austriaca; a Prussia não existia; a Allemanha, sob o nome de Confederação do Rheno, prestava-lhe obediencia; a Suecia dava o throno dos seus reis a um general francez; a Russia adheria ainda ao systema continental. A Hespanha, occupada pelos seus exercitos, era pelas tropas francezas quasi que impunemente percorrida em todos os sentidos.

Durante o periodo que decorre d'aquella data, aos fins de maio de 1811, em que os francezes foram obrigados a evacuar completamente Portugal, a omnipotencia de Napoleão apenas encontrou resistencia, — mas essa pertinaz e indomavel, — n'este canto do mundo, onde — sem vaidade patriotica o dizemos, — a Europa inteira aprendeu a vencel-o por fim!

A campanha da Russia, que logo se seguiu á nossa, foi inteiramente executada segundo o nosso processo, de abandonar ou queimar as casas e as povoações, devastando tudo quanto pudesse servir á manutenção do inimigo, e creando, deante dos passos d'elle, o deserto como principal elemento da resistencia e da defeza.

Em todo o continente, só Portugal não reconhecia a omnipotencia napoleonica, batendo-se contra ella, directamente.

Que mais prestigioso e mais formidavel exercito podia Napoleão ter enviado a conquistal-o? E, todavia, Masséna, o primeiro dos seus marechaes, a quem a victoria acabara de tecer as corôas gloriosas de Essling e de Wagram, baqueia deante dos alcantis do Bussaco, onde as tropas portuguezas repellem peito a peito os seus velhos soldados, e vindo pelo reino dentro, seguro de conquistar Lisboa, estaca deante das linhas de Torres, petrificado de espanto e de terror, como se do alto d'ellas visse descer Perseu, saccudindo na mão sinistra, pela cabelleira de viboras, a cabeça de Medusa!

*

Os soccorros que o generalissimo inglez esperava, a todo o momento, vêr chegar ao Tejo, tinham partido de Inglaterra, em fins de janeiro, n'uma esquadra commandada pelo almirante Joseph Yorke. Este, porém, não aproveitou o vento favoravel que havia, quando as tropas embarcaram, e depois só teve ventos contrarios, de modo que a viagem, de dez dias em circumstancias ordinarias, prolongou-se por seis semanas. Foi só em 2 de março que os reforços chegaram.

Não podia eternisar-se a situação de inactividade em que, frente a frente, os dois exercitos estavam. Wellington deliberou atacar agora as posições francezas.

Porém Masséna via as tropas do seu commando reduzidas á ultima extremidade. O paiz, na rectaguarda do exercito, d'onde até ahi elle conseguira a grande custo alimentar-se, estava agora completamente exhausto. Em Santarem morriam, á mingua, doze a quinze cavallos diariamente. Carne de boi só a comiam alguns officiaes de maior graduação. Os soldados tinham sido largamente victimados, durante os mezes de janeiro e fevereiro, por doenças adquiridas em consequencia da pessima alimentação. Lavravam, no exercito, dysenterias e febres mortiferas, pelo uso que as tropas faziam da carne de cabras e de ovelhas paridas, pois a privação extrema lhes não permittia despresar esse recurso, quándo o acaso lh'o deparava. Não havia aguardente nem vinho, e muitos dias não havia pão. Faltava egualmente o sal, o que era uma das maiores privações. Só em Torres Novas, onde estava o quartel general de Masséna e o estado maior, no principio de março, havia no hospital para cima de mil doentes. Os uniformes, até mesmo os dos officiaes, tinham chegado ao ultimo extremo, e o mesmo succedia com o calçado, que já mal resguardava os pés, e que era intoleravel para a marcha.

Extinguira-se a disciplina.

A cavallaria perdera, em pouco tempo, por doença e inanição, a terça parte dos seus cavallos, e a mortandade proseguia diariamente. O gado sobrevivente estava fraquissimo, e não era possivel contar com elle, nem para o serviço de artilheria, nem para o do trem, nem até mesmo para os transportes mais simples.

Pois n'estas durissimas circumstancias, Masséna mostrava-se obstinado ainda. A retirada era uma operação de guerra, a que elle difficilmente se resignaria.

Decorrido o mez de fevereiro, sem apparecerem os soccorros que a Masséna, conforme as promessas de Napoleão, deviam ser trazidos pelo marechal Soult, o general conde d'Erlon, a quem o imperador por indesculpavel falta não puzera sob as ordens do generalissimo, declarou terminantemente que não podia manter por mais tempo as suas tropas em Leiria, e que se retirava para Hespanha.

O marechal Ney e o general Reynier aproveitaram o ensejo para fazer vêr ao chefe supremo a lastima em que respectivamente estavam os seus corpos de exercito, e pediram, mais uma vez e com profunda intimativa, a retirada immediata. Então Masséna viu que tinha de ceder ao imperio das circumstancias, e resignou-se a retirar para a fronteira, onde lhe sorriam esperanças de poder sustentar o exercito e aguardar a chegada de reforços, na idéa de repetir dentro em pouco a invasão do reino.

Estava, a esse tempo, feita uma nova distribuição dos commandos, pelo imperador; mas a noticia d'ella não era ainda do conhecimento dos interessados, porque as ordens chegaram ao quartel general de Masséna bastante depois. Os exercitos de Hespanha foram tambem, por essa occasião, remodelados.

Foi muito diminuido o exercito do centro, commandado pelo rei, e augmentado o do sul, commandado pelo duque de Dalmacia. Ao general Drouet, conde d'Erlon, era dada ordem para assumir o commando do 5.º corpo, em substituição de Mortier, reforçando-o com onze mil homens do

9.º corpo, que actualmente commandava; as forças restantes d'este, constituindo duas divisões, eram incorporadas no exercito de Portugal, dando-se o commando d'ellas, respectivamente, aos generaes Foy e Clausel. Marmont era nomeado para substituir Ney, no commando do sexto corpo, e Loison para substituir Reynier, no commando do segundo. Ney e Reynier haviam de retirar para França, onde lhe seriam dados opportunamente outros commandos.

Está-se vendo, por aqui, que devem ter sido estas substituições, um dos negocios que o general Foy teve, por ordem de Masséna, de tratar com o imperador, na missão que ultimamente tinha ido desempenhar a França.

Bessières recebeu ordem de mandar postar seis mil homens em Cidade Rodrigo, para vigiar a fronteira e apoiar Claparède.

Deviam reunir-se, em Zamora, sete mil homens da guarda imperial, para conservar a Galliza em respeito, e o resto da guarda iria para Valladolid, conservando-se sempre, entre as duas praças, fortes partidas de cavallaria, de modo a haver conhecimento diario do que em Portugal se estava passando.

Os acontecimentos inesperados da campanha, que Napoleão, ao principio, imaginou ser muito mais facil, começavam a inquietal-o agora.

Com a nova distribuição das tropas e dos generaes, ficava Masséna habilitado a dar uma nova feição aos successos da guerra, e a tentar qualquer operação que se lhe affigurasse util, sem permanecer adstricto ás instrucções que para a invasão havia recebido. Porém o marechal, infelizmente para elle, não teve noticia d'estas medidas imperiaes, a tempo de aproveital-as e pôl-as em execução.

*

O principe d'Essling ponderou com todo o sangue frio e

preciso discernimento as diversas operações que a sua situação lhe podia aconselhar.

O que primeiro lembrava era a travessia do Tejo, por meio da ponte de barcos, entre Punhete e Abrantes, ou pelos váos que muitas vezes eram praticaveis passada uma semana de tempo secco.

Esta operação era extremamente perigosa, e a inconstancia da estação não permittia contar que o Tejo fosse vadeavel.

E para obstar á travessia estavam 14:000 homens, do outro lado do Tejo, sob o commando de Beresford. Tinha este o seu quartel general na Chamusca, e as tropas em escalão, na margem esquerda, desde Almeirim até á foz do Zezere.

Pensou em retirar pela Sobreira Formosa, sobre Castello Branco, abrindo communicações com o exercito do centro em Palencia, e com o exercito do sul em Alcantara. Ou, então, marchar pela estrada nova e Belmonte, direito ao Sabugal, operando em seguida conforme as circumstancias.

Qualquer d'estes movimentos offerecia grandes difficuldades, e não era a menor, o risco mais que provavel em que o exercito cahia de ser atacado de flanco pelas forças de Beresford, as quaes atravessariam o Tejo, para a margem direita, em Abrantes, — para o que estavam preparadas, — e cahiriam sobre elle quando fosse retirando.

Podia, ainda, alcançar o Mondego e seguir a margem esquerda d'esse rio direito á Guarda e Almeida; ou, então, atravessal-o e marchar sobre o Porto, atravez d'uma região intacta ainda.

Foi este ultimo plano o que Masséna resolveu seguir. Tinha contra si o estar a sua posição actual á esquerda da linha de retirada, o que o forçava necessariamente a executar um movimento de flanco, com mais de dez mil doentes e todas as bagagens e impedimenta, debaixo das vistas do adversario, antes de poder iniciar a retirada.

No entanto, executou esse movimento de modo tão habil que, perante os proprios contrarios, foi elle tido como mais um testemunho das suas altissimas qualidades militares.

Começou a retirada, das posições de Santarem, na noite de 5 de março. O general Eblé, vivamente magoado, passara os dias antecedentes destruindo a obra, que á custa de tanta fadiga e de tantos esforços, havia conseguido realisar.

Teve de inutilisar todos os barcos que pudera construir para a passagem do Tejo; e na esperança de que uma parte d'esses immensos preparativos ainda algum dia pudessem ser uteis a um exercito francez, mandou enterrar secretamente todas as ferragens, em presença de doze officiaes d'artilheria, lavrando-se uma acta que, segundo diz Marbot, deve existir no ministerio da guerra, de França, e na qual se precisa o logar onde ficou sepulto esse deposito precioso, que talvez durante muitos seculos ninguem venha a encontrar.

Cremos que este facto é totalmente ignorado entre nós. Seria interessante fazer pesquizas que conduzissem ao curioso achado.

Foram destruidas as munições inaproveitaveis, encravadas as bôccas de fogo, que não era possivel transportar; inutilisado tudo quanto, por falta de gado, era forçoso abandonar.

A pouco e pouco, o marechal fizera conduzir, para Thomar, entregando-os á guarda do nono corpo, os doentes e as bagagens, e deixara na frente da posição apenas os homens que estavam em condições de sustentar as armas e de pelejar. Assim esperou, e obteve, que toda aquella numerosa impedimenta ganhasse dois dias de marcha. Indicara, durante esse tempo, intenções de querer passar o Tejo, em Punhete, ou de pretender atravessar o Zezere, com o fim de alcançar Castello Branco.

Passados, porém, os dois dias, Ney reuniu, a 7 do mez,

junto ao Liz, proximo de Leiria, todo o sexto corpo, do seu commando, e o grosso da cavallaria, que em 5 tinha partido de Ourem, effectuando logo reconhecimentos rapidos sobre Rio Maior, Alcobaça e Porto de Moz, até á costa do Oceano, o que parecia attestar a intenção de um grande movimento de ataque sobre Torres Vedras, pela região comprehendida entre Monte Junto e o mar.

Wellington teve de collocar-se na espectativa, concentrando a sua maior attenção para este lado. Era por ali, que elle sempre tinha previsto e receiado o ataque.

Mas antes da operação indicada pelos movimentos de Ney, logo na noite de 5 para 6, os corpos de Reynier e de Junot deixaram simultaneamente Santarem, Pernes e Alcanede, avançando para Torres Novas e Thomar; depois do que destruiram as pontes do Alviella, na sua rectaguarda.

O nono corpo, do commando de Drouet, que pela sua posição avançada formava a testa da columna, tambem em 5 sahiu de Leiria para Pombal, levando os feridos e os doentes, que tinha agora a seu cuidado.

O oitavo corpo, centro da columna, que na noite de 5 sahira de Pernes, escoltava o quartel general e as grossas equipagens. Foi acampar, em 7, em Chão de Maçãs, e chegou a Pombal em 8.

O marechal Ney, com o sexto corpo, formava a rectaguarda, e defendeu valorosamente o terreno, pé a pé, logo que começou a perseguição. Já não era o subalterno descontente e mal disciplinado; estava no seu elemento, no seu posto d'honra, no logar mais arriscado, e tornou a ser o grande general, o heroe cheio de prestigio, que os inimigos temiam, e que os seus soldados adoravam.

Masséna tinha habilmente ganho sobre o inimigo tres dias de marcha, entre 5 e 9 de março, organisando completamente a retirada, que, como todos sabem, é uma das operações mais difficeis da guerra.

Diz Marbot que elle se mostrou, contra o seu costume,

tão satisfeito e alegre n'essa occasião, que todo o estado maior o extranhou.

Na manhã de 6, foram pelos francezes queimados os barcos da ponte que ainda tinham em Punhete; e Loison tomou á direita, pela estrada do Espinhal, com a divisão do seu commando, afim de cobrir o flanco da linha principal de marcha. O resto do exercito seguia por marchas rapidas e concentricas para uma posição na frente de Pombal, onde chegou nos dias já indicados.

Parece certo que, logo na manhã de 6, Wellington teve conhecimento do abandono de Santarem pelos francezes. A essa hora, já as tropas de Reynier iam a cinco leguas de distancia.

Wellington não podia conhecer as intenções do adversario, nem podia, por conseguinte, abandonar as linhas para se lançar imprudentemente em sua perseguição. Como já temos dito, receiava sempre que elle se deliberasse a contornar o Monte Junto e o Barregudo, para atacar a posição de Torres Vedras. As primeiras doze horas passaram-se em natural e prudente hesitação.

Tambem parece certo, conforme testemunhou o marquez de Sá ao escriptor Soriano, que Beresford, em virtude de um systema de informações por elle estabelecido, teve conhecimento immediato da retirada dos francezes, na Chamusca, logo que estes, durante a noite de 5, evacuaram Santarem. No cumprimento do seu dever, mandou immediatamente participar o facto a Wellington.

Ou por determinação d'este, ou por deliberação espontanea, Beresford approximou logo as suas forças das do general em chefe. A navegação do rio ficou livre até Abrantes. Em 6, o general William Stewart, á testa da maior parte do corpo de exercito de Beresford, atravessou o Tejo em frente d'aquella praça, emquanto a primeira, a quarta e a sexta divisões, e duas brigadas de cavallaria, marchavam para a Gollegã.

A divisão ligeira, por sua parte, n'esse mesmo dia dei-

tou até Pernes, onde a ponte foi rapidamente reconstruida pelo capitão Tod, do real corpo do estado maior.

Em 7, como o inimigo tivesse já queimado os seus barcos sobre o Zezere, foi trazida a ponte de Abrantes, rio abaixo, para ali, e as tropas de Stewart serviram-se d'ella para se dirigirem sobre Thomar, ponto para onde as divisões, que estavam na Gollegã, egualmente se dirigiram.

Pronunciara-se, agora, decididamente, a verdadeira direcção da retirada. Os francezes dirigiam-se para o Mondego. Então, ordenou-se ao grosso das tropas inglezas, que fizesse alto em Thomar, emquanto a divisão ligeira, os hussares allemães e os dragões reaes, batiam a rectaguarda do oitavo corpo, ao qual fizeram duzentos prisioneiros.

*

N'este ponto, Napier, sem pretenção a estylo nem a eloquencia,—pois escreve geralmente como soldado,—desenha a traço indelevel, e por uma fórma digna de se considerar classica, a scena sublimemente horrorosa, que n'este ultimo dia de marcha uma parte do exercito presenciou.

É quasi intraduzivel a perfeição commovente do breve e colorido trecho inglez, e nunca ninguem descreveu melhor, nem de modo a produzir maior impressão, entre os maximos horrores da guerra, um quadro mais tragico:

«Viu-se durante a marcha d'este dia uma desgraça horrivel. N'um ponto desviado e obscuro dos montes, encontraram as tropas um vasto casarão perdido, dentro do qual muita gente morrera, ou estava morrendo, de fome. Mais de trinta mulheres e creanças estavam mortas, e junto dos seus cadaveres viam-se quinze ou dezeseis sobreviventes, entre os quaes, apenas um, era homem; porém todos em tal grau de fraqueza que não podiam receber o pouco alimento que levávamos, e que lhes queriamos dar. Os primeiros que tinham succumbido, haviam sido os mais novos; nenhuma

creança sobrevivia já. Nenhum dos mortos estava desfigurado pela magreza excessiva nem pela excessiva lividez; mas em todos elles os musculos da face haviam-se distendido transversalmente, dando-lhes a apparencia de estarem rindo, o que formava um quadro medonho, impossivel de descrever e horrivel de imaginar. No homem havia ainda empenho de viver; as mulheres, porém, mostravam-se pacientes e resignadas; e, n'aquella mesma extrema e angustiosa miseria, não se tinham descuidado de compôr os vestidos das mortas, com decencia e reserva».

Todo o quadro é de mestre; mas esta ultima nota é de uma sublimidade incomparavel.

Traduzimos o texto o melhor que pudemos; não nos foi possivel, no emtanto, conservar a pureza, a concisão, a energia de linhas e a intensidade de côr, que na sua desaffectada simplicidade apresenta o original.

*

Tinham agora os alliados occasião de vêr, a que extremos de miseria haviam chegado os poucos moradores do paiz retalhado pela invasão. «A parte do paiz, que tinha sido occupada pelos francezes, — diz Soriano, n'este ponto, — apresentava o mais lastimoso estado: todas as povoações se encontravam saqueadas e desertas, tendo sido muitas das suas casas incendiadas. Os poucos habitantes que no caminho se iam encontrar com o exercito luso-britannico, homens, mulheres e creanças, apresentavam o mais desgraçado aspecto, vendo-se todos elles famintos, cobertos de farrapos, e parecendo alguns terem perdido a razão. Pessoas entre esta gente se divisavam que pelos seus vestidos, posto que em pessimo estado, pareciam ter sido abastados. A presença d'estes infelizes causava a todos que os viam o mais extremo dó; os soldados e officiaes do exercito alliado procuravam soccorrel-os, parti-

lhando com elles das suas escassas rações, que elles comiam com toda a avidez da fome. De tudo isto dão irrefragavel testemunho, não só os escriptores portuguezes contemporaneos, mas egualmente as obras dos auctores militares inglezes e francezes que fizeram tão memoravel campanha.»

*

Emquanto uma parte do exercito avançava, do modo que temos dito, no encalço do inimigo, sahiram egualmente, das linhas, a terceira e a quinta divisões, na direcção de Leiria; de Abrantes vieram barcos descendo o Tejo até á altura de Tancos, onde se estabeleceu uma ponte; e duas divisões das que tinham feito alto em Thomar, a segunda e a quarta, acompanhadas por alguma cavallaria, receberam ordem para atravessar de novo o Tejo, na direcção da fronteira hespanhola, com o fim de soccorrer Badajoz.

Beresford, que tinha ficado com uma parte das suas tropas proximo da Barquinha, recebeu ordem para enviar uma brigada de cavallaria na direcção de Portalegre, com o mesmo fim.

Já vimos, que pouco depois d'estes successos, antes de lá chegarem os soccorros, e sem quasi precisar d'elles, Badajoz rendia-se.

Wellington, enganado em parte pelas informações que lhe mandara o general Trant, bem como pelas que obtivera directamente em Santarem, e em parte, egualmente, pelos movimentos simulados de Masséna, imaginara, ao principio, que a retirada se faria pela Ponte de Murcella; porém, em 8, estava convencido de que os francezes se dirigiam sobre Coimbra.

Comtudo, em 9 de março, o inimigo, em vez de continuar a marcha, concentrou n'um planalto, em frente de Pombal, os corpos de exercito de Ney e de Junot, e a cavallaria de Montbrun. Estabeleceu-se ahi uma acirrada escaramuça entre a divisão ligeira dos alliados e os postos

avançados francezes, emquanto os hussares allemães batiam com exito a cavallaria inimiga, fazendo-lhe alguns prisioneiros.

Estavam os francezes manifestamente dispostos a acceitar batalha, o que aos alliados, n'essa occasião, de nenhum modo convinha. Para combater, com probabilidade de vantagem, precisava o general inglez de chamar a si as tropas que mandara sahir de Thomar em soccorro de Badajoz. Não combater, era entregar ao inimigo, Coimbra e a região por traz d'ella, até ahi poupada, pondo em perigo, ou sacrificando, o Porto. Se tal succedesse, a retirada de Masséna concluia com a gloria e as vantagens de uma conquista. Tornava-se, pois, urgente mudar de plano.

Felizmente, eram boas as noticias recebidas, a esse momento, de Badajoz. A praça, segundo de lá diziam, estava em condições de supportar o cerco por mais um mez. Isto mudou o aspecto das cousas, e decidiu a questão.

Iam já em marcha para o Alemtejo a quarta divisão e a cavallaria pesada. Mandou-se-lhes contra-ordem, para retrocederem. Ao mesmo tempo, pela estrada do Espinhal foi enviado o general Nightingale com uma brigada da primeira divisão e alguns cavallos, afim de observar o segundo corpo. O resto do exercito dirigiu-se concentricamente sobre o Pombal.

Tivemos então occasião de vêr, nós e os nossos alliados, com que admiravel estrategico nos tinhamos de medir. Esta retirada de Masséna fôra irreprehensivelmente planeada e dirigida. Tendo começado a mover-se em 4, achava-se seis dias depois, no Pombal, antes de Wellington ter podido reunir, para lhe fazer face, um numero sufficiente de combatentes. N'esses seis dias, realisara, de modo inimitavel, uma das mais difficeis operações de guerra; ganhara sobre o inimigo tres ou quatro marchas, defendendo por modo completo as suas bagagens e os numerosos doentes, e organisara definitivamente o systema de retirada. «Se tem chovido, diz Napier, pouco que

fosse, no primeiro dia, os alliados não poderiam tel-o seguido com a artilheria, tal era o estado dos caminhos; e como elle se tinha antecipado a inutilisar as suas peças, com excepção d'algumas muito ligeiras, era essa ainda uma grande vantagem que levava sobre os seus inimigos.

*

Em 10, marchavam a reunir-se na frente dos adversarios, a primeira, a quarta, a quinta e a sexta divisões, a divisão ligeira, a brigada de Pack, formada pelos regimentos portuguezes de infanteria 1 e 16 e por caçadores 4, toda a cavallaria ingleza, a leal legião lusitana, e os bravos batalhões portuguezes de caçadores 1 e 3. As nossas tropas formavam agora parte integrante das divisões, do mesmo modo, diz Napier, que os auxiliares latinos faziam parte da legião romana. Mas, na noite anterior, Masséna tinha mandado as bagagens do exercito, pela ponte do Pombal, para a margem direita do rio de Soure, affluente do Mondego, com ordem de seguir ao longo d'ella, na direcção d'este; e elle proprio retirou subitamente, em 11, de manhã, pelo mesmo caminho. A divisão ligeira, — de que fazia parte caçadores 3, — seguia-o muito de perto.

Ney estabeleceu a rectaguarda n'umas alturas proximas da villa, e enviou um destacamento numeroso para guarnecer e guardar o castello. Mostrava-se resolvido a não abandonar, senão por bom preço, aquellas posições.

O exercito francez marchava em extensa columna e com bastante confusão, apertado n'um estreito desfiladeiro entre as montanhas e a ribeira de Soure, a qual era vadeavel. As divisões do exercito anglo-luso marchavam rapida e desembaraçadamente ao longo da margem esquerda da ribeira, no intento de atravessal-a mais abaixo, e cortarem a Masséna a linha de retirada.

Desceu a noite antes d'isso, e não foi possivel realizar a planeada operação.

No entretanto, ateiava-se um combate vivo, em Pombal, entre as forças de Ney e a divisão ligeira, da qual, o regimento inglez noventa e cinco e o nosso batalhão numero tres, de caçadores, conseguiram, apoz varias alternativas de fortuna, expulsar os francezes, tanto do castello como da villa, com tal vigor, que nem tempo lhes deram para destruirem a ponte, apesar de estar minada!

As perdas foram graves, de lado a lado.

Masséna continuou a retirada durante a noite; porém agora de modo regular e concentrado. Marchavam na frente as bagagens e os doentes, protegidos pela cavallaria da reserva. Seguiam-se os outros corpos, e sempre, na rectaguarda, o de Ney, incumbido de demorar a perseguição. D'este faziam parte a cavallaria ligeira, e a força de artilheria que pudera dispôr de melhor gado.

Em 10, Montbrun recebêra ordem para ir tomar Coimbra.

Considerava-se esta uma empreza capital para o exercito inimigo, pois o mais importante objectivo de Wellington, no presente momento, era exactamente salvar a cidade, obrigando o invasor, mais por manobras ardilosas, do que por acções arrojadas, a sahir do territorio invadido.

Wellington comprehendia, excellentemente, qual o effeito moral, que semelhante acontecimento havia de ter para a victoria da causa que a Inglaterra aqui andava pleiteando.

Não queria arriscar n'um lance duvidoso os grandes interesses confiados á sua espada; mas appetecia uma boa occasião de poder applicar ao adversario exemplar castigo. Fugia ao combate, desejoso de combater; espreitava as circunstancias, seguia passo a passo os menores e mais innocentes movimentos; queria, finalmente, vêr Masséna e todas as forças que este commandava, postas fóra do paiz; mas seria oiro sobre azul se a expulsão fosse antecedida de uma derrota, que para todo o sempre ficasse de lembrança ao orgulhoso inimigo.

Oppunha-se aos seus ardentes desejos a natureza do terreno que a essa hora percorria. Toda aquella região abunda em posições fortes, que os adversarios iam successivamente occupando; os caminhos eram estreitos e maus, apertados entre montes por cada banda; as aldeias não passavam de desfiladeiros perigosos; o tempo puzera-se bom, moderado, influindo beneficamente nas condições sanitarias do exercito que elle ia perseguindo.

Accrescia a tudo isto o facto do marechal Ney ser um admiravel general de rectaguarda, o mais habil de que a França dispunha, e o mais experimentado, para cobrir uma retirada.

Wellington perseguia-o insistente, porém sempre cauteloso, porque, no fundo, respeitava-o e temia-o.

(Continúa.)

FERNANDES COSTA.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

(Continuação)

TERCEIRA PARTE

I

Pelos fins do outomno, na volta dos campos e das praias, a cidade como que se compraz muitas vezes em adornar-se de uma graça unica, tão delicada e tão verdadeiramente parisiense que, ao primeiro olhar, faz esquecer áquelle que chega tudo quanto elle viu por onde andou, e lhe restitue o gpsto febril de Paris.

São manhãs claras, com a alegria atarefada dos passantes e das carruagens pelas ruas banhadas de luz opalina; tardes ligeiramente mornas, em que o vento discreto agita ligeiramente, sem despegal-as, as ultimas folhas dos arbustos urbanos; mas sobretudo noites incomparaveis, crepusculos ruivos, cahindo do ceu com uma lentidão infinita, prolongando o declinar de um clarão polvilhado de cobre, muito tempo depois das borboletas de gaz, nas suas gaiolas de vidro, sulcarem, sem as illuminarem ainda, as tiras dos passeios.

Por uma noite d'essas, luminosa e lenta, um coupé transportava da gare do Norte para o hotel da praça Wa-

gram M.me Surgère e João Esquier, o qual tinha ido sósinho esperal-a.

Quando Julia tinha distinguido, por detraz da balaustrada do caes, a estatura alta do banqueiro, sem vêr ao lado d'elle a figura de Clara, aquella quietação indecisa em que, apesar de tudo, se deixava embalar depois do juramento de Mauricio, evaporara-se logo. A sua primeira phrase, ao apertar a mão d'Esquier, foi:

—E Clara? Porque não veiu?

Esquier contou, com muita tristeza, que de alguns dias para cá a crise de mau estar, de melancolia, de aborrecimento em que Clara tinha cahido depois da partida de Julia, parecia aggravar-se.

—Não póde dormir, os nervos excitados... lagrimas solitarias que procura esconder-me. Ah! ando muito triste, minha amiga!

Julia não respondia. Que havia ella de dizer? Apenas separada de Mauricio, já as amarguras, de novo, refluiam para ella... A sua consciencia, quando mesmo a não quizesse ouvir, inspirava-lhe obstinadamente um remorso: «Se Clara está doente, se Esquier soffre, é por tua causa!»

—Quem trata d'ella? perguntou.

—Daumier vae lá todos os dias, naturalmente... Não são os medicos o que falta lá em casa. Logo ha de haver uma conferencia para Antonio... Daumier requisitou Rodin e Frœder.

Antonio! Era verdade, ainda se não tinha lembrado d'aquelle moribundo a quem ia acompanhar.

—Ha de ser-lhe difficil reconhecel-o, disse Esquier, de tal modo este ultimo ataque o mudou. Tem os cabellos inteiramente brancos, mais brancos do que os meus. Parece ter oitenta annos.

Julia, embalada pelo movimento do *coupé*, que rodava agora sem bulha, sobre o calçado de madeira do boulevard Malesherbes, ouvia as palavras d'Esquier do fundo de um vago entorpecimento.

O seu pensamento concentrava-se n'isto: «Antonio vae morrer... Porque não estou eu triste? Elle nunca foi mau para mim. Ha muito tempo que não sou infeliz por causa d'elle...» Mas immediatamente a memoria tenaz dos sentidos revoltava-se: «Casou commigo, foi o mal que me fez...» E o acordar das recordações sublevou-lhe o coração; sentia que, apesar de tudo, apesar da sua vontade, apesar do seu dó pelo moribundo, havia n'ella qualquer cousa que não perdoaria nunca a seu marido, nunca, nunca!...

Quiz pormenores sobre o modo como elle tinha sido transportado a Paris.

— Recebemos o telegramma antes d'hontem á noite, respondeu Esquier; da mesma maneira que aquelle que eu lhe mandei a si immediatamente, não explicava nada; accrescentava apenas que, visto o doente estar em circumstancias de ser transportado, entendiam ser preferivel trazel-o para Paris, para junto de sua mulher. Antonio chegou quinta feira de manhã, ás dez horas, acompanhado por Hélo, e por um medico luxemburguez, que se retirou immediatamente.

— E elle reparou na minha ausencia?

— Eu creio que nem reparou na nossa presença, nem na viagem, nem na chegada a Paris, nem em cousa nenhuma. Arme-se de coragem, minha boa amiga, porque vae encontrar-se em frente de um espectaculo verdadeiramente triste.

Julia desviou a conversa:

— E Clara, perguntou; o que diz d'ella Daumier?

— Oh! Clara, essa nem chegou a ir á cama... agora de certo que vae encontral-a á entrada da porta, á sua espera, para a receber. A doença d'ella não é uma doença classificada, que se chame isto ou aquillo, e é justamente por isso que o remedio é difficil de encontrar. Rodin diz: «Campo, ar livre, exercicio.» Daumier diz: «Casamento.» Ambos teem razão: Mas Clara não quer abandonar Paris: tem cri-

ses de nervos logo que se trata d'essa questão... E emquanto ao casamento...

Calou-se. Julia perguntou, um pouco embaraçada:

—Então, M. de Rieu?...

—Sim... elle vae lá, todos os dias. Tem sido admiravel para nós. Só em casa, com um moribundo e uma doente, comprehende que eu não podia aguentar. Elle tem ido sempre de manhã e á noite... Foi elle mesmo quem pediu a Rodin para vir, porque como sabe este não vae a toda a gente que o chama. E ante-hontem perdeu a noute junto de Antonio!

—É um excellente coração, murmurou M.me Surgère. Seria bom apressar o casamento.

Tremia um pouco, contra seu desejo, ao pronunciar estas palavras. Pobre dedicada, a quem uma ternura extrema tornava, por um momento, egoista, não tinha mesmo a coragem do seu egoismo.

—Parece-me, disse Esquier, que esse casamento se não ha de fazer nunca.

Julia baixou a cabeça. Era a sua sentença o que ella acabava de ouvir. «Nunca... o casamento não se fará nunca... Então, com quem casará ella?...» Não ousou confessar a si mesma o nome que estava no seu espirito e no d'Esquier. «Não! não! pensou ella, não quero, não quero!» Tudo quanto lhe restava d'energia armou-se para a defeza. «Hei de luctar; quero guardal-o para mim... Quero que elle seja feliz por mim.»

Esquier calava-se, e via-se a sua grande estatura curvada, o seu perfil desenhado sobre a vidraça do *coupé*, avermelhada pelo crepusculo... Julia sentia que, n'aquelle silencio, se cavava um abysmo entre ella e o seu velho amigo.

N'isto pararam. Á porta do hotel, Tonia estava esperando.

—Onde está Clara? murmurou Julia.

—Eu não sei, Yù... Está provavelmente no salão musgo. Então fez boa viagem? Passou sempre bem, por lá? Está bem?

Julia não respondeu. Passou por deante da velha, e subiu a escada com vivacidade.

Tardava-lhe vêr Clara.

Na meia claridade do salão musgo, distinguia-a, estirada n'uma *chaise-longue*. Estava ella verdadeiramente entorpecida, ou fingia acordar? Julia viu-a tão pallida, tão fraca e como que diminuida, que immediatamente se tornou para ella a affectuosa e compadecida mãe que fôra sempre:

—Dizem-me que estás doente, minha querida?...

Avançava os braços para recebel-a... Clara hesitou imperceptivelmente, depois deixou-se enlaçar e beijar, sem abandono. M.me Surgère sentiu a rigidez d'aquelle corpo flexivel no seu abraço, e sob o seu beijo o retrahimento da testa. Esquier tinha entrado e, distrahido, folheava a partitura aberta sobre a estante do piano.

Clara perguntou:

—Está bem de saude?

—Sim, estou, tenho passado bem, replicou Julia, incommodada pelos olhos fixos, negros, muito negros, de Clara. Mas tu, minha querida, tu é que não tens estado bem, segundo me dizem?...

—Oh! não! não estou mal, não tenho nada... asseguro-lhe que não tenho nada...

E afastava um pouco a cabeça, voltando o rosto para o lado, e avançando as mãos, como para afastar a um tempo a curiosidade e o dó. Julia comprehendeu que não tinha nenhum direito de combater, de consolar aquella dôr innocente, de que ella era a verdadeira causa. De novo teve consciencia de terem acabado os dias de inquietação passiva, e de que entrava na crise violenta, da qual o seu amor sahiria ou triumphante, ou morto.

Um silencio, com o qual todos tres soffriam, parecia augmentar o espaço que tinham em torno. Esquier, para acabar com aquillo, propoz:

—Quer subir já para ir vêr Antonio?

—Não, replicou Julia. Vou ao meu quarto, mudar de

roupa. Estou horrivelmente cançada. Logo que esteja prompta, lá vou ter. A tal conferencia é para d'aqui a pouco?

—É logo que cheguem Rodin e Frœder. Olhe... Ahi vem um d'elles...

Effectivamente, soou a campainha. Um instante depois apparecia a cabeça branca de Frœder, n'uma volta da escada. Seguia-o Rodin; tinham-se encontrado ambos deante da porta do palacete, forçados á exactidão pelo excesso das suas obrigações.

Cumprimentaram Julia. Esquier apresentou Frœder.

—Ah! madame Surgère, exclamou o cirurgião... Não imaginava, para o nosso doente, uma companheira tão nova e tão encantadora.

Inclinava-se, com a desbotada galanteria do ultimo meio seculo, e como homem que havia frequentado, durante vinte annos, os cortezãos de Compiègne e das Telharias. Julia, sem se importar de parecer indifferente, não respondeu nada.

—Então, perguntou Esquier, vamos lá? Vem depois ter comnosco, sim, minha querida amiga?

—Sim... É só alguns minutos, e já vou. Quanto tempo póde durar a conferencia?

Esquier consultou com o olhar os dois medicos.

Oh! disse Rodin... um quarto d'hora, meia hora quando muito, se as observações teem sido feitas cuidadosamente. Está ahi o nosso collega?

—Daumier? Está installado no gabinete de trabalho, que transformou n'um pequeno laboratorio.

—Então, minha senhora, não precisamos de mais de um quarto d'hora.

Cumprimentaram Julia e sahiram, seguidos por Esquier. Julia, antes de deixar Clara, sobre esta primeira entrevista, queria levar uma palavra de perdão, que ella lhe dissesse. Tornou a entrar no salão musgo. Clara não tinha abandonado a *chaise-longue*. Estava sentada, com os braços es-

tendidos e as mãos entre os joelhos, n'uma posição de devaneio profundo.

«Eu, pensou Julia, não lhe tenho, nem lhe posso ter odio. Queria que ella esquecesse, que fosse feliz... e não posso ser inteiramente feliz por causa d'ella, nem mesmo se...»

Não concluiu o pensamento. Clara, vendo-a, ergueu para ella o rosto, sobre o qual parecia ter um véu.

—Clara, minha querida, porque me não quer dizer o que tem?

Desejava a confiança e a confidencia da pobre creança, uma explicação sincera, uma communhão de lagrimas. Apesar da sua má vontade, Clara bem sentiu que aquella alma se lhe abria. Respondeu brandamente:

—Asseguro-lhe que não tenho nada... Ou, pelo menos, não saberia dizer o que tenho... E' um mal estar, uma tristeza; o que tenho a fazer é resignar-me e esperar; isto ha de passar...

—Não viu hoje M. de Rieu? perguntou Julia.

Mas, ouvindo esse nome, que reunia as duras exigencias da hora presente, o rosto de Clara novamente tomou a mascara da indifferença.

—Não vi! respondeu. E desviou os olhos.

Julia, vendo-a tornar-se outra vez hostil, cedeu. Lentamente, vergando ao peso da tristeza e do remorso, deixou o quarto. «Está acabado tudo, pensou... não posso nada contra isto. Detesta-me...» Apesar do seu remorso e da sua tristeza, revoltava-se obscuramente contra o injusto rancor de Clara. «Ella não tem o direito de me odiar assim. Mauricio pertence-lhe, porventura? Ama-o; muito embora. Mas quem o ama melhor, é ella, ou sou eu?» E respondia com victoriosa convicção: «Sou eu!»

No seu quarto esperava-a Mary. Refrescou-se á pressa; tirou o fato empoeirado da viagem. Emquanto Mary a vestiu, Julia reparou em si, reflectida no espelho triplo do armario; e essa imagem fez-lhe lembrar uma noite em que

ella se tinha visto assim reflectida, uma das primeiras vezes talvez em que ella tinha conhecido o seu corpo e conhecido o desejo de ser formosa... Era uma noite de novembro... voltava da capella da rua de Turim... Mauricio estava lá em baixo, n'aquella pequena sala onde hoje estava Clara chorando. Tempo de querida tortura, como ella o invejava ao passado! Ter soffrido, ter combatido contra o seu desejo de pertencer a Mauricio, o que eram essas luctas e esses soffrimentos comparados com as presentes angustias?

«N'esse tempo, refugiava-me no medo de proceder mal, na religião... Tudo isso me abandonou; a religião, o pudor; ou pelo menos, nada d'isso me defendeu contra mim mesma... A verdadeira defeza teria sido conhecer o futuro, o que os acontecimentos fariam de nós, a nosso pesar. Então, eu teria tido força para resistir!...»

E immediatamente esse pensamento se lhe affigurou uma blasphemia contra o seu amor, contra Mauricio ausente. Uma blasphemia e uma mentira... «Se eu tivesse conhecido o futuro, teria procedido da mesma maneira. O que tenho soffrido e o que hei de soffrer não paga ainda a felicidade da minha falta. Ó meu Deus, não me condemneis!»

Bateram á porta da antecamara. Mary foi abrir e voltou, dizendo:

—M. Esquier diz que a conferencia já acabou, e que é preciso a senhora descer já se quizer ver os medicos antes d'elles se irem embora.

Julia apressou-se; mas repugnava-lhe a comedia social que ia representar. Occupava-lhe inteiramente o espirito a promessa de Mauricio! «Se enviuvares, caso comtigo!» O seu mais querido sonho, era essa viuvez. E precisava fingir a inquietação, a magua. Em que trama horrorosa de mentiras é tecido o adulterio!

Passando por deante do gabinete de trabalho que precedia o quarto de Antonio Surgére, ouviu vozes falando

baixo, por detraz da porta... Pareceu-lhe que retardava a scena afflictiva, cuja idéa a estava incommodando, se entrasse ali. Encontrou, á mesa. Frœder, sentado deante de uma folha de papel em branco, com a penna na mão; Esquier, Rodin, Daumier, o barão de Rieu, de pé, em torno do fogão. Calaram-se quando ella entrou. Frœder levantou-se.

— Não se incommodem, peço-lhes; disse ella a meia voz.

Apertou a mão de Daumier e de Rieu; isolou-se com elles para fóra do grupo.

— O que disseram os medicos?

Daumier explicou em algumas palavras a evolução da doença. A paralysia deslocava-se, ganhava os lóbulos esquerdos do cerebro.

— Ha bocado, parecia-nos que ia falar.

— Em summa, disse Rieu, agora o fim é negocio de algumas semanas.

A morte!... A libertação!... Julia, indo para o estrangeiro com Mauricio, recomeçando dias luminosos como os primeiros dias de Cronberg; Clara, baroneza de Rieu, desempenhando no palacete da praça Wagram o papel de mulher do mundo, nova e bonita, papel que, segundo diziam, era necessario á prosperidade do banco! Toda essa felicidade comprava-se a preço de uma morte, que vinha lentamente e seguramente, em passo de castigo...

Porém Frœder adeantou-se, entendendo conveniente dirigir algumas palavras de consolação a Julia.

— Ah! minha senhora, nós temos excessivo respeito pela sciencia, para querermos induzil-a em erro, n'uma circumstancia tão grave. Achâmo-nos em presença de um d'estes casos em que nada podemos... A vida atacada na fonte mesmo do pensamento e da actividade. A substancia nervosa... dissolvida... mysteriosamente absorvida...

Olhava para Julia; parecia embaraçado com a tranquillidade d'aquelle rosto; esperava as lagrimas previstas que

lhe forneciam, de ordinario, a sua peroração. Mas as lagrimas não correram sobre as faces de Madame Surgère.

Esta perguntou com firmeza:

—Então, nenhuma esperança de salval-o?

Esta interrogação nitida desconcertou o velho discursador.

Elle repetiu:

—Meu Deus! seguramente... a sciencia...

(Continua).

Marcel PRÉVOST.

ERRATAS

Na ultima parte de *O drama de uma alma*, publicada em o numero 16 da *Leitura*, figuram alguns erros, que a illustre escriptora, sr.ª D. Guiomar Torrezão, nos pede que rectifiquemos. Os principaes são estes:

Pag. 482 — Onde se lê: *Vizeu*,— leia-se: *Traz-os-Montes.*

» 488 — Onde se lê: *Feira de Vizeu*,— leia-se: *Feira de Villa Real.*

» 489 — Onde se lê: *d'essa tua Beira tão querida.*—leia-se: *d'esse teu berço tão querido.*

» 496 — Onde se lê: *S. Caetano.*— leia-se: *Vinhal.*

» 497 — Onde se lê: *córvos da Beira Alta.* — leia-se: *corvos de Traz-os-Montes.*

Estes são os principaes: á intelligencia do leitor confiamos a emenda d'outros menos importantes.

E fica satisfeito o pedido da nossa eximia collaboradora.

LOURDES(*)

TERCEIRO DIA

III

(Continuação)

Cahiu de joelhos, estendendo sempre a sua filha moribunda sobre os braços tremulos, n'uma exaltação de desejo e de esperança que a levantava toda. E a chuva, que ella não sentia fustigar-lhe os calcanhares, cahia pesadamente por detraz d'ella, com um fragor de torrente impetuosa, em quanto que violentos trovões abalavam as montanhas. Por um momento julgou ser ouvida: Rosa acabava de ter um ligeiro estremecimento, como se fôra visitada pelo archanjo, com os olhos e a bôcca abertos, branca de cera; e depois de um derradeiro alento deixou de gemer.

—Ó Virgem Santissima, Mãe do Salvador, curae-a!... Ó Virgem Omnipotente, curae-a!...

Mas M.me Vincent sentiu diminuir-lhe ainda o peso da filha sobre os braços estendidos. E agora assustava-se de não a ouvir queixar-se, de a vêr tão branca, com a bôcca

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

entre-aberta, sem um halito. Porque se não sorria ella, se estava curada? De repente soltou um grito estridente, o grito da mãe dominando o ribombar do trovão, que estalára proximo. A sua filha tinha expirado. E levantou-se erecta, voltou as costas áquella Virgem surda que deixava morrer as creancinhas e deitou a correr como louca, sob as torrentes de chuva, seguindo na sua frente sem saber para onde, sustendo e embalando sempre o pobre corpinho, que conservava nos braços havia tantos dias e tantas noites. Um raio cahiu proximo, e fendeu decerto as arvores visinhas d'uma machadada gigantesca, com um medonho estalar de ramos torcidos e quebrados.

Pedro lançara-se nas piugadas de M.me Vincent para a guiar e para a soccorrer. Mas não poude seguil-a porque a perdeu immediatamente de vista por traz do espesso cortinado da chuva; e quando voltou, a missa chegava ao fim. A agua cahia menos violentamente e o celebrante afastou-se ao abrigo da umbrella de seda branca, bordada a ouro, emquanto que uma especie d'omnibus esperava os poucos doentes, para os reconduzir ao Hospital. Maria apertou ambas as mãos de Pedro.

— Oh! como me sinto feliz!... Não venha buscar-me, esta tarde, antes das tres horas.

Ficando só, exposto á chuva que continuava a cahir mais miuda, mais insistente, Pedro entrou na Gruta e foi sentar-se no banco, junto da nascente. Não queria ir-se deitar. Apesar da sua fadiga, na excitação nervosa em que se encontrava desde a vespera, inquietava-o o somno. A morte da pequena Rosa viera ainda augmentar-lhe a febre. Não podia desviar o pensamento d'aquella angustiada mãe, vagueando pelos caminhos lamacentos, com o cadaver da filha nos braços. Quaes seriam então as rasões que decidiam a Virgem? Enchia-o d'assombro que ella podesse fazer uma selecção, desejaria saber como o seu coração de mãe divina podia resolver-se a não curar senão dez doentes sobre cem, os taes dez por cento dos milagres de

que o doutor Bonamy estabelecera a estatistica. Já na vespera elle tinha formulado a si proprio esta interrogação: se tivesse a faculdade de salvar dez, quaes teria escolhido? Poder terrivel, temerosa opção, para a qual lhe faltaria a coragem! Porque antes este, porque não aquell'outro? Onde estava a justiça, onde a bondade? Ser a potencia infinita e cural-os a todos, não era este o clamor que se elevava de todos os corações? E a Virgem afigurava-se-lhe cruel, mal informada, tão insensivel e indifferente ás torturas d'alma e aos soffrimentos physicos, como a impassivel natureza, distribuindo a morte e a vida como ao acaso, segundo leis ignoradas dos homens.

Cessara a chuva. Havia duas horas que Pedro ali se achava, quando sentiu os pés molhados. Olhou e ficou muito surprehendido: era a nascente que trasbordava, atravez das grades dos estrados. O solo da Gruta achava-se inundado e um lençol d'agua corria para o exterior por baixo dos bancos, até ao parapeito do Gave. As ultimas chuvas tinham feito crescer o volume das aguas nas origens. E elle reflectia que a nascente, por milagrosa que fosse, estava submettida ás leis das outras nascentes, por isso que communicava por certo com reservatorios naturaes, em que as aguas da chuva penetravam e se accumulavam. E sahiu antes que a agua lhe chegasse aos tornozellos.

V

Pedro caminhou, movido pela necessidade de respirar ar puro e sentindo a cabeça tão pesada que se descobriu, para refrescar a fronte esbrazeada. Apesar do cançaço da horrivel noite de vigilia, não pensava em dormir, desasocegado, sacudido por uma revolta intima. Soavam oito horas e o padre ia seguindo ao acaso, debaixo do glorioso sol da manhã, resplandecendo no céu purissimo, que a trovoada parecia ter lavado da poeira de domingo.

Mas de subito ergueu a cabeça, inquieto, sem saber onde

estava; e admirou-se do caminho percorrido: achava-se abaixo da estação do caminho de ferro, perto do Hospicio municipal. Hesitava na bifurcação das duas estradas, sem saber por qual devesse tomar, quando mão amiga lhe pousou no hombro.

—Então onde vae, a estas horas?

Era o dr. Chassaigne, com a sua elevada estatura erecta, todo vestido de preto.

—Então perdeu-se, precisa d'alguma informação?

—Não, não, agradecido, respondeu Pedro, perturbado. Passei a noite na Gruta, junto da doente a quem tanto queria e, tão pesado, tão torturado senti o coração que vim dar um passeio, antes de me ir deitar um instante para o hotel.

O medico continuava a fital o e lia n'elle claramente a terrivel lucta, o desalento por não ter podido readquirir a fé, todo o soffrimento do seu esforço inutil.

—Ai! pobre rapaz! murmurou elle.

Depois paternalmente:

—Pois bem, visto que anda passeando, quer que passiemos juntos? Vinha eu justamente descendo para este lado até á margem do Gave... Venha d'ahi e á volta verá que maravilhoso horisonte!

Todas as manhãs, o doutor Chassaigne caminhava assim durante duas horas, sempre só, para cançar o seu desgosto. Ia, primeiro, logo que se levantava, ajoelhar no cemiterio sobre o tumulo de sua mulher e de sua filha, ornado sempre de flôres em todas as estações. Depois seguia pelos caminhos fóra, tragando as lagrimas, e não voltando para almoçar senão extenuado de fadiga.

Com um gesto Pedro acceitou. Desceram ambos a estrada em declive, ao lado um do outro, sem trocarem palavra. Por muito tempo se conservaram silenciosos. N'essa manhã o doutor parecia mais acabrunhado do que de costume, como se o colloquio com as queridas mortas lhe houvesse feito sangrar mais o coração. No rosto pallido, em-

moldurado pelos cabellos grisalhos, o nariz aquilino, parecia curvar-se-lhe para o chão, ao passo que as lagrimas lhe bailavam ainda nos olhos.

E, comtudo, estava tão agradavel, tão suave, ao sol, n'aquella esplendida manhã! Agora a estrada seguia á beira do Gave, pela margem direita, da outra banda da cidade nova. Iam-se vendo os jardins, as rampas, a Basilica. Depois, appareceu a Gruta, em frente, com o continuo brazido dos cirios, que a intensa luz do dia fazia desmaiar.

O doutor Chassaigne, que erguera a cabeça, persignou-se. A principio Pedro não comprehendeu. Depois, quando reparou na Gruta, recahiu no pasmo da vespera em presença do homem da sciencia, atheu e materialista, a quem a dôr fulminara e que a idea de se encontrar na outra vida com as suas queridas e choradas mortas, transformara n'um crente. O coração superara o raciocinio, o homem, velho e só, alimentava-se unicamente da illusão de tornar a viver no paraiso, onde podem volver a encontrar-se os que se amavam na terra. E o desanimo do moço ecclesiastico augmentou ainda. Ser-lhe-hia, por ventura, necessario envelhecer e supportar egual soffrimento, para encontrar emfim refugio na fé?

Continuaram a caminhar e a afastar-se da cidade, ao longo do Gave. Como que os embalavam as aguas crystallinas, correndo sobre os seixos, entre margens arborizadas. E permaneciam silenciosos, percorrendo com passo egual a estrada deserta, mergulhado, cada um d'elles, no seu infinito pezar.

— E Bernadette? perguntou de repente Pedro. Conheceu-a?

O doutor levantou a cabeça.

— Bernadette... Sim, sim, vi-a uma vez, mais tarde.

Recahiu por instantes em silencio, depois continuou:

— Comprehende que em 1858, no tempo das apparições, tinha eu trinta annos e estava em Paris. Medico novo e ini-

migo declarado de tudo quanto fosse sobrenatural, não me passou pela cabeça voltar ás montanhas nataes para ver uma allucinada... Mas cinco ou seis annos depois, ahi por 1864, passei em Lourdes e tive curiosidade de fazer uma visita a Bernadette, que a esse tempo ainda se achava no Hospicio, com as irmãs de Nevers.

Pedro recordava-se que o desejo de completar o inquerito sobre Bernadette fôra um dos motivos determinantes da sua viagem a Lourdes. E quem sabe se a graça divina não viria por intermedio da humilde e adoravel rapariga, no dia em que elle se convencesse da missão de perdão celestial que á Vidente fôra confiada na terra? Talvez lhe bastasse conhecel-a melhor, convencer-se de que Bernadette era realmente a santa e a escolhida.

—Fale-me d'ella, peço-lhe. Diga-me tudo o que sabe a seu respeito.

Debil sorriso assomou aos labios do medico. Comprehendia, e desejaria acalmar aquella alma do padre, torturada pela duvida.

—Oh! da melhor vontade, meu querido filho. Quereria tanto ajudal-o a fazer a luz no seu espirito!... Tem razão de se interessar por Bernadette. Póde ser a sua salvação; porque muito é o que tenho reflectido n'essas cousas, já antigas, e declaro-lhe hoje que nunca encontrei creatura mais cheia de adoravel franqueza.

Então, ao rythmo cadenciado dos passos, pela linda estrada cheia de sol, e na deliciosa frescura da manhã, o doutor referiu a sua visita a Bernadette em 1864. A extraordinaria rapariga acabava de completar vinte annos e havia já seis que se tinham dado as apparições. Surprehendeu-o pela attitude singela e rasoavel, pela perfeita modestia. As irmãs de Nevers, que a haviam ensinado a lêr, tinham-n'a no Hospicio para a subtrahirem á curiosidade publica. Ahi, entregava-se a diversas occupações-auxiliava as irmãs, mas estava muitas vezes doente e chegava a passar semanas inteiras de cama. O que principal-

mente impressionára o clinico foram os grandes olhos admiraveis, de pureza infantil, ingenuos e francos. O resto da physionomia transtornara-se um tanto, a tez perdera a transparencia, as feições tinham-se-lhe feito grosseiras e toda a apparencia era a d'uma serviçal como as outras, baixinha, retrahida, e franzina. A sua devoção conservara-se viva, mas não lhe parecera a extatica, a exaltada que era de esperar. Pelo contrario, manifestava antes espirito positivo, sem arrebatamento algum, tendo sempre entre as mãos algum trabalho d'agulha, fazendo meia ou bordando. N'uma palavra, era como toda a gente e em nada se parecia com as grandes apaixonadas de Christo. Não mais tornára a ter visões e nunca falava espontaneamente das dezoito apparições, que deviam decidir da sua vida. Era preciso que a interrogassem, que lhe fizessem perguntas precisas. Respondia então em breves palavras e procurava cortar a conversação, não gostando de falar do assumpto. Quando se queria profundar mais e se lhe perguntava a natureza dos tres segredos, cuja divina confidencia recebera, calava-se, desviava os olhos. E era impossivel surprehendel-a em contradicção: os pormenores, que dava, permaneciam sempre conformes á primitiva versão. Parecia já, por fim, repetir strictamente as mesmas palavras, com identicas intonações de voz.

—Estive de volta com ella uma tarde inteira, proseguiu o medico, e não alterou uma syllaba da narrativa. Era de fazer perder o animo!...

Posso jurar que a rapariga não mentia, que nunca mentiu, porque era incapaz de faltar á verdade.

Pedro ousou discutir.

— Mas, doutor, não acredita n'uma doença possivel da vontade? Não está provado, hoje em dia, que certa categoria de degeneradas, as infantis, quando d'ellas se apodera um sonho, uma allucinação, não podem libertar-se d'esse producto da imaginação, principalmente quando se conservam no meio em que se deu o phenomeno?... Ber-

nadette enclausurada, Bernadette vivendo unicamente com a sua ideia fixa, persistiria naturalmente n'ella.

O facultativo esboçou o seu debil sorriso e com gesto vago:

— Ah! meu filho, isso é perguntar muito. Bem sabe que não passo já d'um pobre velho, muito pouco vaidoso da sua sciencia, e que não tem pretenções a explicar cousa nenhuma... Sim, conheço o famoso exemplo de clinica, a rapariga que se deixava morrer de fome em casa dos paes, julgando-se atacada de grave doença d'estomago, e que começou a comer logo que a mudaram de local... Mas então? é um facto isolado, e ha tantos outros factos contradictorios!...

Calaram-se por momentos. Depois o doutor proseguiu:

— De resto, a verdade é que Bernadette evitava a convivencia, e não se sentia feliz, senão no seu cantinho solitario. Ninguem lhe conhecia nunca uma amiga intima, um affecto humano especial. Era egualmente bondosa e conveniente para com todos e só pelas creanças manifestava viva affeição... E como, afinal de contas, o clinico não está completamente morto em mim, devo confessar-lhe que por vezes tive desejos de saber se Bernadette permanecera virgem d'espirito, como indubitavelmente o era de corpo. É muito possivel, porque note que era de compleição tardia e debil, sem falar no meio innocente em que cresceu, primeiro Bartrès, mais tarde o convento. Tive duvidas, todavia, quando soube do vivo interesse que lhe inspirava o Orphanato construido pelas irmãs de Nevers n'esta mesma estrada. São ali recolhidas as raparigas pobres, protegendo-as contra os perigos da rua. E se Bernadette o desejára vastissimo, podendo abrigar todas as ovelhas em perigo, não seria porventura por se recordar do tempo em que percorria os caminhos com os pés descalços, tremendo ainda com a ideia do que lhe teria podido acontecer sem a intervenção da Virgem?

Continuou; referiu o enorme concurso de gente que vi-

nha contemplar e venerar Bernadette. Era uma canceira para ella. Não se passava dia que se não apresentasse uma onda de visitantes. Convergiam ali de todos os pontos da França, até do estrangeiro; e tornava-se necessario afastar os simples curiosos, não admittindo á presença da Vidente senão os verdadeiros fieis, os membros do clero, as pessoas de consideração, a quem se não podia decentemente deixar na rua. Estava sempre presente uma religiosa, para a proteger contra as indiscrições demasiado vivas; porque as perguntas choviam e extenuavam-n'a fazendo-lhe repetir a historia da sua vida. Senhoras da alta sociedade lançavam-se de joelhos, beijavam-lhe o vestido, queriam levar-lhe pedaços do fato como reliquia. Bernadette via-se obrigada a defender o seu rosario que todas, exaltadas, lhe supplicavam que lhes vendesse, muito caro. Uma marqueza pretendeu conquistal-o em troca d'outro que trouxera expressamente, de cruz d'ouro e de contas de perolas finas. Muitas esperavam que consentiria em fazer um milagre na sua presença; e trazíam-lhe creanças para ella tocar, consultavam-n'a sobre doenças, buscavam por todas as maneiras comprar-lhe a influencia segura sobre a Virgem Santa. Offereceram-lhe quantias fabulosas e ao menor signal ter-lhe-hiam trazido presentes reaes, se a pobre rapariga houvesse manifestado desejos de ser rainha, adornada de pedrarias e coroada d'ouro. Os humildes ficavam de joelhos no limiar da porta, os poderosos da terra apertavam-se em volta d'ella, e ter-se-hiam ufanado de lhe servir d'escolta. Chegou mesmo a contar-se que um d'elles, o mais bello e o mais rico dos principes, viéra, por um claro sol d'abril, pedil-a em casamento.

— Mas, interrompeu Pedro, o que sempre me impressionou e me desagradou foi aquella partida de Lourdes aos vinte e dois annos, foi a brusca desapparição, a reclusão no convento de Saint-Gildard, em Nevers, d'onde nunca mais tornou a sahir... Não daria isso vulto aos boatos de loucura que sem fundamento se espalharam? Não se ex-

poriam assim a que suppozessem que a sequestravam, que a faziam desapparecer, com temor d'uma indiscrição da sua parte, d'uma ingenuidade que trahisse o segredo de persistente embuste?... E, para me servir, da palavra brutal, eu proprio ainda estou convencido de que a escamotearam.

O doutor Chassaigne meneou a cabeça brandamente.

—Nada, não senhor! Em todo este caso nunca houve historia arranjada com antecedencia, melodrama preparado na sombra, representado mais tarde por actores mais ou menos conscientes. Os factos produziram-se espontaneamente, pela unica força dos acontecimentos; e sempre foram muito complexos, d'uma analyse delicadissima... Assim é certo que foi Bernadette a primeira a querer sahir de Lourdes. As continuadas visitas cançavam-n'a, sentia-se pouco á vontade no meio da adoração ruidosa, que vinha de tão longe procural-a. O que a rapariga queria era um cantinho de sombra onde pudesse viver em paz; e o seu desinteresse, por vezes, chegava a ponto de atirar ao chão o dinheiro que lhe entregavam, destinado a uma intenção pia: de uma missa a mandar dizer ou d'uma vela a offertar. Recusou sempre acceitar fosse o que fosse para si ou para a familia, que continuou pobre. Dotada de tal severidade, de singeleza natural, tão anciosa de retrahimento, comprehende-se facilmente que quizesse desapparecer, encerrar-se em clausura afastada, afim de se preparar para uma boa morte.

Estava completa a obra, o extraordinario movimento a que dera impulso, sem saber ao certo como, nem para quê, deixara realmente de tornar-se util, outros tomariam a direcção, assegurando o triumpho da Gruta.

—Concedemos que se retirasse espontaneamente, disse Pedro. Mas que allivio para a pessoa a quem se refere, para os que, desde então, ficaram senhores soberanos, sob a chuva de milhões cahindo do mundo inteiro!

—Ah! por certo, não quero dizer que a tenham desviado de pôr em pratica o seu designio, exclamou o doutor.

Francamente, quero querer até que a empurraram um bocado. De facto era um estorvo; não que houvesse a recear da sua parte confidencias compromettedoras; mas convem recordarmos-nos de que excessivamente timida, passando dias e dias de cama, não era, para que assim o digamos, decorativa. E depois, por pouquissimo logar que occupasse em Lourdes, por obediente que se mostrasse, era uma potencia, attrahia as multidões, fazia uma especie de concorrencia á Gruta. Para que só ficasse a Gruta, resplandecente de gloria, convinha que Bernadette se retrahisse, que passasse ao estado de lenda... Taes foram, por certo, as razões que determinaram o bispo de Tarbes, monsenhor Laurence, a apressar a partida. No que procederam mal foi em espalhar que desejavam subtrahil-a ás tentativas mundanas, como se temessem que a pobre rapariga pudesse cahir em peccado de soberba, entregando-se á vaidade, pela fama de santidade que a rodeava. E era fazer-lhe grave injuria, porque era tão incapaz d'orgulho como de mentira; nunca houve creança mais singela, mais modesta, mais encantadora...

Enthusiasmava-se, exaltava-se. De subito socegou e de novo lhe assomou aos labios o pallido sorriso.

—Confesso, acho-a adoravel; e quanto mais penso n'ella mais adoravel a acho. Mas não supponha, meu querido Pedro, que a crença me fez idiota de toda. Se existe hoje para mim o quer que seja superior á humanidade, se tenho necessidade d'acreditar em outra vida melhor e mais justa, sei que n'este mundo existem homens; e mesmo quando revestem o habito ou a batina, o seu mister é por vezes abominavel.

Fez-se novo silencio. Cada um d'elles meditava de si para comsigo. Depois o medico proseguiu:

— Quero communicar-lhe um pensamento que por varias vezes me occorreu. Admittamos que Bernadette não fosse a creança singela e intransigente, concedamos-lhe o espirito d'intriga e de predominio, façamos d'ella uma conquis-

tadora, uma directora de povos, e busquemos evocar o que se passaria então... Evidentemente seria d'ella a Gruta, seria d'ella a Basilica. Vel-a-hiamos, nas cerimonias religiosas, sentada n'um throno, sob um docel, com uma mitra d'ouro na cabeça. Seria a distribuidora dos milagres com um gesto soberano da sua mão pequenina, abriria o ceu ás multidões prostradas. D'ella irradiaria a luz, por ser a santa, a eleita, a unica a que coube o singular privilegio de se defrontar com a divindade. E, em summa, seria justo: tendo atravessado as inclemencias, era legitimo o exito, gosaria gloriosamente da sua obra..« Ao passo que, como vê, foi roubada, defraudada... As maravilhosas messes que semeou, outros as colhem. Durante os doze annos que passou em Saint-Gildard, ajoelhada na sombra, havia aqui triumphadores, padres revestidos de paramentos d'ouro, entoando canticos em acções de graça, benzendo egrejas e monumentos, erigidos á força de milhões. Só ella faltou ao triumpho da nova fé, que por suas mãos alevantára... Diz, meu filho, que ella sonhou! Oh! que bello sonho, que revolveu um mundo inteiro e do qual ella, a querida creatura, nunca despertou!

Pararam, e conservaram-se por instantes sentados n'uma pedra, á beira da estrada, antes de voltarem para a cidade. Em frente o Gave, bastante fundo n'este logar, deslisava, com as aguas azues, zebradas de manchas escuras; ao passo que, um pouco mais abaixo, alastrando-se sobre um leito de grandes seixos, se transformava todo em espuma, branca e ligeira, como a neve. Uma aragem fresca descia das serras, na pulverisação d'ouro do sol.

Pedro encontrára apenas novo motivo de revolta n'aquella historia de Bernadette explorada e supprimida; e, com os olhos no chão, meditava na injusta lei da natureza que quer que os astuciosos esmaguem os simples, que os fortes devorem os fracos.

Depois, levantando a cabeça:

—E o padre Peyramale, tambem o conheceu?

Os olhos do doutor tornaram a accender-se e respondeu com vivacidade:

—De certo! Um homem recto e forte, um santo, um apostolo! Foi, como Bernadette, o grande obreiro de Nossa Senhora de Lourdes. Como Bernadette, soffreu horrivelmente pela sua obra, e por ella morreu... Não se fica sabendo nem comprehendendo nada do extraordinario drama que aqui se passou quando se não conhece miudamente essa historia.

Então contou-a extensamente. O padre Peyramale era parocho em Lourdes, na época das apparições. Era um homem alto, d'hombros largos, de forte cabeça leonina, um filho do paiz, d'intelligencia viva, honradissimo, bondoso como os que o são, mas um tanto arrebatado e por vezes dominador.

Parecia talhado para a acção, inimigo de exageros beatos, desempenhando-se do seu ministerio com espirito largo e tolerante. Ao principio desconfiou, recusando acreditar nas narrativas de Bernadette, interrogando-a, exigindo provas. Só mais tarde, quando o tufão da fé se tornou irresistivel, abalando os mais rebeldes, arrastando as multidões, é que o parocho acabou por se inclinar; e ainda assim foi principalmente conquistado pelo seu amor pelos humildes e pelos opprimidos, no dia em que julgou Bernadette em risco de ir para a cadeia, porque tinha contra si as auctoridades civis: ameaçavam-lhe uma das ovelhas, o coração do pastor despertou, e empunhou em sua defeza o seu ardente enthusiasmo pela justiça e pela auctoridade. Depois, o encanto da creança operara n'elle. Via-a tão ingenua, tão veridica, que entrou a acreditar cegamente, e a querer-lhe como toda a gente lhe queria. Que razões haveria para pôr de banda o milagre, quando os livros santos estão cheios d'elles? Não era a um ministro da religião, por mais prudente que fosse, que competia fazer de espirito forte, quando populações inteiras cahiam de joelhos, e a Egreja parecia em vesperas de novo e grande

triumpho; sem levar em linha de conta que o conductor d'homens que existia n'elle, o director de multidões e o edificador, encontrára finalmente a sua via, o vasto campo em que exercesse actividade, a grande causa á qual se ia entregar por completo, com todo o impeto e sede de victoria.

Apoderou-se desde esse momento do padre Peyramale um pensamento unico: executar as ordens que a Virgem incumbira Bernadette de lhe transmittir. Presidiu ao arranjo da Gruta: collocou-se um gradamento, canalisou-se a agua da nascente, executaram-se trabalhos de terraplanagem para desimpedir as immediações. Mas a Virgem tinha pedido, principalmente que lhe construissem uma capella, e elle quiz que fosse uma egreja, uma grande basilica triumphal. O padre tinha vistas largas, apertando com os architectos, exigindo palacios dignos da Rainha do Ceu, confiando no auxilio enthusiastico da christandade inteira.

De resto, os donativos affluiam, das mais remotas dioceses cahia uma chuva d'ouro, que devia augmentar sempre e nunca cessar. Foram esses os annos felizes. Via-se a cada passo entre os operarios, a quem activava com os modos chãos d'homem jovial, sempre disposto a lançar a mão da trolha ou do alvião, no afan de ver realisar-se aquelle sonho. Mas os tempos da provação não tardavam a chegar: cahiu doente e estava em grave perigo de vida, no dia 4 de abril de 1864, quando a primeira procissão sahiu da sua egreja parochial para se dirigir á Gruta, procissão de sessenta mil peregrinos, que se desenrolava no meio de immenso concurso de povo.

No dia em que o abbade Peyramale, salvo pela primeira vez da morte, se levantou da cama, estava destituido. Já para o auxiliar na sua pesada tarefa, o bispo, monsenhor Laurence, lhe nomeára coadjuctor, um dos seus antigos secretarios, o padre Sempé, a quem incumbira da direcção da casa das missões de Garaison, casa fundada por

elle bispo. O padre Sempé, era magrinho, cheio de finura, de apparencia desinteressada e humilde, mas devorado no intimo, por todas as sedes da ambição. A principio mantivera-se no seu logar, servindo o parocho de Lourdes como fiel subordinado, occupando-se de tudo para o alliviar e tratando de se pôr ao facto de tudo, com o proposito de se tornar indispensavel. Por certo comprehendeu immediatamente em que rico filão se ia converter a Gruta, que rendimento collossal d'alli se podia tirar, com um bocado de habilidade. Não arredava pé do paço episcopal e impoz-se ao bispo, muito frio, muito pratico e que tinha grandes necessidades d'esmolas. E foi por este modo que conseguiu, quando o abbade Peyramale cahiu doente, que da parochia de Lourdes fosse separado o dominio inteiro da Gruta, que foi encarregado d'administrar, á testa d'alguns padres da Immaculada Conceição, de que o bispo o nomeou superior.

Não tardou a travar-se a lucta, uma d'aquellas luctas surdas, encarniçadas, mortaes, que zombam por vezes da disciplina ecclesiastica. Havia alli uma causa de rompimento e um campo de batalha em que esta ia ferir-se a golpes de milhões: a construcção de outra egreja parochial, mais vasta e mais condigna do que a velha egreja existente, cuja insufficiencia se tornára manifesta. De resto era já uma velha idéa do padre Peyramale, que pretendia ser o executor extricto das ordens da Virgem. A Virgem dissera, fallando da Gruta: «Hão de vir aqui em procissão.» E o parocho vira sempre os peregrinos partirem processionalmente da cidade, aonde do mesmo modo deviam voltar á noite, como de resto se fizera no principio. Tornava-se, pois, necessario um centro, um local de reunião e o padre sonhava um templo magnifico, cathedral de proporções gigantescas, podendo abrigar um povo inteiro. Com a sua indole de edificador, d'obreiro predilecto do ceu, via-a já elevar-se do terreno, levantar ao largo sol as torres todas vibrantes dos repiques dos sinos. Era ao mesmo tem-

pé a sua casa que elle queria edificar, o seu acto de fé e de adoração, o exemplo de que fosse o pontifice, e em que o seu triumpho se misturasse a doce recordação de Bernadette, em torno da obra de que o haviam desapossado. Naturalmente, a mesma pena que d'ahi lhe provinha a nova egreja parochial tinha um tanto o caracter de desforra, representava a sua parte de gloria, proporcionava-lhe ainda ensejo d'occupar a sua actividade militante, a fé-lo crer que o soffrimento, desde que, com o coração despedaçado, levara até lá se lesser a cruz.

Ao primeiro ou nova abalada d'enthusiasmo. A antiga cidade, que se sentia posta de banda, fez causa commum com o parocho, em presença da ameaça de ver todo o dinheiro, toda a vida affluirem a cidade nova, que brotava do chão em volta da Basilica. O municipio votou uma verba de cem mil francos, a qual, impensadamente, só devia ser entregue quando a egreja estivesse coberta. Já o padre Peyramale acceitara os planos do architecto, projecto que desejara grandioso, e já tratara com um empreiteiro de Chartres, que promettia concluir a egreja dentro de tres ou quatro annos, se as prestações combinadas se effectuassem com regularidade. Os donativos continuariam por certo a affluir de todos os lados, e o parocho mettia hombros, sem temor, á grande empreza, cheio de desenvolta coragem, confiando em que o céu o não abandonaria a meio caminho. Julgava poder contar com o apoio do novo bispo, Monsenhor Lourdan, o qual, depois de ter benzido a primeira pedra, pronunciou uma allocução em que reconheceu a necessidade e o merecimento da obra incipiente. E parecia que o padre Sempé, com a sua habitual humildade, se tivesse inclinado, acceitando esta concorrencia desastrosa, que ia obrigal-o a dividir: porque affectava entregar-se por completo á administração da Gruta e até autorisara que se collocasse na Basilica uma caixa de esmolas para a nova egreja parochial em construcção.

Depois recomeçou a lucta surda, desesperada. O padre

Peyramale, que era pessimo administrador, exultava, vendo a egreja crescer rapidamente. Os trabalhos proseguiam com actividade e o padre rejubilava, sempre convencido de que Nossa Senhora havia de pagar. Foi para elle um verdadeiro pasmo quando as esmolas rarearam e viu que o dinheiro dos fieis lhe não chegava ás mãos, como se alguem, na sombra, desviasse a corrente. E chegou um dia em que lhe foi impossivel effectuar os pagamentos promettidos. Entrava n'isso um sabio estrangulamento, que só mais tarde veio a perceber. O padre Sempé devia ter de novo attrahido para a Gruta o favor exclusivo do bispo. Chegou até a falar-se de circulares confidenciaes, enviadas ás dioceses, para que as remessas de dinheiro não continuassem a ser dirigidas para a parochia. A Gruta voraz, a Gruta insaciavel, queria tudo para si, devorava tudo; e as coisas foram a ponto tal que chegaram a desapparecer notas de quinhentos francos, deitadas na caixa das esmolas, na Basilica; defraudavam a caixa, roubavam a parochia. Mas o abbade, no seu amor pela egreja em construcção, que era sua filha, resistia com violencia, era capaz de dar o proprio sangue. Tinha fechado o contracto em nome da junta de parochia, mas quando não soube como havia de pagar, contractou em seu proprio nome. A sua vida cifrava-se n'aquillo e debalde empenhou os mais heroicos esforços. Dos quatrocentos mil francos ajustados só poude apurar duzentos mil e o municipio teimava em não entregar os cem mil francos promettidos, antes que a egreja tivesse o telhado assente. Era ir de encontro aos evidentes interesses da cidade. O padre Sempé, segundo se dizia, exercia pressão secretamente sobre o empreiteiro. De subito triumphou: os trabalhos pararam.

Então começou a agonia. O abbade Peyramale, o serrano d'hombros largos e rosto leonino, ferido no coração, cambaleou e tombou como roble fulminado. Cahiu de cama e não se tornou a levantar. Contavam-se casos: corria que o padre Sempé tentára introduzir-se no passal, com um pre-

texto pio, para verificar se o temivel adversario estava realmente em perigo de vida; e accrescentava-se que fôra necessario expulsal-o do aposento de dôr, onde era um escandalo a sua presença. Depois, quando o parocho se finou, vencido, consumido de desgostos, viram o padre Sempé, triumphante nas exequias, das quaes não haviam ousado afastal-o. Affirma-se que por essa occasião manifestára alegria, abominavel, que lhe transparecia no rosto, radiante do triumpho. Estava finalmente liberto do unico homem que lhe fazia sombra e de cuja legitima auctoridade se arreceava! Não tinha já que dividir com ninguem, visto acharem-se supprimidos os dois obreiros de Nossa Senhora de Lourdes, Bernadette no convento, o padre Peyramale no sepulcro. Só a elle, Sempé, ficaria pertencendo a Gruta, só para elle passariam a affluir as esmolas e poderia a seu bel-prazer applicar a verba de oitocentos mil francos, de que dispunha annualmente.

Concluiria os trabalhos gigantes que fariam da Basilica um mundo á parte, contendo em si todos os recursos, e ao mesmo tempo cooperaria para o esplendor da cidade nova, para isolar mais completamente a cidade velha, relegal-a por detraz do seu penhasco, como infima parochia, supplantada pelo esplendor da poderosa visinha. Era a realeza definitiva, todo o ouro e todo o dominio.

No emtanto, a construcção da nova egreja parochial, posto os trabalhos estivessem interrompidos, e ella em descanço dentro do seu tapume, ia em mais de meio, attingindo quasi as abobadas das naves lateraes. Erguia-se ali á maneira de ameaça permanente para um dia em que deliberassem concluil-a. Urgia acabar com ella de vez, tornal-a em irreparavel ruina. Proseguiu, portanto, o trabalho de sapa, maravilha de malvadez, de lenta destruição. Tratou-se primeiramente d'alliciar o novo parocho, um simplorio, o que se conseguiu a ponto de que este nem mesmo abria as remessas de dinheiro enviadas á parochia; toda a correspondencia contendo valores era levada dire-

ctamente aos padres da Immaculada Conceição. Em seguida criticaram o local escolhido para a nova egreja e fizeram redigir ao architecto diocesano um relatorio que declarava a antiga egreja em perfeito estado de solidez e sufficientemente ampla para as necessidades do culto. Mas, principalmente, exerceram pressão no animo do bispo, pondo provavelmente em relevo os inconvenientes da situação creados pelas difficuldades monetarias com o empreiteiro. Agora o padre Peyramale não passava d'um arrebatado, d'um teimoso, especie de doido cujo zelo indisciplinar estivera a ponto de compromettter a religião. E o bispo, esquecendo-se de que tinha benzido a primeira pedra, ordenou que a egreja fosse posta em interdicto, com prohibição de se celebrar n'ella qualquer serviço religioso, o que foi o supremo golpe. Intentaram-se processos interminaveis: o empreiteiro que, dos quinhentos mil francos de trabalhos executados só recebera duzentos mil, acabava de demandar o herdeiro do abbade, a junta de parochia e o municipio, visto este persistir na sua recusa de entregar os cem mil francos votados. Primeiro o Conselho da Prefeitura declarou-se incompetente; mais tarde, porém, tendo o Conselho d'Estado mandado baixar novamente o processo áquella instancia, condemnou o municipio a entrar com os cem mil francos e o herdeiro a concluir a egreja, pondo ao mesmo tempo a coberto a responsabilidade da junta de parochia. Mas aggravaram novamente para o Conselho d'Estado, que annulou a sentença e d'esta vez, conhecendo da causa, condemnou a junta de parochia, ou, á falta d'esta, o herdeiro, a pagar ao empreiteiro. Nem uma nem o outro tinham por onde pagar e a situação ficou n'este pé. Os processos duraram vinte annos. Resignado o municipio a pagar a sua parte de cem mil francos, só se ficaram devendo ao empreiteiro duzentos mil. O peor era que as custas e juros accumulados, avolumaram a tal ponto a importancia primitiva, que andava agora por seiscentos mil francos; e como por outro lado estava orçado em quatro-

centos mil francos o dinheiro necessario para concluir a egreja, era portanto um milhão a quantia precisa para salvar de destruição certa a recente ruina. Desde esse dia os padres da Gruta puderam dormir socegados; a egreja por sua vez estava morta, assassinada por elles.

Os sinos da Basilica repicaram festivos. O padre Sempé reinou victorioso, ao sahir da lucta gigante, lucta de facadas, em que se mataram pedras, depois de se ter morto um homem, na sombra das sacristias. E a velha Lourdes, soffreu duramente as consequencias de não ter apoiado com vigor o seu parocho, que succumbira na brecha, por amor da sua parochia; porque, desde então, a cidade nova não cessou de crescer e de prosperar á custa da cidade velha. Todas as esmolas affluiam á primeira, os padres da Gruta nadavam em dinheiro, commanditavam hospedarias e lojas de cerieiro, vendiam a agua da nascente, posto lhes fosse vedado, por clausula formal do contracto com o municipio, entregarem-se a negocios de qualquer genero. Toda a região se contaminava: o triumpho da Gruta provocara tal anceio de lucro, febre tão intensa de possuir e de gosar que, sob a caudal dos milhões, uma extraordinaria preversão se agravava de dia para dia, trocando em Sodoma e em Gomorrha a Bethleem de Bernadette. O padre Sempé completava o triumpho de Deus, na abominação humana, no meio de desastradas almas. Brotavam do solo construcções gigantes, haviam-se já despendido cinco ou seis milhões, sacrificando tudo á vontade absoluta de pôr de banda a parochia, para guardar toda a presa. As rampas colossaes, que tanto dinheiro custaram, construiram-se com o proposito unico d'illudir o pedido da Virgem, desejando que os fieis viessem á Gruta em procissão. Não se podia chamar procissão o sahir da Basilica pela rampa da esquerda e tornar a subir pela da direita; era andar á roda no mesmo logar. Mas os padres tinham conseguido que se sahisse dos seus dominios para voltar a elles, de forma a serem os unicos proprietarios, os rendeiros poderosos, que enceleiravam

toda a colheita. O padre Peyramale fôra enterrado na crypta da sua egreja, por acabar e em ruinas, e Bernadette por muito tempo agonisara longe, no fundo d'um convento, onde a estas horas dormia egualmente o somno eterno, sob a lage d'uma capella.

Fez-se demorado silencio, depois que o doutor Chassaigne concluiu a extensa narrativa. Depois levantou-se com difficuldade.

—Meu querido filho, são quasi dez horas e desejo que vá descançar um bocado... Voltemos.

Pedro seguiu-o, silencioso. Voltaram para a cidade com passo mais apressado.

—Ah! decerto, continuou o doutor, houve profudos desgostos e commetteram-se grandes iniquidades. Que quer? o homem estraga as mais bellas obras... E o que lhe não é possivel imaginar é a pungente tristeza das cousas que acabo de contar-lhe. É preciso vel-as, tocar-lhes com o dedo. Quer que o acompanhe esta tarde ao quarto de Bernadette e á egreia por acabar do padre Peyramale?

—Certamente, da melhor vontade!

—Pois bem! depois da procissão das quatro horas encontramos-nos em frente da Basilica e vem comigo.

E não trocaram mais palavra, mergulhados ambos nos seus pensamentos.

Á direita d'elles, o Gave corria agora n'uma garganta profunda, especie de córte na montanha onde se engolphava, desapparecendo por entre os arbustos. Mas, uma ou outra vez, entrevia-se-lhe uma nesga esbranquiçada, semelhante a prata fosca. Mais abaixo, depois de brusco desvio, tornava a encontrar-se correndo com mais largueza n'uma planicie, espalhando-se em largos lençoes que deviam mudar varias vezes de leito, por isso que o chão, d'areia e seixos, se achava ravinado em diversos sentidos. O sol começava a aquecer fortemente, já alto no vasto céo, cujo limpido azul era mais intenso, junto do horizonte, fechado pelo amplo cêrco de montanhas.

Foi n'este cotovello da estrada que Lourdes tornou a apparecer, ainda distante, aos olhos de Pedro e do doutor Chassaigne. Sob a esplendida luz da manhã, a cidade alvejava ao longe, envolvida n'uma poeira de purpura e ouro, com os edificios, os monumentos, cada vez mais distinctos a cada passo que os approximava. E o doutor, sem proferir palavra, mostrou ao companheiro a cidade crescente, com gesto largo e triste, como para a tomar por testimunha da historia que havia narrado. Era o exemplo vivo, resaltando á deslumbrante luz do dia.

Já, por entre a verdura, se distinguia o brazido da Gruta, enfraquecido áquella hora. Ao lado estendiam-se os trabalhos gigantes, o caes de cantaria, ao longo do Gave, cujo curso fôra mister desviar, a ponte nova que ligava os modernos jardins ao «boulevard» recentemente aberto, e as rampas colossaes, e a pesada egreja do Rosario, e a airosa Basilica, dominando tudo com graciosa sobranceria. Nas immediações não se via, da cidade nova, áquella destancia, senão a agglomeração de fachadas brancas, o reflexo do sol espelhando-se nas ardosias novas dos telhados, os vastos conventos, os grandes hoteis, a opulenta cidade surgindo como por encanto do antigo solo, pobre e nú, ao passo que, por detraz da mole penhascosa em que se alçavam as muralhas derruidas do Castello, appareciam, confusos e perdidos ao longe, os telhados humildes da cidade velha, conglomerado de pequenos telhados carcomidos pela idade, apertados timidamente uns contra os outros. E, como fundo a esta evocação da vida d'hontem e da vida d'hoje, os dois Gers, o grande e o pequeno, erguiam se, interceptavam o horisonte com os flancos núus, que os raios obliquos do sol zebravam de tons amarellos e côr de rosa.

O doutor Chassaigne quiz acompanhar Pedro até ao hotel das Apparições, e só ahi se separou d'elle, lembrando-lhe o encontro aprasado para a tarde. Ainda não eram onze horas. Pedro, a quem o cansaço, subitamente, acabava de prostrar, fez diligencia por comer alguma coisa, antes de

se metter na cama; porque bem sentia que a falta d'alimentação entrava em larga parte no seu desfallecimento. Por fortuna encontrou um lugar desoccupado na mesa redonda, comeu a dormir, d'olhos abertos, sem reparar no que lhe serviam; em seguida subiu ao quarto e lançou-se sobre o leito, depois de ter encontrado forças para recommendar á criada que o accordasse ás tres horas.

Mas quando se achou estendido na cama, o estado febril impediu-o, a principio, de fechar os olhos. Um par de luvas, esquecido no quarto proximo, trouxera-lhe á lembrança M. de Guersaint, que antes de romper o dia partira para Gavarnie, e que á tarde devia estar de volta. Que feliz dom a incuria! Elle, Pedro, n'aquelle momento, com os membros despedaçados de fadiga, e o espirito sobresaltado, experimentava tristeza mortal. Tudo parecia conspirar-se contra a sua boa vontade a reconquistar a fé da infancia. A tragica historia do padre Peyramale viera ainda aggravar a revolta que lhe causára a lenda de Bernadette, eleita e martyr. A verdade, que viera procurar a Lourdes, em logar de lhe restituir a crença, iria redundar n'um odio mais entranhado á ignorancia e á credulidade, na amarga certeza de que o homem está só no mundo, com a sua rasão?

Por fim adormeceu. Mas imagens continuavam a fluctuar-lhe no somno inquieto. Era Lourdes, corrompida pelo dinheiro, tornada em lugar de perdição e de abominação, transformada em vasto bazar, onde tudo se vendia, missas e almas. Era o abbade Peyramale, morto e sepultado no meio das ruinas da sua egreja, entre as ortigas que a ingratidão semeara. E não socegou, não gosou a doçura do anniquilamento, senão quando uma ultima visão, pallida e digna de dó, se apagou: a de Bernadette, em Nevers, ajoelhada na sombra, scismando de longe na sua obra, que não devia jámais contemplar.

QUARTO DIA

I

No hospital de Nossa Senhora das Dores, essa manhã, Maria ficára sentada na cama, encostada a almofadas. Tendo passado a noite inteira na Gruta não quiz voltar; e como M.me de Jonquière se approximasse para ageitar uma das almofadas perguntou-lhe:

—Então que dia é hoje, minha senhora?

—Segunda-feira, minha querida filha.

—Ai, é verdade. Nem a gente dá pelo correr da vida... E depois sinto-me tão feliz! é hoje que Nossa Senhora ha de curar-me.

E sorria divinalmente com a expressão de quem sonhasse acordado, os olhos vagueando no espaço, tão ausente de si propria, tão absorta na ideia fixa, que não via, ao longe, senão a certeza da sua esperança. E a enfermaria de Santa Honorina acabava de despejar-se em volta d'ella; todas as doentes tinham ido para a Gruta; só, no leito visinho, ficára M.me Vêtu, agonisante. Mas Maria nem a via, enlevada no repentino socego que se estabelecera Tinham aberto uma das janellas que deitavam para o pateo; o sol da radiosa manhã entrava n'um largo feixe, cuja poeira d'ouro, precisamente, lhe dansava sobre o lençol, banhando-lhe as mãos pallidas. Era tão consolador ver a enfermaria, tão lugubre de noite, com a accumulação dos leitos de dor, o cheiro nauseabundo, os gemidos do pesadello, agora, subitamente innundada pelo sol, refrescada pelo ar da manhã e mergulhada em tão doce silencio!

—Porque não faz dilígencia para dormir um bocado, proseguiu maternalmente M.me de Jonquière. Deve estar extenuada d'uma noite inteira de vigilia.

Maria pareceu surprehendida, sentindo-se n'esse instante, tão leve,—como que pairando,—tão leve, que nem sentia os membros.

—Mas não estou nada cançada, não tenho somno... Dormir! nada, nada; seria triste não poder pensar que vou recuperar a saude.

A directora sorriu-se.

—Então porque não quiz que a levassem á Gruta?

—Eu não estou só, minha senhora, estou com ella.

E, extatica juntou as mãos, emquanto evocava a sua visão.

—Sabe que a vi esta noite, inclinando para mim a cabeça, sorrindo-me...

Eu bem entendi, bem lhe ouvi a voz, sem ella abrir os labios. Ás quatro horas, quando passar o Santissimo Sacramento, estarei curada.

M.me de Jonquière, um tanto inquieta pela especie de somnambulismo em que a via, quiz socegal-a. Mas a doente respondia:

—Não, não; não estou peior, espero... Mas bem entende, minha senhora, que não tinha necessidade d'ir á Gruta esta manhã, porque foi para as quatro horas que ella me disse...

E accrescentou mais baixo:

—Pedro ha de vir buscar-me ás tres e meia... Ás quatro hei de estar curada.

O sol trepava-lhe vagarosamente pelos braços nus, transparentes, d'uma delicadeza morbida; ao passo que os admiraveis cabellos louros, soltos sobre os hombros, similhavam um manto do proprio astro, envolvendo-a toda. Do pateo subiu um canto d'ave que lançou um estremecimento d'alegria no silencio placido da sala. Crianças que se não viam deviam brincar ali perto, porque, a espaços, elevavam-se tambem no ar tepido, d'uma deliciosa tranquillidade, gargalhadas frescas e ligeiras.

—Vamos lá, concluiu M.me Jonquière, não durma se não

tem somno; mas conserve-se muito quieta porque assim sempre descançará.

Mas no leito proximo M.me Vêtu expirava. Não se tinham abalançado a leval-a á Gruta com receio de a ver acabar pelo caminho. Fechára os olhos havia um instante e soror Jacintha, que a examinava, chamou com um gesto M.me Désagneaux para lhe communicar a sua má impressão. Agora, ambas, inclinadas sobre a moribunda observavam-n'a com crescente cuidado. A face tornára-se mais macilenta, côr de lama; as orbitas tinham-se-lhe cavado mais, os labios como que se lhe adelgaçavam; e o estertor começava, sopro lento e pestilencial, empestado pelo cancro, que acabava de lhe corroer o estomago. Bruscamente levantou as palpebras, e assustou-se ao ver as duas caras inclinadas para a sua.

Estava então muito proxima a morte para a espreitarem assim! no olhar pintou-se-lhe immensa tristeza, saudade desesperada da vida. Não era revolta violenta, que lhe não restavam já forças para reagir; mas que horrivel destino, deixar a loja, o marido, as cousas a que estava habituada, para vir morrer tão longe! Arrostar com o abominavel supplicio de tal viagem, rezar dia e noite, e não ser ouvida, e morrer quando outras recuperavam a saude!

Mal poude gaguejar:

— Ai, como eu soffro, ai, como eu soffro... Peço-lhes que façam seja o que for, façam ao menos com que eu deixe de soffrer.

A pequenina M.me Désagneaux, com a sua tez côr de leite emoldurada pelo emaranhado dos seus cabellos louros estava afflictissima. Não se acostumara a ver agonisantes e daria metade do coração, affirmava, para salvar a pobre mulher. E ergueu-se, chamou de parte soror Jacintha, que tambem sentiu os olhos marejados de lagrimas, mas conformada já, com a ideia da salvação ganha por uma boa morte. Na verdade, não havia nada a fazer? não se podia tentar qualquer coisa, como pedia a moribunda? n'aquella

mesma manhã, duas horas antes, o abbade Judaisse viera ministrar-lhe os sacramentos. Commungára, tinha os soccorros do céo; eram os unicos com que podia contar por isso que havia muito nada esperava dos homens.

— Nada, nada, devemos tentar alguma coisa, exclamou Madame Désagneaux.

E foi buscar Madame de Jonquière, junto do leito de Maria.

— Ouve, minha senhora, os gemidos d'aquella desgraçada? Soror Jacintha diz que só lhe restam algumas horas de vida. Mas não podemos deixal-a soffrer assim... Talvez haja um calmante... Porque se não hade mandar chamar o medico que ahi está?

— Decerto, replicou a directora. Immediatamente!

Nas enfermarias nunca se pensava no medico, excepto por occasião das crises terriveis; quando alguma das doentes soltava uivos de dor.

A propria soror Jacintha, admirada de não ter pensado em Ferrand, que sabia achar-se n'uma sala proxima, perguntou:

— Quer que vá chamar o doutor Ferrand, minha senhora?

— Pois decerto! Traga-o depressa.

E, logo que a religiosa sahiu, Madame de Jonquiére, com o auxilio de Madame Désagneaux levantou um pouco a cabeça da moribunda, cuidando assim proporcionar-lhe algum allivio. N'essa manhã as duas senhoras achavam-se sós; todas as outras irmãs hospitaleiras tinham ido tratar dos seus negocios ou das suas devoções. No fundo da grande enfermaria vasia, d'esse socego tão doce, em que se infiltravam os tepidos raios do sol, continuava apenas a ouvir-se a espaços, o riso leve da creança que se não via.

— Será a Sophia quem está a fazer toda esta bulha? disse de repente a directora, um tanto enfadada, pela idéa da grande catastrophe prevista.

Dirigiu-se rapidamente para o fundo da sala; e era effectivamente Sophia Couteau, a pequena do milagre do anno

precedente, que, sentada no chão por traz d'uma cama, se divertia, apesar dos seus quatorze annos, a fazer uma boneca de trapos. Conversava com ella e estava tão feliz, tão absorta no brinquedo, que ria de contentamento.

—Então, ponha-se direita, menina! Danse lá uma polka, para vêr. Vá! Um, dois, danse, gire! Agora vá dar um beijo em quem quizer.

Mas M.me de Jonquière approximava-se.

—Minha filha, está ali uma doente muito mal e que soffre muito... Não ria tão alto.

—Ai! minha senhora, eu não sabia!

Levantou-se, conservando a boneca na mão, pondo-se muito séria.

—Está para morrer, minha senhora?

—Receio que sim, minha querida filha.

Então Sophia calou-se, seguiu a directora, sentou-se n'uma cama proxima e com os grandes olhos, cheios d'ardente curiosidade, sem medo algum, ficou-se a contemplar a agonia de M.me Vêtu. Nervosa, M.me Désagneaux impacientava-se por não vêr chegar o medico; ao passo que Maria, extasiada, inundada de sol, parecia conservar-se extranha ao que em volta d'ella se passava, immersa na expectativa do milagre.

Soror Jacintha não encontrara Ferrand, na saleta onde habitualmente se conservava, perto da rouparia, e andava a procural-o por toda a casa. Nos dois dias anteriores, a extranheza do joven medico tinha ido crescendo, ao vêr que n'aquelle singular hospital lhe não reclamavam o auxilio senão para os agonisantes. A pequena ambulancia pharmaceutica que trouxera tornava-se mesmo inutil, visto que os doentes não estavam ali para se tratar, mas simplesmente para se salvarem, na fulminação d'um prodigio; por isso limitava-se a applicar pilulas d'opio, que adormeciam as dôres demasiado agudas. Assistira, estupefacto, a uma visita do doutor Bonamy atravez das enfermarias. Era um simples passeio; o medico vinha como curioso, não se

interessando pelos doentes a quem nem examinava nem interrogava. Apenas se preoccupava com as suppostas curas, detendo-se junto das mulheres a quem reconhecia por tel-as visto no seu consultorio, onde eram verificados os milagres. Uma d'ellas soffria de tres doenças e Nossa Senhora só se dignara cural-a d'uma; mas restavam fundadas esperanças de que o mesmo succederia com as outras. Por vezes uma infeliz, curada na vespera, interrogada sobre o seu estado, respondia que as dôres tinham voltado, o que não alterava a serenidade do facultativo, sempre conciliador, appelando para o ceu para que o ceu terminasse o que começara. Pois já não era tão bom quando se manifestavam melhoras? Por isso tambem a sua phrase habitual era: ha um principio de melhoras, esperem com paciencia! Mas o que o doutor mais temia eram as importunidades das irmàs hospitaleiras, que todas queriam detel-o para lhe mostrar casos extraordinarios. Cada uma d'ellas se envaidecia em contar na sua enfermaria as mais graves doenças, casos excepcionaes, horriveis, e anciava por fazel-os verificar para que o triumpho futuro fosse mais completo. Esta segurava-o por um braço, affirmava-lhe que estava certa de ter um caso de lepra. Outra supplicava-o, fallava-lhe d'uma rapariga cuja região lombar se achava coberta d'escamas de peixe. Aquella segredava-lhe ao ouvido particularidades espantosas ácerca d'uma senhora casada, da melhor sociedade. O clinico escapava-se, não visitava nenhuma, promettia voltar, mais tarde, quando lhe sobrasse tempo. Declarava que se fôra a dar ouvidos ao que lhe diziam as irmãs, passaria o tempo em consultas inuteis. Depoïs, de repente, parava defronte d'uma «miraculada», chamava Ferrand com um signal, exclamando: «Ah! aqui tem o collega a cura interessante!» E Ferrand, atordoado, tinha de o ouvir reconstituir a doença, desapparecida por completo á primeira immersão na piscina.

Por fim o abbade Judaine, a quem soror Jacintha encontrou, disse-lhe que acabavam de chamar o medico para a

enfermaria dos «casados». Era a quarta vez que lá descia por causa de frei Isidoro, cuja tortura não cessava. O mais que podia fazer era enchel-o d'opio. No seu martyrio, o pobre frade supplicava só que lhe acalmassem um pouco as dôres para ter forças para se arrastar aquella tarde até á Gruta, onde não pudera ir de manhã. Mas a dôr augmentava, e perdeu os sentidos.

Quando a religiosa entrou encontrou o medico sentado á cabeceira do missionario.

—Doutor Ferrand suba depressa commigo á enfermaria de Santa Honorina, onde temos uma doente a expirar.

O medico sorriu-lhe; sempre que a via sentia-se animado e reconfortado.

—Já a acompanho, minha irmã. Um minuto só; desejava reanimar este desgraçado.

Soror Jacintha armou-se de paciencia, procurava tornar-se util. A enfermaria «dos casados» ao rez do chão, tambem se achava innundada de sol, banhada pelo ar que entrava pelas tres grandes janellas, que deitavam para estreito jardim. Só, com frei Isidoro, M. Sabathier tinha ficado na cama, para descançar, emquanto sua mulher, aproveitando o ensejo, sahiu a fazer algumas compras, medalhas e imagens destinadas a presentes. Beatificamente encostado á almofada, passava por entre os dedos as contas d'um rosario; mas já não resava, continuava por uma especie de distracção machinal com os olhos fitos no seu visinho, cuja crise acompanhava com doloroso interesse.

—Ah! soror Jacintha, disse elle para a irmã hospitaleira, que se approximara, o pobre frade enche-me de admiração! Hontem, cheguei por instantes a duvidar da Virgem, ao vêr que ella se não dignava ouvir-me, apezar de aqui vir ha sete annos a fio; e foi o exemplo d'esse martyr, tão resignado no meio da sua tortura, que me fez envergonhar da minha pouca fé... Não imagina o que o pobresinho soffre, é preciso vel-o em frente da Gruta com os olhos ardentes em que transparece uma esperança sublime!... É

realmente uma belleza; faz-me lembrar um quadro que ha no Louvre, de um auctor italiano, desconhecido, em que ha uma cabeça de monge assim, divinisada pela fé.

No homem fulminado, que para commover o céo, se fizera «hospitalizar» como um pobre, reapparecia agora o antigo homem de letras, educado na tradicção universitaria, com o espirito cheio de litteratura e de arte. Mas cahiu em si, concentrou-se na tenacidade da sua esperança, que a inutilidade de sete viagens a Lourdes não conseguira abater:

— Emfim, ainda tenho esta tarde, visto que só amanhã partimos. A agua é fria a valer, mas pedirei que me mergulhem outra vez; e desde pela manhã que não faço senão resar, pedindo perdão das impaciencias de hontem... Não é verdade, minha irmã, que basta um segundo para que a Virgem salve um de seus filhos?... Seja feita a sua vontade e abençoado o seu nome.

Voltara a rezar padre-nossos e ave-marias, fazendo deslisar vagarosamente as contas do rosario, ao passo que as palpebras se lhe cerravam quasi, no meio do rosto amollecido, que retomava uma expressão infantil, apoz tantos annos de vida passada longe da sociedade.

Mas Ferrand, com um gesto, chamara Martha, irmã de frei Isidoro. A pobre rapariga estava para ali, parada, aos pés da cama, de mãos a abanar, a olhar para o moribundo, a quem adorava, mas sem uma lagrima, com uma resignação filha da sua estreiteza de idéas. Como um cãosinho dedicado, seguira o irmão, gastando as miseraveis economias, não servindo senão para o ver soffrer. De modo que quando o medico lhe disse que tomasse o doente nos braços e o levantasse um bocadito, Martha sentiu-se feliz por poder tornar-se util. Houve como que um clarão no seu rosto espesso e tristonho, cheio de sardas.

— Segure-o, menina, emquanto eu vejo se lhe dou isto a beber.

Martha levantou-o e Ferrand conseguiu introduzir-lhe com

uma colhersinha, entre os dentes apertados, algumas gottas de liquido. Quasi immediatamente o doente abriu os olhos e suspirou profundamente. Estava agora mais socegado; o opio, exercendo acção, adormecia-lhe a dor que sentia do lado direito, como um ferro em braza. Mas estava tão fraco que quando quiz falar tiveram de lhe approximar o ouvido da bôcca.

Com um gesto da mão pediu a Ferrand que se inclinasse.

(Continúa)

Emile Zola

A RAINHA DA ROUMANIA

Carmen Sylva

Ao dr. Sergio de Castro

Lammenais disse uma vez: «A minha alma nasceu já ferida.»

Esta phrase podia applicar-se á rainha da Roumania, cuja alma foi sempre propensa á tristeza e ao soffrimento.

Bem sei que nem tudo foram rosas na vida d'esta princeza; sei que se familiarisou cedo com a dôr passando parte da mocidade á cabeceira da mãe paralytica e de um irmão cuja existencia foi uma agonia de onze annos; e que viu descer ao tumulo um pae adoravel e adorado e uma filha estremecida: a sua unica filha. Mas sei tambem que a estes desgostos corresponderam muitas alegrias, que a sua sorte na terra foi brilhante e que, comparando ao seu outros destinos, podia considerar-se e sentir-se relativamente feliz.

Feliz, porém, nunca o foi. A rainha nasceu predestinada para o infortunio; não para aquelle infortunio que reside em coisas e acontecimentos independentes da nossa vontade; mas para a grande, a irremediavel desgraça que reside em nós mesmos e que é o fructo de uma intelligencia superior ligada a uma alma doente.

A 13 de dezembro de 1875 escrevia ella a sua mãe: «Acabei um novo conto. É muito triste. Raras vezes são alegres os productos da minha imaginação, talvez mesmo nunca o fossem. Já em creança as minhas historias eram tetricas, horriveis. Os risos são só á superficie. Pendem em volta de mim como claros atavios... A causa d'isto será a rara fusão do teu caracter com o de meu pae? Ou será a vida com todos os seus males?»

Sua Magestade esqueceu-se d'este pensamento de Aristoteles, que junto ás suas hereditariedades e atavismos lhe daria a chave do enigma: «*a tristeza é inherente ás grandes intelligencias.*»

A princeza Isabel Otilia Luiza, nascida a 29 de dezembro de 1843 e filha do principe Guilherme Hermann de Wied-Neuwied e da princeza Maria de Nassau, irmã da rainha da Suecia, foi, pois, desde a adolescencia, uma melancholica, uma triste, uma d'estas almas dolorosas e inquietas designadas pela sorte só para soffrer e amar.

Ao sabermos isto e ao vermos a amargura que respira a sua obra litteraria e as agonias philosophicas que a atormentam em face do enigma do mal, já nos não admira que, embora isenta de muitas experiencias rudes, ella não seja alheia nem indifferente ás desoladoras miserias humanas.

Effectivamente, esta princeza, nascida entre as brumas do Norte e hoje rainha no Oriente, amimada e adulada desde a infancia, embalada por tantas doçuras, rodeada de tantos carinhos, tem sondado muitos abysmos por mais negros e fundos que sejam; conhece a fundo — o que é raro nas mulheres do seu nascimento — as agonias, as paixões, as luctas que agitam e esphacelam o coração da humanidade, e com ellas se tem identificado a ponto de as tornar suas.

Duas coisas me surprehendem ao estudar a vida e os livros d'esta senhora: é como a sua grande intelligencia e o seu saber não a preservaram melhor de algumas illu-

sões em que ingenuamente cahiu, e como o seu fino criterio não percebeu nem lhe evitou os dissabores que iria crear querendo conciliar o que é perfeitamente inconciliavel: a sua missão de rainha com a carreira de escriptora.

Para que a mulher possa airosamente abalançar-se á vida litteraria é necessario estar emancipada de todo o jugo, ou então ter por marido um homem de lettras tambem. A condição essencial para toda a mulher artista é ser independente, porque só assim estará á vontade para dizer o que pensa e sente sobre a sociedade e a vida, sobre a religião e o amor, sobre si e sobre os outros. Se o natural recato e timidez femininas nos tolhem tantas vezes os passos, mesmo em plena liberdade, imagine-se o que será quando uma escriptora tenha de occupar ao mesmo tempo a posição official e culminante de rainha! Como poderá ella, sem offender nem affrontar os convencionaes preconceitos a que a etiqueta palaciana a obriga, analysar as pequenas miserias e os vicios ou ridiculos d'aquelles que a rodeiam! Como ousará dizer o que pensa á sociedade cujas mentiras convencionaes é mais do que ninguem obrigada a acatar? Como mostrar os anceios do seu inquieto coração, se tem ao lado um marido, a quem quando não ama tem de fingir amar, e fitos n'ella os olhos de Argus de uma nação inteira de quem depende, e que não a comprehendendo—e é esse o caso com a rainha da Roumania — irá deturpar os seus mais nobres intentos, interpretar falsamente as suas acções?

Foi mesmo a princeza de Wied que o disse: «o officio de rainha exige apenas tres qualidades: belleza, bondade e fecundidade.»

Com estes tres requisitos, pois, póde ser-se uma rainha adoravel e adorada; com os dotes, porém, que distinguem a rainha Isabel da Roumania é-se sempre uma rainha infeliz e calumniada.

«Por muitos annos considerei o meu talento uma infelicidade, julgando-o inconciliavel com a minha posição», diz

eila. Pena é que a augusta senhora julgasse depois o contrario. Ter-lhe-hia sido melhor abafar as expansões intimas, adorando e cultivando a arte sem dar publicidade aos seus trabalhos.

Na sua excepcional situação, com um bocadinho mais de subtileza, de criterio e força de vontade, Carmen Sylva podia, sem dar uma linha sua ao publico, render culto á arte, immortalisar-se e desafogar ao mesmo tempo. Bastava-lhe proteger sob todas as fórmas—e isso fez—os bons artistas, mostrar-lhes, a elles só, a sua prosa e os seus versos, e seguir o exemplo da graciosa e inolvidavel Henriqueta de Inglaterra, que teve o raro tacto de escolher para sua confidente a adoravel condessa de Lafayette e de pedir-lhe que escrevesse as suas *Memorias*, o que a condessa fez com a delicadeza e o sentimento que lhe eram peculiares. Por esta fórma, a rainha da Roumania teria deixado, ao morrer, a sua alma inteira á posteridade.

Bem sei que não é facil deparar com a *divina razão* e a intelligencia da auctora da *Princeza de Clèves*, e que não é entre as Vacarescos que existem condessas de Lafayette. Em todo o caso, com paciencia e perspicacia, a rainha talvez encontrasse,—o que lhe seria um bem e lhe evitaria decerto o escrever, na *Servidão do Pélesch*, esta tristissima pagina, que é uma pungente confissão: «... o que havia de mais terrivel n'esta floresta é que atravez d'ella perpassava o rumor de todo o mal imaginavel que podiam inventar á minha custa. Preferi o grande silencio indifferente do deserto de gelo. Riam-se de vêr nas pontas dos meus dedos uma nodoa de tinta inextinguivel e querida, e a minha arte foi a tal ponto ridiculisada que prometti a mim mesma renunciar á poesia. Sim, até mesmo a minha dolorosa viagem atravez da vida foi objecto de sarcasmos, e as proprias palavras que me serviram de divisa e de talisman: «Pelo meu paiz! pelo meu paiz! pelo meu paiz!» foram tão cruelmente apupadas, que tive de tapar os ouvidos para não ouvir. Mas os cardos arrancaram-me as mãos dos ouvidos

para me forçarem a soffrer os insultos que me opprimiam por todos os lados.»

Quem não adivinha o soffrimento que dictou todo este trecho?

E quem não presente que com um bocadinho de tactica a rainha podia ter-se rido á custa dos que d'ella se riem?

«*Jesus crucificado, Socrates envenenado, Phidias accusado de roubo... É mais uma honra ser-se maltratado pelos nossos contemporaneos.*»

Tal é a desconsoladora consolação que Sua Magestade vae buscar, vibrando, com o seguinte paradoxo, o seu desdem aos jornalistas, que compara espirituosamente ás moscas, por não haver para elles coisa nenhuma que seja sagrada. «*Se Guttemberg houvesse presentido o jornalismo teria destruido a sua obra.*»

Foi, porém, só depois do seu casamento, em 1869, com o principe Carlos de Hohenzollern, depois rei da Roumania, que a rainha, sob o pseudonymo de Carmen Sylva, publicou os seus trabalhos litterarios. Até alli tudo quanto por necessidade imperiosa do seu temperamento lançava ao papel era immediatamente escondido.

Mostrava apenas as traducções, para allemão, de alguns poetas roumaicos, aprendendo, já depois de casada, com instinctivo amor de trabalho e admiração profunda por todas as producções da intelligencia — admiração que a levou, ainda em solteira, achando-se na Suecia, a estudar o sueco, só para lêr no original os poemas de Tegner — a construir os versos segundo as regras, que não sabia, com o distincto escriptor Guilherme de Kotzebue. Em 1874, e após a perda de sua filha, é que a rainha da Roumania, achando-se com sua mãe em Inglaterra, hospedas ambas de Max Muller, ousou, na presença do illustre philólogo e do poeta Kingsley, mostrar e offerecer áquelle algumas das suas primicias litterarias, sob o titulo: *A minha viagem atravez do mundo.*

Os seus primeiros trabalhos impressos foram: *Hammerstein*, e *Sappho*, poema escripto n'um impeto de colera contra Grillparzer, que apresentara uma Sappho completamente subjugada pelo sensualismo, desnorteada por uma indigna aventura amorosa, paixão rasteira, que, — bem filha do Norte pelo idealismo, — Carmen Sylva lhe repugna admittir como motivo principal de acção.

Que acanhamento adoravel o seu, ao confessar ao illustre poeta roumaico Alexandri, «*que tambem fazia versos!*» Como ella, tão grande pelo nascimento e pela sua alliança, se considera pequena e humilde ao vêr-se em presença de um talento! O que então experimenta sabemol-o nós, lendo este pensamento: *Ajoelhemos deante do artista, porque elle tem uma attribuição da divindade: o poder creador.*

Antes, porém, de entrar definitivamente na carreira das lettras houve para a rainha uma epoca de grandes e instinctivos temores, e d'elles parecem resentir-se quasi todas as suas producções.

Os assumptos que, dado o seu feitio, mais deveriam interessal-a, os complexos e delicados dramas do coração e da consciencia, são quasi sempre postos de parte. As suas primeiras collecções poeticas compõem-se de hymnos de enthusiasmo aos seus tres amigos: a Canção, o Rheno e a Floresta; de suaves e pueris descripções das simples alegrias de familia; de odes como *Calafat*, em honra do marido, vencedor da batalha contra os turcos entre Calafat e Widdin, ou de elegias á filha adorada, nascida em 1870 e que a morte lhe arrebatou em abril de 1874. Vêm depois *Os contos do Pelesch*, verdadeiro concerto das montanhas, coustando de antigas lendas dos Carpathos, por ella poeticamente resuscitadas. Seguem-se poemas philosophicos e symbolicos como a *Feiticeira*, inspirado por uma estatua de Carlos Caner, em que a idéa fundamental é que a pureza domina a paixão e o demonio, mas ao dominal-os perde a vida, porque quando se lucta contra o poder da natureza,

morre-se; *Jehovah*, onde Carmen Sylva tenta representar, sob a fórma de Ashavero, a duvida da alma humana ao perguntar se Deus existe; e *Leidens Erdengang*, cyclo de contos, que encerra a seguinte pergunta: «para que serve a dôr?»

Não seria melhor, em vez d'esta interrogação isolada, perguntar logo para que serve e o que significa tudo, visto que a dôr é consequencia da vida, mysteriosamente ligada ao Amor e á Morte? E nos seus *Novos Contos* e *Novellas*, como nos seus romances e até mesmo no seu ultimo livro, a *Servidão do Pelesch*, apesar de mais desafogada das primitivas preoccupações, sente-se sempre o pisar cauteloso de quem vae, com receio, avançando. Sem esse receio, que bellas e curiosas paginas Carmen Sylva decerto nos daria!

Se não, leiam os tres contos em que ella mais se nos revela: *Uma folha ao vento*, *Uma carta*, e *Tão simples*, a meu vêr a mais delicada, a mais elegante, a mais colorida e a melhor, sob o ponto de vista esthetico, de todas as suas composições n'este genero. Conhece-se que tem profundamente estudado o mundo, os homens, o amor, que é «*como o esquilo, timido e ousado a um tempo*», e sobre tudo as mulheres «*que desejam e não têm força para amar como Psyche.*»

Para sabermos a sciencia que ella possúe da vida basta percorrermos «*Os pensamentos de uma rainha*», obra que merece a pena ser lida com attenção, e onde se encontram maximas que La Rochefoucauld, Vauvenargues e muitos outros grandes moralistas não desdenhariam. (1)

(1) Apresentamos, mais adeante, interessantes e copiosos excerptos d'este livro notavel, os quaes fizemos expressamente traduzir para o presente numero da *Leitura*, afim de completarmos com a apresentação — e talvez com a revelação d'elles a uma grande maiória dos nossos leitores, — a merecida homenagem, que nos é grato prestar ao sympathico e luminoso espirito da rainha da Roumania.

Nota da Direcção.

* * *

Apesar de ter alguns trabalhos de incontestavel merito, como escriptora Carmen Sylva póde não ser, não é mesmo uma George Sand. Mas, como o da grande romancista franceza, o seu nome é digno de ficar perpetuamente lembrado na memoria dos homens, porque é a primeira rainha, não a escrever — tem sempre havido na Europa rainhas escriptoras mediocres, e mesmo rainhas más escriptoras — mas a fraternisar sem orgulho, sem julgar fazer-lhes honra ou suppôr-se mais do que elles, com os artistas que, em troca, hão de amal-a e consideral-a. As paixões extinguem-se, as creaturas morrem, os deuses cahem, as fórmas de governo succedem-se, as sociedades desapparecem; mas os livros — esses Pantheons, onde vagueiam as pallidas e mudas Psyches — ficam, porque elles são, de tudo o que os homens têm creado, o que existe de mais duradouro. É pois pelos livros que os escriptores seus contemporaneos hão de fazer Carmen Sylva estimada e adorada aos olhos da posteridade. Ella escreveu: «*Os maus feitos do rei David esqueceram; os psalmos, porém, ficaram*». Assim o seu nome de rainha da Roumania ha de olvidar-se no meio da promiscuidade das testas coroadas e mortas; mas a sua individualidade, a essencia mais pura e fina do seu ser ha de ficar, porque aquelles de quem ella é hoje irmã pelo talento e pelo culto do Bello, hão de pôl-a em relevo, dando-lhe o que só elles sabem dar: a immortalidade.

Em 1888 a Academia Franceza offereceu-lhe um premio excepcional; mas ha muito que artistas e sabios lhe rendem publicas e sinceras homenagens, e a proposito d'estes ultimos tem ella um dito espirituosissimo: «*A sciencia desconsidera por tal fórma as mulheres, que ellas desconfiam naturalmente dos sabios que as consideram.*» A maneira como Carmen Sylva os recebe a todos, assentando-os ao seu lado, interessando-se pelos seus trabalhos, lendo-lhes alto, com aquella voz de sereia que fascinou Pedro Loti, as

obras onde elles mais puzeram do seu coração, da sua alma, e isto com verdadeiro enthusiasmo, com a alta comprehensão das coisas bellas que admira, tratando-os como eguaes, esquecida dos seus proprios titulos e pergaminhos, não só revela a finissima cultura do seu espirito como o religioso culto professado por tudo quanto venha da intelligencia e da alma, por tudo quanto eleve, fazendo-nos entrar n'uma vida superior.

Assim como nenhum som poderia repercutir os accentos melodiosos da sua voz musical, assim nenhum retrato de Carmen Sylva logrará nunca reproduzir, dizem, a suggestiva graça, o mysterioso encanto, a suprema distincção que emanam da sua conversa, dos seus gestos, de toda a sua pessoa. Loti foi, ha poucos annos ainda, pela segunda vez, visital-a. Eis como a brilhante penna do divino author de *Madame Chrysanthème* e de tantas outras joias litterarias nos descreve essa rainha a quem chama *fada* para mostrar que ella é de *essencia superior:*

«No decurso da minha vida errante succedeu encontrar-me uma vez n'um palacio encantado, no palacio de uma fada... Parece-me estar a vêl-a... O seu vestido branco de fórma oriental, é palhetado e tecido a prata. Mas o rosto que se emmoldura nas pregas transparentes do véu, tem um não sei quê de suave e de annuviado que pertence exclusivamente ás raças apuradas do Norte. E comtudo, o conjuncto é de tão perfeita harmonia, que essa *toilette* parece ter sido inventada de proposito para esta fada, que escreveu algures: «*A toilette não é uma coisa indifferente; ella póde fazer de nós um objecto de arte animado, na condição de nos tornarmos o adorno dos nossos adornos.*» Com que palavras descreveremos as feições da rainha Isabel? Que tarefa tão difficil e tão delicada ao mesmo tempo! As expressões vulgares, que se empregam falando de uma outra, tornam-se irreverentes falando d'ella, tal é o respeito que nos impõe essa rainha, que tem a eterna

juventude no sorriso, no côr de rosa avelludado das faces e na alvura scintillante dos dentes. Os magnificos cabellos, porém, que se vêem atravez do veu semeado de palhetas prateadas estão quasi todos brancos. «*Os cabellos brancos são os fios de espuma que cobrem o mar depois da tempestade,*» escreveu ella nos seus *Pensamentos*. E agora como explicar o encanto unico do seu olhar, os seus olhos de um cinzento limpido, um pouco mergulhados na sombra, sob a fronte espaçosa e pura?

«Encanto de suprema intelligencia, encanto de infinita profundeza, de discreta e sympathica penetração, de habitual soffrimento e de immensa piedade! Apesar do sorriso quasi permanente, é mobil a expressão do seu rosto. «*Sorrir sempre, como os idolos, faz parte do nosso papel de rainhas,* disse-me ella um dia. Esse sorriso, porém, soffre cambiantes muito diversos. Elle é de repente a alegria franca, a alegria quasi infantil; mas é tambem a maior parte das vezes a melancholia resignada, a tristeza sem limites.»

A melancholia resignada, a tristeza sem limites! Eis um dos traços caracteristicos da *Mater Dolorosa*, da *fada* que lançou ao papel, ao receber com a morte da filha em 1874 o baptismo d'essa realeza sagrada: «*A verdadeira realeza é a dôr.*» E desde essa hora inolvidavel o seu coração dilacerado encheu-se de piedade e identificou-se completamente com as grandes dôres humanas, as eternas musas, que têm sido as reveladoras das mais bellas e mais inspiradas cousas.

***

A rainha Isabel da Roumania que, poetica e graciosa como uma rainha de contos de fadas, tanta vez atravessou triumphalmente Bucarest, na sua carruagem puxada por oito fogosos cavallos, — correspondendo com sorrisos de agradecimento a um povo inteiro a acclamal-a, a derramar sobre ella catadupas de flores orvalhadas de pó de ouro, a lançar-lhe nuvens de brancas pombas vistosamente en-

feitadas e ramos de pinho verde, que são o symbolo do respeito — e que hoje jaz no fundo do seu palacio na Allemanha, crucificada pela doença cruel que nunca de todo a tem desamparado, jámais se deixou cegar pela vaidade, que a tanta cabeça feminina perde. Vê bem o fundo das coisas, e aprecia justamente as pomposas cerimonias quando as descreve por esta fórma: «*as grandes cerimonias são comedias representadas sobre theatros sem bastidores. Perde-se a illusão e estragam-se os effeitos.*» E harmonizando sempre — o que é tão raro — os seus pensamentos com os seus actos, eil-a procurando o socego, o silencio superior a todas as festas mundanas, porque: «*a silenciosa paz é o ideal da vida.*» Para esse fim vae refugiar-se junto aos Carpathos, no valle do Sinai, onde seu marido mandou construir o castello de Pelesch, rodeado de florestas virgens, de cascatas e de seculares pinheiros, como em solteira se refugiava, cançada do imponente fausto da côrte de Petersburgo e da severa etiqueta da côrte de Berlim, no seu castello de Monrepos, construido sobre o cimo das collinas do Westerwold, flanqueado por sombrios bosques, tendo aos pés o poetico e historico Rheno e a uma legua de distancia Neuwied, terra do seu nascimento.

Isabel da Roumania, despretenciosa no meio das grandezas, sincera no meio dos artificios, desilludida no meio das illusões, amando o campo e o silencio, acceitando resignada os soffrimentos, e exclamando: «*Natureza, admiro as tuas leis, mesmo quando ellas me despedaçam*», faz-nos lembrar Marco Aurelio, a mais nobre alma, depois da de Jesus, que no mundo tem existido. Tambem elle nos diz: «*As minhas dôres e ás minhas alegrias não valem a pena que n'ellas pense. Tudo está dominado pela Natureza infinita. Só ella tem direito de existir e eu só vivo para manifestal-a e cumprir os seus decretos. Resistir-lhe e queixar-me seria loucura de creança...*»

Claro está que Carmen Sylva, na sua qualidade de mulher, fraca, nervosa e extraordinariamente vibrante, não

segue nem tenta seguir á risca a philosophia dos estoicos. As doutrinas de Zenon são arduas de mais para nós. A natureza feminina não tem azas para aguentar tão arrojados vôos, para abstrair dos seus proprios desgostos «*desgostos de um dia e de um atomo perdido entre dois abysmos;*» mas desgostos que fazem verter crueis lagrimas de sangue, lançando-se tão sómente no puro amor do infinito, do grande Deus universal. Mas não obstante o immortal imperador romano ter uma philosophia mais transcendente, uma razão mais solida, uma energia mais viril, não obstante os differentes pontos que os separam, parecem-se as duas almas. São brilhantes da mesma agua, e se differem de volume, não differem de pureza.

***

Pintar, esculpir, escrever, cantar, são outras tantas variações do mesmo thema: o hymno ardente da alma humana ao Ideal que a atormenta, a aspiração da parte mais etherea do nosso ser ao infinito, aos ceus que se vão fechando e a que por tanto tempo nos habituámos a considerar nossa patria. Carmen Sylva tambem assim o deve ter pensado. Ouçâmol-a: «*A Arte, em todas as suas manifestações, é uma prece sensivel. È por isso que, exhalando a sua alma n'uma fórma penetrante, ella traz comsigo o repouso e a felicidade ás outras almas. É por isso que nos colloca sobre o Virfulcu Dor* (allusão a uma montanha d'uma das lendas do Pelesch) *mostrando aos nossos pés o mundo e elevando-nos frementes de desejos, sempre mais alto, mais alto!*

È pois fremente de puros desejos, de sublimes anhelos, e de mortaes nostalgias, que a rainha tem cultivado simultaneamente, e sempre com esmero, a pintura, a poesia, a litteratura e a musica. Da sua bôcca desatam-se torrentes de melodias, do seu pincel surgèm illuminuras no puro estylo bysantino, e da sua penna brotam, como de um jardim as flôres, phrases sonoras e quentes, sinceras, subtis e profundas.

Temperamento de romantica disciplinado pela superior cultura intellectual, temperamento nervoso, de uma sensibilidade morbida, ha n'ella raras delicadezas, pudores adoraveis e instinctivos. Assim, quando a proposito do sexo masculino avança opiniões como esta: «*Um grande romancista disse haver homens-fonte, homens-poço e homens-cisterna, esquecendo-lhe ainda esta especie: os homens-pantano,*» ou quando fala do amor: «*Ao entregar-se, a mulher julga dar uma felicidade eterna e o homem julga acceitar um momento de prazer*, ou quando pinta as paixões illicitas: «*Titania e o burro, eis a maior parte dos amores prohibidos. A sua alma adormece sonhando em Cupido e acorda nos braços de um fauno;*» ou quando toca n'este assumpto escabroso: «*A tua mulher trouxe a deshonra a tua casa? Talvez que casando com ella tenhas tu sido o primeiro a deshonral-a?* vem logo assustada, inquieta, dizer-nos: «*Muitas vezes a mulher emitte uma opinião ousada; mas recúa cheia de timidez se a tomam ao pé da lettra.*

Recúa cheia de timidez!... Como é bem feminina e encantadora esta phrase! É que a reserva, a discrição, a modestia, todas as delicadas fórmas do pudor são um dos maiores, senão o maior encanto do nosso sexo. É n'esse encanto e não em temerarias audacias, ou na pretenção a qualidades viris, que reside toda a nossa força — força proveniente da fraqueza, — força que se chama graça e que ha de captivar sempre aquelles de cuja protecção carecemos.

Esta força tem-n'a por completo a gentil rainha, que sabe ser em tudo, e primeiro que tudo, *mulher*. Dizer isto é explicar a razão porque ella vive afastada da politica, que assim define: «*o sapo devorando a mosca, a serpente devorando o sapo e a aguia devorando a serpente, eis a politica.*» Ouçâmol-a sobre este assumpto, no trecho de uma carta á princeza sua mãe, depois da guerra que seu marido sustentou contra os turcos e da conquista de Plevna, que o cobriu de gloria e o fez coroar rei, tendo ella, durante

esse tempo, ficado sósinha em Bucarest, a cuidar dos feridos e forçada a tomar parte nos negocios d'Estado: «*Graças a Deus, Carlos chegou! Posso emfim tornar a entrar na minha casca de noz, occupando-me das minhas flôres, dos meus passaros, dos meus livros e dos meus papeis! Acho uma anomalia e uma desgraça que uma mulher se veja constrangida a metter-se na vida publica...*» E volta á sua *casca de noz*, não para viver ociosa no meio das honras e do fausto, ou para levar a pallida e inutil existencia tão vulgar nas altas espheras sociaes; mas para se instruir e para se aperfeiçoar, buscando consolações sómente, como ella diz, *nas coisas immortaes: o pensamento e a natureza.*

Por estes incompletos e ligeiros traços, que acabo de esboçar, póde já reconstruir-se a sympathica e original individualidade de uma das mais illustradas, das mais finas, das mais espirituosas, das mais captivantes — e tambem das mais desditosas — rainhas da actualidade.

O nobre exemplo que ella tem dado á sociedade europea — exemplo que ha muito em França está dando a princeza Mathilde — começa a ser seguido, e não ha de ficar improficuo. As aristocracias attrahem-se mutuamente, e a do talento em nada é inferior á do nascimento.

Paulo de Saint-Victor, apreciando a marqueza du Deffand, disse: «Os monumentos do seu espirito não merecem, talvez, a attenção da posteridade; mas a marqueza protegeu, reuniu, festejou, respeitou os philosophos e os artistas: que para ella se abra pois o Templo da Memoria!»

Podemos dizer, quasi o mesmo, da rainha da Roumania. Se as suas obras não deixarem, pelos seculos fóra, um rastro luminoso; se ella não estiver destinada a brilhar como estrella de primeira grandeza, na radiosa constellação dos mortos illustres, ainda assim está certo o seu logar no *Templo da Memoria*, porque tem sido enthusiastica e sincera admiradora do Talento e da Arte.

Agosto de 1894.

CLAUDIA DE CAMPOS.

A HESPANHA

VII

SEVILHA

(Cóntinuação)

Pedi então ao sr. Gonzalo que me conseguisse a entrada n'um *patio*, n'um d'aquelles *patios* encantadores que, vistos da rua, me faziam sonhar tantas delicias. «Quero vêr ao menos um, disse-lhe eu, penetrar uma vez no meio d'esses mysterios, tocar as paredes, assegurar-me de que é uma realidade e não uma visão.» O meu desejo foi immediatamente satisfeito. Entrámos no *patio* de um dos seus amigos. O sr. Gonzalo disse ao creado o fim da nossa visita e ficámos sós. A casa tinha só um andar. O *patio* não era maior que um salão ordinario; mas todo elle era marmore e flôres, com um repuxo d'agua no meio, em toda a roda quadros e estatuetas e por cima, d'um lado ao outro, um toldo que o resguardava do sol. A um canto havia uma pequena mesa de trabalho e aqui e ali cadeiras e tamboretes, onde tinham talvez acabado de pousar os pés de alguma andaluza que agora nos observava atravez de uma persiana. Examinei cada cousa por sua vez, como teria feito n'uma casa abandonada pelas fadas; sentei-me, fechei os olhos e imaginei que era o dono da casa; de-

pois levantei-me, molhei uma das mãos no repuxo, apalpei um columnello, encostei-me a uma porta, colhi uma flôr, levantei os olhos para as janellas, sorri, suspirei e disse: «Como devem ser felizes os que aqui vivem!» N'esse momento ouvi uma risada, voltei-me e vi brilhar atraz d'uma persiana dois olhos negros, que logo desappareceram. «Realmente, disse eu para o meu companheiro, não julgava que n'este mundo se pudesse viver tão poeticamente! E pensar que os senhores vivem em taes casas toda a sua vida e que ainda teem vontade de mortificar o espirito a proposito de politica!» O sr. Gonzalo explicou-me os segredos da casa. «Todos estes moveis, disse-me elle, estes quadros, estes vasos de flôres desapparecerão d'aqui no fim do outomno e subirão para o primeiro andar, que é a habitação d'inverno e da primavera. Quando chega o verão, camas, armarios, mezas, cadeiras, tudo vem para os apozentos do rez-do-chão e a familia dorme, trabalha, come e recebe os seus amigos em baixo, entre as flôres e os marmores, ao murmurio da fonte. E como se deixam as portas abertas de noite, dos quartos de dormir vê-se o *patio* alumiado pela lua e respira-se o perfume das rosas. — «Oh! basta, exclamei eu, basta, sr. Gonzalo, tenha piedade dos estrangeiros!» E rindo-nos de todo o coração, sahimos para irmos vêr a famosa *Casa de Pilatos*.

Ao passar por uma pequena rua solitaria, vi nas vitrines de um quinquilheiro um sortimento de navalhas tão horrivelmente largas, compridas e extravagantes que senti desejos de comprar uma. Entrei e puzeram-me deante uma fileira d'ellas, que eu mandei abrir uma a uma. A cada folha que se estendia eu recuava um passo. Não creio que se possa imaginar uma arma d'aspecto mais barbaro e mais horrivel. De um cabo de cobre, de latão ou de couro, um pouco curvo e lavrado de maneira a deixar vêr pequenas placas de talco de diversas côres, salta com ruido uma lamina larga como a palma da mão, de dois palmos de comprimento, aguda como um punhal, em fórma

de peixe, com lavores a cinzel coloridos de vermelho, que parecem linhas de sangue coalhado, e com inscripções ferozes e ameaçadoras. Sobre uma d'ellas está escripto em hespanhol: *Não me abro sem razão, e não me fecho sem honra;* sobre outra: *Onde eu entro tudo acabou;* sobre uma terceira: *Quando esta serpente morde, o medico já não tem nada que fazer;* e n'outras lêem-se galanterias do mesmo genero. Teem o nome especial de *navaja* e são a arma de duello do povo. A lucta da navalha está hoje um pouco abandonada; mas outr'ora era tida em grande honra; havia professores especiaes para o manejo d'ella, cada um tinha o seu bote secreto e havia duellos com todas as regras. Comprei a maior *navaja* do estabelecimento e continuámos o nosso caminho.

A *Casa de Pilatos,* pertencente á familia Medina-Cœli, fica perto do Alcaçar e é o mais bello monumento d'architectura arabe que ha em Sevilha. O nome de *Casa de Pilatos* vem-lhe de que o seu fundador, D. Enriquez de Ribera, primeiro marquez de Tarifa, mandou-a construir, segundo se conta, á imitação da casa do pretôr romano, que tinha visto em Jerusalem aonde fôra em peregrinação. O aspecto exterior do edificio é modesto; o interior é maravilhoso. Entra-se primeiro n'um pateo, não menos bello que o pateo encantador do Alcaçar, cercado de uma dupla ordem de arcos, sustentados por graciosas columnas de marmore, que formam duas ligeiras galerias sobrepostas e tão delicadas que se receia vel-as vir a terra ao mais brando sopro de vento. No meio ha uma graciosa fonte, sustentada por quatro delphins de marmore e coroada por uma cabeça de Jano.

As paredes são ornadas, no fundo, de brilhantes mosaicos, e mais em cima cobertas de toda a especie de arabescos caprichosos e tendo aqui e além, em nichos, bustos de imperadores romanos. Nos quatro angulos do pateo elevam-se quatro estatuas colossaes. As sallas são dignas do pateo; os tectos, as paredes, as portas, são esculpidas,

cavadas, floridas, historiadas com uma delicadeza de miniatura. N'uma velha capella, de estylo mixto de gothico e arabe, de fórma muito elegante, conserva-se uma pequena columna de pouco mais de dois pés d'altura, dada por Pio V a um descendente do fundador do palacio, então vice-rei de Napoles. Segundo a tradição, essa columna foi aquella a que ligaram Jesus Christo para o flagelarem; o que, quando mesmo fosse verdade, prova que Pio V não acreditava em tal, nem mesmo com um cabello, aliás não teria commettido o inqualificavel disparate de se privar d'ella para a dar ao primeiro que appareceu. Todo o palacio está juncado de recordações sagradas. No primeiro andar o guarda mostra-nos uma janella que corresponde áquella perto da qual S. Pedro estava sentado quando renegou Jesus, e a trapeira d'onde a creada o reconheceu. Da rua vê-se uma outra janella com um balcão de pedra, que occupa precisamente o logar d'aquella em que Jesus foi mostrado ao povo coroado d'espinhos. O jardim está cheio de fragmentos de estatuas antigas conduzidas d'Italia pelo mesmo vice-rei de Napoles, D. Pedro Afan de Ribera. Entre outras fabulas que se contam sobre esse mysterioso jardim, diz-se que D. Pedro Afan de Ribera lá tinha collocado uma urna, trazida d'Italia, que continha as cinzas do imperador Trajano e que um curioso pouco delicado tombara, espalhando-se as cinzas pela herva, de maneira que não puderam ser recolhidas. O augusto monarcha, nascido em Italica, tinha assim voltado, por um acaso extraordinario, para os arredores da sua terra natal. A dizer a verdade já não estava em muito bom estado para meditar sobre as ruinas; mas, em summa, cá estava.

Quando se viu o que eu tenho descripto póde dizer-se, não que se viu Sevilha, mas que se começou a vel-a. Eu fico-me, pois, por aqui, porque tudo deve ter um fim. Deixo de parte os passeios, as praças, as portas, as bibliothecas, os palacios publicos, as casas dos grandes, os jardins, as egrejas; limitar-me-hei a dizer que depois de ter

vagueado durante muitos dias desde o nascer ao pôr do sol, tive de partir de Sevilha com grandes remorsos na consciencia. Já não sabia o que havia de fazer de mim. Tinha chegado a um tal estado de fadiga que quando me diziam que ainda havia outra cousa que vêr sentia mais medo do que prazer. O bom sr. Gonzalo animava-me, reconfortava-me, encurtava-me o caminho com a sua agradavel companhia; mas apesar d'isso, só guardo uma lembrança muito confusa do que vi nos ultimos dias.

Sevilha, comquanto já não mereça o titulo glorioso d'Athenas hespanhola, como no tempo de Carlos V, quando, mãe e hospedeira de um exercito numeroso e escolhido de poetas e de pintores, era a séde da civilisação e das artes do vasto imperio dos seus monarcas, é ainda depois de Madrid a cidade de Hespanha em que a vida artistica se mantem mais florescente, pela abundancia de talentos e dos Mecenas, e pelo caracter do povo, apaixonado pelas bellas artes. Possue uma brilhante academia litteraria, uma sociedade protectora das artes, uma universidade afamada, e uma familia de sabios e de esculptores que gosam em Hespanha de uma reputação muito honrosa. Mas a primeira gloria litteraria de Sevilha é uma mulher. Catarina Bohl, autora das novellas assignadas por Fernan Caballero, muito espalhadas na Hespanha e na America, traduzidas em quasi todas as linguas da Europa, e conhecidas na Italia, onde algumas acabam de ser publicadas, por todas as pessoas que se occupam de litteratura estrangeira. São quadros admiraveis dos costumes andaluzes, cheios de verdade, de ternura e de graça, e sobretudo de uma fé tão poderosa, de um enthusiasmo religioso tão destemido, de uma caridade christã tão ardente, que o homem mais sceptico se sente commovido e perturbado. Catarina Bohl affrontaria o martyrio com a firmeza e a serenidade de Santo Ignacio. E a consciencia da sua força revela-se em cada uma das suas paginas; ella não se limita a defender a religião e a evangelisal-a: ataca, ameaça, fulmina os seus

inimigos; e não só os inimigos da religião, mas todas as pessoas e todas as coisas animadas, como costuma dizer-se, do espirito do seculo: porque ella não poupa coisa alguma de quanto se tem feito no mundo desde a epoca da Inquisição e é mais inexoravel que o *Syllabus*. Esse é talvez o seu maior defeito, porque as suas predicas religiosas e as suas invectivas são excessivas e quando não revoltam aborrecem e prejudicam mais do que servem os seus intentos. Mas não ha sombra de fel na sua alma, e tal como se mostra nos seus livros, assim é na sua vida; amavel, bondosa, caritativa; em Sevilha é venerada como uma santa. Nasceu lá, casou-se lá muito nova e agora está viuva pela terceira vez. O seu ultimo marido, que foi embaixador de Hespanha em Londres, matou-se, e desde então ella nunca mais deixou o lucto. Tem perto de setenta annos; foi muito formosa e o seu aspecto nobre e sereno conserva o cunho da belleza. Seu pae, que era um homem de espirito vivo e muito cultivado, mandou-lhe ensinar muitas linguas em criança; ella sabe o latim a fundo e fala com uma facilidade maravilhosa o allemão e o francez. Hoje já não escreve, apesar de os editores da Europa e da America lhe fazerem as propostas mais vantajosas para a resolverem a escrever; mas nem por isso vive na inacção. Lê de manhã até á noite toda a especie de livros e ao mesmo tempo faz meia ou borda, porque estabeleceu que os estudos litterarios não devem prejudicar de modo algum as suas occupações femininas. Não tem filhos; vive só n'uma casa de que cedeu a melhor parte a uma familia pobre, e gasta em esmolas uma grande parte dos seus haveres. Um traço curioso do seu caracter é a viva affeição que tem aos animaes: a sua casa está cheia d'aves, de gatos e de cães; e a sua sensibilidade a esse respeito é tão grande que nunca quiz pôr os pés n'um carro com medo de vêr dar uma chicotada a um cavallo por causa d'ella. Todas as dôres a affligem como as suas proprias dôres; vêr um socego, um doente, um desgraçado qualquer

incommoda-a durante um dia inteiro; não póde adormecer sem ter consolado alguem; daria alegremente toda a sua gloria para poupar uma afflicção a um desconhecido. Antes da revolução vivia menos solitaria; a familia de Montpensier recebia-a com grandes honras, as mais illustres familias de Sevilha disputavam a presença d'ella nas suas festas: agora vive só com os seus livros, os seus animaes e algumas amigas.

No tempo dos arabes, Cordova tinha a supremacia na litteratura e Sevilha na musica; Averrhoes dizia: «Quando em Sevilha morre um sabio e se querem vender os seus livros mandam-os para Cordova; mas se morre um musico em Cordova enviam-se os seus instrumentos para Sevilha.» Agora Cordova já não tem a preeminencia litteraria; tem-as ambas Sevilha. Sem duvida já passou o tempo em que um poeta, cantando as bellezas d'uma donzella, fazia juntar em volta d'ella, de todos os lados do reino, uma multidão de namorados; em que um principe tinha inveja a outro principe por terem feito em louvor d'este uns versos mais bellos que todos aquelles que elle tinha inspirado até então; em que um califa recompensava o autor de um bello hymno presenteando-o com cem camellos, uma quantidade d'escravos e um vaso d'ouro: em que uma estrophe engenhosa, improvisada a proposito, quebrava as cadeias de um escravo ou salvava a vida de um condemnado á morte; em que os musicos passeavam nas ruas de Sevilha com um cortejo de monarcas, em que a protecção dos poetas era tão procurada como a dos reis e em que a lyra era tão temida como a espada. Mas o povo sevilhano continua a ser o povo mais poeta da Hespanha. O dito picante, as phrases d'amor, a expressão da alegria e do enthusiasmo sahem-lhe da bocca com uma espontaneidade e uma graça que seduzem. O povo de Sevilha improvisa versos com uma grande facilidade; quando fala dir-se-hia que canta, quando gesticula parece que declama; ri-se e brinca como as creanças. Em Sevilha não se

envelhece. É uma cidade em que a vida se passa como n'um sorriso perpetuo, não se pensando senão em gosar o bello céo, as bellas habitações, os jardins voluptuosos. É a cidade mais pacifica de Hespanha; é a unica que desde a revolução não foi ainda agitada por nenhuma d'essas tristes commoções politicas que teem perturbado as outras; a politica é aquillo em que menos pensam os sevilhanos; o seu grande cuidado é o amor; de tudo mais tratam a rir. *Todo lo toman de broma,* dizem d'elles os outros hespanhoes; e na verdade, com aquelle ar embalsamado, aquellas pequenas ruas de cidade oriental e aquellas mulheres ardentes, como poderiam elles tratar de sedições? Em Madrid diz-se mal d'elles, diz-se que são frivolos, falsos, inconstantes, faladores: são ciumes. Invejam-lhes o caracter tranquillo, a sympathia que inspiram aos estrangeiros, as suas raparigas, os seus poetas, os seus pintores, os seus oradores, a sua Giralda, o seu Guadalquivir, a sua vida, a sua historia! Assim dizem os sevilhanos pondo a mão no peito e lançando para o ar uma nuvem de fumo do seu inseparavel *cigarrito;* e as suas formosas mulheres vingam-se das madrilenas e de todas as mulheres do mundo falando com uma piedade maliciosa dos compridos pés, das cinturas grossas e dos olhos amortecidos, que em Sevilha não receberiam a honra de um olhar nem a homenagem de um suspiro. Realmente é um bello e amavel povo, do qual, infelizmente, é necessario considerar o reverso da medalha. A superstição reina e as escolas faltam, como em quasi toda a Hespanha meridional. Por culpa dos habitantes? Em parte não e em parte sim, e esta ultima não é talvez a menos forte.

O dia fixado para a partida chegou sem eu dar por isso. É singular: não me lembra nenhum pormenor da minha vida em Sevilha; quando muito poderei dizer a mim mesmo onde jantei, de que fallei ao consul, como passei as noites. Decidi partir de dia: eu estava ausente de mim mesmo, vivia, se assim póde dizer-se, fóra de mim; andei

um pouco aturdido todo o tempo que passei em Sevilha. Excepto no Museo e no *patio*, o meu amigo Segovia deve ter-me achado bastante ignorante; e agora, não sei porquê, penso n'esses dias como em um sonho. De nenhuma cidade me ficou uma lembrança tão vaga como de Sevilha. Ainda hoje, estando bem seguro de ter estado em Saragossa, em Madrid, em Toledo, algumas vezes sinto-me duvidar quando penso em Sevilha. Parece-me que fica mais longe ainda que o fim da Hespanha, que para lá voltar me seria preciso viajar mezes e mezes, atravessar terras desconhecidas, oceanos, e povos muito differentes de nós. Penso nas ruas de Sevilha, em certas praçasinhas, em certas casas, como pensaria nas manchas da lua. Por vezes a sua imagem passa-me deante dos olhos como uma fórma branca e desapparece sem que o meu espirito possa retel-a; torno a vel-a quando cheiro uma laranja com os olhos fechados, aspirando o ar a certas horas do dia á porta de um jardim, cantarolando uma cançoneta que ouvi cantar a uma creança nas escadas da Giralda. Não posso explicar a mim mesmo este mysterio: penso n'ella como em uma cidade que tenho de ver ainda e sinto-me feliz examinando as estampas e folheando os livros que lá comprei porque essas cousas me provam a mim mesmo que estive lá. Ha um mez recebi do meu amigo Segovia uma carta em que este me dizia: «Venha visitar-nos outra vez!» Senti um prazer insano e ao mesmo tempo ri-me como se me tivessem dito: «Vá passear até Pekim!» E é precisamente por isso que Sevilha tem mais encanto para mim que todas as outras cidades d'Hespanha: amo-a como a uma bella desconhecida que, atravessando um bosque mysterioso, me tivesse lançado um olhar e uma flôr. Quantas vezes quando um amigo, n'um café ou na plateia de um theatro, me toca no braço dizendo: «Em que pensas tu?» antes de lhe responder eu tenho de sahir do quarto de Maria Padilla, ou d'um barco que deslisa á sombra dos planaltos da *Cristina*, ou da loja de Figaro, ou do vesti-

bulo de um pateo cheio de flôres, de repuxos e de luzes!

Embarquei n'um navio da Companhia de Segovia, perto da Torre do Ouro, a uma hora em que Sevilha inteira estava mergulhada n'um somno profundo e em que um sol ardente a cobria de um oceano de luz. Recordo-me que poucos momentos antes da partida um rapaz foi procurar-me a bordo e entregou-me uma carta de Gonzalo Segovia com um soneto que eu guardo como uma das minhas mais preciosas lembranças de Sevilha. No navio ia uma *troupe* de cantores hespanhoes, uma familia ingleza, operarios, creanças. O capitão, um verdadeiro andaluz, tinha palavras amaveis para todos. Eu entabolei immediatamente conversa com elle.

O meu amigo Gonzalo é filho do proprietario do navio: nós falámos da familia Segovia, de Sevilha, do mar, de mil coisas alegres. Ah! O pobre homem estava bem longe de pensar que poucos dias depois o seu querido barco soçobraria em pleno mar, e teria um fim tão horrivel! Era o *Guadiana,* cuja caldeira rebentou muito perto de Marselha em 16 de junho de 1872.

A's tres horas partimos para Cadiz.

(Continúa).

Edmundo de AMICIS.

FLIP

(Continuação)

III

Durante seis mezes, o nevoeiro monotono veiu e tornou a vir ao littoral de Monterey; durante seis mezes envolveu todas as noites a cordilheira das Encostas, enviando as suas brancas legiões ao assalto dos cumes; varria regularmente a crista da montanha para recuar, ao amanhecer, perante as settas ardentes do sol nascente. Durante seis mezes, aquelle pallido cortinado que um dia envolvera Lance Harriot nas suas pregas, tornou a apparecer, mas sem o encontrar.

O alegre proscripto já não precisava de asylo nem de disfarce. As perseguições de que tinha sido alvo e que o haviam arremessado, bruscamente, para a montanha, affrouxaram, logo em seguida, e, finalmente, cessaram. Antes do fim da semana, uma devassa judiciaria certificara que a circumstancia aggravante de premeditação não existia. Provou-se que se tratava apenas de um duello rude entre dois homens egualmente armados e egualmente resolutos. Abrigado em uma cidade do littoral, Lance reclamou ser julgado pelos seus pares, e, invocando o seu direito de accusado sob o peso de uma condemnação previa, obteve qualificação mais favoravel no seu delicto e mudança de localidade para o julgamento.

A justiça regular que occupava as margens do sereno Pacifico revogou a primeira sentença e Lance ficou livre com fiança.

O director do correio da encruzilhada, Fisher, acabava de receber o correio hebdomadario de S. Francisco e estava occupado a examinal-o. Havia cinco cartas e dois embrulhos.

Estes ultimos e tres das cartas eram dirigidos a Flip. Não era a primeira vez, havia seis mezes, que se dava esta singularidade, e a curiosidade da encruzilhada estava excitada no ultimo grau. Como Flip nunca viera reclamar pessoalmente a sua correspondencia, mas mandava-a buscar por alguns dos seus commensaes ou por um mensageiro irregular, e raras vezes a viam na encruzilhada, essa curiosidade não podia ser satisfeita. O director do correio, homem já maduro, era de natureza sentimental. Olhou para os embrulhos, para as cartas, e, em seguida, para o relogio; pensou que ainda era cedo e que podia estar de volta antes do meio dia; examinou outra vez as direcções; eram da mesma lettra que as precedentes. Decidiu-se a ir pessoalmente entregal-as. Indicou o lado poetico, immaterial, da sua missão, por uma gravata azul celeste, uma camisa muito branca, e um cartuxinho de biscoitos de gengibre que Flip apreciava muito.

Para chegar ao *rancho* de Fairley, era necessario atravessar a estrada postal assim como o bosque de Genebra e Gengibre; ahi, o cavalleiro prudente descia do cavallo para seguir a pé o atalho indistincto que ia lá ter.

N'esse logar, o director do correio avistou, de repente, á entrada do bosque, uma mulher elegantemente vestida, caminhando vagarosamente, mas com desembaraço; com uma das mãos, enluvada, levantava as pregas do vestido; com a outra agitava um chicote. Fazia parte de algum *pique-nique* organisado por uma sociedade de Monterey ou de Santa Cruz? O espectaculo era bastante novo para convidal-o a approximar-se. Mas a apparição internou-se no

bosque e elle não viu mais nada. Recordou-se então de que ia vêr Flip e poz-se a caminho; o atalho, cada vez mais difficil, reclamava-lhe toda a attenção. Os raios do sol cahiam quasi verticalmente quando penetrou no desfiladeiro e avistou o telhado da cabana.

Quasi no mesmo instante, Flip, córada e offegante, sahiu-lhe ao encontro, no caminho.

—Traz alguma cousa para mim? disse ella, indicando, com um gesto, os embrulhos e as cartas.

Apanhado de improviso, o director do correio entregou-lh'os e arrependeu-se quasi em seguida.

—Trazem os sêllos precisos, observou Flip, notando a sua hesitação.

—Effectivamente, balbuciou o empregado, vendo desapparecer a ultima probabilidade de conhecer o conteudo dos embrulhos; mas pensei que, se por acaso fossem objectos de valor, a menina quereria certificar-se de que está tudo em regra, antes de assignar o recibo.

—Ora! não me importo, disse Flip tranquillamente; se faltasse alguma cousa, mandava-lhe dizer.

E, como a rapariga se dispunha a retirar-se, o director do correio passou a outro assumpto.

—Não temos o gosto de vêl-a na encruzilhada desde a semana dos nove dias, disse elle com modos galanteadores e desembaraçados. Ha quem diga que a menina é namorada de um tal Bijah Broson e que está muito soberba para ir fazer-nos uma visita.

O individuo em questão era o cortador do districto. As provas da sua ternura por Flip consistiam, segundo se dizia, em dar, todas as semanas, uma grande e inutil volta para ir ao barranco buscar as suas encommendas. Flip não se dignou responder á observação.

—Tambem pensei que tinha cá gente, de fóra, continuou o empregado. Aposto que está alguem da cidade na estalagem lá de cima; vi agora uma dama, das mais ricassas e mais elegantes, a pavonear-se no bosque. Aquillo é

que me agrada, raparigas d'aquellas. Que maneiras... e que adornos. E' do que eu gosto, não lhe digo mais nada.

E o director do correio persuadiu-se de que despertára o ciume de Flip, quando, depois de dirigir um olhar ao seu vestido de burel, já usado, ergueu os olhos e encontrou os da pequena fixos obstinadamente nos d'elle.

— Admira que eu ainda não a visse, respondeu ella friamente, pegando nos embrulhos e sem se lembrar de agradecer a caminhada gratuita que elle dera por sua causa.

— Mas póde ir vêl-a aos bosques de Genebra e Gengibre, se lhe apraz dar um passeiosinho comigo, replicou o director do correio, empregando um debil e ultimo esforço para detel-a.

Por unica resposta, Flip dirigiu-se para a cabana onde o seu companheiro a seguiu humildemente, murmurando que, «para matar o tempo», ia vêr o pae.

O velho Fairley, logo que se convenceu de que aquelle novo amigo de sua filha não ia reclamar nenhum auxilio pecuniario ou material, suavisou-se a ponto de fazer-lhe confidencias pesarosas.

Tinha a desgraçada tendencia dos espiritos acanhados para exaggerarem os pormenores sem importancia; por isso conseguiu immediatamente persuadir o director do correio de que o apaixonado cortador perseguia Flip com as suas assiduidades galanteadoras. O homem não comprehendeu quanto era absurdo e improvavel elle enviar-lhe pelo correio cartas e embrulhos que podia entregar-lhe tão facilmente; mas, exasperado pelo ciume e pela indifferença de Flip, recorreu á formula cobarde dos denunciadores e pensou «que era um dever» trahir a rapariga e informar o pae de que lhe enviavam cartas e embrulhos.

Felizmente para elle, Flip não suspeitava semelhante cousa. Fugira da cabana no principio da conferencia, e, com o embrulho ao hombro como se fosse uma mochila, introduzira-se no bosque. Deixando o caminho direito, cortou atravez dos montes com o instincto lucido de um ani-

mal novo, trepando ás paredes mais escarpadas, e descendo os declives mais ingremes com ligeireza e segurança de passaro. Chegou depressa ao logar onde o susceptivel director do correio avistára a seductora desconhecida.

Certificando-se de que não era seguida, introduziu-se no matto e chegou rapidamente junto da pequena cascata e do tanque onde Lance se banhára. Viam-se a!i vestigios recentes de uma passagem frequente, e, quando Flip, levantando alguns ramos e pedaços de cortiça, destapou um buraco na anfractuosidade de um rochedo e tirou de lá uma porção de roupa dobrada, tornou-se evidente que aquelle abrigo lhe servia de gabinete de *toilette*. Abriu o pacote.

Continha um pequeno chale amarello de crepe da China, que ella deitou logo pelos hombros; em seguida encaminhou-se rapidamente para a entrada do bosque e parou junto de um grande tronco de arvore. Poz-se a avançar e a recuar, olhando para a frente.

Á primeira vista não se percebia bem o que ella estava fazendo; mas, reparando melhor, distinguia-se um grande quadrado de vidro, encaixado na bifurcação de dois ramos. Estava inclinado em um angulo tão exacto contra a escuridão do matto, que reflectia, não só o vulto da rapariga, mas até o fundo de ouro e de verdura em que ella destacava, e, mais longe, os cimos recortados da cordilheira das Encostas.

Isto, porém, era simplesmente o preludio de um episodio mais sério. Flip voltou para a cascata, tirou do esconderijo um grande bocado de sabão pardo e alguns metros de panno de algodão. grosseiro, collocou-os na borda do tanque e olhou para todos os lados afim de verificar se estava completamente só. Depois de se certificar de que nenhum pé indiscreto chegara até ao seu retiro agreste approximou-se do tanque, e começou a despir-se. Uma brisa ligeira murmurou, baixinho, por entre as arvores que a cercavam; as nymphas e as naiades accordaram, uniram as mãos e collocaram suavemente em torno d'ella um véo

fluctuante de raios palpitantes e de sombras movediças, de ramos estreitamente enlaçados que a envolveram em casta escuridão sylvana afim de a garantirem contra o olhares de um deus curioso ou de um mortal atrevido.

No recinto consagrado sentia-se uma bulha suave de risos argentinos e de ondas sonoras, e de quando em quando, via-se brilhar um membro flexivel velado por uma trepadeira, e um raio de sol deslisar sobre uns flancos arredondados ou sobre o puro e severo contorno de um peito de creança.

Quando, mais tarde, o cortinado de verdura se afastou e Flip tornou a apparecer, vinha completamente transformada. Era a desconhecida que tanta admiração causara ao director do correio; uma mulher esbelta, graciosa, vestida com elegancia. E, comtudo, era Flip, mas parecendo mais alta por causa do comprimento da saia e das pregas ondeadas do seu vestido á moda, Flip, sardenta e queimada pelo sol, mas com o rosto morno e picante animado pela côr amarella do trajo, que o fazia realçar; Flip, que parecia a essencia viva de todos os aromas embriagantes. Não afianço que a opinião da modista anonyma de Flip fosse infallivel ou que o gosto de Lance Harriot fosse sempre muito correcto, mas o conjuncto era pittoresco, e, afinal, nem mais vivo nem mais colorido do que a vertente amarellada da collina, em cujos flancos Flip se sentara, quando a primavera a revestia de côres ardentes.

O espelho fantasma collocado nos ramos apoderava-se d'ella e guardava-a nas suas profundidades, juntamente com o céo azul, a folhagem verde, o sitio cheio de sol, todos os encantos que a cercavam, emquanto o vento brincava caprichosamente com as madeixas revoltas dos seus cabellos e com as fitas do seu chapeu de palha.

De repente, estremeceu. Um leve ruido no fundo do atalho, imperceptivel para qualquer ouvido menos apurado que o seu, deteve-lhe a respiração. Levantou-se rapidamente e entranhou-se no bosque.

Passaram dez minutos. O sol ia descendo. O nevoeiro pardo avançava, arrastando-se, para a cordilheira das Encostas, quando, á entrada do bosque, appareceu a Gata Borralheira, desencantada, com o seu vestido de burel. Chegara a hora, o encanto estava desfeito. No momento em que ella se eclipsava na volta de um atalho, o proprio espelho magico, balouçado pelo vento, soltou-se dos ramos, escorregou para cima da relva e tornou-se um boccado de vidro ordinario.

IV

Os acontecimentos d'aquelle dia reproduziam-se de um modo singular no rosto do carvoeiro Fairley. Os esforços inuteis do seu espirito haviam-se traduzido por repetidas fricções do craneo, das quaes se viam ainda os signaes na testa; uma grande claridade desenhava-lhe o centro, realçado por uma recrudescencia de sombra que o cercava; este jacto de luz dava-lhe o aspecto de uma esphera. Essa fronte augusta encarou Flip, quando ella regressou, cheia de censuras, como convem a um camarada trahido, cheia de ameaças, como é proprio de um pae offendido na presença de terceira pessoa, quando essa pessoa é um director do correio.

— Bonita cousa! Receber pacotes clandestinos e cartas, ainda por cima, disse elle. Não faltava mais nada!

Flip dirigiu ao delator um olhar de desprezo humilhante. O empregado perdeu immediatamente o sangue frio, e, com as contorsões flaccidas de um invertebrado, balbuciou que eram horas de voltar para a encruzilhada. Esta deserção não agradava ao carvoeiro, que necessitava de um apoio moral e que já odiava o director do correio por haver precipitado uma explicação que elle temia. Protestou com violencia:

— Sente-se! Então! Sente-se! O senhor bem sabe que é testemunha! exclamou fóra de si.

A palavra fôra mal escolhida.

— Testemunha? repetiu Flip desdenhosamente.

— Testemunha! sim! porque é elle que te faz chegar ás mãos os embrulhos e as cartas!

— E não me eram dirigidos? perguntou Flip.

— Eram... balbuciou o director do correio. Lá isso... eram.

— O pae reclama-os? continuou a pequena dirigindo-se ao sr. Fairley.

— Não! respondeu elle.

— E o senhor? continuou, voltando-se, com um movimento brusco, para o director do correio.

— Tambem não! disse elle.

— Então, volveu Flip friamente, visto que não lhe pertencem, e que ouviu dizer ao pae que não são d'elle, quanto menos falar n'isso melhor será.

— E o caso é que ella tem razão, disse o velho ao director do correio, com ares lastimosos.

— Mas porque não diz ella claramente quem é que lhe envia essas cousas, se não ha ali segredo?... Não é muito difficil, respondeu o empregado.

— Diz bem, replicou o indeciso velho, meio abalado. Flip, porque não dizes?

Flip, sem responder a esta pergunta directa, habil e discretamente, replicou:

— Talvez o pae se lembre do tempo em que não fazia senão gritar e esbravejar porque alguns viajantes vinham aqui ao *rancho* pedir algum auxilio... e eu os ajudava como podia. Pois agora, espero que não vá fazer o mesmo alarido e que não deixará este homem impacientál-o, só por que um d'esses vagabundos tem um bocadinho de memoria e me envia um presente como lembrança do que eu fiz por elle?

— Não sou eu que te censuro, Flip, disse o velho humildemente, tentando desculpar-se e dirigindo um olhar furibundo ao empregado. Não tenho culpa nenhuma, estou

sempre a dizer: «Deita o teu pão á agua e tel-o-has na volta do correio.» O facto é que o Governo bota figura, e os empregados que elle engorda faziam bem se recolhessem a fala ao buxo até ás proximas eleições.

— Parece-me, replicou Flip, dirigindo-se ao pae e fingindo ignorar completamente a derrota do director do correio; parece-me que era mais acertado informar-se de qual é o motivo por que um d'esses empregados vem rondar estes sitios para engodar uma rapariga da minha qualidade ou para saber tudo o que fôr possivel o respeito da fabricação dos diamantes, Quero crêr que elle não dá caminhadas d'estas para saber quem é que escreve todas as cartas que veem pelo correio.

O empregado não contara com o humor inconstante do velho, e não previra a habilidade da rapariga para o fazer mudar em seu proveito. Não esperava o atrevimento audacioso de Flip; esta acertara com dois tiros; e, quando o carvoeiro se ergueu em um accesso de furor epileptico, o empregado teve medo e fugiu. O velho tel-o-hia perseguido muito para alem do limiar da porta, se a mão da filha não o houvesse detido.

O destino reservava, comtudo, uma compensação ao infeliz apaixonado, derrotado e trahido. Quando chegou ao bosque de Genebra e Gengibre, viu uma carta que cahira da algibeira de Flip, e apanhou-a. Conheceu a lettra e não teve o minimo escrupulo em lêr tudo, palavra por palavra. Afinal, não era uma carta de amor, quando não *elle* tel-a-hia escripto de outra maneira; não tinha o nome nem a morada do correspondente, mas aqui está o que elle leu com olhos avidos:

«Tens razão, em não quereres fazer-te bonita para os olhos dos maltrapilhos da encruzilhada, nem para os de todos os vadios que passam pelo *rancho*. Guarda os teus enfeites para mim, para quando eu voltar. Não sei ainda quando será. Não é provavel que seja antes da estação da

chuva; mas, em todo o caso, já não falta muito tempo. Não esqueças a tua promessa de conservares os passeantes a distancia e de seres um pouco mais orgulhosa. E, alem d'isso não faças tantos presentes, ouviste? é verdade que por duas vezes te mandei um chapeu: tinha-me esquecido completamente do primeiro; mas isso não é rasão para dar um chapeu de dez dollars a uma preta, só por que tem um filho doente. Não te era nada aquelle bebé; esqueci-me de perguntar se a saia se veste só; hei de ir a casa da pessoa que faz os vestidos para me certificar d'isso; mas estou certo de que ha de ser preciso mais do que a saia e o corpete, segundo o que vejo por esses sitios. Parece-me que não precisas de um piano para cousa nenhuma; o velho desconfiava logo e ia tudo com os diabos. Prometti-te deixal-os em paz, mas é necessario que cumpras, tambem, tudo o que me prometteste. Estimo que vás fazendo progressos com o revólver de seis tiros. Acertar em vasos de estanho, a quinze passos de distancia, já não é mau; mas deves ensaiar-te com alguma cousa que se mova. Esquecia-me de dizer-te que descobri um rasto do teu irmão... Um rasto de ha tres annos, de quando elle estava em Arizona. O amigo por quem sei isto não me explicou o que elle fazia lá, mas estou certo que não passava mal. Se elle está vivo, queres apostar que o descubro? Recebi a *yerba buena* e a erva cidreira; teem o mesmo perfume que tu. Dize-me cá, Flip, lembras-te da *ultima cousa?*... quando te despediste de mim á entrada do atalho?... cautela, não descubra eu nunca que outro te beijou.»

Aqui, a virtuosa indignação do director do correio desabafou com uma grande praga. Atirou fóra a carta; mas, dois factos lhe ficaram gravados na memoria:

Flip tinha um irmão, não se sabe onde.

E tinha tambem um namorado em carne e osso.

Não posso dizer ao certo o que Flip revelou ao pae do

conteudo d'esta carta e das precedentes. Se lhes suppri-miu alguma cousa, foi provavelmente o que dizia respeito ao segredo de Lance, e, ainda assim, é natural que nem mesmo ella estivesse bem ao facto d'esse caso. Emquanto ao que lhe dizia respeito, era franca sem ser expansiva, e a sua obstinação timida nunca a abandonava, mesmo na presença do pae. Dominando-o de facto tanto quanto era possivel, no momento em que a sua auctoridade se exer-cia mais imperiosa era quando ella parecia mais embara-çada; conseguia os seus fins sem erguer os olhos nem altear a voz; no momento em que triumphava parecia es-tar coberta de vergonha; e as discussões terminavam sem-pre por um murmurio quasi inintelligivel que ella dirigia a si mesma, e por um pequeno gesto significativo.

A revelação d'estas relações singulares com um desco-nhecido, a troca de presentes e de cartas, suscitaram na alma de Fairley um vago remorso, um sentimento novo de deveres paternaes desprezados, cujo primeiro resultado, graças á fraqueza do seu caracter, foi um antagonismo ra-bujento contra o causador de tudo isso. Demonstrava, em compridos monologos cheios de melancholia, a vaida-de da fabricação do diamante quando se era constante-mente «massado» por «intrusos;» a depravação dos mons-tros que se disfarçam para conjurar e a influencia delete-ria que os seus manejos exercem no carvão; fazia allusões sombrias aos costumes dos espiões e das viboras, creadas e alimentadas no lar domestico, e aos conclaves mysterio-sos e occultos dos quaes se excluem os parentes de ca-bellos brancos.

Uma palavra ou um olhar de Flip tapava-lhe a bocca, e o velho interrompia o seu discnrso, muito embaraçado; o effeito d'esses sermões, porém, era lugubre. Mais tarde, abandonou o monologo por uma affectação de humildade e de obediencia, acompanhada de protestos e desculpas ser-vis. Se se tratava de uma encommenda de carne de porco salgada: «Não vale a pena consultares um pobre velho,

dizia; uma rapariga tem os seus amigos que a aconselham, é muito natural!»

A respeito da barrica de farinha, a mesma condescendencia abjecta:

«Se não está já tudo decidido, pede conselho ao primeiro viajante que encontrares, pergunta-lhe que tal acha a farinha do moinho de Santa Cruz. Mas não perguntes qual é a opinião de teu velho pae... Oh! isso é que não!»

Se Fairley surprehendia a filha dando uma ordem ao cortador, afastava-se com ostentação, dizendo significativamente: «Não quero incommodar-te... Tens os teus segredos!»

Estes symptomas de enfraquecimento não eram bastante frequentes para assustarem Flip; mas o que ella não podia deixar de observar, era a nota enternecida que havia n'elles e que ella não conhecia. O pae vigiava-a com tremula solicitude; demorava-se, pela manhã, nas proximidades da cabana; largava o trabalho uma hora mais cedo, á noute; comprava-lhe cousas absurdas e inuteis e offerecia-lh'as com inquietação nervosa, mal dissimulada por um ar desembaraçado de generosidade paternal.

—Aqui está o que te trouxe, ainda agora, da encruzilhada, dizia elle com indifferença, retirando-se logo para observar a impressão causada por um par de sapatos com o dobro do tamanho necessario, ou por um gorro de pelles no mez de setembro. Teria alugado um harmonium para a filha, se não tivesse a revelação surprehendente e inesperada de que ella não sabia tocar. Começára por receber friamente a noticia de se terem descoberto vestigios do filho; depois, de repente, começou a falar do seu regresso proximo como de uma certeza que devia resolver, para Flip, a questão da sociedade.

—Quando tiveres o teu proprio sangue a teu lado, dizia elle, não poderás vadiar por aqui e por ali, com o primeiro que te appárecer... isso com certeza!

Esta florescencia de amor paternal era excessivamente

tardia para causar muito effeito em Flip, amadurecida prematuramente pelo egoismo e pela aridez de coração de Fairley. Comtudo, como tinha bom caracter, vendo-o seriamente preoccupado, fez-lhe mais companhia, seguia-o ao retiro sagrado do laboratorio dos diamantes, e, com os olhos perdidos no vacuo, escutava as suas recriminações acerbas contra todos em geral e cada um em particular. Essa paciencia tranquilla era devida, sobre tudo, a uma nova alteração da sua natureza caprichosa. Renunciára ás suas transformações mysteriosas, collocára em logar seguro os seus adornos preferidos e o boudoir campestre não tornára a vêl-a apparecer. Dava grandes passeios na vertente da montanha e seguia o caminho por onde, outr'ora, conduzira Lance á cabana. Uma ou duas vezes chegou a ir á volta da estrada onde se tinham despedido um do outro; voltava de lá commovida, de olhos baixos e com o rosto purpureado por um rubor ardente.

Estas peregrinações, ou talvez algum instincto subtil da creança que se faz mulher, punham-lhe no olhar o que quer que fosse que os seus dois adoradores, o cortador e o director do correio, liam com paixão. Tornou-se celebre sem o saber. A fama dos seus encantos, das suas perfeições seductoras, attrahia estrangeiros ao valle.

E' facil imaginar o que resultou d'ahi e o effeito produzido no velho Fairley. O proprio Lance não collocaria junto da rapariga uma vigilancia mais ciosa. Todos os que tinham ouvido falar n'aquella perola mysteriosa occulta na montanha, iam-se embora, surprehendidos, vendo-a tão bem guardada.

O verão comprido e arido chegava ao seu empoeirado fim. Dividira-se e espalhara-se nos atalhos e nas estradas cheias de pó; seccara nas fibras endurecidas e crepitantes da vegetação das montanhas e das planicies, exhalara-se no fumo opaco e nas labaredas que, alternativamente, de dia e de noite, cobriam as florestas incendiadas. Os nevoeiros aggressivos da cordilheira das Encostas viam os seus

esquadrões valentes dizimarem-se diariamente e acabarem por desapparecer. O vento saltou do noroeste para sudoeste. A aragem salina do mar invadiu as alturas; depois um dia, o ceu, impiedoso na sua serenidade immutavel, ondeou-se levemente de nuvens longinquas e mysteriosas, como se tivesse sido agitado por um calafrio impalpavel. A manhã seguinte despontou sobre um novo horisonte — bosques, valles, picos, revestidos de novas fórmas, cristas desapparecidas, nevoeiros longinquos dissipados. — Chovia.

Quatro semanas decorreram assim, com abertas de sol repentinas, clareiras aereas de um azul vivo e intenso; depois sobreveiu a tempestade. Os pinheiros e os abetos da montanha rolaram, todo o dia, arrastados pelo furacão. Ás vezes a força da chuva parecia repellida pela furia do vento, outras, o aguaceiro lançava ondas continuas na vertente da montanha.

Torrentes occultas, das quaes ninguem suspeitava a existencia, innundavam, de repente, os atalhos; os charcos tornavam-se lagos, os regatos, rios. Abrigados da tempestade, os valles silenciosos viam a sua paz alterada pela invasão das ondas tumultuosas, e até o delgado fio d'agua que corria no bosque de Genebra e Gengibre se transformara em cataracta.

O furacão obrigou Fairley a saltar muito cedo da cama. A queda de um grande pinheiro atravez do atalho e o tresbordo de um riacho, apressaram-lhe os movimentos. Mas não tardou que visse o que era para elle infinitamente mais desagradavel; uma fórma humana. Pelo fato molhado e agarrado ao corpo, pelos compridos cabellos soltos que lhe cobriam as faces e os olhos, pelo chapeu extravagantemente enfeitado, o velho conheceu uma das antigas inimigas do seu repouso, — uma mendiga indiana.

(Continúa).

Bret HARTE.

PENSAMENTOS DE UMA RAINHA

Á força de viver, chega-se a receiar até mesmo o céu, como a ultima e a mais cruel das decepções.

*

A bondade da juventude é angelica; a bondade da velhice é divina.

*

Ha uma bondade que repelle e uma maldade que attrae.

*

A experiencia é uma mulher edosa, que se venera, sem se perguntar se o seu passado foi duvidoso.

*

O conhecimento do mundo e o do mar adquirem-se na tempestade; mas nos olhos do velho marinheiro vê-se o reflexo da morte, que elle muitas vezes arrostou.

*

Não nos perdoam nem o nosso talento, nem os nossos triumphos, nem os nossos amigos, nem a nossa fortuna; apenas a morte é a unica cousa que nos perdoam, e ainda assim...

*

Ha paes que se vingam nos filhos da má educação que elles mesmo lhes deram.

*

Quando uma pessoa nos é antipathica, tornamo-nos infieis ás nossas convicções, unicamente para contradizel-a.

*

Durante um bom numero de annos, não ousamos crêr na nossa propria observação, por ella differir da dos outros.

*

Quando um defeito nos impressiona em outrem, lançâmos-nos no extremo opposto, persuadidos de que adquirimos uma qualidade.

*

Torna-se facil a vida, logo que abstrahimos de nós mesmos.

*

O céu não perdoa que se lhe arranque o que elle quer dar.

*

A alegria é a vida observada atravez de um raio de luz.

*

É uma rara felicidade quando o dia de ámanhã justifica o de hoje. Ámanhã abre-nos os olhos, fechando-nos muitas vezes o coração.

*

Tomae nota das *verdades* que os intimos vos dizem, e vereis que contradicções!

*

Um bello olhar procura a alma—ou os sentidos.

*

Querer seria poder se todos os meios fossem bons.

*

Desgraçados! julgaes proteger a mocidade tirando-lhe a sua armadura de innocencia.

*

A mocidade julga, a velhice absolve.

*

A «simples verdade» é mais complexa que uma mulher.

*

Conversar com um homem sem educação, é falar francez a um chinez: toma-vos por inimigo e torna-se aggressivo.

*

O primeiro filho da primeira mãe foi um revoltado e um assassino.

*

O sol não vê o mundo senão cheio de calor e de luz.

*

As moscas são como os jornalistas: nada para ellas é sagrado.

*

Deus, como o sol, muda de aspecto conforme o ponto da terra d'onde os homens o vêem.

*

Deus perdôa, a natureza nunca.

*

Estudae o corpo humano; a alma não está longe.

*

A honra do homem usa armadura e maça; a honra da mulher tem só raizes e espinhos.

*

Todo o homem tem em si um Prometheu, creador, rebelde e martyr.

*

Ha caras nas quaes se vê por momentos serpentinhas

sahindo dos olhos: ha outras em que as serpentes se arrastam até aos olhos sahindo dos cantos da bôca.

*

Quando um homem ama seus filhos com excesso de paixão, tende a certeza de que não é feliz.

*

O que separa o homem do animal, é a duvida.

*

O homem rehabilita-se pelo campo de batalha, a mulher pela maternidade.

*

A mulher do mundo difficilmente se conserva mulher de seu marido.

*

Se duvidaes da verdade de um sentimento, dirigi-vos a uma mulher esclarecida; conhece-os todos.

*

«Ella não tem senão o que merece!» quer dizer: «Eu tel-a-hia tornado tão feliz!»

*

Uma mulher é lapidada por uma acção, que um homem perfeitamente honesto póde commetter.

*

Nas mulheres ha tendencia para julgarem sobre um exemplo unico que ellas generalisam; é isso o que muitas vezes as torna apaixonadas.

*

Uma mulher incomprehendida é uma mulher que não comprehende os outros.

*

Foi por egoismo que os homens fizeram as leis mais severas para a mulher, sem perceberem que, d'esse modo, a elevam acima d'elles.

*

Que doloroso espectaculo vêr o filho servir de refugio e de protecção á mãe!

*

Ha mulheres magestosamente puras, como o cysne. Tocae-lhes! vereis as suas pennas erriçadas durante um segundo; depois afastar-se-hão silenciosamente para se refugiarem no meio das ondas.

*

A maternidade é divina nos seus soffrimentos, tocante nos seus transportes — fastidiosa na sua felicidade contemplativa.

*

Uma creança que balbucia faz calar vinte pessoas espirituosas.

*

Ha uma verdadeira maçonaria entre as mães; compre hendem-se todas.

*

Um amor infeliz é, para o homem, um pretexto de prazer sem amor.

*

O perdão é quasi indifferença; não se perdôa quando se ama.

*

Odiaes uma mulher desgraçada, que desejarieis ter podido consolar.

*

O ciume de um namorado é uma homenagem; o de um marido é uma offensa.

*

Entre marido e mulher deveria haver sempre um bocadinho de côrte.

*

A indifferença é uma flôr solitaria, que brota sobre um pantano.

*

A felicidade conjugal é muitas vezes compromettida por uma simples differença de vocabulario,

*

No casamento, uma santa amisade vem substituir o amor. Ai d'aquelles que o não comprehendem a tempo!

*

Deus não estabeleceu mais do que um pilar á sua creação: o amor.

*

O amor, o qual é tão forte, que quebra todos os freios e rompe todos os laços, morre de um bocejo.

*

O amor pede, a amisade dá.

*

O amor não vê os defeitos, a amisade ama-os.

*

O amor não conhece senão o presente: a amisade diz: «Lembras-te?»

*

As lagrimas que apagam o amor alimentam a amisade.

*

O amor despreza a amisade porque se sente creador e a amisade retribue-lhe o desprezo, porque se sente eterna.

*

A amisade que só deriva do reconhecimento é como uma photographia: com o tempo empallidece.

*

As consolações caem muitas vezes no coração como gottas d'agua em azeite a ferver. Fazem-o crepitar e saltar.

*

A amisade diminue quando ha excessiva felicidade de um lado e excessiva desgraça do outro.

*

«Temos soffrido tanto juntos!» eis o hymno da amisade.

*

Em amisade é melhor ouvir que aconselhar.

*

Ha só uma felicidade:
O dever.
Ha só uma consolação:
O trabalho.
Ha só um goso:
O bello.

*

A esperança é uma fadiga que vae dar a uma decepção.

*

A felicidade é como o echo: responde-nos, mas não vem.

*

Ninguem procure consolações senão nas cousas immortaes: a natureza e o pensamento.

*

É felicidade bastante poder fazer uma boa acção.

*

Os outros vêem em nós felicidade, que nunca tinhamos sentido.

*

A felicidade é maior que a desgraça. Esta não extingue a lembrança d'aquella, ao passo que um instante de felicidade faz muitas vezes esquecer annos de soffrimento.

*

É-se sempre martyr dos proprios defeitos.

*

Uma grande desgraça dá grandeza, mesmo a um ente insignificante.

*

A desgraça póde tornar-nos altivos; o soffrimento faz-nos humildes.

*

Os homens sentem tão grande prazer em ver chorar, que se vingam dos altivos e dos silenciosos dizendo que esses não teem coração.

*

É destino dos grandes da terra divertirem a multidão, até mesmo com os seus enterros.

*

Quando todas as religiões forem desprezadas, restará ainda o cemiterio como egreja ultima.

*

Há poucas naturezas vibrantes que não tenham pensado no suicidio, pelo menos uma vez na vida.

*

A dôr physica póde chegar a um grau em que se torne voluptuosidade, exaltação; é o que explica os martyres.

*

Quando temos um pesar que não queremos dizer, falamos dos outros que d'antes occultávamos.

*

Ha lagrimas que queimam e deixam cicatrizes. Ha outras que embellezam e adornam o rosto. Ha outras, finalmente, que ameaçam e fazem estremecer.

*

A lucta contra o mundo exterior redobra as molas do organismo; a lucta contra nós mesmos quebra-as.

*

Queimamos as azas como os insectos; mas infelizmente não morremos d'isso.

*

De noite, tudo é de fogo: estrellas, pensamentos e lagrimas.

*

O genio é como o sol: empresta a sua luz.

*

As conversações tornam-se penosas quando se responde, não ás palavras ditas, mas ás palavras pensadas.

*

Ninguem póde ser espirituoso senão quando os que o rodeiam o são tambem. Que importa ao gallo cantar deante de patos, se elles não o entendem?

*

Temos medo da originalidade como de um fato, novo de mais; e empregamos os maiores esforços para sermos como toda a gente.

*

N'um momento tragico e n'uma situação difficil, dizem-se tolices. O cão uiva quando tem medo.

*

A penna consola melhor do que a religião e tortura mais do que a Inquisição.

*

Os pensadores governam o mundo sem o saber, e os poderosos são governados pelo mundo sem o saber tambem.

*

São precisas tantas reflexões para produzir um pensamento quantas as gerações para produzir um pensador.

*

O genio é um soberano que se aloja n'uma choupana, e só pela sua presença a choupana transforma-se em palacio.

*

O genio é como o vento: não se sabe d'onde vem, nem para onde vae, não se sabe o que leva nem o que destroe, e, mais ainda, elle proprio o não sabe tambem.

*

A ambição é quasi tão funesta ao espirito como a fome. Dar os seus mais bellos pensamentos por um bocado de pão, é uma desgraça; trabalhar por uma folha de loiro, é um perigo.

*

A contradicção anima a conversação. Ahi está porque a vida das côrtes é tão aborrecida.

*

Os maus poetas fazem da lingua o que os maus padres fazem da religião: uma prisão acanhada.

*

Chama-se realismo a fealdade, como se chama franqueza a grosseria.

*

Existem os monstros, é certo; porém mostral-os por dinheiro na feira ou descrevel-os nos livros, é tudo a mesma cousa.

*

Julgam muitos ser Rabelais por darem ás cousas o seu verdadeiro nome. Viram o rei escarrar; escarram tambem, e imaginam que ficam sendo o rei.

*

O artista é Jacob, o genio é o anjo que elle tem de prostrar. Sáe do combate vencedor e inválido.

*

Em arte não se tem que dizer uma verdade, mas a verdade. É tão difficil como na vida.

*

O artista faz muito mal em communicar aos outros a sobreexcitação mórbida do seu cerebro.

*

O genio é como o sol, radiante, fertilisante, devorador.

*

Os dois maiores poetas, Homero e Shakespeare, fizeram tão bem a abstracção de si mesmos, que se nega a sua existencia.

*

As mais bellas cousas teem sido feitas inconscientemente,—como os grandes homens.

*

Um artista descobre uma veia d'oiro; immediatamente a multidão se precipita sobre ella, exgota a veia, e continua a querer exploral-a.

*

A mulher é mais capaz do que o homem de comprehender o artista; pela maternidade, sabe quanto é cruel gerar.

*

A paciencia não é passiva; pelo contrario, é activa, é a força concentrada.

*

E' precisa uma delicadeza infinita para responder a uma confissão sem envenenar o mal.

*

A estupidez põe-se na primeira fila para ser vista; a intelligencia põe-se atraz para vêr.

*

O dever é para alguns uma camisola de forças.

*

Uma mulher que se respeita consegue sempre ser aos olhos do mundo uma mulher feliz.

*

O amor cria o mundo, o dever governa-o.

*

Libertar-se do dever, é ser louco ou criminoso.

*

A educação é a arte de conhecer o seu dever e de limitar a sua liberdade.

*

Como já se não sabe ser gentil, tem-se um abandono extremo que se faz passar por elegancia.

*

Os pequenos não teem senão direitos, os grandes não teem senão deveres.

*

A altivez unida á força ennobrece; unida á fraqueza, degrada.

*

Commette-se uma loucura para se ser *cavalheiresco*. Para se não ser chamado *Don Quichotte*, evita-se uma boa acção.

*

A modestia não é uma virtude, é a sombra do valor.

*

Ha uma modestia que não passa de ser a capa do orgulho.

*

As grandes cerimonias são comedias desempenhadas em scenas sem bastidores. Perde-se a illusão e prejudicam-se os effeitos.

*

O nosso primeiro cuidado é implantar n'um paiz novo a civilisação dos antigos. E' como se substituissemos os dentes de leite pela queixada de um velho.

*

A todos os mortaes se concede uma lingua e mesmo uma penna para se defenderem. Só dos soberanos se exige, que sejam como Deus, o qual se deixa injuriar sem responder.

*

Os principes são educados para viver com toda a gente: deveria educar-se toda a gente como os principes.

*

Para se ser amigo de um soberano, deve-se ser um homem sem paixão, sem ambição, sem egoismo, perspicaz e previdente; emfim, não ser um homem.

*

Citam-se muitas vezes as palavras da Biblia: Não vos fieis nos principes! e esquece-se o fim da phrase: porque são homens!

*

O vocabulario da politica é muito restricto; entre outras, não figura n'elle a palavra: compaixão.

*

Em politica sacrifica-se tudo: o amigo, o irmão, a mulher, a consciencia; mas ninguem se sacrifica a si proprio.

*

Outr'ora havia pelourinhos; agora ha jornaes.

*

Os lisonjeadores dos soberanos eram covardes; os lisonjeadores dos povos são traidores.

*

N'um casamento, os homens riem e as mulheres choram.

*

Os cometas e os grandes homens deixam um rasto de luz, no qual se agita uma multidão d'átomos.

*

Não haveria martyres, se não houvesse espectadores.

*

Ha muita gente que censura só para não parecer ignorante. Não sabe que a indulgencia é a prova da mais alta cultura.

*

Deve ser-se ou muito piedoso, ou muito philosopho; deve dizer-se: «Faça-se, Senhor, a tua vontade!»—ou então:

«Natureza, admiro as tuas leis, mesmo quando ellas me aniquilam.»

*

O aphorismo é como a abelha: carregada de succos, munida de ferrão.

(Trad. de Fernandes Costa.)

Carmen SYLVA

O OUTOMNO DE UMA MULHER

TERCEIRA PARTE

(Continuação)

V

E por fim, voltando-se para Rodin que, com o seu olhar malicioso, o estava vendo enterrar-se, disse:

— Não é esta a sua opinião, doutor Rodin?

Rodin inclinou-se.

— A medicina é verdadeiramente inutil aqui, disse elle, pelo menos para curar. A' cabeceira de M. Surgére, o que ella tem agora a fazer, é apenas observar e instruir-se. E' a esse titulo, que eu peço licença para voltar...

— Olhe para a cara de Frœder, dizia em voz baixa Daumier ao ouvido de Rieu. Está fulo com a idéa de Rodin; foi batido; não soube dar-se os ares de se interessar pela «sciencia!»

Julia sondou ligeiramente os dois augures e dirigiu-se para o quarto do doente. Esquier seguiu-a.

Sentia-se mais forte, segura agora de se encontrar em face de uma cousa que, por assim dizer, não exisiia já.

Um cheiro de chloroformio, misturado com um perfume artificial que tinham feito queimar, perturbou-a logo á porta. Como o sol poente batia na janella, tinham fechado

as persianas antes da conferencia. Cahia a tarde; era noite quasi.

— Vá buscar um candeeiro, Hélo, disse Esquier á enfermeira.

— Então! perguntou elle, logo que a mulher sahiu. Está vendo o que resta de Antonio.

No meio da penumbra, Julia entrevia a cama, encostada á parede lateral, e uma especie de massa informe que parecia posta em cima d'ella; posta, não deitada. Aquella massa estava immovel. A pouco e pouco os olhos de Madame Surgére, habituando-se á escuridão, distinguiam um corpo, sentado ou ajoelhado na altura do travesseiro; distinguia-lhe os membros apanhados, torcidos, e a cabeça fixa, um pouco voltada para a esquerda... O candeeiro que Hélo trazia illuminou os pormenores d'aquella fórma confusa... Madame Surgére approximou-se da cabeceira; aquella cousa deformada surprehendia-a; se fosse n'um hospital, teria passado deante d'aquelle leito sem reconhecer o marido. Mas as palpebras d'elle ergueram-se de repente, e fitaram-a; um olhar lentamente virado, emquanto a cabeça ficava inclinada.

Julia recuou; os seus dedos agarraram nervosamente o pulso de Esquier.

— Conheceu-a, disse o banqueiro.

Julia olhava, hypnotisada pelos olhos fixos. D'aquelles dois olhos, o esquerdo parecia já vitrificado, quasi morto, ou pelo menos não conservava da vida senão o movimento sem a sensibilidade. Mas o outro, indubitavelmente, vivia; concentrava e resumia a vida d'aquelle corpo pregado, semi-immovel.

— Não lhe quer dar a mão? lembrou Esquier.

Ella approximou-se do leito, e tomou na sua mão a mão do doente. Mas ao apertal-a, sentiu-a molle, como se estivesse despejada; uma especie de luva humana, cheia de pasta, que cedia sob a pressão dos dedos. Julia soltou um grito. Esquier susteve-a.

— Peço-lhe que me leve d'aqui, murmurou ella.

Agarrada ao braço do banqueiro, tornou a voltar para o gabinete de trabalho. Rodin e Frœder tinham sahido já. Daumier e o barão de Rieu conversavam ainda um com o outro defronte da janella, na escuridão que se tornara completa. Julia ficou satisfeita com essa escuridão que lhe permittiu, afundada n'uma poltrona, restabelecer-se lentamente, sem attrahir a attenção:

Murmurou a Esquier:

— Converse... Não reparem em mim, eu vou melhor...

Esquier foi para junto dos dois homens. Atravez do nevoeiro de entorpecimento em que a sua fraqueza a mergulhava, ouviu que Daumier não falava já d'Antonio Surgère, mas sim de Clara.

Dizia:

— Eu não quero inquietar-te, meu caro; mas, em verdade, precisas tomar cuidado. Usa da tua auctoridade em tua filha para a fazer sahir de Paris: vê se lhe encontras uma companheira da mesma edade; manda-a para o Sul; emfim, distrae-a; evita que esteja só e que pense... sem isso, não respondo por cousa nenhuma.

Depois de um minuto de silencio, Esquier perguntou:

— Fica para jantar, Daumier? E você, Rieu?

Daumier acceitou. Rieu desculpou-se ao principio, mas acabou por ceder. N'esse mesmo momento um creado abria a porta e annunciava estar o jantar na mesa.

Quando todos quatro desciam a escada encaminhando-se para a casa de jantar, Julia, a quem as ultimas palavras de Daumier tinham inquietado, deteve-o.

— É verdade, perguntou ella, que a saude de Clara o esteja inquietando?

— Sim, muito, muito!

Explicou que no mez de janeiro d'esse mesmo anno, tivéra occasião de tratar um caso analogo: uma rapariga, uma simples costureira, que trabalhava fóra aos dias, e que, sem lesão em nenhum orgão, havia cahido em tal es-

tado de comsumpção e de debilidade, que tivera de suspender absolutamente o seu trabalho.

— Em vez de a medicar, continuou o medico, informei-me, confessei a doente. Acabei por saber que n'uma das familias para onde ella ia trabalhar muitos dias, se tinha apaixonado pelo filho mais velho da casa, um official muito novo que acabava de sahir de Saint-Cyr. Não se atrevia a manifestar a sua ternura; consummia-se silenciosamente.

— E o que fez? perguntou Julia.

— Eu lhe digo com franqueza: fui procurar o official e contei-lhe o caso. A pequena não era bonita nem feia; mas tinha vinte annos e, como já lhe disse, o rapaz era muito novo. Impressionou-se com o succedido, e depois, no exercito não são muito exigentes. Passados oito dias, a minha doente estava magnifica; montava nos cavallos de pau, da feira de Neuilly.

Á mesa, Clara estava sentada no logar do costume, entre Rieu e seu pae. Oh! que remorso vivo para a pobre Julia estava sendo aquelle pallido perfil, tão delgado, quasi transparente! Que remorso para ella, a dôr d'Esquier! Antes do fim do jantar, Clara subiu para o seu quarto. Alguns minutos depois, Julia, devorada pela inquietação, levantou-se tambem da mesa. Não podia mais; era preciso tentar mais uma vez attrahir a pobre creança, obter a sua confiança, o direito de falar abertamente... Minava-a um fermento de abnegação; sentia-se capaz de tudo para curar o mal que fizera.

O quarto não estava illuminado senão por uma vela collocada sobre a pedra do fogão. Julia approximou-se do leito, debruçou-se... Clara voltou-se subitamente, mostrando um rosto espantado, afogado em lagrimas, que occultou immediatamente com as mãos, ao reconhecer M.me Surgère.

— Clara, minha querida, balbuciou esta... Choras, tens alguma cousa? Por que me não queres dizer o que soffres? Então, já não tens confiança na tua amiga?

Clara enxugou os olhos com um gesto voluntario.

—Não... não tenho nada, nada...

—Tens, sim, tu soffres, respondeu Julia, prendendo as duas mãos que se furtavam. Ah! como fazes mal em não confiares em mim, que ingratidão commetes! Eu era capaz de fazer tudo quanto me fosse possivel para te consolar!

Se n'esse momento, Clara tivesse confessado tudo, se se tivesse lançado nos braços maternalmente abertos, Julia, tão mortificada, tão devastada pela lucta, talvez tivesse abandonado n'um impeto toda a resistencia; talvez n'uma d'essas fomes de dedicação que devoram os grandes corações, ella tivesse exclamado: «Pois bem! ama-o! elle que te ame... sê sua mulher... Mas não soffras... mas vive... Ah! mas a esse trasbordar de abnegação, Clara fechava resolutamente o coração, as suas mãos procuravam fugir das mãos de Julia... Esta repetiu, inclinando-se para ella: «Clara, peço-te, fala comigo... Farei tudo o que tu quizeres... ouves? tudo o que quizeres!» Conheceu que perdia pé, que ia afundar-se e afogar-se no seu proprio dó... Não importa; arrebatava-a a vertigem do sacrificio. «Tudo o que quizeres, ouves?» Tudo, ella teria dado tudo n'esse instante pelos braços de Clara lançados em volta do seu pescoço; por um: «Obrigado!» tranquillisando o seu remorso! Mas quando ella procurava esse abraço, Clara arrancou-se-lhe quasi brutalmente:

—Deixe-me! disse ella.

Era de mais. Revoltou-se então toda a altivez que o amor tinha posto na alma de Julia:

—Pois bem! deixo-te. Adeus.

Sahiu do quarto de Clara, dirigiu-se ao seu, no qual se encerrou. Expulsa do sacrificio e da dedicação, retemperou no amor o pobre coração mortificado pelos remorsos e pelo despreso: lembrando-se dos dias de Cronberg, tão caramente dolorosos, esqueceu tudo, achou bella e rara ainda a parte que lhe estava guardada pelo destino.

Alto, n'esse quarto onde estava sósinha, falou ao ausente, disse-lhe que o amava, que não amava senão a elle. Pediu-lhe, como uma devota ao seu santo favorito que lhe perdoasse o ter, no decurso d'esse dia, sentido vacillar o coração sob pressões diversas da sua ternura. Prometteu-lhe e prometteu a si mesma, não mais deixar surprehender o seu pensamento; ser egoista e insensivel n'elle, para elle.

II

Desguarnecia-se folha a folha, n'esses dias de meiado outomno, o grande jardim do hotel Surgère. Em frente do pavilhão habitado por Esquier, toda a verdura estava amarellecida ou enferrujada já; mas vinte cambiantes de coloração, desde o verde escuro até ao rubro sangue, ondeavam aquella verdura proxima a decair. No ponto em que as aleas se curvavam para contornar o pavilhão, dois massiços d'azelias purpureas pareciam arvores de magica entre esqueletos de lilazes. Mais longe, o fundo do jardim conservava-se maravilhosamente verde, povoado d'arvores robustas; plátanos, loureiros, cedros, e, face a face, mirando-se n'um pequeno lago, um sabugueiro e uma figueira, centenarios ambos. N'esse recantò, contiguo a outros jardins, dava o sol todo o dia, não contrariado por muros nem paredes, e a frescura da agua reanimava ali as seivas.

Como esse outubro estava tépido, com tardes de ceu puro, de sol pallido, que se assemelhavam a um verão do norte, Clara, quasi todos os dias, levava um livro ou qualquer trabalho para debaixo do massiço formado pela figueira e pelò sabugueiro, e ahi, sentada horas inteiras, saboreava a quietação de estar só, ao abrigo da curiosidade affectuosa dos que a rodeavam.

Duas ou tres vezes depois do seu regresso, Julia tinha ido ali procural-a, inquieta, arrastada apesar de tudo à compaixão.

—Então não queres sahir commigo, minha querida? Olha que o medico recommenda muito que saias!

Clara respondia: «Não!» com uma voz tão carregada de rancor que M.me Surgère, triste e attribulada, renunciava a convencel-a: «Despresa-me e odeia-me,» pensava ella. E, de facto, sem que ella os precisasse bem, eram taes sentimentos os que agitavam Clara no decurso das longas horas de solidão. Desde a manhã em que ella havia surprehendido os amantes atravessando o salão vasio, no seu extase de amor exaltado, tivera esta ideia: «Mauricio, que me perteuce, é-me roubado por Julia.» Tinha soffrido, tinha chorado; mas tinha comtudo conservado uma esperança, quasi a mesma que vivia obstinadamente em Mauricio: —«Um dia virá em que eu o reconquistarei... um dia... com certeza!» Um dia! o que importa o tempo á mocidade? O futuro tão longo, tão longo, não tem annos bastantes para arranjar tudo?... Tinham passado, os annos: longe de arranjarem a realidade ao capricho dos sonhos, tinham apenas trazido a hora da crise inevitavel, a hora em que já se não póde dizer: Ámanhã... Mas n'essa hora de crise, mais que nunca, Clara affirmava a si mesmo com segurança: «Mauricio ama-me!» Tinha percebido distinctamente, desde que voltara do recolhimento para o mundo, a inquietação terna, a tristeza sombria d'elle. E elle mesmo não tinha confessado que a amava, um dia, enternecido e vencido por alguns compassos de Beethoven?

Quando ella lhe disse, pouco tempo depois: «M. de Rieu quer casar comigo,» não duvidava que Mauricio responderia: «Não!... sou eu quem a amo. Eu é que hei-de ser seu marido...» Cerrou os labios a ambos o mesmo sortilegio... não confiaram um ao outro o seu segredo: quando se separaram, parecia que toda a esperança de futuro commum lhes estava irrevogavelmente interdicta. Pois bem! apesar de tudo, emquanto Mauricio vagueava pela Allemanha, flagellado pela saudade e pelo desejo, Clara não perdia a confiança; a mesma voz de outr'ora lhe segredava

infatigavelmente: «Partiu... Abandonou-te. Mas pódes crêr que te ama, e com toda a certeza, voltará a procurar te...»

Foi quando M.me Surgère, por sua vez, partiu; foi quando Clara adivinhou que ella era chamada por Mauricio, que pela vez primeira se sentiu desprezada, e que perdeu o animo. Como é que o seu coração recto e simples podia admittir esta verdade monstruosa e banal: Mauricio amando-a, e comtudo cedendo á necessidade de ter a amante ao pé de si? Sentia-se vencida; conheceu as verdadeiras torturas do ciume.

Quantas vezes tinha ella sonhado, essa viagem de solidão querida n'um paiz distante, com Mauricio! Estavam casados: dizia-se adeus a Paris, ás caras conhecidas, todas importunas, mesmo as mais amadas; e iam por ahi fóra, ella levada nos braços do marido, para o futuro! Horror! a viagem aventurosa era outra quem a effectuava com Mauricio. Uma outra o possuia, sósinha, longe dos olhares, bem livremente. Detestou Julia por lhe ter roubado essa felicidade: despresou-a tambem. Não adivinhava nitidamente o que podiam ser as relações dos dois amantes em Paris. Com certeza que se viam a sós, tinham entrevistas quotidianas; as sahidas regulares de Julia eram uma prova d'isso... Comtudo Julia vivia á parte de Mauricio; se se encontravam na sociedade, eram constrangidos á attitude de dois indifferentes... Emquanto que ao longe, agora, viviam juntos, mostravam-se abertamente pelo braço um do outro, *dormiam debaixo do mesmo tecto*!... E Julia consentia n'isso, uma mulher casada! E condemnou-a com a severidade de uma consciencia que não peccou nunca, que não sabe mesmo como se pecca.

Ah! as lembranças, ainda tão queridas, as lembranças da amisade infantil, as caricias timidas, permittidas ou roubadas, na *villa* dos Cravos, esse pouco d'ella mesma que Mauricio havia tido, como ella agora o censurava e reprovava! «Se alguma cousa teve de mim, pensava, foi porque eu suppunha ter a certeza de ser sua mulher um

dia!...» Não seria nunca sua mulher... Atirada para outro casamento, compromettida a seu pesar, bem sabia que não podia encontrar ali felicidade: mas o repouso mesmo, a paz da consciencia pareciam-lhe impossiveis,—unida a outro homem, sem ser Mauricio, com taes lembranças!

—Mademoiselle Clara, é o sr. barão.

A areia do jardim accusara a bulha de passos; atravez dos ramos despojados dos lilazes, Clara Esquier tinha distinguido o avental branco de Mary. Agora, a creada de quarto, em pé deante d'ella, esperava as ordens. Clara hesitava. Havia de receber esse moço, tão dedicado, tão bom, de quem era tão amiga e a quem tornava tão infeliz, a seu pesar?

—Para onde o mandou entrar?

—Para a sala, mademoiselle.

—-Diga que eu já vou.

Depois, reconsiderando, quando Mary se afastava:

—Não... Traga-o antes para aqui.

Acabava de pensar que se tornava necessaria uma explicação definitiva e franca, e que n'esse canto solitario, agora respeitado pela propria Julia, a sua conversa seria mais tranquilla...

Passados alguns instantes, chegara Rieu. Vinha um pouco pallido; a sua apresentação foi embaraçada, e quando Clara o fez sentar n'uma cadeira de verga, proximo d'ella, não se recompoz immediatamente.

Fitava-a, inclinada sobre o seu bordado que lhe tremia entre os dedos, velando-lhe os grandes olhos, os agitados cilios. Esses olhos grandes de mais e excessivamente negros, os dentes brancos em extremo, a pelle extremamente fina, e alternadamente, ao capricho das emoções, pallida como uma folha de camelia ou innundada de côr; não sei que contraste violento entre essa pallidez transparente do rosto e a tinta negra dos cabellos: a magreza dos braços sobre os quaes fluctuava o estofo ligeiro das mangas; a

magreza das mãos onde os dedos pareciam tão frageis, que qualquer cousa os quebraria como varetas de vidro, tudo revelava a mulher consumida por dentro, proximo do momento em que a chamma da alma queimaria o envolucro.

Vendo-a assim consummida, tal afflicção o penetrou, que teve este pensamento: «Tudo val mais do que a sua magua... Antes eu soffra, do que veja soffrel-a por minha causa». Entre as duas torturas: soffrer por perdel-a, soffrer por vêl-a soffrer, em verdade parecia-lhe mais toleravel a primeira.

Os pensamentos d'ambos, carregados d'anciedade, tinham estabelecido entre elles o silencio. A presença de Rieu punha Clara em face do problema que era preciso resolver emfim: o casamento, isto é o adeus ao sonho, a renuncia. Que fazer? Estava chegado o momento de decidir. Apresentou-se a Clara a imminencia d'essa necessidade, e apesar do esforço que fez para se dominar, a tortura da crise contrahiu-lhe o rosto.

Rieu pegou-lhe nas mãos:

—Conheço que soffre muito, não é assim? O que tem? Fale comigo!

Ella abanava a cabeça em signal de: «Não!», mas as suas faces descóradas ainda pelo sobresalto do coração, o tremôr dos seus labios, a morte do seu olhar, dos seus membros abandonados, diziam a sua angustia.

—Peço-lhe, supplicava Rieu. Responda-me! Diga-me o que é preciso que eu faça, e eu farei tudo... Soffre por causa da minha presença? Queria vêl-a tão feliz! Queria não me encontrar na sua vida senão para lhe aplanar o caminho d'ella... Diga, Clara... Fale-me! não me trata como a amigo...

Dizia-lhe isto muito inclinado para ella. Encostada para traz sobre as costas da cadeira de verga, Clara parecia semimorta, e, vendo-a assim, a sombra mesmo do desejo se dissipava n'elle: só lhe restava uma adoração intensa, um

dó entranhado, a necessidade de se lhe immolar, para a restituir á vida.

Tambem elle conheceu, n'esse momento, a vertigem do sacrificio:

— Ouça, Clara, disse elle com gravidade, como se pronuncia um voto que tem de encadeiar a vida inteira. Eu não sei se o seu mal vem da minha presença, ou de... ou da ausencia d'outro... mas, peço-lhe que se convença, de que eu não quero tirar-lhe a esperança, mesmo a mais incerta. Tudo quanto foi combinado entre nós, todas as promessas, se lhe repugna cumpril-as, tudo está nullo, como se não tivessem sido feitas... Está livre...

E á medida que elle falava tinha a horrivel satisfação de reconhecer que as suas palavras eram efficazes, e que em verdade reanimavam Clara. Esta reabria os olhos, fitava-o com um enternecimento tranquillisado... um pouco de sangue lhe reanimava as faces. Comtudo, teve vergonha de acceitar essa immolação.

— Hei de cumprir o que lhe prometti, murmurou ella... se me demorei em falar-lhe n'isso, é porque me sinto doente, como vê... Mas dê-me tempo... tempo para me restabelecer... Eu não esqueci nada. Hei de cumprir a minha promessa.

Rieu abanou a cabeça.

— Não me prometteu nada, ou antes, quando me prometteu, não se conhecia a si mesma, não sabia... Não quero tirar proveito de uma surpreza; não tenho n'isso merecimento nenhum. Sei o que devo fazer.

E, passado um silencio, accrescentou:

— E é o mais acertado que tenho a fazer, para mim mesmo.

Deu alguns passos; depois voltou. Encontraram-se os olhares d'um e d'outro.

— Tem muita pena? perguntou Clara tristemente.

Rieu respondeu:

— Sim... tenho muita pena... Mas que quer?

Pela vez primeira elle comprehendia a fatalidade que o atirava para fóra do mundo, para fóra das emprezas sentimentaes que fazem a felicidade dos outros homens.

— Não sei o que hei de dizer; mas não me posso conformar a que soffra por minha causa!... Foi sempre bom para mim!... E eu tenho-lhe uma affeição muito grande.

— Tem? É minha amiga? perguntou Rieu, assomando-lhe aos olhos as lagrimas que já não podia conter.

— Sim, tenho! sou muito sua amiga, creia...

Rieu pegou-lhe nas duas mãos.

— Conserve-me essa affeição; será o unico modo de quando mais tarde eu pensar em si, me julgar ainda seu devedor... Não sei o que vae ser a minha vida. Seja, porém, qual fôr a direcção que ella tome, suster-me-ha o pensamento de que se lembra affectuosamente de mim.

Olharam-se longamente sem falar; vergavam os dois ao peso dos seus pensamentos: nenhuma palavra seria capaz de traduzil-os. Clara pensava: «Porque existe em mim uma força, não sei qual, mais forte que a minha vontade, e que a minha razão? Este ama-me, bem o sei; não tem nada que desagrade, é bom, é admiravel, e faço-lhe mal por causa do outro que val menos do que elle, que me não ama!...»

Ficou, por um momento, suspensa, quasi no ponto de reconsiderar, de dizer: «Sim, — decididamente, acceito, quero ser sua mulher.» N'estes remoinhos da vida, basta um ligeiro choqne para fazer afundar as nossas decisões. Foi o choque de uma lembrança que lhe atravessou o espirito sem causa: na vespera, surprehendera Julia, na sala pequena, a ler uma carta em que reconhecera a letra de Mauricio. Triumphou o instincto de rivalidade despertada. Guardou o silencio.

— Adeus, disse Rieu, simplesmente.

Clara perguntou:

— Retira-se? Deixe-se ficar mais um bocado, comigo!

— Não, respondeu elle. Não quero demorar-me. Deixe-

me partir, não tornar a vêl-a durante algum tempo. Se eu ficasse aqui, faltar-me-hia a força... Adeus.

—Como soffre! murmurou ella.

Elle replicou:

—Sim. Muito.

—Não me quer mal?

—Não. Adeus, mademoiselle!

Ella offereceu-lhe a testa n'um movimento irreflectido. Elle mal lhe tocou com os labios. Depois, sem olhar para traz, deixou-a, atravessou o jardim, sahiu.

Um desespero silencioso, um abalo, penetrava-o lentamente, como um frio excessivo que lhe tivesse gelado o corpo atravez da roupa. «E, comtudo, eu bem o sabia que tudo estava acabado... sabia-o ha muito tempo... Sim. Mas agora não tornarei mais a vêl-a!»

A sua desgraça quasi que já lhe não parecia crivel; julgava-se fóra da vida, no sonho. E em verdade os objectos reaes que o rodeavam, as casas, as arvores, as carruagens, fluctuavam-lhe deante dos olhos, incertos, afogados em um nevoeiro...

—Bons dias, deputado!

Percebeu esta palavra, como atravez de um espaço longinquo; sentiu um braço tomar-lhe o seu.

—Então! Que é isso? Devaneia-se?

Era Daumier. Rieu teve satisfação em encontral-o ali, em agarrar-se a um ente vivo.

—Ah! é você, doutor... Desculpe... Estou um pouco desorientado.

—Bem vejo, retorquiu Daumier. O que tem? M.elle Esquier não o recebeu?

—Recebeu... Mas, meu amigo, todo o meu sonho cahiu por terra.

—Nega-se a casar comsigo?

—Nega-se a casar.

—Pobre rapaz!

Andaram um pedaço, sem falar, sobre o asphalto da ave-

nida, pisando as folhas seccas, das quaes uma leve brisa rolava as volutas.

—E o que vae fazer? perguntou o medico.

—Não sei nada da minha vida, não lhe vejo sahida... Viu algumas vezes, em Monte Carlo, os jogadores que descem, cambaleando, os degraus do casino, onde acabaram de perder a fortuna? Pois bem, eu pareço-me com elles; tinha posto todo o meu cabedal de felicidade, em um numero de palpite, que não sahiu. Ahi está. Tem algum bom conselho a dar-me?

—Um conselho? Ha muito tempo que eu lh'o tinha dado, se m'o tivesse pedido. Digo-lhe, em duas palavras, o meu diagnostico a seu respeito. O meu amigo é extranho ao mundo, que não comprehende, e que o não comprehende. Porque persiste em viver n'elle?

—Que quer dizer com isso?

—Quero dizer, meu caro, que vejo em si um ente excepcional. Entrou na vida com uma alma perfeitamente branca. Depois dedicou-se a ideias ou a pessoas, a reis desapparecidos, á religião, aos operarios; fez da dedicação a sua carreira. É certo que conseguiu o que quiz; mas aquillo que aos outros se affigura como seu triumpho pessoal, cumpriu-se, realmente, fóra de si: o meu amigo, o que procurava não era a sua felicidade. Uma só vez teve ideia de realisar qualquer cousa em seu bem proprio. Enamorado de uma bonita e boa rapariga, quiz casar com ella... Era tentar o seu destino, meu caro; por isso ficou vencido. Esqueça-se de si o mais depressa que possa. Retome a sua funcção natural de abnegação. Consagre-se á missão consoladora de fazer fructificar a felicidade dos outros. É isto o que me parece.

Passado um silencio, Rieu observou:

—Estou convencido que tem razão. Mas, bem vê, sinto-me de tal modo desamparado, que nem mesmo tenho a coragem de juntar os pedaços da minha esperança partida...

Daumier pegou-lhe nas duas mãos e encarou-o bem de frente.

— Olhe! Vou-lhe exprimir ainda com mais clareza o meu pensamento. O meu amigo é uma especie de padre perdido no mundo; tem a fortuna de possuir a fé religiosa, isto é, uma irreflexão affirmativa, mais forte que todos os nossos raciocinios. Abandone, portanto, bem depressa o mundo, visto elle persistir em não o querer; faça-se padre, meu amigo!

A passo e passo, Daumier tinha reconduzido o barão até à porta do hotel Surgère; Rieu tornou-se um pouco mais pallido. Essa vocação do sacerdocio em que elle tinha pensado muitas vezes, denunciada hoje por uma bôcca não crente, parecia-lhe intimada divinamente, ao mesmo tempo que o entristecia o soffrimento da separação do mundo, como aquelle mancebo de que falam os Evangelhos, o qual chorou ao chamamento do Iniciador.

Daumier disse-lhe suavemente:

— Bem, tenho de deixal-o. Cheguei, e esperam-me por causa de Surgère.

Este nome fez erguer os olhos a Rieu. Viu as portas do hotel, o cimo das arvores; um reflexo de lembranças lhe trouxe as ultimas palavras de Clara.

— Pois seja, disse elle. Deixarei Paris esta noite. Na solidão, talvez sinta animo para executar o que me aconselha... Seja, porém, como fôr, obrigado.

N'esse momento, sentiam-se mais do que amigos: experimentavam aquella reciprocidade de ternura humana que nos vem, por termos entreaberto um instante, um deante do outro, o abysmo das nossas almas.

Rieu repetiu:

— Obrigado!... Não *lhe* diga...

— Não, respondeu Daumier; esteja descançado.

Viu-o afastar-se, e tornar a descer a avenida com um passo mais firme. E elle proprio penetrou no hotel, com o espirito assediado por estas reflexões:

«Que extravagante instrumento é a nossa consciencia! Eu não acredito em nada, e acabo talvez agora, como dizem as mulhersinhas da Bretanha, de «fazer um padre».

N'essa mesma hora — quatro da tarde, pouco mais ou menos — um trem de praça depunha Julia Surgère á esquina da rua Chambiges. Ella subia-a com viveza, penetrava n'uma das casas. todas eguaes... A rua é tão infelizmente orientada, que o sol lhe não dá em cheio a hora nenhuma do dia. Já ali fazia escuro, apesar da claridade pura da linda tarde que estava. Julia penetrou sob a abobada de entrada, abriu á direita uma porta clara de carvalho, e tão depressa tornou a fechal-a, correndo o ferrolho com um movimento febril, deteve-se, apoiando-se á parede da estreita antecamara, com o coração a bater... Embora, depois do seu regresso a Paris, ella viesse assim todos os dias passar ali uma hora, ainda não tinha os nervos costumados, e todas as vezes sentia a mesma anciedade antes de entrar, a mesma angustia logo que entrava.

É porque elle não estava ali, o amado do coração, esperando atraz da porta o tocar da campainha, para abrir immediatamente, e recebel-a e apertal-a nos braços. Estava deserto, o rez-do-chão. O grande quarto escuro, com vidros coloridos assombreando os ultimos clarões do dia, impregnava-se do cheiro a bafio, proprio dos logares onde a vida humana habitou, e que abandonou depois. Desde o ultimo inverno que ali se não accendia lume; já a humidade embebia o ar. Ao entrar, Julia teve um calafrio.

Apesar de solitario, frio, deserto, ella gostava ainda d'esse quarto sombrio, o ponto do mundo, depois da *villa* de Cronberg, onde tinha possuido mais completamente Mauricio. Nenhuma outra, que não fosse ella, ali tinha penetrado desde que Mauricio o habitava: estava povoado só com as suas lembranças; sentia-se, ali, mais «em sua caso» do que no hotel Surgère. Ali esquecia um instante

todo o mundo exterior, dever e remorso, e podia dizer alto estas palavras que tantas vezes lhe acudiam aos labios, quando estava ao pé de Mauricio. «Aqui sou feliz».

Agora a casa estava deserta. Julia não podia já falar com o seu amado, ou, sem mesmo lhe falar, vêl-o andar pelo quarto, escrever uma carta, abrir as folhas de um livro. Não podia já ajudal-o a vestir-se para a noite, e muitas vezes, com uns pontos, pregar-lhe melhor um botão, concertar-lhe uma luva descosida... Não podia já offerecer os labios ou as faces aos beijos de Mauricio, tão longos, tão apertados, tão quentes, em que ella procurava tantas vezes a confirmação de que elle a amava!... Mas, inteiramente só, passava do quarto para o gabinete de toilette, para a saleta, para a outra casa mais pequena, onde Mauricio pendurava o seu fato; sentava-se na poltrona onde elle trabalhava. Sabia a historia de cada objecto que estava em cima d'aquella mesa. Muitos eram presentes que ella lhe tinha dado; outros tinham sido comprados em companhia d'ella, seguindo os seus conselhos. Folheava o album de lembranças, com capa de marroquim verde, que Mauricio tinha trazido de uma viagem a Londres. Atravez dos hieroglyphos, das inscripções phantasistas, dos esboços desenhados com uma penna sonhadora, lia datas das quaes egualmente guardava lembrança. Achava ali mil vezes o seu nome: «Julia!» E mais vezes ainda o terno monogramma: Yú!... Não tinha necessidade d'outra occupação senão de se lembrar e de sonhar, e o livro que ás vezes abria, entre os que Mauricio tinha deixado sobre a mesa, não o lia, não saberia mesmo dizer-lhe o titulo, quando o deixava, por serem horas...

Outra cousa ainda sem serem as lembranças a attrahia ali. Era para a rua de Chambiges que Mauricio tinha combinado com ella, ao deixal-a, enviar-lhe as suas cartas, e á falta de carta, pelo menos um telegramma communicando-lhe que estava bem e onde estava. Até aqui os telegrammas tinham sido em maior numero, e as cartas bas-

tante curtas. Por muito breves que fossem, um observador mais atilado do que Julia teria sabido decifrar n'ellas a doença d'aquella alma desorientada, forte bastante para querer um partido, mas não bastante forte, acceite esse partido, para deixar de ter saudades. Mas Julia não sabia adivinhar Mauricio senão em presença d'elle; era inhabil para lhe decifrar o pensamento sob o veu das palavras. E os menores bilhetes, contendo apenas informações de locaes e vagos protestos de ternura, contentavam-a.

Hoje, não tinha achado senão um pequeno cartão-correspondencia n'um sobrescripto, e vendo que elle, o querido ausente, se tinha dado ao trabalho de escrever aquillo em vez de lhe mandar um simples telegramma, estava reconhecidissima, estava feliz. Tinha beijado no sobrescripto as letras d'este nome que seria talvez um dia, verdadeiramente o seu, perante os homens: — *M.me Mauricio Artoy*. Depois havia-se approximado de uma das janellas para vêr melhor... Ambos os lados do cartão estavam cobertos com a calligraphia illegivel, que ella agora já sabia lêr facilmente. Soube que Mauricio tinha deixado Francfort, que n'esse momento atravessava a Thuringia, que os seus projectos eram visitar successivamente Berlim, Hamburgo, Dresden, Praga. Nenhuma allusão a um regresso proximo, nem aos acontecimentos que poderiam tornal-o necessario. Mas que importava isso a Julia? Todo o tempo que esteve na casa da rua de Chambiges, releu a carta do seu amante. Via-o com os seus olhos, — porque para elle tornava-se imaginativa, — via-o sentado a uma mesa do hotel, traçando estas palavras: «Minha querida bem-amada...» e estas ainda, cuja banalidade não a incommodava: «Pesa-me á minha solidão. Porque não estás tu ao meu lado!...» E tambem a phrase quasi invariavel da despedida: «Beijo-te a bôca, minha amada!...» Repetia alto as syllabas, no silencio: «Beijo-te a bôca, minha amada! Minha amada!...» E tudo quanto n'ella palpitava de vida, offerecia-se ao ausente. Enviava-lhe beijos imaginarios:

«Amo-te, meu thesouro...» dizia ella. E de novo pousava ao de leve a bôca no papel. Aquelle cartão inerte vinha de Mauricio, era como se fosse um pedaço d'elle. A sua mão tinha-lhe tocado: a letra tinha ali fixado o seu pensamento d'hontem, Querido papel! Queridas syllabas!... já quasi que as distinguia, porque a noite tinha descido. Mas agora sabia-os de cór; e mesmo n'aquella sombra augmentada, que fundia juntas todas as cousas dentro do quarto, o seu sonho desvairava-se. Ia encontrar se com o ausente, envolvia-o no seu pensamento. Estava com elle. Elle estava ao lado d'ella...

Foi despertada d'aquelle entorpecimento de ternura por um subito clarão, que reanimou a visão dos objectos desapparecidos com a noite. Acabava-se de accender, na rua, o bico de gaz que ficava em frente das janellas do quarto. Todos os dias, depois do seu regresso, era para ella o signal de voltar para casa. Endireitou o chapeu, a capa, e, dando um terno adeus a todas aquellas cousas amadas que lhe parecia participarem do seu amor, sahiu.

III

Ao voltar da avenida de Wagram, Julia avistou Tonia de pé, junto ao portão entreaberto do hotel. O que se passava? Todos os incidentes possiveis se lhe apresentaram: este, primeiro (e comprehendeu então que o temia muito mais do que o desejava): o regresso de Mauricio. Mas, apenas ella se apeiara, Tonia exclamou:

—M.elle Clara está doente, está sem sentidos.

--O quê? Doente? O que tem ella?

—Perdeu os sentidos, replicou a velha, fechando a pesada meia porta, e seguindo sua ama pela escada... O sr. barão de Rieu tinha vindo; tinha conversado com ella no parque, muito tempo. Depois quando sahiu, Mademoiselle voltou para casa, subiu... O Joaquim é que foi dar com ella, estendida ao comprido no chão, na sala pequena.

Julia já não ouvia nada, apressava o passo, subindo a escada sem tomar a respiração. No salão-musgo, viu Esquier em pé ao lado da poltrona, onde Clara estava prostrada, com o corpo e a cabeça sustidos em almofadas. Daumier, ajoelhado junto d'ella, tomava-lhe o pulso, contando-lhe as pulsações. Mas o que impressionou M.me Surgère, foram primeiro os olhos abertos, immoveis e como lethargicos de Clara fixos n'ella, depois uma travessa funda de porcelana japoneza que, de ordinario, servia de bilheteira, — cheia de sangue.

— Servimo-nos d'isso com a pressa, disse Esquier, respondendo á interrogação muda de Julia. Clara, quando voltou a si, teve uma grande hemorrhagia pelo nariz. Felizmente Daumier estava aqui. Custou muito a vedar o sangne.

M.me Surgère debruçou-se sobre a doente. Mas, com um gesto reflexo, esta estendeu os braços e desviou a cabeça, como para se defender.

(Continua.)

Marcel PRÉVOST.

UM CATACLYSMO PRODIGIOSO

VI

(Conclusão)

Nos dois casos o acontecimento cosmico ou terrestre teve logar em 27 d'agosto ou nos dias precedentes.

Ora foi a 25 d'agosto que o cataclysmo de Java teve o seu começo.

A grandeza d'esse cataclysmo, que transtornou todo o relevo sub-marino do estreito de Sonda, está em relação com a extensão dos phenomenos atmosphericos que se trata de explicar. O vulcão terrivel projectou verticalmente para o céo, e com uma violencia inaudita, kilometros cubicos de vapor d'agua, aquecido a uma alta temperatura, verdadeiros projecteis d'agua e de pó, que devem ter-se elevado a alturas consideraveis, tanto por causa da sua velocidade de projecção como por causa da sua temperatura, e devem ter ultrapassado muito as regiões dos alisados e das correntes superiores. Java está situada muito perto do equador, a 105º de longitude para leste de Paris.

Segundo as relações precedentes, a primeira observação de um crepusculo anormal foi feita na ilha da Reunião na tarde do dia 27 d'agosto. Essa ilha está situada a 53º de longitude a leste de Paris, a 52º de Krakatoa e um pouco mais ao sul, quasi sob o tropico. A distancia é aproxima-

damente de 5:900 kilometros, que teriam sido percorridos em cerca de dois dias, o que daria uma velocidade de 123 kilometros por hora. Essa velocidade não offerece nada d'extraordinario para as correntes superiores. O colorido anormal do sol observado em 2 de setembro na Colombia, sobre o equador d'uma parte, e d'outra parte, no mesmo dia, na ilha da Trindade, explicar-se-hia suppondo que essas ligeiras nuvens superiores se transportaram e disseminaram principalmente nas zonas visinhas do equador. A Colombia está a 75º a oeste de Paris, e a Trindade está quasi no centro do hemispherio opposto a Krakatoa; esta ultima distancia (metade da volta do mundo) teria sido percorrida em sete ou oito dias, ou seja com uma velocidade de 2:700 kilometros por dia (112 kilometros por hora)

O que dá ainda mais verosimilhança á nossa opinião é que em 27 d'agosto *ouviram-se* ao mesmo tempo as detonações de Krakatoa e *viu-se* o sol verde. Uma carta transmittida pelo almirantado inglez contem esta passagem caracteristica: «O ruido das detonações de Krakatoa, semelhante a tiros de peça ao longe, foi ouvido distinctamente no dia 27 d'agosto na ilha de Bangney; o tempo estava desarranjado; notavam-se nuvens curiosas ao sudoeste e durante muitos dias o sol pareceu esverdeado ao aproximar-se do horisonte.»

Uma outra nota do almirantado inglez refere que um navio do Estado, ao passar a oeste da Australia, cerca de 1:000 milhas a sul-sudoeste do estreito de Sonda, foi surprehendido em 30 d'agosto, depois do pôr do sol, por uma chuva de poeira vulcanica. Se, como é provavel, essa nuvem vinha de Krakatoa, percorreu 1:050 milhas ou 1:690 kilometros em tres ou quatro dias.

Da Australia escreviam tambem que se recolhera sobre a ponte dos navios mais d'uma pollegada de espessura de pós vulcanicos e que durante muitas semanas os occasos do sol tinham sido extraordinarios.

De Yokohama: «O sol escureceu aqui completamente dois dias depois do cataclysmo do estreito de Sonda; quando reappareceu estava envolvido n'uma nevoa côr de sangue.»

Nas Seychelles, na ilha Mauricia, na ilha Rodriguez, notaram-se no dia 27 ondulações extraordinarias no mar, seguidas de um golpe de mar inteiramente estranho ás horas das marés. Era o abalo maritimo do estreito de Sonda; a vaga mais alta attingiu $1^{m},90$. No mesmo dia, e nos seguintes, n'aquelles tres pontos, o sol foi visto sem raios, como que atravêz de uma ligeira cerração e tanto os nascimentos como os occasos do sol foram extraordinarios.

As narrações que acabam de ser lidas confirmam que a violencia d'aquella erupção, ao mesmo tempo terrestre e maritima, foi verdadeiramente inaudita. Seria seguramente impossivel avaliar, mesmo approximadamente, o numero de kilometros cubicos de vapor d'agua do mar e de pós vulcanicos que encheram litteralmente a atmosphera d'essa região, a ponto de fazerem n'esse paiz do sol uma noite absolutamente escura de dezoito horas e de a estenderem a uma tal distancia que deixou de haver horisonte! A altura alcançada por essa projecção vulcanica deve ter sido consideravel e não ha mesmo nada d'inverosimil em admittir que, no calôr infernal d'aquelle immenso *laboratorio* submarino, a agua tenha sido decomposta e o hydrogeneo arremessado a alturas formidaveis nas regiões mais elevadas da atmosphera. Ora, como nós vimos já, as colorações anormaes do sol, da lua e da atmosphera começaram em 27 d'agosto, principalmente na ilha de Bangney, onde, *ao mesme tempo* se observavam esses phenomenos e se ouviam as detonações de Krakatoa. Começaram no mesmo dia na ilha da Reunião, d'ahi a dois dias na Australia, d'onde os navios voltavam carregados de pós vulcanicos, no Japão, onde essas nuvens extravagantes tinham encoberto o sol durante dois dias, e d'um logar para outro, gradualmente, essas camadas estenderam-se até ás nossas regiões.

«A *Gazeta de Colonia* de 4 de janeiro de 1884, escrevia-nos o sr. Max Hollnack, relata um facto que confirma a sua hypothese, explicando as illuminações crepusculares pela presença d'uma poeira fina nas alturas da atmosphera.

«Na noite de 18 para 19 de dezembro houve na Westphalia, entre Aggen e Lenne, uma chuva de neve acompanhada de uma fina poeira escura. O observatorio meteorologico recebeu communicações sobre esse curioso facto. Uma d'ellas, datada de Gimborn, é assim concebida: «Ao sahir de casa, na quarta-feira 19 de dezembro, pelas 7h 15m da manhã, notei sobre a neve cahida de noite uma camada de fino pó negro, sob o qual a neve tinha a sua côr normal. Como ainda tinha nevado ás 7h, aquelle pó devia ter cahido poucos minutos antes. De informações que eu tomei por todos os lados resulta que o mesmo phenomeno foi observado em todas as circumvisinhanças. Os campos, prados, jardins e caminhos estavam uniformemente cobertos d'aquelle pó. Um homem de uma localidade afastada d'aqui cerca de meia hora, e que eu encontrei ahi pelas 8 horas, contou que em todo o caminho tinha visto a neve coberta d'aquelle fino pó anegrado. Esse pó era fino como a farinha mais fina e destacava-se nitidamente sobre a neve; quando se raspava n'um ponto, então era notavel o contraste entre as côres branca e preta». O mesmo facto foi observado em Suedenscheid e n'outras localidades da Allemanha do Norte».

Essa queda de pós escuros sobre a neve ou com a chuva foi assignalada muitas vezes e em muitos pontos, desde o mez de setembro, em especial na Suissa, no monte Saléve, em 5 de dezembro, pelo sr, E. Yung.

De Lausanne o sr. Secretan de Beaulieu escrevia-nos em 12 de dezembro que a neve do Monte Branco ha muitos dias parecia côr de rosa.

Em Queenstown (Cabo da Boa Esperança) os habitantes assustaram-se no fim de novembro com um pó sulfuroso

que cahiu em flocos sobre o valle e o cobriu de leste a oeste.

O sr. A. Renard, da Academia da Belgica, examinou os pós cahidos no dia 27 em Batavia, a duzentos e cincoenta kilometros do ponto d'erupção. Eram formados de uma materia pulverulenta pardo-esverdeada, de grãos quasi impalpaveis e com o diametro medio de 1 decimillimetro. Eram principalmente fragmentos *vitreos*, crivados de bolhas, pertencentes ao feldspatho plagioclasio, á augite, a um pyroxene rhombico e á magnetite.

Os pós que chegaram até á Europa são evidentemente mais leves. Pódem ser tambem de natureza vitrea e os effeitos d'illuminação que foram observados em toda a terra concordam perfeitamente com esse estado. O vapor d'agua já lá existe sob essa forma, mas talvez que tenha produzido algumas combinações e lá haja tambem crystallisações de gelo.

No consulado de França em Malaga o sr. de Lapeyrouse observou os esplendidos occasos do sol a partir do meio de novembro até ao fim de dezembro. Os andaluzes supersticiosos receavam um cataclysmo.

Em Linarés o sr. F. Vallaure tinha-os observado desde 17 d'outubro. Essa tarde, escrevia-nos elle, uma hora depois de se pôr o sol, a cidade ficou illuminada como por um fogo de Bengala. E o mesmo aconteceu nos dias seguintes.

Foram observados na Crimeia no fim de novembro e durante o mez de dezembro. O sr. A. Basarow escreveu que o phenomeno foi especialmente notavel em 16 de dezembro e que esses clarões eram tambem tomados por auroras boreaes. Na Polonia, em Varsovia, foram notaveis em 30 de novembro e 2 de janeiro.

O sr. Ragona, director do Observatorio de Modena, observou-os na Italia e attribuiu-os á reflexão da luz sobre filamentos prismaticos de gelo fluctuante nas regiões superiores da atmosphera.

Cartas de Nova-York, de Washington, de Philadelphia, de Baltimore e da Carolina do Norte informaram-nos de que nos fins de novembro se examinaram ahi os mesmos effeitos que na Europa, a ponto de tomarem esses clarões por incendios quasi por toda a parte.

De Santiago do Chili o sr. Clodomir Almeida escreveu-nos em data de 8 de novembro que em todo o Chili, em Lima, em Buenos-Ayres e na maior parte da America do Sul os clarões crepusculares foram visiveis quasi todas as tardes desde os primeiros dias de setembro. O observador inclinava-se a attribuil-os a uma extensão da luz zodiacal.

Em Guayaquil (Equador) «observou-se desde 1 a 6 de setembro um ligeiro véo atmospherico de côr acobreada; o sol alumiava pouco e podia olhar-se para elle a olho nu desde as 4h da tarde, parecia um disco de prata sobre fundo d'ouro e viam-se-lhe as manchas perfeitamente.» (Carta do sr. E. Mareuse).

Mais duas palavras ainda, que serão as ultimas. O sr. F. Perrin escreveu-nos que n'uma ascensão feita por elle de Saint-Cristophe en Visans (Isère) á cabeça das Fétoules (3:465m), em 24 de dezembro, observou que o sol parecia verde pallido, cercado d'uma aureola de um amarello dourado fundindo-se n'uma segunda alaranjada, depois n'uma terceira, avermelhada, até cerca de 12º do sol. Os guias asseguravam que havia muitas semanas que o sol parecia emmoldurado n'uma aureola e que os clarões da manhã e da tarde acompanhavam o sol todo o dia.

Em 10 de janeiro o sr. Brugnière observou em Marselha que o sol estava mais pallido que de costume apezar da pureza da athmosphera, e rodeado de uma cerração esbranquiçada.

Vimos mais acima que a erupção de Krakatoa produziu na atmosphera ondulações tão intensas que deram *tres ou quatro vezes a volta ao mundo* e causaram variações da pressão barometica de $\frac{1}{500}$: esse facto permitte perfei-

tamente admittir a disseminação dos pós vulcanicos nas regiões superiores da atmosphera.

O sr. Bishop escreveu de Honolulu que um *steamer* que passava a 150 milhas da erupção observou que o barometro saltava uma meia pollegada com intervallos de dois a tres minutos, o que é indicio de uma ondulação prodigiosa na pressão atmospherica, produzida por um «jacto continuo de gaz lançado verticalmente até aos limites da atmosphera e produzindo ondas violentas em torno de si. Póde pensar-se que a incrivel quantidade de gaz, de vapores e de pós assim projectada terá sido diffundida pelas correntes superiores sobre toda a superficie do globo.»

Como se vê, todos os factos veem em appoio da theoria que nós propuzemos e que, como depois soubemos, tinha sido imaginada desde o principio pelos primeiros observadores de Java, de Madrasta, da Reunião, da Australia e do Equador.

O nosso sabio amigo Ch. Dufour, professor na Academia de Lausanne, calculou a altura dos clarões crepusculares. Por uma serie de numerosas observações, que nós publicámos na *Astronomia* (1885), encontrou *setenta kilometros.*

Póde parecer extraordinario que as substancias que produziam os clarões tenham podido ficar suspensas a uma altura de 70 kilometros; porque a essa altitude, e sem mesmo fazer caso da diminuição da temperatura, de que tambem devia resultar um effeito menor, achar-se-ha que a pressão do ar deve ser sómente de $0^{mm},12$. É bem pouco para conservar em suspensão quaesquer materias; entretanto, isso não representa uma impossibilidade absoluta; e em todo o caso, seja qual fôr a causa que produziu os clarões, o calculo indica que essa causa deve ter-se manifestado a uma altura de 70 kilometros pelo menos!

Houve quem lembrasse que em 1831, depois dos phenomenos vulcanicos que acompanharam a erupção da ilha Julia, tinha havido na Europa cerrações e mesmo clarões analogos aos do inverno de 1883-1884.

Poder-se-hia accrescentar que em 1783, precisamente um seculo antes de Krakatoa, e tabem depois das violentas erupções dos vulcões da Islandia e depois dos terriveis tremores de terra da Calabria, tambem tinha havido cerrações seccas ainda mais intensas que as de 1831.

Admittindo que a quantidade de materias arremessadas pela erupção de Krakatoa tenha sido de *dezoito kilometros cubicos*, pondo de parte os grandes materiaes que cahiram na visinhança immediata do vulcão, e suppondo que as materias atiradas para a atmosphera se espalharam sobre todo o globo, procurou-se determinar qual teria sido a espessura da pellicula formada por todas essas materias, a fim de vêr se ellas poderiam ter turvado a transparencia do ar e produzir clarões crepusculares. Essa espessura foi avaliada em $0^{mm},01$.

Então começaram as hypotheses. Um véo opaco d'essa espessura, mas dividido em pequenissimos fragmentos, póde produzir os phenomenos que nós admirámos?

É certo que o fumo póde diluir-se até um grau extraordinario e turvar ainda a transparencia do ar. Em 1802 a combustão d'uma floresta perto de Sierre en Valais, produziu uma fumaceira que cobriu uma superficie de cerca de 3:000 kilometros quadrados.

Se considerarmos a quantidade de hulha que se deita na fornalha d'um barco a vapor, ficaremos admirados da extensão do fumo que ella produz.

«Nos dia 4 e 6 de fevereiro de 1885, escreve o sr. Dufour, observei o fumo de dois dos barcos a vapor do lago Léman: o *Dauphin* e o *Simplon*, durante as suas travessias entre Morgues e Rolle; algumas das observações foram feitas sobre o proprio barco, outras do littoral. De cada vez deitavam para a fornalha cerca de 50 kilogrammas de hulha e — é verdade que o tempo estava sereno — o penacho de fumo que ella produzia era visivel na extensão de mais de 1 kilometro. Ao sahir da chaminé tinha cerca de 1 metro de largura e no fim pelo menos 5 metros. Aqui

era sem duvida muito pouco intenso; todavia turvava de um modo apreciavel a serenidade do céo.

«Sei bem que a nuvem que elle produzia não era continua, antes parecia formada de baforadas de fumo; mas os espaços vasios eram pouca coisa relativamente aos espaços cheios. Em summa, eu estou certo que fico abaixo da verdade calculando que esse trapezio de fumo tinha 5 metros na base maior, 1 metro na mais pequena e 1:000 metros d'altura, o que daria 3:000 metros cubicos. Na sua origem quasi que impedia os raios do sol.

«Os 50 kilogrammas de hulha deitados no fogo eram certamente queimados em grande parte e reduzidos a gazes invisiveis; só uma pequena parte ficava em estado de carvão e sahia em fumo.

«Faça-se agora o calculo, mesmo exaggerando muito, isto é, admittindo que os 50 kilogrammas de hulha eram inteiramente convertidos em fumo. Ver-se-ha apezar d'isso como era delgada a camada opaca produzida pela hulha e que, no emtanto, mas nos sitios em que era mais tenue, fazia ainda um véo sensivel sobre o céo.»

Não é, pois, nada de admirar que o fumo de Krakatoa, reduzido á espessura indicada, tenha produzido phenomenos visiveis. Em todo o caso, hade ser sempre considerado de uma força extremamente excepcional esse phenomeno de uma erupção que arremessou para a atmosphera uma quantidade de materia sufficiente, não só para cobrir de cinzas e de pedras pomes as regiões visinhas n'uma extensão immensa, mas ainda para produzir uma quantidade de fumo de tal ordem que durante mais de um anno foi visivel sobre uma grande parte da superficie do globo.

Mas não eternisemos esta relação, por muito curioso, por muito importante, por muito raro que seja o assumpto de que nos temos occupado. Os nossos leitores teem entre as mãos todas as peças do processo, que nós nos esforçámos em lhes apresentar, e estamos convencidos de que, apezar da temeridade apparente da explicação, hão

de reconhecer comnosco que não ha nenhuma tão simples nem mais justificada pelo conjuncto dos factos observados. As illuminações crepusculares são devidas á enorme quantidade de finos pós lançados a vinte mil metros d'altura (pelo menos) pela erupção de Krakatoa, pós que formaram nuvens immensas e ligeiras, disseminadas e viajando nas alturas da atmosphera.

— Sim, essa erupção colossal foi certamente *o maior phenomeno terrestre que jámais foi observado.*

P. S. — Essas particulas ficaram em suspensão durante muitos annos na atmosphera.

Em 1884 e mesmo 1885 ainda muitas vezes se via perfeitamente um halo em volta do sol durante os mais bellos dias de verão e ainda algumas vezes de tarde bellos vestigios das illuminações côr de rosa.

Camillo **FLAMMARION.**

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

*

Depois do combate de Pombal, segundo confissão do proprio Marbot, que foi testemunha presencial de todos estes acontecimentos, Ney, para cortar a passagem completamente ás nossas avançadas, e para defender as equipagens francezas, cuja marcha era muito lenta, mandou incendiar a villa.

Pelos historiadores inglezes foi este acto qualificado de crueldade inutil; Marbot defende-o com uma rasão poderosa, affirmando ter sido indispensável proceder assim para salvação do exercito. Se tal era a situação, Ney cumpriu o seu dever. Pombal e os seus arredores formam um comprido e apertado desfiladeiro, por onde as forças alliadas haviam forçosamente de passar; o incendio da villa, embora fosse um recurso extremo, era o unico modo de sustar a marcha do exercito perseguidor, e de permittir aos nossos contrarios o adeantarem a sua.

Na madrugada de 12, conseguiu o exercito alliado pôr-se

em movimento, continuando os seus esclarecedores a sustentar ligeiras escaramuças com os apoios da rectaguarda inimiga; e, andadas menos de tres leguas, a frente do exercito penetrou n'um caminho profundamente cortado, o qual conduzia a um elevado plan'alto onde Ney entendera dever parar, por ser a posição boa, e susceptivel de boa defeza.

Em linha de combate, dispoz o marechal francez cinco mil infantes, alguns esquadrões de cavallaria, e parte da sua artilheria ligeira. Ficava o centro, opposto ao caminho enterrado que os do nosso lado seguiam, e cobriam-lhe as duas alas alturas arborisadas, que elle guarnecera com tropas ligeiras. Apoiava a direita na ravina do Soure, que d'esse lado lhe servia como de fosso natural, e a esquerda no ribeiro da Redinha, o qual lhe contornava a rectaguarda para ir desaguar n'aquelle.

Ficava-lhe egualmente na rectaguarda, entre elle e o ribeiro, em uma baixa, a villa da Redinha, cobrindo uma estreita ponte, á qual se seguia um longo e perigoso desfiladeiro.

Para lá d'este, erguiam-se alturas escabrosas, que dominavam a posição mais avançada, e nas quaes Ney mandara collocar uma divisão de infanteria, um regimento de cavallaria, e uma bateria pesada, tudo tão habilmente disposto, diz Napier, que a apparencia era de estar ali, preparado para batalha, um exercito consideravel.

Wellington, vendo as disposições do inimigo, tomou, justificadamente, aquella attitude como uma provocação. Podia contemporisar ainda, e não acceitar um combate inutil, o que era prova de bom senso, da ordem de tantas outras que n'esse sentido havia dado, poupando ás forças do seu commando perdas escusadas. Estava bem pronunciada e definida a retirada do invasor; Ney havia de retirar tambem, depois d'algumas horas de descanço n'aquella posição. Era esperar que elle retirasse, e continuar a perseguil-o como até ahi.

Não lhe soffreu, porém, d'esta vez, o animo, vêr a sangue frio o que julgou ser uma insolencia do adversario. Fez, em pessoa, um reconhecimento rapido ás posições do inimigo, e deu logo ordem para que a divisão ligeira, sob o commando de William Erskine, atacasse as alturas arborisadas que cobriam o flanco direito de Ney. Em menos de uma hora foram executadas estas ordens.

Os regimentos inglezes, 52 e 95, e os batalhões de caçadores portuguezes 1, 3, 4 e 6, com uma companhia ingleza do 43, effectuaram a ascenção da encosta e varreram totalmente o bosque, chegando a sua vanguarda a avançar até á planicie aberta em frente da posição franceza. N'isto, porém, os batalhões adversos, apoiados por quatro peças de artilheria, abriram immediatamente fogo vivo, ao mesmo tempo que o bravo coronel Ferrière, commandante do 3.º de hussares, carregava com o seu regimento, e fazia aos do nosso lado quatorze prisioneiros.

Este valente official de cavallaria franceza distinguiu-se por tal modo em toda a campanha, que os proprios adversarios se não cançam de tecer-lhe louvores. Nunca deixou de apparecer nos momentos mais criticos, sendo, por assim dizer, constante em todas as escaramuças, umas vezes á frente de um simples esquadrão, outras ainda commandando um diminuto numero d'homens. Diz Napier, que era certo vêl-o sempre, no logar onde a sua presença era mais precisa, demonstrando continuamente quanto póde fazer, mesmo em terrenos montanhosos e duros, um pequeno corpo de boa cavallaria.

A formatura da linha de batalha de Erskine era tal, que torneava o flanco direito das forças de Ney, estendendo-se para a banda do Redinha. Constituiam-a, álem das forças que já mencionámos, uma bateria de seis peças; e foi reforçada, ainda, com dois regimentos de dragões. Ao mesmo tempo, a divisão de Picton conseguiu tomar posse das alturas, que protegiam a esquerda dos contrarios. Ney estava, na realidade, envolvido, e a sua posição a descoberto.

Era, porém, um general habilissimo, dotado do mais imperturbavel sangue frio, e nem minimamente se alterou com o que lhe succedia. A sua confiança era communicativa, e nenhum dos homens sob o seu commando ousava ter receio. Nenhum imaginou que a situação fosse difficil, e menos ainda, que fosse perdida. Pois, nas mãos d'outro, era-o de certo.

O marechal tinha percebido bem estar o generalissimo inglez enganado sobre a força real do exercito, que lhe fazia frente, e confirmava-o n'essa crença, vêl-o agora a trazer para o combate o grosso das tropas do seu commando.

Quanto maior era o numero das forças que via avançar, mais admiravel e pasmosa era a sua tranquilla confiança!

Assim, nem pensou em retirar; pelo contrario, continuou a manter a sua posição, chegando mesmo a mandar carregar, com a cavallaria, as avançadas de Picton.

A divisão d'Erskine estava já mais proxima da villa e da ponte, do que a direita franceza, e na planicie havia já cavallaria e artilheria bastante para esmagar as forças de Ney.

Durou perto de uma hora esta situação relativa, preparando-se do nosso lado, sob a alta e intelligente direcção de Wellington, um dos movimentos mais acertados e ao mesmo tempo mais apparatosos de ataque, que os campos de batalha teem visto.

No centro do exercito alliado ouviram-se então tres tiros de artilheria. Era o signal de avançar.

Appareceram, como por encanto, cobertos de tropa, os bosques elevados que havia a um e outro lado da posição franceza, ao passo que, dentro de poucos momentos, trinta mil homens, entre os quaes nós, portuguezes, entravamos por metade, formavam tres linhas magestosas de batalha, que avançavam na planicie, em curva cada vez mais apertada, parecendo envolver irremediavelmente o marechal, em quem se não sabia qual era mais admiravel, se a in-

trepidez, se a loucura. Do centro e da esquerda, protegida pelo fogo da artilheria, rompeu então a cavallaria alliada, n'um bello impeto, que parecia decisivo, taes eram as fortissimas columnas de infanteria que a sustentavam, e que seguiam, promptas a terminar, com o esmagamento total das forças de Ney, o ataque iniciado.

Foi a cavallaria recebida por uma descarga geral dos batalhões francezes; a nuvem intensa de fumo subtrahiu estes, alguns momentos, aos olhos dos atacantes, os quaes proseguiam em frente, preparando a carga, na espectativa de receberem nova saudação da fusilaria contraria.

Mas nada mais se ouviu; a cortina de fumo retirou-se lentamente, arrastada pelo vento para o lado da montanha, e dissipando-se no ar a pouco e pouco. E quando a atmosphera aclarou de todo, a surpresa dos nossos não poude ser maior: o inimigo havia desapparecido!

Ney estivera observando cuidadosamente o avançar da grande formação que procurava envolvel-o, e que era tão desproporcional, que poderia esmagar forças duas vezes superiores ás que elle commandava.

Fez persuadir o inimigo de que estava disposto a acceitar batalha, e para isso começou por simular resistencia, abrindo escaramuça com as avançadas de Picton, que tentava contornal-o pela esquerda. Ao mesmo tempo que assim procedia despachava ajudantes de campo, e ordenanças, em todos os sentidos, para todas as tropas abandonarem as posições e retirarem com a maior rapidez; e tão habilmente foram dadas as ordens, e tão promptamente executadas, que elle proprio, com o centro do exercito e o grosso da infanteria, depois de ter aguardado a pé firme o avançar dos nossos, respondendo-lhe com uma descarga geral, apenas destinada á formação de um veu que occultasse os seus ultimos movimentos, desceu do plan'alto e chegou á Redinha, antes da cavallaria alcançar a posição que elle acabara de abandonar!

Os maiores esforços da vanguarda de Picton e da sua

artilheria a cavallo apenas conseguiram incommodar ligeiramente a extrema rectaguarda dos francezes, retirando em ordem.

Em toda esta extraordinaria acção, que não foi uma batalha, que quasi não chegou a ser um simples combate, apesar de ter sido gravemente mortifera, o grande marechal francez como que se esteve comprazendo em dar provas da sua incomparavel frieza, e da admiravel disciplina que nas suas tropas podia manter. Quando retirava da Redinha, atravessando a pequena ponte sobre a ribeira, succedeu desmontar-se um obuz. Não havia tempo a perder, e tudo aconselhava a abandonal-o; porém o marechal quiz ter a confirmação da coragem das suas tropas, no começo de uma retirada, e elle proprio, em pessoa, dirigiu a manobra para o obuz ser montado de novo, o que effectuou.

Na sua rectaguarda começavam a erguer-se linguas de fogo, na villa mandada incendiar; a artilheria inimiga batia-o da altura dominante em que viera postar-se, varrendo a ponte, e o terreno em volta, sob um chuveiro de metralha; a infanteria ligeira de Erskine e os nossos caçadores desciam as encostas sobre elle, como matilhas de caça farejando sangue. Ney, friamente, dava o exemplo aos seus; dirigia imperturbavel a demorada manobra, emquanto em torno d'elle mordiam o pó, fulminados pela morte, quinze a vinte homens, prostrados a um e um! E quando o obuz foi definitivamente collocado sobre o reparo, vendo que tudo estava prompto para marchar, montou serenamente a cavallo, e atravessou a ponte, a passo, á frente do resto das tropas que, silenciosas, e com perfeita serenidade, o seguiam!

Quasi immediatamente á passagem da ponte pelos francezes, passavam-a tambem as forças da divisão de Erskine, e então era a reserva da artilheria franceza, que batia a ribeira n'esse ponto, retribuindo com perdas dos nossos, as que, um momento antes, os do seu lado tinham soffrido.

Wellington reconhecendo, finalmente, que as suas disposições de ataque eram excessivas e inuteis já, deu nova formação ás suas tropas, emquanto a terceira divisão continuava perseguindo a esquerda franceza, e Ney alcançava, em boa ordem, o corpo principal do exercito de Masséna, então em Condeixa, a pouco mais de tres leguas d'ali.

*

No combate da Redinha entraram, na totalidade, 14:500 homens de tropas portuguezes, batendo-se, d'estes, os corpos de caçadores, que faziam parte da 3.ª divisão. Estiveram presentes na acção, e promptos para combater, agora já completamente unificados com as forças inglezas, dois regimentos de cavallaria (4 e 10) e onze de infanteria (1, 2, 3, 6, 9, 11, 15, 16, 18, 21 e 23).

As nossas baixas foram de 3 officiaes, 11 soldados mortos e 23 feridos, além de 2 extraviados. Os inglezes tiveram, á sua parte, 9 officiaes mortos, e cerca de 200 soldados fóra do combate, contando os feridos. As perdas dos francezes não foram inferiores a estas, approximando-se, talvez, de 300 homens, segundo as contas de Marbot.

Para que foi, de parte a parte, este sacrificio de gente? Para nada. Mero capricho, mera bravata dos dois generaes!

Ney deu prova de inexcedivel presença de espirito; mas deve confessar-se que, para o resultado final obtido, contribuiu com larga dóse, o acaso, ou a sua boa estrella. Podia ter sido ali completamente anniquilado, e em que diversos termos a historia d'estes successos então falaria!

É fóra de duvida, que se demorou na sua primeira posição mais um quarto de hora do que o tempo justo em que lhe era possivel manter-se; é, tambem, fóra de duvida, que lord Wellington, illudido pela habil disposição em que o marechal francez apresentava as suas reservas, operou com demasiada circunspecção, não precipitando um golpe, que lhe teria dado victoria plena.

Wellington teve mais uma occasião de vêr que habilissimo adversario era o seu; mas o duque d'Elchingen aprendeu, tambem, alguma cousa, e reconheceu que d'ahi para o futuro, deante de Wellington, tinha de ser mais avisado e circunspecto.

Effectivamente, a facilidade extraordinaria, a admiravel precisão com que o generalissimo inglez moveu as forças consideraveis que poude apresentar no campo aberto para a lucta, foi uma advertencia capital para o seu contendor, e produziu effeitos bem visiveis nas operações futuras.

*

Esta pagina da historia militar da terceira invasão tem andado até hoje mais apagada do que merece, nas diversas relações de todos estes acontecimentos. Ha n'ella abundante lição, e mais de um ensinamento. Ha lição de muitos erros, que não deviam ter existido, não sendo o menor d'elles a inutilidade absoluta do sangrento combate. Marbot, que diz ter assistido á acção inteira, confessa que Wellington sabia perfeitamente, que o corpo de Ney, ao fim de algumas horas, tornaria a pôr-se em marcha, e que o generalissimo dos alliados apenas obedeceu, n'essa occasião excepcional, ao prazer de constrangel-o a abandonar a sua posição, um pouco mais cedo do que elle tencionava. E lamenta ainda, muitos annos depois do successo, que o falso amor proprio dos dois generaes tivesse feito perder a vida a tanta gente, n'uma acção obscura e inglo-ria, sem nenhum resultado para qualquer dos partidos.

Ney conseguiu o seu fim, que foi demorar o exercito perseguidor emquanto os outros corpos de exercito francezes desatulhavam os caminhos por onde lentamente tinham de retirar. Mas quanto não arriscou? Se se tem perdido ali, com elle estava perdido tudo. As forças superiores de Wellington, triumphantes, animadas pela victoria, cahiriam sobre as de Masséna, ainda apenas a distancia de uma

pequena marcha, e para este, privado do auxilio de Ney e das tropas de que elle dispunha, na desgraçada situação em que tinha as suas proprias, o desastre completo seria quasi inevitavel.

Depois, a exposição de si mesmo, affrontando desnecessariamente a morte, durante o episodio da salvação de um obuz, e sacrificando, impassivel, dezenas de vidas que sem a menor utilidade foram dizimadas então, não passa de um episodio de romanticismo militar, muito no espirito exaltado da época, mas que nenhum interesse verdadeiro, nenhuma necessaria conveniencia, nenhuma critica serena, nem nenhum impulso de boa rasão, justifica, applaude, ou, em casos semelhantes, póde aconselhar.

FERNANDES COSTA.

(Continua).

LOURDES(*)

QUARTO DIA

I

(Continuação)

— O senhor é o medico, não é? Dê-me forças para poder voltar á Gruta esta tarde... Estou certo de que, se lá puder ir, a Virgem Santissima me restituirá a saude.

— Pois decerto, ha de ir, respondeu o doutor. Não se sente agora muito melhor?

— Oh! muito melhor, não... Eu bem sei o que tenho, porque vi morrer muitos dos nossos irmãos no Senegal. Quando o figado está tomado e o abcesso rompe para fóra, está acabado. Sobrevêm os suores, a febre, o delirio... mas basta que a Virgem Santissima toque na molestia com um dedo para a sarar. Oh! pelo amor de Deus, levem-me á Gruta, ainda que esteja sem sentidos.

Soror Jacintha viera tambem inclinar-se para elle.

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

— Não tenha receio; ha de ir á Gruta depois do almoço e todas rezaremos por sua intenção.

Afinal poude levar Ferrand, desesperada pela demora, com muito cuidado em Madame Vêtu. Comtudo compungia-a a sorte do missionario; e ao passo que ia subindo interrogava o medico, indagando se realmente já não havia esperança. Este fez um gesto de absoluta condemnação. Era loucura vir a Lourdes em tal estado.

Depois emendou com um sorriso:

— Peço perdão, minha irmã. Bem sabe que tenho a desgraça de não ser um crente.

Mas, por seu turno, soror Jacintha sorriu-se tambem, indulgente, como amiga que tolera as imperfeições das pessoas a quem estima.

— Ora, isso não tem nada, conheço-o bem e sei que é, apesar de tudo, bom rapaz... E depois vemos gente de tanta especie, visitamos tantos herejes que teriamos que fazer se fossemos a escandalisar-nos.

Em cima, na enfermaria de Santa Honorina, foram encontrar Madame Vêtu gemendo sempre, soffrendo torturas intoleraveis.

Madame de Jonquiére e Madame Désagneaux conservavam-se junto do leito, pallidas, aturdidas de ouvirem aquelle grito de morte agora incessante. E quando em voz baixa interrogaram Ferrand este respondeu com um simples encolher de hombros: era uma creatura perdida, questão de horas, de minutos talvez. O mais que podia fazer era narcotisal-a, tambem, para lhe tornar mais facil o terrivel agonisar. A doente fitava-o, conservando ainda o uso dos sentidos, muito obediente, não recusando tomar nenhum dos medicamentos prescriptos. Como acontecia aos outros, o seu unico desejo era poder voltar á Gruta.

E manifestou-o, balbuciante, com intonação de creança, que teme não ser escutada.

— A' Gruta! Sim? á Gruta!

— Prometto-lhe que logo a levam lá, disse soror Jacin-

tha. Mas é preciso estar socegada. Veja se póde conciliar o somno para ganhar forças.

A enferma pareceu dormitar e M.me de Jonquière aproveitou o ensejo para levar M.me Désagneaux até ao outro extremo da enfermaria, onde se puzeram a contar roupa branca, uma contagem complicada, em que se perdiam, porque faltavam toalhas. Sophia não se tinha mechido, sentada no leito fronteiro. Pousára a boneca no regaço, esperando que a senhora morresse, visto terem-lhe dito que estava a expirar.

No emtanto a irmã Jacintha ficára perto da agonisante e, não querendo perder tempo, pegara n'uma agulha para concertar o corpete d'uma das doentes, que á força d'uso estalára nas mangas.

— Demora-se um momento, não é verdade? disse ella a Ferrand.

O medico continuava a observar M.me Vêtu.

— Pois sim... A pobre creatura póde expirar d'um momento para o outro. Receio que sobrevenha uma hemorrhagia.

Depois, reparando em Maria no leito proximo:

— Como vae ella? Sentiu algum allivio?

— Por emquanto, não. Pobre creança! Todos nós fazemos por ella bem ferventes votos! Tão nova, tão encantadora e tão infeliz... Olhe para ella n'este momento. Como está linda! Parece uma santa, banhada por todo este sol, com os olhos em extasi e o cabello d'ouro, luzente como uma aureola.

Interessado, Ferrand contemplou-a por um instante. Surprehendia-o aquelle divagar, aquelle desprendimento de quanto a rodeava, a fé ardente, o supremo contentamento intimo que a concentrava dentro em si.

— Ha de curar-se, murmurou o medico como se formulasse, para comsigo, um prognostico. Ha de curar-se.

Depois approximou-se de soror Jacintha, que se fôra

sentar no vão da elevada janella, aberta de par em par ao ar tepido do pateo.

O sol começava a declinar e apenas incidia, n'uma estreita barra d'ouro, sobre a touca branca e a romeira branca da religiosa. E Ferrand ficou de pé em frente d'ella, vendo-a coser, encostado ao peitoril da janella.

—Sabe, minha irmã, que esta viagem a Lourdes, que emprehendi contrariado e para fazer favor a um amigo, vae ser uma das mais raras felicidades da minha existencia!

Sem comprehender, ella exclamou ingenuamente:

—Como assim?

—Porque a tornei a encontrar, porque estou aqui a seu lado, auxiliando-a um pouco nas suas obras admiraveis. E se soubesse quanto lhe sou grato, quanto affecto lhe dedico, como a venero!

A religiosa ergueu a cabeça e fitou-o abertamente, gracejando, sem constrangimento algum.

Estava encantadora, com a tez de candida açucena, a bôcca pequenina e sorridente, os olhos d'um azul adoravel, sempre risonhos. E percebia-se que era franzina, airosa, sem mais seio do que uma creança, que desabrochara n'uma atmosphera de innocencia e dedicação!

—Tem-me assim tanto affecto! E porquê?

—Porque lhe quero tanto?... Pois se é o ente melhor, mais consolador, mais fraternal que tenho encontrado? Até agora representa na minha existencia a mais profunda, a mais dôce das recordações, aquella que eu evoco quando sinto necessidade de auxilio e de conforto... Não se recorda já do mez que passámos juntos, no meu pobre quarto, quando estive doente e me tratou tão carinhosamente?

—Por certo, por certo!... E nunca tive doente tão docil. Tomava tudo o que eu lhe dava, e quando lhe ageitava a cama, depois de lhe ter mudado a roupa, ficava socegado como uma creança.

E continuava a fital-o com o seu riso ingenuo. O medico era um bello homem, robusto, com o nariz um tanto grosso, os olhos soberbos, a bocca rubra sob o bigode preto, em toda a pujança da sua varonil juventude. Mas a irmã sentia-se unicamente consolada por vel-o assim em frente d'ella, com lagrimas de commoção.

— Ah! minha irmã, sem o seu auxilio teria morrido. Foi a sua presença que me salvou!

Então, emquanto se entreolhavam com alegre emoção, resurgiu no espirito de ambos o mez adoravel. Já não ouviam o estertor de M.me Vêtu, nem viam a enfermaria, atulhada de camas. semelhante, no seu desalinho, a uma ambulancia improvisada apoz uma catastrophe publica. Encontravam-se novamente no alto d'um predio escuro, n'uma estreita agua-furtada da velha Paris, em que o ár e a luz lhes chegavam coados por exigua janella debruçada sobre um oceano de telhados. E que delicia encontrarem-se ali isolados, elle prostrado pela febre, ella apparecendo-lhe como anjo protector, deixando tranquillamente o convento para o vir tratar como camarada, sem nenhum receio!

Era assim que soror Jacintha tratava de mulheres, de creanças, de homens, ao sabor do acaso, inteiramente feliz com tanto que se mexesse; que alliviasse dores, sem que a ideia do proprio sexo jámais surgisse no seu espirito. Por sua banda o moço estudante tambem não pensara que ella pudesse ser mulher, a não ser pela subtileza das mãos, pela caricia da voz, pela doçura da presença; e d'ella dimanava, todavia, toda a ternura d'uma mãe, todo o affecto de uma irmã. Durante tres semanas, como ella dizia, tinha-o tratado como uma creança, levantando-o e deitando-o, prestando-lhe os mais intimos serviços, sem constrangimento, sem repugnancia, salvos ambos pela santa pureza do soffrimento e da caridade, como se tudo passasse em regiões estranhas a este mundo. Mais tarde, quando principiou a convalescença, que alegre intimidade, que joviaes expansões d'amigos velhos! Soror Jacintha continuava a velal-o,

ralhava-lhe, dava-lhe palmadas nos braços quando elle teimava em os deitar por fóra da roupa. O doente seguia attento os seus ensaboados na bacia do rosto, a lavagem d'uma camisa para lhe poupar os tres *sous* da lavadeira. Ninguem os procurava nunca, achavam-se isolados, a mil leguas do mundo, encantados d'aquella solidão, em que decorria tão fraternalmente a sua alegre mocidade.

—Recorda-se, minha irmã, d'aquelle dia em que dei os primeiros passos? Ajudou-me a levantar e amparou-me emquanto que eu tropeçava, desageitado, sem saber servir-me das pernas. O que nós rimos!

—Se me lembro! estava salvo e eu bem satisfeita!

—E aquelle dia em que me trouxe cerejas... Ainda nos estou a vêr, eu encostado ás almofadas, e a soror Jacintha assentada na borda do leito, com as cerejas entre nós dois n'um grande papel branco. Eu não tinha querido tocar-lhes, se me não ajudasse a comel-as... Então, cada um por sua vez, fomos tirando as cerejas; e o papel despejou-se, eram excellentes!

—Sim, sim, excellentes... Era como o xarope de groselhas; só queria tomal-o quando eu o tomava tambem.

Riam mais alto; encantados com as recordações. Mas um gemido doloroso de M.me Vêtu volveu-os ao presente. O medico inclinou se para deante e lançou um olhar para a doente que se não tinha mexido. Na enfermaria mantinha-se um silencio triste, entrecortado a espaços pela voz clara de M.me Désagneaux, contando a roupa.

Opprimido pela commoção, o medico proseguiu, mais baixo:

—Ah! minha irmã, ainda que viva cem annos, ainda que venha a gosar as maiores venturas, os maiores carinhos, nunca dedicarei a outra mulher affecto egual ao que lhe consagro!

Então soror Jacintha, sem que revelasse acanhamento, baixou a cabeça e continuou a coser. Imperceptivel rubor tingiu-lhe de côr de rosa a tez d'açucena.

—Tambem eu, doutor Ferrand, o estimo muito. Mas é preciso que me não faça desvanecida. Os serviços que lhe prestei presto-os a tanta gente! É a minha vida, bem o sabe. E em tudo isso houve apenas uma coisa realmente agradavel, foi Deus ter-lhe restituido a saude.

Foram de novo interrompidos. A Grivotte e Elisa Rouquet regressavam da Gruta, antes das outras. A Grivotte assentou-se logo no colchão, extendido no sobrado aos pés do leito de M.me Vêtu e tirou da algibeira um bocado de pão que começou a devorar. Ferrand, desde a vespera, interessára-se por aquella phtysica, que atravessava um periodo tão curioso d'agitação, atacada d'um appetite exaggerado, d'uma necessidade febril de movimento. Mas n'esta occasião o caso d'Elisa Rouquet impressionou-o mais ainda; porque era manifesto agora que o lupus, cuja chaga lhe corroia a face, tomara melhor aspecto. A mulher continuava com as abluções na fonte milagrosa e vinha precisamente do consultorio, onde o doutor Bonamy triumphára. Surprehendido, Ferrand adiantou-se e examinou a ulcera, já menos rubra, começando a seccar, que estava longe de se poder considerar sarada, mas em que se percebia um trabalho latente de recomposição dos tecidos. E o caso pareceu-lhe tão curioso que fez logo tenção de tomar alguns apontamentos para os mandar a um dos seus antigos professores da Escola, que se estava entregando ao estudo da origem nervosa de certas affecções da pelle, determinadas por perturbação das funcções de nutrição.

—Não sentiu picadas? perguntou elle.

—Não, não, senhor doutor. Banho a cara e reso o rosario do fundo da alma. E mais nada.

A Grivotte, desvanecida e invejosa, que desde a vespera triumphava em presença das multidões, chamou o medico.

—Eu, senhor doutor, estou curada, curada, completamente curada.

Ferrand sorriu, fez um gesto amigavel, recusando examinal-a.

—Bem sei, minha filha. Já não tem nada.

Mas, n'este momento, soror Jacintha tornou a chamal-o. Acabava de pôr de parte a costura, ao ver M.me Vêtu erguer-se n'uma nausea atroz. Apezar da sua presteza, não foi a tempo de lhe chegar a bacia: a doente vomitara outra vez uma onda de dejecções pretas, semelhantes a fuligem e d'esta vez com sangue misturado, filetes de sangue violaceo. Era a hemorrhagia, o fim proximo que 'Ferrand receiava.

—Previnam a directora, disse elle a meia voz, installando-se definitivamente junto do leito.

Soror Jacintha correu a buscar M.me de Jonquière. Como a roupa estivesse contada foi encontral-a em grande conversa, de parte, com sua filha Raymunda, emquanto M.me Désagneaux lavava as mãos.

Raymunda escapára-se por um instante do refeitorio onde se achava de serviço. Era, para ella, a mais rude tarefa. A sala, estreita e comprida, com os dois renques de mezas engorduradas, o fartum nauseante do resto da comida e de miseria, causava-lhe repugnancia invencivel.

Por isso subira rapidamente, para aproveitar a meia hora de folga, antes do regresso dos doentes.

Offegante, com as faces afogueadas e os olhos luzentes, lançou-se nos braços da mãe.

—Oh! mamã, que felicidade!... E' negocio feito!

Attonita, com a cabeça cheia de mil cuidados que lhe provinham da direcção da enfermaria, M.me de Jonquière não entendia.

—Feito o quê, minha filha?

Então Raymunda baixou a voz e, córando mais:

—O meu casamento!

Tocou a vez á mãe de se regosijar. Sobre a sua physionomia de mulher já madura, mas ainda bella e agradavel, espalhou-se viva satisfação intima. Figurou-se-lhe ver o seu acanhado aposento da rua Vaneau, onde, depois da morte do marido, educara apertadamente a filha, com os

poucos milhares de francos que elle lhes deixára. O casamento da filha representava agora o recomeçar da vida mundana, com salões de recepção, a invejavel situação antiga, de novo conquistada.

—Ai, minha filha, que grande satisfação!

Mas, subitamente, sobrevieram-lhe escrupulos. Deus era testemunha de que ha tres annos a esta parte vinha a Lourdes impellida pelo desejo d'exercer a caridade, pela unica satisfação de tratar dos seus doentes queridos. É possivel que um rigoroso exame de consciencia lhe tivesse mostrado que á sua dedicacão se misturava o que quer que fosse d'instincto auctoritario, que lhe tornava doce o exercicio do mando; e por ultimo transparecia ainda a aspiração d'encontrar marido para a filha entre os rapazes da sua roda que enxameiavam na Gruta. Pensava n'isso vagamente, como coisa possivel, de que se abstinha de fallar.

No emtanto, a felicidade, a surpreza arrancaram-lhe uma confissão.

—Ah! minha querida filha, não me surprehende esse resultado; tinha-o implorado esta manhã a Nossa Senhora!

Depois quiz certificar-se, pediu pormenores. Raymunda ainda lhe não contára o passeio da vespera, pelo braço de Gérard, não querendo abrir-se antes da certeza do triumpho, da segurança de ter conquistado um marido. E era negocio feito, como alegremente exclamára; na propria manhã avistára-se na Gruta com o mancebo, que tomára compromisso formal. Seguramente M. Berthaud faria o pedido para o primo, antes da partida de Lourdes.

—Vamos lá, declarou M.me de Jonquière cujos escrupulos se iam dissipando, sorridente, encantada no intimo da alma, espero que serás feliz, visto seres tão rasoavel e não precisares de mim para levares a bom termo os teus negocios. Dá cá um beijo!

Foi n'este momento que chegou soror Jacintha para com-

municar a imminencia da morte de M.me Vêtu. Já Raymunda sahira da sala, a correr; e M.me Désagneaux, limpando as mãos, queixava-se das irmãs auxiliares que tinham desapparecido todas, exactamente quando mais falta faziam.

—Ahi está, por exemplo, M.me Volmar, accrescentou ella. Sempre desejava saber onde se metteu! Desde que aqui estamos não houve quem lhe puzesse a vista em cima por mais d'uma hora.

—Deixe lá em paz M.me Volmar, redarguiu M.me de Jonquière, impacientada. Já lhe disse que estava doente.

E correram ambas para junto de M.me Vêtu. Ferrand, em pé, esperava e tendo-lhe soror Jacintha perguntado se não havia nada a fazer, respondeu com a cabeça que não. A enferma, como que alliviada pelo primeiro vomito, ficara inerte, com as palpebras cerradas. Mas voltou-lhe a terrivel nausea e de novo vomitou uma golfada de dejectos negros, misturados de sangue violaceo. Teve depois um instante de socego, abriu os olhos e deparou com a Grivotte que continuava a devorar o seu naco de pão, sentada na enxerga. Sentindo approximar-se a morte murmurou:

—Está curada, não está?

A Grivotte, ouvindo-a, exaltou-se.

—Sim, minha senhora, estou curada, curada, inteiramente curada.

Por momentos pareceu apoderar-se de M.me Vêtu profunda magua; era a revolta do ente que não quer morrer, quando os outros continuam a viver. Mas bem depressa se resignou, levada de vencida. Ouviu-se accrescentar com a voz sumida:

—Os novos é que devem ficar. Nossa Senhora teve razão...

E n'um relance circular dos seus olhos que conservava abertos, percorreu, como para lhes dizer adeus, todas aquellas physionomias que se admirava de ver ali. Tentou sorrir-se ao deparar com os olhos d'ardente curiosidade

com que a pequena Sophia Couteau continuava a fital-a: a gentil creança, viera ainda de manhã, ao leito, beijal-a. Elisa Rouquet, por sua banda, a ninguem dava attenção, absorta em contemplar no espelho a face, que se lhe figurava ir-se rapidamente aformoseando, á medida que seccava a ferida. Mas foi principalmente o espectaculo de Maria, tão encantadora no seu extasi, o que mais parecera impressionar a moribunda. Contemplou-a detidamente, volvendo sempre a ella como se fôra visão de luz e de delicias. Talvez se lhe figurasse ver já as santas do paraizo, na gloria deslumbrante do sol.

De repente recomeçaram os vomitos e esses já eram só de sangue, sangue decomposto, côr de vinho. Jorrava em golfadas tão abundantes que salpicava os lençoes, espadanava por toda a cama. Debalde M.me de Jonquière e M.me Désagneaux, ambas muito pallidas, com as pernas a tremer, traziam toalhas sobre toalhas. E Ferrand, na sua impotencia, recuou até á janella, até ao mesmo lugar onde acabava de experimentar uma emoção deliciosa; ao passo que, por um movimento instinctivo, seguramente inconsciente, soror Jacintha voltava tambem áquella janella feliz, como para se acolher á sua protecção.

—Meu Deus, repetiu ella, então não póde fazer nada?

—Não, nada! Vae extinguir-se assim, como uma luz a que faltasse o combustivel.

Agora, extenuada, com um fio rubro a correr-lhe ainda da bôcca, M.me Vêtu olhava com insistencia para M.me de Jonquière, movendo os labios. E a directora inclinou-se para ella e escutou-lhe phrases vagarosas, cortadas, incompletas.

—É por causa do meu marido, minha senhora... A loja, fica na rua Mouffatard. Oh! é muito pequenina... Não é longe dos Gobelins... É relojoeiro; não poude acompanhar-me, já se vê, por causa dos freguezes. E vae ficar bem afflicto quando vir que eu não volto .. Eu limpava as joias, fazia os recados...

A voz ia enfraquecendo, as palavras espaçavam-se, no estertor.

—E então, minha senhora, era para lhe pedir que lhe escrevesse, porque não o fiz, e agora, está tudo acabado... Diga-lhe que deixe ficar o corpo em Lourdes, para evitar despezas... E que torne a casar, porque convem ao negocio... A prima, fale-lhe na prima...

Depois ouviu-se apenas um murmurio confuso. A debilidade era extrema, a respiração ia enfraquecendo. No emtanto os olhos conservavam-se abertos e ainda vivos na face pallida, d'uma pallidez de cêra. E esses olhos pareciam fitar-se desesperadamente no passado, em tudo o que para ella ia deixar d'existir, na pequena loja de relojoeiro perdida n'um bairro populoso, no decurso uniforme e doce do viver domestico com um marido trabalhador, sempre inclinado para machinas de relogio, nos grandes prazeres dos domingos que consistiam em irem ver deitar papagaios para as fortificações. E os olhos dilatavam-se-lhe mais ainda, como se em vão procurassem ver na horrivel noite que vinha crescendo.

Pela derradeira vez M.me de Jonquière se curvou para a moribunda, ao vêr-lhe mexer os labios. Não passou d'um ligeiro estremecimento do ar, uma voz d'além mundo, balbuciando, como muito ao longe, muito ao longe, com immensa desolação:

—Nossa Senhora não me quiz curar!

E expirou suavemente.

Como se apenas esperasse por este desenlace a pequena Sophia Couteau, satisfeita, saltou da cama e voltou a brincar com a boneca no fundo da enfermaria. Nem a Grivotte, entretida a acabar o pão, nem Elisa Rouquet toda entregue ao seu espelho, deram pela catastrophe. Mas, ao sopro gélido que passou sobre os circumstantes, ao cochichar consternado de M.me Jonquière e de M.me Désagneaux a quem faltava o habito da morte, Maria pareceu despertar, sahiu do transporte em que a mergulhava a continua

oração de todo o ser, sem palavras, sem um movimento de labios.

E, logo que comprehendeu, uma compaixão fraternal de companheira de soffrimento, certa da cura, arrancou-lhe abundantes lagrimas.

— Ai, pobre mulher!... morrer tão longe, tão só, podendo renascer para a vida!

O proprio Ferrand, profundamente commovido tambem, apesar da indifferença profissional, adiantou-se para verificar o obito; fez um signal, e soror Jacintha, levantando a dobra do lençol, cobriu o rosto da morta, porque não se devia pensar em levantar o corpo n'aquelle momento. Os doentes voltavam da Gruta em grupos, a enfermaria tão innundada de sol ha pouco, ia-se enchendo com o habitual tumulto da miseria e soffrimento, tosses profundas, pernas arrastando-se, o cheiro nauseante, a lastimosa exhibição de todas as enfermidades humanas.

II

N'esse dia, segunda-feira, foi enorme a affluencia á Gruta. Era o ultimo dia que devia passar em Lourdes a peregrinação nacional; e o padre Fourcade, na prédica da manhã, dissera que se devia fazer um supremo esforço de fervor e de fé para alcançar do céo todas as graças, todos os milagres que elle se dignasse dispensar aos devotos.

Por isso, desde as duas horas da tarde, ali se accumulavam vinte mil peregrinos, febris, agitados pelas mais ardentes esperanças. De minuto a minuto crescia a onda, a ponto de que o barão Suire, receioso, sahiu da Gruta para dizer a Berthaud:

— Meu amigo, vamos ver-nos assoberbados pela multidão; é certo. Chame mais gente, junte mais os seus homens.

Unicamente á associação hospitalar de Nossa Senhora da Saude incumbia a manutenção da ordem, porque não ha-

via policias nem guardas de especie alguma; d'ahi provinha o cuidado do presidente da associação. Mas Berthaud, nas circumstancias graves, era um chefe escutado, d'uma energia tranquilisadora.

— Não tenha receio, respondo por tudo... Não me tiro d'aqui em quanto não tiver passado a procissão das quatro horas.

No emtanto chamou Gérard por um signal.

— Dá á tua gente as ordens mais apertadas. Que deixem passar unicamente as pessoas que apresentarem bilhete... E junta-os mais, recommenda-lhes que segurem a corda com força.

Lá ao fundo, debaixo das heras que revestiam a rocha, abria-se a Gruta, com o eterno brasido dos seus cirios. De longe parecia um tanto atarracada, irregular, exigua e modesta em proporção do sopro d'infinito que de lá sahia, empalidecendo e curvando todas as cabeças. A estatua da Virgem distinguia-se apenas como uma mancha branca, que parecia mover-se na vibração do ar, aquecido pelas pequenas chammas amarellas. Mesmo erguendo-se uma pessôa em bicos de pés distinguia-se mal, por traz da grade, o altar de prata, o harmonium despido da sua capa, o monte de ramos lançados pelos fieis, as «promessas» espalhadas pelas paredes fumosas. E o dia conservava-se admiravel, nunca céo mais puro se dilatara por sobre tamanha multidão; a suavidade da brisa, sobretudo, parecia deliciosa depois da trovoada da noite anterior que diminuira o calor abafadiço dos dois primeiros dias.

Gérard teve de dar aos cotovellos para transmittir as ordens. O apertão augmentara.

— Mais dois homens para aqui! Ponham-se quatro, se fôr necessario, e retezem bem a corda.

Era instinctivo, inverosimil; as vinte mil pessoas que ali se achavam, sentiam-se como que attrahidas para a Gruta, impellidas para ella por irresistivel gravitação, em que ardente curiosidade as misturava á sede do mysterio. To-

dos os olhares convergiam, todas aquellas bôccas, todas aquellas mãos, todos aquelles corpos eram arrastados para a fulguração pallida dos cirios, para a mancha branca, movente, da Virgem de marmore. E para que o largo espaço reservado aos doentes, em frente da grade, não fosse invadido pela turba crescente, fôra mister contornal-o por uma forte corda, que os «brancardiers» seguravam ás mãos ambas, com intervallos de dois ou tres metros. Estes tinham ordem de não deixar passar senão os enfermos que apresentassem o bilhete hospitalar, ou os raros portadores d'uma auctorisação especial. Levantavam a corda e deixavam-n'a cahir de novo por traz dos privilegiados, sem se deixarem vencer por supplica de especie alguma. Mostravam-se até um tanto rudes, não resistindo ao prazer de exercer a auctoridade de que por um dia se achavam investidos.

Na verdade, a sua tarefa não era de invejar; supportavam fortes encontrões e tinham de se prestar mutuo auxilio, e de empregar energica resistencia, para não serem arrastados pela multidão.

Então, em quanto os bancos em frente da Gruta se enchiam de doentes, de carrinhos de mão, de macas, a multidão, a immensa multidão, ondulava em torno. Vinha dos lados da praça do Rosario, alastrava-se até ao fundo do passeio, ao longo do Gave; e todo o largo espaço estava preto de gente, formando vaga humana tão espessa que a circulação se achava interrompida. Sobre o parapeito alinhava-se uma fileira interminavel de mulheres sentadas, algumas mesmo em pé, para verem melhor, e o sol punha cambiantes de luz nos guardasoes feitos de sedas claras, de tons festivos.

Tinha-se procurado deixar uma vereda livre para o accesso dos doentes; mas era continuamente invadida, obstruida, de modo que os carrinhos e as macas ficavam pelo caminho, afogadas, perdidas, até que um «brancardier» viesse libertal-as. Comtudo a enorme multidão seme-

lhava rebanho docil de que bastava conter o involuntario impulso, a larga ondulação, dirigindo-se para o clarão dos cirios. Nunca occorrera um unico desastre, apesar da excitação que subia pouco a pouco e a lançava no delirio desregrado da fé.

Mas, de novo, o barão Suire abriu passagem.

—Berthaud! Berthaud! Veja se demora mais o desfilar. Estão a suffocar mulheres e creanças.

D'esta vez Berthaud teve um gesto de impaciencia.

—Eu não posso estar em toda a parte... Mande fechar a grade um bocadinho, se fôr necessario.

Referia-se ao desfilar pelo interior da Gruta, que devia prolongar-se pela tarde adiante. Os fieis entravam pela porta da esquerda e sahiam pela da direita.

—Fechar a grade! exclamou o barão. Ainda era peior. Vinham esmagar-se todos de encontro a ella!

Precisamente achava-se ali Gérard, que se distrahira a conversar por um instante com Raymunda, em pé do outro lado da corda, tendo na mão um copo de leite que levava a uma paralytica. E Berthaud ordenou-lhe que postasse dois homens á entrada da grade com recommendação de não deixarem entrar os peregrinos, senão a dez e dez. Quando, depois de executar esta ordem, Gérard voltou, veiu encontrar Berthaud rindo e gracejando com Raymunda, que não tardou a affastar-se. Os dois homens ficaram-se a olhar para ella, em quanto dava de beber á paralytica.

—É encantadora; e está decidido que casas com ella?

—Vou pedil-a á mãe, esta noite. Conto comtigo para me acompanhares.

—Pois decerto... Lembras-te do que eu te disse. Nada é mais rasoavel. O tio arranja-te collocação antes de seis mezes.

Uma onda de povo separou-os. Berthaud foi verificar com os proprios olhos á Gruta, se o desfile se operava agora com regularidade, sem encontrões. Era, durante ho-

ras inteiras, a mesma onda ininterrompida de mulheres, de homens, de creanças, de toda a gente que queria, de todos os que estavam de passagem, de todas as partes do mundo. As classes achavam-se singularmente misturadas, mendigos andrajosos ao lado dos burguezes endinheirados, mulheres do campo, senhoras trajando luxuosamente, creadas em cabello, raparigas descalças, outras com os cabellos empastados de pomada, envolvidos por uma fita. A entrada era livre, o mysterio patenteava-se a todos, aos crentes como aos infieis, áquelles a quem a curiosidade unicamente impellia como aos que ali penetravam com o coração abrasado em amor. E era coisa digna de vêr-se, como todos se mostravam quasi por egual commovidos, no cheiro morno da cêra, oppressos pela atmosphera pesada do tabernáculo comprimida pela rocha, olhando attentamente para o chão, para não escorregarem no gradeamento de ferro. Muitos ficavam atordoados, nem mesmo se inclinavam, examinando o que os rodeava com o vago receio dos indifferentes, transviados no formidavel desconhecido d'um sanctuario. Mas os devotos persignavam-se, alguns lançavam cartas, deixavam velas de cêra e ramos de flores, beijavam a pedra por baixo da Virgem, ou tocavam n'esse local rosarios, medalhas, pequenos objectos pios que aquelle contacto bastava para benzer.

E o desfile continuava, proseguia interminavel, durante dias inteiros, durante mezes, havia annos; e dir-se-hia que toda a terra ali vinha passar, no fundo d'aquella anfractuosidade do rochedo, todas as miserias e todos os soffrimentos humanos, n'uma especie de circuito hypnotisado e contagioso, em busca da felicidade.

Logo que Berthaud verificou que tudo corria á medida dos seus desejos, divagou como simples espectador, vigiando a sua gente. Agora só lhe restava um cuidado: a procissão do Santissimo Sacramento, durante a qual se declarava tal phrenesi, que eram sempre para receiar desastres.

Este ultimo dia annunciava-se fervente, pelo estremecimento de fé exaltada que se sentia já subir da multidão. Ia-se alastrando o arrebatamento, a febre da viagem, a obsessão dos mesmos canticos repetidas vezes sem conto, a teimosia insistente dos mesmos exercicios religiosos e sempre as dissertações sobre os milagres, e sempre o pensamento fixado na divina irradiação da Gruta. Havia tres noites que muitos não dormiam, encontrando-se por isso n'um estado d'allucinação, caminhando n'uma visão que se exasperava.

Não lhes era dado entregarem-se a um momento de repouso; as continuas orações operavam como chicotadas fustigando-lhes as almas. Eram incessantes as invocações á Virgem, no pulpito succediam-se os sacerdotes, proclamando a dôr universal, dirigindo as supplicas afflictas da multidão, em quanto ali permaneciam os enfermos, diante da pallida estatua de marmore, que sorria, com as mãos erguidas e os olhos no ceu.

N'este momento o pulpito de pedra branca, á direita da Gruta, ligado á rocha, achava-se occupado por um sacerdote de Tolosa, a quem Berthaud conhecia e a quem escutou por instantes, com ar approvador. Era um homem gordo, de voz pastosa, celebre pelos seus triumphos oratorios.

De resto, toda a eloquencia aqui consistia em dispor de bons pulmões, no modo violento de proferir a phrase, o brado que a multidão inteira devia repetir; porque as prédicas reduziam-se a vociferações, entremeadas de padre-nossos e ave-marias.

O padre, que acabava de recitar o rosario, alçou-se nas pernas curtas e lançou a primeira estrophe da ladainha que ia inventando, conduzindo-a a seu sabor, segundo a inspiração de que se achava possuido:

—Maria, nós vos adoramos!

E a multidão repetiu, n'uma toada plangente, prolongada e confusa:

— Maria, nós vos adoramos!

E a ladainha proseguiu sem interrupção. A voz do padre vibrava em toda a plenitude e a da multidão echoava n'um murmurio doloroso:

— Maria, vós sois a nossa unica esperança!
— Maria, vós sois a nossa unica esperança!
— Virgem purissima, fazei-nos puros entre os puros!
— Virgem purissima, fazei-nos puros entre os puros!
— Virgem poderosa, salvae os nossos doentes!
— Virgem poderosa, salvae os nossos doentes!

Por vezes, quando a imaginação o trahia ou quando desejava cravar mais fundo um clamor, chegava a repetil-o tres vezes; e a multidão repetia-o outras tantas, docil, vibrante d'enervação sob o látego do lamento insistente que lhe augmentava a febre.

Continuaram as ladainhas e Berthaud voltou á Gruta. Aos olhos dos que desfilavam no interior apresentava-se, quando se volviam para os doentes, um espectaculo extraordinario. Todo o vasto recinto circumscripto pelas cordas se achava repleto pelos mil a mil e duzentos enfermos, que tinham acompanhado a peregrinação nacional; e no radioso dia, sob o largo e puro céo, era o mais desolador espectaculo que se podia vêr. Os tres hospitaes haviam despejado para ali as suas pavorosas enfermarias. No fundo, mais afastados da Gruta apinhavam-se os relativamente válidos, os que ainda se podiam conservar sentados. A muitos d'esses, comtudo, fora necessario sustel-os com almofadas; outros appoiavam-se entre si, os mais fortes amparando os mais enfraquecidos. Á frente, mesmo deante da Gruta, achavam-se estirados os mais gravemente doentes, as lages desappareciam sob a lastimosa turba, que se alastrava como lagoa putrida e estagnada. Formára-se uma inexprimivel confusão de carros, de catres, d'enxergas. Alguns, recostados em carrinhos de mão, com caixões semelhantes a esquifes, dominavam os restantes, mais numerosos, que, n'um plano inferior, pareciam estendidos no chão. Uns es-

tavam vestidos, simplesmente deitados sobre o panno riscado dos colchões. A outros haviam-os transportado nas proprias enxergas e viam-se-lhes apenas, por fóra dos lençoes, a cabeça e as mãos descoradas. Poucas d'essas camas estavam limpas. Apenas alguns travesseiros deslumbrantes d'alvura, guarnecidos com bordados por uma derradeira garridice, se destacavam entre a miseria ascorosa dos restantes, exhibição d'andrajos, de cobertas amarrotadas, de lençoes salpicados de dejectos. E tudo aquillo empurrado, comprimido, empilhado, ao acaso da chegada, mulheres, homens, creanças, padres, os despidos ao lado dos que vestiam os seus trajes, tudo illuminado pela deslumbrante luz do sol.

Viam-se ali as mais variadas doenças, o doloroso cortejo que duas vezes por dia sahia dos hospitaes para atravessar a povoação horrorisada: Cabeças corroidas pelo eczema, frontes coroadas pela roseola, narizes e bôccas transformadas pela elephantiasis em disformes focinhos. Depois, hydropicos, inchados como odres, rheumaticos de mãos aleijadas, de pés intumescidos, semelhantes a saccos cheios de trapos, uma hydrocephala cujo pesado e disforme craneo lhe pendia para traz. Depois, tisicos, a tremerem com febre, extenuados pela dysenteria, lividos, de magreza esqueletica. Depois as deformidades das articulações, os desvios rachidianos, os braços revirados, os pescoços torcidos, os pobres entes mutilados e contundidos, immobilisados em attitudes de marroquinos tragicos. Depois raparigas rachiticas ostentando a tez côr de cera, as debeis nucas, corroidas d'escrophulas; mulheres pallidas, apatetadas, no pasmo doloroso dos miseraveis a quem o cancro devora; outras ainda, de côr terrea, não ousando mover-se, com medo de baterem nos tumores cujas dôres intoleraveis as prostravam.

Sentadas nos bancos, mulheres surdas, mesmo sem ouvirem cousa alguma, cantavam, desorientadas; outras, cegas, com a cabeça erecta, permaneciam horas consecu-

tivas voltadas para a estatua da Virgem, que não podiam vêr. Havia ainda a demente, d'aspecto imbecil, com o nariz comido por algum cancro, escancarando n'um riso aterrador a bôcca desdentada e negra; e havia finalmente a epileptica a quem uma recente crise deixára em pallidez mortal e com um resto d'escuma aos cantos dos labios.

Mas nem a doença nem o soffrimento importavam, desde que todos se achavam ali, sentados ou deitados, com os olhos fitos na Gruta. Os rostos descarnados, terrosos, transfiguravam-se, tornavam-se ardentes d'esperança. Juntavam-se mãos anchilosadas, palpebras pesadas achavam força para se entreabrirem, reanimavam-se vozes extinctas, ao som das invocações do sacerdote.

A principio eram murmurios indistinctos, que se elevavam, como tenue aragem, espalhando-se por sobre a multidão. E em seguida o clamor, subia, ampliava-se, apoderava-se de todos os assistentes d'um ao outro lado da vasta praça.

—Maria, concebida sem peccado, rogae por nós! bradava o padre com a sua voz de trovão.

E os doentes e os peregrinos repetiam cada vez mais alto:

—Maria, concebida sem peccado, rogae por nós!

A ladainha desenrolava-se, accelerando-se cada vez mais.

—Mãe purissima, mãe castissima, os vossos filhos estão aos vossos pés!

—Mãe purissima, mãe castissima, os vossos filhos estão aos vossos pés!

—Rainha dos anjos, dize uma palavra e os nossos doentes serão curados!

—Rainha dos anjos, dize uma palavra e os nossos doentes serão curados!

Entretanto, do lado do pulpito, na segunda fileira, achava-se M. Sabathier que se tinha feito transportar cedo para poder escolher o logar, como antigo freguez que conhece os melhores cantos. Figurava-se-lhe que havia interesse

capital em ficar o mais perto possivel, mesmo debaixo dos olhos da Virgem, como se a ella lhe fosse preciso vêr os fieis para os não esquecer. Desde que, ha sete annos a esta parte, ali vinha, só nutria esta unica esperança: fazer-se notar d'Ella um dia, commovel-a por fim, e alcançar a cura, senão por escolha, ao menos por antiguidade. Para isso carecia apenas de paciencia, sem que a firmeza da sua fé soffresse o menor abalo. Sómente, á força de resignação e um tanto cançado dos successivos adiamentos, permittia-se, por vezes, distracções. Tinha alcançado que deixassem sua mulher junto d'elle, sentada n'um banco de tesoura, e gostava de conversar com ella, de lhe communicar as suas reflexões.

— Minha querida amiga, levanta-me um pouco... Estou a escorregar, estou tão mal!

Vinha vestido, com calças e jaquetão de flanella, e conservava-se sentado no colchão, com as costas appoiadas a uma cadeira invertida.

— Está melhor assim? perguntou M.me Sabathier.

— Estou, estou...

Depois, interessando-se por frei Isidoro, que sempre tinham acabado por trazer e que occupava um colchão visinho, deitado, com a roupa puxada até ao mento e tendo de fóra apenas as mãos, juntas sobre a coberta:

— Ai, pobre homem... Que imprudencia!... Mas Nossa Senhora é tão poderosa, quando quer!

Ia continuar a recitação do rosario, quando se interrompeu novamente ao avistar M.me Maze que acabava de se insinuar no recinto reservado, tão flexivel, tão discreta, que tinha sem duvida passado por baixo da corda sem ser notada. Sentára-se no extremo de um banco e ahi se conservava muito quieta, immovel, sem occupar mais espaço do que uma creança. E o seu comprido rosto, de feições fatigadas, os seus trinta annos de loura envelhecida, murcha antes de tempo, respirava infinita melancholia, completo abandono.

— Então, proseguiu em voz baixa M. Sabathier, dirigindo-se a sua mulher com um gesto imperceptivel do queixo, aquella senhora vem implorar a conversão do marido... Foi com ella que te encontraste, esta manhã, n'uma loja?

— Foi, foi; respondeu M.me Sabathier. Mais tarde conversei a respeito d'ella com outra senhora que a conhece. O marido é caixeiro viajante. Anda aos seis mezes por fóra de casa, com creaturas exquisitas. Oh! um rapaz muito jovial, excellente pessoa que lhe não falta em coisa nenhuma. Mas ella adora-o, não póde conformar-se com o seu abandono e vem pedir a Nossa Senhora que lh'o restitua... N'este momento, segundo parece, está o sujeito em Luchon com duas mulheres, duas irmãs...

Com um gesto, M. Sabathier interrompeu a consorte. Dirigindo os olhos para a Gruta, voltava a ser o antigo e intelligente professor, a quem outr'ora enthusiasmavam as questões artisticas.

— Vês, estragaram a Gruta á força de a quererem embellezar. Estou persuadido que estava muito melhor d'antes, na sua primitiva rudeza. Tornaram-n'a incaracteristica... E que deploravel loja que lhe puzeram ali á esquerda!

Mas, subitamente, causou-lhe remorsos a sua distracção. Emquanto assim divagava não distinguiria a Virgem algum dos seus visinhos, mais fervoroso, mais attento do que elle? Inquieto, recahiu na sua modestia, na sua paciencia, com o olhar extincto e vago, na expectativa da intervenção celeste.

De resto, a vibração d'uma nova voz restituia-o ao aniquilamento, á morte do pensador letrado que fôra n'outro tempo. Era outro prégador que acabava de subir ao pulpito, um frade capuchinho d'esta vez, cujos gritos gutturaes, repetidos com insistencia, sacudiam a turba com um estremecimento:

— Santa Virgem das virgens, sède bemdita.

— Santa Virgem das virgens, sêde bemdita!

—Santa Virgem das virgens, não desvieis o rosto dos vossos filhos!

—Santa Virgem das virgens, não desvieis o rosto dos vossos filhos!

—Santa Virgem das virgens, dignae-vos bafejar as nossas feridas e ellas seccarão por si!

—Santa Virgem das virgens, dignae-vos bafejar as nossas feridas e ellas seccarão por si!

Occupando o extremo do primeiro banco, ao lado da vereda central que se ia enchendo, a familia Vigneron conseguira installar-se. Estavam todos: o Gustavinho, sentado, muito encolhido, com a muleta entre as pernas; a mãe ao pé, acompanhando as orações como burgueza discreta: a tia, M.me Chaise, do outro lado, comprimida pela multidão, suffocada; e M. Vigneron, silencioso, que havia um instante examinava esta ultima com attenção.

—O que tem, minha querida senhora? Sente-se indisposta?

A pobre senhora mal respirava.

—Não sei... Nem sinto os braços nem as pernas, e falta-me o ar...

Occorrera de subito a M.me Vigneron o pensamento de que a agitação, a febre, os apertões d'uma peregrinação não deviam ser convenientes para uma affecção cardiaca. Por certo não desejava a morte de ninguem, nunca supplicara coisa semelhante a Nossa Senhora. Se ella se dignára já uma vez escutar as suas aspirações de promoção, mercê da morte do seu chefe, é que, por certo, este se achava já condemnado pelos designios celestes. E da mesma fórma, se M.me Chaise morresse primeiro, deixando a Gustavo a fortuna, só teria que se inclinar perante a vontade de Deus, que d'ordinario determina que as pessoas de mais edade succumbam antes das mais novas. Mas a esperança inconsciente foi tão intensa, que trocou um olhar com M.me Vigneron, de quem se apoderara o mesmo pensamento involuntario.

— Gustavo, vê se te afastas um pouco, exclamou elle. Estás a incommodar a tua tia.

E, como Raymunda passasse n'essa occasião junto d'elles:

— Minha senhora, não lhe será possivel alcançar-nos um copo d'agua para esta nossa parente, que parece que vae perder os sentidos?

Mas M.me Chaise recusou com um gesto. Ia-se reanimando e respirou com esforço.

— Não, não preciso nada... Vou melhor... Ai! pensei que suffocava, d'esta vez!

Tremia ainda de susto e os olhos conservavam-se-lhe esgazeados no rosto macilento. Juntou de novo as mãos e dirigiu á Virgem fervente supplica para que a salvasse das crises futuras, para que lhe restituisse a saude; ao passo que os esposos Vigneron, boa gente, recahiam na aspiração secreta da ventura, cuja realisação vinham implorar a Lourdes: uma velhice socegada, bem merecida por vinte annos d'honestidade, uma fortuna solida que lhes permittisse irem viver para o campo, entregando-se á cultura das flores. O Gustavinho, a cujos olhos perscrutadores e a cuja intelligencia, aguçada pelo soffrimento, nada escapava, não resava, sorria-se vagamente, com sorriso indeciso e enigmatico. Resar? Para quê, se sabia que a Virgem lhe não restituiria a saude e que estava condemnado a morrer!

Mas M. Vigneron não podia estar por muito tempo sem se occupar dos visinhos. No meio da rua central, apinhada de gente, tinham accommodado M.me Dieulafay, que chegára tarde; e maravilhava-o o luxo, a especie de esquife, forrado de seda branca acolchoada, em que jazia a pobre senhora, vestida com uma bata côr de rosa, guarnecida de rendas.

O marido, de sobrecasaca, e a irmã, trajando de preto, conservavam-se de pé; ao passo que o abbade Judaine, ajoelhado junto da doente, orava fervorosamente.

Quando o sacerdote se levantou, M. Vigneron arranjou-lhe um estreito logar no banco, ao seu lado, e depois tomou a liberdade de o interrogar.

—Então, meu reverendo, esta senhora tem experimentado alguns allivios?

O abbade Judaine fez um gesto de infinita tristeza.

—Não tem, desgraçadamente... Estava tão cheio de esperança! Fui eu quem decidi a familia a vir aqui. A Santissima Virgem tinha-me feito ha dois annos tão extraordinaria mercê restituindo-me a vista perdida, que esperava alcançar mais este favor... Emfim, não quero perder de todo a esperança. Ainda temos até ámanhã.

M. Vigneron examinou aquelle rosto de mulher em que se distinguia ainda a pureza de oval e os olhos admiraveis, agora transtornado, plumbeo, surgindo d'entre as rendas com aspecto cadaverico.

—É realmente bem triste, murmurou elle.

—Se a tivesse visto, o verão passado! redarguiu o padre. A quinta d'elles é em Saligny, na minha parochia, e eu jantava lá frequentes vezes... Não posso olhar sem tristeza para a irmã mais velha, M.me Jousseur, aquella senhora de preto que ali está, porque se parece muito com ella, e a doente era ainda mais bonita, era uma das bellezas de Paris. Compare, veja aquelle donaire, aquella suprema elegancia, ao lado da pobre enferma... Confrange-se o coração. Que horrivel exemplo!

Calou-se por um instante. O santo homem, tão naturalmente bondoso, sem paixão, sem intelligencia viva que lhe abalasse a fé, tributava ingenua admiração á belleza, á fortuna, ao poder, que entretanto nunca lhe haviam despertado inveja. Todavia atreveu-se a exprimir uma duvida, um escrupulo, que lhe perturbava a serenidade habitual:

—Eu, por mim, antes queria que ella aqui tivesse vindo com mais simplicidade, sem aquelle apparato luxuoso, porque a Virgem prefere os humildes... Mas comprehendo

que seja conveniente transigir com as conveniencias sociaes. E depois o marido e a irmã consagram-lhe tal affecto! Convém não esquecer que ambos se resignaram a deixar, elle os seus negocios, ella os seus divertimentos, tão assustados com a idéa de a perderem, que teem sempre, como vê, aquelles olhos humidos do pranto e aquelle aspecto consternado. Por isso teem desculpa de procurarem embellezal-a até aos ultimos momentos.

M. Vigneron approvava com a cabeça. Ah! não eram por certo os ricos quem na Gruta tinham mais probabilidades d'exito... Curavam-se creadas, mulheres do campo, indigentes, em quanto que muitas senhoras voltavam com as suas enfermidades, sem allivios, apesar dos seus grandes donativos e dos grossos cirios que offertavam. E, mau grado seu, olhou para M.me Chaise que, reanimada, repousava com ar beatifico.

Mas pela multidão passou um fremito e o abbade Judaine accrescentou:

— Lá sobe ao pulpito o padre Massias! Ouçamol-o; é um santo!

Era já conhecido. Sempre que este padre apparecia sentiam-se as almas agitadas por subita esperança, porque era voz corrente que o seu grande fervor provocava os milagres. Passava por possuir uma voz carinhosa e energica, que a Virgem attendia.

Todas as cabeças se ergueram e a commoção subiu de ponto quando deram com o padre Fourcade que acompanhára até ao pulpito, appoiando-se-lhe no hombro, o seu irmão dilecto, preferido entre todos, e ali se deixára ficar para o ouvir tambem. A gotta de que soffria em um dos pés aggravára-se desde a manhã e elle precisava de muita coragem para se conservar assim de pé, sorrindo. Alegrava-o a crescente exaltação do povo e previa prodigios, curas espantosas, para maior gloria de Maria e de Jesus.

Chegando ao pulpito o padre Massias não começou immediatamente a fallar. Parecia altissimo, magro e pallido,

com expressão d'asceta, que a barba grisalha accentuava ainda mais. Brilhavam-lhe os olhos, e os labios eloquentes abriam-se-lhe com apaixonada vehemencia.

— Salvae-nos, Senhor, que nós succumbimos!

E a multidão dos fieis, n'uma excitação febril que augmentava de minuto a minuto, repetia:

— Salvae-nos, Senhor, que nós succumbimos!

O prégador estendia os braços, arremessava a supplica ardente, como se a arrancasse do coração em chammas:

— Senhor, se fôr da vossa vontade, podereis curar-me!

— Senhor, se fôr da vossa vontade, podereis curar-me!

— Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas basta uma palavra vossa e minha alma será salva!

— Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas basta uma palavra vossa e minha alma será salva!

Martha, a irmã de frei Isidoro, começára a conversar em voz baixa com M.me Sabathier, junto de quem viera sentar-se. Tinham travado conhecimento no hospital; e na approximação promovida por tantos soffrimentos, a creada referia familiarmente á burgueza a que ponto lhe dava cuidado o estado do irmão; porque era evidente para ella que só restava um sopro de vida. Nossa Senhora bem podia apressar-se, se quizesse dar-lhe saude. Já era milagre terem podido trazel-o vivo até á Gruta.

Era sem lagrimas a resignação da pobre e singela creatura, mas tinha tão opprimido o coração, que as palavras afogavam-se-lhe na garganta. Sobreveiu-lhe então a lembrança nitida do passado e com a lingua ainda pastosa dos prolongados silencios, desabafou.

— Eramos quatorze em casa, em Saint-Jacut, perto de Vannes... Elle, coitadinho, apesar de alto, sempre foi fra-

co; e por isso ficou com o nosso abbade que por fim o metteu nas Escolas Christãs... Os mais velhos ficaram com as terras e eu antes quiz ir servir. Fui então com uma senhora para Paris, ha de haver cinco annos... Ai, quantos trabalhos n'esta vida! E quem é que os não tem!

— E tem rasão, minha filha, respondeu Madame Sabathier, olhando para o marido que repetia com devoção cada phrase do padre Massias.

— No mez passado, proseguiu Martha, constou-me que meu irmão Isidoro se achava de volta dos paizes quentes, onde era missionario e que trouxera de lá uma doença perigosa... Então fui logo vel-o e elle disse-me que morria se não viesse a Lourdes, mas que lhe era impossivel emprehender a jornada, porque não tinha quem o acompanhasse... Então, eu possuia uns oitenta francos de economias, e sahi da casa e viemos juntos... Olhe, minha senhora, se lhe quero tanto é porque elle me trazia groselhas do passal, ao passo que todos os outros me batiam.

E ficou outra vez silenciosa, com a physionomia repassada de desgosto, sem que as lagrimas pudessem soltar-se-lhe dos olhos inflammados pelas vigilias. Depois, murmurou phrases sem nexo.

— Olhe para elle, minha senhora... Faz dó... Ai meu Deus! Veja aquellas faces, aquella magreza, aquelle rosto descarnado...

Era, effectivamente, um espectaculo lamentavel. Madame Sabathier sentia revolver-se-lhe o coração ao ver frei Isidoro, macillento, côr de terra, banhado pelos suores frios da agonia.

Por fóra da roupa continuavam apenas a ver-se-lhe as mãos entrelaçadas e o rosto emmoldurado pelo cabello, comprido e rallo; mas se as mãos côr de cera pareciam de cadaver, se no rosto contrahido pelo soffrimento, nem uma só feição se movia, os olhos viviam ainda, olhos de inextinguivel amor, cuja chamma bastava a illuminar todo o rosto agonisante, de Christo pregado na cruz. E nunca

fôra tão accentuado o contraste entre a fronte deprimida, a expressão tacanha, bestial, do aldeão e o divino esplendor que irradiava do pobre perfil humano, devastado, sanctificado pela dôr, tornado sublime na hora derradeira, pelo fulgurante ardor da fé. Como que se tinha fundido a carne para sobreviver unicamente um olhar, uma intensa luz.

Desde que o trouxeram para ali, os olhos de frei Isidoro não se tinham despregado mais da estatua da Virgem. Em torno d'elle nada mais existia. Não via a enorme multidão, nem sequer ouvia o clamor afflicto dos padres, os gritos incessantes que saccudiam a turba fremente. A vida concentrara-se-lhe nos olhos, de infinita ternura, que fixara na Virgem para não mais os desviar. N'ella se embebiam até á morte, n'um derradeiro anhelo de se fundirem, de se extinguirem na imagem santa. Um instante, os labios entreabriram-se e expressão de celeste beatitude se lhe espalhou no semblante. Depois nada mais se moveu, só os olhos se conservaram desmedidamente abertos, obstinadamente fitos na estatua branca.

Decorreram alguns minutos. Martha sentira como que um sopro gélido na raiz dos cabellos.

—Oh! minha senhora, olhe!

Anciosa, Madame Sabathier fingiu não perceber.

—O quê, minha filha?

—Meu irmão, repare... Parece que se não move. Abriu a bôcca e depois não fez mais nenhum movimento.

Então ambos estremeceram, na certeza de que estava morto. Acabava com effeito de expirar, sem estertor, sem um suspiro, como se a vida se lhe houvesse coado pelo olhar, pelos grandes olhos cheios de amor, impregnados de enthusiasmo. Finara-se a contemplar a Virgem e incomparavel era a doçura d'aquelle olhar em que continuavam, apesar de morto, a transluzir ineffaveis delicias.

—Procure fechar-lhe os olhos, murmurou Madame Sabathier. Logo ficaremos sabendo...

Martha levantou-se e curvando-se de fórma que passou

despercebido o gesto, tentou, a tremer, cerrar-lhe as palpebras. Mas a cada tentativa tornavam a abrir-se e continuavam a fitar-se na Virgem, obstinadamente. Era certo que estava morto, e Martha teve de lhe deixar os olhos abertos, mergulhados no seu extasi sem fim.

— Oh! está acabado, está tudo acabado, minha senhora! balbuciou ella.

Duas lagrimas irromperam-lhe das palpebras pesadas, e deslisaram-lhe pelas faces, ao passo que Madame Sabathier lhe pegava na mão para a fazer calar. Um susurro tinha percorrido os circumstantes, começava a manifestar-se um certo cuidado. Mas que resolução se havia de adoptar? No meio de toda aquella gente, durante as orações, não era possivel transportar o cadaver sem risco de produzir effeito desastroso. O melhor era deixal-o ficar até se apresentar ensejo favoravel. Não escandalisava ninguem, não parecia mais morto do que dez minutos antes e a todos poude figurar-se que continuavam vivos os olhos fulgurantes, no seu ardente appello á divina ternura.

Poucos dos circumstantes sabiam do acontecimento. M. Sabathier, sobresaltado, interrogava sua mulher com imperceptivel signal; e certificando-se por uma demorada affirmação muda, reatou sem revolta o fio das suas orações, succumbido perante a mysteriosa potestade suprema, que mandava a morte quando se lhe implorava a vida. Os Vigneron, extraordinariamente interessados, inclinavam-se, segredavam entre si, como se se tratasse de um desastre na via publica, um d'aquelles successos quotidianos, cuja noticia o pae ás vezes trazia da repartição e que davam assumpto para todo o serão. Madame Jousseur voltara-se, e segredára uma unica palavra ao ouvido de M. Dieulafay; e ambos volveram á contemplação afflicta da sua querida doente, ao passo que o abbade Judaine, avisado por M. Vigneron, se ajoelhava, recitando em voz baixa, muito commovido, as orações dos defuntos. Não seria um santo, esse missionario que voltára dos paizes mortiferos, com a sua

molestia mortal, para acabar ali, sob o olhar sorridente da Virgem? E Madame Maze achava-se possuida do desejo de morrer, disposta a supplicar ao céu que a supprimisse assim, discretamente, se os seus rogos para lhe ser restituido o marido não fossem attendidos.

Mas o clamor do padre Massias cresceu ainda de intensidade, explodiu com terrivel vigor de desesperação, n'um dilacerante soluço.

(Continúa)

Emile Zola.

A ENTREVISTA

Um dia, no outomno, cahia desde pela manhã uma chuvinha fina e miuda como poeira; alguns raios de sol, muito raros, atravessavam as nuvens, de tempos a tempos.

O ceu cobria-se de nuvens pequenas que saltavam umas por cima das outras deixando vêr a abobada celeste, a qual apparecia limpida e tranquilla como um formoso lago azul.

O musgo macio e espesso servia-me de assento commodo, de onde eu escutava as vozes da floresta.

Por cima da minha cabeça, o arvoredo estava quasi immovel, e, no balanço, apenas perceptivel, das folhas, distinguia-se o ruido caracteristico da estação.

Não era o estremecimento das folhas rebentadas de frésco, na alegre primavera, nem a languidez, suave e desabrochada, do verão, nem os tristes adeuses do outomno; era como que o murmurio de um sonho.

O vento soprava ligeiramente, de vez em quando, inclinando umas para as outras as altas copas das arvores.

Quando o sol brilhava, o interior da floresta, um pouco velado pelos vapores da humidade, illuminava-se e parecia sorrir; os troncos elegantes das betulas adquiriam os

tons reluzentes do setim, e, no chão, as folhas cahidas davam ao olhar a illusão de uma chuva de ouro.

Alguns fetos, já acobreados pelo sol do outomno, erguiam-se, graciosos e esbeltos, emquanto outros, curvados ao peso de brilhantes gotas d'agua, se inclinavam, como plumas enormes, para o musgo, que afagavam com a estremidade do penacho.

Quando o sol desapparecia, o bosque ficava mergulhado em uma côr azulada, uniforme, e a vida que o animava extinguia-se; apenas os troncos das betulas se conservavam de um branco duro que destacava no meio do verde, como columnas de neve.

A chuva, então, começava a cahir, primeiro gota a gota, depois continuamente, fazendo ouvir um murmurio regular e monotono.

Nas betulas havia ainda muitas folhas verdes no meio de outras já pallidas, e, aqui e ali, apparecia um rebento novo de um amarello ou encarnado vivo que parecia incendiar-se quando os raios do sol o illuminavam, fazendo realçar todos os ramos da arvore.

Os passaros calavam-se; apenas o melharuco soltava o seu grito zombeteiro e alegre, que vibrava no meio d'aquello silencio profundo.

Eu atravessara nm bosque de faias, antes de chegar ali. Não gosto d'estas arvores, de troncos claros e verdura prateada que se agita constantemente, com as folhas balouçando-se em hastes excessivamente compridas.

Mas confesso que, de tarde, no verão, quando se ergue de uma espessa moita, brilhando aos raios do sol poente, como se cada uma das suas folhas fosse uma palheta de ouro, e o tronco parecendo banhado por uma luz purpurea, essa arvore é realmente formosa.

A faia tambem é bonita com o tempo claro, quando o vento lhe agita as folhas com violencia, em todas as direcções, de maneira que parecem querer voar para os campos.

Ahi está por que motivo eu não ficara no bosque de faias e preferia descançar debaixo de uma betula, cujos ramos muito baixos me garantiam da chuva.

Depois de admirar a natureza durante algum tempo, assobiei ao meu cão, e, como verdadeiro caçador, adormeci quasi em seguida. Não sei quanto tempo dormi; mas, quando acordei, a floresta estava cheia de sol, e o azul do ceu apparecia de todos os lados atravez das folhas separadas pelo vento.

Já não se viam nuvens! Era o bom tempo que voltara, e respirava-se a frescura sadia que enche de bem estar e annuncia uma bella noute.

Ia levantar-me afim de partir para a caça, quando avistei uma rapariga do campo, esperando, immovel, a pouca distancia de mim. Estava sentada, com a cabeça descahida sobre o peito e parecia muito agitada; um grande ramo de flores do campo escorregava-lhe de uma das mãos distrahidas e entreabertas, e as flores cahiam lentamente a uma e uma, sobre a saia de quadrados, todas as vezes que a rapariga suspirava com mais força.

Um duplo fio de contas de côr, muito grossas, cahia-lhe em cima da camisa branca, afogada e abotoada nos punhos, e terminando em pregas miudas em volta da cintura. Os cabellos de um bonito louro cendrado, eram seguros por uma fita escarlate que lhe fazia realçar a belleza do rosto, e a brancura da testa. A pelle era levemente queimada pelo sol, e tinha essa côr especial que indica a finura. Conservava os olhos no chão, e as longas pestanas sombreavam-lhe as faces onde se via uma lagrima que deixara em uma d'ellas um comprido traço humido. O arco das sobrancelhas era regular, mas o nariz pareceu-me um pouco grosso, apesar de não alterar o conjuncto d'aquelle rosto meigo e encantador ao mesmo tempo, e que exprimia, sobretudo a tristeza ingenua de uma creança que ainda não aprendeu a soffrer.

Via-se que esperava alguem; porque uma folha que ca-

hia, o mais leve ruido proximo, faziam-a estremecer e erguer os olhos claros e timidos como os de uma gazella.

Applicava o ouvido para o sitio de onde vinha a bulha; em seguida, vendo que se enganara, suspirava ou curvava a cabeça com desalento, brincando com as flores que tinha espalhadas no collo.

De repente, as palpebras inchadas avermelharam-se-lhe, e algumas lagrimas cahiram, como perolas, no meio das flores. Decorreu meia hora, e a rapariga esperava e escutava ainda. Sentiu-se um novo estalar de folhas, no bosque; ella estremeceu. A bulha aproximava-se e distinguia-se claramente; percebia-se que era causada por alguem que caminhava depressa.

Ella ergueu-se, confusa, temendo outra decepção, mas de repente os olhos brilharam-lhe de alegria, Vi, então, por entre os ramos, o vulto de um homem que se adeantava a passos largos.

A rapariga córou excessivamente e os labios sorriram-lhe; depois fez-se pallida, e de tal maneira, que não poude levantar-se e esperou que o homem se aproximasse d'ella; dirigiu-lhe então um olhar apaixonado e meigo, quasi suplicante.

Examinei esse homem, do esconderijo onde me conservava, e o seu aspecto não me agradou. Via-se, pela libré, que era creado de quarto de algum rico proprietario dos arredores. Trazia um vestuario singular. *Paletot* côr de bronze abotoado até ao pescoço, gravata de côres brilhantes e um *bonet* de veludo agaloado a ouro, enterrado até aos olhos.

O collarinho chegava-lhe ao meio da cara e trepava-lhe ás orelhas: os punhos, excessivamente compridos, deixavam vêr as pontas dos dedos, curtos e avermelhados, cheios de anneis ordinarios. Tinha esse ar impertinente e satisfeito que causa admiração ás mulheres e irrita os homens.

Diligenciava dar á physionomia uma expressão desdenhosa e enfastiada; piscava continuamente os olhos, que

mal se viam, tão pequeninos eram. Fazia trejeitos, fingia bocejar, passava a mão com desembaraço, pelos feios cabellos ruivos, bem penteados, e tentava, debalde, erguer em curva graciosa alguns pellos asperos que lhe despontavam no labio superior.

Conservou estas maneiras até avistar a rapariga. Então caminhou mais de vagar, e, quando chegou junto d'ella, parou, encolheu os hombros, metteu as mãos nos bolsos, e, depois de dirigir um olhar condescendente á pobre creança, sentou-se ao seu lado, com ar de resignação.

Depois, em tom distrahido, olhando para ella de revez e cruzando as pernas estendidas:

—Ha muito tempo que esperas?

A rapariga, admirada com este acolhimento, respondeu, pensando um instante:

—Ha muito, Victor Alexandritch.

—Ah!

Tirou o *bonet*, passou a mão pelos cabellos, tornou a cobril-os, e, olhando para a direita e para a esquerda, com ar importante, continuou:

—Já me tinha esquecido; e depois, chove, (bocejou), e temos tanto que fazer que não sei para que lado me hei de voltar; o patrão zanga-se, e, a proposito, ámanhã vamo-nos embra.

—Ámanhã, já? exclamou a pobre pequena fitando-o com expressão desolada.

—Já, sim, respondeu elle com desembaraço. Então! continuou, seccamente, notando a afflição da rapariga, sabes que me aborrece vêr chorar (e franziu o nariz grosso); socega, Akoulina, peço-te, quando não, retiro-me immediatamente.

—Já não choro, disse ella, enxugando com vivacidade o rosto banhado em lagrimas; e continuou, com esforço:

—Então é ámanhã que partem? E Deus sabe quando nos tornaremos a vêr!

—Descança, vêr-nos-hemos outra vez; se não fôr para

o anno, será depois, mais tarde; o patrão quer arranjar serviço em S. Petersburgo, accrescentou elle em voz de falsete, e póde ser tambem, que viajemos.

— Esquecer-me-has depressa, Victor Alexandritch.

— Não esquecerei tal: porque? Não te esqueço; mas sê rasoavel, obedece a teu pae, e não sejas tonta; eu lembrar-me-hei de ti.

E espreguiçou-se bocejando.

— Lembra-te de mim, Victor Alexandritch, repetiu ella supplicante, lembra-te que te amei tanto, que me entreguei a ti completamente e que te amo ainda. Obedecer a meu pae? como queres que obedeça...

— Pois não é muito difficil, replicou Victor Alexandritch com uma voz que parecia sahir-lhe do ventre, porque se deitara de costas e crusara as mãos por baixo da cabeça.

— Bem sabes que é, Victor Alexandritch, murmurou a rapariga com um soluço.

Alexandritch brincou com os berloques do relogio, antes de responder. Afinal, continuou:

— Mas tu és uma rapariga intelligente, Akoulina; não te percebo, estás disparatando; aconselho-te para teu bem e respondes-me como uma camponea! Faze o mesmo que tua mãe, que nem sempre foi o que é agora; mas tu não tens instrucção e, por isso, deves ouvir-me, a mim, que a tenho, quando te dou conselhos.

— Isso causa-me horror, Victor Alexandritch.

— Que loucura! não sei porque, realmente, minha querida. Mas, o que tens no collo... são flores? accrescentou, approximando-se d'ella.

— Olha, respondeu Akoulina, muito triste, são violetas, carvalhinhas, e isto é tanchagem que cura as escrofulas, e loio do campo, que se dá, em erva aos bezerros.

E, estendendo-lhe um raminho de loio do campo:

— Isto é para ti; queres estas florinhas que apanhei para te dar hoje?

Alexandritch extendeu a mão, pegou nas flores, chei-

rou-as, e esfregou-as nos dedos grossos, erguendo os olhos para o ceu com ar muito digno. Akoulina, n'esse momento, olhou para elle e os seus olhos exprimiram ternura e dedicação verdadeiramente commovedoras.

Não se atrevia a chorar com receio de desagradar áquelle homem a quem admirava pela ultima vez, emquanto elle se conservava deitado, como um Deus deixando-se amar com paciente condescendencia.

Vi-lhe na physionomia o contentamento do amor proprio satisfeito, e senti um despreso absoluto por esse homem, porque Akoulina era realmente encantadora. Falava do intimo do coração e entregava-o completamente, emquanto elle... deixava cahir o ramo de loio sobre a relva, procurava na algibeira do *paletot* um monoculo ordinario e tentava, debalde, com grande numero de caretas pol-o no olho direito.

— O que é isso? perguntou Akoulina, muito admirada.

— É um monoculo, respondeu Victor desdenhosamente.

— Para que serve?

— Para vêr melhor.

— Emprestas-m'o, para eu experimentar?

Elle mostrou-se contrariado, mas deu-lh'o, ainda assim, dizendo:

— Tem cuidado, não partas.

— Não tenhas medo, não sou tão desgeitosa como isso.

E experimentou o monoculo, dizendo, em seguida, ingenuamente:

— Não vejo nada por elle.

— Fecha um dos olhos, disse Victor bruscamente — e ella fechou o olho, no qual tentava segurar o monoculo.

— Não é esse, tola, é o outro, — e, antes que ella tornasse a experimentar, pegou outra vez no monoculo.

Ella córou, sorriu levemente, e, desviando um pouco o rosto:

— Essas cousas não são para nós.

— Decerto.

Akoulina soltou um profundo suspiro.

— Que tristeza, para mim, quando te fores embora, Victor Alexandritch!

Elle limpou o monoculo e guardou-o na algibeira.

— Sim, ao principio!

E deu-lhe palmadinhas no hombro, com ar protector. Akoulina agarrou-lhe na mão e beijou-a.

— Ao principio, ha de custar-te, minha pequena, porque és boa rapariga, accrescentou com ar satisfeito; mas o que hei de fazer? Vaes vêr que não posso dar remedio a isso.

«O patrão e eu não podemos ficar sempre aqui; approxima-se o inverno, e sabes como essa estação, no campo, é insipida e enfadonha.

«Em S. Petersburgo é outra cousa. Não pódes imaginar, nem em sonhos, as maravilhas que nos esperam lá.

«Uma sociedade escolhida, instrucção, convivencia, ruas, palacios sumptuosos.

A rapariga ouvia, palpitante, de bôcca entreaberta, como uma creança a quem lêem um conto de fadas.

— Mas, para que estou a dizer-te estas cousas? tu não me comprehendes.

— Oh! comprehendo-te, sim, Victor Alexandritch, disse ella, comprehendi tudo.

— Sim? Ah! Ah! Ora vejam!

Akoulina tornou-se séria.

— Eras muito melhor para mim, d'antes, Victor Alexandritch, disse ella, baixando os olhos; não me falavas tão asperamente.

Elle repetiu a palavra «d'antes» com um gesto de impaciencia.

Calaram-se ambos, por um instante.

De repente elle encostou-se ao braço, e disse:

— Bem, são horas de partir.

— Oh! ainda não, supplicou Akoulina, espera um bocadinho.

— Para quê? já te disse adeus.

— Demora-te mais um instante, repetiu ella.

Elle tornou a extender-se no chão e poz-se a assobiar; ella não deixava de contemplal-o; o seio agitou-se-lhe, os labios tremeram-lhe, as faces tornaram-se-lhe successivamente córadas è pallidas.

De repente, exclamou, fóra de si:

— Victor Alexandritch, como isso é mal feito! Sim, Deus bem sabe que é mal feito!»

— O que queres dizer? perguntou elle franzindo as sobrancelhas e encostando-se ao braço esquerdo.

— Oh! é muito mal feito! Não me dizes uma unica palavra de amisade antes de me deixares por tanto tempo, de entregares ao seu destino funesto uma pobre rapariga como eu!

— O que devo, então, dizer?

— Sábel-o melhor do que eu, mas não queres; não mereço que me trates d'essa maneira.

— És uma rapariga extraordinaria. O que queres, então, que te diga?

— Nem uma palavra...

— Vamos, estás doida!

E levantou-se, impaciente.

— Não te zangues, disse Akoulina, segurando-lhe nas mãos, e quasi a chorar.

— Não me zango, mas repito que não posso remediar cousa nenhuma, porque não has de querer que case comtigo, (1), parece-me! o que queres, então?

E extendeu o pescoço afim de ouvir a resposta.

— Não quero nem peço cousa alguma, mas podias deixar-me de outra maneira, dizer-me uma palavra affavel...

Balbuciou, extendeu para elle as mãos tremulas, e, exhausta de forças e de commoções, desatou a soluçar.

(1) Um dvorowi, ou creado, considera humilhante, para elle, casar com uma aldeã. É um casamento desegual.

— Bom! ahi vae ella! disse o formoso Victor, muito sereno, arranjando os cabellos.

Akoulina continuava a chorar e dizia:

— Não, não quero nada, mas o que ha de ser de mim em casa de meus paes? elles vão despresar-me e obrigar me-hão a casar com um homem de quem eu não goste. Oh! que infeliz que sou!

— Continua, anda lá, não faças ceremonia, disse o rapaz em tom zombeteiro.

— Não, disse ella, desolada, elle não me diz palavra, cousa nenhuma; se ao menos dissesse: Akoulina, eu...

A pobre creança, vencida pela commoção, cahiu de bruços na relva, e o corpo agitava-se-lhe, todo, em soluços convulsos. Entregava-se completamente ao seu desespero; Alexandritch contemplou-a durante um momento, e em seguida, encolhendo os hombros, afastou-se a passos largos.

Quando Akoulina serenou um pouco, ergueu a cabeça, e, vendo-se só, levantou-se, olhando, de longe, para Victor, que fugia. Quiz correr atraz d'elle, mas as pernas vergaram-lhe e cahiu de joelhos, com as mãos postas.

A sympathia que a pobre rapariga me inspirava foi mais forte que a minha vontade: sahi precipitadamente do esconderijo e corri a prestar-lhe auxilio.

Ella, porém, logo que me avistou, recuperou as forças, e, soltando um pequeno grito, fugiu para traz das arvores enormes, espalhando em torno as flôres que deixara no collo.

Quando a vi desapparecer, curvei-me, apanhei as flôres que ella deixara cahir e continuei o meu caminho, em direcção á planicie.

O sol ia esconder-se no horisonte, os seus raios tornavam-se pallidos.

O ceu conservava ainda um tom claro e egual que escurecia a pouco e pouco; o dia ia findar e o crepusculo não tardaria a extender o seu veu sobre tudo o que me rodeava.

O vento soprava levemente, fazendo sussurrar os alqueives seccos dos campos, e arrebatando as folhas mortas que juncavam a estrada e as orlas da floresta.

As grandes arvores gemiam brandamente ao sopro da brisa. Na extremidade dos ramos d'ervas tisnadas, nas sebes, nos mais pequenos raminhos, viam-se aquelles delicados fios brancos que esvoaçam por toda a parte, no outomno, brilhando como pyrilampos.

Invadiu-me uma grande tristeza e parei.

A natureza ainda estava humida de frescura, mas esse ultimo sorriso fazia adivinhar os proximos horrores do inverno, que já se annunciava. De repente, vi um corvo passar, muito alto, por cima da minha cabeça; voando pesadamente, olhou para mim de revez e entrou na floresta, soltando, umas poucas de vezes, o seu grasnido lugubre. Um bando de pombos, precursores do inverno, ergueu-se nos ares e foi pousar n'um campo visinho.

Ouvi rodar uma telega vasia por detraz de uma cabanasita nua e abandonada...

Afinal cheguei a casa, onde descancei, como sempre, com delicia; via ainda, defronte de mim, os grandes olhos tristes de Akoulina e a sua lembrança não se desvaneceu do meu espirito como seccou o ramo de loio que conservarei, sempre, em sua memoria.

Ivan TOURGUENEFF.

FLIP

(Conclusão)

III

—D'aqui para fóra; já! gritou elle, furioso!

O vento, porém, cortou-lhe a palavra e atirou-o de encontro a um grupo de aveleiras.

—Eu estar doente muito, respondeu a indiana, tremendo debaixo do chaile ensopado.

—Espera, que eu te faço ainda mais doente, respondeu Fairley, approximando-se d'ella.

—Eu querer falar á menina Wangee,—a menina Wangee dar-me de comer.

—Com a fortuna! rugiu o velho.

De repente, occorrendo-lhe um pensamento, accrescentou com precaução:

—Não trazes nenhum presente? Hein? O que! Não trazes coisinhas bonitas para a menina Wangee? continuou insidiosamente.

—Eu ter muitas nozes e muitas bagas no esconderijo meu, disse a mulher.

—Ah! sim! decerto! é isso, uivou Fairley. O teu esconderijo é a duas milhas d'aqui. Bem te entendo; e vaes buscal-as por meio dollar—pago adeantado, já se sabe!

—Eu levar a menina Wangee a esconderijo,—replicou a indiana, indicando o bosque,—palavra de indio.

O velho Fairley teve uma inspiração. Mas o seu plano tinha de ser elaborado com prudencia. Arrastando comsigo a mendiga, sob uma chuva torrencial, chegou ao abrigo do *corral*, sem parecer notar os olhares de cubiça que a pobre creatura dirigia á habitação, conchegando ao peito o seu *papousse*, bem ligado e embrulhado em trapos. O carvoeiro encostou-a á pallissada e communicou-lhe cautelosamente os seus projectos: la encarregal-a de vigiar, de dia e de noite, o rancho e a dona d'elle.

— Põe fóra todos os vadios, exceptuando tu, e dar-te-hei de comer e *rhum*.

Á força de repetir este offerecimento, de diversas maneiras, com insistencia e deliberação, acabou por convencer a indiana, que annuiu com um rapido movimento de cabeça e repetiu a palavra: *rhum*.

— Já! accrescentou ella.

O velho hesitou, mas a mendiga estava senhora do segredo; gemeu, e, promettendo-lhe um adeantamento de bebida, conduziu-a á cabana.

A porta estava tão bem fechada contra o choque da tempestade, que passaram alguns minutos antes que se corresse o ferrolho interior, o que deu tempo a Fairley de traduzir a sua impaciencia crescente por meio de imprecações e de juras. Quando Flip entreabriu a porta, o velho entrou com violencia, arrastando comsigo a indiana, e dirigiu um olhar rapido e desconfiado á roda do tosco compartimento que servia de quarto commum. A rapariga devia estar escrevendo: em cima da mesa de taboas mal aplainadas via-se ainda uma garrafinha de tinta, mas o papel desapparecera, collocado rapidamente em logar seguro, á chegada de um intruso.

A indiana agachou-se logo deante do lume, approximando a creança das labaredas e deixando a Fairley o trabalho de explicar-se. Flip olhava para ambos com a sua indifferença tranquilla. Uma cousa, apenas, lhe causou impressão. Na saia e no lenço encharcados da mendiga reconhecia o seu

proprio fato, abandonado, outr'ora, no bosque de Genebra e Gengibre.

— Segredos, sempre segredos! grunhiu o pae, observando Flip disfarçadamente. Mysterios que se occultam ao pobre velho. Cousas que a tua carne e o teu sangue não devem saber. Continua, anda lá! Não te incommodes por minha causa.

Flip não respondeu. Deixara até de interessar-se pela trapagem da Indiana; a sua commoção passageira parecia causada pela meditação em que estava mergulhada.

— Não podes ao menos dar uma gota de *whiskey* a esta pobre creatura! Antigamente não eras tão ronceira.

Emquanto Flip ia buscar o garrafão, a um canto do quarto, o carvoeiro empurrou a Indiana com o pé, e, com uma pantomima exaggerada, intimou-lhe que se calasse deante da filha.

Flip deitou o *whiskey* em um pequeno copo de estanho, e, approximando-se da mulher, offereceu-lh'o.

— É mais que provavel, disse Fairley, dirigindo-se á filha, mas olhando para a Indiana, que ella vá para os lados do bosque, vadiar; sendo assim, podia vigiar o novo forno de carvão, ao pé dos *Madronos*. Tu dás-lhe de comer e de beber... em paga. Vamos, Flip, não ouves? Estás idiota, com os teus segredos? Em que sonhas?

Se a pequena sonhava, devia ser um sonho encantador. Os seus olhos magneticos illuminavam-se com um clarão singular, dir-se-hia que córavam; o sangue, correndo mais apressado nas veias, arredondava-lhe mais as faces, sem lhes augmentar o colorido; nada revelava a commoção que sentia a não serem as adoraveis sardas que pareciam cobrir-lhe o rosto de lantejoulas.

— Um dos pinheiros grandes, ao lado do poço dos *Madronos*, cahiu atravessado na estrada, e impediu que a agua subisse. Se o seu forno do carvão estivesse innundado, não admirava.

O velho levantou-se, soltando um grito de angustia.

—Com todos os diabos, porque m'o não disseste ha mais tempo?

Agarrou no machado e correu para a porta.

—O pae já me tinha dado occasião para isso? disse Flip erguendo os olhos pela primeira vez.

Furioso, praguejando como um doido, Fairley precipitou-se fóra da cabana. Flip tornou a fechar a porta e correu o fecho, em um abrir e fechar d'olhos; ao mesmo tempo, a Indiana erguera-se, arrancara e atirara para longe os compridos cabellos, tirara o chale e a manta e descobrira os largos hombros de Lance Harriot. Flip conservava-se arrumada á porta; mas o rapaz levantando-se, deixára escorregar a creança para cima das brazas da lareira. Flip deu um grito e correu para ella, mas Lance agarrou-a, com um dos braços, passanflo-lh'o em torno da cintura, emquanto com o outro pegava no embrulho das faxas, dizendo alegremente:

—Não te assustes: é . .

—O que? disse Flip, diligenciando soltar-se.

—O meu casaco e as minhas calças.

Flip desatou a rir, o que animou Lance a tentar segunda vez beijal-a. Ella evitou o beijo escondendo a cabeça no colete do rapaz.

—Vem ahi o pae? disse ella.

—Então elle não foi desentulhar a estrada? observou Lance.

Flip conservou-se em silencio significativo.

—Ah! percebo, disse Lanee encantado; era uma esperteza para o obrigar a sahir.

Ella soltara-se.

—Por que vem assim? disse, apontando para a cabelleira e para a manta.

—Para vêr se me conhecias.

—Não, replicou Flip, baixando os olhos. É para os outros não o descobrirem. Anda outra vez escondido?

—Ando, respondeu Lance. Mas accrescentou alegremen-

te, é ainda por causa da mesma cousa, o mesmo negocio antigo.

—Mas, tinha-me escripto, de Monterey, dizendo que estava tudo acabado.

—E estaria, respondeu elle com ar sombrio, se não fosse um cão maldito que se lançou na justa. Qualquer dia, mais tarde ou mais cedo, hei de encontral-o cara a cara, e então...

Não disse mais nada; mas, nos seus olhos fixos e brilhantes revelou-se tal concentração de odio, que Flip quasi que teve medo. Sem querer, encostou a mão ao braço do rapaz. Elle agarrou-a e mudou de physionomia.

—Tinha tantos desejos de te vêr, Flip, já não podia esperar mais; arrisquei-me a vir. Pensei que talvez pudesse esconder-me aqui perto, e espreitar a occasião de te falar, quando o homemsinho me appareceu, de repente. Não me conheceu, cahiu na armadilha como um cordeiro innocente. E, imagina! quer alugar-me como uma especie de sentinella para te vigiar, a ti e ao rancho. Em troca, dar-me-ha o sustento!

E poz-se a contar com todos os pormenores, a sua entrevista com o carvoeiro.

—Aposto, disse, concluindo, que, visto elle ser tão desconfiado, terei de representar a comedia até ao fim: mas, que diabo! é bem desagradavel eu não poder vêr-te, aqui, ao pé do lume, com as tuas bonitas *toilettes*, em vez de ir jogar as escondidas, no matto, debaixo de chuva, coberto com esta roupa velha, que era tua, e que eu descobri no antigo esconderijo dos bosques de Genebra e Gengibre.

—Então veiu aqui para me vêr? perguntou Flip.

—Com certeza.

—Só para isso?

—Só para isso.

Flip baixou os olhos. Lance passara-lhe o outro braço á roda da cintura, mas a resistencia da pequenina mão conservava-se poderosa.

— Ouça, disse ella, afinal, sem olhar para elle e como se fallasse aos dois braços que a enlaçavam quando o pae voltar, arranjarei as cousas de maneira que elle o mande para o poço dos diamantes. Não é longe, é quente, e...

— E o que?

— E d'ahi a bocadinho, vou lá ter comsigo... Esteja quieto! Mas, porque não se apresentou a nós como é... com... com a figura de um homem branco?

— O velho, respondeu Lance, mandava-me logo para a estalagem da montanha. Com um tempo d'estes não era possivel apresentar-me como pescador á linha.

— Não podia dizer que tinha parado na encruzilhada, por causa da cheia? Como a outra...

Esta obscuridade grammatical referia-se á diligencia.

— Sim, mas tive medo que me perseguissem até aqui. E depois, Flip, accrescentou, levantando o rosto da pequena e pondo-o ao nivel do seu, não deves mentir mais por minha causa, não é bonito!...

— Bem! N'esse caso, é melhor não ir para o poço... e eu tambem não irei.

— Flip!

— Ahi vem o pae! Depressa!

Lance interpretou esta nltima palavra a seu modo. A mãosinha que ainda agora o repellia, descançava-lhe brandamente no hombro. Attrahiu o moreno e gracioso rosto da creança para junto do seu, um halito aromatico percorreu-lhe os labios, as faces, as palpebras tremulas, os olhos desvairados, beijou-a, tornou a cobrir-se, precipitadamente, com a cabelleira e com a manta, e deixou-se cahir junto da lareira com esse riso commovido que é como que o desabrochar da primeira paixão innocente. Flip foi para a janella e poz-se a contemplar os pinheiros curvados pelo vento.

— Afinal, parece-me que não é elle? disse Lance.

— Não é, respondeu Flip com a sua voz tranquilla, encostando o oval da face ruborisada ao vidro escorrendo em

agua; enganei-me. Mas, está certo... bem certo, mesmo, de que lhe dá gosto eu ir acompanhal-o ao poço?

E desviava os olhos obstinadamente; mas como a agulha magnetisada que treme, o seu busto levemente inclinado parecia seguir todos os movimentos de Lance, que se agitava defronte do lume.

— Se estou certo, Flip?

— Schiu! disse ella, adivinhando que aquella interrogação cheia de censuras, mais concludentes do que uma affirmação, ia ser apoiada por nova demonstração do apaixonado Lance. Schiu! é elle... d'esta vez não me engano.

Effectivamente, era Fairley, excessivamente sujo e excessivamente feroz. Encontrara uma arvore derrubada, no *run* (1), mas a agua, comprimida, longe de innundar o poço do carvoeiro, ia sahir por outra parte. A intelligencia mais limitada poderia ter discorrido isso a não ser que estivesse transviada por uma correspondencia continua com extranhos, e falseada pelo habito inveterado de desprezar o bom senso do auctor dos seus dias. Um egoismo tão revoltante não podia deixar de causar rheumatismos a esse pobre pae, resultado que exigia a applicação immediata de opodeldoc.

Depois de desabafar com este pequeno discurso, o sr. Fairley, com simplicidade primitiva, tratou de expôr nuas duas pernas de colorido variado, e, sem mais preambulos, esperou pelos serviços da filha. Esta, sem dar a conhecer que reparava nos olhares furibundos e nos gestos de Lance, embrulhado na manta, começou a dar fricções ás pernas do pae, com a inconsciencia e a destreza machinal devidas a muito tempo de pratica. Aproveitou a occasião para expôr a sua ideia.

---

(1) Dá-se este nome aos sulcos abertos pelas chuvas torrenciaes nos flancos das montanhas, sulcos que, ora estão seccos, ora formam regatos.

—O pae, esta noite, não póde estar de guarda ao seu lume, e fazia bem se mandasse para lá a Indiana em seu logar. Eu vou ensinar-lhe o que ella ha de fazer.

Com desapontamento de Flip, o velho emittiu logo outra opinião.

—E se eu quizesse empregal-a em outra cousa? Não admirava que eu tambem tivesse segredos. Hein? disse elle com profunda malicia, acotovelando Lance disfarçadamente, o que duplicava a exasperação do rapaz. Não! continuou elle, esta mulher vae descançar aqui, por emquanto. Quero dar-lhe outra cousa a guardar. Quando chegar a occasião, quem sabe?...

Flip fez um gesto de amuo silencioso e significativo. Lance contemplava-a attentamente, dominado por um simples olhar rapido dos seus olhos magneticos. A chuva batia nos vidros, e, de minuto em minuto, cahia, crepitando, em cima das brazas da larga chaminé. O sr. Daniel Fairley, sob a influencia generosa das libações, recuperou o bom humor e tornou-se loquaz.

—Com um tempo como está hoje, disse elle, installando-se confortavelmente deante do lume, parece-me que podias entreter-te vestindo a fatiota e a trapagem que aquelle bonifrate do Sacramento te envia; já é tempo de que a tua carne e o teu sangue te contemplem. Afinal, se exijo muito, se não podes fazer isso ao teu velho pae, fal-o ao menos por caridade christã, para distrahires esta pobre.

O velho occultava no intimo da alma um sentimento de vaidade paternal, não confessada, que o obrigava a fazer realçar tanto quanto estava ao seu alcance, mesmo na presença de uma miseravel mendiga, a importancia e o valor do thesouro que ia confiar á sua guarda. Flip dirigiu um rapido olhar de interrogação a Lance, que lhe respondeu com um gesto affirmativo. Ella correu para o compartimento contiguo, onde se fechou. Não se demorou com as minuciosidades da *toilette*, porque appareceu quasi em se-

guida com o seu fato novo, abotoando ainda o corpo do vestido. A extravagancia da situação augmentava-lhe o acanhamento timido; brincava, como uma creança, com as bagas pretas e douradas de um bonito collar, ultimo presente de Lance. O sapato que ella se esquecera de atacar deu occasião á Indiana de mostrar o seu zelo e a sua sollicitude; correu a reparar esse esquecimento, e teve a ousadia de apertar o pésinho e o fino tornozello e de pousar ahi os labios á sombra tutelar da chaminé. Perante essa audacia inesperada, Flip soltou uma gargalhada nervosa, mal suffocada, que deu logo causa a uma grande reprehensão de Fairley.

— Se foi para rir e para te agitares como um garoto indiano que vestiste esses trapos, quanto mais depressa os fores despir, melhor, disse elle com azedume.

Comtudo, sob esta censura desdenhosa adivinhava-se sempre a mesma vaidade pueril. Saboreava a admiração evidente da pobre creatura, por muito desprezivel e infima que a achasse; gosava-a tanto mais completamente quanto menos ciume ella lhe causava. A Indiana não podia levar-lhe Flip. Com a ajuda do *whiskey*, proferiu imprecações contra todos os que tentassem roubar-lh'a. Aproveitando a ausencia da filha, que tinha ido ao seu quarto para mudar de *toilette*, encetou a meia voz, o capitulo das confidencias.

— Viste aquelle bello fato? Talvez imagines que são presentes? Flip finge que pensa isso. Talvez até o acredite. Mas, qual historia! Presentes? Isto são amostras de vestidos e de joias que um peralvilho do Sacramento, um sujeito que se dá ares de ser alguem, nos manda, de vez em quando, para arranjar freguezia. Hei de pagar-lhe. Não te digo senão isto... Elle já o espera... E eu tambem... é só o que te digo... Não lhe dou dinheiro, está claro. Mas que não tenha pretenções de fazer presentes. Elle fala em vir por ahi, um dia d'estes, para maravilhar Flip com as suas maneiras de peralvilho... Sempre queria vêr isso... Não conta com o velho... É só o que te digo.

Arrastado pela sua eloquencia e pelos seus aggravos imaginarios, Fairley não reparava nos olhos de Lance que brilhavam debaixo dos compridos cabellos glaucos da cabelleira; não via senão aquelle disfarce de mulher que o illudia. Continuou:

— Ahi está porque eu quero que não a deixes. Não a largues nunca, até chegar o meu rapaz — esse valentão está para vir fazer-me uma visita e afianço-te que elle dá cabo do tal fedelho do Sacramento como de um mosquito. Mas é preciso que eu lhe fale primeiro que Flip. Ouves?... Diabos me levem se esta maldita Indiana não está bebeda.

Felizmente, Flip voltou n'essa occasião, e, adivinhando o furor de Lance, deixou-se cahir de joelhos, defronte do lume, entre o pae e elle. Introduziu a sua mão na do mancebo, e apertou-lh'a em signal de advertencia. Este contacto ligeiro fel-o voltar a si, mas já, por uma rapida intuição, a extrema violencia do seu caracter se revelara a Flip. Com o instincto da ternura que desperta, teve o sentimento de uma nova responsabilidade e a presciencia de um perigo desconhecido. A timida florescencia do amor, apenas lhe despontava no coração e já era murcha por um sopro gelado. Assaltada por terrores vagos, hesitava. Cada momento da estada de Lance, prolongando-se, era um conjuncto de perigos; uma unica exclamação dos seus labios contrahidos podia deital-o a perder; uma sahida sem motivo attrahia as desconfianças do pae; mas, além dos perigos previstos, parecia-lhe que lá fora um horror mysterioso esperava Lance. Ouvia o assalto impetuoso do furacão contra os sycomoros, e perguntava a si mesma se viria d'ahi; ouvia a metralha da chuva em cima do telhado e dos vidros e o rugido tumultuoso das torrentes da montanha, e pensava que talvez fosse d'ahi. De repente saltou para a janella e encostou os olhos aos vidros. Entre a sombria agitação dos ramos, revolvidos pela tempestade, distinguira a scintillação de quatro archotes descendo irregular-

mente o barranco, e então não duvidou mais; o horror vinha *d'ali*. Readquiriu immediatamente a força e a serenidade.

— Pae, disse ella, com a voz tranquilla do costume, vejo archotes no caminho que vae ter ao seu poço dos diamantes. Alguns gatunos, com certeza. Vou lá, com a Indiana, vêr o que é.

Antes que o velho pudesse erguer-se nas pernas vacillantes, Flip arrastara Lance para fóra de casa. O furacão arremessou-se a elles, empurrou com violencia a porta da cabana, apagando a larga tira de luz que, durante um segundo, illuminara as trevas, e impelliu-os para a frente. Chegando junto de uma enorme arvore, onde se abrigou, Lance entreabriu a manta, envolveu a donzella nas suas pregas, enlaçou-a com os braços e sentiu-a, por um instante, refugiar-se, tremendo, contra o peito d'elle.

— Então! o que tens? disse elle alegremente.

Flip serenou.

— Está em segurança, comtanto que não esteja em nossa casa. Lá é que ha perigo. Mas, diga-me uma cousa, espera-os esta noite?

Lance encolheu os hombros.

— Porque não? disse elle.

— Schiu! murmurou a rapariga. Veem para este lado.

As quatro luzes tremulas haviam-se collocado em fileira. Era evidente que o atalho fôra descoberto, porque ellas aproximavam-se. A respiração de Flip tornou-se offegante. O aroma balsamico que exhalava, impregnava a fazenda grosseira da manta, e Lance apertou-a com mais força de encontro ao coração. Esquecera a tempestade desencadeada em torno d'elles e o inimigo mysterioso que avançava, quando Flip lhe puxou pela manga, e disse, rindo levemente:

— Ah! mas é Bijich Browu e Kennedy.

— Quem vem isso a ser, Bijich Brown e Kennedy? perguntou Lance seccamente.

—Kennedy, é o director do correio, e Brown, é o cortador.

—Quem perseguem elles?

—É a mim, disse Flip córando.

—A ti?

—Sim. Fujamos!

Guiando e, ao mesmo tempo, arrastando o seu amigo, Flip, com o seu instincto florestal, entranhou-se no barranco onde o som das vozes e até o rugido da tempestade parecia extinguir-se completamente. Um cheiro acre a lenha verde em combustão suffocou Lance e fez-lhe arder os olhos e os beiços. No centro da grande escuridão que se extendia a seus pés, abriu-se, pouco a pouco, o nimbo de um grande olho chammejante, cujo clarão parecia augmentar e extinguir-se, palpitar e desvanecer-se ao sopro irregular do vento.

—É o poço, murmurou Flip. Quaudo passar para o outro lado, estará salvo, continuou ella, caminhando, com precaução, ao longo da grande orbita de fogo e dirigindo-se para uma cavidade occulta, atapetada com cascas e aparas de madeira. O logar era quente e perfumado. Comtudo, Flip e o seu companheiro acharam que era necessario embrulharem-se na manta. O olho de chammas observava-os com as suas claridades vacillantes, e, de vez em quando, uma toalha de luz viva subia até ao logar onde elles estavam; n'essas occasiões chegavam-se um para o outro, com fingido terror.

—Flip!

—O que é?

—O que querem os outros dois homens? Tambem te procuram?

—Talvez! disse Flip, sem o minimo signal de coquettismo. Agora estão sempre a vir estrangeiros, hoje um, amanhã outro.

—Desejas, talvez, ir ter com elles?

—Quer que eu vá?

Lance respondeu-lhe com um beijo. Comtudo, estava inquieto.

— Talvez seja melhor eu tratar de fugir, disse elle. Não é verdade?

— Não, disse Flip. Elles julgam que é uma Indiana. É a mim que procuram.

Esta observação desastrada perturbou Lance. Apoderara-se d'elle uma irritação singular; sentia vergonha e remorsos, pela primeira vez.

— Decididamente, vou vêr em que isto pára, disse elle, de repente, erguendo-se.

Flip calou-se. Reflectia. Convencida de que os quatro homens só a ella procuravam, previa que elles não fariam maior caso do seu companheiro logo que não o vissem ao seu lado, e, além d'isso, temia vêl-os reunidos na sua presença no estado de exasperação em que se achava Lance.

— Vá, disse ella. Diga ao pae que ha novidade no forno dos diamantes e que eu estou aqui de guarda ao fogo.

— E depois?

— Depois, eu vou para lá esperal-o. Se elle não puder livrar-se d'aquelles sujeitos e os trouxer comsigo, fujo e venho para aqui onde o senhor estará á minha espera. Em todo o caso, arranjarei tudo de maneira que o pae ande por lá um bocado.

Pegou na mão de Lance e conduziu-o á estrada por um caminho differente. Lance ficou surprehendido quando se viu a cem passos da cabana, cuja janella, illuminada pelo clarão do lume, brilhava na escuridão.

— Entre pelo lado de traz, junto do alpendre, disse Flip em voz baixa. Não vá ao quarto, não se mostre á claridade, se fôr possivel. Não fale deante d'elles, chame o pae ou faça-lhe signal para sahir. Lembre-se, continuou, rindo, de que está encarregado de vigiar-me. Vamos! puxe o cabello para os olhos. Assim...

E arranjou-lhe a cabelleira, não deixando, segundo o costume das mulheres quando aperfeiçoam a *toilette* de um

homem, de pontuar a operação com um beijo; depois entranhou-se na escuridão e desappareceu.

O primeiro movimento de Lance estava em opposição com o seu sexo supposto.

Levantando a saia, tirou uma faca da bota e puxou por um revolver que trazia no seio, fazendo-lhe rodar o tambor afim de certificar-se de que todas as capsulas estavam no seu logar; em seguida dirigiu-se cautelosamente para a cabana e chegou ao alpendre.

A escuridão era profunda, excepto no logar em que um fio de luz passava atravez de uma fenda da porta, mal unida.

Uma voz, que pareceu familiar a Lance, erguendo-se do interior com accento brutal de triumpho, chegou-lhe aos ouvidos.

Essa voz proferiu um nome, o seu. Furioso, collocara já a mão no fecho da porta; quando outro nome proferido repentinamente lhe paralysou os movimentos e obrigou o sangue a fugir-lhe do rosto. Recuou, vacillante, passou umas poucas de vezes a mão pela testa, com rapidez, aproximou-se com um gesto de raiva e de desespero, e, cahindo de joelhos á entrada da cabana, encostou as fontes abrazadas á fenda da porta.

—Se conheço Lance Harriot? dizia a voz, — se conheço esse maldito bandido? Não o persegui, ha um anno, no bosque, a tres milhas da encruzilhada? Não me escapou, encaixando-se n'este *Rancho*, e evadindo-se, em seguida, para Monterey? Não foi esse patife que matou Bob d'Arkansas... Bob Ridley... como lhe chamavam em Sonora? E sabe você quem era esse Bob Ridley? Hein? Quem era? Ah! maldito velho demente... era Bob Fairley! *O seu filho!*

O velho murmurou algumas palavras lamurientas e inintelligiveis.

—O que está você a remorder? interrompeu o primeiro interlocutor. Pois se eu lhe digo que tenho a *certeza!* Veja

estes retratos que achei no cadaver de Bob. Conhece-os? Um é seu, o outro é da sua filha. Diga lá tambem que não é verdade? E continuará a dizer que minto se lhe affirmar que elle mesmo me declarou que era seu filho, que fugira de casa, e que você vivia na montanha, fabricando ouro ou cousa assim parecida, com o seu carvão? Disse-me isto em segredo. Estou certo de que nunca o disse a mais ninguem. Fui eu que descobri que o homem que o matou, Lance Harriot, estava escondido n'estes arredores, que tinha espiões em toda a parte afim de saber tudo o que dizia respeito ao seu filho, que se ria de você, e que andava tratando de perder-lhe a filha, depois de lhe ter morto o filho.

— Miseravel!

A porta voou em pedaços. Um rosto que nada tinha de humano na sua raiva infernal, meio occulto por cabellos soltos, como uma mascara de Medusa, appareceu á entrada da cabana. Um grito de horror atroou a casa. Tres dos homens arremessaram-se para a estrada e fugiram. O que acabara de falar deitou a mão á espingarda encostada ao angulo da chaminé, mas antes que pudesse segural-a, um clarão brilhou como um relampago, ouviu-se uma detonação, e o corpo do homem, lançado para a frente, foi cahir em cima da chaminé, onde uma labareda crepitou sob um jacto de sangue. Já não se moveu d'ahi. Lance Harriot, com o revolver fumegante na mão, correu para a porta. Ao longe, no atalho, ouviam-se algumas vozes, apressadas e cada vez mais debeis, e o estalar dos ramos, afastados bruscamente. Lance parou, voltou para a cabana e dirigiu-se para o unico ser vivo que ahi restava — o velho Fairley.

Ao vêl-o dir-se-hia que tambem estava morto. Immovel e rigido, tinha os olhos fixos no cadaver extendido junto da chaminé; em cima da mesa, defronte d'elle, estavam duas photographias grosseiras: uma do carvoeiro, tirada, a julgar pela clareza prodigiosa da tez, em uma época muito remo-

ta; a outra de uma creança que Lance conheceu logo: era Flip.

— Responda-me! disse o rapaz com voz suffocada, encostando-se á mesa: Bob Ridley era seu filho?

— Meu filho? repetiu o velho com um tom de voz rouco e singular, mas sem desviar a vista de cima do cadaver. Está ali... ali... ali... E apontava para o homem assassinado. Schiu! elle não lhe disse? Não o ouviu? Morto... morto... assassinado...

— Oh! cale-se! Está doido? interrompeu Lance fóra de si. Este não é Bob Ridley — é um miseravel, um cão, um cobarde, que já deu contas do que fez. Ouça-me! Se Bob Ridley era seu filho, juro peranto Deus que eu não o sabia... nem hoje, nem n'esse tempo!... Ouve? Diga-me... Acredita? Fale!... Ha de falar!...

E a sua mão cahiu, quasi ameaçadora, sobre o hombro do velho. Fairley ergueu a cabeça vagarosamente. Lance recuou espavorido. Os labios do desgraçado esboçavam um sorriso pallido e tremulo, os olhos, apagados e tristes, e sem o olhar cauteloso d'aquelle espirito inquieto e melancolico, diziam claramente que a fraca intelligencia que o illuminava se abysmara, para sempre, na escuridão.

Lance encaminhou-se para a porta e esteve alguns instantes immovel, com o olhar perdido no vacuo. Quando se voltou, o seu rosto era tão livido como o do cadaver extendido no chão. As chammas da colera tinham-se-lhe extinguido no olhar, o andar era lento e incerto. Aproximou-se da mesa.

— Ouça! tornou, com um sorriso indizivel, e na voz como que a presciencia do eterno cansaço da morte, dá-me isto... não é verdade?

E pegou na imagem de Flip.

Fairley fez um signal affirmativo.

— Obrigado! disse Lance.

Voltou para a porta, reflectiu e tornou para traz.

— Adeus! disse elle, extendendo a mão ao velho. Este pegou n'ella com o mesmo sorriso infantil.

— Está morto, balbuciou brandamente, conservando os dedos de Lance nos seus, mas indicando a lareira.

— Sim! respondeu Lance com o rosto livido e contrahido. Tem pena dos que morrem, não é verdade?

Fairley fez um gesto affirmativo. Lance contemplou-o por um momento com olhos tão desvairados como os d'elle, apertou-lhe ainda uma vez a mão e deixou-o. Antes de chegar á porta, collocou o revolver, vagarosamente, quasi com ostentação, em cima de uma cadeira, mas, no momento em que ia a transpôr o limiar da cabana, parou, na larga teia de luz que vinha da lareira, afim de examinar os fechos de uma pequena pistola que tirou do bolso. Depois, fechando a porta sem ruido, com o mesmo passo hesitante, devagar, gravemente, caminhou ás apalpadellas, no meio da escuridão.

Tinha uma unica ideia: achar, em qualquer parte, um canto solitario, um d'estes logares isolados onde os homens não vão nunca e onde encontraria o anniquillamento, o repouso, o esquecimento, e, derradeira esperança, um logar onde o esquecessem tambem a elle.

Tinha visto alguns d'esses abrigos sombrios — não faltavam, — onde jaziam dispersas as ossadas de mortos desconhecidos, desapparecidos da terra sem deixarem outros vestigios. Ah! se elle, ao menos, pudesse reunir as ideias, á força de procurar, acabaria por descobrir um retiro tão bem occulto, que nem os dois pésinhos que corriam por toda a parte seriam capazes de dar com elle, porque *ella* nunca mais o veria, nem vivo nem morto... assim devia ser... E, emquanto pensava todas estas cousas, uma voz, junto d'elle, murmurou:

— Lance! como te demoraste!

.....

.....

Entregue a si mesmo, Fairley abysmou-se na triste con-

templação do cadaver. De repente, uma rajada de vento formidavel arremessou-se, como uma tromba, sobre a cabana, atirou-se á chaminé e á porta mal fechada, espalhou no chão as cinzas e as brazas accesas e encheu a casa de labaredas e de fumo.

O carvoeiro ergueu-se, gemendo debilmente: impellido por uma preoccupação obstinada, que triumphou do seu desvairamento, procurou, ás apalpadellas, debaixo da cama, o sapatinho de camurça que continha o seu crystal precioso, e, conseguindo achal-o, fugiu precipitadamente. Agitado por aquelle novo choque, recahira sob o imperio da sua ideia fixa: a descuberta e a fabricação do diamante, — o resto já não existia. A impressão deixada pelos acontecimentos da noute n'aquelle espirito vacillante, apagou-se pouco a pouco. Lance disfarçado, seu filho morto, o assassinio praticado á sua vista, todas estas imagens tragicas recahiam no esquecimento. Uma unica ideia subsistia, ideia que o dominava e impellia a ir, como de costume, vigiar o seu fogo. O instincto, ainda mais do que a vontade, guiava-lhe os passos vacillantes para a escuridão e para os regatos trasbordando; evitava as arvores derrubadas e dirigia-se, vencendo todos os obstaculos, para aquelle fim conhecido. O clarão que lhe servia de pharol tremeu, com uma oscillação repentina; pareceu-lhe ouvir um ruido de vozes, andou mais depressa, reconheceu vestigios de desordem recente e pégadas na serradura. Com um rugido de colera e de desconfiança, Fairley desceu ao poço e introduziu-se na abertura mais proxima; louco de raiva, pareceu-lhe que haviam tocado na fornalha, viu o segredo descoberto, o seu thesouro roubado. Não podendo já dominar-se, com as forças centuplicadas pelo desespero, começou a revolver o lume, a atirar para todos os lados as achas de lenha meio consumidas; então os vapores suffocantes do carvão, deixando de ser comprimidos, sahiram pela bocca do forno em espessa fumarada. De vez em quando a força do vento repellia-os e collava-os

ás paredes do poço, desembaraçando a abertura, e o desgraçado velho, conservando um resto de instincto, deitava-se de bruços no chão, para sentir nas faces e na bocca a frescura da serradura molhada. Em seguida, o paroxismo abrandou, mesmo por causa da sua violencia, e Fairley, entregando-se aos seus antigos habitos de vigilancia apathica, esperou que amanhecesse, em attitude paciente e silenciosa.

A manhã rompeu em uma aberta da tempestade, com farrapos azues no ceu entreaberto; veiu com estrellas que, depois de brilharem um momento na escuridão, empallideceram e afogaram-se nas profundidades de lagos azulados, lagos cujas margens se iam alargando cada vez mais, para abrangerem mares mais vastos, desapparecendo, afinal, em um oceano immenso, sem margens e sem limites. Clarões côr de purpura e de opala fluctuaram, a espaços, na abobada azul. A manhã ergueu ligeiramente o veu humido que se rasgava em todos os cumes das montanhas, em todos os cimos dos pinheiros, e dissipou-o; enviava reflexos de esmeralda ás ervasitas, clarões diamantinos a todos os ramos; despertava rumores confusos no bosque e deixava ouvir ruido de vozes nos atalhos e nas estradas.

Essas vozes approximaram-se da borda do poço. Interrogavam o carvoeiro. Este levantou a cabeça, e fez um signal collocando um dedo na bocca. Tres ou quatro homens desceram, o velho ordenou-lhes que o seguissem, proferindo palavras entrecortadas, com voz tremula, mas que indicavam uma intenção persistente.

— O meu rapaz... o meu filho Roberto... Voltou... sim... voltou... afinal!... Ali... com Flip... Ambos... Venham vêr!...

Chegando a uma abertura cavada na parede do rochedo, levantou brandamente as pregas de uma manta grosseira e descobriu, deitados ao lado um do outro, Flip e Lance, com as mãos geladas estreitamente unidas.

— Suffocados! murmuram dois ou tres homens, voltando-se com terror para a abertura do poço.

— Dormem!... balbuciou o velho. Dormem... vi-os assim muitas vezes... quando eram pequeninos... Sim, é escusado virem dizer-me que eu não conheço a minha carne e o meu sangue... Durmam, durmam, meus amores!...

E, curvando-se, pousou os labios nas duas frontes immobilisadas no seu ultimo somno; depois cobriu-os com a manta, com precauções infinitas, e, erguendo-se lentamente, murmurou, em voz muito baixa, com um accento inexprimivel:

— Boa noute!

Bret-HARTE.

A HESPANHA

VIII

CADIX

No percurso de Sevilha até Cadix passei as horas mais deliciosas de toda a minha viagem.

Pouco tempo depois do navio se ter posto em andamento, começou a soprar uma d'essas brisas ligeiras que brincam com os nossos cabellos e o laço da nossa gravata como a mão de uma creança; e da pôpa á prôa elevou-se um murmurio alegre de vozes de mulheres e de creanças, como acontece n'uma *troupe* d'amigos ao estalar da primeira chicotada que annuncia a partida para um passeio ao campo. Todos os passageiros se reuniram na coberta, á sombra de um toldo serapintado como um pavilhão chinez, e uns sentaram-se sobre os cabos, outros estenderam-se no chão, outros encostaram-se, por aqui e por ali, voltados para o lado da Torre do Ouro, para gosarem o espectaculo encantador e afamado de Sevilha affastando-se e desapparecendo. Algumas mulheres tinham ainda o rosto banhado nas lagrimas dos adeus, algumas creanças estavam ainda um pouco assustadas com o barulho da machina, algumas senhoras ainda não tinham acabado de se queixar dos moços de fretes que lhes tinham damnificado

as malas; mas dentro de poucos minutos todos socegaram; começaram a descascar laranjas, a accender charutos, a fazer circular frascos de licores, a conversar com desconhecidos, a cantarolar, a rir. Um quarto d'hora depois eramos todos amigos. O navio vogava, tão docemente como uma gondola, sobre as aguas serenas e limpidas, que reflectiam como n'um espelho as saias brancas das senhoras; e o ar trazia-nos das margeus, povoadas de *villas*, um delicioso aroma de flores de laranjeira. Sevilha tinha-se escondido por traz da sua cinta de jardins e nós não viamos mais que um massiço immenso d'arvores verdes e por cima a massa negra da cathedral e a Giralda côr de rosa, encimada pela sua estatua scintillante como uma lingua de fogo. Á medida que nos afastavamos a cathedral parecia maior e mais magestosa, como se tivesse seguido o navio ganhando terreno; ora se nos afigurava que, ao mesmo tempo que nos perseguia, se afastava da margem, ora que se tinha posto a cavallo sobre o rio; n'um certo momento dir-se-hia que voltava de repente para o seu logar e um instante depois parecia-nos estar tão proxima que se poderia acreditar que o navio tinha voltado para traz. O Guadalquivir corre ali em curvas muito accentuadas, de maneira que conforme o barco ia n'uma ou n'outra, Sevilha apparecia ou desapparecia. Ora se mostrava inesperadamente d'um lado, como se se tivesse estendido para fóra do seu recinto; ora se lançava repentinamente por cima do arvoredo, branquejante como um telhado coberto de neve; ora deixava vér aqui e além por entre a verdura algumas faxas brancas, e depois occultava-se novamente, parecendo estar a brincar como uma mulher *coquette* e caprichosa. Por fim desappareceu, não tornámos a vêr d'ella senão a cathedral. Então occupámo-nos sómente de examinar as margens. Poderia julgar-se que viajavamos no lago de um parque. Aqui uma collina revestida de cyprestes, além uma eminencia toda coberta de flores, mais além uma aldeia recostada no sopé de um outeiro; e nos cara-

manchões dos jardins e nos terraços das *villas*, senhoras mirando-nos com binoculos; aqui e além, camponezes com vestuarios de côres vivas, barcos á véla, creanças nuas atirando-se á agua, nadando, dando cabriolas, gritando e agitando as mãos para as senhoras do navio, que cobriam o rosto com os leques. A algumas milhas de Sevilha encontrámos tres barcos a vapor, a pouca distancia uns dos outros. O primeiro chegou ao pé de nós inesperadamente, n'uma volta do rio, de tal modo que, não tendo experiencia d'aquella navegação, receei um momento que já não houvesse tempo de se evitar a abordagem. Os outros dois passaram quasi rés-vés e os passageiros cumprimentaram-se e atiraram uns aos outros charutos e laranjas, encarregaram-se reciprocamente de cumprimentos para Cadix e Sevilha.

Os meus companheiros de viagem eram quasi todos andaluzes; de maneira que depois de uma hora de conversação eu conhecia-os do primeiro ao ultimo tão perfeitamente como se elles fossem todos meus amigos d'infancia. Cada um dizia logo a quem queria ou não queria ouvil-o, quem era, que idade tinha, o que fazia, onde ia; alguns contavam até quantas amantes tinham tido e quantas *pesetas* levavam na algibeira. A mim tomaram-me por cantor, e não se deve admirar d'isso quem pensar que em Hespanha o povo julga que tres quartas partes dos italianos vivem a cantar, a dançar ou a declamar. Um sujeito, vendo-me na mão um livro italiano, perguntou-me á queima-roupa:

— Onde deixou a sua troupe?

— Qual troupe? repliquei eu.

— Então o senhor não cantava com a Fricci no theatro da Zarzuela?

— Tenho muita pena, mas nunca puz os pés n'um theatro.

— Oh! então é necessario confessar que o senhor e o segundo tenor são extraordinariamente parecidos.

— Pois sim, confessemol-o!
— Queira desculpar.
— Não ha de quê.
— Mas o senhor é italiano?
— Italiano, sou.
— E canta?
— Não canto e tenho pena.
— É curioso! A julgar pela estructura do seu pescoço e do seu peito, eu iria jurar que o sr. tem uma soberba voz de tenor.

Eu apalpei o peito e o pescoço e respondi:

— Não sei, é possivel; hei de tentar. Tenho duas das condições exigidas: sou italiano e tenho pescoço e peito de tenor, — a voz ha de vir.

N'esse momento a *prima donna* da *troupe*, que tinha ouvido o nosso dialogo, entrou na conversa e atraz d'ella toda a *troupe*.

— O senhor é italiano?
— Para a servir, minha senhora.
— Eu pergunto-lhe isto por que desejo saber uma coisa. O que querem dizer estes versos do *Trovador:*

Non puó nemmen un Dio,
Donna, rapirti a me!

— Diga-me primeiro uma coisa, minha senhora: É casada?

Desataram todos a rir.

— Sou, respondeu a *prima donna;* mas porque me pergunta isso?

— Porque... o proprio Deus não poderia roubar-m'a significa o que seu marido, se elle tem olhos para vêr, deve dizer da senhora todas as manhãs quando se levanta e todas as noites quando se deita: *Ni Dios mismo podria arrancarmela.*

Os outros riram-se; mas a *prima donna* achou tão extrava-

gante a supposta arrogancia de seu marido de se julgar seguro mesmo contra Deus, quando ella sabia talvez que elle nem sempre soubera defender-se dos mortaes, que apenas dignou sorrir-se ao meu cumprimento para mostrar que tinha entendido. Perguntou-me immediatamente a explicação de outro verso e depois foi a vez do barytono, em seguida ao barytono a do tenor, depois do tenor a do soprano ligeiro, e assim successivamente, de tal modo que durante muito tempo eu não fiz outra cousa senão traduzir maus versos italianos em detestavel prosa hespanhola, com grande satisfação d'aquella boa gente, que pela primeira vez podia dizer que comprehendia um pouco o que tantas vezes tinha cantado com ar de quem comprehendia muito. Depois de todos saberem o que queriam, a conversação desanimou; eu fiquei a conversar um pouco com o barytono, que me cantarolava um trecho de zarzuela, depois liguei-me a um corista, que me contou que o tenor namorava a *prima donna;* depois tomei de parte o tenor, que me descobriu os segredos da mulher do barytono; depois conversei com a *prima donna*, que poz toda a *troupe* pelas ruas da amargura. Mas todos elles eram muito amigos e quando se encontravam, passeando para um lado ou para o outro, os homens faziam cocegas uns aos outros, as mulheres enviavam beijos reciprocamente, uns e outros trocavam olhares e sorrisos reveladores de intelligencias secretas. Um vocalisava a um lado, outro cantarolava a um canto, um terceiro fazia um trinado, um quarto ensaiava o *dó* de peito, que acabava por um estertor; e ao mesmo tempo falavam todos de mil ninharias. Finalmente tocou a sineta e arremessámos-nos para a mesa com a impetuosidade de convidados para um grande jantar dado na inauguração de um monumento. Ao jantar, entre gritos e cantos de toda a especie, bebi pela primeira vez um copo do formidavel vinho de Xerez, tão decantado nas cinco partes da terra. Mal o tinha engulido pareceu-me sentir uma faisca percorrer-me todas as veias e inflammar-se-me a ca-

beça como se m'a tivessem enchido de enxofre. Todos os outros beberam e foram atacados de uma alegria desenfreada e de uma vontade de falar irresistivel; a *prima donna* poz-se a discorrer em italiano, o tenor em francez, o barytono em portuguez, os outros em dialecto, ou em todas as linguas; e ao mesmo tempo *toasts*, canções, olhadellas, apertos de mão por cima da mesa, pizadellas de pés por baixo, declarações de sympathia, que se cruzavam em todos os sentidos, como os ápartes no parlamento quando a direita e a esquerda se jogam as ultimas. Depois do jantar subimos todos para o convés, vermelhos, esbaforidos, risonhos, envolvidos n'uma nuvem de fumo dos *cigarritos*; e lá, á claridade da lua, que prateava o largo rio e cobria de uma luz limpida as arvores e as collinas, as conversações continuaram mais ruidosas, e depois das conversações os cantos, já não simples arias de zarzuela, mas operas inteiras, duos, trios, córos, com acompanhamento de gestos theatraes, entremeados de declamação de versos, de historias, de anecdotas, de gargalhadas freneticas, de applausos estrondosos. Por fim, exhaustos, sem folego, calaram-se todos; uns adormeceram, de rosto para o ar, os outros foram enovelar-se pelos cantos da camara, a *prima donna* sentou-se n'um canto e poz-se a mirar a lua. Como o tenor resonava, eu aproveitei a occasião para pedir á graciosa andalusa que me cantasse a meia voz uma aria da zarzuela: *El sargento Federico*. Ella não se fez rogar e cantou; mas de repente calou-se e baixou a cabeça. Eu olhei para ella: estava a chorar. Perguntei-lhe o que tinha; respondeu-me melancolicamente: «Penso em um perjurio». Depois deu uma gargalhada e começou de novo a cantar. Tinha uma voz harmoniosa e delicada e cantava com um sentimento de terna tristeza; o céo estava todo estrellado e o navio deslisava tão suavemente sobre o rio que mal parecia mover-se; e eu pensava nos jardins de Sevilha, na Africa, que ficava tão perto, n'uma pessoa querida que me esperava na Italia; e quando a can-

tora se calava eu, então, dizia-lhe: «Cante, cante mais ainda!»

Lingua mortal non dice
Quel ch'io sentiva in seno...

Ao romper da manhã o navio estava quasi a entrar no oceano; o rio era immenso, a margem direita mal se via, ao longe, como uma lingua de terra para além da qual brilhavam as ondas do mar. Alguns instantes depois o sol appareceu no horisonte e o barco sahiu do rio. Então desenrolou-se-me deante dos olhos um tão bello espectaculo que se a pintura, a poesia e a musica pudessem confundir-se n'uma só arte, eu creio que Dante com as suas mais grandiosas imagens, Ticiano com as suas cores mais brilhantes e Rossini com as suas mais poderosas harmonias não teriam conseguido todos tres exprimir-lhe a magnificencia e o encanto. O céo estava de uma maravilhosa côr de saphyra, sem a mancha de uma nuvem, e o mar tão bello que parecia um immenso tapete de velludo de seda; brilhava ao de cima das doces ondulações produzidas pela brisa ligeira, como se estivesse coberto de pedras preciosas; formava espelhos e bandas luminosas, mostrava ao longe faiscas de luz prateada e aqui e além deixava ver altas e brancas velas, semelhantes a azas de gigantescos anjos cahidos sobrenadando ao de cima da agua. Nunca vi uma tal vivacidade de colorido, uma tal pompa de luz, uma tal frescura, uma tal transparencia, uma tal limpidez d'aguas e de céo. Dir-se-hia uma d'essas auroras da creação, que a fantasia dos poetas nos pinta tão puras e tão brilhantes que as nossas, comparadas com ellas, não são mais que um pallido reflexo; era alguma cousa mais que o acordar da natureza e da vida: era como que uma festa, um triumpho, um regozijo das cousas creadas, um novo sopro de Deus que se espalhava no infinito.

Eu desci ao meu camarote para ir buscar o meu binoculo; quando cheguei a cima vi Cadix.

A primeira impressão que recebi foi de duvida sobre se

aquillo era uma cidade ou não; depois ri-me; depois voltei-me para os meus companheiros de viagem com ar de quem pede que lhe assegurem que não está enganado. Cadix tem a apparencia de uma ilha de cal. É uma grande mancha branca no meio do mar, sem uma tinta mais sombria, sem um ponto negro, sem uma sombra; uma mancha branca nitida e pura como uma collina coberta de neve immaculada que se destaca sobre um céo côr de turqueza no meio de uma vasta planicie innundada. Liga-a ao continente uma comprida e estreita faxa de terra e dos outros lados é banhada pelo mar, como um barco prompto a fazer-se á vela, preso á praia só por uma cadeia. Pouco a pouco comecei a distinguir os contornos dos campanarios, os perfis das casas, as entradas das ruas; e tudo isso parecia cada vez mais branco á medida que nos iamos approximando e por mais que eu olhasse pelo binoculo não era capaz de descobrir a mais pequena mancha, nem sobre os edificios, nem á roda do porto, nem nos bairros mais afastados. Chegámos ao porto, onde apenas havia um pequeno numero de navios, a grande distancia uns dos outros; desci para um escaler, sem mesmo levar a mala, pois que devia partir novamente essa mesma noite para Malaga; e o meu desejo de vêr a cidade era tão vivo que quando o escaler atracou, eu saltei muito depressa e cahi no chão como um corpo morto; mas que, infelizmente, sentia todas as dôres de um corpo vivo.

Cadix é a cidade mais branca do mundo; e escusam de me objectar que eu não vi todas as cidades, porque eu tenho por mim esta boa razão que não póde haver cidade mais branca que uma que é completamente e superlativamente branca. Cordova e Sevilha não teem nada que dizer: são brancas como o papel: mas Cadix é branca como o leite. O melhor meio de dar ideia d'ella seria escrever mil vezes a seguir a palavra «branca» com um lapis branco em papel azul e pôr á margem: «Impressões de Cadix.» Cadix é um dos mais graciosos e dos mais extravagantes

caprichos humanos. Não são brancas só as paredes das casas: as escadas são brancas, os atrios são brancos, as paredes das lojas são brancas, os murositos, os pilares, os angulos mais afastados e mais sombrios das casas mais pobres, as ruas mais retiradas, tudo é branco; dos tectos aos subterraneos, em toda a parte onde póde penetrar a ponta de um pincel, até nos buracos, até nas fendas, até nos ninhos de passaros, a cal reina com uma prodigalidade inexgotavel. Em todas as casas ha uma provisão de cal, e logo que o olho prescrutador dos inquilinos descobre uma pequena mancha, pegam á pressa no pincel e cobrem-a immediatamente. Os creados para serem admittidos n'uma casa é preciso que saibam fazer argamassa. Um risco de carvão n'uma parede é um escandalo, um attentado contra a paz publica, um acto de vandalismo. Póde a gente vaguear em toda a cidade, olhar atraz de todas as portas, metter o nariz em todos os esconderijos, que não encontra senão branco, sempre branco, eternamente branco.

Com tudo isso, Cadix nem de longe lembra as outras cidades andaluzas. As ruas são compridas e direitas, as casas são altas e não teem os *patios*, de Cordova e Sevilha. Mas o aspecto da cidade não é por isso menos agradavel aos olhos dos estrangeiros. As ruas são direitas mas estreitas, e como são tambem muito compridas e muitas d'ellas atravessam toda a cidade, vê-se na extremidade, como por uma fresta, uma estreita tira de céo, que produz o mesmo effeito que faria se a cidade estivesse edificada no cimo de uma montanha talhada a pique por todos os lados. Além d'isso as casas teem um grande numero de janellas e cada janella é munida, como em Burgos, de um corpo envidraçado, saliente, que se apoia sobre o da janella inferior e sustenta o da janella superior; de tal modo que em muitas ruas as casas são completamente cobertas de vidro, que mal se vê um fragmento de parede e que o transeunte julga ir passando pelo corredor de um immenso museu. Aqui e além, entre duas casas, elevam-se as

frondes elegantes de uma palmeira; em todas as praças ha massiços de verdura luxuriante, em todas as janellas plantas e flores.

Realmente eu estava bem longe de a julgar tão alegre e tão risonha, essa terrivel e desgraçada Cadix, queimada pelos inglezes no seculo dezesete, bombardeada no fim do seculo dezoito, devastada pela peste, depois hospedeira das esquadras de Trafalgar, séde da junta revolucionaria durante a guerra da independencia, theatro de carnificinas horrorosas durante a revolução de 1820, alvo das bombam francezas em 1823, e porta-estandarte da revolução que expulsou os Bourbons do throno: sempre inquieta e turbulenta e a primeira entre todas a lançar o grito de guerra. De tantos acontecimentos, de tantas luctas só restam balas de peça engastadas nas suas paredes, porque todos os outros vestigios de destruição foram apagados pelo inexoravel pincel que cobre todas as manchas com um véo branco. E se não restam vestigios das ultimas guerras, menos ha ainda dos phenicios, que a fundaram, e dos carthaginezes e dos romanos, que a engrandeceram e embellezaram, a não ser que se queira considerar vestigio a tradicção que diz: Aqui elevava-se um tumulo a Hercules, além um templo a Saturno. Mas o tempo fez peior ainda do que arrebatar a Cadix os seus monumentos antigos: tirou-lhe o commercio e as riquezas, desde que a Hespanha perdeu as suas possessões da America; e agora Cadix jaz inerte no seu escolho solitario; esperando em vão os mil navios que vinham outr'ora, empavezados e brilhantes, trazer-lhe os tributos do novo mundo.

Eu tinha uma carta de recommendação para o nosso consul, fui entregar-lh'a e elle conduziu-me cortezmente ao alto de uma torre d'onde eu podia abraçar toda a cidade de um olhar. Senti uma admiração nova e mais viva. Cadix vista de cima é branca, inteiramente branca, como quando vista do mar; em toda a cidade não ha um telhado. Cada casa é coberta de um terraço cercado de um

parapeito caiado; em quasi todos os terraços se eleva uma pequena torre, branca tambem, encimada por outro pequeno terraço ou por uma pequena cupula, ou por uma guarita: e tudo isso é branco. E todos esses zimborios minusculos, essas pontas, essas ameias, que dão á cidade contornos tão variados e tão extravagantes se destacam e parecem mais brancos ainda sobre o azul vivo do mar. O olhar percorre todo o isthmo que une Cadix ao continente, abraça um longo espaço da costa longinqua, sobre a qual apparecem as povoações de Puerto Real, de Puerto de Santa Maria, aldeias, egrejas e *villas*, e vagueia pelo porto, pelo oceano e pelo bello ceu azul, que lucta com o mar em brilho e limpidez.

Eu não podia cançar-me de examinar aquella cidade singular. Fechando-se um pouco os olhos parecia estar coberta de um immenso lençol. Todas as casas parece terem sido construidas para servirem de observatorios astronomicos. Toda a população, se o mar inundasse a cidade como nos tempos antigos, poderia refugiar-se nos terraços e ficar lá á vontade, sem soffrer mais que o medo. Disseram-me que poucos annos antes, por occasião de um eclipse qualquer, tinham visto lá esse espectaculo em pleno dia. Os setenta mil habitantes de Cadiz subiram todos para os terraços, para observarem o phenomeno. A cidade de branca fez-se de mil côres: todos os terraços estavám cobertos de cabeças; via-se de uma vista d'olhos, bairro por bairro, a população inteira, um murmurio confuso se elevava para o ceu, semelhante ao bramido do mar, e um movimento immenso de braços, de leques e de oculos dirigidos para cima podia fazer acreditar que se esperava a descida de algum anjo vindo do sol. No momento fixo fez-se um profundo silencio; mal cessou o phenomeno, toda a população deu um brado que pareceu um trovão; e poucos instantes depois a cidade reappareceu toda branca.

Depois de ter descido da torre visitei a cathedral, vasto edificio de marmore do seculo dezeseis, que não é de certo

para se comparar ás cathedraes de Burgos e de Toledo, mas que é todavia de uma architectura nobre e atrevida, e, como todas as egrejas hespanholas, possuidora de toda a especie de thesouros. Fui vêr o convento em que Murillo, ao pintar um quadro por cima do altar-mór, cahiu do andaime, fazendo a ferida que lhe causou a morte. Demorei-me um pouco no Museu de pintura, que contem alguns bellos quadros de Zurbaran. Entrei na praça de touros, que é toda de madeira e foi edificada em poucos dias para se dar n'ella um espectaculo á rainha Isabel. E á tarde fui dar uma volta a um delicioso passeio á borda do mar e ahi mostraram-me, as mais elegantes formosuras da cidade. Seja qual fôr a opinião dos hespanhoes, o typo feminino de Cadix não me pareceu menos bello que o tão afamado de Sevilha. As gaditanas são um pouco maiores, mais gordas e mais morenas. Alguns conhecedores julgam poder affirmar, não sei porquê, que ellas se approximam muito do typo grego; eu não vi n'ellas, com excepção da cintura, senão o typo andaluz; e isso bastou para me fazer exhalar suspiros que poderiam ter feito andar um barco e para me forçar a voltar o mais cedo possivel para o meu navio, como para um logar de refugio e de paz.

Quando tornei a pôr os pés a bordo, era noite, as estrellas scintillavam no ceu, e o ar trazia-nos ás lufadas a musica que se tocava no passeio de Cadix.

Os cantores dormiam; eu estava só; a vista das luzes da cidade, aquella musica e a lembrança das bonitas caras que eu acabava de vêr, tudo me entristecia; não sabia o que havia de fazer de mim. Desci para o camarote, peguei no meu album e comecei a descripção de Cadix. Mas só consegui escrever umas dez vezes as palavras branco, azul, neve, esplendor, côres; depois do que esbocei uma figura de mulher e depois fechei os olhos e sonhei com a Italia.

(Continua).

Edmundo de AMICIS.

Contos ingenuos

AS IMPRUDENCIAS DE JOCELYNE

OU

AS TRES DECEPÇÕES

Jocelyne vae visitar a sua madrinha, que é a Fada do outro lado do caminho. N'aquelle tempo eram tantas as fadas, que a cada passo se deparava com um d'estes entes sobrenaturaes; bastava quasi sempre atravessar a estrada.

A FADA

Bons dias, minha afilhada, bons dias, minha linda. O que te traz por cá tão cedo? o que desejas tu?

JOCELYNE

Saberá, madrinha, que tive esta noite um sonho.

A FADA

Ora! já se vê que quem dorme tem sonhos, e principalmente as raparigas. Vamos lá a saber o que foi o teu.

JOCELYNE

Sonhei que ia em viagem debaixo d'um sol ardente, e que tinha muita sede.

A FADA

Que quem viaja ao sol tenha muita sede, nada ha n'isso que deva surprehender.

JOCELYNE

Mas por ali perto não havia nenhuma nascente. Oh! madrinha, dê-me um condão para mitigar a sede quando tiver de trepar a encosta pelas horas do calor.

A FADA

Quando tiveres de trepar a encosta pelas horas do calor, has de encontrar, na ponta d'um ramo d'arvore, uma cereja tão grande e tão fresca que bastará para te tirar a sede.

JOCELYNE

Que bondade a sua, madrinha! Mas ainda lhe não contei todo o meu sonho.

A FADA

Então, dize lá, minha afilhada, dize, minha linda.

JOCELYNE

Eu ia para uma festa onde havia dança e tinha grande desejo d'um lenço côr de rosa, bordado a ouro, para atar á cabeça.

A FADA

Que uma rapariga que vae para a dança tenha desejo d'um lenço côr de rosa, bordado a ouro, parece-me isso muito natural.

JOCELYNE

Mas sou tão pobre, para comprar d'esses atavios! Oh!

madrinha, dê-me um condão para eu me poder enfeitar, como as donzellas d'estes sitios.

A Fada

Se acontecer que tenhas vontade de te enfeitar como as donzellas d'estes sitios, has de achar n'uma cova o toucado que a rainha lá deixou cahir, o outro dia, quando ahi veio caçar ás garças e ás gallinholas.

Jocelyne

Que bondade a sua, madrinha! Agora, deixe-me contar-lhe o fim do meu sonho.

A Fada

Então dize lá, minha afilhada, dize, minha linda.

Jocelyne

Á força de vêr debicarem-se os pombos do pombal e de vêr os pintarroxos e os tentilhões espannejarem-se, batendo as azas, sentia um grande desejo de que um rapaz me beijasse nos labios e me apertasse nos braços com quanta força lhe aprouvesse.

A Fada

Que sinta um tal desejo aquella que, aos quinze annos, se diverte a observar as ternas caricias das aves, nada tem isso de singular.

Jocelyne

Mas é que só ali estava, ao pé de mim, um pobre pedinte que nem para avô me servia. Oh! madrinha, dê-me

um condão para o caso que o arrulho dos pombos me disperte a vontade de ser beijada.

A Fada

Se os arrulhos dos pombos te despertarem a vontade de ser beijada, has de vêr, recostado n'um leito de giestas em flôr, um rapaz tão guapo que ficarás perdida de gozo.

Jocelyne

Que bondade a sua, madrinha! Agora, que já lhe contei todo o meu sonho, só tenho que agradecer-lhe.

A Fada

Vae, minha linda! Mas como a idade e o coração te fazem estouvada, acautela-te com certas pessoas, que tambem são fadas, e que podem querer astuciosamente roubar-te os condões que te dei.

Jocelyne

Ai! Hei de ter o cuidado de me não deixar lograr. Quando quero, sou mais esperta do que pareço.

A Fada

Então adeus, minha afilhada.

Jocelyne

Adeus, madrinha.

Jocelyne parte, pouco depois, para uma longa viagem. Para onde se dirige? Para onde o sonho lhe indicára. Ora, ao subir a encosta, pela hora do calor, Jocelyne sente muita sêde, mas não se afflige, embora, nas immediações, se não faça ouvir o doce murmurio de nenhu-

ma fonte. Mercê do condão da fada, vê no extremo d'um galho, uma cereja tão formosa, que a não havia mais formosa em nenhum pomar do mundo. Ergue-se nas pontas dos pés, levanta o braço e vae para colher o fructo, quando um passarinho se põe a cantar n'um ramo proximo d'aquelle d'onde pendia a cereja.

O Passarinho

Cui! Cui! Cui! Cui!

Jocelyne

O que é? o que é?

O Passarinho

Cui! cui! cui! Menina!

Jocelyne

O que é, passarinho?

O Passarinho

Não cáia em comer essa cereja.

Jocelyne

Então porque a não hei de comer?

O Passarinho

É que não está madura.

Jocelyne

Está tão vermelhinha que por força ha de ser doce.

O PASSARINHO

Ora, isso é o que parece; mas na realidade é tão acida como uma amora verde, e se a comesse ficava com travo na bôcca.

JOCELYNE

Que devo fazer, n'esse caso?

O PASSARINHO

Deixal-a amadurecer. Não levava destino? Pois siga o seu caminho e volte d'aqui por uma ou duas horas. Encontrará a cereja madura e poderá apagar deliciosamente a sua sede.

JOCELYNE

Pois, sim! mas se alguem lhe deita a mão, emquanto eu aqui não estiver.

O PASSARINHO

Vá descançada que, por amor da menina, eu fico de vigia. Não consentirei que ninguem lhe toque e á volta ha de achal-a intacta.

JOCELYNE

Então até logo, passarinho!

O PASSARINHO

Até logo, minha menina.

Jocelyne, muito satisfeita por ter encontrado um passaro tão obsequiador, segue o seu caminho, conforme o sonho que tivera; e eis que lhe chegam aos ouvidos os sons de flautas e rabecas de uma dança. Esses sons veem de junto d'uma aldeia, cujos tectos de colmo parecem

dourados pelos raios do sol. Está claro que não ha de ir bailar em cabello como uma pobretona. Mas não se afflige porque conta, e com razão, com o condão que lhe dera a madrinha. E com effeito, no mesmo instante depara, n'uma cova, com um toucado cor de rosa bordado a ouro. Abaixa-se, apanha-o e ri de contentamento ao pensar que se vae enfeitar com elle. Mas passa por ali uma velhinha, d'essas que se costumam ver a fiar á porta das choupanas.

A VELHA

Ai! ai! ai! ai!

JOCELYNE

O que é? o que é?

A VELHA

Cuidado, pequena.

JOCELYNE

Com que, tiasinha?

A VELHA

Não toque n'esse enfeite.

JOCELYNE

Então porque não hei de tocar?

A VELHA

Porque ha de estar todo molhado da chuva e roto dos espinhos dos mattos.

JOCELYNE

Esteja como estiver contento-me com elle, e ainda ficarei mais bem ataviada do que as donzellas d'estes sitios.

A VELHA

Nada! Linda como é não posso consentir que cubra a sua cabecinha com um enfeite n'este estado.

JOCELYNE

N'esse caso que devo fazer?

A VELHA

Como a minha profissão é deitar remendos, esperé que lh'o cosa e lh'o ageite. Volte d'aqui por uma ou duas horas e encontra-o como novo. A dança não acaba tão cedo!

JOCELYNE

Então até logo, tiasinha!

A VELHA

Até logo, minha menina!

Jocelyne prosegue na sua jornada, commovida por tantas attenções que lhe prodigalisam, e cheia de gratidão para com o passaro que lhe ficou guardando a cereja e para com a velhinha que lhe ficou concertando o toucado. Mas eis que vae chegando a hora que precede o crepusculo, a hora em que a luz é aurea e rosea, em que a natureza inteira succumbe de calôr e de doce fadiga. Os ramos das arvores roçam suavemente uns pelos outros, á maneira de braços enlaçados; e de todos os lados murmurios, suspiros, perfumes, expiram deliciosamente. Jocelyne sente-se tão perturbada que lhe parece que vae desfallecer. Por felicidade a sua madrinha não se descuida de lhe proporcionar o ultimo condão promettido. Jocelyne depara, sobre um leito de giestas em flor, com um mancebo, formoso como um anjo que estivesse vestido com traje de côrte. O mancebo dorme, com a bôcca entreaberta, com as palpebras semi-cerradas; os labios semelham um botão de rosa, prestes a desabrochar; os olhos são como boninas azues veladas por petalas de rosas brancas! E Jocelyne... Mas em frente da joven apparece uma extranha creatura, vestida d'andrajos d'ouro e ornada de joias falsas, como usam as bohemias, e com os seios nus. Dir-se-hia uma mendiga que fosse simultaneamente princeza.

A BOHEMIA

Oh! Oh! Oh! Oh!

JOCELYNE

A que veem esses gritos?

A BOHEMIA

Cuidado, pequena...

JOCELYNE

Com quê, senhora?

A BOHEMIA

Não beije esse rapaz?

JOCELYNE

E porque não hei de beijal-o?

A BOHEMIA

Pois não vê que é tão novo? Terá quatorze annos quando muito e as delicias que um ao outro pudessem dar, trocando as suas caricias, seriam bem fugazes.

JOCELYNE

Pois mocinho como é, agrada-me assim mesmo e, embora as aves prolonguem por largo tempo os seus gorgeios amorosos, não estou resolvida a privar-me d'um supremo goso, por breve que seja.

A BOHEMIA

Nada! Vejo-a tão perdidamente enamorada que lhe quero evitar a decepção que de tão juvenil amante não deixaria de provir-lhe. Não deixou no caminho, no extremo d'um galho, uma cereja que lhe devia mitigar a sêde?

JOCELYNE

Deixei. Ficou um passarinho a guardal-a. A estas horas já deve estar madura.

A BOHEMIA

Não deixou no caminho, junto d'uma cova, um toucado côr de rosa bordado a ouro?

JOCELYNE

Deixei. Ficou uma velhinha a concertal-o e já deve estar prompto.

A BOHEMIA

Pois vá comer a cereja e pôr o toucado. Em quanto faz isso tem este mocinho tempo de se transformar n'um rapagão e á volta ficarão os seus desejos plenamente satisfeitos.

JOCELYNE

Mas se outra mulher m'o roubasse, durante a minha ausencia?

A BOHEMIA

Cá estou eu para o proteger. A affeição que a menina me inspira fará com que lhe conserve intacto aquelle que lhe ha de pertencer.

JOCELYNE

Então até logo, senhora!

A BOHEMIA

Até logo, minha menina!

Jocelyne não corre, voa. Toma por um atalho e não tarda a chegar á arvore onde ficára a amadurecer a cereja. Mas a cereja desappareceu e a pobre rapariga, levantando os olhos, depara com o passaro que a escarnece (cui! cui! cui!), tendo o bico ainda tingido do fructo que comeu. Ai! que traidor! Ai! que patife! Mas como Jocelyne nada lucra em lamentar-se, volta para traz, sempre a correr. Chega á cova onde estava o toucado da rainha; mas o toucado tinha desapparecido, e, ao longe, entre as flautas e as rabecas, junto da aldeia de tectos dourados pelo crepusculo, avista a velha remendona, dançando e rindo, ornada do toucado côr de rosa bordado a ouro. Ai! que pérfida! Ai! que hypocrita! Mas de que lhe serviriam lamentações e censuras? Ao menos em quanto ella foi em busca da cereja e do toucado, o rapazito deve ter crescido bastante para lhe poder dar todo o prazer appetecido; e mais valem os beijos nos labios dados por um robusto amante, do que ser saciada por um fructo fresco ou vêr-se adornada d'um toucado d'ouro. Dirige-se a toda a pressa para o leito de giestas em flor. A dizer a verdade o joven fidalgo não desappareceu, mas repousa nos braços da mendiga, que parece princeza; e se esta ha bocado tinha os seios nus, agora o resto não o está menos. Então Jocelyne, corrida de vergonha e de pesar, volta a casa da madrinha, que é a fada do outro lado do caminho, e mal póde falar, a tal ponto as lagrimas e os soluços lhe embargam a voz.

JOCELYNE

Hi! Hi! Hi! Hi!

A FADA

O que disse eu, minha afilhada? O que te tinha eu dito, minha linda? Socega que ámanhã te darei outros condões. Mas sirva-te este dia de lição. Nunca tornes a confiar cerejas aos passaros, atavios ás velhas gaiteiras, nem o teu amante, por muito mocinho que seja, ás mulheres que não põem muito escrupulo em despir-se.

Catullo MENDÉS.

AS MINHAS QUATRO MORTES

Amava-a... como se ama... quando se ama.
Da paixão exaltada que lhe dei,
Em seus olhos accesa foi a chamma.
Eterno amor, de rastos, lhe jurei.

Era feliz (oh! quem dizer pudera
Sempre *sou*, nunca *era!)*
Amei-a. Tambem ella. Pobre louco,
Fui-lhe muito fiel. Ella... mui pouco!

Em prantos apaguei a viva fragua
Que ardia dentro em mim;
E senti dissolver-se-me a existencia,
Como um torrão d'assucar dentro d'agua.
Perdido o Amor... perdida a consciencia.
E, então, morri.

Resuscitei depois, e enfastiado,
Tive de vêr que o *eu* d'aquelle dia,

Não era o mesmo *eu* que fôra d'antes.
Era impropria a extranheza, do meu lado.
De exemplos meus e alheios, bem sabia
Ser vulgar esse caso entre os amantes.

Do amor desenganado, o meu anhelo
Foi, na Amizade, achar consolação.
E para um peito amigo então appello,
Crendo n'elle encontrar um bom irmão.

Por elle, com ventura verdadeira
E fé sincera, a vida reparti;
Não digo bem; a vida dei-lh'a inteira
E, lealmente, irmão e amigo o cri.

Porém, um dia, — inutil é contal-o! —
Na balança do interesse o avaliei:
Bem pequeno era o peso a equilibral-o...
Nem fez mover o prato em que o lancei!

Ao soffrer desengano tão horrivel,
Que eu já devêra presentir talvez,
A pena que senti foi indizivel...
E morri outra vez.

Mas renasço, de novo, para a vida,
E persigo, fiado na victoria,
A fugaz tentação, chamada Gloria,
Que para si me chama e me convida.

Por ella batalhei com furia brava,
Um dia e outro dia;
E quando já na mente a desposava,
Vi aquella a quem virgem reputava
Entregar-se vilmente á Ousadia.

Senti varar-me o peito um dardo agudo;
No fundo d'alma a dôr estremecer;
A fé perdi e a crença em tudo, em tudo...
E tornei a morrer.

Novamente levanto os véus da morte,
Para encarar a vida face a face,
E d'esta vez, agora, quiz a sorte
Que á Sciencia, com fé, me consagrasse.

Mas quando acima vôa a intelligencia,
Medindo a immensidade do que vê,
Encontra, em vez dos fachos da Sciencia,
A Duvida encoberta n'um *porquê*.

A Duvida, esse monstro multiforme
De garra adunca e de empestado alento,
Que em minh'alma esmagou com peso enorme
O mais puro e divino sentimento;

D'entre todos, aquelle que o destino
Conseguira até hi com mãos clementes,
Manter longe do halito assassino,
E salvar das tres mortes precedentes.
E quarta vez morri!

Profundamente morto qnal me vejo,
Enterrado em mim mesmo, me senti.

Mas, quem sabe se ainda algum desejo
De novas ditas, de goso illimitado,
Em mim despertará qualquer lampejo

De fogo sob as cinzas sepultado?
Quem sabe se uma esperança indefinida
Me levanta outra vez resuscitado?

O que vê a minh'alma confrangida,
É que se morre muita vez na vida!

J. M. BARTRINA.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

TERCEIRA PARTE

(Continuação)

III

—Tome sentido, murmurou Daumier ao ouvido de Julia; olhe que se fica ao pé d'ella, o ataque póde repetir-se.

Interdicta, Julia afastou-se para a sala grande e, sem saber o que fazia, entrou n'ella. A escuridão fez-lhe bem. Queria que estivesse mais escuro ainda, para esconder bem a sua vergonha, o seu desespero. «Sou eu! sou eu a causa de tudo...» E na sua imaginação tornava a vêl-os todos tres; a doente hostil, Esquier consternado, o medico usando da sua auctoridade para excluil-a... Sentia que toda a gente a condemnava e que devia ser assim: era ella a causa de todo o mal. Via-se impotente para combater por uma revolta todas aquellas forças conjuradas contra o seu amor; mas sentia, ao mesmo tempo, que o seu amor não cederia, mesmo ao remorso, mesmo á morte. Então, para onde ia ella? Para que catastrophe, para que chaos de vidas despedaçadas? Não ousava pensar n'isso; invocava timidamente o Senhor dos destinos, dizendo: «Meu Deus, Meu Deus! accudi-me! salvae-me!»

De repente, acordou. Daumier e Esquier estavam junto d'ella, e a luz electrica innundava toda a sala.

Reuniu as suas forças, as suas ideias; constrangeu-se a perguntar:

— Então, como está ella?

— Melhor, disse Esquier. Agora levaram-a para o quarto e já a deitaram.

— Mas, não é nada grave?

E o seu olhar, fixo em Daumier, supplicava-lhe que effectivamente respondesse não ser nada grave, que não passava de um accidente em que o tormento de pensar e as angustias do coração não tinham parte.

Daumier replicou:

— Nada é desesperado quando felizmente os orgãos estão todos illesos, e a doente ainda não tem vinte annos. Mas, ao mesmo tempo, não póde haver nada mais grave do que a consumpção da vida por dentro, sob a influencia do uma cerebração. Clara está doente, gravemente doente, porque o seu estado de fraqueza dispõe-a seja para que doença fôr. Com certeza que se não vê relação, *a priori*, entre uma inquietação sentimental e a terrivel hemorragia que tanto custou a detêr; todavia, uma provocou a outra...

Esquier fitou Julia, a qual afastou os olhos.

— Emfim, d'esta vez, continuou o medico, trata-se apenas de um deliquio. Mas era bem preciso que isto se não repetisse.

E, depois d'um curto silencio, accrescentou:

— Bem; deixo-os. Tenho ainda que vêr um doente antes de jantar. Adeus. Não se inquiete, accrescentou, apertando a mão d'Esquier. Sinceramente, não ha perigo immediato.

Beijou a mão de Julia e sahiu. Esquier sentou-se deante da mesa, onde estavam muitos livros; folheou um distrahidamente. Julia observava-o. A sua grande estatura um pouco curva, vergava como debaixo de um peso excessivo. Cavavam-se-lhe as rugas da face; tinha branqueado mais o pardo indeciso dos seus cabellos: todo elle indicava pros-

tração e envelhecimento. «Que culpada que eu sou, pensou M.me Surgère, para com este excellente homem, que sempre me amparou com tanta ternura nas crises da minha vida! O meu agradecimento foi fazer-lhe tanto mal! E juntamente com elle, faço soffrer o ente a quem elle mais estremece...» Por sua vontade, deitava-se-lhe aos pés, gritando: «Perdão! perdão!»

Tornou-se-lhe insupportavel o silencio d'aquella grande sala, excessivamente illuminada. Sentiu necessidade de ouvir as palavras d'Esquier, embora fossem censuras. A sua voz murmurou:

— João!

Esquier abandonou o livro, que estava folheando.

— O que é? disse elle.

Ella tomou-lhe uma das mãos, e, apertando-a affectuosamente, procurou exprimir todo o pesar, todo o remorso, que lhe trasbordava do coração.

— Meu pobre amigo!

Attrahia-o para o seu lado; já não queria deixal-o afastar-se antes de ser perdoada.

— Sim, disse elle a meia voz, estou bastante inquieto.

Julia procurou consolações; ao seu pensamento apresentaram-se-lhe as phrases vulgares: «Clara não está gravemente doente; d'aqui a pouco está restabelecida...»

Mas não ousou pronuncial-as em frente d'aquella grande dôr. De novo pesou sobre elles o silencio; Julia presentiu que d'esta vez estavam no termo das reticencias, que era preciso explicarem-se emfim, e que ella mesma ia travar o seu mais rude combate para defender o seu amor.

Violentou a sua coragem:

— Oh! João, eu bem sei o que pensa; bem vejo que me não quer bem, e está a ponto de me detestar... Porquê? Sim, porquê? Julga que é minha a culpa de Clara estar doente!... Mas veja bem, eu não fiz nada contra Clara! Eu não lhe tirei ninguem a quem ella amasse! Repare que ha tres annos, ha mais de tres annos que Mauri-

cio... (Não encontrou palavras para acabar a sua phrase). Já tudo existia havia muito tempo quando Clara sahiu do convento, quando ella veiu morar para aqui...

Esquier interrompeu-a:

—Peço-lhe, disse elle, que tenha dó da minha pobre Clara...

Houve um embate entre os olhares d'um e d'outro; Esquier sentiu que o olhar de Julia, por assim dizer, se couraçava deante do seu. Tentou penetrar, apesar de tudo, n'aquella alma fechada.

—Tenha dó de nós ambos... Vê como ella soffre, pobre creança... Ella não diz nada, não accusa ninguem, mas está em perigo de morrer, bem sabe!...

—Não diga isso! exclamou Julia, escondendo o rosto, não é verdade! Isto não passa de uma crise... Não ha de morrer. Ha de esquecer tudo.

—Morre, que lh'o digo eu. Não ouviu Daumier, ainda ha bocado?... Eu estava ali desde o principio, quando, tomado de improviso, não se lembrou de disfarçar a sua expressão, nem as suas palavras. Comprehendi tudo. Caminha para o fim, a minha pobre filha. Não precisa mais do que outro golpe como o que recebeu hoje... e...

Tudo quanto havia de egoismo humano n'aquella alma purificada revoltou-se subitamente com o pensamento da sua desventura:

—O que ha de ser de mim, se Clara desapparecer? Não me resta na vida cousa nenhuma, absolutamente nada!

Julia calava-se. Soffria horrivelmente. Julgava estar soffrendo um d'esses pesadellos em que a gente se esforça debalde por se mover, amarrada pela lethargia. Havia qualquer cousa d'ella que queria precipitar-se adeante das supplicas d'Esquier; mas sentia bem que não teria essa decisão, que não diria essa palavra, porque, de longe, Mauricio continuava a tel-a sob o seu jugo...

Esquier levantou para ella olhos desanimados.

—Então, não quer? perguntou elle.

Ella respondeu:

—Não posso.

E como elle abanava a cabeça com ar de duvida, Julia repetiu:

—Não posso... Asseguro-lhe, João... Ah! se eu pudesse fugir, morrer, não ser mais nada, nem mesmo um pensamento para Mauricio! Mas viver ao pé d'elle, ao pé de Clara, e vêl-os casados!... Não, juro-lhe, ninguem me deve pedir semelhante cousa! Parece-me uma cousa extravagante, criminosa... Não posso, como não poderia... (procurou uma comparação) ... matar um homem, se me mandassem, mesmo por uma causa justa... Porque abana a cabeça? observou ella, estimulada pelo desejo de justificar um sentimento que, no fim de tudo, sentia ser nobre, e que não consentia em vêr reprovado. Perante Deus, juro-lhe que não sei onde está o meu dever!

Esquier replicou:

—Isso, minha amiga, dá-se com todos os sacrificios. Parece-nos sempre que nos devemos áquillo que amamos. Temos horror de atraiçoal-o... como temos horror de tirar a nós mesmos a vida. Comtudo, bem vê que o sacrificio e o dever andam sempre ligados. Nunca prevalecerão contra semelhante facto os raciocinios todos do nosso egoismo.

Julia tinha-se erguido e amarrotava, com a mão direita, um bordado da poltrona.

—Não, exclamou ella, isso não é verdade, sinto que não é verdade o que me está dizendo! Amar alguem que nos ama, é uma especie de casamento, que se não tem direito de quebrar por esse modo... Pensa que as razões que julga boas para me separar de Mauricio, não são as mesmas que eu lhe poderia apresentar para me defender? Só eu é que tenho o dever de me sacrificar?

—Ah! não sabia que o amava tanto! disse Esquier tristemente.

Julia respondeu, em voz quasi sumida:

— Sim... adoro-o. Está em mim, vê, como se fosse o meu sangue mesmo...: e se m'o tirarem, morro.

— Se lh'o tirarem, sim. Mas não se renunciar a elle por sua deliberação, minha amiga.

— Renunciar-lhe? Ah! muito mal comprehende o meu amigo as cousas do coração. Não as conhece mesmo... Se soubesse o que é amar com desespero, como eu amo Mauricio! Mas não sabe! não sabe!... Teve uma vida absolutamente simples... oh! uma vida admiravel, mas sem accidentes... Sim, bem sei, um luto logo no começo... Mas Esquier não amava sua mulher como eu amo Mauricio... Nunca soube o que é ter o pensamento d'outro tão intimamente ligado comsigo, e dizer a si mesmo que lh'o vão arrancar, e que se ha de viver depois d'isso!... Não sabe o que isto é!

Esquier encarou-a bem de frente.

— Sim, disse elle, sei o que isso é.

Julia, admirada, approximou-se:

— Que quer dizer com isso.

— Digo que, na minha vida, amei alguem, e não é de minha mulher que falo, com todas as loucuras do coração e dos sentidos. Nunca ninguem o soube... ninguem, ninguem. E comtudo vivi. Ahi está.

«Elle que o diz, é porque é verdade, pensou Julia. Mas quem será essa mulher? Ha perto de vinte annos que o conheço...

Julia perguntou:

— Eu conheci essa mulher?

— Não falemos d'ella, respondeu Esquier. Juro-lhe que a minha intenção era morrer sem ella nunca o saber... porque ella nunca o tinha adivinhado... Não falemos d'ella, peço-lhe.

A voz alterava-se-lhe, afogava-se-lhe n'um soluço. Afastou-se um instante para ter tempo de socegar. Machinalmente, deu volta a um dos commutadores. Dois dos cachos de lampadas, nos angulos do tecto, apagaram-se. Uma pe-

numbra mais suave encheu a região da sala onde estavam.

Mas sentiu uns braços que o puxavam. A cabeça de Julia encostou-se-lhe ao hombro.

— João!... balbuciou ella, perdôe-me! Vejo agora que vale muito mais do que eu!... O quê! já soffreu muito... por minha causa?

— Oh! exclamou elle... Agora, bem vê, tudo isso é passado morto, e se fiquei triste, comtudo já não soffro. Sou um estropiado da vida, mas não sou um doente... Pense sómente que, ha pouco, se lhe pedia um grande sacrificio, sabia o valor d'aquillo que lhe pedia.

— João!

— Tranquillise-se. Não lhe direi mais nada. Não lhe pedirei mais nada. Tira-me o direito de o fazer aquillo que lhe confessei. A questão agora, Julia, é entre si e a sua consciencia. Se quer, accrescentou elle com simplicidade, jantaremos hoje separados.

— Pois sim, disse Julia.

No patamar, deixaram-se; os olhares d'ambos evitavam-se.

— Até ámanhã, meu amigo.

— Até ámanhã.

IV

Quando Julia o tinha deixado sósinho em Francfort, Mauricio, ao vêr o comboyo afastar-se, sentira perfeitamente as lagrimas borbulharem-lhe nos olhos: tinha ficado triste durante algumas horas. Mas era uma tristeza boa, eram lagrimas saudaveis, era ainda um modo de ser terno e de amar... N'essa mesma noite chegava a Leipzig; assistia a uma representação do *Fausto;* mais familiarisado com as palavras, começava a gosar aquelle prazer especial que dá ao viajante de espirito delicado a residencia no estrangeiro: uma especie de renovação da personalidade, o abandono do velho sêr que a gente arrasta atraz de si, ha

tanto tempo, na sua terra, e de que se está cançado... A representação acabou pelas dez horas; depois andou um pedaço pelas ruas, dentro em pouco desertas, e voltou para o hotel. Davam onze horas: «Julia está em Paris, pensou... Pobre querida! que viagem fatigante que ella fez por minha causa! Como me ama!» Escreveu-lhe immediatamente algumas linhas affectuosas. Fechada a carta, entregue ao creado, elle proprio deitado e apagados os candeeiros, demorou-se a reflectir, com uma tranquillidade que o surprehendeu. Desde que tinha promettido a Julia casar com ella se ella enviuvasse, o seu mal havia adormecido. Assim, a certeza de perder Clara tranquillisava-o! Porquê? «É de não estar já na incerteza, disse elle comsigo; e depois, fiz o meu dever, e o sacrificio tonifica.» Não tentou penetrar mais fundo no seu coração. Na realidade, o que o socegava, era estar adiada a lucta comsigo mesmo. Se se tivesse interrogado, se se tivesse respondido com mais sinceridade teria confessado a si proprio, que não acreditava já no casamento de Clara.

Porque um equilibrio instavel durou, ha probabilidades de durar ainda: este raciocinio, absurdo em si, é quasi sempre confirmado pelos factos. «Se Clara tivesse em verdade querido casar com Rieu, o casamento ter-se-hia effectuado já... Ella não quer, espera.» Acceitava que a doce creatura lhe immolasse o seu futuro. «E não me immólo eu, tambem?...» Apaziguava-o a esperança de uma transacção com o destino: concebeu uma vida toleravel entre Julia e Clara, na mesma casa. «Vivemos assim muitos mezes: ainda hoje assim viveriamos se não fosse a intervenção d'aquelle de Rieu...» Uma voz obscura, um écho do egoismo physico accrescentava: «E depois, sabe alguem o que póde succeder? Mesmo revoltada, uma mulher que nos ama, que habita comnosco?...»

Mauricio conheceu assim, dia a dia, uma especie de somnolencia satisfeita, que lhe permittiu gosar a viagem. Foi o doente a quem se devia fazer uma assustadora e incerta

operação de cirurgia, e a quem se acaba de annunciar que a operação, provisoriamente differida, talvez se não faça nunca. Estas ferias de coração não foram desprovidas de encanto; mas duraram pouco. Teriam durado sem duvida, e — quem sabe? — o tempo haveria talvez trazido a cura e o esquecimento, se se tivesse interrompido toda a communicação entre elle e Paris. Mas, passo a passo, em Leipzig, em Berlim, até nos limites da Allemanha, Paris, Clara, Julia não o deixaram, porque todos os dias elle recebia uma carta da sua amante. Cartas insignificantes na apparencia, cheias de ternuras, vasias de factos; mas atravez da sua affectuosa inanidade, Mauricio podia seguir comtudo as peripecias do drama intimo que se representava em Paris... Soube que estava proximo o fim de M. Surgère; que a saude de Clara retardava o seu casamento... Dos dois acontecimentos, casamento de Clara, morte d'Antonio, qual succederia primeiro? Entreviu a eventualidade d'este sacrificio: desposar Julia em presença de Clara livre! Isso dependia de obscuras catastrophes que se preparavam lá, ao longe, sem elle, fóra d'elle!

Procurou luctar contra as renascentes angustias, defendeu a indifferença em que a partida de Julia o tinha deixado, como se defende o somno contra bulhas importunas. Proseguiu a sua viagem, esforçando-se por visitar as cidades que atravessava, com uma curiosidade de viajante profissional. A França, Paris, estavam ainda excessivamente proximas. Afastou-se, subiu para o norte, até ao Hanover, até Hamburgo. Deante dos cáes do Alster, grandes navios balouçavam as suas pôpas redondas; tocava a sineta de bordo. Desligavam-se as amarras, trocavam-se adeuzes das amuradas para terra... Quantas vezes deante d'aquellas partidas evocadoras das viagens atravessando os mares, o exilado sentiu o aguilhão da independencia estimular-lhe o desejo! Ah! ir-se embora, não já para a distancia de uma noite, de dois dias de Paris, onde se desenlaçava mysteriosamente o seu destino, mas verdadeiramente para longe,

para o desconhecido, onde ninguem nos póde ir buscar. Ir-se embora, como um malfeitor, como um ladrão, esconder-se, e lá, impondo resolutamente silencio á consciencia, recomeçar a vida, com outros projectos, outros esforços, outros amores!... O vapor silvava, prolongava o silvo como um adeus. Recolhiam-se as pontes; o grande navio, arrancado pelo seu rebocador, afastava-se pesadamente, virava, ganhava o largo... «Decididamente, outros sem ser eu, terão essa coragem», pensava Mauricio, vendo-o afastar. E averiguava uma vez mais a vanidade dos seus sonhos, a enfermidade da sua vontade.

Uma noite, em Praga, ao sahir do theatro bohemio, acotovellou uma mulher, muito nova, muito singular, bastante bonita, cabellos loiros, rosto branco e rosado, vestido d'ingleza em viagem. Pediu desculpa em allemão; a viajante respondeu em francez, com accentuação perfeita: «Não ha de quê». la só: travaram conhecimento, foram tomar uma chavena de chocolate a um dos cafés da Kœnigstrasse. Mauricio acompanhou-a até á porta do seu hotel, pedindo-lhe licença para a visitar no dia seguinte. Essa noite, entrou no seu quarto mais satisfeito: parecia-lhe que se vingava do destino; alegrava-se por poder atraiçoar ligeiramente aquellas que o amavam.

Oh! como são mysteriosos e turvos, os nossos corações humanos, mesmo os mais sinceros!

Viram-se todos os dias, sahiram de Praga, juntos. Ella tinha-lhe contado uma historia, que talvez fosse verdadeira: que estava divorciada, que vivia só e viajava só. Mauricio dirigia-lhe galanteios vagos a que ella respondia sorrindo, sem nada prometter, sem recusar. Chegaram juntos a Nuremberg, Mauricio, indeciso, dizia-lhe: «Como nos havemos de arranjar no hotel?» Ella respondeu sem embaraço: «Tome uma divisão com dois quartos, em nome de M. e Mme Artoy».

«Era o remedio? Era o esquecimento?» perguntava a si

mesmo Mauricio, na ligeira febre que ao principio lhe causou esta aventura... Maud Simpson era fresca e tentadora, e ao mesmo tempo meiga, alegre, moldada, por seu gosto e sem duvida por outras experiencias, ao seu papel de amiga do viajante. Um jejum bastante longo fazia saborear melhor a Mauricio a fonte de beijos encontrada no seu caminho. «Era o esquecimento! Era o remedio!» pensava elle, vendo-a, no restaurant, a comer em frente d'elle, e ouvindo-a tagarelar com uma graça libertina. «O amor de acaso, a libertinagem... é um remedio indicado pelos medicos para a doença sentimental». E vinham-lhe á cabeça phrases brutaes, que a esse respeito tinha ouvido a Daumier.

Á noite, tendo os dois ido para o seu quarto, elle estava tentado a dar razão ao doutor, quando, estirado n'uma poltrona, via Maud fazer a sua *toilette* nocturna, com o minucioso cuidado das inglezas, soltar, prender os cabellos... A carne, côr de rosa chá, córava o linho finissimo da camisa; a nuca, com os seus anneis loiros, curvava-se como para chamar o jugo dos beijos. Mauricio pensava: «D'aqui a pouco tenho-a nos meus braços...» E quando esse d'aqui a pouco chegou: «O que importam os nossos sonhos? O que são os nossos chamados deveres de coração? no fim de contas, tanto val uma mulher como outra...»

Mas o instante temivel era aquelle em que, satisfeitos os sentidos, saciado e triste, elle se via a sangue frio, face a face com aquella amante encontrada n'uma estrada da Allemanha. Aquelles que não deram annos da sua vida a uma ternura verdadeira e unica, não conhecem o horrivel remorso, castigo d'essa ternura trahida! Com as alegrias, com os soffrimentos da verdadeira paixão, o sentido do amor apura-se! não se prostitue de bom grado a amores de encontro. O homem que considerou na sua vida uma certa mulher como um templo, não póde sem desgosto abordar outra como uma estalagem. Na hora em que

morria o desejo satisfeito, elevava-se em Mauricio uma effervescencia de rancor contra a sua companheira de aventura; a sua vontade seria poder fugir do quarto, anonymo e mudo, como de um mau logar. Exasperava-o o constrangimento polido que se via obrigado a manter para com ella. Ella, pela sua parte, bem percebia: sem duvida que soffria com isso; mas, captivada pela graça inquietadora d'aquelle bonito francez, em quem adivinhava uma tristeza grave e secreta, calava-se.

Pouco a pouco o desprezo de si proprio invadiu Mauricio a ponto tal que lhe occupava completamente os dias; não teve mais descanço senão nas irritações da posse. Começou a desejar a solidão com o mesmo furor com que a tinha odiado. Uma timidez invencivel, a incapacidade de dirigir a sua propria vida, impediam-o de tomar um partido. Foi Maud quem o tomou. Uma tarde, ao recolher ao hotel onde a tinha deixado só, pretextando uma enxaqueca, encontrou o quarto vasio. Tinha partido, levando os objectos que lhe pertenciam. Em cima de uma mesa estava uma carta, posta com muita evidencia; abriu-a e leu:

«Meu amigo, vejo que soffre e que eu o aborreço. Vou-me embora; tinha sido feliz se tivesse conseguido amal-o... Mas quê! sou-lhe aborrecida. Não me procure, não me escreva. Esqueça-me...

«Maud».

Mauricio voltou e tornou a voltar a carta, durante algum tempo, entre os dedos. Não sabia mesmo se estava triste ou contente com aquella partida.

«Pobre pequena!... E eu tinha-a na conta de uma baixa aventureira. Foi-se embora, sem me pedir nada, sem levar nem ao menos uma joia minha... Amar-me-hia ella, por acaso? Se amava, bem fez em partir... porque eu é

que não podia amal-a... A colheita das amantes está feita no meu coração, para toda a vida...»

Jantou só, socegado e triste. Quando acabou de jantar, sahiu da cidade, e foi até ás muralhas. Brilhava a lua na decoração extraordinaria das torres, das ameias, das portas e das pontes levadiças... Seguiu, a passos lentos, o caminho que ladeia exteriormente os fóssos. «Aqui viveu muita gente, contemporanea de todo este phantastico apparato de defeza; soldados humildes, burguezes, capitães. Amaram, foram amados; conheceram a espectativa da posse, a sua aguda alegria, depois a morte. São elles, agora, o humus d'este chão por onde caminho, a seiva d'estas velhas faias que ladeiam a estrada... Ah! pensou Mauricio, não amaram como nós amamos, nós, muito menores do que elles foram...»

Vergou-o a sensação da fuga da vida, tão rapida, tão rapida, como a agua que foge por entre os dedos. Teve, de novo, horror do seu isolamento, teve quasi medo; alcançou rapidamente a porta que ficava mais proxima, recolheu ao hotel e deitou-se.

Mas o somno não chegava. Não se enervou a constrangel-o. Chamou, em auxilio da sua insomnia os sonhos perigosos e deliciosos que tinham sido a morphina da sua alma em Homburgo... Embebeu-se na recordação de Clara. «O que faz ella agora? Acabam de dar onze horas; está deitada; vae dormir!» Estimulou o seu desejo; aguilhoou-o para elle violar aquella alcôva, aquelle leito sagrado de donzella. Sim, estava dormindo, como certa vez em que elle a tinha surprehendido em Cannes, encolhida e com a cabeça na ponta do travesseiro; viu n'um relampago os seus cabellos extremamente pretos, os seus dentes extremamente brancos, a sua fina pelle odorifera. Murmurou alto: «Os dentes de Clara... os beiços de Clara... os olhos de Clara...» e as palavras tomavam corpo; tinham uma apparencia, um som, um cheiro, que acabavam de perturbal-o. «Quero-te! quero-te!» murmurou elle.

Mais uma vez estava vencido. Perseguia-o o phantasma de que elle tinha fugido, alcançava-o, apertava-o de novo; não o tinha defendido d'elle nem a presença de uma amante querida, nem as caricias do amor occasional, nem a santa solidão. Reconheceu essa derrota, sentiu-a irremediavel, e acceitou aquillo que elle não tinha ousado depois do juramento feito a Julía: «Pois bem, seja assim, não luctarei mais». Todo o seu organismo estremeceu com a alegria d'esse abandono: conheceu o contentamento covarde do official captivo, que jurou não fugir.

Mas esse contentamento durou pouco. Assaltaram-o outros pensamentos: «E Julia? E a promessa que eu lhe fiz de casar com ella, se ella enviuvasse? Como foi que eu pude fazer semelhante promessa?...» Parecia-lhe monstruosa, agora, impossivel de cumprir, mesmo que o destino devesse separal-o de Clara, atiral-o definitivamente á sua amante. «Não importa; succeda o que succeder, perto de Clara ou longe d'ella, nada me impedirá de amal-a... Para que serve enganar-me a mim mesmo?...» Assustavam-o os estragos do seu coração devastado, agora que se atrevia a fital-o... Quanto amava aquella creança! Dizer que tinha julgado não a desejar, aspirar simplesmente n'ella ao casamento, á familia, á renovação do futuro! E eis que não comprehendia como tinha podido deixal-a, resignar-se a não ter mais ao pé de si, pelo menos o frescor da sua presença.

Começou a desejar a patria, Paris, o canto de Paris onde ella vivia; desejou-os com todo o seu espirito captivado, com todo o seu coração mortificado, sangrento... Quem o impedia, em summa, de voltar para lá, de se collocar resolutamente em face do seu destino? Ausente ou presente, as que soffriam por elle soffriam por ventura menos?... Voltar! Ah! para esse acto decisivo faltava-lhe a coragem ainda. Transigiu com o seu desejo, deixou de afastar-se; em vez de caminhar para léste, voltou sobre os seus passos, lentamente, attrahido pela terra natal, não ousando pisal-a!

E lá vae o triste peregrino andando atravez da Allemanha, passo a passo, para aquella fronteira que não passará, — bem o sabe, — e que comtudo o hypnotisa, o attrae. Caminha na noite como para um abysmo. Abdicou todo o governo do seu destino: não é mais do que uma cousa impellida pelo acaso. A sua vida não tem sahida... Que importa? Caminha, caminha d'olhos no chão, sem olhar para o caminho que tem deante de si. Chegou, finalmente, a hora da expiação. Chegou o castigo do crime inicial: de não ter, moço ainda, observado o respeito do amor humano, que deveria ser a religião d'aquelles que não teem outra. Brincou com a ternura das mulheres, como brincaria com joguetes que se podem deitar fóra ou quebrar... Alguns quebraram-se sem bulha ou deixaram-se esquecer... Mas em duas d'essas ternuras o coração ficou-lhe captivo sem elle o poder evitar. Hoje as duas tiram a sua desforra; seguram-o ambas, tão ligado, tão apertado, que elle não póde fugir-lhes, nem mesmo a preço do seu sangue e da sua carne deixados nas malhas da rêde. Soffre, arrepende-se. Tarde de mais, da voluptuosidade e da dôr de amar nasceram n'elle a fé e o culto da mulher, como áquelles incredulos de quem fala Pascal, a quem chega a fé religiosa á força de genuflexões e de agua benta.

E continúa a sua viagem por caminhos que esquece, por cidades que atravessa sem as vêr, por museus nos quaes passeia a sua indifferença. Eil-o em Ulm, em Stuttgard, em Ludwigsburg. O que viu elle de toda essa Allemanha? Nada. Mudou apenas de logar uma doença, que se vae aggravando. Aggrava-se, acaba em agonía: está na hora em que o moribundo vae perder o conhecimento das cousas, em que já não ouve senão como murmurios indistinctos as palavras vivas que lhe dizem em torno. Mauricio está pertissimo da França; atravessa as planicies do Rheno alternativamente possuidas pelos dois povos. Mas, como um pombo viajante ferido ao regresso por uma bala perdida conserva justamente a força bastante para voar,

com a aza semi-partida, perdendo sangue, até ao pombal, —está tão fraco, que vae cahir na terra natal, tão depressa ali pouse o pé...

Devia-lhe ficar para sempre inapagavel da memoria, a imagem d'esta noite de Heidelberg, cravejada de estrellas innumeraveis no firmamento negro, noite memoravel em que, pela ordem secreta das cousas, elle fixou o seu destino, sem saber.

Tinha desembarcado cêrca da uma hora da noite, vindo de Carlsruhe. A noite estava a um tempo escura e estrellada, ainda tépida, apesar do adeantado da estação. A doçura do ar, a ambiencia perfumada d'arvores folhudas ornando um parque semeado de *villas*, deram-lhe a unica sensação que elle saboreava ainda, a esperança do isolamento, do silencio, da paz. Um moço, que lhe levava a mala, conduzia-o atravez do arvoredo escuro, e parava finalmente em frente de uma das villas, elegante e umbrosa. Era um hotel. Embalsamavam-o flores ; reluzia com um aceio de *boarding* inglez. A creada era esperta e bonita ; abriu ao viajante um vasto quarto confortavel, immediatamente innundado de luz pelos globos electricos. Emquanto Mauricio abria a mala, a creada voltava, trazendo-lhe n'uma salva de prata duas cartas timbradas de Paris. Uma era de Julia; leu-a. As simples phrases, escriptas sem arte, exhalavam tão penetrante perfume de amor verdadeiro, que o perturbaram. E, reconhecido, beijou o papel no logar em que a mão da pobre amiga tinha assignado: «Yú».

A outra carta, não a leu immediatamente, porque estava n'aquelle estado de fraqueza em que se recua deante do imprevisto. Esperou estar dentro da cama para abril-a: a letra, que elle não podia dizer de quem era, não a desconhecia comtudo... Correu logo á assignatura... Daumier!... Uma carta do medico! «Morreria acaso Surgère?» pensou elle. «E teve um calafrio na medulla, ao pensar que ia ser posto frente a frente com a necessidade de cumprir

a sua palavra... Mas, immediatamente, o post-scriptum o desenganou: «Antonio vae muito mal, mas póde estar assim muito tempo ainda...» Tão commovido, que o tremor das palpebras e das pestanas o impedia de vêr, teve que se extender um pedaço na cama antes de recuperar a força para continuar a leitura.

A carta dizia:

«*Meu caro Mauricio:*

«Com certeza que não sabe o que se passa em Paris emquanto se está demorando na Allemanha. Apenas isto: Clara Esquier está morrendo á nossa vista. De quê? Nós dizemos de *neurasthenia,* por termos receio de que nos julguem simples e ignorantes se dissermos: de amor. Como medico, não posso cural-a; mas sei que o meu amigo póde salval-a, com uma simples palavra: é a incerteza e a espera baldada, que a estão matando.

«Tem o direito de dizer essa palavra? Eu, pela minha parte, creio que sim; a questão, porém, é com a sua consciencia. Em todo o caso, aviso-o: estou em regra com o meu dever.

«Adeus.

«*Dr. Daumier.*»

«Ama-me: ama-me até ao ponto de estar em perigo de morte!»

Tal foi o echo profundamente egoista, que immediatamente despertou no coração de Mauricio. Não teve n'aquelle momento outra reflexão. Sentiu a acção magnetica da fatalidade amorosa; viu-se arrebatado para aquella que o destino attrahia para elle. E esta fé no inevitavel reconfortou-o: «Não ha de morrer. Ha de ser minha mulher, apesar de tudo. Isto não passa de uma provação passageira.» Correram as horas; elle esquecia-as, deixava-se invadir lentamente pela doce certeza. Sob o imperio d'essa emoção resoluta e enternecida, ia responder simplesmente:

«Não, Clara, não soffra mais; eu volto, eu volto para si,» quando bruscamente o acordou a necessidade de fixar o seu pensamento antes de escrevel-o. Voltar! mas isso é que elle não póde fazer. Se voltar, é Julia quem o espera: é Julia, a noiva que elle escolheu. A carta de Daumier, a doença de Clara não alteraram nada as cousas. Jámais a cruel evidencia se tinha erguido tão brutalmente em frente d'elle. Cahiu, de novo, abatido, na cama, e acabou a noite em lagrimas, no pesadello, no desespero. Ao despertar (se é despertar o horrivel aborrecimento do leito que nos atira para a dôr de viver), pegou da penna, abandonada na vespera e escreveu:

«Clara, dizem-me que soffre por minha causa, porque me ama e eu estou longe de si. Ouça-me, e fique-o sabendo: eu tambem a amo. Possue o meu coração, tanto quanto um coração d'homem póde ser possuido por uma mulher. É isto o que eu me tenho reprimido de lhe dizer ha umas poucas de semanas... Mas agora para que hei de ter escrupulos? A nossa vida está perdida, estragada por minha culpa. Abro-lhe a minha consciencia. Fui culpado. Fiz o mal descuidadamente e recebo agora o castigo. Mas, por infelicidade, não fiz o mal a mim só. Mereci, por ter ultrapassado os deveres do coração, não saber já hoje onde está o meu dever; resolvo-me pois a abster-me, a deixar soffrer e a soffrer. Já não tenho esperança em nada, tenho vontade de fugir, de desapparecer... Pois bem! antes de desapparecer completamente, quero ao menos, minha querida amiga, que fique sabendo que não amo senão a si. Quando a deixei não o sabia, e talvez não fosse isto; mas durante a minha ausencia, Clara tomou posse de mim. Vive dentro de mim; soffro por esse motivo, e hei de soffrer sempre, porque, desgraçadamente, é tarde de mais para eu poder amal-a á face do mundo. Ha uma cousa que de certo ignora, é que, perante a minha consciencia, eu sou marido de Julia. Tem a minha promessa de que hei de ca-

sar com ella logo que seja viuva... Essa promessa, não acredite, porém, que eu a cumpra. Não casarei nunca com essa pobre mulher, a quem já não amo, senão no passado. Clara é a companheira de que eu precisava; como me ama, eu queria que este pensamento a fizesse reviver; Clara era a minha verdadeira noiva: reconheço hoje, que não era nada, o amor todo que n'outra parte busquei. Adeus, minha amiga. Entre tantas horas d'angustia, devo-lhe minutos tão deliciosos, que nada os apagará, nem mesmo a minha agonia d'agora... Lembra-se do caminho de S. João, bordado pela linha azul do mar? Lembra-se da villa dos Cravos? Lembra-se do *Lebewohl* de Beethoven? Como tudo isto está longe e perto! Adeus. Quando tiver lido esta carta, ninguem me encontrará mais. Feche as suas queridas palpebras, recorde-se! Amo-a, perco-a, e em verdade sinto-me morrer por essa causa. Adeus!»

Metteu a carta n'um sobrescripto aberto e juntou-a com o seguinte bilhete dirigido a Daumier:

«Doutor, a sua carta confunde-me. Não posso voltar, e saberá porquê, depois de lêr estas paginas escriptas para Clara, mas que sómente lhe entregará se o julgar util... Eu, se não tenho decididamente coragem para morrer, vou afastar-me de novo, e d'esta vez para tão longe, que ninguem me verá mais. Comtudo, demorar-me-hei ainda tres dias em Heidelberg, para lhe deixar tempo de me responder, de me dar um conselho supremo.»

V

N'essa manhã, quando o doutor Daumier chegou á praça Wagram, ia perplexo, não sobre o dever que tinha a cumprir, mas sim sobre o modo como havia de cumpril-o.

Acabava de relêr as duas cartas de Mauricio: «Se as cousas continuam no estado em que estão agora, pensava

elle, ou se continuam a sua evolução no mesmo sentido, o soffrimento de todos continúa e augmenta. Todos teem a ganhar com uma solução violenta. Sim, o meu dever é bem claro. Infelizmente é penoso; mas tanto peior. Não póde haver mais delongas.»

O seu espirito, curioso de analyse, colligia todas as razões capazes de o decidirem á acção; ao desempenho, perante Julia, como perante Rieu, do papel de providencia para o qual os nossos costumes dispõem naturalmente o medico moderno. Mas não se enfreia um coração, embora aguerrido no dever, com theorias... Ao passo que prestava os seus cuidados a Antonio, Daumier não podia expulsar a repugnancia que tinha em torturar a alma elevada e terna de M.me Surgère.

«Precisava fazer hoje uma cousa que é inteiramente analoga, no dominio moral, a uma amputação. Ora, eu faria uma amputação ordinaria, sem sobresalto, sem hesitação, sem remorso, e estou com medo de fazer a outra, tão necessaria!»

N'esse momento, Julia entrava no quarto: pobre Julia, com o rosto descórado e abatido pelas angustias, e cujos olhos traziam quasi apagada a sua doce chamma azul.

— Então? interrogou ella.

Daumier encolheu os hombros:

— Isto vae devagar; mas vae caminhando para o fim. Uma parte do braço esquerdo está inerte. O que é surprehendente é a marcha irregular d'esta maré de insensibilidade. Que doença tão extraordinaria!

Conservou-se durante algum tempo á cabeceira d'Antonio. Examinava Julia, a furto: tinha vontade de ser meigo com ella, como se é com um paciente a quem é forçoso operar. Perguntou:

— Vamos agora vêr a nossa doentinha?

— Vamos.

Estas visitas, depois da conversa que ella tivera com Esquier, eram a tortura quotidiana de Julia. Cada palavra

do medico, cada resposta de Clara cahiam sobre o seu miseravel coração como gottas de pez. Comtudo queria que lhe não escapasse nada do que se dizia ao pé da doente; parecia-lhe que se se fizesse alguma conspiração contra o seu amor havia de ser ali.

Encontraram Esquier junto do leito. Clara, immovel e dormitante, tinha uma formosura que espantava. A pelle parecia haver perdido a espessura, adelgaçada até á tenuidade de uma folha de marfim. Os cabellos de tinta preta emmolduravam aquella pallidez extra-humana, como uma cercadura de lucto. As mãos afiladas, mãos de santa n'um quadro de primitivo, fremiam de quando em quando, e tambem as palpebras, os hombros friorentos, á leve bulha de passos no tapete.

Esquier, com a sua grande estatura abysmada n'uma poltrona baixa, os cotovellos fincados nos joelhos e o queixo nas palmas, contemplava-a. Depois que a doença de Clara se havia aggravado subitamente, forçando-a a não abandonar o leito, e que as suas noites atravessadas por delirios faziam receiar a meningite, ninguem o podia arrancar d'aquelle quarto e do lado d'aquella cama.

Levantou apenas o olhar quando Daumier entrou, seguido de Julia. O medico avançou, examinou algum tempo a doente adormecida, cujo somno se tornava nervoso e agitado.

Approximou o ouvido da bôcca semi-aberta, por onde appareciam os dentes, de um esmalte azulado.

— Então? perguntou anciosamente Esquier.

Daumier fez um gesto significativo de não haver nada anormal.

Clara abria os olhos n'esse momento, e ao ver-se assim rodeada, um ligeiro fluxo de sangue lhe innundou as faces, como se todos aquelles olhos, fitos n'ella, acabassem de surprehender o segredo dos seus sonhos.

— Como se sente agora, minha querida menina? perguntou o medico.

Clara murmurou umas cousas indistinctas no meio das quaes se distinguiu apenas esta palavra:

— ... Fraca!...

Daumier entreabriu-lhe a camisa sobre o seio pallido, tão emmagrecido que se tornara completamente um peito de creança. E a delicadeza d'aquelle pescoço, de apparencia tão fragil, reavivava uma comparação banal: uma flôr pendida na haste delicada de mais para aguental-a.

Os olhos de Julia vagavam do rosto agonisante de Clara para o rosto apavorado de Esquier, e depois para o rosto impassivel do medico. Sentia-os todos hostis, colligados contra ella. Já nem mesmo tentava convencer-se de que não era obra sua todo aquelle mal: sabia que o era; e o coração despedaçava-se-lhe. Mas refugiava-se, como n'uma suprema cidadella, no seu amor sempre vivo e valoroso.

Daumier endireitou-se, ageitando na almofada o busto da doente.

— Vae tudo andando muito bem, disse elle com aquella voz destimbrada que não deixava transparecer nada do seu verdadeiro pensamento, que não podia nem tranquillisar nem assustar... Agora é preciso deixal-a socegar, e não a incommodar para nada, se ella puder dormir. Até ámanhã, minha querida menina, accrescentou elle, apertando-lhe muito levemente as pontas dos dedos... Até ámanhã, ou talvez até logo á tarde, porque tenho um doente, aqui perto, na rua Ampère; e hei de passar por lá ás cinco horas.

Encaminhou-se para a porta: Julia e Esquier acompanharam-o ao patamar, mendigando uma palavra de reconforto.

Sem fechar completamente a porta, afim de Clara o ouvir, Daumier declarou:

— ... Perfeitamente bem. Mais uns dias de cuidado, se as melhoras persistirem, e depois já ninguem se lembra d'isto.

— Então, acha-a melhor? insistiu o pae.

— Sim, vae melhor. Volte para ao pé d'ella. É preciso não a deixar...

Quando ficou novamente a sós com Julia, Daumier disse:

— Póde dar-me attenção por uns instantes, minha querida senhora?

Estas palavras tão simples perturbaram-a. Teve um presentimento revelador de uma ameaça.

Daumier insistiu:

— Não póde ser agora?

— Sim, balbuciou ella, desçamos á sala.

Ella precedeu-o até ao salão musgo, mas tão transtornada, que teve de sentar-se immediatamente. Encontrou ainda forças para dizer:

— Com franqueza... Clara vae melhor.. não é verdade?

Daumier estacou deante d'ella.

— Quer que lhe diga a verdade?

— Quero, sim... com certeza!

— Pois bem!... hoje já não ha duvida nenhuma. Se não vier uma cousa que interrompa aquelle exgotamento regular, está condemnada... A congestão cerebral, sob qualquer fórma, é imminente... E é a morte.

— A morte!

— Sim!

(Continúa).

Marcel PRÉVOST.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

Antes do grosso do exercito francez ter retirado de Redinha para Condeixa, sob o commando de Masséna, e portanto antes do combate que acabámos de descrever, o marechal ordenara a Drouet, que fosse tomar a posição da Ponte da Murcella, a qual, assim occupada, defenderia para Masséna a passagem do Alva, não permittindo que ali se lhe antecipassem os do nosso lado, que para esse fim podiam sahir de Coimbra e que, dado tal caso, lhe embargariam a marcha retrograda do exercito, na direcção em que elle ia resolvido a effectual-a.

Drouet, que dois dias antes tivera uma violenta questão com o generalissimo, oppondo-se a que este desse batalha no Pombal, e que queria a toda a força retirar para Hespanha, onde tinha a sua commissão independente, sob as ordens directas de Napoleão, repugnando-lhe por conseguinte estar a servir como subordinado, cumpriu apesar d'isso a ordem immediatamente, executando para esse effeito duas marchas forçadas; e tomou a posição como lhe foi ordenado.

A ideia de Masséna era conservar livres os caminhos até Coimbra, tomar posse d'esta cidade, e depois estabelecer-se, esperando soccorros, na região fertil e bem provida, que se extende d'ahi até ao Porto. Contava, por essa fórma, poder sustentar-se, emquanto lhe não chegassem novos reforços, e evitava o que mais penoso lhe era: a retirada definitiva. No entretanto, talvez as operações de Soult chamassem os alliados para o sul; talvez Bessières avançasse com o exercito do norte a soccorrel-o.

Desde o dia 10, que havia dado ordem a Ney para fazer marchar, das margens do Liz, a brigada do general Marcognet, incumbindo-lhe a missão de tomar Coimbra. Houve, porém, demora justificada no cumprimento da ordem, e a importante incumbencia passou para Montbrun, que n'este momento andava empenhado na sua execução, como já se disse.

Prestava-se, de bom grado, a cavallaria de Montbrun a todo o serviço de exploração ou de perseguição; tinha, porém, reluctancia formal a entrar em batalha, e Masséna teve de supportar mais essa opposição, além da que já lhe havia manifestado Drouet. Estava, pois, quasi impedido de offerecer acção ao exercito perseguidor, elle que tanto o havia desejado até ali, fiado sempre na superioridade da sua cavallaria. Até isto lhe falhava!

Logo que Masséna, tendo retirado da Redinha, chegou a Condeixa, Montbrun partiu d'aqui a effectuar o reconhecimento da cidade. Levava, além da totalidade da sua cavallaria, duas peças de artilheria e algumas companhias de exploradores. Chegando á Cruz dos Moroiços, tomou ahi posição e destacou avançadas, que em breve deitaram até ás alturas do monte da Esperança, em cuja encosta fica o convento novo de Santa Clara.

Estes esclarecedores procuravam sondar os vaus e reconhecer as forças de defeza com que a cidade poderia resistir. Não passaram despercebidos e tiveram de responder ao fogo que os nossos lhes faziam. Durante a tarde de 12,

isto é, do dia em que se deu o combate da Redinha, e depois pela noite adeante, até á madrugada de 13, o fogo da cidade, executado incertamente, e apenas para conservar inquieto o inimigo, foi muito vivo. De repente, cessou, contrastando com a prolongada actividade d'elle, o silencio que se lhe seguiu. Já vamos dizer a razão d'isto.

Wellington, desde a sua estada em Thomar, prevendo a possibilidade dos francezes quererem acolher-se ao Porto, mandara instantes recommendações ao general Bacellar para que, com as milicias portuguezas, vigiasse sobre a segurança de toda aquella importante região, oppondo-se ao possivel intento de Masséna, e adoptando o systema de defeza e de resistencia, que até ahi o marechal francez encontrara em todo o reino. Aos coroneis Wilson e Trant ordenara que abandonassem o Mondego e o Vouga, logo que o avançar da estação tornasse os dois rios vadeaveis, retirando-se para além do Douro, e destruindo os caminhos, e transportando ou queimando os barcos, no caso de não poderem transportal-os. Recommendava-lhes que defendessem este ultimo rio até á ultima extremidade, pois, pela sua parte, decidira perseguir o inimigo com a maior rapidez, e contava chegar a tempo de lhe cahir em peso sobre a rectaguarda.

Trant tomara, porém, a iniciativa de mandar guarnecer de tropas todos os vaus do Mondego, até á Figueira, resolvido a oppôr-se ali mesmo á passagem dos contrarios. Fizera recolher a Coimbra e para o norte do Mondego todos os habitantes de Miranda do Corvo, da Louzã, de Poiares, Serpins, Villarinho, e das suas visinhanças até ao Alva, com aquillo que pudessem transportar, inutilisando tudo o mais, para que os francezes, na fórma do costume, não encontrassem subsistencias, nem nenhuns recursos ou agasalhos, e tambem para subtrahir os moradores ás represalias e crueldades dos inimigos, que no seu desespero continuavam a não os poupar.

A maior parte da gente fugida ficara em Coimbra, onde

era avultado o numero de casas disponiveis, e onde se lhe affigurou ter protecção mais efficaz e immediata. Ora, depois dos francezes começarem a apparecer, e sobretudo na tarde de 12, o habil general portuguez Bacellar reconheceu que o coronel Trant, com a sua divisão de tres mil milicianos, apesar de todo o seu valor e boa vontade, não podia resistir-lhes tendo a certeza da vantagem, e deu ordem para a evacuação da cidade. A fuzilaria viva d'essa tarde, e da noite, teve por fim dar rebate falso ao inimigo, e conserval-o surpreso, emquanto a população retirava. O proprio Trant retirou com a sua divisão para o Vouga, durante a noite, quando a gente da classe civil já estava a salvo, e o silencio absoluto que por fim se seguiu ao fogo vivo, foi consequencia de terem abandonado o terreno, até os ultimos apoios da rectaguarda.

Todavia, ainda ficava em Coimbra um pequeno destacamento de artilheria para defeza da ponte, sob o commando de um sargento de milicias, cujo nome, Correia Leal, tem direito a ser memorado; e, apoiando o destacamento, ainda uma pequena guarda de reforço. O arco da ponte, do lado da cidade, fôra alluido, estando, além d'isso, a ponte minada.

Wilson, que até poucos dias antes se conservara de observação com uma força de mil e duzentos homens, na confluencia do Alva com o Mondego, para obstar ás incursões dos forrageadores francezes, sendo avisado pelos seus postos avançados de que o inimigo intentava atacar Coimbra, atravessou o Mondego em Penacova, passou entre duas fracções do exercito francez, e conseguiu effectuar a sua juncção com Trant. Tinham os dois retirado, antes de 12, Wilson na direcção do Bussaco, Trant na do Vouga, quando este voltou atraz, attrahido pela noticia que os seus lhe levaram de se sentir o troar da artilheria, para os lados da Redinha. O Mondego ia alto, embora já em muitos pontos désse vau á cavallaria, e elle esperava concorrer para que os francezes se vissem aper-

tados entre dois fogos, pois não duvidava de que o exercito alliado os fosse de muito perto perseguindo.

Na madrugada de 13, porém, como já dissemos, Coimbra estava, por assim dizer, abandonada, e entregue apenas ás diminutas forças de defeza, que tinham ficado guardando a ponte, minada, e em parte já demolida.

*

Ás oito horas da manhã d'esse dia, apresentou-se na cortadura da ponte, hasteando signal de parlamentario, um official francez, portador de uma carta do general Montbrun para o general governador de Coimbra. Essa carta reclamava a entrega da cidade aos francezes, promettendo a abstenção de qualquer hostilidade da parte d'estes, se lhes fosse feita pacificamente.

O sargento portuguez, commandante do destacamento, tendo avançado a parlamentar, houve-se com desembaraço e prudencia. Respondeu que o general estava fóra de Coimbra, e que só voltaria no dia immediato. Que, em vista d'isso, tornasse o parlamentario, no dia seguinte, pela resposta.

Fazendo-lhe o francez mais algumas observações, entre as quaes transluzia a ameaça de forçarem a ponte, o sargento respondeu: que se tal cousa intentassem, não o fariam impunemente, pois tinha ordem de fazel-a saltar pelos ares, á primeira tentativa de ataque que fizessem por ella.

O parlamentario retirou, para dar conta d'estas respostas a Montbrun. Este, porém, sabia que o exercito de Wellington acabava de chegar a Ega e a Condeixa, e que os francezes não tinham tempo para demoras, na margem esquerda do Mondego. Convenceu-se que dentro da cidade havia um exercito consideravel de defeza, pois tinha como certo, que os reforços inglezes chegados ao Tejo, nos pri-

meiros dias do mez, haviam sido mandados por mar para o norte do reino, e que era por esses reforços, que Coimbra estava defendida.

Mandou immediatamente o seu relatorio a Masséna, pintando-lhe com as mais exaggeradas côres os perigos que os esperavam em Coimbra, a resistencia que ali tinham ido inesperadamente encontrar, e o esforço arriscado e longo que era preciso fazer para levar de vencida a cidade.

Masséna deu facil credito a taes informações. Na carta que escreveu a Berthier, em 19 de março, justificando a mudança da sua linha de retirada, informava-o de que durava ainda a cheia do Mondego, de que fôra destruida a ponte de Coimbra, de que a margem do rio estava occupada pelas numerosas forças de Trant e de Silveira, e defendida por boa artilheria! Mais dizia ainda, que em vista de tão consideraveis meios de resistencia, os francezes precisariam de muitos dias para effectuar a passagem do rio, e que durante esse tempo teriam contra si os alliados na rectaguarda.

Historiadores francezes, relatando este facto, chegam a dizer que a guarnição de Coimbra constituia n'esse momento um corpo de vinte a trinta mil homens!

Ora, como dissemos, e como era verdade, Coimbra estava defendida apenas por um pequeno destacamento de sargento! Defendeu-a, em grande parte, a presença de espirito d'este official inferior; defenderam-a, depois, a perturbação do parlamentario francez, a facil credulidade de Masséna, e a imaginação exaggerada de Montbrun.

O que é facto, é que os francezes já não viam a situação com a precisa serenidade. A phantasia centuplicava-lhes os perigos; o prestigio dos adversarios fôra augmentando dia a dia, com as desillusões d'elles e com os successivos desastres, sendo muito grande o abatimento moral das tropas e o da maior parte dos chefes que as commandavam.

Montbrun, o apparatoso Montbrun, aquelle cujo ideal de cavalleiro era imitar Murat, esse mesmo já não era o homem que fôra: estava desgostoso, aborrecido, cançado. Queria fugir d'aqui.

A campanha fôra para todos uma decepção completa; parecia-lhes o paiz uma ratoeira em que tinham cahido, e tardava-lhes o dia em que pudessem vêr-se fóra d'elle, n'outros ares, n'outros campos, em plena liberdade. Tudo, menos isto.

Ney era o unico que ia satisfeito e entretido: batia-se, e ao mesmo tempo... retirava.

*

Ora, em 13, logo de manhã, muito antes de sol nado, já nós e os nossos alliados tinhamos rompido novamente a marcha, em perseguição do inimigo. Antes das dez horas estávamos em sua presença. O exercito francez, com exclusão do 2.º corpo, o qual estava no Espinhal, apresentou-se-nos em formatura de batalha. Era, para o principe d'Essling, o momento critico da retirada.

Tinha Masséna, á sua rectaguarda, os desfiladeiros de Condeixa, que conduzem a Coimbra; á sua esquerda os de Miranda de Corvo, que conduzem a Ponte de Murcella. Na frente, sobre o encruzamento das duas estradas, Ney, com as tropas do seu commando, occupava uma forte posição, constituida por uma série de alturas, e defendida por um extenso paul.

Só podia ser atacado pela estrada real, cavada entre grandes elevações, e dirigida sobre a sua direita.

Mandou derrubar arvoredo e atravessal-o na estrada, obstruindo a passagem; no ponto onde aquella era mais profunda estabeleceu uma palissada, e d'um lado e d'outro ergueu parapeitos.

Masséna tinha resolvido sustar ali a perseguição, emquanto Montbrun *tomava* Coimbra.

Já vimos a maneira como elle a *tomou*.

Tão depressa recebeu o relatorio de Montbrun, o generalissimo abandonou completamente a idéa de passar o Mondego, e de ir occupar o vasto territorio, entre Coimbra e o Porto. Determinou voltar sobre a sua direita, retirando por Ponte de Murcella. Estavam os seus planos completamente transtornados. Esta mudança de direcção era a evacuação do paiz, era a definitiva retirada.

Para assegurar a facilidade de mudar de frente, e ao mesmo tempo para manter as suas communicações com Reynier e Loison, mandou a divisão de Clausel para Fonte Coberta, povoação que ficava a perto de duas leguas sobre a esquerda da posição que elle occupava em Condeixa, a meio caminho, proximamente, d'esta villa ao Espinhal. Cruzavam-se n'ella, tambem, a estrada de Ancião com a da Ponte de Murcella.

Tomou o quartel general de Masséna, em 13, depois das más novas de Coimbra, o caminho d'esta ultima povoação, resolvido a atravessar ahi o Alva, e a chegar n'esse mesmo dia a Miranda do Corvo. Comtudo, diz Marbot, que sem se perceber o motivo, o marechal tomou repentinamente outra deliberação, e foi estabelecer-se em Fonte-Coberta.

Ahi veiu juntar-se-lhe Loíson, com as suas forças; e Masséna vendo a sua direita apoiada na serra de Ancião, coberta a linha de communicação com o segundo corpo, do mesmo lado, e occupada Condeixa pela rectaguarda do exercito, sob o commando de Ney, entendeu estar em perfeita segurança. Tinha junto a si apenas uma guarda de 30 granadeiros e 25 dragões.

No entanto, Ney sustentava com os alliados a renhida escaramuça, combate de rectaguarda, conhecido pelo nome de combate de Condeixa.

N'elle tomaram parte cinco regimentos da nossa infanteria (1, 3, 9, 15 e 21), e caçadores (1, 3 e 4), os quaes tinham estado todos, na vespera, no combate da Redinha. A sua força total era de perto de seis mil homens.

Não foi o combate muito demorado, nem muito renhido. De parte a parte houve diminutas perdas. Comtudo, dois officiaes nossos pagaram ali, á patria, n'esse obscuro campo de batalha, o tributo das suas vidas.

*

Quando os alliados cahiam sobre Ney, observaram as bagagens inimigas seguindo pela estrada de Murcella; e Wellington, comprehendendo immediatamente a situação do adversario e a deliberação por elle tomada, destacou sem perda de tempo a terceira divisão n'uma marcha rapida de flanco ao longo da serra, com o fim de ir tomar uma passagem difficil, onde esta era atravessada, e tornear assim os francezes pela direita, cortando-lhes a retirada.

O marechal Ney, que aprendera na Redinha a ser mais cauteloso, e a ter mais receio da habilidade campal de Wellington, pareceu-lhe que ia ser atacado por forças muito superiores ás suas, e abandonou prudentemente a posição que lhe fôra confiada. Escreveu a Masséna prevenindo-o do seu movimento; porém ou o fez tarde de mais, ou a carta se demorou no caminho, porque o generalissimo só a recebeu, segundo o testemunho de Marbot, algumas horas depois do movimento ter sido executado.

Esta demora ia sendo causa do generalissimo francez, com todo o seu estado maior, cahir nas mãos dos alliados.

Foi pena que tal não succedesse, pois tinha sido, álem de uma grande vantagem para a nossa causa, e de um grande castigo para a philaucia dos invasores, um episodio, como vamos vêr, eminentemente theatral.

*

Masséna achou bonito o sitio de Fonte Coberta, e resolveu descançar ali. Não sabemos se os nossos leitores já se esqueceram de Mme X..., ou se de quando em quando, ainda por ella se teem interessado.

M.me X..., façam idéa se precisaria ou não descançar! Tinha, até então, acompanhado, a cavallo, a violenta retirada!

O dia 13 de março de 1811 foi um soberbo dia de primavera, na doçura do nosso clima. O tempo estava delicioso; Masséna installara-se n'uma boa casa, á entrada da povoação, perto da qual havia um arvoredo aprazivel. Achou que seria mais agradavel jantarem todos ao ar livre, o que foi approvado por unanimidade.

Armam-se as mesas á sombra das arvores, e o jantar é servido. Preside ao improvisado festim, a formosa companheira do generalissimo. A belleza do panorama, a frescura do sitio, a amenidade da tarde, a mocidade de muitos dos convivas, a carminea e a aurea transparencia dos vinhos, o acre perfume dos mattos floridos, o azul opalino do ceu pacificante, afastam lembranças pesarosas dos maus dias acabados de atravessar, não dão cabimento mesmo a apprehensões de momento sobre as incertezas dos seguintes, e a boa palestra anima-se. Ha muito tempo que o marechal e o seu estado maior não tinham tão repousado jantar! Congratulam-se por isso.

De certo, muitos dos que estão á mesa se lembraram, já, de outro jantar parecido: o jantar de Vizeu, debaixo do parreiral viçoso, junto ao pomar dos limoeiros, quando o exercito avançava com a certeza da conquista, cheio de confiança na estrella d'aquelle que o conduzia; jantar que a espantosa brutalidade de Ney interrompeu desastradamente, e a que a não menor brutalidade de Junot poz remate com um chuveiro de improperios, deante dos quaes até almocreves e arrieiros córariam.

Mas esses desmancha-prazeres não estavam agora, felizmente, ali; nem havia risco de que surgissem de improviso. Junot continuava á frente do seu corpo de exercito, commandando-o quasi que só nominalmente, sem nunca apparecer, pois soffria muito com o grave ferimento que havia recebido; e Ney estava, a essas horas, lá para Condeixa, garantindo a segurança do placido banquete, ás

mãos, talvez, com as avançadas de Wellington, demorando-o no caminho.

Tambem se não perdia nada com a ausencia de Reynier, outro urso mal lambido, que em Vizeu fez sociedade com os dois primeiros, e que estava agora no Espinhal, sem fazer saudades a ninguem.

Era, pois, aquelle um jantar, como ha muito tempo não tinham.

Porém,—surpreza das surprezas!—ainda elle não ia em meio, quando, de repente, apparece a menos de cem passos, um piquete de 50 cavalleiros inimigos!

Levantam se todos no mesmo impeto, sob uma impressão de assombro, que mal se define. O que é, o que significa a apparição d'aquella gente, ali? Os granadeiros da guarda de Masséna, pegam em armas e cercam o generalissimo; os ajudantes de campo cingem á pressa as espadas, e o mesmo fazem os dragões, montando a cavallo, sem escolha, cada um o mais depressa que lhe é possivel. M.me X..., apoiando-se no braço de Masséna, faz o que póde para se suster de pé, para não perder os sentidos.

O grupo dos cavalleiros avançou logo para o inimigo, sem perder tempo a reflectir; porém os hussares inglezes, que tão fóra de proposito tinham vindo interromper aquella festa, e desmanchar a boa companhia, retiraram immediatamente a galope, sem queimarem uma escorva, dir-se-hia que, pesarosos e vexados, por terem estragado com a sua presença tão remançoso convivio.

Ficaram os francezes conjecturando o que seria, o que não seria, e acabavam por concordar em que deveriam ser, talvez, homens transviados, procurando tornar a unir-se ao grosso do exercito, ou ao seu regimento, quando, ao longe, lhes apparece distinctamente um regimento completo, e, logo apoz, os outeiros visinhos começando a coroar-se de tropas, que ameaçavam cercar a povoação inteira.

O perigo para o generalissimo e para todo o quartel

general era o mais grave que podia ser. A explicação d'elle só se soube depois, quando se teve conhecimento do movimento de Ney, e de que este, convencido que Masséna estava informado de tudo, pela sua carta, ordenara a todas as tropas que evacuassem Condeixa.

Por esse modo, Fonte Coberta... deixou de o ser (perdão!) porque ficou completamente a descoberto, e os inimigos puderam socegada e silenciosamente apresentar-se, de surpresa, em frente do quartel general de Masséna. Tanto este, como todo o seu estado maior, não puderam fazer outra cousa... senão ficar admirados. Lá o diz Marbot: *je laisse à penser quel étonnement fut le nôtre!*

A nós e aos nossos alliados é que nos não passou pela idéa termos ali tão boa presa, ao alcance da mão! Quando se soube, era tarde.

Approximava-se a noite, e com ella, felizmente para os francezes do grupo surprehendido,—e para os outros tambem,—principiou a descer um nevoeiro salvador, o qual se tornou extremamente denso, em pouco. N'esta campanha, temos visto, mais de uma vez, o excellente serviço que aos francezes costumavam fazer os nevoeiros. Não se sabe ao certo o que os do nosso lado pensaram d'aquelle grupo, emquanto o viram; calculariam, talvez, que fosse uma fracção de rectaguarda, que não haveria vantagem em atacar. Como quer que tenha sido, deixaram-o em paz. Pois, podem acreditar que perderam o seu dia!

Marbot confessa (mas foi pena não prevenir d'isto mais cedo), que, se os primeiros hussares que appareceram á hora do jantar, se teem lembrado de carregar sobre os convivas, quando elles estavam na mais absoluta confiança, tinham irremediavelmente aprisionado Masséna e todos quantos acompanhavam o generalissimo.

Napier, ao descrever este episodio, refere o boato, que então correu no exercito alliado, quando se soube do acontecido, dizendo-se que, o que salvou Masséna, foi ter arrancado do chapeu o pennacho, e fugir depois a cavallo,

confundido com os simples soldados, no meio de um grupo de cavallaria ligeira.

Marbot acha *absurdo o conto*, apresentando como argumento irrefutavel, que o marechal não podia ter arrancado o pennacho, do chapeu, pela simples razão de que os chapeus dos marechaes não tinham pennacho.

Se nos fosse possivel ter opinião em tão *grave* assumpto, sempre diriamos a Marbot, que o seu argumento, empregado para mostrar quanto a explicação de Napier é um conto absurdo, não é tão irrefutavel como á primeira vista parece.

Vê-se, pela explicação ingleza, que não só os simples soldados, como os mais graduados officiaes, estavam persuadidos que Masséna trazia pennacho no chapeu. Era um engano; mas foi exactamente esse engano que salvou Masséna. Este não precisou arrancar o pennacho, porque effectivamente não o usava já, e o facto de não o usar tinha sido uma previdencia de quem a decretou, acertadissima como na presente conjunctura se viu, porque, ai d'elle! se o usasse, e se, usando-o, não tivesse tido, antes de pôr o chapeu na cabeça e de montar a cavallo, a precaução de o arrancar! Era pelo pennacho que o inimigo o havia de reconhecer, era pelo pennacho que o perseguiria!

Qualifica Marbot de *absurdo conto* a explicação dada por Napier, quando, em verdade, está tão longe de ser absurda e, ainda mais, de ser um conto. Deixemos a circumstancia do pennacho, que é perfeitamente insignificante. Masséna escapou, segundo Napier e os inglezes: primeiro porque não levava no chapeu o distinctivo, o adorno que elles esperavam; segundo porque cavalgou confundido n'um troço de cavallaria ligeira.

Marbot, que fazia parte do estado maior, vae referir-nos como os factos succederam. E os leitores vão vêr, como, apesar da guerra ser já uma arte tão seria no tempo de Napoleão, e de serem tão experimentados n'ella e nos seus ardis os homens que, de parte a parte, aqui se estavam

combatendo, ainda se empregavam, com bom exito, para engano de adversarios, infantis estratagemas.

Aguardaram os francezes que avançasse a noite, tendo durante esse tempo consultado muito sobre o modo de se livrarem do mau passo em que estavam mettidos. Abundavam os alvitres, em geral excessivamente arriscados ou inexequiveis. No que todos estavam de accordo, era em ser impossivel ficar ali.

Á roda havia grande numero de regimentos inimigos, e um d'estes fôra postar-se exactamente n'uma eminencia, atravessada pelo caminho que os francezes, retirando, haviam forçosamente de seguir.

Era indispensavel obrigal-o, *por bons modos*, a sahir d'ali. Mas como? Lembrou-se o marechal de empregar um estratagema, que aprendêra com o proprio inimigo. Este, que dispunha de grande numero de officiaes falando excellentemente francez, servira-se algumas vezes d'elles para, na escuridão da noite, ou debaixo de disfarce, transmittir ordens aos commandantes francezes, como se fossem dadas por chefes a elles superiores. Sabia o generalissimo que Adolpho Marbot, irmão do futuro auctor das *Memorias*, falava perfeitamente inglez. Chamou-o de parte, combinou com elle o que havia a fazer, e deu-lhe as suas instrucções.

Pelas nove da noite, Adolpho montou a cavallo, e seguindo sempre o escuro, chegou ao sopé da collina em cujo alto estava o regimento inglez. Ahi, gritou pelo commandante, e vindo este á fala, sem que nem um nem outro se vissem, o falso ajudante de campo ordenou ao coronel, em nome de Wellington, que retirasse com o regimento sobre a direita, indo occupar um certo ponto que lhe indicava, e que estava completamente fóra da direcção, que o estado maior francez precisava seguir.

O coronel inglez, que não podia, por causa do escuro da noite, e pelo nevoeiro, distinguir o uniforme de Adolpho, tomou-o pelo mais authentico ajudante de campo de Wellington, e obedeceu immediatamente. Avançou com o re-

gimento para o ponto designado, e, pelas dez horas da noite, Masséna, com o seu estado maior, retirava placidamente de Fonte Coberta, passava pelo caminho que o seu estratagema acabara de limpar de inimigos, e antes do romper da manhã, estava posto a salvamento, junto das tropas do sexto corpo.

Não pômos em duvida, que isto se tenha passado tal qual a versão de Marbot; sómente, com o devido respeito o dizemos: a explicação de Napier será errada, mas não é absurda; a de Marbot é completamente absurda, apesar de ser verdadeira.

A viagem nocturna foi tormentosa para todo o estado maior; porém ninguem soffreu tanto como a pobre companheira de Masséna. Esta, mais morta que viva, quebrada e mortificada pelas longas fadigas da campanha, e acabada de abater pelos sobresaltos d'aquelle dia, mal podia suster-se a cavallo. E como a noite estivesse profundamente escura, e o caminho fosse pedregoso, o animal umas poucas de vezes tropeçou e cahiu. A pobre senhora levantava-se, cheia de coragem, sem murmurar uma queixa, embora dolorosamente contundida; mas por fim tornaram-se tão numerosas as quedas, que lhe foi impossivel tornar a montar, e como egualmente não podia seguir a pé, forçoso foi que a transportassem os granadeiros.

Sobre tantos perigos naturaes, trazidos pelo escuro da noite e pela dureza do caminho, havia ainda imminente o de um ataque. O que havia de ser d'ella, perguntavam?

O generalissimo, cheio de cuidado, pedia aos scus ajudantes que não a abandonassem; mas não poude conter-se, tambem, que lhes não dissesse, baixo, mais de uma vez: «Foi um erro, foi, trazer uma mulher para a guerra. Confesso que fiz tolice».

Só a madrugada terminou, para todos, a situação critica em que se viram.

(Continua).

FERNANDES COSTA.